

Porque todo momento é o certo.

Momento Certo



GIULLIANA FISCHER FATIGATTI



Table of Contents

[\(Sem título\)](#)

[Copyright](#)

[Dedicatória](#)

[Manuela](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)
[36](#)
[37](#)
[38](#)
[39](#)
[40](#)
[41](#)
[42](#)
[43](#)
[44](#)
[45](#)
[46](#)
[47](#)
[48](#)
[49](#)
[50](#)
[51](#)
[52](#)
[53](#)
[54](#)
[55](#)
[56](#)
[57](#)
[58](#)
[59](#)
[60](#)
[61](#)
[62](#)
[63](#)
[64](#)
[65](#)
[66](#)

[67](#)

[68](#)

[69](#)

[70](#)

[71](#)

[72](#)

[73](#)

[74](#)

[75](#)

[Epílogo – Daniel](#)

[Epílogo – Manuela](#)

[Sobre a autora](#)

Giulliana Fischer Fatigatti

Copyright

Momento Certo © Copyright 2017 - Giulliana Fischer Fatigatti

Capa: Livia Martins

Diagramação digital: Increasy - Consultoria Literária

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da construção da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 10/02/1998.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios sem o conhecimento da autora.

Dedicatória

Dedico esse livro a todas as leitoras de Momento Errado, foi a pedido delas que ele nasceu.

Lara Fiore, Jéssica Lourenço, Tatiane Pereira, Danyelly Sousa, Vilena Teixeira, Aline Fernandes, Jaqueline Dozol, Sueli Rodrigues, Marília Lima, Angélica Fava, Michele Lopes, Patrícia Silva, Mikelayne Alburquerque, Simone Camargo, Bruna Pizzol, Nancy Laura, Mya Nogueira, Camila Cross, Mirela Evaristo, Ingrid Lobo, Fran Castro, Bárbara Pires, Cirlene Souza, Nat Graf Guide, Karen Dias, Jaine Naiany, Valentina Grey, Karina Silva, Lucimara Carvalho, Thalita Leite, Vilmaria Santos, Bárbara Brasil, Gabriella Printes, Cristina Alves, Natália Campos, Nathalia Alves, Letícia Santos, Lourena Meira, Tamima Evaristo, Jacqueline Ferreira, Cristina Tanaka, Janaína Gomes, Débora Souza essa dedicatória é em especial à vocês!

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.

Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou;

Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar;

Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar;

Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar;

Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora;

Tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar;

Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de

paz".

(Ecclesiastes 3:1-8)

Manuela

Eu cometo erros. E dos grandes. O meu maior erro, foi o de acreditar na mentira que contei para mim mesma: de que eu havia conhecido o cara certo, na hora errada. Durante quase dois anos, essa mentira se tornou a minha verdade, verdade absoluta, e, ela serviu de muletas para a minha fraqueza, ela foi o escudo para o meu medo de me entregar.

Eu precisei perder, para entender que tudo o que vivemos foi cuidadosamente planejado pelo destino, sim, os nossos destinos, ambos conspiraram para que eu, Manuela e ele, Leonel, nos conhecêssemos e nos encontrássemos um no outro. Não fomos um a metade do outro, fomos um, a somatória do outro, e com a partida dele, eu pude compreender os tais planos de Deus: Ele me fez conhecer o amor que me tirou o fôlego, e o chão. Ele me fez chorar de alegria algumas vezes, e me fez sofrer tantas outras. E no momento em que me dei conta de que estava amando, Ele me fez entender que a minha felicidade não poderia ser contada pelo tempo e sim, pelos pequenos fragmentos chamados momentos, os momentos que eu passei ao lado do Leonel.

Eu perdi o amor da minha vida. Eu nunca disse que o amava. Eu devia ter dito com todas as porras das letras de que eu o amava, mas, eu acreditei que não era o momento, o tal do momento certo. Se ele existe de verdade? Eu não sei, o que sei é que a partir de hoje, eu nunca mais esperarei ele chegar para ser feliz. Se o momento não for certo, eu farei ser, porque eu jurei para mim, nunca mais perder nada em minha vida (muito menos ninguém), por duvidar se é o momento certo.

Meu nome é Manuela e, esse é o meu recomeço!

Prólogo



“Quero, terei – Senão aqui, noutro lugar que ainda não sei. Nada perdi. Tudo serei”
Fernando Pessoa

Um belo dia você acorda e descobre que a vida que você tinha antes, já não lhe serve mais, como um sapato apertado que lhe machuca cada vez que você teima em usar. Você olha para as paredes brancas do seu quarto e elas te dão uma sensação estranha de aprisionamento, você olha para as suas roupas e já não tem mais vontade de usá-las, tudo parece estar deslocado, fora do lugar. Você mudou, quem você foi ontem, agora cede espaço para quem você está prestes a ser.

Será que a sua vida perdeu o propósito ou ela está apenas te forçando a buscar um?

Um belo dia, ainda que não tenha sido belo, eu acordei decidida. Eu ainda não havia encontrado o meu propósito, mas, havia encontrado coragem para buscar um. E foi no dia em que alguém especial me pediu para eu ser feliz, que eu me dei conta de que para fazer isso, eu tinha que primeiro descobrir o que me fazia feliz. E de malas prontas, eu me dei o direito de ter novos momentos, graças a ele, que foi quem revelou o que de melhor há em mim e me motivou a buscar novas experiências, novos fragmentos de felicidade eu hoje posso dizer que estou morrendo e renascendo ao mesmo tempo.

Se existe um momento certo para ser feliz, esse é o momento. Esse sempre será o momento.



Daniel

“Since the day I saw you I have been waiting for you. You know I will adore you. Till eternity”

“Desde o dia em que te vi, eu estava esperando por você. Você sabe que eu te adoro. Até a eternidade”

(Be My baby — Maroon 5)

Todo mundo tem seus mistérios. Como fotógrafo, aprendi a observar com paciência, não só os lugares, mas, também, as pessoas, principalmente aquelas que viajam sozinhas, cheguei à conclusão de que há algo enigmático nas pessoas que caem no mundo, solitárias. Sempre há um motivo que as levam a fazer isso, ninguém viaja sozinho pelo simples prazer de viajar, na minha opinião, o ato de viajar já significa algo, uma busca talvez, uma fuga, um reencontro, não sei, mas, sempre há algo.

Comigo não é diferente, só ainda não sei se estou buscando ou fugindo. Como essa garota de cabelos longos e corpo miúdo, porém, totalmente harmonioso. Olhando para ela, fico me perguntando qual é o seu motivo, o que levou uma garota linda como ela, a estar sozinha em um aeroporto em Paris? Ela não deve ter mais que vinte e cinco anos, e minha nossa, eu posso não saber responder em qual das alternativas eu me encaixo, mas, sei que mulheres estão totalmente fora dos meus planos para essa viagem – por um bom tempo —, mas, não posso deixar de considerar o fato de que ela parece ser quente, arrisco a dizer que o seu coque bagunçado diz que ela parece ser aquele tipo de garota que não se importa com a opinião dos outros, isso é de uma certa forma, atraente.

Eu preciso de uma desculpa para me aproximar dela, se ela está no

mesmo saguão do que eu, significa que também está esperando uma conexão, raios, será que ela também vai para a Noruega?

Não, não delira, Daniel, as coisas boas da vida raramente acontecem assim, isso não é um filme, provavelmente ela está indo para a Itália, Suíça, sei lá, qualquer lugar, mas, não Noruega e ainda que fosse, você já teve o suficiente da vida em relação a mulheres, apenas curta a viagem e fuja de encrencas.

É... Eu nem deveria estar assim tão curioso sobre essa garota, mas, algo nela me parece familiar, é como se eu me reconhecesse no olhar perdido dela, eu quero capturar isso, preciso registrar esse olhar. Abro a lente da minha câmera e tento focalizar a garota, eu sei que se ela perceber, vai me achar um maníaco e pode até chamar os seguranças, mas, puta que pariu, o que há de misterioso nessa garota?

Ela parece encarar o infinito como se estivesse encarando a própria vida. Provavelmente nem vai notar que estou tentando fotografá-la.

Ela é linda.

Enquanto ela mexe em seu celular, eu me aproximo um pouco mais e tento segurar a câmera na altura do meu peito, se alguém me ver fotografando-a, direi que foi accidental, ela parece estar mudando de música, pois, está usando fones e seus dedos deslizam pela tela do celular. Dou três passos à frente e, segundos depois, estou apertando o botão do disparo.

Pronto. Está feito, agora eu a tenho em minha máquina. A garota mais linda que já vi e com o olhar mais triste também.

Pouco tempo depois, o meu voo é anunciado, eu sigo junto com mais alguns passageiros e vejo que ela não sai do seu assento, eu estava certo, ela deve estar indo para outro lugar.

Não tive dificuldades em dormir durante o voo todo, para alguém que viaja tanto como eu, aprender a dormir enquanto está voando, é essencial para não pirar e cansar dessa vida de fotógrafo de revista de viagens.

Já na estação de Oslo, eu aproveito que ainda faltam alguns minutos para a chegada do trem e corro para o banheiro, preciso vestir mais um par de meias, da última vez que estive aqui, não me lembro de ter sentido tanto frio assim.

Ouçó o meu trem ser anunciado e me apresso com o meu tênis, jogo a mochila nas costas e corro em direção à estação de embarque, quando estou chegando próximo à plataforma, meus olhos se enchem com a visão mais linda do mundo. É ela, a garota que encara o infinito, ela está aqui e eu

achando que as coisas boas da vida raramente aconteciam assim. Eu me apresso para tentar ficar logo atrás dela na fila de embarque, infelizmente, um grupo de estudantes conseguiram chegar na minha frente, mas, nem que eu tenha que arrancar alguém à força, eu preciso sentar do lado dela.

Dez minutos depois, estou me acomodando ao lado dela.

— Com licença. – Eu falo, apontando para a poltrona vazia. Ela abre os olhos e me olha rapidamente.

— À vontade. – Ela responde.

— Bergen? – Pergunto, foi a única coisa que me veio à cabeça, ela não parece estar a fim de conversar.

— Como? – droga, ela realmente não está a fim. Garota difícil. Quero beijá-la aqui, agora. Que merda que acabei de pensar. Você não pode querer beijá-la, Daniel!

— Vai até Bergen ou ficará em alguma outra cidade?

— Bergen. – ela responde, ficando em silêncio em seguida.

— Prazer, Daniel. – eu tento novamente. Céus, que garota linda, a forma como ela não se importa em ser legal me faz querer conhecer ela mais a fundo.

— Manuela. – Ela responde, desviando o seu olhar do meu mais uma vez. Gosto de garotas assim, difíceis.

Aguardo alguns segundos para ver se ela vai falar alguma coisa, como não diz, eu decido insistir mais um pouco

— Vou ficar em Bergen também, tem alguma agência a sua espera? Em qual hotel vai ficar?

— Sim. Vai ter um guia à minha espera e não, não me lembro o nome do hotel, algo com “first”, eu acho. – Ela responde, ainda demonstrando indiferença, embora dessa vez, ela me olhou direto nos olhos.

— Legal, acho que ficaremos no mesmo hotel, o First Hotel Marin. – respondo, animado.

— Legal. – diz, sem nenhum interesse.

— Está na Noruega a trabalho? – insisto, eu não queria desistir.

— Não, passeio.

— Eu também. Estou em férias.

— Legal. – é oficial, ela adora a palavra legal.

— Você não gosta de conversar, não é mesmo?

— Talvez não agora. – Responde, se virando para a janela do trem que começa a se movimentar.

— Bom, teremos seis horas pela frente, talvez você mude de ideia e decida conversar, vou estar aqui mesmo, sentado nessa poltrona ao seu lado. — Falo, tentando ser divertido.

— Me desculpe, só acho que estou cansada. — Ela responde logo em seguida, eu a fito por alguns segundos e me dou conta de que ela não está mesmo com vontade de conversar. Me ajeito na poltrona e pego meus fones.

Meia hora depois, ela está dormindo serena, como uma criança após ter brincado horas no parquinho.

Eu acabei dormindo também, quando acordo e olho no relógio, vejo que já estamos viajando há mais de duas horas, olho para a Manuela e ela continua dormindo. Abro meu livro preferido, afinal contribuí com algumas fotos para a confecção dele, e o folheio, como se estivesse vendo-o pela primeira vez. Pouco tempo depois, pelo canto do olho vejo que ela acordou, mas nada fala. Acho que ela é uma das maiores fãs do silêncio. Eu folheio mais algumas páginas e a pego se inclinando para tentar ler o nome, me esforço ao máximo para não rir. Garota difícil essa, gosto disso.

— Mil lugares para conhecer antes de morrer. — Falo, não conseguindo me conter diante da curiosidade dela. Ela sorri e por um instante, penso ter visto os seus olhos ficarem cheios de lágrimas, mas, se realmente vi, ela logo disfarçou.

— Você pretende conhecer todos? — ela pergunta, e pela primeira vez, ela parece estar a fim de conversar.

— Conheço alguns, vários, mas, decidi refazer alguns roteiros para aproveitar de verdade.

— Como assim? — ela ergue as sobrancelhas com curiosidade. — Está dizendo que já conhece vários lugares e vai novamente para esses mesmos lugares? Com tantos outros para ainda serem conhecidos?

— Eu sou fotógrafo, faço fotos para uma revista de viagem e quando viajo á trabalho, não posso me permitir curtir como um turista, meu foco é outro, e desde que me tornei profissional, passei por lugares que prometi voltar um dia, como turista. Os Fiordes é um desses lugares, a lista é grande, são seis meses de férias. Como turista.

— Uau... Isso deve ser incrível. — ela responde, finalmente demonstrando interesse.

— E você, qual é a sua história? — pergunto, me ajeitando na poltrona, ficando de frente para ela, que durante um tempo me olha como se estivesse enxergando o horizonte através de mim. — E então? — pergunto.

— Não tenho muito de extraordinário a contar. Me dei férias da faculdade e decidi conhecer o mundo, ou melhor, parte dele.

É claro, a resposta dela não me convenceu, há algo nessa garota, eu sei que há, os seus olhos me dizem isso. — Sabe o que é curioso?

— O quê?

— É ter a certeza de que há algo de extraordinário em você e sua história que você esconde.

Ela fica quieta e percebo que posso ter extrapolado os limites, por que elaalaria algo sobre a sua vida para um cara que ela conhece há algumas horas apenas?

Ela fica em silêncio.

— Falei demais, não foi? – O sentimento de culpa me domina.

— Tudo bem. – ela diz. – Me fala mais da sua viagem como turista, acho que tenho bastante a aprender.

Me concentro em passar as próximas horas falando apenas sobre as viagens que já fiz e os lugares que conheci, por mais que eu me sinta tentado a mudar o assunto, a perguntar sobre ela, me policio para não a fazer recuar.

Conversamos tanto que só me dei conta de onde estávamos quando o piloto do trem anunciou que estávamos prestes a parar. Como eu suspeitei, estamos no mesmo hotel, e o nosso guia, Julian, nos recebeu e nos levou para fazermos o check-in. Subo de elevador com a Manuela, estamos no mesmo corredor, então, ajudo-a com as malas e nos despedimos, ambos estamos cansados, é uma viagem linda, mas, cansativa, até para mim que estou acostumado a viajar tanto.

Após um banho quente, visto-com uma camisa jeans grossa e coloco um sobretudo igualmente grosso por cima e decido dar uma volta pelo hotel, sei que não adianta eu tentar dormir, estou eufórico demais para isso. Essa garota, Manuela, parece ter despertado algo em mim, senti uma forte vontade de beijá-la quando a deixei em seu quarto e não foi fácil me conter.

Logo ao lado do hotel, há uma loja de suvenires, eu gosto de sempre comprar alguma coisa como recordação pelas cidades que passo, embora não seja a minha primeira vez em Bergen, eu nunca comprei nada daqui, decido dar uma fuçada na loja. Entre imãs de geladeira e chaveiros coloridos, um enfeite me chama a atenção: um Troll narigudo e com cabelos bagunçados, ele é feio, feio demais, mas, estou na Noruega, como não ter um Troll?

Enquanto estou no caixa pagando, decido procurar alguma coisa para dar para a Manuela, uma lembrança apenas, encontro várias bonecas

Matrioskas, lembro-me que a minha irmã, quando era criança, adorava brincar com as Matrioskas da minha avó, ela ia tirando uma bonequinha de dentro da outra com tanta alegria que parecia que não existia coisa melhor para ela. Pego uma dessas e volto para o caixa, pagando o Troll e ela, em seguida.

Ando mais um pouco pelas redondezas do hotel e volto para o meu quarto e esticado em minha cama, espero a hora passar até irmos jantar. O Julian vai nos levar a um restaurante legal, perto do nosso hotel.

Quando a hora combinada se aproxima, me levanto para ir chamar a Manuela, olho para a boneca, que está ao lado do Troll e algo me faz desistir de dá-la à Manu, claro, não por apego a boneca, mas, o pensamento de que ela possa se assustar por eu estar dando uma bonequinha dessas para ela, me faz recuar, eu não sei o que existe dentro do infinito abismo que vejo em seu olhar e talvez não seja o momento de demonstrar qualquer tipo de intenção, preciso fazê-la confiar em mim, antes de qualquer coisa. Agarro o Troll e sigo para o seu quarto, batendo na porta.

Ela abre a porta alguns minutos depois e encostada no batente, ela sorri quando vê o pequeno boneco em minhas mãos.

— Estamos na Noruega, país dos Trolls, nada mais justo que ter um, não acha? – falo, oferecendo o boneco para ela, que solta uma gargalhada gostosa e que me faz pensar que essa é a primeira vez que a vejo sorrir desse jeito. Preciso pensar em mais coisas que possam fazê-la sorrir.

— Ele é feio. – Manuela diz, ainda sorrindo.

— É seu. Trate-o bem. – Respondo, entregando para ela. – Está pronta para jantarmos? Julian está na recepção. – Falo logo em seguida, notando que ela está do mesmo jeito que chegou. Ela me pede alguns minutos e entra para se arrumar.

A escolha do Julian foi perfeita, o restaurante era ótimo, mas, em relação à Manuela, sem qualquer chance de aproximação. Essa garota parece viver em um mundo à parte, ela reforça a minha teoria de que quem viaja sozinho, está em busca de algo, ou, fugindo de algo. Ela parece não se importar em estar sozinha em uma viagem dessas, poucas garotas teriam essa ousadia e coragem.

Nos despedimos na porta em seu quarto, onde ela minou qualquer chance de aproximação, me dando apenas um “boa noite” e entrando porta adentro.

Graças à viagem cansativa, apaguei em minha cama poucos minutos

depois de deitar e acordei somente quando o despertador tocou, olhei pela janela do hotel, que dá de frente para uma marina e o céu ainda escuro me fez ter vontade de ficar na cama, mas, em breve o Julian vai chegar, eu sei que se não sairmos cedinho, não conseguiremos aproveitar o dia, ir até os Fiordes requer disposição, é uma caminhada puxada, fazê-la ainda cedo facilita a subida. Tomo uma ducha quente e em pouco tempo, estou na recepção com Julian, aguardando a Manuela, que desce algum tempo depois, após pedirmos para a recepcionista ligar no quarto dela.

Após uma viagem rápida de trem e uma trilha moderada, chegamos em um dos meus mirantes preferidos. Durante o percurso, Manuela e eu conversamos um pouco, sobre os Fiordes, é claro, ela ainda parece não estar afim de conversar sobre qualquer outra coisa que não seja o frio da Noruega, os Fiordes e o sol da meia noite. Pelo menos ela parece se interessar de verdade pelas minhas histórias em busca da foto perfeita.

Julian começa a juntar a turma para o salto e eu e a Manuela paramos um pouco atrás deles, ela me olha confusa, parece não ter percebido o que está prestes a acontecer.

— O que esse pessoal todo está fazendo aqui? – ela pergunta.

— É aqui que o pessoal se prepara para fazer parapente.

— Parapente? – ela pergunta, espantada.

— Salta comigo? – pergunto, em um impulso.

— Você está maluco?

— Salta Manuela, é seguro.

— E como sabe que é?

— Porque eu salto.

Ela me fita e arrisco a dizer que ela está pensando a respeito, para a minha alegria.

— Não, eu não tenho coragem. – Ela responde, mas, eu não sinto em sua voz a convicção necessária para me fazer desistir de fazê-la voar comigo.

— Vamos. – Eu seguro em sua mão e então, ela me deixa conduzi-la para onde está o resto do pessoal com os equipamentos.

Quando ambos estamos presos um ao outro, o nosso instrutor nos dá o ok e nesse momento, percebo que ela está trêmula, eu afasto os seus cabelos e com o vento frio que bate no rosto, pergunto se ela está pronta.

— Não! – ela responde, com a voz desesperada.

— Então essa é a hora! – digo, enquanto caminhamos pelo morro, rumo ao abismo. Quando nossos pés saem do chão, eu a ouço suspirar e mesmo

sem vê-la de frente, tenho a certeza de que seus olhos estão fechados. Eu nos conduzo para um pouco mais perto das montanhas e depois, vou sobrevoando os Fiordes. Eu nunca vou me cansar de fazer isso, é uma das vistas mais lindas do mundo, uma das minhas primeiras fotos para a revista de viagem foi justamente tirada assim, de um parapente, sobrevoando os Fiordes.

Pousamos tranquilamente alguns minutos depois e por incrível que pareça, a Manuela ainda parece tremer.

Terminamos de tirar os equipamentos e caminhamos até a lanchonete, eu olho para ela, pensando em o quanto gostaria de ser eu mesmo e de beijá-la agora, mas, algo nessa garota me faz ser mais paciente, com ela, eu tenho que ser, não tenho escolha.

— Está Pronta? — pergunto.

— Pronta para quê? — ela questiona, confusa. Eu me aproximo dela e permito que as minhas mãos segurem as dela, fico grato por ela não ter recuado.

— Para viver! — sussurro em seu ouvido.

Ela fecha os olhos e respira profundamente, seja lá qual for o segredo dela, ela está vivenciando ele nesse momento.

— E por que não? — ela responde, abrindo os olhos e me fitando.

— Então vamos, quero te levar para conhecer o mundo, Manuela.



Manuela

“And I’ll walk slow, I’ll walk slow. Take my hand, help me on my way. And I’ll walk slow, I’ll walk slow. Take my hand, I’ll be on my way.”

“E eu vou andar devagar, eu vou andar devagar. Segure na minha mão, me ajude no meu caminho. E eu vou andar devagar, eu vou andar devagar. Segure na minha mão, vou estar no meu caminho”.

(Lover’s Eyes — Mumford & Sons)

Ele aperta a minha mão e sorri de uma forma gentil. Eu tenho apenas que tentar. Repito para mim mesma, enquanto caminhamos para a lanchonete de mãos dadas. Tentar. O Léo me pediu para ser feliz, eu tenho que pelo menos tentar ser.

Após comermos e bebermos, Julian nos chama para voltarmos, ele diz que está prevista uma tempestade e que devemos estar de volta antes dela. O vento gelado começa a me fazer sentir frio enquanto seguimos pela trilha, fico aliviada quando finalmente chegamos ao trem. Ainda não sou capaz de definir todas as emoções que senti hoje, mas, enquanto estava voando com o Daniel, eu tive a certeza de que o Léo estava comigo e ter essa sensação, me trouxe paz.

— Você está calada. – Daniel diz, sentado ao meu lado, no trem.

— Acho que estou sem palavras, foi um dia diferente. – digo em resposta.

— Você gostou?

— Muito. Obrigada.

— Você não precisa agradecer. – ele diz, apertando sua mão na minha.

É estranho, porque nossas mãos não se soltaram desde o momento em que terminamos o voo, mas, em momento algum ele tentou algo além disso, ele não tentou me beijar e muito menos avançou o sinal, ele apenas segurou em minha mão e não a soltou mais e o mais estranho nisso tudo é que parece que estou um pouco frustrada por ele não ter tentando me beijar.

— E agora, o que vem? – pergunto, me referindo ao que iremos fazer depois do passeio de hoje.

— Hã? – ele pergunta, confuso.

— Qual é o roteiro, já que você conhece o lugar, o que iremos fazer?

— Bom, provavelmente, o Julian vai nos deixar livres para fazer o que quisermos à noite, e amanhã cedo, temos mais trilhas e Fiordes para conhecer, há também um passeio de barco muito bacana, onde a gente vê os Fiordes de baixo, você vai gostar.

— Legal. Quero conhecer tudo. – respondo, entusiasmada.

Ele passa seu braço ao redor de mim e eu me encosto nele, descansando a cabeça em seu ombro. Algum tempo depois, abro os olhos e percebo que dormi quase que o percurso todo, olho para o Daniel e ele sorri ao me var acordar. Deus, eu só queria não o achar tão lindo assim, deixaria as coisas menos confusas aqui dentro de mim.

Já na porta do meu quarto, ele espera eu passar o cartão para destrancar a porta e quando eu a abro, ele coloca a mão na maçaneta, segurando-a semiaberta.

— Manu, posso te chamar assim? – ele pergunta.

— Claro, é assim que todos me chamam.

— Então, Manu... – ele diz, com um sorriso tímido. — Eu tenho um convite...— ele fez uma pausa meio dramática, me estudando. — Janta comigo hoje?

— Eu aceito, não tenho outra companhia mesmo. – Respondo, brincando.

Ele faz um beicinho, me fazendo rir.

— Ok. Às oito, na recepção, pode ser?

— Oito horas está ótimo. – Respondo.

Fecho a porta do quarto e corro para o meu celular, sem me preocupar com o fuso horário, ligo para a Carol, eu preciso contar a ela sobre o Daniel, preciso falar com alguém sobre a confusão que está aqui na minha cabeça.

— Manu!!! Que saudades de você, juro, acho que não vou conseguir ficar tanto tempo sem te ver.

— Carol, eu também sinto a sua falta. Queria que estivesse aqui comigo, aqui é tão lindo e fantástico, eu entendo porque o Léo amou tanto Bergen.

— Não deve estar sendo fácil, né, amiga?

— Carol, eu tô uma bagunça, não nem por onde começar.

— Manu, o que está havendo? Vamos, me fala, comece pelo começo.

— Eu conheci alguém. Não é nada sério, só conheci, mas, eu... nossa, como isso é difícil!

— Conheceu alguém? Me conta tudo, como chama? Onde conheceu? Como é? Como você está se sentindo?

— Já vi que essa ligação vai demorar mais do que eu imaginava... Ele se chama Daniel, conheci no trem, vindo para Bergen, ele está no mesmo hotel que eu, é lindo, cabelos castanhos e olhos azuis, é fotógrafo, trabalha para uma revista famosa de viagens, está de férias.

— Nossa, isso parece ser interessante. E o beijo?

— Que beijo? Não teve beijo. Eu estou uma bagunça! Hoje, voei com ele de parapente e Carol, desde a morte do Léo, eu nunca o senti tão presente em minha vida como hoje, era como se ele estivesse ali, voando comigo, senti a presença dele tão forte que acho que por um momento, me esqueci de que era com o Daniel que eu estava voando. Eu sei, isso é péssimo de se dizer.

— Não amiga, não é. É natural e compreensível. Faz pouco tempo, você tem que relaxar. Vem cá, por que ainda não houve beijo?

— Carol, eu senti vontade de beijá-lo e não foi somente uma vez, mas eu não posso fazer isso, não tem nem quatro meses que o Léo... — eu faço uma pausa antes de falar, engolindo a saliva — Que ele morreu, como eu posso pensar em beijar outra pessoa? Entende?

— Manu, eu juro que se você repetir isso de novo, pego a avião e vou até ai! Você tem o direito e o dever de ser feliz novamente, não se culpe, está entendido?

Pelo o seu tom de voz, sei que ela está brava com o que eu falei.

— Você está certa, eu vou tentar.

— Por favor, faça isso, por você amiga, mas, também por ele, que te pediu isso naquele e-mail.

— Carol, obrigada por me ouvir, se eu repetir aquilo de novo, você vem mesmo para cá? — falo, rindo em seguida.

— Sua bobona, se eu pudesse, eu iria, mas, sabe que estou aí com você e que você pode me ligar sempre que precisar, mesmo que seja quase à meia

noite.

— Ai, desculpa, verdade, são cinco horas de diferença. Obrigada, amiga. Te mando e-mail em breve. Beijos e boa noite.

— Para você também. E Manu, seja feliz!

Eu desligo o telefone ainda mais confusa do que quando liguei, no fundo, acho que eu esperava que ela dissesse que eu tenho que dar um tempo, que eu não deveria me envolver com ninguém agora, seria mais fácil para mim se ela dissesse isso, eu me sentiria culpada por ter sentido vontade de beijar o Daniel e seria o fim do que nem começou.

Me levanto para ir tomar banho, mas, algo me fez voltar, foram as lembranças do e-mail do Léo, a Carol citou o e-mail e me fez sentir vontade de lê-lo novamente. Eu abro a pasta “Leonel” e lá está ele, o último e-mail que recebi dele, o e-mail que recebi quando ele já não estava mais aqui.

Toc, Toc, Posso?

Meus olhos se enchem de lágrimas só de ler o Toc, toc, saber que nunca mais ele iniciará uma conversa comigo, saber que nunca mais terei esse toc, toc para fazer meu coração acelerar, dói tanto que me dá vontade de gritar.

Se você está lendo esse e-mail, primeiro: eu realmente não estou mais aqui, porque se estivesse, teria deletado a programação do Outlook, de enviá-lo cerca de uma semana depois da minha... Você sabe... (sim, eu deixei esse e-mail agendado, no mesmo dia em que em que brincamos de enviar e-mail um para o outro). E segundo, se está lendo é sinal de que a programação funciona, não tive tempo de testá-la, o pouco de tempo que me restou, eu o utilizei com coisas importantes, como escrever para você.

Ei, para de chorar, ok? Eu sei que está fazendo isso, eu te conheço, então, por favor, já fazem cerca de sete dias, se tudo aconteceu como previsto, está na hora de você sair desse luto, vamos fazer isso, ok?

Ele me conhecia tão bem, ele sabia que esse e-mail iria me fazer cair em lágrimas, sabia exatamente em qual momento isso iria acontecer. E aconteceu. E acontece em todas as vezes em que eu o leio. Que são muitas. Lembro de ter pesquisado na internet se realmente isso era possível

programar o envio do e-mail, lembro que desejei não ser verdade e como em uma espécie de milagre, ter sido ele que escreveu, ali, naquele exato momento em que eu o recebi.

Tenho algumas regras e ordens para você e preciso que você as siga. Você sabe o quanto gosto de regras, não é mesmo? Então, preciso que você obedeça às minhas ordens, assim como obedecia quando eu pedia para você desfilar de lingerie e salto alto dentro do “nosso quarto”, você dizia que não ia fazer, mas, acabava fazendo e envergonhada caminhava até o canto da parede e me dava a visão mais linda do mundo. Nossa, difícil manter o foco no que tenho que lhe dizer com esses bons pensamentos em minha mente. A primeira ordem é: Seja feliz! Eu preciso que você seja feliz, Manu, que você encontre algo que realmente te faça feliz, que você encontre um propósito, algo que faça valer a pena estar viva, algo grandioso, mesmo que somente para você. Vamos fazer isso? Você consegue, eu sei disso.

Quero também que aceite tudo o que aconteceu, aceite a minha partida e siga em frente.

Ele não tinha o direito de me deixar e de me pedir isso, não foi justo ele me pedir para ser feliz, porque ele sabia que eu jamais iria recusar um pedido dele, nunca recusei.

Quero que pelo menos uma vez, você crie coragem para fazer algo louco e insano, capaz de testar os seus limites. Lembra quando voamos de balão? Você com pavor de altura, então, faça algo parecido, por você.

Eu sorrio para mim mesma, ele ficaria orgulhoso de mim se tivesse me visto voando de parapente.

Não se feche.

Você sabe que não sou bom com sentimentos e palavras e tem algo que sei você sente e nunca disse: eu sei que você me ama, Manu e eu também sinto o mesmo (senti), espera, dizer que sinto o mesmo não é dizer propriamente, deixa eu ser mais explícito: Eu amo você, Manuela. Com todas as porras das letras, amo e me

arrependo de não ter dito antes.

Eu também te amo, Léo, com todas as porras das letras que eu nunca tive coragem de dizer. Meu Deus, como eu fui covarde... Me perdoa Léo, me perdoa por não ter dito que eu o amava.

A frase “você foi a pessoa certa na hora errada” foi só uma maneira que encontrei de dizer que você foi a pessoa certa para mim, ninguém nunca me entendeu e me viu como você, você me conheceu de uma forma que ninguém mais conseguiu, soube entender a minha personalidade confusa de uma forma que nenhum psicólogo ou teste psicológico seria capaz. Você foi a pessoa certa.

Sabe “aquilo” que eu procurava e que não sabia ao certo o que era? Eu encontrei, eu sou um cara de sorte, porque eu tive tempo de encontrar, tempo de descobrir que aquilo, era você. Sempre foi, eu só não sabia.

Obrigada por todos os momentos que você me deu. Todos.

Quando as lágrimas que escorrem pelos meus olhos diminuem, eu fecho o e-mail e me atiro em minha cama. Meia hora depois, quando me dou conta de que estou começando a ficar atrasada, corro para o banheiro e tomo um banho rápido. Visto minhas botas, duas calças, uma blusa de lã sobre uma camiseta pólo básica e um sobretudo vermelho cinturado que desce até quase os meus joelhos. Respiro fundo e repito mentalmente a frase do Léo “Seja feliz”, isso me encoraja a não desistir do jantar.

Às oito horas em ponto, estou descendo para a recepção. Ao ver Daniel sentado em um dos sofás, usando cachecol e sobretudo preto, sinto um gelo em minha barriga, mas, não o gelo que eu sentia com o Léo, aquele gelo gostoso que antecipava os nossos encontros e os nossos beijos, é um gelo como se eu estivesse fazendo algo errado, como se eu estivesse esperando as consequências por esse erro. Gelo de culpa...

Ele me vê quando me aproximo e sei que é tarde demais para desistir. Ele se levanta, vindo ao meu encontro.

— Você está bela, de vermelho. — ele diz, parando de frente para mim. Tento evitar compará-lo com o Léo, mas, quando sinto o seu gostoso perfume

amadeirado, fica impossível não lembrar que o Léo não usava perfume e que ainda assim, eu amava o seu cheiro.

— Bela? — Pergunto, espantando o pensamento.

— É, bela. Garanto que já ouviu diversos “você está linda”, mas, nunca, “você está bela”. – ele responde, fazendo aspas com as mãos.

— É verdade, confesso que não mesmo. – droga, ele é tão diferente, sincero. O que eu faço agora? Seguro na mão dele? Disfarço? Infelizmente, a minha voz interior, resolveu tirar férias de mim, é como se eu não a ouvisse mais dentro de mim, como se eu estivesse por conta própria, sendo totalmente responsável pelos meus atos.

— Vamos? – ele estica a mão e então, sei o que tenho que fazer. Minha mão se entrelaça a dele e saímos do hotel.

Enquanto caminhamos pela rua, pude notar que há uma grande quantidade de jovens, pergunto ao Daniel se é comum ter vários turistas nessa idade em Bergen e ele responde que a cidade é uma cidade universitária. E eu que achava que Bergen se resumia a Fiordes.

Caminhamos por apenas cinco minutos e chegamos à rua principal, no píer, onde há vários restaurantes e pubs feitos em madeira, cada um de uma cor, da janela do meu quarto, eu os via, mas, não imaginava que eram assim tão lindos.

— Vou te levar para comer um salmão que nunca comi antes, gosta de peixe?

— Gosto sim, e adorei a ideia do salmão, estou na cidade da pesca dele, não posso ir embora sem experimentar um, não é mesmo?

— Com certeza. Vamos, o restaurante é logo ali. – ele diz, apontando para um restaurante com a fachada de madeira vermelha.

Escolhemos uma mesa próximo à lareira e antes que o garçom puxe a cadeira para mim, Daniel o faz, se posicionando atrás de mim, para retirar o meu sobretudo.

— Bela de vermelho, deixa eu pegar o seu casaco. – ele diz atrás de mim, com sua boca em minha nuca. Eu tento disfarçar o arrepio enquanto ele termina de pegar o casaco e o pendura na cadeira.

Fazemos o pedido e logo em seguida o garçom traz uma garrafa de vinho e serve primeiramente o Daniel, que o experimenta, autorizando o garçom a nos servir, ele ergue a taça dele e eu faço o mesmo.

— Ao nosso encontro. – ele diz, encostando a sua taça na minha.

— Ao nosso encontro. – respondo, ainda sem saber o que isso quer

dizer.

— Então, Manu, me fale sobre você.

Não, por favor, não vamos estragar tudo!

— O quer saber? – pergunto, me sentindo meio incomodada.

— O que estiver a fim e preparada para contar. – ele responde, me deixando intrigada com a parte em que ele diz *preparada*, parece que ele sabe que tem algo que não quero dizer.

— Bom, meu nome é Manuela, mas, todos me chamam de Manu, moro em São Paulo, com minha mãe, ela trabalha em um banco e quase surtou quando larguei tudo para viajar.

— Largou tudo, o quê? – indaga, tomando um gole da sua água.

— Humm...Eu fazia faculdade de publicidade e propaganda e trabalhava em uma das maiores agências de São Paulo quando decidi tirar férias.

— E o que a motivou?

— Como assim? – pergunto, tentando pensar e uma resposta rápida para a sua pergunta sem que eu tenha que falar sobre o Léo.

— Bom, como eu te disse no trem, sou fotógrafo e por causa da profissão, reparo muito nas pessoas e uma das minhas teorias é de que quando alguém viaja sozinho, ou está em busca de algo, ou, está fugindo de algo. – ele me olha, esperando por uma resposta à sua teoria.

— As duas coisas, eu acho. – repondo, desviando o meu olhar.

— Ei, desculpa, eu não quis ser intrometido. – pede, esticando o braço tocando a minha mão.

— Tudo bem. É que é complicado para mim, falar a respeito.

— Então vamos mudar de assunto. Quando achar que é a hora, voltamos nele.

— Obrigada. – sorrio aliviada com a compreensão dele. – Me fala sobre você. – peço.

— Gosto mais quando estamos falando sobre você. – ele responde, me deixando confusa se está falando sério ou não.

— Se não está a fim de falar, não tem problema. – digo, um pouco desapontada.

— Não, tudo bem... Eu tenho 31 anos, sou formado em jornalismo com pós em fotografia, a minha grande paixão. Trabalho desde os 23 para essa revista de viagem, o que para mim, é quase que diversão, eu ganho para viajar, conhecer lugares incríveis e fotografá-los. Sou do Rio Grande do Sul, minha família mora em Bento Gonçalves.

— Nossa! – eu o interrompo – Você não tem sotaque de gaúcho.

— Não tenho, viajo tanto que acho que perdi o tal sotaque.

O garçom nos interrompe, trazendo os nossos pratos, passamos os próximos dez minutos apenas trocando algumas palavras sobre como o salmão ao molho de algo que não sei pronunciar o nome, estava delicioso.

Quando dou a última garfada, ele gentilmente pega o guardanapo e limpa o canto da minha boca, eu fico envergonhada por saber que ela estava suja, mas, ele faz com tanta delicadeza que me permito ficar à vontade com a situação.

— Vamos, agora quero te levar a uma balada. – Ele diz, assim que saímos da restaurante.

— Balada, aqui?

— Sim, esqueceu que eu disse que Bergen é uma cidade universitária? Já sei, no mínimo você achava que aqui só tinha pescadores e turistas vendo os Fiordes, acertei?

— Bingo! – respondo, sentindo a mão dele segurando a minha.

Caminhamos mais um pouco e logo chegamos a uma boate, que não fica nem um pouco atrás das boates de Sampa. Entramos após esperarmos cerca de dez minutos na fila e eu fico grata, porque o frio está de congelar.

A casa está cheia de jovens, muitos, só de olhar dá para saber que são noruegueses, mas, outros, fica difícil dizer se são turistas ou não. Deixamos nossos casacos na chapelaria e seguimos para o bar. O frio lá fora, parece não existir aqui dentro, pedimos duas cervejas e ele me chama para dançar, quando chegamos à pista, reconheço a música que começa a tocar, é da Nelly Furtado – *Spirit Indestructible*, a música tem uma batida meio latina e eu meio que tenho uma queda por esse tipo de música, aos poucos, começo a me mover, e ele, acompanha o meu ritmo, dançando de frente para mim. Quando a batida começa a ficar mais forte, ele se posiciona atrás de mim e coloca as duas mãos na minha cintura. Meu corpo reage de uma forma estranha e eu me afasto, como se o fato dele encostar em mim, me fizesse ter um flashback de lembranças. Ele não percebe ou finge não perceber e me segura com mais força, pressionando as suas mãos em mim, começo a gostar da sensação que elas trazem e mantenho o ritmo, com ele cada vez mais perto de mim, me fazendo sentir a sua excitação.

— Bela, você dança muito. — Ele sussurra em meus ouvidos. Eu nada falo, apenas curto o prazer de estar dançando com ele.

Daniel envolve as duas mãos ao redor de mim e agora, mesmo que eu

queira, o que realmente não quero, seria difícil me livrar dos braços dele. Eu coloco minhas mãos sobre as dele e conscientemente, esfrego o meu corpo no dele. Eu me viro e danço de frente para ele enquanto vou me rendendo à vontade de beijá-lo. Droga, eu quero muito que ele me beije, mas, ele parece estar receoso em fazê-lo. Eu não posso ter me enganado em relação às intenções dele, ele parecia estar tão a fim...



Daniel

“Take my hand, let’s see where we wake up tomorrow. Best laid plains, sometimes are just one night stand.”

“Pegue minha mão, vamos ver onde acordaremos amanhã. Os melhores planos, às vezes são só uma noite.”

(Lost Stars – Adam Levine)

No trem, de volta para a cidade, ela encosta sua cabeça em meu ombro e sou tentado a tocá-la, mas, pela primeira vez em toda a minha vida, não estou com pressa para que as coisas aconteçam, não vou negar que quero beijá-la, sentir seu gosto, observar o seu corpo, estar nela, eu a quero muito, e mesmo não podendo querer, estou tentando seguir o fluxo, deixando-a sentir a mesma vontade que estou, eu apenas inalo o perfume do seu cabelo e por Deus, como isso é bom.

Chamá-la para jantar já é um começo, e suspiro aliviado quando ela aceita.

Sem um minuto de atraso, ele chega à recepção, usando um sobretudo vermelho, deixando-a incrivelmente sexy. Por Deus, que vontade de subir com ela para o meu quarto! Eu vou de encontro com ela, não perdendo a oportunidade para elogiá-la.

— Você está bela, de vermelho. – falo, encarando-a. Na verdade, bela não seria o adjetivo que eu usaria agora, porque inferno, a garota está gata, daquelas de chamar a atenção, mas, eu não correria o risco de ser mal interpretado por ela.

— Bela? –ela pergunta, se divertindo com o elogio. É isso, sabia que para agradá-la eu teria que sair do convencional. Ela deve estar acostumada a ser chamada de linda por todos, mas, bela, é algo que ela terá só de mim.

— É, bela. Garanto que já ouviu diversos “você está linda”, mas, nunca, “você está bela”.

— É verdade, confesso que não mesmo. — ela fica linda assim, envergonhada, evitando o meu olhar.

— Vamos? — falo, esticando a mão para ela, que a segura em seguida.

A conversa estava indo bem enquanto jantávamos até que propositalmente, eu a desafiei a falar sobre ela, a julgar pela forma como ela encarava o nada, no aeroporto, eu acredito que ela tem dentro dela algo que a sufoca.

— Então, Manu, me fale sobre você.

— O quer saber? — ela responde, enquanto pressiona firme a taça em sua mão e vejo que as pontas dos seus dedos já estão ficando brancas.

— O que estiver a fim e preparada para contar. — respondo, tentando deixá-la à vontade.

— Bom, meu nome é Manuela, mas, todos me chamam de Manu, moro em São Paulo, com minha mãe, ela trabalho em um banco e quase surtou quando larguei tudo para viajar. — ela diz, como se estivesse recitando uma frase ensaiada, onde cada palavra foi cautelosamente pensada.

— Largou tudo, o quê? — insisto.

— Humm...Eu fazia faculdade de publicidade e propaganda e trabalhava em uma das maiores agências de São Paulo quando decidi tirar férias.

— E o que a motivou?

— Como assim?

— Bom, como eu te disse no trem, sou fotógrafo e por causa da profissão, reparo muito nas pessoas e uma das minhas teorias é de que quando alguém viaja sozinho, ou está em busca de algo, ou, está fugindo de algo. — eu a encaro, analisando a reação dela que de imediato desvia o olhar, confirmando a minha teoria, resta apenas eu descobrir se ela está em busca ou em fuga.

— As duas coisas, eu acho. — ela responde, com o olhar perdido, aquele olhar que encara o nada, o mesmo que vi no aeroporto.

Eu percebo que ela está tensa e tento consertar as coisas: — Ei, desculpa, eu não quis ser intrometido.

— Tudo bem. É que é complicado para eu falar a respeito.

— Então vamos mudar de assunto. Quando achar que é a hora, voltamos nele.

— Obrigada. — ela sorri.

Eu decido que é hora de parar com as perguntas e quando ela insiste em saber sobre mim, me limito a falar do que todos gostam de ouvir: as viagens

que já fiz. Por sorte, ela não faz muitas perguntas e logo estamos falando sobre filmes e músicas, descobrimos que temos gosto musical parecido, vamos juntos do rock, para o pop, passando pelo indie e folk, ela é apaixonada por Scorpions e não sei se foi porque eu disse a ela que tenho em casa um disco de vinil autografado por eles, mas, os olhos dela se encheram de lágrimas quando eu disse que Destin e Drive estão entre as minhas músicas preferidas deles. Ela disfarçou a lágrima, porém, não tão bem para não me deixar vê-la. Eu mudei de assunto logo em seguida e a fiz rir quando contei a ela que a minha primeira viagem para a revista foi para a China e que eu morri de medo quando cheguei lá porque havia lido em sites sobre o país – sites errados, é claro - de que a máfia chinesa não gostava de fotógrafos estrangeiros. Vê-la rindo novamente trouxe alívio para mim. Continuamos a conversar até a sobremesa chegar, quando nem eu e nem ela, conseguimos dizer uma palavra sequer, a panqueca de frutas vermelhas com cobertura quente de chocolate, típica da cidade, estava deliciosa e realmente foi capaz de nos calar.

Após jantarmos, seguimos em direção a uma boate que tive a oportunidade de conhecer na primeira vez que estive aqui, tenho certeza de que ela vai gostar.

Ela disse que iria me acompanhar na cerveja, eu sei que eu não deveria em hipótese alguma estar bebendo, eu tenho me mantido firme embora eu saiba que tudo o que me aconteceu, foi um fato isolado, uma fatalidade, consequência da brincadeira do destino e então, me convenço de que está na hora de eu voltar a assumir o controle da minha vida e, voltar a tomar cerveja, me parece um bom começo. Pedi ao barman duas latas e seguimos para a pista de dança, ela começa a dançar logo que chegamos na pista, eu a acompanho, dançando de frente para ela, vendo-a se mover em um misto de delicadeza e sensualidade. Conforme a música vai ficando mais forte, eu vou para atrás dela e a seguro pela cintura, me movendo com ela. Eu sei que estou ferrando com tudo, ferrando comigo mesmo, mas, que assim seja, talvez, mais ferrado do que estou, não dá.

— Bela, você dança muito. — solto em seus ouvidos.

Em um ato de ousadia, eu a abraço por trás e ela coloca as suas duas mãos sobre as minhas, me fazendo ter a certeza de que ela está gostando tanto quanto eu. Ficamos assim por mais algum tempo até ela se virar para mim e nossas bocas ficarem frente a frente e eu luto contra os meus impulsos mais primitivos para não a agarrar aqui, na frente de todos. Fazer isso poderia

estragar tudo, por mais que eu ache que ela esteja gostando e por mais que eu não deveria me importar, beijá-la agora, significa colocar em risco o que mais quero conquistar: a confiança dela. Sim, o cara ferrado aqui está preocupado em conquistar a confiança da garota do olhar perdido. Daríamos uma bela dupla, afinal.

— Você é bela. — quebro o silêncio na tentativa de e espantar a necessidade de beijá-la. Ela sorri envergonhada, olhando para os lados e para cima.

— Obrigada, você é muito gentil.

Ah... Se ela soubesse que tudo o que eu queria agora era não ser gentil...

Eu movo uma mecha do seu cabelo para atrás da sua orelha e impulsivamente, beijo o seu rosto, próximo a sua boca, ela encolhe os ombros, como se estivesse se arrepiado e eu volto a encará-la.

Inferno! Eu a quero agora, com todo o meu tesão e vontade, eu quero provar essa boca pequena, inalar esse perfume adocicado e me perder em seus longos cabelos.

Uma outra música começa e ela balança a latinha para mim, mostrando que está vazia, e é então que me dou conta de que quase coloquei tudo a perder com o meu impulso.

— Você espera aqui, vou até o bar pegar mais cerveja para nós dois. — falo apontando para o bar.

— Ok. Obrigada. — ela responde.

Peço as latinhas e mostro a minha pulseira para que o barman possa lançar a consumação e quando estou voltando para a pista a vejo se esquivando se um cara alto, que a cerca, segurando-a pelo braço. Me apresso e paro ao lado do cara. Posso não ser tão alto quanto ele, mas, para levar a vida que levo, de trilhas, esportes radicais e tudo mais, é necessário muito treino na academia para fortalecer a minha condição física, então, eu me garanto mesmo assim.

Quando chego, ela está falando algo em inglês sobre estar acompanhada, isso me deixa confortável para fazer o que quero.

— Ele está te incomodando, Manu? — pergunto, em inglês.

— Isso é entre eu e ela. — o cara responde, em português, para o meu espanto. Com certeza é um turista brasileiro.

Eu envolvo o braço ao redor da cintura da Manuela e a puxo para o meu lado. — Sinto dizer, mas, ela está comigo.

— Vocês estão juntos, mesmo? — ele pergunta à Manu.

Ela passa a sua mão pelas minhas costas e responde que sim, segundos depois, o cara desaparece no meio da imensa multidão.

— Obrigada. – ela diz, virando-se para mim.

— Disponha. A partir de hoje, seu segurança, muito prazer. – brinco, fazendo-a rir.

Eu tiro o meu braço que estava ao seu redor e entrego a ela a latinha de cerveja, fico espantado com a pressa com que ela bebe, espero que ela seja forte, porque tomamos duas taças de vinho no jantar e agora ela está prestes a ir para a terceira lata de cerveja.

— Vem, vamos dançar mais. – ela diz, segurando em minha mão e me levando ainda mais para o centro da pista.

Dançamos mais umas cinco músicas e tenho que admitir, a garota dança muito, ela sabe ser sexy mesmo sem perceber, a cada movimento que ela fazia, parecia que meu membro inferior ia estourar o zíper da calça e ganhar o mundo.

— Preciso de mais bebida – falo. É claro que não é da bebida que preciso, eu preciso mesmo é esfriar a cabeça, a de baixo.

— Ok. Acho que também preciso. – ela responde, caminhando na minha frente em direção ao bar.

Pedimos mais uma para cada um e ela se sentou na banquetta de frente para o balcão.

— Acho que estou meio despreparada, fazia muito, muito tempo mesmo, que eu não dançava assim.

— Bom, pelo o pouco que a vi dançando, então, antes desse muito tempo, você devia treinar muito, porque você mandou muito bem lá na pista. – ela fica vermelha na hora e acho graça ela desviar o olhar do meu, com certeza, a deixei com vergonha.

— Dan – eu gostei de como ela me chamou – Obrigada, por tudo, pelo dia maravilhoso.

— Manu, eu já disse, não agradeça, está sendo tão bom para mim quanto para você. E a propósito, gostei do “Dan”. – Ela encolhe os ombros e abaixa a cabeça, eu solto a latinha no balcão e seguro o seu queixo, fazendo-a olhar para mim. – Bela... Bela Manuela...

Seus olhos brilham tão intensamente e suplicantes que não há mais nada que eu possa fazer, guerra nenhuma valerá a pena ser lutada dentro de mim, eu preciso beijá-la e é o que eu farei.



Manuela

*“For once in my life I have someone who needs for me. Someone I
’ve needed so long. For once, unafraid, I can go where life leads
me and somehow I know I’ll be Strong.”*

*“Por uma vez em minha vida, eu tenho alguém que precisa de mim.
Alguém que eu tenho precisado há muito tempo. Por uma vez,
destemido, eu posso ir aonde a vida me levar e de uma maneira
que sei que serei forte.”*

(For Once In My Life – Stevie Wonder)

Eu percebo que estou passando dos limites em relação à bebida quando estamos no bar e meu corpo todo parece amolecer, por sorte, há uma banqueta vazia e enquanto o barman não nos serve, eu me sento nela. Tento parecer normal, não quero que o Daniel perceba que estou meio zonzinha, ele vai me achar uma idiota.

— Acho que estou meio despreparada, fazia muito, muito tempo mesmo, que eu não dançava assim – falo, justificando o motivo de eu ter sentado.

— Bom, pelo o pouco que a vi dançando, então, antes desse muito tempo, você devia treinar muito, porque você mandou muito bem lá na pista. – ele me encara e me faz ficar com vergonha.

— Dan – eu o chamo – Obrigada... por tudo, pelo dia maravilhoso. – falo, me sentindo feliz por estar aqui com ele.

— Manu, eu já disse, não agradeça, está sendo tão bom para mim quanto para você. E a propósito, gostei do “Dan”. – responde ele. Nesse momento, por algum motivo que não sei explicar, o Leonel me vem à mente, eu abaixo

a cabeça evitando que o Daniel me olhe e espremo os olhos na tentativa de fazer tudo voltar ao normal e é quando sinto a sua mão em meu queixo e o ouço dizer: – Bela... Bela Manuela...

Eu ergo a cabeça e vejo a sua boca se aproximar da minha enquanto nossos olhos gritam um para o outro o quanto queremos o que estamos prestes a fazer. Ele me puxa, colocando as mãos em meu quadril e eu gemo em antecipação, sabendo o que acontecerá a seguir. Tão suave e gentil, seus lábios encontram os meus, sua boca começa a massagear a minha com delicadeza, eu a sinto fazer uma leve pressão e me permito curtir o momento, logo depois, seu beijo passa a ficar mais urgente e intenso, sua língua passeia pela minha boca, causando sensações gostosas em minha barriga. Minha mão acaricia a nuca dele e percebo que ele se arrepia, ele faz movimentos em minhas costas, subindo e descendo a mão, parando sempre em minha cintura, quando o beijo termina, Daniel imediatamente me abraça, me apertando contra o seu peito.

— Garota, o que você tem hein?

Eu nada respondo, ficamos assim, abraçados, por mais de um minuto, enquanto ouço a sua respiração, travo uma luta interna entre a minha vontade e a minha consciência.

— Ei, você está bem? – ele diz, me soltando.

— Sim. – respondo, ainda confusa.

— Desculpa, aconteceu e eu não fui capaz de evitar. – Oh, droga! Ele deve estar achando que não gostei.

— Não, não peça desculpas, a regra vale para ambos. – respondo. Essa foi a melhor frase que encontrei para dizer a ele que também gostei.

— Mas você não está brava com o que fiz, está?

— Não. Eu... Só estou confusa. É muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, e tem também a bebida, acho que exagerei.

— Me beijou então porque estava bêbada? – Dan pergunta em tom sério. Droga acho que agora ferrei com tudo.

— Não, Dan, desculpa, eu me expressei errado. Eu só quis dizer... – ele coloca a mão na minha boca e começa a rir.

— Manu, estou brincando, você não tem que me explicar nada. Vem, vou te levar para o hotel, amanhã vamos acordar cedo.

Eu suspiro aliviada e dou a mão para ele. No caixa, ele não me deixa pagar e brinca dizendo que é para eu aproveitar porque é só na primeira vez, para me impressionar. Eu rio, porque sei que não é verdade, ele parece ser do

tipo cavalheiro de verdade.

Paramos na porta do meu quarto e antes de eu passar o cartão para abri-la, Daniel segura suavemente em meu braço, me fazendo ficar de frente para ele.

— Vamos supor que você esteja meio alta, você não iria ficar brava se eu a beijasse de novo, iria?

— Mas eu não estou bêbada, estou consciente. – respondo.

— Entendo. – ele diz, se afastando um pouco. Ele não entendeu a brincadeira, está achando que dei o fora nele.

— Dan, você não vai me beijar? – pergunto, espantada comigo mesma, desde quando me tornei alguém assim tão corajosa e audaciosa?

Ele sorri e se aproxima de mim com ferocidade, me prensando na porta do meu quarto enquanto a sua boca macia começa a tocar a minha, eu jogo os meus braços ao redor dele e a sua mão direita pousa em minha cintura, fazendo pressão nela, instantaneamente, eu arqueio o corpo para frente, desejando por ele. Sinto a sua excitação sobre a calça e sou grata por ele não ser capaz de saber a quão excitada também estou.

Quando o ar começa a nos faltar, Dan para de me beijar e com as duas mãos esticadas sobre a porta, ele me olha e diz:

— Manu, você é tão bela, eu estou explodindo aqui, garota, você jogou algum feitiço sobre mim.

Eu rio do comentário dele e passo a mão em seu rosto, seus olhos azuis parecem brilhar ainda mais. – Vamos com calma, ok? – falo. Eu sei que o próximo passo seria abrir a porta e chamá-lo para entrar, mas, eu não me sinto preparada para avançar para o próximo nível.

— Ok. Vou deixá-la dormir. Espero que amanhã, não se arrependa do beijo e suma do hotel.

— Eu não vou sumir. – falo, rindo com ele.

— Boa noite, bela Manu.

— Boa noite, Dan.

Eu entro no quarto e me agacho na porta enquanto as lágrimas escorrem pelo o meu rosto, e eu me torno apenas um chafariz de lágrimas descontroladas, o soluço vem de forma violenta e me faz soltar um gemido, eu não sei o que está acontecendo, eu nem sei ao certo o porquê de eu estar chorando, é uma mistura de culpa por ter gostado do beijo, com saudades e o desejo de que fosse o Léo e não o Daniel e então, culpa de novo por pensar no Léo quando beijei o Daniel. Merda! Que grande confusão eu me enfiei, eu

deveria saber que não estou preparada para me relacionar com alguém novamente, não é justo com o Daniel, que parece ser um cara bacana, eu não posso ser para ele, quem ele merece que eu seja.

Olho no relógio e vejo que é tarde demais para ligar para a Carol, então, como sei que no dia seguinte não conseguirei ligar, eu abro o meu note e começo a escrever para ela, tenho que contar tudo o que aconteceu, até o momento em que me vi agachada na porta do quarto, com uma tremenda vontade de chamá-lo enquanto me culpava por essa vontade.

De: Manuela

Para Carolzinha

Assunto: Queda livre

Querida Carol,

Como vou sobreviver aqui sem você? Dá para você pegar o primeiro avião e vir socorrer a sua amiga que está entrando em colapso mental?

Desculpa te assustar assim, mas é que eu tô meio perdida, e nesse momento, me odiando muito pelo o que fiz nessa noite. Bom, deixa eu começar pela parte legal, a parte normal disso tudo. Sai com o Daniel, o cara que te falei, ele me convidou para jantar e foi tudo tão incrível que chegou a parecer encontro de filmes, sabe? Depois, fomos à uma boate, foi lá que tudo começou, eu assumo que bebi além do que deveria, você sabe, eu não sou de beber, já tínhamos tomado duas taças de vinho no restaurante e na boate, tomei mais 3 latinhas de cerveja. É, cerveja, logo eu que não curto. Mas Carol, enquanto estive lá com ele, dançando com ele (não vou contar agora os detalhes dele dançando comigo) eu me senti viva, viva de novo, entende? Bom, é claro que o beijo aconteceu e droga, eu gostei, Carol! Eu não podia ter gostado, como posso gostar de beijar outra boca tão pouco tempo depois de ter perdido o Léo?

Nos beijamos duas vezes, na boate e na porta do meu quarto. Carol, eu quis chamá-lo para entrar! Eu me odeio por isso, odeio ter sentido vontade de beijá-lo mais, odeio gostar da companhia dele, da forma atenciosa como ele fala comigo, da paciência que ele tem em não me forçar a falar nada que não quero. Eu odeio isso que tô sentindo, odeio porque não é certo, o que faço, amiga? Se eu pudesse, procuraria outro hotel e sumiria, não sei se quero encará-lo de novo amanhã. Ainda tenho mais dois dias aqui antes de partir para a Dinamarca, tô me sentindo perdida. Me responde o e-mail quando vê-lo, tá?

Saudades.

Manu.

Termino de enviar o e-mail, troco de roupa e me ajeito em minha cama, à espera de que o choro me dê sono e me faça dormir.



Daniel

*“Hey, yo, I’m not ashamed 'Cos everybody has a heart that is made
to break
Hey, yo, don’t be afraid 'Cos your only getting stronger from the
pain”.*

*‘Ei, eu não tenho vergonha. Porque todos temos um coração feito
para se partir.
Ei, não tenha medo, porque você só se fortalece com a dor.”*

(James Blunt – When I found Love Again)

Eu me viro para ir para o meu quarto assim que ela fecha a porta e então, um barulho chama a minha atenção, eu coloco a mão na maçaneta e ouço-a chorar, como se ela estivesse atrás da porta. Eu hesito por um tempo e a minha suspeita é confirmada. A Manu está chorando atrás da porta, posso ouvi-la soluçar. Porra! Será que fiz algo que ela não tenha gostado? Eu sabia que era cedo demais para beijá-la, seja lá qual for o segredo dessa garota, é algo que ainda está bem vivo nela e eu acho que acabei de estragar tudo.

Eu fico mais algum tempo parado encostado no batente quando ouço barulho vindo do elevador, decido que é melhor eu ir para o meu quarto, mesmo que eu queria bater e pedir para ela deixar eu entrar, eu sei que existe um espaço entre nós que ainda não foi alcançado, tenho que respeitar isso.

Eu deito em minha cama, mas não consigo dormir, não consigo parar de pensar naquela garota, ela é linda, doce e triste ao mesmo tempo, quente e beija bem como um inferno! Cara, você tá numa roubada. Logo agora, eu não podia de forma alguma entrar nessa, se ela soubesse o quão fodido eu estou, ela nem sequer me deixaria beijá-la, mas, quando estou com ela,

estranhamente consigo esquecer de tudo e de todos e esse foi o propósito da viagem, então tecnicamente, ainda estou seguindo o planejado.

O despertador toca e sem demora, eu me levanto e me arrumo. Hoje iremos fazer um passeio de barco no rio, dentro os Fiordes, me agasalho bem e desço para a recepção. Como de costume, ela ainda não desceu, fico na dúvida se devo chamá-la, talvez, ela esteja brava comigo por causa do beijo, ela pode alegar que eu a beijei enquanto ela não estava totalmente sã, droga e se ela disser isso? E se ela me beijou justamente por isso? Peço para a recepcionista tocar no quarto dela e ela o faz, por três vezes seguida.

— Ninguém está atendendo. – a recepcionista diz.

— Tenta de novo, por favor. – peço.

— Eu já tentei, por três vezes, senhor.

— Ok. Vou até lá. Obrigada.

Aviso o Julian e subo para o quarto dela. Bato na porta com força diversas vezes até que ela responde.

— Quem é?

— Manuela, sou eu, Daniel. Estamos te esperando para o passeio.

— Daniel, desculpa, eu acho que perdi hora. Podem ir sem mim.

— Você tem certeza? Você está bem?

Ela fica em silêncio e eu pergunto novamente.

— Manuela, está tudo bem? Você não quer abrir a porta?

— Está tudo bem, eu estou de pijamas ainda, mas, podem ir, vou dar uma volta pela cidade depois.

É claro, a sua beleza é proporcional a sua teimosia.

— Ok. Nos vemos mais tarde então.

— Bom passeio.

Eu tento disfarçar a frustração quando chego na recepção e aviso o Julian que ela não vai, esperamos mais um hóspede descer e partimos para o cais. Cerca de vinte minutos depois, estamos todos no barco prestes a levantar âncora.

— Julian, eu não vou. – falo, ainda não acreditando que estou desistindo do passeio por causa de uma garota. Era para ser as minhas férias, eu não deveria estar focado em outra coisa a não ser, curtí-las!

— Você tem certeza?

— Sim, a Manuela não me parecia bem, acho que vou lá vê-la.

Ela lança um sorriso torto do tipo “já entendi tudo” e eu disfarço, como se eu não tivesse entendido o seu sorriso.

Subo correndo para o quarto dela e bato na porta, dessa vez, ela abre de primeira, seus olhos estão vermelhos e há uma tremenda olheira em volta deles, o que confirma que ela estava chorando na noite anterior. Ela ainda está de pijamas e se espanta ao me ver.

— Dan? O que está fazendo aqui, não deveria estar no passeio?

— Deveria. – respondo. Eu não me preparei para as perguntas, apenas vim, e agora não sei o que responder.

— E então?

— Quis vim ver como você está. – falo, analisando a sua reação.

— Eu? Por quê?

Sério mesmo que teremos que jogar esse jogo? Eu entendo que ela tenha algo que a machuca, mas será que já não demonstrei ser confiável o suficiente para ela se abrir comigo?

— Você não me parecia bem ontem à noite e hoje quando bati na sua porta, fiquei na dúvida...

— Eu agradeço a preocupação, mas, não deveria ter perdido o passeio por minha causa.

— Bom. Já perdi. – respondo, meio sem graça, ela não parece ter ficado contente em me ver.

— É... E eu ainda estou de pijamas. – ela diz, apontando para si mesma, eu evito percorrer o olhar para ela em seu pijama de corações.

— Quer tomar café comigo? Já que ia tomar no barco, não comi nada ainda.

— Legal. Vamos. Estou faminta também, você espera eu me arrumar?

— Claro.

Ela continua na porta, parada, e eu fico esperando ela me convidar para entrar, eu sei que eu poderia esperar em meu quarto, mas, já estou aqui mesmo, que mal há?

— Você quer entrar e esperar aqui dentro?

— Ok. – finjo não me importar com o convite.

— Pode sentar aí. – ela aponta para a mesa onde está o seu notebook aberto e ao lado, o Troll. – Eu vou tomar um banho bem rápido.

— Tudo bem, não estou com tanta fome assim. – brinco.

Ela pega algumas peças de roupa e se tranca no banheiro, eu ouço o barulho do chuveiro ligar e isso soa como o toque para a viagem ao paraíso. Como eu queria entrar por aquela porta e poder observá-la tomar banho. Realmente ela foi rápida, dez minutos depois, ela está desligando o chuveiro

e deduzo que está se secando.

Eu brinco com o Troll nas mãos quando um barulho de novo e-mail, apita em seu notebook, eu tento não olhar para a tela, mas, é impossível não fazê-lo. O título diz: Queda livre. Consigo ver que é uma resposta.

Ela sai do banheiro e eu disfarço com Troll na mão.

— Você sabe que passei a gostar dessa coisinha feia? – ela diz, enquanto veste um casaco preto.

— Eu sabia que você ia se render ao charme do Troll. – Manuela ri e eu esqueço o episódio do e-mail que me deixou curioso. Ela esconde algo que a machuca e espero um dia poder ajudá-la com isso...

— Vamos?

— Sim. – respondo, colocando o boneco sobre a mesa novamente.

Caminhamos alguns quarteirões e chegamos a uma cafeteria, pedimos os nossos cafés e assim que a atendente sai eu crio coragem e começo a falar.

— Manu, sobre ontem – começo – eu quero dizer que... – quando estou prestes a falar, o meu celular, que está sobre a mesa, começa a tocar. Eu vejo quem é e desligo a ligação imediatamente, espero que a Manuela não tenha visto. A Letícia sabe ser inconveniente mesmo.

— Eu sei, foi um erro, não foi? – ela me interrompe. – Eu peço desculpas, eu estava meio alterada.

— Sim. Foi um erro. – não era isso o que ia dizer, de forma alguma eu diria que foi um erro, mas, ela acabou de deixar claro que estava alterada, então, acho que me enganei e feio ao achar que ela estava se sentindo atraída por mim.



Manuela

*“Cut open my heart right at the scar and loosen up. Gonna do what
I'm told
Go where I'm told and loosen up. Take a shot in the rain. One for
the pain and loosen up. I tried all the way.”*

*“Vou abrir meu coração na cicatriz e me soltar. Vou fazer o que
mandaram.
Ir para onde fui mandado e me soltar. Tomar uma dose na chuva.
Uma pela dor e me soltar. Eu tentei todo o caminho.”*

(Kings of Leon — Wait For Me)

Quando eu o vi parado em minha porta, experimentei uma sensação estranha de alívio, alívio por ele não ter ido ao passeio e ter preferido ficar comigo. Eu não me sentia em condições de ir, acordei assustada com o telefone tocando e tive a certeza de que era da recepção. Eu já estava atrasada, de que adiantava correr para me arrumar e ir com eles? Preferi continuar na cama mais um pouco e mais tarde sair para dar uma volta. Eu já tinha tudo planejado, mas, quando vi o Daniel na minha porta não me importei que ele me visse de pijamas ou descabelada, eu só queria que ele soubesse que fiquei feliz pela consideração.

Estou cada vez mais apaixonada por Bergen, paramos em uma lanchonete pequena e aconchegante, daquelas em que as mesas são conjugadas com os assentos e as garçonetes trazem o café na jarra de vidro.

Nós fazemos nossos pedidos e assim que a garçonete se retira ele inicia a conversa, fazendo menção sobre a noite anterior. Eu não o espero terminar, não preciso ouvi-lo dizer que se arrepende, é uma questão de tempo para ele

perceber que sou instável, que ainda sofro pela perda do Léo e acho que ambos não precisamos passar por isso. Para a minha irônica alegria, ele concorda comigo e afirma que foi um erro o que fizemos e nesse momento me sinto triste porque alguma parte oculta de mim queria que no fundo, não fosse um erro, não fosse o momento errado para nos beijarmos.

— Bom, então amigos? – respondo em seguida.

— Claro. Amigos. – ele responde. Em seguida o seu celular toca novamente e vejo o nome Letícia aparecer na tela, é a segunda vez que ela liga.

— Eu preciso atender. – Ele diz. Eu faço sinal com a cabeça e ele se levanta, atendendo a ligação caminhando em direção à porta.

A garçonete traz os nossos pedidos e começo a comer sem ele, que já está a mais de cinco minutos na calçada ao celular.

— Desculpa deixá-la sozinha, eu tive que atender, era importante. – ele diz, ao retornar à mesa.

— Sem problemas. – respondo, mas no fundo, tenho que confessar que fiquei intrigada com a ligação da mulher, a ideia de que ele possa ser comprometido começa a me assombrar. – Espero que não se importe eu ter começado a comer sem você, eu estava faminta.

— Claro que não. – ele se serve e começa a comer também.

Após mais quase dez minutos de silêncio, onde ele parecia estar em qualquer outro lugar menos sentado à minha frente, eu resolvo falar. – Amanhã é o meu último dia em Bergen.

Eu o encaro esperando a sua reação, ele coloca a xícara de café na mesa e me fita com o semblante preocupado.

— Mas já? Pensei que fosse ficar mais tempo.

— Ainda vou para a Dinamarca e alguns outros países, o meu hotel já está reservado em Copenhagen.

— Nossa, eu nem sei o que dizer! Pensei que poderíamos passar mais tempo juntos... – ele mexe na sua xícara, sem olhar para mim – Acho que eu estava me acostumando à sua companhia.

Eu olho espantada para ele, a reação dele foi estranha, como se ele estivesse verdadeiramente triste com a notícia que acabei de dar.

— Acho que vou sentir a sua falta. – solto, sem pensar direito no verdadeiro sentido da minha frase.

— Bom, eu retorno ao Brasil em seis meses, talvez, a gente possa se ver lá...

— É... talvez.

— Que tal aproveitarmos esses dois últimos dias então? – ele pergunta, tomando um gole do seu chocolate quente.

— E o que você sugere?

— Viaja comigo para ver a Aurora Boreal?

Eu assusto com o convite dele. – Como assim, viajar com você?

— Daqui vou para Tromso, o melhor lugar do mundo para se ver a Aurora, eu vou adorar ter a sua companhia.

— Mas Tromso não é longe de Bergen?

— Sim, teríamos que partir ainda hoje, pegamos um voo direto para lá, eu ia só daqui a uma semana, mas, posso antecipar, depois, você pode pegar um voo de lá para Copenhagen.

— Nossa, nem sei o que dizer, estou confusa. É um convite tentador.

— Vamos? O que você tem a perder? Você tenta mudar o seu voo para Copenhagen para daqui a alguns dias e eu uso as minhas milhas, que são muitas, para viajarmos até Tromso.

Enquanto ele fala, eu tento ordenar os pensamentos em minha mente, me perguntando se haveria algum mal em aceitar o convite dele. Eu mal o conheço e fazer uma viagem dessa, que estava totalmente fora do meu roteiro, me parece um pouco assustador. Eu planejei a viagem toda baseada nos lugares em que o Léo disse que conheceu e disse que queria eu tivesse conhecido com ele, aceitar mudar o roteiro com o Daniel, dentro de mim significa que estou de certa forma, deixando o Léo e eu não posso fazer isso.

— E então? – ele diz, após o meu longo silêncio.

— Eu fico feliz com o seu convite...

— Mas? – ele interrompe.

— É que não me sinto preparada para isso.

— Isso o quê? É só uma viagem, Manu!

— Não para mim. Acho que você não entenderia, tem a ver com a minha história.

— Todos temos uma história, só não podemos deixar que elas nos limitem a seguirmos em frente, porque se isso acontecer, estaremos fadados a perder todas as outras possíveis histórias que poderíamos estar vivendo. – Daniel coloca a mão dele sobre a minha e o seu polegar acaricia em um zig-zag a minha mão, me fazendo a pensar na frase em que acabou de dizer.

— O pior é que eu sei que você está certo.

— Manu, não sei qual é a sua história e não vou pedir para contá-la,

mas, você pode começar a viver outra história, só depende de você.

— Ok. Eu aceito. — falo, ainda na dúvida se estou fazendo a coisa certa.

— Ótimo! — ele responde, animado. — Vamos então voltar para o hotel e arrumar as coisas, vou reservar as passagens.

Ele fala tão empolgado e feliz que me faz me sentir assim também, como uma criança que está prestes a fazer o melhor passeio da sua vida.

Enquanto ele busca as passagens, eu aproveito para ler a resposta da Carol:

De: Carolzinha

Para: Manu

Assunto: Res Queda livre

Manu,

Finalmente você parece estar saindo do casulo! Menina, não há nada de errado em sentir vontade de beijar outra pessoa, a vida continua para você, tem que continuar. Por favor, se dê uma chance para ser feliz, talvez, nunca, ninguém irá substituir o Leonel, mas, ele não precisa ser substituído, ele pode continuar tendo o espaço reservado a ele, aí, dentro de você e ainda assim você poderá abrir novos espaços.

Por favor, me escreva dizendo que o beijou novamente e me conte todos os detalhes.

P.S. Estou pensando seriamente em pegar um avião caso você me diga que desistiu sem nem ao menos tentar.

Beijo da sua amiga que te ama.

Eu decido responder ao e-mail dela quando chegarmos em Tromsø, ela vai surtar ao saber que aceitei o convite dele.

Algum tempo depois, ele bate em minha porta perguntando se já estou pronta, eu termino de guardar algumas coisas e descemos para a recepção. Encerramos a conta no hotel, deixamos um bilhete para o Juan, agradecendo a ele por ter sido o nosso guia e partimos rumo ao aeroporto. O nosso voo será à noite, mas, preferimos ir com antecedência, o Daniel estava empolgado demais para esperar.

— Lá é muito frio? – pergunto, enquanto estamos sentados em uma cafeteria do aeroporto.

— À noite, para ver a Aurora, chega a menos dez graus Celsius. Você vai sobreviver. – ele diz, rindo.

— Meu Deus, será?

— Eu te esquento. – Ele diz, dando um sutil empurrão com o seu corpo contra o meu.

Nos ajeitamos em nossos assentos e logo o avião levanta voo, Daniel abre o obturador da sua máquina e bate uma foto nossa. Eu peço para ver as fotos e ele me entrega a máquina.

Começo de frente para trás, são muitas fotos de lugares que nunca imaginei que existia, paisagens lindas, ele é bom no que faz, consegue capturar momentos de uma forma tão natural. À medida que vou passando as fotos, começo a reconhecer alguns lugares, até que sou surpreendida com uma foto.

— Merda! Essa sou eu? – pergunto irritada. Ele se espanta e pega a máquina da minha mão. Eu o fito esperando por sua resposta.

— Eu posso explicar Manu.

— Explicar? Estou dentro de um avião com um cara que conheço há menos de uma semana e de repente vejo que ele tem uma foto minha em sua máquina tirada antes mesmo de nos encontramos!

— Manuela, se acalma, tá legal? Eu te explico, mas você precisa ficar calma.



Daniel

*“You’re my end and my beginning, even when I lose I’m winning
’cause I give you all, all of me and you give me all, all of you.”*

*“Você é o meu fim e meu começo, mesmo quando eu perder eu
estou ganhando porque eu te dou tudo, tudo de mim. E você me dá
tudo, tudo de você”*

(All of Me – John Legend)

A reação dela me assustou, eu sei que ela pode estar pensando besteiras de mim, mas, se ela não me deixar explicar, como seguiremos viagem?

— Me explica então, Daniel! – ela diz, irritada.

— Sim, eu tirei essa foto no aeroporto na França, você estava distraída, não percebeu. A forma como você olhava para o nada, me chamou a atenção e então comecei a pensar se você estaria indo para o mesmo lugar que eu, se estaria no mesmo voo, pelo fato de estarmos no mesmo saguão de embarque. Cada vez que eu olhava para você encarando o nada, eu me perguntava o que se passava em sua cabeça e então, o meu voo foi anunciado, quero dizer, o nosso voo, mas, eu não te vi no avião, fui te ver somente em Oslo, antes de embarcamos no trem.

— Quer dizer que não foi por acaso que nos conhecemos?

— Isso faz diferença?

— Você vai me achar estúpida, mas gosto da ideia de que nos conhecemos por acaso, em um trem, é estranho saber que você já havia me visto antes daquele momento. Eu não sei, é confuso.

— Manu, me ajuda a entender, por que ficou tão brava? – pergunto, colocando a minha mão sobre a dela no braço do assento. Eu realmente quero entender a reação dela.

— Eu não sei. Eu só queria que fosse assim, por acaso e não planejado.
— ela diz, ainda irritada.

— Se isso te deixa melhor, eu não acredito no tal do acaso, mas, não foi planejado, foi porque tinha que ser, Manu. E me desculpa por não ter falado com você sobre isso antes, eu nem sei porque eu não o fiz.

— Olha, eu não gostei de ver uma foto minha em sua máquina e não saber que você já via me visto antes, essa sensação é estranha, mas, me desculpa pela a minha reação, eu assustei ao ver a foto e passou tanta coisa pela a minha cabeça. — ela me fita e ainda parece estar confusa, eu gostaria de entender o que realmente a deixou tão estranhamente abalada, é como se o fato de eu já tê-la visto antes de nos conhecermos, torne tudo isso o que estamos vivendo, em algo que não vai dar certo. Preciso encontrar uma forma de mostrar a ela que ela está errada.

É engraçado falar sobre o acaso, se ela soubesse o estrago que ele, ou, a falta dele, já causou em minha vida. Quando tudo aconteceu eu repetia para mim mesmo que o maldito acaso me fez estar lá, na hora errada, no lugar errado, somente depois de muito tempo, depois da minha recuperação, como meu pai gosta de chamar, é que eu me dei conta de que não foi por acaso, nem tampouco eu estava no lugar errado. Foi o destino, esse sim sabe o que faz, mesmo quando o questionei noite após noite, mesmo quando eu duvidei se algum dia, eu conseguiria me reerguer e seguir em frente novamente.

Se fosse outra garota, eu não me empenharia tanto em defender a minha opinião, mas, essa garota, não é qualquer uma, eu me senti atraído por ela somente por ver a forma como ela parecia estar alheia ao mundo ao seu redor, parece que me identifiquei com o momento dela porque eu também já vivi esse momento e no aeroporto, ela me fez lembrar de mim mesmo em um passado não muito distante.



Manuela

*“And I know these scars will bleed but both of our hearts believe,
all of these stars will guide us home”*

*“E eu sei que essas cicatrizes vão sangrar, mas, os nossos
corações acreditam, todas essas estrelas vão nos guiar para casa”*

(Ed Sheeran – All Of The Stars)

Você se sente feliz e aliviada quando percebe que o destino está novamente ao seu favor e de repente, descobre que não era o destino e sim uma peça teatral de alguém que te fez acreditar que o destino pudesse estar agindo. Foi o que senti quando vi a minha foto na máquina do Daniel. Ter conhecido ele no trem me fez acreditar que era algo feito pelo destino, ou, até por Deus, como se Ele tivesse enviado o Daniel para me ajudar a enfrentar a viagem e aí, tudo vira do avesso e sinto como se mais uma vez, eu acreditei no inexistente, talvez, não exista força alguma lá em cima regendo a gente aqui embaixo, eu tenho a sensação de que estou por conta, sem o destino, sem Ele, sem o Léo.

— Quer ouvir algo em que acredito? – Daniel pergunta, após alguns minutos de silêncio.

— Fala. – respondo, um pouco menos irritada.

— Quando estive na Índia, aprendi uma coisa em que passei a acreditar; é o que eles chamam de quatro leis espirituais. – ele faz uma pausa acho que para ver se realmente estou interessada a ouvir e quando eu balanço a cabeça ele continua — A primeira diz que a pessoa que chega, é a pessoa certa, que ninguém chega por acaso, cada um que chega, é para nos ensinar algo. Eu levo isso a sério. – parece que ele adivinhou exatamente o que eu estava

pensando, ele me fita nos olhos, enquanto em minha mente, a frase pessoa certa, momento errado martela freneticamente. Não, eu e o Léo nunca fomos as pessoas erradas, nunca.

— E a segunda, qual é? – pergunto, enquanto seguro a vontade de chorar.

— A segunda lei diz que o que aconteceu é a única coisa que podia acontecer. Pensar assim, nos ajuda a seguir em frente, a não nos culparmos ou questionarmos com o famoso “e se”.

— Você está certo, feliz é quem tem a convicção dessas leis, parece que fica mais fácil.

— Sim, para eles, essas leis estão enraizadas, para nós, ainda são um pouco conformistas. Quer saber as outras duas?

— Quero. – respondo, sentindo que a raiva de minutos atrás, está passando.

— A terceira diz que em qualquer momento que comece, é o momento correto. Eles acreditam que tudo começa no momento certo, nem antes, nem depois. Que algo novo, somente acontecerá em nossas vidas, quando estivermos preparados para que aconteça. E a quarta, diz que quando algo termina, termina. Que se terminou foi para a nossa evolução.

— Sabe, se nada é por acaso e tudo tem uma razão de ser, acho que não foi por acaso que você me disse isso, eu estava precisando ouvir, eu não consigo explicar, mas, me fez bem. Você não imagina o quanto.

— Eu imagino, Manu, acredite, eu imagino... – ele dá um beijo em minha testa e eu repouso a minha cabeça em seu ombro, adormecendo pouco tempo depois.

— Bela... Acorda, chegamos – ouço ele sussurrar em meu ouvido e desperto de um sonho maluco, onde estou voando novamente pelo Fiordi com o Léo voando de um lado e o Daniel do outro, o Léo dá um beijo na palma da minha mão e manda eu seguir. Eu abro os olhos e percebo que estou chorando, seco as lágrimas sem que o Daniel perceba, não quero ter que explicar um sonho maluco para ele.

— Quanto tempo eu dormi? – silabo.

— Muito. – ele responde, tirando uma mecha de cabelo do meu rosto. Ele é sempre tão tenro e doce. — Nós já vamos pousar.

Eu balanço a cabeça em afirmativo e me ajeito em meu assento.

Sinto o frio cortante logo que saímos do aeroporto para entrarmos no táxi, o Daniel deu o endereço do hotel que ele já ia ficar se viesse sozinho e

seguimos para lá.

— Bom dia, há uma reserva em meu nome, Daniel Luscenti, para a semana seguinte, gostaria de saber se dá para antecipar e se há outro quarto disponível. – ele fala em inglês para a recepcionista.

A recepcionista começa a digitar algo no computador e algum tempo depois ela responde.

— Senhor, nós podemos antecipar a reserva, no mesmo quarto, suíte luxo, mas, para essa semana todos os nossos outros quartos estão lotados, eu sinto muito.

— Bom, eu já paguei pela reserva, há devolução? Eu terei que procurar outro hotel. – ele responde, olhando para mim, que observo calada.

— Eu sinto muito. Não há devolução.

— Daniel, podemos ficar com esse, a gente dá um jeito, são poucos dias, logo vou para Copenhagen.

— Podemos? – ele pergunta, confuso.

— Sim, acho que sim.

— Vamos ficar com o quarto. – Daniel diz para a recepcionista, que entrega para ele o cartão do quarto.

Ele abriu o quarto e me surpreendi com o tamanho dele. Há um hall de entrada com uma mesa de centro e um pequeno sofá, no canto, atrás dele, há um minibar e ao fundo, a gigantesca cama com lençóis de seda.

— Luxo mesmo! – brinco.

— Às vezes é bom... – ele responde, ajeitando as malas.

— Sério mesmo que você havia reservado esse quarto para você sozinho?

— Sim. Era o que tinha quando fiz a reserva. E então, quer descansar ou dar uma volta? Não podemos demorar porque temos que estar descansados para partimos à noite, em busca da Aurora Boreal.

— Partimos? Como assim? Pensei que fosse aqui que a veríamos?

— Temos que nos afastar das luzes da cidade para conseguirmos ver, é claro, temos também que contarmos com a sorte para isso.

— Bom, vamos então só dar uma volta, estou faminta.

Caminhamos cerca de três quadras até chegarmos no centro da cidade, onde há lojinhas de souvenirs, pubs, restaurantes e também livrarias. Escolhemos um restaurante pequeno e aconchegante, pedimos um risoto de camarão e vinho branco, fiz uma nota mental para não me esquecer de beber pouco dessa vez.

Terminamos de comer e decidimos voltar para o hotel e descansarmos antes de sairmos em busca da Aurora.

— Você fica com a cama e eu fico no sofá. — ele diz, apontando para o sofá marrom na sala de estar da suíte. A cama fica na mesma direção que ele, só que bem mais ao fundo do quarto.

— Claro que não, você é quem fica com a cama, a intrusa aqui sou eu! — respondo, me sentando no sofá para mostrar a ele que estou falando sério.

— Pera lá, você não é intrusa, é convidada, portanto, já para a cama! — ele me pega pelo braço e me puxa para a cama, eu reluto no começo, mas, sou vencida por ele e me jogo na cama logo em seguida.

— Difícil discutir com você. — resmungo.

— Sempre é. — Ele responde, piscando para mim, se arrumando no sofá.

— Até mais, Dan. Bom descanso.

— Bom descanso, Manu. Saímos daqui a três horas.

Eu rolo de um lado para o outro dizendo para mim mesma que tenho que descansar, mas, embora meu corpo esteja cansado, eu não me sinto com sono ou com vontade de dormir. Fico repassando em minha mente a última semana enquanto me dou conta da loucura que estou fazendo, aceitei o convite de alguém que mal conheço para viajar com ele e agora estou deitada em uma cama, olhando para ele que está com os olhos fechados enquanto algo muito estranho acontece comigo. O pior de tudo é que estou gostando dessa sensação, de ambas, da sensação de liberdade e coragem, por estar aqui com ele e da sensação estranha de vê-lo deitado de frente para mim, como se eu quisesse estar deitada ao lado dele.

Mais de meia hora se passou e eu ainda não consegui dormir, o Daniel havia me explicado que às vezes, demora muito para conseguirmos ver a Aurora e por isso é que precisávamos descansar, para aguentarmos acordados durante a madrugada, mas, não adianta, eu não estou com sono e ficar nessa cama não está dando certo. Me levanto na ponta dos pés, abro a minha mala, pego meu nécessaire e vou para o banheiro, talvez, o banho quente me relaxe e me ajude a pegar no sono.

Passo cerca de vinte minutos no banho, como fiquei com medo de acordar o Daniel para pegar as minhas roupas, eu visto um dos roupões disponíveis no banheiro e saio novamente nas pontas dos pés.

— Você não deveria caminhar pelo quarto usando somente um roupão...

Eu assusto com a voz dele e paraliso no meio do quarto, entre a cama e o sofá.

— Você está acordado. – falo baixinho.

— Sim, desde a hora em que deitei.

Eu continuo paralisada no meio do quarto, em uma espécie de transe enquanto os seus olhos azuis fitam os meus.

— Desculpe. Pensei que estava dormindo e não quis lhe acordar para pegar minhas roupas, eu estava sem sono.

— E agora, está com sono? – ele pergunta, se levantando e vindo vagarosamente em minha direção, como se estivesse analisando a minha futura reação.

— Não. Não estou. – respondo, com uma certa dificuldade para respirar.

Daniel caminha ao meu encontro, passando por mim e se posicionando atrás de mim.

— Droga, Manuela! Estou prestes a fazer uma loucura. – ele sussurra em meu ouvido. Eu me contraio e ele percebe a sensação que causou em mim.

Enquanto a minha respiração se torna mais ofegante e pesada, ele começa a acariciar os meus cabelos, e ainda atrás de mim, ele beija o meu ombro sobre o roupão.

— Eu preciso que você me pare agora, porque se eu encostar a minha mão em você, se eu tocar o seu corpo, temo que não conseguirei parar. – a voz dele entra em meus ouvidos como uma melodia doce, faz com que o meu corpo todo reaja a seu favor e em segundos, estou perdendo o controle de mim mesma.

— Eu não espero que você pare. – respondo, com o pouco de forças que me resta. Ele volta a me beijar, dessa vez em minha nuca e mais uma vez eu me contraio.

— Você é sensível. – ele diz. – É gostoso de fazê-la arrepiar.

Eu apenas balanço a cabeça, ansiando pela próxima ação dele.

Ele me vira para ele e nossos olhares se encontram novamente, sinto o meu rosto corar da mesma forma que sinto o meu corpo todo esquentar.

— Eu preciso te beijar. – ele diz, como se estivesse pedindo permissão para fazê-lo e sem nada responder, eu fecho os olhos e jogo os meus braços ao redor do pescoço dele, eu preciso que ele me beije e não pare, eu não quero ter tempo para pensar, porque pensar me leva a me culpar e por Deus, eu quero um minuto com ele sem me sentir culpada pelo o Leonel.

Ele solta um gemido baixo e em seguida, sinto os seus lábios encostarem nos meus. Sua língua começa a se movimentar dentro da minha boca e suas

duas mãos envolvem a minha cintura, me puxando para ele. Eu sinto a sua excitação e isso me deixa com mais desejo ainda. O beijo que antes era suave, começa a ficar mais urgente, como se estivéssemos esperando por ele há anos.

Ele move os nossos corpos em direção ao sofá e eu começo a conduzi-lo em direção a cama.

— Você tem certeza? – ele diz, em tom baixo.

— Tenho. – respondo, ciente de que depois que começarmos, não vamos conseguir parar.

Ele me deita na cama e para por um instante que parece ser uma eternidade.

— Por Deus, Manuela! Como você é bela. – seus olhos ainda presos nos meus, brilham de uma forma intensa. Eu viro o rosto, tentando disfarçar a vergonha que as suas palavras me fizeram sentir.

— Você está com vergonha?

Eu apenas balanço a cabeça.

— Você tem ideia de quão sexy fica assim, meio envergonhada?

Eu sorrio e quando me dou conta, estou mordendo os lábios. Nesse mesmo momento, a lembrança do Leonel fazendo comentário semelhante sobre a minha vergonha, me vem à cabeça, eu fecho os olhos e o espremo com força na tentativa de apagar o pensamento e sou desperta do meu transe momentâneo com o Daniel murmurando.

— Droga, Manu! Eu preciso sentir você.

— Então vem. – Sussurro.

Ele pega uma camisinha em sua carteira e volta para a cama. A facilidade com que ele tira o meu roupão e me beija ao mesmo tempo, é impressionante e também perturbadora. Ele se apoia sobre a cama com uma das mãos e com a outra, tira a minha calcinha. Eu começo a desabotoar o jeans dele e em seguida ele tira a blusa de frio que estava vestindo e a camiseta.

— Bela. – ele sussurra em meu ouvido e segundos depois, o sinto dentro de mim, se movendo com intensidade e força.

Eu cruzo as minhas pernas ao redor dele e ergo o quadril para melhor senti-lo. Ele continua a me olhar fixamente e segura o meu rosto com as duas mãos antes de voltar a me beijar. Um beijo gentil, mas, cheio de desejo.

— Eu quero que você se entregue, Manu. – ele diz e eu fecho os olhos, sabendo o que as palavras dele significam e então, pouco tempo depois, meu

corpo parece entrar em combustão, uma forte e violenta combustão, como se fôssemos ambos, o combustível, o comburente e a ignição ao mesmo tempo, porque no instante em que pareço explodir em chamas, o sinto explodir também e segundos depois, estamos deitados um ao lado do outro.

— Eu não sou de falar isso, não após fazer o que fizemos, mas, porra Manu, você é incrível.

Eu sorrio, encantada com a forma gentil dele elogiar o sexo que fizemos.

— Acha que consegue dormir um pouco agora? – ele pergunta, gentilmente.

— Humhum. – respondo, sentindo o meu corpo cansado.

— Vou te deixar dormir então. – ele diz, se sentando na cama como os pés para fora dela.

— E você?

— Vou tomar uma ducha. Descansa, bela Manuela.

Ele beija a minha testa e eu fecho os olhos, me rendendo ao sono que parece ter vindo com força total.

Acordo com ele chamando o meu nome, já vestido, como se estivesse pronto para sair, viro o rosto para o lado da cama e percebo que ele não voltou para ela depois da ducha, eu me sento na cama e olho para o sofá, acho que ele voltou a dormir lá.

— Ei, está quase na hora de sairmos. – ele diz, esticando o meu roupão para mim, então, me dou conta de que estou nua. Eu adormeci enrolada no lençol e nem me dei conta de que o meu roupão estava caído em algum lugar.

— Obrigada. – respondo, tentando controlar a vergonha.

— A recepção do hotel ligou avisando que o carro que aluguei já está disponível, eu vou levar as coisas para ele enquanto você se veste, se eu ficar aqui olhando você, acho que não conseguiremos ver a Aurora Boreal hoje.

Nós dois rimos e ele sai do quarto, dizendo para eu vestir algo bem quente. Eu corro para o banheiro e tomo uma ducha rápida, quando ele retorna, já estou vestida e esperando por ele.

— Vamos?

— Vamos. O que foi levar para o carro?

— Barraca, garrafa térmica, lanterna, essas coisas.

— Nós vamos acampar?

— Quase isso.

Eu pego a minha bolsa e quando estou passando por ele na porta do quarto, ele segura a minha mão.

— Ei, você está bem com o que aconteceu? – sua voz parece preocupada.

Eu decido responder de uma forma diferente, dando um beijo rápido em sua boca. Quando me viro para sairmos, ele me puxa novamente e dessa vez, me beija com força.

— Vamos, antes que fique mais difícil. – ele diz, após parar de me beijar.

Entramos no carro e seguimos em direção ao que parece ser a zona rural da cidade, o Daniel liga o rádio e começa a buscar alguma rádio, reconheço a música assim que ele para em uma, *Begin Again*, da Taylor Swift. Eu acho graça, porque a música parece ser propícia para o momento, ela fala sobre a dor de amar e sobre recomeçar e sentir tudo novamente.

Vinte minutos depois, ele estaciona o carro em um lugar descampado e percebo que ao redor há outros carros. No computador de bordo, a temperatura marca em cinco graus negativos, embora eu não esteja com frio dentro do carro, eu sei que lá fora, mesmo com a roupa térmica que estou vestindo, as luvas e o gorro, provavelmente irei sentir.

Daniel me explica que é um lugar comum e o mais visitado para quem persegue a Aurora, ele desce do carro e pede que eu fique nele enquanto ele arma a barraca e aquece ela com uma espécie de lampião a gás.

— Se tivermos sorte, não vai demorar muito para ela aparecer. – ele diz, assim que nos acomodamos na barraca.

— Sorte? Xiiii estamos fritos então, porque sou uma das garotas mais azaradas que você possivelmente já conheceu. – brinco, me cobrindo com uma manta.

— Azarada? Você não me conhece direito, na quinta série, no desfile de sete de setembro, uma pomba cagou na minha cabeça, éramos em 150 alunos desfilando na principal avenida da cidade e aquele maldito pombo escolheu a minha cabeça para liberar a sua comida matinal.

— Você está falando sério? – pergunto, rindo da situação. Ele ri também e mostra em sua cabeça onde mais ou menos fora atingido.

— Tá, mas você era criança, pior fui eu que estava passeando no shopping com minhas amigas, eu tinha uns 17 anos e estava me sentindo o máximo com o meu primeiro sapato de salto, eu só não contava que ele fosse ficar enroscado na grade do chão, me fazendo cair como árvore sendo cortada, só faltou alguém gritar “madeira”.

— Nossa, isso deve ter sido traumático. – ele diz, debochado.

— E foi. Eu morri de vergonha, fiquei até os meus dezoito anos sem usar salto novamente.

— Ok, mas acho que desse você não ganha, vou te provar que sou mais azarado que você.

— Duvido, manda.

— Com 17 anos, fui fazer intercâmbio nos Estados Unidos, eu estava no intervalo da aula e fui até a cantina pegar um café, a professora de economia estava fazendo um pedido também, ambos pedimos um café e então ela me perguntou se eu tomava com frequência e eu respondi que sim e usei o termo “turn me on”, querendo dizer que o tomava porque ele me deixava acordado, mas, não me toquei que o termo tem uma conotação um pouco diferente, quando alguém diz isso lá, quer dizer que fica excitado e não acordado. Eu morri de vergonha quando a própria professora me corrigiu.

— Uau, não digo azarado, mas, você tem uma coleção de micos engraçados.

— Isso quer dizer que ganhei?

— Não, porque não foi você que estava no mar pulando onda quando a parte de baixo do seu biquíni resolve te trair e descer bem quando a onda passa.

— Isso foi sério?

— Muito.

— Queria ter visto. – ele diz, piscando para mim. — Mas ainda assim, eu ganho, já pisei no chiclete indo fazer uma entrevista de trabalho, cheguei lá grudando no chão.

— Eu já derrubei refrigerante em um carinha em que estava paquerando, na balada. – rebato, como se estivéssemos em um concurso.

— Eu já consegui ser atropelado andando de bicicleta.

— Eu perdi o meu namorado para o câncer algumas semanas depois em que ele me pediu em namoro.

Ele me olha confuso e eu me dou conta do que acabei de dizer. Me levanto rapidamente e me afasto dele, que fica apenas me observando.

Eu sou mesmo muito estúpida! Tudo estava indo bem, o mundo parecia perfeito até o momento em que eu resolvo tirá-lo de ordem com a minha confissão. Agora, ele sabe o que me trouxe à Noruega, sabe do que estou fugindo, ou, buscando. Tudo o que eu não podia era deixá-lo ver o quão vulnerável eu sou.



Daniel

“All I went through, led me to you so I'd do it all over again for you”

“Tudo pelo o que passei, me levou até você. Então, eu faria tudo de novo, por você.”

(Bruno Mars – Again)

Por alguns poucos minutos, Manuela fica em pé observando o horizonte, eu dou a ela esse tempo antes de me levantar e chamá-la para retornar à barraca, o frio absurdo vai castigá-la. Agora, tudo faz sentido. O buscar ou fugir, se enquadra perfeitamente para ela. Ela perdeu o namorado e isso justifica estar viajando sozinha. A dor que vi em seus olhos após ela dizer que ele morreu dias após pedi-la em namoro me fez querer abraçá-la e tomá-la em meus braços, mas, essa dor me pareceu ser uma dor tão particular e íntima que não me senti no direito de invadir esse espaço.

— Manu, vamos entrar, está frio, vamos ficar na barraca até conseguirmos ver a Aurora e irmos embora. – eu busco a mão dela para conduzi-la para a barraca e ela de imediato a solta.

— Desculpa. Por tudo. – ela diz, sem olhar para mim.

— Tudo? — Pergunto confuso.

— Sim. Por ontem, por hoje. Tudo.

— Manuela, você está se desculpando pelo o que fizemos ontem? – falo, me sentindo ultrajado, eu sei que ela deve estar chateada com ela mesma por ter exposto a sua ferida, mas, querer agora, reverter o que aconteceu entre nós me parece uma fuga, das grandes.

— Sim. Eu não devia ter feito, não devia ter deixado acontecer. Não faz nem seis meses que ele faleceu e já estou me deitando com outra pessoa. Eu sou uma péssima namorada.

Eu a fito ainda sem saber se estou com raiva de tudo o que ouvi ou se estou com vontade de tomá-la em meus braços e beijá-la para reconfortá-la.

Ela abraça a si mesma para se proteger do frio e eu a convengo a caminhar de volta. Ficamos em silêncio por alguns segundos quando somos surpreendidos com o barulho de gritos e palmas, eu a viro para o lado oposto e lá está o que tanto queremos ver, a Aurora Boreal, tão majestosa quanto da última vez em que a vi, nesse mesmo lugar. A Manuela me olha confusa, como se não estivesse acreditando no que está vendo e nesse momento, ela parece ter esquecido o episódio de minutos atrás. Eu sei que não conversamos o que temos que conversar, não posso deixar a conversa estagnar no rumo que tomou, muito ainda tem que ser dito, mas, nesse momento em que estamos vendo uma das ações mais linda da natureza, eu apenas a deixo curtir o momento enquanto uma explosão de cores parece brincar de pega— pega no céu.

— Acho que nunca mais em minha vida irei ver algo tão lindo quanto isso. — ela diz, sem tirar os olhos do fenômeno.

O verde começa a dançar no céu e eu pego a minha câmera para filmar o momento, ela não percebe que a estou filmando de costas para mim, virada para a Aurora, eu fico algum tempo assim, até mudar para a função foto e a chamo.

— Tira uma foto comigo?

Ela abre um pequeno sorriso e se posiciona ao meu lado, eu a abraço e a puxo para perto de mim, ela deita a sua cabeça em meu ombro e eu tiro a foto, nós dois abraçados lado a lado e um show de luzes atrás de nós.

— Desculpa. — ela diz, virando o rosto para mim.

— E agora, a desculpa é pelo o quê?

— Pela desculpa anterior. — ela diz, com os olhos estreitos.

— Você pede desculpas demais. — eu dou um beijo em sua têmpora e ela fecha os olhos.

— Estou com frio. — ela diz, quase fazendo um beicinho.

— Vamos voltar para a barraca e terminamos ver de lá. — eu a aperto com força contra o meu corpo e sentamos dentro da barraca.

Eu pego duas canecas e a garrafa térmica e nos sirvo um pouco de chá que o hotel havia preparado a meu pedido.

— Quanto tempo dura? — ela pergunta, tomando um gole do chá.

— É difícil prever, ela pode durar quinze minutos, pode durar uma hora direto ou ainda, durar os quinze minutos e depois de uma hora, voltar.

— Sério que ela pode voltar? Podemos ficar para ver?

— É sério sim. Acho que hoje, pela forma como a explosão foi, ela não vai durar mais do que os quinze vinte minutos, mas, não temos como saber se ela vai voltar.

— Eu quero ficar! – ela exige, como uma criança mimada. – E enquanto esperamos, você me explica como ela funciona.

— É sobre isso mesmo que vamos conversar enquanto esperamos? – pergunto, deixando claro que temos outro assunto para conversar.

— Sim. É esse. Eu quero entender, vou chegar no Brasil contando o que vi sem saber explicar?

— Vamos fazer um trato. – eu proponho, sério.

A minha intenção para essa noite era de voltarmos para o hotel e jogá-la naquela cama e fazer amor com ela, sim, amor, daqueles que a gente só faz com quem a gente sente aquela estranha química. Eu quero acariciá-la e beijá-la como ela merece, sussurrar em seus ouvidos o quão bela ela é e acordá-la amanhã com café na cama. Essa vontade é meio estranha para mim, eu parei de acreditar no amor desde que o destino resolveu brincar com as minhas crenças, mas, com ela, é diferente.

— Que trato?

— Eu te falo tudo o que sei, mas, não vamos voltar para o hotel sem conversarmos sobre o que eu quero conversar.

Ela me olha por um tempo, como se estivesse pensando a respeito da minha proposta. Eu estou decidido, só vou embora quando realmente conversarmos.

— Ok, a Aurora primeiro. – ela diz, se ajeitando no fundo da barraca.

Expliquei a ela que o fenômeno se dá devido como uma explosão, resultado da junção dos ventos solares com o campo magnético do planeta, expliquei sobre os países mais comuns a receber o fenômeno, como na Sibéria ou Finlândia, por exemplo e quando me dei conta, a aurora já havia acabado e os carros que estavam estacionados perto de nós, já haviam ido embora.

— E é isso. – finalizo. – É assim que funciona a Aurora. Sua vez de falar.

— O que quer saber?

— Manu, o ponto é: O que você está disposta a contar? Eu não vou lhe pedir para contar nada que não se sinta à vontade para falar, mas, quero que tenha ciência de que eu a ouvirei e se preferir, nada falarei a respeito.

— Não! – ela diz, com a voz firme. – Se vou falar, quero que você comente, fale, opine.

— Ok, mas, tem mais uma coisa.

— O quê?

— Se em uma hora, a Aurora não voltar, nós vamos embora porque vou começar a congelar.

— Combinado.

— Vou tentar começar pelo começo, embora, acredite em mim, não tem um começo.

Eu balancei a cabeça em afirmativo e a incentivei a continuar.

— Nos conhecemos na faculdade, nos tornamos amigos, começamos a sair, talvez, tenha sido ao contrário, talvez, tenhamos começado a sair e tenhamos nos tornado amigos depois. – ela faz uma pausa e olha para baixo.

— Ei, você está indo bem. – eu falo, tocando em seu queixo, fazendo-a olhar para mim.

— É difícil falar, desde que aconteceu, é a primeira vez que falo para alguém.

Eu começo a me sentir culpado, culpado por estar fazendo-a sentir isso tudo de novo e começo a duvidar da minha decisão de fazê-la falar a respeito, quando estou prestes a dizer para ela que ela não precisa fazer isso, que foi um erro da minha parte, ela toma fôlego e volta a falar.

— Tínhamos um trato. Iríamos sair quando sentíssemos vontade apenas, não tínhamos um compromisso, ele inclusive chegou a sair com algumas outras pessoas.

— E você? – eu a interrompo.

— Não, eu não. Quando fizemos o tal acordo, de que seria somente um lance físico, eu não sabia, mas, já estava me apaixonando por ele. Ficamos assim durante mais de um ano, nos falávamos quase todos os dias, ele dizia ter comigo, conversas que não tinha com mais ninguém, sobre os sonhos dele e as vontades, criamos uma liberdade que muitos casais não possuem mesmo após anos de convivência. A merda é que nessas conversas, ele sempre dizia que alguns desses sonhos, ele não teria mais como realizar e eu fui incapaz de perceber a verdade, de que ele tinha uma doença com poucas chances de recuperação.

Uma lágrima escorre pelo rosto dela e como em ato involuntário, eu estico a minha mão até o seu rosto e a enxugo, ela repousa por alguns segundos a sua cabeça em minha mão e me dou conta de que ela precisa

desse apoio para continuar. Eu a puxo para perto de mim e facilmente ela se aninha em mim e deitamos os dois dentro da barraca.

— Por não saber da doença dele, eu sofri muito, porque se tinha horas que ele era o príncipe encantado, tinha outras horas que ele conseguia ser o cara mais frio do mundo, ele usava dessa frieza para me manter afastada dele, o problema é que ele não conseguia e voltava atrás, então, nesse um ano e pouco, passamos por vários momentos de vai e vem, eu tentei de todas as formas me afastar dele porque acreditava que da parte dele, era mesmo só sexo e isso estava começando a me rasgar por dentro. Todas as formas foram em vão, porque toda vez que ele se reaproximava, lá estava eu, disponível para ele, para aceitar o que ele podia me dar. Foram conversas pelo Skype, pelo Facebook, em vários quartos de um mesmo motel, pelo celular, pelo telefone. Criamos uma história mesmo sem estarmos juntos, acho que eu jamais conseguirei explicar de fato o que tivemos. Ainda para ajudar, a empresa em que eu estagiava, estava prestando serviço para a empresa em que ele era o gerente de Market, então, nas vezes em que decidi não vê-lo mais, ainda fui obrigada a vê-lo por causa do trabalho, o que dificultou as coisas. — ela faz uma nova pausa e seca as lágrimas que agora, escorrem sem parar, eu apenas aliso os cabelos dela, querendo encontrar alguma forma de tirar toda essa merda de dor que está dentro dela.

— Bela, se não quiser continuar...

— Eu quero. — ela se apoia nos cotovelos e fica de frente para mim. — De uma forma estranha, parece que está me fazendo bem falar.

Eu ergo o tronco para encontrar a boca dela e mesmo sem saber se ela ia aprovar, a beijo rapidamente. Ela espreme os olhos e não sei se sentiu mais dor ou se se sentiu melhor, ela apenas apoiou a sua cabeça em meu peito novamente e continuou.

— A gente já estava um pouco distante, por culpa minha, que me afastei, quando ele foi à minha casa dizer que estava indo para a Dinamarca, desde que nos conhecemos ele dizia que em breve iria para lá a trabalho e então, ele foi. Depois disso, nos falamos apenas uma vez, ele me disse que estava bem e pediu para eu não mais escrever para ele, Dan, você não faz ideia do inferno que passei no período em que ele ficou lá.

— E como se encontraram depois?

— Um dia, no trabalho, o Renato, meu ex-chefe, me disse que soube que o Léo havia voltado para o Brasil, nesse mesmo dia fui até o apartamento dele e o porteiro disse que ele havia saído cedo, de ambulância. Até então, eu

não fazia ideia do que estava acontecendo, após procurar o chefe dele e descobrir em qual hospital ele estava, lá fui eu, com toda a raiva do mundo por ele não ter me procurado quando voltou. Quando nos vimos, eu ainda não tinha entendido nada e ele tentou me expulsar do quarto, até que não teve jeito e ele confessou a doença, a porra daquela doença que o tirou de mim, ele estava lutando contra ela há um bom tempo, ele lutou silenciosamente e tentou de todas as formas me poupar daquela dor. Eu fui tão estúpida, nunca percebi, culpava o jeito confuso dele, culpava a personalidade dele, culpava a frieza dele e nunca fui capaz de ver que havia um motivo para aquilo tudo, o motivo era a maldita metástase. Doença ingrata.

— Eu sinto muito, Manu. Nem sei se tem algo certo para dizer agora. — falo, me dando conta de que pela primeira vez, em dois anos, não foi de mim que senti pena.

— Depois... ele me pediu em namoro dentro do hospital, onde passamos a maior parte do tempo do resto da vida dele... e da minha. O resto de mim foi enterrado com ele algumas semanas depois que ele voltou ao Brasil. — ela termina, olhando para baixo, o mesmo olhar que vi no aeroporto.

Eu a abracei forte não para fazê-la parar de chorar, a abracei apenas para ela perceber que ela tem alguém com quem pode desabafar. Talvez, ela não precise agora de alguém que a faça levantar, talvez, ela precise apenas de alguém que fique ao lado dela, mesmo que isso signifique sentar no chão.

— Eu sinto muito, estar chorando assim na sua frente. — ela diz, depois que se acalmou um pouco.

— Shiiii. Chega de se desculpar, Manu. — eu tento encontrar a frase certa para dizer a ela, mas, eu não sei o que dizer, como falar sobre uma dor que eu não conheço?

— Ele dizia que eu era a garota certa, na hora errada. Esse era quase que o nosso slogan, eu demorei demais para entender o que ele queria dizer.

— Manu, lembra quando te expliquei sobre a crença dos hindus de que não há momento errado? Eu te falei porque acredito nisso, da mesma forma que acredito que foi no momento certo que te vi, foi no momento certo que tudo aconteceu com vocês. — eu falo, forçando-a olhar para mim. — Você precisa acreditar que sempre, qualquer momento, é o momento certo.

— Eu cheguei a questionar Deus sobre isso. — ela diz, cobrindo o rosto com as duas mãos.

— Não culpe Deus, Manu. Aceite que vocês foram importantes um na vida do outro e tente seguir em frente.

— Olha lá. — ela diz, apontando para a o céu fora da nossa barraca. Mais uma vez a mãe natureza nos presenteia com um espetáculo incrível no céu de Tromso, ela sai da barraca e para logo na frente, eu a sigo e paro atrás dela. Embora eu sinta vontade de abraçá-la, eu não faço, dou a ela o espaço necessário para que ela curta o momento.

— Eu nunca vou me cansar de ver isso. — falo.

— É lindo... um sonho. — ela responde, se virando para mim. Eu noto que ela estava chorando e sem pensar se ela ia recuar ou não, movimento a minha mão até o seu rosto para enxugá-lo.

Ela suspira com força e encosta a sua cabeça em meu ombro, me fazendo ter a certeza de que posso abraça-la.

— Obrigada. — ela diz, se afundando em mim.

— Ei, sem desculpas e sem agradecimentos, ok? Eu só quero que saiba que estou aqui para você. Que você sempre esteve aqui para alguém e agora é a hora de você ter alguém aqui para você.

— Dan... Isso foi lindo, eu nem sei o que dizer.

Eu abaixo a cabeça para encontrar o olhar dela e ficamos nos encarando por alguns segundos, eu tiro uma mecha de cabelo de seu rosto e dou um beijo em sua testa.

— Você me dá medo. — ela diz, me abraçando.

— Eu te dou medo? Como assim? — Pergunto confuso, causar medo nela era algo que eu nunca imaginei que faria.

Depois de tudo o que ela me contou, quando eu olho para ela, embora eu ainda veja aquela garota do olhar perdido, parece que agora, eu vejo também uma garota forte, uma garota que precisa apenas encontrar a si mesma, ela parece não se dar conta do quão forte é e do quão feliz ela ainda pode ser. A morte nunca me tirou alguém querido, eu nunca perdi alguém assim, mas, eu conheço a dor de perder alguém, eu sei o que é se sentir derrotado pela vida, sentir que toda a sua história, tudo o que viveu, não passou na verdade de um rascunho mal feito com um roteiro que não serviria para ser interpretado nem pelas aquelas peças teatral do colegial.

— Você me faz bem — ela começa — e eu estou com medo disso.

— Medo de se sentir bem? — mesmo sabendo a resposta, eu pergunto.

— É... Como se eu não tivesse o direito. Ele tentou de todas as formas me poupar do sofrimento, obrigou a si mesmo a ficar longe de mim enquanto eu o julgava ser frio e insensível e agora, seis meses após ele ter... — ela faz uma pausa como se estivesse a procura de um adjetivo que possa substituir a

palavra “morreu”, mas, para a morte, não há adjetivos. – Você sabe... Após seis meses, que para mim foram quase a minha existência toda, eu estou beijando outro cara e eu tinha que estar me odiando por isso e eu me odeio por não estar.

— Eu não quero que se odeie. – falo quase que sussurrando enquanto a puxo para mais perto de mim e a envolvo em meus braços. Droga, essa garota realmente está mexendo comigo, eu conheço os riscos, sei que estou ultrapassando uma linha que eu mesmo criei, a linha do sexo por sexo, mas com ela, tudo parece ser tão diferente, não é só sexo – que por sinal foi espetacular – é a dor dela, talvez tenha sido desde o começo, desde quando a vi pela primeira vez, a dor que ela carrega nos olhos, uma dor já conhecida por mim, mesmo que por motivo diferente.

— Eu também não. – Manu responde, algum tempo depois, me tirando dos meus próprios pensamentos.

— Vem, vou te levar para o carro enquanto arrumo tudo aqui, vamos voltar para o hotel.

— Eu te ajudo.

— Não, está frio, eu termino e você se aquece. – falo, apontando para o carro.

— Dan, posso te confessar uma coisa?

— Claro.

— Eu não quebro. – ela diz, me encarando com o semblante séria.

— Não, não quebra, mas, fica doente, portanto, para o carro! – ela faz um beicinho e eu a alcanço só para beijar a sua boca, é difícil resistir a ela com esse beicinho.

Voltamos em silêncio, durante boa parte do percurso minha mão foi repousando sobre a perna dela enquanto ela a acariciava, eu não posso negar que fiquei excitado com a minha mão tão próxima ao sexo dela, mas, me contive para não assustá-la.

Quando chegamos ao hotel, ela está de olhos fechados, toda encolhida no assento do passageiro. Eu estaciono o carro e abro a porta dela, chamando-a baixinho.

— Bela, chegamos, vem, vamos subir para o quarto.

— Já estamos no hotel? – ela pergunta, meio confusa, enquanto abre os olhos e me fita.

— Sim. Vem, eu te ajudo. – eu coloco o braço dela no meu pescoço e a ajudo a sair do carro. Ela se apoia em mim e seguimos para o elevador.

— E as coisas? – ela diz, quando a porta do elevador se fecha.

— Vou deixar você no quarto e volto para buscar.

Ela encosta a cabeça em meu peito e ficamos em silêncio até a porta se abrir e irmos para o quarto.

— Estou com frio. – ela diz, assim que entramos. A calefação está ligada e o ar quente também, ainda assim, o quarto parece estar mais gelado do que o carro.

— Você não quer tomar um banho quente? – pergunto a ela, colocando-a sentada na cama.

— Acho que sim. – ela diz, meio sem jeito.

— Bom, vou pegar as coisas no carro. – falo, embora eu queria mesmo é ficar e assisti-la se despir e ir para o chuveiro. Fico parado alguns segundos, olhando para ela, como o convite não vem, me viro e sigo em direção ao estacionamento.

Entrego na recepção as coisas que emprestei do hotel e dez minutos depois subo para o quarto, percebo que ela está no banho logo que abro a porta, posso ouvir o barulho da água caindo, eu me ajeito no sofá e tento não dormir até ela sair do banheiro para que eu possa tomar uma ducha quente. Algum tempo depois, ela aparece na minha frente, usando uma calça legue preta com polainas cinzas e um moletom cinza, tão linda quanto a primeira vez que a vi no aeroporto.

— Dan. – ela diz. Eu estava com os olhos fechados quando ela chegou, mas, não estava dormindo. – Você quer ir tomar banho? Já terminei.

— Eu vou. – respondo, me sentando no sofá. Ela sorri para mim e caminha até a cama, como eu queria tê-la agora, nesse momento. Antes que a minha ereção me entregue, eu sigo para o banheiro.

Quando saio, ela está sentada na cama com o notebook em seu colo, eu tento dar privacidade a ela, então fico em silêncio e sento no sofá, pegando o controle remoto da televisão em seguida. Já é de madrugada e nós deveríamos estar dormindo, mas, parece que nenhum dos dois estão com sono para isso.

Ela olha para mim e diz:

— Está sem sono também?

— Acho que sim. – respondo, tentando não olhar para as curvas do corpo dela e antes que um dos dois falasse mais alguma coisa, o meu celular toca, me fazendo levantar até a mesa do hall de entrada do quarto para buscá-lo.

Quando vejo o nome Letícia no visor, tenho vontade de arremessar o aparelho longe.

— Alô? – atendo, com o tom irritado.

— Você não atende mais as minhas ligações, a gente precisa conversar, Dani.

— Eu não tenho motivos para atender a sua ligação, Letícia. E não me chama de Dani, odeio esse seu jogo.

— Eu estou com saudades.

— Não me obrigue a lhe mandar para o inferno, por favor, tenha pelo menos um pouco de dignidade e me deixe em paz.

— Só me diz quando você volta, eu preciso conversar com você um assunto sério.

— Você não vai desistir nunca? Não temos nada para conversar e nada do que vem de você pode ser considerado sério. Meu Deus, como eu demorei para perceber isso!

— Dani, existe outra mulher? Tem outra mulher na jogada? Você nunca falaria assim comigo se não tivesse.

Eu fico em silêncio por alguns segundos porque na verdade não sei responder nem para mim mesmo se há outra mulher ou não, quem dirá para a vadia da Letícia. Eu e a Manu vivemos em fases parecidas, ambos, tentando se recuperar da rasteira que a vida nos passou e por mais que eu acredite que se nos encontramos nessa viagem de fuga e busca, é porque era para nos encontrarmos, tenho as minhas dúvidas quanto ao futuro desse encontro.

— Você não vai me responder? – ela grita, me fazendo afastar o celular do ouvido. Se eu não estivesse tão longe da Manu, até ela seria capaz de ouvir.

— Letícia, não te devo satisfações, eu volto quando achar que devo voltar e até lá, espero que você já tenha assinado a droga dos papéis, entendeu?

— Tudo bem, eu espero você voltar, acho que depois do que tenho para lhe contar, você não vai mais querer essa maldita separação.

— Letícia, você está enganada, nada vai me fazer recuar, então, se não quer me ver nervoso, não espere eu voltar para assinar esses papeis.

Antes que ela responda algo, eu desligo o telefone, colocando-o com força sobre a mesinha. Droga, espero que a Manuela não tenha ouvido nada, eu não quero ter que falar sobre isso com ela. Aquela vadia da Letícia me deixou irritado, ela sempre consegue fazer isso comigo, parece que ela faz de

propósito, como se ela gostasse de me ver descontrolado, porque assim, eu fico vulnerável novamente e ela se sente no direito de me manipular como já fez outras vezes.

Todo mundo tem um buraco negro para qual já foi algum dia e deseja nunca mais voltar. Eu estive nele há dois anos e pensei que nunca mais conseguiria encontrar a luz novamente. Foi tudo tão rápido, tão forte e violento.

Eu deveria estar na Palestina, fazendo fotos para a revista, estava programado que eu iria sair da Turquia, onde estava há três semanas e embarcar direto para lá, mas, de última hora, a direção da revista achou melhor adiar a viagem devido à intensificação dos conflitos e com isso, decidiram me mandar de volta para o Brasil, antecipando assim, as minhas férias.

Eu não quis avisar ninguém, nem meus pais, nem a Letícia, eu estava aliviado com o adiamento da viagem e feliz por estar indo para casa após três meses de viagem pelo Oriente.

Do aeroporto de Porto Alegre, peguei um táxi com a intenção de ir direto para casa, em Bento Gonçalves, mas, ao pegarmos a estrada que dá acesso à vinícola, eu pedi para que o taxista parasse na casa sede, eu queria ver meu pai antes de ir para casa, então paguei a corrida e tirei as malas do carro. Eu pegaria o carro do meu pai emprestado para ir para casa.

A Nicole, a recepcionista que está nos negócios da família há dez anos, e também a minha melhor amiga, me viu logo que entrei e correu para me abraçar. Ela e eu temos praticamente a mesma idade, sou dois anos mais velho somente, nós crescemos juntos no meio dos vinhedos, quando adolescentes, tivemos um rolo, mas, nada sério, concordamos que éramos melhores como amigos e que não devíamos deixar o lance físico atrapalhar tudo. Crescemos e nos tornamos melhores amigos, ela sempre me ajudou quando precisei e naquele dia, mais do que nunca, como eu precisei dela... E ela estava lá...

— Branquelo! Você voltou! – ela se jogou nos meus braços após me chamar pelo meu apelido do colegial. Ela sabia que ela era a única com quem eu não brigava por me chamar assim.

— Estou de volta, pivete. – respondi, também brincando com o apelido que eu mesmo dei a ela quando eu estava prestes a fazer dezoito anos.

— Papai está aqui? – perguntei, procurando-o em volta.

— Não, seus pais foram visitar um cliente, em alguma cidade que não

me lembro o nome, só sei que termina com “Sul”.

Eu olhei sério para ela e ri. O número de cidades no Rio Grande do Sul que terminam com a palavra Sul, é gigantesco. Ela não tinha se dado conta até me ver rir como um bobo.

— Que furo! – ela disse, encolhendo os ombros.

Eu pisquei para ela e lhe dei um beijo na bochecha. – Bom, vou para casa então, quero fazer uma surpresa para a Letícia.

— Mas ela está aqui. – Nick respondeu, me fazendo virar para ela, um pouco confuso. Ela não gostava de ir para a vinícola, sempre que eu a convidava para ir comigo, ela inventava alguma desculpa, ia mesmo só quando meus pais davam alguma festa.

Letícia e eu nos casamos cedo, nós nos conhecemos na faculdade, fazíamos o mesmo curso, saímos algumas vezes até que ela me disse que estava grávida e que iria tirar a criança. Tínhamos 21 anos, eu estava curtindo a vida, mas, jamais a deixaria tirar um filho meu. Enfrentamos os olhares de desaprovação das nossas famílias, e nos casamos três meses depois. Há dez anos trás.

— Você tem certeza, Nick? A Lê está aqui?

— Sim, ela tem vindo sempre para ajudar o seu irmão.

— Como assim? O Gustavo está aqui? Quando ele retornou ao Brasil?

— Sim, pensei que você soubesse. – ela disse, escolhendo as palavras. – Ele voltou poucos dias depois que você viajou.

O meu irmão, Gustavo, nunca fez questão de tocar os negócios da família, meu pai, nunca forçou nem ele nem a mim a fazer algo que não queríamos, eu parti para a fotografia e meu irmão, se tornou um chef de cozinha renomado, ele passou os quatro últimos anos em Portugal, onde fez a sua clientela e atraiu os críticos do mundo inteiro para conhecer a sua cantina. A única que seguiu o caminho dos meus pais, foi a minha irmã mais nova, Mariana, ela se formou em Enologia, na única faculdade do Brasil, aqui, em Bento Gonçalves e hoje ela é a responsável pela produção do vinho da vinícola.

— Não, eu não sabia que ele havia voltado. E a cantina? – perguntei, curioso.

— Seu pai disse que ele não vai ficar muito tempo, veio somente por causa de um curso que vai fazer.

— Entendi. Vou procurá-lo então. – falei, indo em direção ao escritório, que fica anexo a casa sede. A última vez que vi meu irmão, foi há um ano,

quando estive a trabalho em Coimbra e passei cinco dias com ele. Fazia muito tempo que não passávamos tanto tempo assim, juntos, como irmãos.

No corredor, eu estava quase chegando ao escritório do meu pai, pude ouvir uma voz feminina e não demorou para eu reconhecer de que era da Letícia. A sua voz imponente era fácil de se reconhecer. Eu estava com tantas saudades dela que mal podia ver a hora de vê-la e surpreendê-la. Conforme fui me aproximando da porta fechada, percebi que o som que vinha de lá de dentro era muito mais do que somente a voz da minha esposa. Eu cheguei perto da porta e com a mão na maçaneta, ouvi os seus gemidos, porra, era os seus gemidos misturados à voz do meu irmão!

Eu girei a maçaneta e os desgraçados não tiveram a preocupação nem de trancar a porta, eles sabiam que com meus pais viajando e a Nick na recepção, ninguém os flagraria.

— Que merda é essa? – falei, aos gritos.

Gustavo estava com as calças arriadas enquanto a Letícia abaixava o seu vestido florido, que por sinal, eu que dei. Ela ficou desfigurada ao me ver e de imediato, saiu de cima da mesa e se colocou atrás do meu irmão.

— Calma, Dani, vamos conversar. – meu irmão disse. Ele sempre me chamou de Dani, ele e ela eram os únicos a me chamar assim.

— Conversar? – explodi, exasperado. – O que temos para conversar? Que o meu irmão mais velho está trepando com a minha esposa no escritório do papai?

— Daniel, por favor, se acalma. – Letícia disse, já chorando.

Segundos depois, eu estava em cima do meu irmão, batendo nele com toda a minha força e fúria. A Letícia gritava desesperada para que eu parasse e eu apenas a olha com desprezo, desejando poder batê-la também. Algum tempo depois, a Nick entrou no escritório com mais dois funcionários, eles me tiraram de cima do Gustavo que com dificuldades, se levantou e correu para fora. Eu encarei a Letícia, esperando que ela fizesse o mesmo, mas ela não o fez.

— Branquelo, fica calmo, você precisa se acalmar. – Nick repetia, enquanto os dois funcionários ainda me seguravam.

— Dani, vamos conversar, eu posso explicar. – a vadia me olhava com cara de que ia chorar, mas nenhuma lágrima escorria pelo o seu rosto. Eu nunca havia sentido tanta raiva em toda a minha vida como naquele dia.

— Cadê o covarde do Gustavo? – eu gritei, na esperança de que ele tivesse um pouco de hombridade e aparecesse para me enfrentar.

— O Gustavo foi embora. — respondeu a Nick. — ele entrou no carro e arrancou logo em seguida.

— Covarde! — resmunguei, enquanto os dois caras me soltavam.

— Como assim, ele foi embora? — questionou a vadia. Que vontade de a estapear. Se eu não fosse homem o suficiente, juro que era o que eu faria.

— Embora, Letícia, pegou o carro e partiu? Consegue entender? — a Nick respondeu. Eu devia ter ouvido ela quando comecei a namorar a Letícia, ela dizia que a Letícia não era flor que se cheire, que já havia se relacionado com muitos caras da faculdade e que ela se fazia de santa para cima de mim. Eu sempre achei que a implicância da Nick era na verdade um pouco de ciúmes, porque fomos nos afastando na medida que o meu relacionamento foi ficando mais sério, agora, eu percebo que era apenas aviso de amiga, amiga que não ouvi.

Eu me levantei já com uma meta em mente. Eu resolveria com a Letícia depois, antes, eu precisava ter uma conversa nada amigável com o desgraçado do meu irmão.

— Daniel, aonde você vai? — Nick perguntou assustada, ela sabia exatamente o que eu estava pretendendo fazer. — Por favor, se acalma, não vai agora. — ela implorou.

— O carro do meu pai ou da minha mãe está aqui? — perguntei, sem dar atenção ao que ela estava me pedindo.

— O da sua mãe está na garagem, mas, Daniel, o que vai fazer, por favor, fica aqui e se acalma.

Eu olhei para a Nick e por um momento, me senti arrependido de não ter levado adiante o nosso rolo da adolescência, ela é uma mulher incrível e sei que jamais faria algo assim comigo. Eu a abracei enquanto segurava as lágrimas, eu não podia chorar na frente da vadia da Letícia, ela não merecia uma lágrima minha, mas porra, estava doendo tanto, foi como se me tivessem tirado a capacidade de respirar. A Letícia era até então, o amor da minha vida, a garota mais lida da faculdade, a mais popular, a mais simpática e agora, a mais vadia.

— Eu preciso fazer isso, Nick, eu preciso, porque se eu não fizer, vou ter que conviver com isso pelo o resto da minha vida e eu não sei se consigo.

— Dani, o que você vai fazer? — eu ouvi a Letícia perguntar.

Me virei para ela com ódio, a Nick percebeu e se colocou na nossa frente. — Cala essa boca, você tem uma hora para pegar as suas coisas de casa. Quando eu chegar lá, não quero ver mais nada teu.

— Você não pode fazer isso. E quanto a Bianca?

A cretina ainda conseguiu envolver a nossa filha nisso. — A Bianca fica. Até o juiz decidir o que fazer.

— Não vou deixar ela com você e também não vou sair de casa por causa de um erro. — ela retrucou.

— Um erro? Você e meu irmão estavam se pegando e você diz um erro? — grito com ela, fazendo — a recuar.

Eu me virei e olhei para a Nick e não disse mais nada, segui para a garagem, pegando o carro da minha mãe em seguida. Eu sabia que o meu irmão iria se esconder na casa dos meus pais. Eles moram na vinícola, em uma casa grande e confortável, mas, às vezes, ficam na casa do centro da cidade, para não cansarem de ficar só no campo. Abri o portão eletrônico e segui com o carro para a entrada da casa estilo germânica. O carro do bastardo estava estacionado, então, acertei ao supor que ele iria para lá.

Nem me preocupei em tirar a chave do carro, entrei com tudo e fui encontrá-lo no escritório do papai, no exato momento em que entrei, ele estava contanto por telefone ao meu pai, o que havia acontecido.

— Seu desgraçado, não sabe resolver as coisas e vai ligar para o papai? Você espera o quê? Que ele te defenda? — gritei, ao vê-lo no celular.

— Dani, calma, a gente precisa conversar, você tem que se acalmar. — ele disse, se afastando cada vez mais de mim. — Papai, o Dani está aqui, eu vou desligar.

— Faz quanto tempo que isso vem acontecendo? — perguntei, tentando manter a frieza nas palavras.

— Não é assim tão simples, Dani, eu quero te contar tudo, mas, você está alterado.

— Seu bastardo, eu ficarei alterado se não me responder. Anda, quanto tempo? — exigi.

— Desde a faculdade. — ele respondeu, encarando o chão.

Eu achei que estivesse ouvindo coisas, pisquei várias vezes enquanto a resposta dele martelava repetidamente em minha cabeça. Não podia ser, eu e ela estamos juntos desde a faculdade, não podia ser verdade.

— Seu mentiroso! Eu e ela estamos juntos desde o primeiro ano da faculdade, como pode alegar isso?

— Foi antes de vocês começarem a sair. Nós havíamos saído algumas vezes, ela engravidou e por Deus, Daniel, eu não estava preparado para ser pai.

No momento que ele disse ela engravidou, eu surtei e avancei para cima dele.

— Repete o que você disse! Ela engravidou de você pouco antes de sairmos? Que merda é essa que você está querendo dizer? – eu estava segurando-o pela gola da camisa polo, juntando as forças que havia dentro de mim para não enforcá-lo ali mesmo, no chão do escritório do meu pai.

— Me solta. Eu te explico, mas me solta.

Segundos depois, meus pais entraram e minha mãe já aos prantos, me pediu para soltá-lo. Eu não podia fazer isso na casa deles, a dona Marta e o senhor Pedro não mereciam isso. Eu soltei o meu irmão e deixei que meu pai me segurasse.

— Filho, vamos para o meu quarto, vamos nos acalmar. – meu pai disse, tentando fazer o seu melhor naquele momento de dor, porque eu sabia que estava doendo nele tanto quanto doía em mim.

— Pai, a Bianca, ela não é minha filha. – falei, enquanto as lágrimas escorriam sem nenhum controle pelo o meu rosto. Lembrei do meu professor de literatura dizendo que os homens que choram, são os mais fortes, porque não mostravam somente os músculos, mas também os sentimentos. Eu desejei não ser homem então, porque tudo o que eu queria era não chorar.

Meu pai olhou incrédulo para o meu irmão e me abraçou.

— Pai.— Gustavo começou. – Eu preciso contar tudo.

— Agora não, nos deixe sozinhos. – meu pai respondeu, em tom autoritário.

— Não, eu preciso ouvir, pai, por favor. – encarei o meu irmão e o esperei começar.

— Quando a Letícia disse que estava grávida, eu me apavorei, já estava com a minha viagem de intercâmbio planejada e vi nessa gravidez, a possibilidade de tudo ir por água abaixo. Então, enquanto ela procurava um lugar seguro para fazer o aborto, o Dani e ela começaram a sair e quando ela falou para ele que estava grávida, ela me disse que não usou o termo grávida dele, somente grávida, e que ele disse que não iria deixá-la tirar a criança.

— Quando eu ia adivinhar que ela poderia estar grávida de outro cara? – grito para ele. – Vocês devem ter rido muito de mim esse tempo todo, não é mesmo?

— Não, Daniel, eu pensei e tentei te contar, mas aí, você parece ter curtido a ideia, você foi para ela o homem que não fui, você assumiu a criança.

— Bianca! – eu o interrompo, com fúria nos olhos. O filho da mãe renegou a própria filha, como ele conseguiu tratá-la como sobrinha todo esse tempo?

— Você se tornou um bom pai, então, decidimos enterrar essa história.

— E transar nas horas vagas? – grito, dessa vez mais alto.

— Filho, se acalma. – pediu meu pai, que naquela altura, estava tão descrente quanto eu.

— Não, depois disso, a gente veio a ficar novamente somente agora, depois que voltei.

— Merda, Gustavo! Faz três meses que você está transando com a minha esposa enquanto viajo a trabalho?

— Daniel, você é cego? Você tem uma baita de uma esposa e a deixa três meses em casa, o que você esperava, fui eu, mas, podia ter sido outro!

Eu voei para cima dele, soltando do meu pai. Eu comecei a soca-lo no rosto e no estômago sem dar atenção aos meus pais que imploravam para eu parar, eu bati tanto nele que seu nariz começou a sangrar e ele perdeu a consciência. Eu deixei o meu corpo cair ao lado dele enquanto meus pais o chamavam em desespero.

A Nick chegou logo em seguida e enquanto ela me obrigava a levantar e sair dali com ela, a ambulância chegou. Eu nem sequer me preocupei em ver se ele estava bem. Entrei no carro da Nick e fomos para a casa dela.

Meus pais abafaram o caso, o meu irmão ficou inconsciente por três dias, eu expulsei a Letícia de casa e entrei na justiça pela guarda da Bianca. Depois daquele dia, em que um buraco se abriu abaixo do chão, eu nunca mais fui o mesmo e nunca mais serei. A bebedeira foi consequência. Foram dois meses direto saindo de bar e entrando em bar, chegou a ser irônico, eu, filho de donos de vinícola, entrando nos bares da cidade para tomar whisky. E da mesma forma que a bebedeira foi consequência, a internação três meses depois, também foi. Eu morri cada dia que fiquei internado naquela clínica que meus pais me colocaram e quando eu saí de lá, eu finalmente renasci.

Eu respiro fundo tentando afastar as lembranças ruins e sigo para o quarto, torcendo para que a Manu não tenha ouvido nada da minha conversa.



Manuela

*“So I just let go of what I know I don't know and I know I'll only do
this by living in the moment.”*

*“Então deixo pra lá o que sei e não sei e sei que só vou fazer isso
para viver o momento”*

(Jason Mraz – Living in the Moment)

Quando o celular do Daniel tocou, eu estava terminado de escrever para a Carol, eu finalizo me despedindo dela e praticamente travo no modo silêncio e quando dou por mim, já estou tentando ouvir o que poderia estar tirando o Daniel do sério. Eu não consegui ouvir o que ele dizia, mas, seu tom de voz estava alterado e a única palavra que tive certeza de ter ouvido certo, foi o nome Letícia, um nome já conhecido para mim, uma vez que vi esse mesmo nome na tela do celular dele, quando ela ligou.

Mais de cinco minutos se passaram e quando ele retorna ao quarto, eu disfarço, fingindo não ter percebido nada.

— Você está sem sono? – ele pergunta, com a voz macia de sempre, nem parece que há segundos atrás, algo ou alguém o havia tirado do sério.

— Acho que sim. – respondo neutra. A ideia de que ele pode ter alguém, começa e me atormentar. Ciúmes de um cara que pouco conheço não é um sentimento que posso me dar o luxo de sentir, mas, eu estou com ele em um quarto, em uma cidade que vim a convite dele, então, descobrir a essa altura de que ele tem uma namorada, noiva, esposa ou sei lá eu o quê, não vai me ajudar muito com o sentimento de culpa que me invadiu a mente logo após termos transado. Porque no momento em que estávamos fazendo, parecia ser o certo a fazer, mas, agora em que eu já não sei se não passo de um casinho

para ele, parece que cometi uma das maiores burradas do mundo.

Que o Léo me perdoe por isso.

— Você deveria descansar, Manu. – ele diz, se acomodando no sofá.

— Sim, eu sei. – respondo, sem encará-lo. Eu fecho o meu notebook e me ajeito na cama.

— Está tudo bem? – Ah não, por favor, não me faça essa pergunta!

— Sim, e com você? – devolvo, ainda sem encará-lo.

— Manu, olha aqui para mim. – ele pede, em um tom autoritário que até então eu não conhecia.

Eu me viro e fico de frente para ele.

— Eu não sei o que você ouviu ou o que você está pensando...

— Daniel, você não precisa me explicar nada. – interrompo-o, sendo consumida pela raiva. Ou, ciúmes talvez.

— Manu, para! Se você ouviu algo, você pode negar que não quer saber, mas, no fundo você quer, então, por favor, vamos acordar que a partir de hoje, não vamos fazer jogos um com o outro, vamos ser sinceros e dizer o que sentimos, o que você acha?

Eu olho para ele espantada, porque se há algum jogador aqui, só pode ser ele, eu me abri para ele de uma forma que não imaginei que conseguiria fazer tão cedo, falar do Léo para ele não foi uma coisa fácil de fazer, mas, de certa forma me fez me sentir mais leve e agora ele vem com esse papo de jogo?

— Não estou jogando com você. Eu me abri para você há poucas horas atrás, lembra? – devolvo, tentando controlar o meu tom de voz.

— E eu fiquei muito feliz por você ter confiado em mim, pode acreditar, Manu. Mas, o jogo a qual me refiro, é esse em que estávamos prestes a entrar. Você deve estar pensando alguma besteira sobre mim e de repente, a Manuela doce deu lugar a uma Manuela irritadiça, e até irônica, tudo porque você preferiu deduzir ao fazer as perguntas.

Eu sinto o meu rosto ferver e não preciso que ninguém me diga que estou vermelha, um misto de raiva e vergonha tomam conta de mim. Sou tão óbvia assim? Em cinco minutos ele leu a minha reação e pronto, me colocou na palma da mão dele. Eu olho para baixo, tentando achar uma resposta adequada e sou surpreendida com ele se aproximando da cama.

— Olha para mim. – ele pede.

Eu ergo o meu rosto, espremendo os meus olhos.

— Se você estiver disposta a ouvir, eu te conto tudo, assim como você

fez lá enquanto esperávamos a Aurora, você merece saber que não é a única com um passado de dor, mas, amanhã, porque não quero deixar que as minhas emoções negativas afetem o dia gostoso que passei com você hoje.

— Daniel, você não precisa me contar nada. – respondo, ainda em tom seco.

— Bela, eu não vou fazer porque preciso, vou fazer porque quero. Tudo, qualquer coisa que eu fizer com você ou por você, será sempre porque eu decidi fazer, nunca porque precisei, entendeu?

Olho espantada para ele sem saber o que responder. Se ele queria me deixar confusa, o prêmio vai para ele. – Ok. – respondo.

— Com o tempo, você vai ver que lidar comigo é muito fácil e que você pode ser sempre sincera e compartilhar o que está pensando. Como agora, que garanto que está pensando besteira.

— Não estou não. – respondo, um pouco envergonhada por não estar sendo sincera.

— Sem jogos, lembra?

— Tá bom! – respondo, me dando por vencida. – Eu ouvi a sua voz alterada e também você falando o nome Letícia.

— E? – ele pergunta, sentando mais perto de mim, na cama.

O que mais ele quer que eu fale?

— Não tem “E”. – respondo.

— Tem sim, vamos, Manu, você consegue. Seja primeiro sincera com você e depois, comigo.

— Que droga! – solto, sem tirar os meus olhos dos olhos dele. – Eu vi esse mesmo nome no seu celular enquanto tomávamos café em Bergen e deduzi que você é comprometido.

Ele sorri satisfeito. – E você ia guardar esse pensamento só para você?

Como ele consegue me fazer sentir vergonha de mim mesma hein? Eu balanço a cabeça e ele segura em meu queixo.

— Manu, espero que você tenha entendido tudo o que eu lhe disse, eu não quero jamais, que você guarde algo dentro de você sendo que você pode compartilhar comigo, seja bom ou ruim, você ia dormir com uma dúvida sendo que o simples seria somente me perguntar. – ele dá um beijo em minha bochecha que me faz estremecer. – A vida é simples, a gente é que complica demais. Letícia é minha ex-esposa. E vamos dormir, amanhã você vai ouvir um pouco do meu inferno pessoal.

Ele começa a se levantar da cama e eu seguro em sua mão, fazendo-o

parar e em um impulso, eu jogo os meus braços ao redor do seu pescoço, abraçando-o com toda força possível.

— O que foi isso? – ele pergunta, com os seus braços ao redor de mim.

— Sou eu, sendo sincera. – respondo, apertando meu rosto contra o ombro dele. – Obrigada por me permitir ser eu mesma. – termino, enquanto brigo comigo mesma para não pensar na palavra ex-esposa até o dia seguinte.

Ele me aperta com força e beija a minha nuca. – Bela Manuela, somos só duas pessoas que já tiveram complicações e dores o suficiente para uma década, então, não precisamos de mais nada que complique nossas vidas, precisamos encontrar meios de simplificá-las e evitar jogos emocionais e ser sincero, é o meio que eu escolhi.

Ele me puxa para ficar de frente comigo e sorri gentilmente ao me ver com os olhos marejados de lágrimas. Se eu tivesse aprendido a ser eu mesma antes, eu teria aproveitado melhor cada momento com o Léo, cada momento em que segurei e que contive a intensidade das minhas emoções por medo dele não corresponder a elas.

— Vamos dormir? – ele pergunta, alisando o meu cabelo.

Eu apenas balanço a cabeça em afirmativo e aponto o travesseiro ao lado do meu, para ele.

— Sério? – ele pergunta, com um sorriso bobo nos lábios. Seus olhos azuis brilham no quarto.

— Sim. – respondo, me soltando dele e indo para o meu lado da cama. – Vem, você não precisa dormir no sofá.

— E você está me convidando para dormir ao seu lado porque acha que não preciso dormir no sofá ou porque me quer dormindo ao seu lado?

— Não estou gostando desse lance de “sem jogo” – falo, fazendo aspas com as mãos – Você fez uma lavagem em minha mente e agora, parece que tenho que ser sempre sincera. – respondo, rindo em seguida.

— Humm... então me quer do seu lado. – ele brinca enquanto eu apenas balanço a cabeça que sim. E sim, eu o quero, não para transarmos, mas, eu quero sentir a sensação boa de ter alguém cuidando de mim, alguém que se preocupa. Se eu tivesse que defini-lo nesse momento, eu definiria como porto seguro.

Ele apaga a luz do abajur e se deita ao meu lado, logo em seguida, ele beija a minha testa, um beijo casto e me puxa para perto dele.

— Vem, vamos dormir de conchinha. – ele diz, em tom debochado.

— Dan?

— Fala, bela Manuela.

— Amanhã você vai me contar?

— Olha só? Agora está sendo sincera, se está me fazendo essa pergunta é porque o assunto tem importância para você...

— E tem. – respondo, sem olhar para ele.

— Minha pequenina, amanhã, você saberá de tudo. – ele diz, colocando o seu braço ao redor de mim.

— Pequenina? – pergunto, me aproximando mais dele.

— Sim, minha pequenina e bela Manuela.

— Dan, durma bem.

— Eu vou.

Eu fecho os olhos e ouço a respiração dele ficar cada vez mais longe e a última coisa que me lembro antes de cair no sono, foi ele repetindo a frase “eu vou”, diversas vezes.

No meio da madrugada acordo assustada com o Daniel se mexendo ao meu lado, eu coloco a minha mão em seu braço e sinto o seu corpo frio, ele diz coisas que não consigo entender enquanto eu começo a chama-lo mais alto, ele abre os olhos e me olha confuso.

— Acho que você estava tendo um pesadelo. – falo baixinho, sentando na cama.

— Me desculpa se te acordei.

— Você está bem?

— Preciso de água. – ele responde, se levantando. Eu percebo que ele não está bem, parece constrangido por ter tido um pesadelo ao meu lado. Eu me levanto e o sigo até a sala onde está o frigobar.

— Volta pra cama, Manu, você vai perder o sono.

— Não volto sem você. – respondo. Eu me espanto com a minha atitude, de repente, tenho estado mais decidida e sincera do que nunca.

— Eu estou bem, só preciso de água.

— Ok. Eu espero.

— Teimosa.

— Sou.

Ele pega a garrafa de água e vira de uma vez só, bebendo quase tudo em um único gole.

— Vem, vamos para cama então. – ele estica o braço e segura em minha mão, eu aperto a mão dele com força e me deixo ser levada para cama.

— Preciso fazer algo. – falo, assim que deitamos.

— O quê? – ele se vira de lado para mim e apoia o cotovelo na cama enquanto a mão apoia a sua cabeça.

Eu penso em responder, mas, a Manuela nova que anda tomando conta das minhas ações, decide que é melhor fazer, então, eu fico na mesma posição que ele e me coloco bem próxima a ele, meus lábios se abrem em antecipação e segundos depois, estamos nos beijando.

Ele começa a me beijar com mais força à medida que a nossa respiração se torna mais ofegante, mudamos de posição e ele me coloca deitada sobre a cama e seu corpo fica levemente sobre o meu, percebo que ele está fazendo força para se manter firme sem deixar o seu peso cair sobre mim e então eu decido ajudá-lo, puxando-o para baixo.

— Desse jeito vai ficar difícil mantermos uma distância segura. – ele murmura.

— Eu não quero distância segura. – respondo. – Não quero esse tipo de segurança agora.

— Você tem certeza? – ele pergunta, alternando beijos na minha boca e no meu pescoço.

— Nesse momento, essa é a única certeza que tenho.

Suas mãos começam a percorrer o meu corpo e ele as desliza até o meu quadril, me fazendo estremecer quando ele as fricciona um pouco mais.

— Como você é sensível... – ele sussurra.

— Muito. – murmuro, entre um beijo e outro.

Ele começa a tirar a minha blusa de frio e depois a minha camiseta de baixo e eu faço o mesmo com ele, deixando-o só de calça.

— Não faz isso com os lábios, bela Manuela. – ele diz, quando me vê mordendo os lábios. E como não morder se só de sentir o toque da boca dele na minha barriga, o meu corpo todo parece entrar em combustão?

— Então não beija a minha barriga. – respondo rindo.

— Isso é algo que não posso parar de fazer. – ele diz, abaixando a minha calça e em seguida, beijando a parte interna da minha coxa. Eu recuo um pouco e ele joga o seu peso contra o meu corpo, me fazendo ficar imóvel.

— Então não me peça para não morder os lábios. – sussurro enquanto ele ainda lança beijos pelo o meu corpo.

— Agora você é minha e eu quero fazê-la hoje, a mulher mais feliz e também mais bem-amada do mundo. – A sua frase soa como uma promessa e eu me sinto tentada a desejar que ele a cumpra.

Voltamos a nos beijar com intensidade e em poucos minutos depois,

ambos estávamos nus sobre os lençóis aquecidos do quarto e quando me dou conta, ele já está colocando a camisinha e se posicionando sobre mim novamente. Eu o sinto dentro de mim e no primeiro momento, lembranças do Leonel me invadem a mente. Eu repito mentalmente para mim mesma que mereço isso o que estou vivendo nesse momento, afinal, ser feliz foi a ordem que ele me deu, e fixo o olhar nos olhos do Daniel. Ele merece que eu esteja aqui com ele. Nos movemos sem pressa, como se ele soubesse o quanto gosto desse tipo de sexo, o “amorzinho”. Conforme a intensidade do desejo que estamos sentindo vai aumentando, os nossos movimentos se tornam mais duros e fortes, eu não demoro para me perder em mim mesma, apertando as costas dele com toda a minha força enquanto raios e trovões fazem barulho dentro de mim e eu gemo baixinho, desejando prolongar o desejo e pouco tempo depois, me perco no olhar azul dele, que me mostra que ele também ouviu os mesmo raios e trovões que eu.

— Caramba, Manu! Fazer isso com você é perfeito! – ele solta, já deitado ao meu lado da cama.

— Você diz isso para todas após uma transa?

— Não. Normalmente eu levanto, bebo água e começo a me arrumar para ir embora. – ele responde, em tom sério. Eu enrijeço e o fito, esperando que ele fale mais alguma coisa, mas, ele não diz, parece que faz de propósito para que eu pergunte.

— Isso é sério? – pergunto, não resistindo.

— Sim. Depois que eu te contar amanhã, fará mais sentido para você, mas, em dois anos, você é a primeira com quem não sinto vontade de levantar da cama após o sexo. É a primeira com quem faço algo que vai além do que sexo e que eu ainda não sei nomear o quê.

Eu olho para ele e sorrio, a palavra amorzinho me vem à mente, mas não porque eu pensei em dizê-la, isso é algo que ficará para sempre entre mim e o Léo, mas, o pensamento de que acabei de fazer com o Daniel, algo que vai além do sexo, tira um pouco o sentimento de culpa que sei que sentirei amanhã quando eu acordar.

— Amanhã, quero saber de tudo.

— Você vai, isso é, se você dormir...

Ele me puxa para ele e nos cobre.

— Até amanhã, pequenina.

— Até amanhã, Dan.

Eu beijo a sua boca e me aninho nele, fechando os olhos em seguida.

Ele está lá, sorrindo para mim. Irritantemente lindo com a sua camisa preta que tanto amei. Ele sorri para mim e olha para o Daniel, que está logo atrás de mim. Eu fico estática, sem saber o que fazer, mas, ele conhece as minhas reações e percebe que nesse momento, elas me faltam.

— Como é bom te ver. — ele diz, com a sua voz meio rouca.

— Eu estava com saudades. — respondo, sentindo um nó se formar em minha garganta.

— Esse é um sentimento que vamos ter que aprender a lidar, Manu. Você precisa aprender a lidar.

— Eu sei. — respondo, abaixando a cabeça, como se eu tivesse acabado de levar uma bronca.

— Ei, garota dos livros? — ele me chama, eu o encaro. — Vá ser feliz. — ele ordena, apontando para o Daniel. Eu me viro e fico entre os dois e mais uma vez, como sempre foi, ele parece adivinhar os meus pensamentos. — Você não está fazendo uma escolha entre mim ou ele. Essa escolha já foi feita e não foi você quem a fez, apenas aceite.

Eu olho para o Daniel e para o Leonel e dou um passo à frente, na direção do Léo. Eu preciso senti-lo e quando penso que vou alcançá-lo, a sua imagem se torna um gigantesco borrão de cores.

Ele se foi.

Mais uma vez, os sonhos com ele vieram me visitar, são tão reais que quase chego a senti-lo perto de mim.

Acordo com o Daniel beijando a minha nuca, não um beijo, mas sim, vários beijos repetidos, me fazendo arrepiar e também, me animar. Ele parece ter acordado bem-disposto.

— Que horas são? — pergunto, com a voz sonolenta, ainda sem me virar para ele.

— Oito da manhã. — quer que eu a deixe dormir mais?

— Não, acho que já está na hora de levantar mesmo.

— Levantar? — ele pergunta, com tom de malícia. — Eu tinha outro plano para nós.

Eu me viro para ele já sabendo que plano é esse e o encaro. — E esse plano envolve beijo e sexo matinal? — pergunto, espantada com a minha ousadia.

— Não. — ele responde, em tom sério, me encarando com os seus incríveis olhos azuis.

— Não?

— Esse plano envolve beijos e amor matinal. — ele diz, passando com delicadeza a sua mão em meu rosto. — Sexo, nós faremos à noite, depois que sairmos, bebermos, nos divertimos. Agora, o que eu quero é fazer amor com você, possuí-la por completo, quero ouvi-la chamando o meu nome enquanto eu a faço a mulher mais feliz do mundo. — nesse momento, ele já está beijando o canto dos meus lábios e me fazendo desejar que ele cumpra cada palavra dita.

— E eu também quero lhe dar o mesmo, Dan. Quero ter a certeza de que você ficará tão satisfeito quanto eu quando acabarmos. — sussurro, enquanto beijo a sua nuca, próximo ao seu ouvido.

— Manu, você tem me feito satisfeito desde quando sentei ao seu lado naquele trem, desde quando sorriu a primeira vez para mim. Eu sabia que estava quebrando uma regra, mas, você era um motivo pelo o qual eu sabia que valeria quebrar todas as regras do mundo.

Após dizer isso, sua boca desliza pelo o meu pescoço e sua mão escorrega para a minha calcinha, tirando-a de mim segundos depois. Ele desce beijando meu colo e depois os meus seios, ele aperta os dois contra ele e os beija delicadamente, eu seguro os seus cabelos e os acaricio, a vontade de tê-lo dentro de mim começa a me consumir e eu arqueio o corpo implorando para que ele me possua logo, mas, ele parece não estar com pressa, ele parece estar levando a sério a sua promessa de me fazer a mulher mais feliz do mundo. Sua boca escorrega para a minha cintura e quando ele beija minha barriga perto do meu sexo, eu solto um gemido baixo que o faz me apertar mais ainda contra ele. Minhas mãos procuram o seu membro e eu gemo baixo novamente ao perceber o quão pronto ele está, enquanto ele beija a minha virilha, minha mão segura o membro dele e ele para e me encara com desejo, eu começo a acariciar o seu membro com movimentos ritmados e agora, é ele quem morde os lábios.

— Eu quero você... — imploro, tentando fazer com que aproxime o seu membro do meu sexo.

— Ainda não. — ele murmura. — Eu ainda não terminei o que quero fazer.

— Ah, por favor, Dan, eu não aguento mais, eu preciso de você dentro de mim.

— Controle-se, não temos pressa, minha pequenina.

Me controlar? Como ele consegue me pedir para me controlar enquanto o meu corpo todo está em chamas desejando que ele jogue mais álcool para

que haja uma explosão?

Eu o incentivo com mais força e rapidez, mas nem assim ele para de beijar suavemente a minha coxa, subindo e se aproximando cada vez mais do meu sexo.

— Ah, não, por favor, Dan. Eu não vou aguentar. – falo, logo que ele toca a parte mais sensível do meu corpo.

— Eu não quero que você aguarde, se deixe levar, bela, apenas sinta. – ele responde, intercalando um beijo com cada palavra.

Eu contraio as minhas pernas e ele fica me no meio delas, beijando e passando a língua em meu sexo e quando ele começa a fazer o oral em mim, sinto que não serei mais capaz de aguentar, eu mexo o meu quadril demonstrando que estou prestes a chegar no ápice e enquanto sua língua faz movimentos circulares dentro de mim, ele pega a camisinha ao lado do travesseiro dele e com uma habilidade incrível, coloca em seu membro sem ne sequer diminuir o ritmo da sua investida. Eu reclamo quando ele tira a sua boca de mim porque eu estava prestes a me perder, mas parece que ele sabia disso e fez de propósito e segundos depois, ele está deslizando dentro de mim, me fazendo morder os lábios de tanto desejo.

Começamos a nos mover com pressa, como se eu precisasse disso para respirar e toda vez que ele percebia que eu estava prestes a gozar, ele diminuía a investida, para o meu sofrimento e também minha alegria. Ele sabe muito bem como prolongar um prazer. Ele volta a me beijar e então me vira sobre ele, me deixando no comando do nosso prazer. Eu me mexo sobre ele enquanto ele segura em meu quadril e faz movimentos circulares nele, me incentivando a me mexer mais, ficamos assim por algum tempo, nossos olhos fixos um no outro, ele sorrindo para mim ao me ver tombar a cabeça para trás e eu então começo a sentir novamente aquele som de raios e trovões dentro de mim, ele se senta na cama e coloca as duas mãos em minha costa e eu enlaço as minhas pernas ao redor dele enquanto nos movemos juntos para cima e para baixo.

— Vem comigo, Manu. – sua voz rouca me faz enlouquecer e eu fechos os olhos. – Vem... – ele diz novamente.

Ele me aperta contra ele, agora, acariciando os meus seios com uma das mãos e voltamos a nos beijar. Eu pareço estar ficando sem ar e sinto um formigamento gostoso tomar conta do meu corpo, me aperto cada vez mais contra ele até que sou inundada por uma enxurrada de prazer, eu aperto as minhas pernas contra ele e quando meu corpo todo já está relaxado, sinto ele

empurrando com mais força dentro de mim e suspirando de prazer.

Por incrível que parece, a culpa não está me consumindo. Eu consegui ter um momento feliz, um momento de prazer, sem me sentir culpada por isso.



Daniel

“Just close your eyes, the sun is going down. You'll be alright, no one can hurt you now. Come morning light, You and I'll be safe and sound”

“Apenas feche os seus olhos, o sol já está se pondo. Você ficará bem, ninguém pode machuca— lo agora, Ao chegar a luz da manhã você e eu ficaremos sã e salvos.”

(Taylor Swift – Safe and Sound)

Satisfação é a palavra que define esse momento. Eu estou sendo controlado pela incrível sensação de estar satisfeito, após ter feito com a Manuela ela algo que há tempos já não fazia mais.

Deitamos na cama, ainda com os corpos suados e eu estico o braço e ela se aninha em meu peito, deslizando a sua mão por todo o meu torso.

— À noite, quero terminar o que comecei com a língua. – murmuro, deslizando o dedo em sua coxa.

— Você vai acabar comigo. – Manu responde, ainda com a voz cansada.

— De prazer. – brinco, e quando eu beijo a testa dela, ela se aperta mais ainda contra o meu corpo. Se ela soubesse o quanto estou amando essa sensação. Se ela soubesse que quando estamos assim, juntos, parece que cada ferida que possuo, começa lentamente a se cicatrizar.

— Você não vai se levantar, vestir a sua roupa e ir embora, não é mesmo? – ela pergunta, erguendo a cabeça para me fitar.

— Isso nunca vai acontecer. – respondo sério. Ela volta a se aninhar em mim e solta um suspiro. Eu queria entendê-la, saber o que se passa dentro da cabeça dela, eu sei que ela ainda é apaixonada pelo ex-namorado, pela a expressão do olhar dela de quando ela me contou tudo, eu arrisco a dizer que talvez, ele seja o amor dela para toda a vida e eu não tenho que ficar

desanimado ou desistir dela por causa disso, porque se ela foi capaz de amar ele como ela amou, sei que ela é capaz de me amar ainda assim, mesmo que de uma forma diferente. Eu não acredito que exista somente um amor para cada um de nós. Talvez, exista somente um amor que se repete vida após vida, daqueles em que se encontram sempre, e que não ficam juntos, mas, nesse intervalo, outros amores, os amores que somam, os que ensinam, os que nos modificam, acontecem...

Enquanto eu acaricio os cabelos dela, as lembranças do meu inferno pessoal me veem à cabeça. Esse foi um amor, mas não o amor.

— Dan?

— Fala, bela.

— Você vai me contar?

— Está curiosa?

— Sim. Estou... Muito.

— Vamos tomar café no restaurante do hotel e eu conto.

— Tem certeza de que vai querer contar no restaurante do hotel?

— É verdade, eu não tinha pensado nisso.

— Vamos pedir café no quarto então! — ela diz, se levantando e indo pegar o cardápio que está sobre a mesa.

Escolhemos o que vamos comer e beber e enquanto o café não chega, eu propus a ela de tomarmos banho, ela me olhou de um jeito estranho quando eu terminei a frase, dizendo “juntos”, percebi que ela fez uma pausa, considerando a ideia, mas, segundos depois, ela topou.

Saí da cama primeiro porque ela parecia estar com vergonha de mim. Pelo infinito! Essa garota tem todos os motivos do mundo para não se envergonhar, ela é linda em todos os aspectos e ângulos, e bem, só de vê-la sentada na cama, meu amigo debaixo parece se animar novamente.

Eu ligo a água do chuveiro e espero o banheiro estar bem quente para chamá-la, ela aparece enrolada no lençol com os olhos para baixo e quando eu falo o seu nome, ela me olha com um sorriso tímido que me faz enlouquecer. Ela tem um jeito único de ser uma menina tímida e ao mesmo tempo uma mulher decidida que me faz querê-la cada vez mais.

— Vem! — eu a convido, esticando a mão para ajudá-la a entrar.

— Vira para lá. — Ela exige, com o olhar tímido novamente.

— Bela, eu já te vi de vários ângulos e não sei dizer em qual deles você é mais linda, acha mesmo que precisa ficar com vergonha de mim?

— Para! — ela fala, se abraçando.

— Vem, deixa esse lençol na cama. — Insisto, esticando a mão para ela novamente. — Vamos tomar banho e pedir o nosso café.

Ela solta lentamente o lençol e o deixa cair no chão e segura em minha mão, entrando no box comigo.

— A água está boa para você? — pergunto, assim que ela começa a se molhar.

— Está sim. — Ela responde, ainda com vergonha. Por Deus, nem parece a mesma Manuela de meio hora atrás na cama.

Eu seguro no rosto dela e dou um beijo em sua testa, ela fecha os olhos e quando os abre, eles estão marejados de lágrimas. Eu não preciso perguntar para saber que algo que eu fiz a fez lembrar dele, isso é algo que terei que aprender a conviver, eu não tenho mais nenhuma lembrança da Letícia porque o nosso relacionamento acabou com a traição dela, mas a Manu, ela com certeza deve viver em um furacão de lembranças, afinal, o relacionamento dela acabou não porque o amor havia acabado, acabou porque o namorado faleceu e isso deve ter deixado nela, um sentimento que jamais irá passar. Eu sei que ela o amará para sempre, porque ela não pôde viver com ele esse amor, isso já é motivo suficiente para um amor durar para sempre.

— Ei, está tudo bem... — eu falo, abraçando-a.

— Me desculpa. — ela diz, envolvendo os seus braços em minha cintura. Eu passo a mão nos cabelos dela, que agora estão começando a ficar molhados e a aperto contra o meu corpo.

— Quer falar sobre isso? — pergunto.

— Você não existe. — ela responde.

— Existo sim. Sem jogos, lembra? — ela balança a cabeça em afirmativo. Eu sei que aí, dentro de você, deve haver um baú de lembranças e ninguém tem o direito de tirar ele de você, se algum dia, alguém tentar fazer isso, essa pessoa não te merece.

— Dan...

— Está tudo bem. Eu sei que algo te fez lembrar dele.

— Sim. A gente no chuveiro, isso me trouxe lembranças.

Eu pedi para ela ser sincera, agora, tenho que aguentar. Eu sabia que era isso, mas, ouvi-la falar, me deu uma pontada de ciúmes. Ela parece nutrir por esse cara, um sentimento tão puro que me chega a doer, porque parece que eu nunca tive isso de verdade.

— Você pode sempre falar o que quiser comigo, ok? Mesmo que seja

uma lembrança dele... – falo, lutando contra mim mesmo.

— Obrigada. Você me faz sentir bem. – ela fica na ponta dos pés e alcança a minha boca, beijando-me lentamente.

— Se continuarmos nos beijando debaixo do chuveiro, vamos perder o café. – falo, assim que ela para de me beijar.

— Então deixa eu me lavar, porque estou com fome. – ela responde, divertida. Seus olhos voltaram a brilhar como antes e eu sei que o pensamento passou.

Terminamos de nos lavar e saímos juntos do box, ela foi para o quarto e eu terminei de me secar no banheiro, quando cheguei com a toalha enrolada na cintura, ela já estava vestida. Peguei uma boxer, minha camiseta e uma calça jeans e voltei para o banheiro, eu ouvi os seus passos, vindo atrás de mim.

— Com vergonha de se vestir na minha frente? – eu olho para ela e ela parece estar se divertindo.

— Por que acha isso?

— Porque pegou suas roupas e voltou para o banheiro.

— Não, vergonha não, só sei lá, achei que seria intimidade demais me vestir na sua frente. Além do que, você já estava vestida.

— Intimidade demais? – ela pergunta, parecendo contrariada. – Pensei que o que fizemos ontem, hoje cedo e até o banho, já fosse algo íntimo. – ela fala e sai do banheiro logo em seguida. Eu acabei de chateá-la sem nem perceber!

— Manu, espera, você entendeu errado.

— Não, Daniel, você está certo, não temos porque sermos íntimos, amanhã estou partindo e então, não vale a pena sermos...

Eu paraliso ao ouvir a sua última frase. As últimas quarenta e oito horas, ou melhor, a última semana, desde que a conheci, tem sido tão boa, que nem me dei conta de que logo, tudo não passaria de um encontro de viajantes. Ela vai seguir o caminho dela e eu o meu.

— A-man-hã? – a palavra sai lentamente da minha boca.

— É... – ela responde, sem me encarar. – Minha passagem para Dinamarca está marcada para amanhã.

Droga! Eu queria pedir para ela ficar, pedir para não ir, para mudar o roteiro e passar os próximos meses viajando comigo, mas, não me sinto no direito de fazer isso com ela, talvez, ela fique melhor sem mim.

— Ok. – falo, fingindo neutralidade. – Você pede o café enquanto me

visto?

— Ok. — ela diz.

Eu acho que não estava preparado para isso. Me despedir dela tão cedo não estava nos meus planos, para ser bem sincero, eu queria mesmo é continuar essa viagem com ela ao meu lado, levá-la para conhecer lugares incríveis, contar a história de cada um desses lugares, tirar fotografias com ela ao meu lado, acordar e dormir beijando-a. Agora que sei que ela já está com tudo arrumado, só me resta aproveitar os últimos momentos da companhia dela.

Eu me troco no quarto mesmo, com ela olhando para mim enquanto pede o nosso café da manhã, o tempo todo, nossos olhos ficaram presos um no outro, como se já estivéssemos nos despedindo.



Manuela

‘It's in the stars It's been written in the scars on our hearts. We're not broken, just bent and we can learn to love again’

Está nas estrelas, foi escrito nas cicatrizes dos nossos corações. Nós não estamos quebrados, apenas curvados, e podemos aprender a amar novamente”

(Pink – Just Give Me A Reason)

Desligo o telefone com ele me encarando de uma forma diferente. Sinto que já estamos nos despedindo. Parte de mim chega a desejar que ele me peça para ficar, para seguir viagem com ele, mas, outra parte agradece por ele não ter feito isso ainda e deseja que ele não o faça. Ter conhecido ele nessa viagem, acredito que foi e será a melhor coisa que podia ter me acontecido, eu havia planejado ela do começo ao fim e ele apareceu para me mostrar que às vezes, fugir do planejado pode ser bom e também necessário, eu nunca imaginei ver a Aurora Boreal e ele me deu uma das recordações mais lindas da minha vida, mas, parece que eu ainda tenho muito o que fazer e aprender com essa viagem, que ainda tem cerca de cinco meses para acabar, sinto que é algo que tenho que fazer sozinha. A ideia de viajar surgiu após o e-mail do Léo, me pedindo para fazer algo arriscado, diferente, foi por ele que criei coragem de fazer isso sozinha e eu preciso ser capaz de terminar o que comecei.

— E então, quer que eu comece agora ou vamos esperar o café? – ele pergunta, sentando no sofá de frente para a cama.

— Se quiser começar agora... – respondo. Parece que uma parede invisível começou a se formar entre nós e eu não queria isso.

— Bom, Letícia e eu nos casamos quando estávamos no primeiro ano da faculdade, assim como eu, ela se formou em jornalismo, mas, não seguiu carreira porque casou grávida.

— Nossa, isso não deve ter sido fácil. – comento, sentando-me na cama sobre as pernas.

— Não foi, mas também não foi difícil. Eu venho de uma família tradicional de Bento Gonçalves, meus pais são portugueses e imigraram para o Brasil muito antes de eu nascer, eles deram muito duro, mas, conseguiram ter o que sempre sonharam: uma vinícola. Quando eu nasci, já estavam bem de vida e puderam oferecer a mim e ao meu irmão, uma vida confortável. Confesso que abusei um pouco desse conforto quando era adolescente, mas, quando contamos à nossas famílias sobre a gravidez dela, passado o susto e as broncas, não nos faltou apoio de ambos os lados, então, a dificuldade foi a de concluir o curso com uma criança em casa, mas, nunca faltou nada a ela nem à Bianca... a nossa filha.

Percebo que ele faz uma pausa ao falar da filha, talvez não se sinta confortável falar sobre ela com outra pessoa.

— Você disse que ela é sua ex, quanto tempo ficaram juntos?

— Dez anos. – ele fica mudo, olhando para mim.

— E qual foi o motivo da separação?

No momento em que ele começa a responder, a campainha do quarto toca, anunciando a chegada do nosso café da manhã. Ele se levanta e vai até a porta e eu sigo para a pequena mesa.

— Vamos comer primeiro, depois, se ainda quiser ouvir, eu continuo.

— Podemos comer enquanto você continua. – sugiro, enquanto ele começa a nos servir.

Ele dá um gole em seu café quente e me fita por alguns segundos.

— Peguei ela com o meu irmão, no escritório da vinícola do meu pai.

Eu olho para ele boquiaberta, sem saber o que dizer, como alguém trairia um cara como ele? E o pior, com o seu próprio irmão! Desde que o Léo me deixou, eu passei a acreditar que a minha dor era a maior dor do mundo, que ninguém sentiria dor maior do que a minha, mas, olhando agora para os olhos do Daniel, a expressão triste de seu rosto me mostra que estou enganada.

Existem vários tipos de dor e cada um tem a sua dor particular para carregar pelo resto da vida.

— E depois? – pergunto, tentando encorajá-lo a continuar.

E foi então que eu o vi desabar, ele passou as mãos em seu rosto enquanto contava os detalhes de como pegou os dois transando, o quanto ele bateu em seu irmão até deixá-lo em coma, as mais de oito horas passadas dentro de um bar durante dois longos e cruéis meses, a vergonha de olhar para a sua filha quando ela o encontrou bêbado e caído sobre o seu próprio vômito dentro de casa, a notícia de que ela na verdade é filha do seu irmão, o primeiro dia da sua internação para tratamento do álcool e da depressão e a sua recuperação e decisão de viajar por algum tempo.

Eu arrasto a minha cadeira para perto da dele e o abraço, fazendo ele se encostar em meu ombro, como uma criança que precisa de colo.

— Eu sinto muito, Dan, de verdade. — murmuro, beijando a sua testa. Um beijo casto, puro.

— Foram tempos difíceis. Voltar a trabalhar foi o que me ajudou a me reerguer novamente. Eu não falo com o meu irmão até hoje e ganhei a guarda da Bianca, meus pais cuidam dela quando estou viajando. E quanto a Letícia, a vadia conseguiu uma pensão gorda sob alegação de que abandonou a carreira, só não sei qual, para cuidar da família.

— E você não conheceu ninguém nesse tempo? Você tipo, se fechou?

— Na verdade não. Nesse tempo, eu saía com uma mulher diferente a cada semana, um cara com dinheiro, um bom carro, viajado e bem vestido, não precisa de mais nada para conseguir um certo tipo de mulher, aquele tipo que só quer ser levada para jantar em um bom restaurante e depois, ser comida em uma suíte de luxo de um bom motel.

Eu olho para ele incrédula, nem parece ele dizendo essas coisas. Me pergunto o quanto eu sei de fato a respeito dele e me espanto ao perceber que eu não o conheço.

— Eu fiz muita merda, Manu, como eu te disse, você não é a única a ter um passado doloroso, a diferença é que você se recuperou, eu, tive que primeiro me afundar para depois aprender a me recuperar.

— Dizem que precisamos chegar o fundo do poço para conseguirmos dar o impulso necessário para voltarmos à superfície. Não tenha vergonha do seu fundo do poço, ele te fez voltar, isso é o que importa. — falo, acariciando o seu cabelo.

Ele me abraça com força e nesse momento, parece que quem tem trinta anos de idade sou eu e ele é que tem apenas 24 anos e que precisa de alguém para lhe dizer o quanto o mundo às vezes pode ser cruel com a gente.

— Você nem comeu. — ele fala, com os olhos rasos d'água.

— Eu como agora, mas, tem que comer comigo. — respondo, servindo para nós os ovos mexidos com bacon e uma fatia de pão integral.

— Manu?

— Oi. — eu olho para ele e espero ele falar.

— Eu... bom, obrigada.

Eu dou de ombros, um pouco decepcionada, eu não sei ao certo o que eu esperava que ele dissesse, mas, parece que não era isso.

— A regra de não agradecer e não pedir desculpas vale para os dois, lembra?

— Manu? — ele fala de novo, como se estivesse ignorando o que acabei de dizer.

— Oi. — Eu me preparo para ouvir mais um obrigado.

— Te adoro, pequenina. — ele diz, olhando fixamente em meus olhos.

Imóvel, eu olho para ele e logo em seguida, abaixo o olhar, sinto que não conseguirei segurar as lágrimas por muito tempo, em questão de segundos, meu pensamento toma rumo próprio e vai parar em uma das noites mais felizes da minha vida:

— Quando estamos juntos, eu sou sua. Sempre sou Léo. Você me tem em cem por cento — digo, olhando para as minhas mãos e minhas pernas trêmulas.

— Você também me tem em cem por cento quando estamos juntos — ele coloca a mão dele sobre a minha. — Olha para mim.

— Não consigo — digo, balançando a cabeça.

— Olha, estou pedindo — ele suplica, com a voz mansa.

Eu faço o que ele pede e olho.

— Adoro você, Manu.

Lembrar desse dia me causa um misto de dor e alegria, nunca, um “adoro você” soou tão profundo quanto as palavras ditas por ele naquele dia na praia.

Eu me forço a esquecer o pensamento e mentalmente repito para mim mesma que preciso me concentrar no agora. Eu sinto vontade de dizer que também o adoro, mas, parece ser tão absurdo eu adorar alguém que pouco conheço e tal pensamento me faz travar no momento em que eu mais preciso da minha capacidade de ser sincera. Eu sei que não posso fazer com o Dan, o que o Léo fez comigo um dia em um quarto de motel, quando eu disse que o adorava e ele me quebrou em mil pedaços ao ficar em silêncio, e, foi somente poucos dias antes dele me deixar, em seu quarto no hospital, que ele me disse

que naquele dia, no nosso quarto de motel, quando abraçada a ele eu disse que o adorava, ele teve vontade de me contar tudo sobre a sua doença e de dizer que também me adorava, mas, a coragem e o medo lhe fizeram ficar em silêncio.

Antes que o momento passe, eu ergo a cabeça e o fito por alguns segundos, seu olhar parece implorar por alguma palavra minha, eu conheço a dor do silêncio e definitivamente, o Dan não a merece. Talvez, seja cedo demais para eu dizer a ele que também o adoro, mas, já paguei um preço alto por esperar o tempo certo.

— Eu também adoro você, Dan. — solto, finalmente.

Ele abre um sorriso como se dissesse que entendeu a luta interna em que eu estava tendo minutos atrás com o meu silêncio. Eu sorrio para ele e a sua próxima ação foi a de me abraçar. Um abraço apertado, do tipo que nos faz sentir que encontramos aquele lugar seguro que tanto buscamos.

— Foi tão difícil assim? — ele pergunta, após me soltar.

Ele não precisa dizer, eu sei que ele está se referindo à minha resposta. — Foi. — respondo, esperando a reação dele.

— Eu entendo.

— Não porque eu não sinto, o difícil foi dizer que eu sinto, confuso isso, não é mesmo?

— Compreensível.

— Você acha?

— Claro que sim, afinal, um cara maluco acaba de dizer que adora você sendo que ele lhe conhece há apenas uma semana...

— É isso que pensa? — pergunto, começando a me preocupar com o rumo em que a nossa conversa está tomando.

— Não, Manu. Estou apenas fazendo piada com a nossa situação. Eu não tenho dúvidas que mesmo lhe conhecendo há tão pouco tempo, sinto por você esse sentimento de adoração e não quero ser pretensioso, mas, sei que de uma forma ou de outra, você também gosta de estar comigo, isso já me basta.

Ele precisa ser assim tão perfeito?

Eu sorrio para ele e ele retribui, me dando um beijo.

— Posso fazer uma pergunta?

— Sempre, Manu.

— A sua ex, por que ela te ligou ontem?

Ele me fita e por um momento penso que ele não gostou que perguntei.

— Ciúmes? – ele pergunta, erguendo a sobrancelha.

— Curiosidade. – eu posso até não conseguir negar para mim mesma de que senti sim ciúmes de saber que foi a ex quem ligou, mas, ele não precisa saber disso. Não mesmo.

— Antes de eu responder, quero que ouça uma coisa. – ele diz, se levantando e pegando o celular dele. Ele digita alguma coisa e algum tempo depois, ele se senta ao meu lado novamente. – Curiosidade – ele diz, como se estivesse lendo um discurso. – é o desejo do ser humano de ver ou conhecer algo até então desconhecido.

— Eu olho para ele ainda incrédula. – Não acredito que está vendo o significado da palavra curiosidade! – falo, com espanto. Ele apenas ri e digita mais alguma coisa no celular.

— Espera porque a definição de ciúmes é melhor ainda – ele responde, me provocando. – É um sentimento natural do ser humano, produzido pela falta de exclusividade do sentimento, da dedicação e do cuidado da pessoa de quem se gosta.

Ele termina de ler e me olha com um olhar malicioso. – E então, curiosidade ou ciúmes?

— Não acredito que você foi procurar o significado de cada palavra só para me colocar em dúvida.

— Sinceridade, lembra? – ele retruca. – Como fiquei na dúvida se você foi realmente sincera, eu quis dar uma ajudinha, conceituando os dois sentimentos para que você tenha mais clareza ao escolher a sua resposta.

— Como você é cínico!

— Opa, cínico, espera, vou procurar no dicionário online o significado de cínico e gostoso, aí você escolhe melhor. – ele responde, rindo divertido.

— Engraçadinho... Ciúmes, ok? Satisfeito?

— Ainda não. Cínico ou gostoso.

— Quer parar?

— Responde, Manu.

— Gostoso. – falo, mordendo os lábios.

— Nossa, que vontade de te levar para cama quando você faz isso. Aposto que nem percebe.

— Eu iria dizer “me leva então”, mas você me deve uma resposta. – falo, sem sorrir para não me deixar ser convencida por ele a ir para cama e ficar sem a resposta dele.

— Eu não sei, eu não a deixei dizer, apenas disse que não tinha nada

sério para conversar com ela, ela insistiu dizendo que era assunto do meu interesse e eu pedi para ela me deixar em paz.

— Você não ficou curioso?

— Nada mais do que vem dela, me deixa curioso. Ela é passado, Manu. — ele responde, pegando-me pela cintura e fazendo eu sentar em seu colo. — Só me importa o agora, esse momento que estou aqui com a garota mais linda do mundo, que até uma semana atrás, apreciava ter o olhar mais triste que já vi e que agora, posso dizer que sou capaz de ver até um pequeno sorriso nesse teu olhar.

Meu corpo todo reage a ele, fazendo eu me apertar contra o seu abraço. Eu não quero ir embora, não quero que isso acabe, mas, eu sei que preciso seguir em frente, sozinha.

— Me leva para a cama?

— Sério? A minha pequenina quer mais? — ele pergunta, me fazendo ficar cara a cara com ele.

— Quero! — nossa, a Manuela de antes não teria essa coragem, eu estou impressionada comigo mesma.

No momento seguinte, ele está comigo no colo, me levando até a cama. Ele começa a beijar o meu pescoço e o começo dos meus seios, eu solto um gemido e ele me fita, sorrindo por me ver assim, tão entregue. A sua mão direita acaricia o meu rosto, me fazendo fechar os olhos.

— Olha para mim. — ele pede.

Eu abro os olhos e o encaro.

— Quero você assim, olhando pra mim. Quero ver o exato momento em que você vai se perder, e Manu, fica tranquila, você pode se perder porque eu vou te encontrar.

Como não pirar como uma frase dessa? Parece que ele acabou de apertar todos os botões do “entregue-se”, porque nesse exato momento, meu corpo todo parece entrar em combustão, desejando que ele não somente me beije, mas também, me possua.



Daniel

*‘These nights never seem to go to plan. I don't want you to leave.
Will you hold my hand?’*

*“Essas noites nunca parecem seguir o plano. Eu não quero que
você vá. Você vai segurar minha mão?”*

(Sam Smith – Stay With Me)

Eu poderia parar tudo o que estamos fazendo nesse exato momento e ficar somente olhando para ela. Ah, Daniel, você está ferrado! Em poucas horas essa garota vai embora e aí? Você está preparado para seguir viagem, sozinho novamente? E se era ela quem você estava buscando? E se a viagem não for realmente o principal? Se o principal foi tê-la conhecido? Como você vai fazer sem ela daqui para frente? São tantas perguntas gritando dentro da minha cabeça que por alguns segundos, eu fico paralisado, encarando-a.

— Dan? – Mauela chama, me trazendo de volta.

— Desculpa. – falo, tentando voltar de onde paramos. Eu, beijando os seios dela.

— Você não está a fim, não é mesmo? – Oh, droga, como explicar a ela?

— Não é isso, é claro que estou a fim. Você deixa qualquer homem maluco, Manuela.

— Sinceridade, lembra? – ela diz, devolvendo a mim, a minha frase. — O que aconteceu segundos atrás?

O que fazer quando você preza a sinceridade mais do que tudo, mas, em um determinado momento, você sente que se for sincero, corre o risco de perder o pouco que tem com a pessoa por quem está se apaixonando? Se eu for sincero com ela agora, o que eu deveria realmente ser, ela pode se assustar com as minhas palavras, porque eu diria a ela que não quero que ela vá

embora, por outro lado, se eu não for sincero, e se houver algum dia alguma chance para nós dois, eu sinto que já estarei começando algo da forma errada e eu não quero de forma alguma que isso aconteça.

— Se eu não disser nada, estarei deixando de ser sincero? – pergunto, torcendo para que ela tenha entendido o meu dilema. Ser comprometido com a sinceridade é como andar em uma corda bamba, é muito fácil você pender para um lado ou para o outro e cair. Eu decidi ser sempre sincero com ela, mas, às vezes, ser sincero, significa me expor e não sei se ela vai entender que isso, é algo difícil para mim.

— Você estará omitindo e acho que isso também é uma forma de não ser sincero. – Manu responde, alisando o meu rosto, tornando tudo mais complicado.

— Eu não quero que você vá. – solto, e nesse exato momento vivencio a mesma sensação de alívio que a gente sente quando está naqueles elevadores dos parques de diversões que despencam com tudo e é somente no final que você consegue de fato respirar e se sentir aliviado.

Ela me puxa para cima dela e me abraça com força. A essa altura do campeonato, sei que já não conseguiremos mais dar continuidade ao que estávamos fazendo, sinto que mesmo sem querer, o clima de repente, pesou e uma fina parede parece estar se formando entre nós.

— Desculpa, por dizer. – falo, tentando ser menos ridículo. Ela ainda está em silêncio.

— Dan, eu também não quero ir. Juro para você que em uma semana, parece que quando estou com você, sou outra pessoa e sei lá, eu estou gostando disso, mas, fazer isso, é algo que eu preciso.

Eu me animo quando ela diz que também não quer ir, mas, a tristeza vem em seguida quando ela afirma que precisa.

— Outra pessoa? – questiono, tentando entender o que de fato ela quis dizer.

— Sim, parece que estou perdendo o medo de ser eu mesma e isso acontece quando estou com você, quando você olha para mim e diz: “sem jogos”.

— Minha pequenina, fico tão feliz por saber disso. – falo, beijando-a em seguida.

Ela retribui o beijo que a cada segundo, se torna mais intenso. Há segundos atrás, eu estava certo de que o “clima” havia passado, nesse exato momento, tenho a certeza de que não. Ela parece sentir a mesma sensação

que eu, porque enquanto as minhas mãos escorregam pelo o seu quadril, ela arqueia o corpo para mim. Eu me viro na cama, colocando-a por cima de mim, ela senta sobre o meu membro e ajeita as pernas, uma para cada lado e volta a me beijar, com mais ferocidade dessa vez.

— Diz que você é minha... Pelo menos nesse momento. – sussurro em seus ouvidos.

— Eu sou sua, Dan. – ela sussurra, gemendo em seguida, quando eu a toco em sua região mais sensível.

Eu começo a tirar a roupa dela, mas, ela me para em seguida, eu a encaro espantado e, segundos depois, ela mesma está tirando a sua roupa sem deixar de me olhar segundo algum. Talvez ela não tenha noção, mas, ela é capaz de deixar qualquer homem verdadeiramente maluco só por vê-la tirando a roupa desse jeito, em uma mistura de timidez com sensualidade.

Quando ela termina, eu, que até então estava apenas observando e me deliciando com a visão mais linda do mundo, começo a tirar a minha calça e ela me ajuda com a parte de cima. Apesar do frio que faz lá fora, aqui dentro consigo sentir o calor entre nós, nossos corpos juntos, um desejando o outro. Ao contrário da última vez que transamos, em que fiz amor com ela, dessa eu quero e preciso que seja forte, duro e rápido. Eu preciso liberar tudo o que está dentro de mim, e quem sabe, junto, liberar essa angústia que me sonda por saber que amanhã será o dia da despedida.

O beijo se torna mais urgente e ela mal parece conseguir respirar. Eu jogo os cabelos dela para trás e paro, observando o seu corpo nu, sobre o meu. Ela sorri, um daqueles sorrisos tímidos e ao mesmo tempo, maliciosos e com as duas mãos, segura em meu membro, me fazendo soltar um gemido de prazer. O toque da sua mão me leva para outra dimensão, eu fecho os olhos porque quero ao máximo tentar guardar essa sensação para mim e enquanto ela faz movimentos de vai e vem com ele em suas mãos. Ainda de olhos fechados, eu sinto que ela começa a se mover, passando uma perna para o mesmo lado que a outra e ficando de lado na cama, eu abro os olhos e ela está prestes a me tocar com a boca, encarando-me, como se estivesse apenas esperando eu olhá-la para começar. Eu respiro fundo e levo a minha mão até a sua cabeça, incentivando-a a ir, ainda me olhando, ela desce a cabeça e vira de lado, se posicionando na lateral do meu membro. Segundos depois, ela começa a beijá-lo, vários beijos em vários lugares.

— Porra, Manu! Você vai me deixar maluco desse jeito! – solto, explodindo de tesão.

— Essa é a intenção. — ela responde, intercalando com mais beijos.

— Manu, por favor, se você não fizer isso logo, acho que não vou suportar. — Gemo.

Ela me olha e nada diz, volta a abaixar a cabeça e dessa vez, sua boca macia praticamente engole o meu membro. Eu gemo. Dessa vez, mais alto.

— Como isso é bom.

Ela continua com seus movimentos sincronizados até me fazer pedir para parar.

— Se você repetir esses movimentos mais algumas vezes, eu não serei capaz de responder pelos os meus atos. — falo, justificando o meu pedido para que ele pare.

— Não responda então. Só curta. — ela responde. Olha, eu não sei de onde saiu essa Manuela, só sei que estou amando tudo isso.

— Manu? — pergunto ciente de que ela já sabe o que quero perguntar.

— Eu quero fazer isso, Dan. — ela responde, voltando a movimentar o seu corpo.

Pouco tempo depois, eu explodo de prazer como se o meu corpo todo tivesse se transformado em mil partículas. Ela me olha satisfeita. Como pode me olhar satisfeita se ainda nem a fiz gozar? Que mulher é essa que não segue a regra de que em uma transa, é ela quem tem que se satisfazer primeiro? Oh, merda. Eu estou terrivelmente fodido, caído por essa garota, entregue à sensação de vivacidade que ela me traz. Sim, Daniel, você está vivo. Essa garota está te fazendo renascer das cinzas.

— Deita. — ordeno a ela, que me olha curiosa.

Eu começo beijá-la no pescoço e sem muita demora, desço para os seus seios, puxando-os e sugando-os. Enquanto uma das minhas mãos brinca com eles, a outra vai escorregando para a virilha dela. Eu sorrio ao senti-la preparada para mim.

— Como você está quente, — solto em seus ouvidos, fazendo-a arrepiar e a se contorcer na enorme cama.

Manuela fecha os olhos e tomba a cabeça de lado no travesseiro. Minha boca continua a percorrer o corpo dela, parando bem em cima do seu sexo.

— Posso? — pergunto.

Ela não diz nada, apenas balança a cabeça em afirmativo e segundo depois, estou beijando-a, experimentando o seu gosto, inalando o seu cheiro.

— Ai, Dan. — ela geme, quando a minha língua encontra o seu clitóris. Eu recebo isso como um sinal de que devo continuar e intensifico os

movimentos, ela ergue o quadril para mim, e eu me posiciono entre as pernas dela, conferindo cada parte da visão perfeita que estou tendo. Beijo-a e sugo-a com intensidade, fazendo ela soltar vários pequenos gemidos, quase que inaudíveis, enquanto que minha mão brinca com seus seios, apertando-os e massageando-os. Ela começa a balançar o corpo para baixo e para cima e suas pernas prensam a minha cabeça no meio delas, eu me rendo à tentação de olhá-la e o que vejo é uma garota se perdendo e se encontrando no prazer. Com os olhos fechados, ela morde os lábios e inferno! Ela fica incrivelmente sexy fazendo isso. Eu aumento a velocidade porque preciso colocar o meu membro logo dentro dela, ele já parece estar prestes a explodir novamente só por vê-la assim tão quente e vulnerável ao prazer.

— Se permita, Manu. – falo, quando percebo que ela está quase chegando lá.

— Você vai acabar comigo. – ela sussurra.

— Então deixa eu acabar com você, minha bela Manuela.

Ela abre os olhos e segundos depois, solta um gemido um pouco mais alto, pronunciando o meu nome em seguida, me chamando de Dan. Eu a sugo com mais força e caio ao seu lado, maravilhado com a sensação que acabei de experimentar. Ela se vira para mim e sorri timidamente.

— Bela, minha bela-pequenina Manuela, quem diria que por trás dessa delicada garota, haveria essa surpreendente mulher? – falo, com meu rosto de frente para o dela.

— Para! – ela ordena, tapando o rosto em seguida.

— Ei, não há nada do que você tem que se envergonhar, o que fizemos aqui foi incrível, é algo que exige cumplicidade, desejo, paixão. Não é só tesão, Manu. É respeito pelo o outro, vontade de dar ao outro o prazer que desejamos a nós mesmos.

Ela tira as mãos do rosto e me olha, como se estivesse procurando em meu olhar a verdade nas palavras que acabei de dizer.

Eu nunca fui o cara mais romântico do mundo, nunca fui de ficar falando como a transa foi boa, como a garota mandou bem no meia nove, ou como eu gozei gostoso após um oral, talvez, eu nunca tenha nem sequer gozado gostoso com oral como hoje, mas, enfim, nunca fui desses que diz a frase perfeita, aquela que todas esperam ouvir após o sexo, mas, essa garota de olhos profundos, olhos que hoje parecem pela primeira vez, brilhar de verdade, me faz querer conversar com ela sobre cada detalhe dos momentos que acabamos de ter, como se isso fosse garantir que eles ficarão gravados

para sempre na minha memória para que eu possa acessá-los quando não a tiver mais em meus braços. Ah... Se ela pudesse agora ler a minha mente e ver o quão feliz estou, queria que ela pudesse...

— Obrigado. — falo, beijando-a na boca.

Ela retribui o beijo, porém, não se detém em apenas me dar um beijo suave na boca, ela se vira para cima de mim e me beija com vontade. Caracas, ela quer mais! Ela meneia a cabeça para baixo, apontando para o meu membro. Sim, ele está pronto, parece até que nunca deixou de estar. Ela tem mesmo esse poder sobre mim, de me deixar sempre em estado de excitação.

Eu pego a camisinha na cabeceira da cama e cubro-o com rapidez, deixando-a montar sobre mim em seguida. Começamos a nos mover juntos, com lentidão, apenas curtindo a sensação, minhas mãos correm pelo corpo dela, decifrando e memorizando cada curva. Ela coloca as duas mãos em meu peito e intensifica os movimentos, eu pego as duas mãos dela e entrelaço com as minhas, jogando-as para acima da minha cabeça. Ficamos assim, nos movendo, ora lentos, ora rápidos. Nossos olhares presos um no outro, eu segurando a minha vontade de dizer a ela novamente que a adoro e ela sorrindo por talvez já ter percebido que é essa a minha vontade. Eu espero sem pressa, ela explodir em cima de mim, para então depois, liberar mais uma vez, essa carga maluca de tesão e paixão que percorre por todo o meu corpo, me deixando imóvel depois disso.

— Obrigada. — ela diz, olhando para o teto. Oh, como ela fica linda quando está envergonhada.

— O que quer fazer hoje, no seu último dia? — pergunto, sentindo uma pontada no peito.

— O que sugere? — ela pergunta, se virando para ficar de frente para mim. Arrisco a dizer que ela também está sentindo essa mesma pontada no peito, porque os seus olhos parecem terem perdido o brilho de momentos atrás.

— Vamos apenas passear pelo centro, almoçar, conhecer alguns lugares e voltar para o quarto, o que acha?

— Perfeito, Dan. — ela responde, começando a se levantar da cama. — Vou tomar uma ducha, aliás, outra ducha! — brinca.

Manu se enrola no lençol e segue para o banheiro. Eu permaneço esticado na cama, ainda sem forçar para me mover.

Pouco tempo depois, o notebook dela que estava sobre a outra cabeceira

da cama, apita e como reação eu me viro para olhar. Ela não o fechou por completo, deixou, talvez por descuido, a tela em uma altura de noventa graus, o que me permite, se eu me esticar um pouco, ver o que está apitando.

Em uma espécie de guerra, eu me pego considerando a ideia verificar o notebook dela. — Não, Daniel, você não vai fazer isso! Não seja esse tipo de cara, por favor! – falo para mim mesmo, mas, o meu corpo parece não mais me obedecer. Eu me movo um pouco, alcançando o computador e erguendo um pouco mais a tela.

Na página do seu e-mail, o nome Carolzinha aparece como mensagem não lida, corro o olho para o título do e-mail que diz “Descendo ao inferno” e sinto como se eu estivesse levado um soco na cara. Eu não preciso ler o e-mail para saber que se trata sobre nós. Mas, eu preciso ler para saber o que ela quer dizer com esse título.

Eu ouço o barulho do chuveiro sendo ligado e aproveito o momento. Estou sendo o cara mais filho da puta do mundo, mas, dado as circunstâncias, onde ambos possuem as suas feridas e cicatrizes, quanto mais eu saber sobre ela, mais chances tenho de conquista-la.

Clico em ler e desço a página até o e-mail que ela enviou, antes de ler a resposta dessa tal de “Carolzinha”, preciso ler o que ela escreveu.

De: Manuela

Para: Carolzinha

Assunto: Res res Queda livre

Carol,

Antes que me xingue, desculpa a demora. Eu ia responder o seu e-mail anterior, mas, desde que você o enviou, tanta coisa aconteceu que decidi atualizá-la com um novo e-mail. Descendo ao inferno! Sim, é o que estou fazendo nesse exato momento, é para lá que mereço ir. É lá que devo ficar. Não, por favor, não me venha com essa de que estou pegando pesado comigo mesma, me deixe primeiro lhe contar os fatos, você verá que tenho razão.

O cara que lhe falei, Daniel, me convidou para vir com ele para Tromsø, para ver a Aurora Boreal. Sim, digo vir, porque é nessa diferente cidade em que me encontro agora, sentada sobre a cama enquanto ele toma uma ducha. Como ele foi parar no banheiro? Calma que ainda vou chegar nessa parte, vamos por enquanto, focar no começo da história. Ele convidou. Eu não demorei muito para pensar e aceitei. Comecei então a trilhar o caminho que iria me levar para baixo, sim, lá para baixo. Eu fugi do meu propósito, eu deveria estar seguindo o roteiro que programei, aquele que fiz em cima das histórias que o Léo me contou, afinal, foram elas que me motivaram a largar tudo aí no Brasil e a ir viajar. Droga, Carol. Ele faz uma puta falta, como eu queria que ele ainda estivesse vivo, como eu queria tê-lo ao meu lado... Sabe, às vezes parece que ouço a voz dele e então eu me viro para encontra-lo e tudo o que encontro é o vazio.

Quanto ao Daniel, eu rezo para que ele tenha defeitos horríveis e que eles venham à tona logo, tipo, até amanhã, que é quando partirei, caso contrário, tenho medo do que possa acontecer... Medo de me frustrar... A Aurora é linda, acho que ficará para sempre em minha memória como uma das visões mais lindas do mundo. (na lista, está o Leonel, a visão que tive ao voar de parapente, a Aurora e, bem, o Daniel também está nela, porque amiga, ele é simplesmente lindo, uma mistura do ator Chris Pine, sabe?), voltando para a Aurora, foi lá que ele soube sobre o Léo, não me peça detalhes porque demorarei demais escrevendo e logo o Daniel estará aqui, apenas deixei escapar... Ele não demonstrou pena de mim, não me olhou com aquela cara de “pobre garota, perdeu o namorado”, não me abraçou na hora em que contei, ele apenas me olhou e pode parecer estranho, ele me ganhou um pouco ali, naquele momento.

Voltando à descida, ela começa a ser ladeira abaixo quando transamos, sei lá, acho que na verdade, fizemos amor, então, imagina quanto eu avancei a caminho do inferno com essa descida íngreme, né? Eu gostei do que fizemos, mas, a culpa ainda é grande. Será que o Léo um dia vai me perdoar? Eu deveria ainda

estar de luto e não transando com um cara em um quarto de hotel...

Bom, amiga, eu ia escrever mais, mas, preciso ir, depois te conto, ele está nesse momento no celular, longe de mim, e parece estar irritado, às vezes, penso que ele me esconde algo e nesses momentos, todas as sirenes tocam dentro de mim, mandando eu pular fora!

Te ligo amanhã, quando parto para Dinamarca.

Saudades infinitas.

Beijo.

Complicada Manu.

Eu termino de ler o e-mail, ainda me culpando por tê-lo feito, mas, saber o que se passa dentro dela, saber o quão ferida ela ainda está, me fez perceber que talvez, o melhor para ela nesse momento, seja realmente seguir em frente. Eu não tenho o direito de lhe pedir para ficar ou de me oferecer para seguir viagem com ela. Ela decidiu fazer isso pelo o ex-namorado, parece que ela precisa disso.

Decidido deixá-la partir amanhã, eu não vou tentar influenciá-la de forma alguma, preciso colocar na cabeça de que tivemos o nosso momento e de que agora, é chegada a hora de seguirmos nossos destinos, se um dia tiver que ser, eu ficarei atento aos sinais, para que seja.

Eu fico tentando a ler a resposta da amiga dela, mas, percebo que ela desligou o chuveiro. Eu agradeço por existir a opção “marcar como não lido” no e-mail, eu marco e deixo o notebook dela como o encontrei.

Ela sai do banheiro enrolada na toalha e passa por mim sorrindo. Eu tento esquecer tudo o que li há minutos atrás e devolvo o sorriso para ela, indo para o banheiro em seguida.

Abro o chuveiro e deixo a água cair sobre o meu corpo. Eu não deveria ter feito o que fiz. Estou me sentindo um homem de merda por ter feito, mas, pelo menos agora, eu sei que não tenho chances com ela. Amanhã ela vai embora e tudo o que tenho que fazer, é sobreviver a esse dia. Eu não posso

lutar contra o ex dela. Enquanto ele ainda estiver vivo para ela, acho que homem nenhum conseguirá fazê-la feliz porque a culpa que ele sente toda vez que começa a ser feliz, vai persegui-la até que ela o deixe livre.

Eu só preciso terminar esse dia. É só. Amanhã cedo ela estará partindo e se tudo o que tem que acontecer, acontece na hora certa, bem, tivemos a nossa hora certa.

Merda de pensamento conformista! Estou começando a achar que os hindus criaram essas quatro leis espirituais para se conformarem com alguma situação extrema e não mais questionarem as possibilidades de muda-las.

Tá certo, não penso isso de verdade, mas é que agora, nesse momento em que ela está em meu quarto de hotel, tudo o que eu mais queria é ter o poder de decidir o meu próprio destino. Não estou falando no sentido figurado, onde todos dizem que somos responsáveis pelas as nossas próprias histórias, estou falando no sentido literal, onde as escolhas não tivessem consequências, somente recompensas. Eu escolheria ela.



Manuela

*“E eu acho que eu gosto mesmo de você bem do jeito que você é.
Eu vou equalizar você, numa frequência que só a gente sabe. Eu te
transformei nessa canção, pra poder te gravar em mim”*

(Pitty – Equalize)

Enquanto o Dan toma banho, aproveito para dar uma checada em meus e-mails. Respondo primeiro o da minha mãe, que diz estar morrendo de saudade e completa dizendo que quer que eu conheça alguém quando retornar.

Eu fico feliz por ela. Minha mãe merece encontrar alguém. Ela sofreu como um cão de rua, com a morte do meu pai. Dia após dia, eu a vi definhar dentro do seu quarto, durante dois meses foi só o que ela fez... Definhar. Vovó foi quem a socorreu quando nem ela e nem eu, já não víamos mais sentido em levantar da cama e viver o dia. A minha avó, Vó Tereza, mãe da minha mãe, foi muito forte. Ela segurou as barras, foi passar um tempo conosco. Se dividiu entre consolar a dor de uma filha que perdeu o marido e a dor de uma neta que perdeu o seu pai-herói.

Respondo que também estou com saudades e que estou louca para conhecer esse alguém.

Eu vejo que a Carol já respondeu o meu e-mail, mas, antes de lê-lo, passo para o próximo e-mail, o da Miriam, ela contando que as coisas com o Marcelo estão ficando sérias e que agora oficializaram o namoro. Desde a morte do Léo, sem perceber, fui me afastando pouco a pouco da Miriam, por Deus que não foi de propósito, ela tentou me dar forças de todas as formas, mas é que ela e o Marcelo viveram um pouco da minha história com o Léo, aquela que eu chamava de “não história” e, estava me matando por dentro ver os dois juntos e lembrar que era comum estarmos os quatro, mesmo que eu e

o Léo não fossemos um casal de verdade.

Acho que esse é um bom momento para me reaproximar dela. Ela foi uma boa amiga quando precisei e se está compartilhando esse momento comigo, significa que não se magoou com a minha atitude covarde. Respondo dizendo o quão feliz estou por eles e aproveito para me desculpar. Estou em um momento nostálgico. Acho que é o confronto entre o passado e o presente. Não sei.

O Renato também me escreveu dizendo que sente falta da estagiária predileta dele, que ninguém mais ocupou a mesa que era minha. Disse ainda que ela sempre será minha. Ele também foi um bom amigo, desde o dia do aniversário do Marcelo, em que quase ficamos, deixamos claro as nossas intenções. Ele disse se sentir atraído por mim. Eu disse que o achava atraente também, mas, que o respeitava e o admirava como chefe e ele completou que o meu “mas”, tinha na verdade outro nome: Leonel. E eu confirmei. Já não adiantava mais negar que eu estava apaixonada por aquele cara de olhos caramelos, irritantemente e insuportavelmente lindo. Quando Léo ficou internado, o Renato foi o melhor chefe do mundo, me liberando meio período para ficar com o ele no hospital. Às vezes o Léo dizia que o Renato só fez aquilo porque sabia que ele estava com os dias contados. Ele não dizia isso por mal, como crítica ao Renato, não, ele dizia que nós, seres humanos, somos assim, quando sabemos que uma desgraça está prestes a acontecer, nos tornamos pessoas melhores, bondosas, abrimos mão de alguns conceitos e também pré-conceitos. Ele citava um vídeo que rodava nas redes sociais de um casal que já parecia não se entender mais e o cara em um determinado momento, pede a separação para poder ficar com outra pessoa e a sua esposa lhe pede um tempo e que nesse tempo, ele a carregue no colo todos os dias. No fim, ela estava doente, morrendo um pouquinho por dia e ele só se deu conta, quando praticamente já era tarde demais. Ele, como profissional de marketing, dizia que a moral daquele vídeo era a de que se o cara soubesse antes da doença da esposa, teria agido diferente. Lembro-me quando ele me disse essa frase e eu o confrontei.

— Será? Você acredita que se o marido soubesse antes de acontecer, teria mudado? Acha que ele teria se apaixonado de novo pela esposa?

— Eu não. Essa é a mensagem que o vídeo tenta passar. Quer saber o que acho? – ele perguntou, se ajeitando em sua cama, erguendo um pouco a cabeça para que o seu braço com o acesso para o soro, fique mais confortável.

— Quero. – respondi, desafiando-o.

— Eu acho que se ele não a tivesse pegado no colo todos os dias, se não tivesse tido esse pequeno momento de intimidade com ela, mesmo que ele soubesse da doença dela, nada teria mudado, ele iria apenas nutrir um sentimento de pena por ela. Da forma como aconteceu, mesmo sendo triste, Manu, ele se apaixonou novamente, então, ele a fez feliz nesse curto espaço de tempo.

Naquele dia, eu percebi o quanto do Léo sensível eu ainda não conhecia; e eu estava me apaixonando mais ainda por ele. E não era porque ele estava doente. Era porque ele era um cara incrível, com suas confusões, complexidades, suas barreiras, sua concha. Sua muralha da China.

Eu respondo o e-mail do Renato, dizendo que estou aproveitando cada minuto da viagem e que em breve enviarei fotos. Queria escrever mais, mas, nesse momento, não sei ao certo o que escrever.

Passo para o e-mail da Carol, ajeito o travesseiro na guarda da cama, tiro as minhas botas e sento com as pernas cruzadas. Pelo tamanho do e-mail, sei que se ela não escreveu uma segunda Bíblia, está bem perto disso.

De: Carolzinha

Para: Manuela

Assunto: Res res res Queda livre

Primeiro: Você me escreveu, logo, isso me dá o direito de dizer tudo o que penso.

Segundo; Queria atravessar essa tela do seu notebook e lhe dar um soco na cara! Nunca mais repita isso! Você não merece o inferno. Garotas que são capazes de amar como você é, nunca vão para o inferno, entendeu?

Dito isso, podemos conversar...

Ei, a geminiana medrosa aqui sou eu, lembra? Cadê a sua coragem e valentia? A sua vontade de viver? De realizar aquela

sua lista que nunca me deixou ver?

Frustração? Compramos um carro sabendo que podemos bater, entramos em um avião sabendo que pode cair, amamos as pessoas sabendo que podemos perdê-las para a morte. Ah, claro, mas aí é o acaso ou o destino, não é mesmo? É o tal do tinha que acontecer... Não foi escolha, né? Talvez, essa seja a grande coisa que nos afligia, a escolha. E você, minha amiga, tem em suas mãos, a escolha. Sempre temos. Com o Léo não foi diferente. Você não podia escolher fazê-lo viver, mas, pôde escolher passar com ele os últimos momentos da vida dele. Você teve essa oportunidade de escolha. Você está tendo agora mais uma oportunidade de escolha. Pense nisso. Apenas pense, mesmo que não tome nenhuma decisão agora, não descarte as suas escolhas.

Bom, você disse que iria escrever como foi parar aí, nesse quarto de hotel, nessa cidade que eu nunca tinha ouvido falar o nome e, terminou o e-mail sem contar. Acho que estava escolhendo ir tomar uma ducha com ele, será?

Me escreva de volta quando possível. Se ainda achar que merece o inferno, por favor, se dê uns bofetões por mim. Pessoas como você, vão direto para o céu.

Te amo.

Carol-surtando-de-curiosidade.

Termino de ler o e-mail com os meus olhos ardendo de tanto tentar conter as lágrimas. Será que vai ser sempre assim? Toda vez que eu conversar com ela ou com alguém sobre o Léo, sobre o que vivemos, eu vou cair em um choro e me consumir em lágrimas.

A verdade é que a saudades dele ainda dói em cada parte do meu ser. Eu ainda fecho os olhos e vejo o seu sorriso a brilhar para mim enquanto uma pequena covinha se forma em seu rosto.

Ouçõ barulho na porta do banheiro e me apresso para disfarçar as lágrimas. Fecho meu notebook e quando ele entra no quarto, estou calçando

as minhas botas.

— Estou pronto. – ele diz, em um tom de voz que não reconheço.

— Está tudo bem? – pergunto, me levantando.

— Sim. Claro!

— Sinceridade? – forço. Algo me diz que ele não está sendo sincero e não é justo ele cobrar que eu seja se ele mesmo não está sendo nesse momento.

— Talvez nem tanto. — ele responde, pegando a sua carteira. — Vamos?

— Como assim? – pergunto, parando de frente para ele. – Não entendi a sua frase.

— Eu disse que talvez nem tanto. Talvez, nem tanto esteja tudo bem e nem tanto eu esteja sendo sincero, por dizer que está quando não está. – Daniel me fita e vejo em seus olhos azuis, um lampejo de tristeza. – Pronto, agora estou sendo sincero ao dizer para você que minutos atrás eu não fui.

— E porque não está tudo bem? – insisto. Se ele pensou que eu iria me calar, se enganou.

— Você. – ele responde, buscando a minha mão. — Você tem me deixado meio maluco, me desperta alguns sentimentos que jurei para mim mesmo nunca mais me permitir sentir.

Nesse momento, percebo que talvez, ele tenha os mesmos medos que eu. Somo duas pessoas marcadas, precisamos aprender a olhar para as nossas feridas e aceitá-las. Enquanto não fizermos isso, não estaremos prontos para seguirmos em frente. As nossas feridas não podem se tornar objeto de tortura. Não, não podem.

— Dan...

— Não precisa dizer nada, ok? – ele diz, dessa vez sem me encarar.

— Não, eu não preciso e por não precisar, eu vou dizer. – eu coloco a minha mão sobre o rosto dele, forçando-o a olhar para mim. — De tudo de ruim que me aconteceu, você tem sido a parte boa e pensar que amanhã terei que me despedir de você, me incomoda em algum lugar que ainda não sei onde. É algo que não posso definir, mas, que sei que sinto. Acontece que da mesma forma, sinto que preciso continuar nessa viagem e sinto que você também precisa continuar na sua. – falo, acariciando o rosto dele.

— Sim. Temos que fazer isso. – diz em resposta, levando a minha mão até a sua boca, beijando a palma dela. – Vamos, vamos sair desse quarto um pouco.

Vestimos nossos casacos, nossas luvas e saímos. A temperatura no termômetro da recepção do hotel, estava marcando em zero graus. Apertei mais o meu cachecol ao meu pescoço e puxei para cima, uma parte, para cobrir também o meu rosto.

— Está com frio? Quer voltar? – ele pergunta, quando estamos caminhando em uma das ruas principais – que na verdade são somente duas. A neve começa a cair e isso faz com que a sensação térmica seja abaixo de zero. Eu respondo que estou com frio, mas, que não quero voltar.

Ele passa a mão ao redor da minha cintura e me puxa para perto dele. Com tanta roupa que estamos, fica impossível sentirmos um a temperatura do corpo do outro. Começamos o passeio pelo o aquário, chamado de Polaria, o Dan, com a sua câmera, fez questão de registrar cada passo que demos. No andar de cima, as focas dão um show à parte, tivemos sorte de termos chegado bem na hora da alimentação delas, eu me derreti toda ao vê-las e o Dan, é claro, registrou tudo.

Passeamos por mais alguns pontos turísticos até chegarmos ao shopping center, optamos por comer uma pizza. Durante o almoço todo, pouco falamos. Vivencio uma sensação estranha e contraditória. A cada segundo que passo com ele, é um segundo a menos que passarei amanhã. Eu até me sinto tentada a compartilhar com ele os meus pensamentos sobre isso, dizer o quanto está começando a pesar em mim a ideia de que o nosso momento está chegando ao fim, mas, fazer isso, só vai tornar as coisas mais difíceis para ambos. Quando nada pode ser feito, o melhor que se tem a fazer, é nada.

Por volta das quatro da tarde, com o aumento do frio e a chegada do vento cortante, decidimos voltar para o Hotel, ele sugeriu que descansássemos e que saíssemos à noite para jantar em algum bom restaurante.

— Quer assistir um filme enquanto descansamos? – ele pergunta, pegando o controle remoto da TV e sentando no sofá.

— Boa ideia. – respondo – Mas não no sofá...

— Na cama?

— Sim.

— E seu eu não conseguir me controlar?

— Se você não conseguir se controlar, o azar será seu, porque alguém me fez quase que uma promessa para hoje à noite e eu vou querer que a cumpra, então, seja lá o que você pense em fazer agora, não ficará livre da noite. – eu olho para ele, desafiando-o e começo a me ajeitar na cama.

— Você é durona. – ele rebate, se ajeitando do meu lado.
— O que vamos assistir? – pergunto.
— Pode escolher. – ele responde, me encarando.
— Sério mesmo? E se eu escolher uma comédia romântica?
— Eu assisto.
— E se for um romance, daqueles que a gente chora no final?
— Eu assisto também.
— E se for um filme daqueles que tem bichinhos fofos?
— Ainda assim, vou assistir.
— E se for desenho animado?
— Adoro desenho animado.
— Nossa! Como você é fácil! – brinco.
— Para você. – ele responde, piscando para mim. Eu não resisto e lhe dou um beijo na boca.
— Se fizer isso de novo, eu esqueço da ideia do filme. – ele ameaça.
— Fique sabendo que não tenho medo das suas ameaças, só não faço de novo porque está começando um filme pornô e eu quero muito assistir.
Ele me olha espantado e eu caio na risada quando ele se dá conta de que estou brincado.
— Engraçadinha.
Eu dou de ombros e me aninho nele enquanto procuro um filme de ação para assistirmos. Por mais que eu ame comédias românticas, não o torturaria desse jeito, fazendo-o assistir comigo um daqueles filmes melosos que só nós, mulheres, gostamos de assistir.
Algum tempo depois, ele dorme ao meu lado e olhando para ele, começo a pensar na loucura toda que fiz e que ainda estou fazendo. Menos de dez dias, esse é o tempo em que o conheço e já fiz com ele coisas que nunca imaginei um dia fazer. Às vezes, eu nem pareço eu mesma, por mais vergonha que eu tenha, consigo facilmente dizer o que penso, fazer alguma brincadeira de duplo sentido e transar com ele me olhando como se eu fosse uma escultura de um museu. Talvez, eu tenha essa facilidade com ele porque sei que vai acabar. É ruim pensar nisso, mas, é o que explica as minhas atitudes com ele. Com o Léo, eu tinha tanto medo de que acabasse, que passei um bom tempo me segurando, com medo de afastá-lo. Com o Dan, eu não preciso ter medo de afastá-lo, no caminho das nossas vidas, amanhã, é onde ele bifurcará e cada um seguirá o seu, sem o outro, então, não tenho que ter medo de que vá acabar, porque o fim já é certo desde o nosso primeiro beijo.

Quando vejo que está anoitecendo, decido acordá-lo para nos arrumarmos para sair.

— Belo adormecido, acorda! – falo baixinho em seu ouvido.

Ele estremece na cama e abre os olhos.

— Está na hora de nos arrumarmos, estou começando a ficar com fome. – falo.

— Agora falta pouco. – ele murmura, como se estivesse falando mais para ele do que para mim.

— O quê? – pergunto, sem entender.

— O nosso tempo... está chegando ao fim. – ele diz, com os seus olhos azul piscina vidrados em mim.

Eu fecho os olhos e inspiro. Não quero pensar nisso agora. Não quero pensar nisso depois. Não quero pensar nisso amanhã quando eu estiver indo para o aeroporto. Quero dormir e acordar na Dinamarca sem ter que me despedir dele.

— Ei, desculpa. – ele diz, percebendo a minha reação. – Vamos nos arrumar e curtir o tempo que nos resta, ok?

Eu balanço a cabeça em afirmativo e ele se senta na cama, encarando-me.

— Quer ir tomar banho primeiro ou eu vou?

— Pode ir.

— Ok, volto logo. – ele diz, beijando a minha testa.

Ele sai do banho enrolado na toalha e controlo a tentação de dizer a ele que prefiro pedir o serviço de quarto e passar o resto da noite, com ele, abraçada a ele, sentindo ele. Ele passa por mim e pisca, ciente de que está me provocando. Eu mordo os lábios e ele sorri, satisfeito.

Pego a minha nécessaire e vou para o banheiro, tento não demorar muito para podermos aproveitar a noite, assim como ele, saio enrolada na toalha e passo por ele, provocando-o. Ele veste uma calça jeans escura, com uma camisa azul e, um sobretudo preto, que o deixa perfeito. Seus cabelos estão sem gel, propositalmente bagunçados, ele parece ser mais jovem do que realmente é. Vendo-o assim, não daria mais do que vinte sete anos a ele. Não me canso de pensar em como ele é bonito, como os seus olhos azuis lhe parecem saltar à alma. Eu sou mesmo uma garota de sorte. Em minha vida, tive o prazer de conhecer dois dos homens que ao meu ver, são os mais bonitos do mundo. Sim, eu sei que julgamentos de beleza são sempre subjetivos, por isso, afirmo que em minha subjetividade, Leonel e Daniel são

os caras mais lindos que já vi. E aqui estou eu, pensando no Leonel novamente. Estava tudo indo bem até o meu raciocínio me conduzir até as lembranças do sorriso dele, dos seus olhos caramelos a me fitar quando eu estava com vergonha no canto do nosso quarto, das suas mãos na minha cintura. As lembranças voam mais rápido do que a velocidade da luz e quando dou por mim, estou parada no meio do quarto, olhando para o nada, lembrando daquele que um dia, foi o meu tudo.

— Ei, Manu, vai ficar aí enrolada na toalha olhando para o nada? Isso está me provocando. — Dan diz, me trazendo de volta ao chão.

Eu disfarço a minha ausência momentânea e entro no jogo dele. Dou uma volta pelos meus calcanhares, girando lentamente, de modo que ele possa me olhar sem pressa, enrolada na toalha. Ele caminha até perto de mim e o vejo sorrir maliciosamente. Perto dele, pareço uma menininha aprendendo a engatinhar.

Ele coloca a sua mão sobre a minha cintura, em cima da toalha e gira ao meu redor sem tirar a mão de lá. Eu fico imóvel, esperando pelo o seu próximo passo. Ele se posiciona atrás de mim e afasta os meus cabelos, beijando a minha nuca logo em seguida. Eu gemo baixo com o arrepio que ele me causa e encolho os ombros, me contraindo. Em seguida, sinto o meu corpo sendo puxado para o dele e ele me abraça por trás.

— Eu estou me sentindo muito tentado a ficarmos aqui e a anteciparmos o que prometi lhe fazer, mas, eu também disse que iria te levar para jantar fora, e é isso o que vamos fazer, vamos ter um jantar romântico para que você nunca se esqueça de mim e quando voltarmos, farei de você uma mulher completa. — a sua respiração está tão ofegante quanto a minha e quando ele termina de falar, eu me viro para ele.

— Eu guardei cada palavra. — digo em resposta.

— Então vai se arrumar antes que tudo mude. — ele brinca.

Eu termino de me arrumar e quinze minutos depois, estamos vestidos como dois esquimós, saindo pela recepção do hotel.



Daniel

“You and me together, you can do anything, baby”

“Você e eu juntos, você pode fazer qualquer coisa, amor”

(Dave Matthews Band – You and Me)

Escolho um restaurante de comida italiana, sentamos perto da lareira, um ao lado do outro, como aqueles casais adolescentes que estão começando o namoro e não conseguem ficar muito tempo longe um do outro, nem mesmo em um restaurante, onde a boa etiqueta diz que deveriam estar sentados de frente ao invés de um ao lado do outro. Eu faço esse comentário a ela e ela ri da minha conclusão. Ela ri porque no fundo, sabe que estou certo, da mesma forma que concordou que não quer ficar separada de mim porque o nosso tempo juntos agora é mais curto.

Decidimos não conversar sobre o dia de amanhã. Quando iniciamos o assunto, vi os seus olhos perderem o brilho, como se estivessem ficados opacos, ela olhou para o horizonte, daquele jeito em que ela encara o nada e isso me fez sentir dor. Em uma relação, sempre tem um que precisa mais do outro, que sente mais falta, que se doa mais, entre eu e a Manu, parece que estamos vivendo o equilíbrio perfeito, as nossas cicatrizes, medos, dores e frustrações, faz com que precisamos na mesma medida, um do outro, faz com que um faça bem ao outro, na mesma proporção e eu sei que estamos sentindo por amanhã, o mesmo tipo de dor e estamos tendo o mesmo tipo de dúvida: O que vai ser, afinal?

Eu não sei como vai ser, não sei como vou conseguir **levá-la** ao aeroporto e **deixá-la** embarcar enquanto brigo mentalmente comigo mesmo que com certeza estará me xingando por ser tão compreensivo ao ponto de entender e acreditar que ela precisa disso. Eu não quero pensar no amanhã,

porque em dois anos, esses foram os melhores dez dias da minha vida e não falta muito para eu afirmar que foram os melhores dez dias de toda a minha vida.

Escolhemos o rodízio de massas, especialidade da casa, eu pedi vinho português que gosto muito e que tenho certeza de que a Manu vai gostar. Se tem uma coisa que aprendi, mesmo não me interessando pela vinícola dos meus pais, é harmonizar o vinho com o prato, meu pai sempre dizia que se a pessoa sabe fazer isso, escolher o vinho certo para a massa certa, o prato pode ser o mais simples, ainda assim, será perfeito! O garçom nos serve e nos deixa a sós logo em seguida.

— Me fala mais de você? – ela pede, entre um gole e outro de vinho.

— De mim? O que quer saber?

Ela balança a cabeça em afirmativo e olha para cima, como se estivesse pensando em uma pergunta.

— Bom, daqui a dez anos, o que se imagina fazendo?

— Nossa, dez anos?

— Sim, anda, responde! – ela ordena.

— Bom, pretendo estar trabalhando ainda, porque amo fotografar da mesma forma que amo viajar. – eu faço uma pausa e aguardo o comentário dela.

— Acho que você é a primeira pessoa que diz isso, que se vê trabalhando daqui a dez anos. – ela fala, me olhando.

— O meu trabalho é diferente, deve ser por isso.

— Sim, deve ser. E tem mais alguma coisa, algum sonho por exemplo?

— Quero ter publicado o meu próprio livro, com as histórias dos lugares que passei, histórias de pessoas que conheci.

— Espera! – ela me interrompe. – Você quer escrever um livro sobre as suas viagens?

— Sim, na verdade já comecei e parei. É um projeto.

— Isso é o máximo! – ela diz empolgada. – Já tem data? – pergunta em seguida.

— Não, é apenas um desejo maluco, nem sei se um dia o farei. – respondo, tentando encerrar o assunto.

— E por quê? – ela insiste. Sim, ela é muito insistente e até isso, pareço estar gostando nela. – Você diz que tem vontade de publicar um livro, porque de repente parece desistir dessa vontade? – ela completa.

— Não sei dizer. – Falo, encarando-a, quero que ela perceba que

realmente não sei a resposta, é um desejo antigo meu que de repente me vi abrindo mão. Essa é a primeira vez que falo nisso em anos, então, não sei ainda se quero mesmo levar isso a diante. Nem sei porque toquei no assunto.

— Só acho que você deveria pensar a respeito.

— Pode ser... Um dia, quem sabe. Agora é a sua vez. Me fala dos seus sonhos e desejos.

— Não sei dizer se ainda tenho sonhos. Eu tinha, mas, parece que eles não fazem mais sentido, parece que a minha lista se tornou obsoleta, sem sentido e idiota.

— Ei. – eu a chamo, esticando a minha mão para encontrar a dela sobre a mesa. – Por que diz isso?

— Porque sinto que enterrei os meus sonhos junto com o corpo do Leonel. – ela responde, abaixando o seu olhar novamente. – Desculpas... por falar nele...

— Sem desculpas, ok? – respondo. No fundo, não posso exigir dela que não fale do seu passado porque eu também tenho um passado para superar, não tenho o direito de exigir que ela não fale mais no ex, uma vez que eu também ainda tenho as minhas cicatrizes. — Mocinha. – A chamo novamente – Quero saber da sua lista, não me importa saber se você a enterrou ou não, você deve ter feito uma cópia de segurança dela aí na sua cabeça, aquele tipo de cópia que a gente faz mentalmente quando algo é importante para nós, mas, que nos sentimos obrigados a esquecer.

Ela me olha por longos minutos e finalmente sorri, como se estivesse aprovando o que acabei de dizer. Eu gostaria de poder congelar esse momento em que ela me olha desse jeito, há tanta expressão nesse olhar, tantas palavras não ditas e sentimentos confusos não verbalizados.

— E então? – finalmente pergunto.

— Dan, acho que não estou pronta para acessar essa lista ainda. Ela existe, mas, nesse momento, não quero pensar nela... – ela responde, pensando em cada palavra que diz.

— Então posso te pedir um favor? – pergunto, aproveitando o momento.

— Claro.

— Não importa quanto tempo demore, mas, prometa a si mesma que algum dia, em algum momento, você vai reescrever essa lista, vai tirar dela algum item que hoje possa não mais parecer fazer sentido e vai acrescentar nela, vários outros itens. Consegue fazer isso?

Ela fecha os olhos, como se estivesse considerando o que acabei de dizer

e algum tempo depois, os abre e me fita, soltando um suspiro em seguida.

— Promete, Manu? – insisto. – Promete que em algum momento da sua vida, você vai se permitir sonhar de novo? Mesmo que não sejam os mesmos sonhos, se não consegue mais idealizar os do passado, permita-se a sonhar novos sonhos. – eu seguro no rosto dela com as mãos e a forço a olha para mim. Ela balança a cabeça em afirmativo e solta um pequeno sorriso. – Isso já é um começo. – respondo.

— Você sabe que o que está me pedindo parece ser algo impossível para mim hoje, não sabe? – ela fala, logo em seguida.

— Sim, eu sei.

— Bom, você me pediu algo e isso me dá o direito de também pedir.

— Eu sei o que vai me pedir e se você prometer tentar, eu também prometo tentar. Você reescreve a sua lista e eu retomo o projeto do meu livro. – respondo, sem esperar que ela fale, eu sabia que ela não ia deixar quieto essa história do livro, sabia que ela iria retornar ao assunto.

— Isso é um desafio? – ela pergunta.

— Pode considerar assim. – respondo, piscando para ela.

— Desafio aceito!

Havíamos decidido dar uma volta na cidade após o jantar, mas, quando saímos do restaurante e sentimos o frio cortante, acabamos desistindo. Voltamos para o hotel quando o relógio ainda marcava dez da noite.



Manuela

*“And I know these scars will bleed, but both of our hearts believe
all of these stars will guide us home”*

*“E sei que essas cicatrizes irão sangrar mas os nossos corações
acreditam todas essas estrelas vão nos guiar para casa”*

(Ed Sheeran – All Of The Stars)

Ele abre a porta do quarto e entramos praticamente juntos. Eu coloco a minha bolsa sobre a mesa do hall de entrada e quando me viro, ele está parado de frente para mim, apenas me observando. Pelo espelho, vejo o meu rosto corar. A forma como ele me olha, como se eu fosse uma obra de arte em exposição, me deixa um pouco desconfortável, não porque não gosto da sensação, eu gosto e gosto muito, mas, quando ele me olha assim, sinto que talvez eu não mereça essa reverência toda por parte dele. Eu não quero que ele veja a perfeição em mim, eu quero que ele veja os meus defeitos e as minhas manias e me olhando desse jeito, parece que tudo o que enxerga é a perfeição que não existe.

— Não posso te olhar? – ele pergunta, como se tivesse acabado de ler os meus pensamentos.

— Não desse jeito. – respondo, desviando o olhar do dele.

— Que jeito? – ele pergunta, se aproximando de mim.

— Como se eu fosse uma visão perfeita. – respondo, me forçando a encará-lo.

— Mas você é. – responde, tirando uma mecha de cabelo do meu rosto.

— Não sou, Dan. Não mesmo. – respondo, firme.

— Manu, não sei o que te preocupa. Você tem medo de que eu pinte em

minha mente uma Manuela de conto de fadas e que de repente eu perceba que ela não existe? Porque se essa for a sua preocupação, pode ficar tranquila, eu já não tenho mais idade para isso, parei acreditar em perfeições, aliás, descobri que a perfeição me cansa, não quero mais para a minha vida nada que se assemelhe com a perfeição ou qualquer ou sinônimo dessa palavra, entende?

Quando dou por mim, estou mordendo os lábios e fitando-o com admiração. Ele sabe o que dizer para me desarmar. – Você sempre consegue me convencer não é mesmo? – retruco.

— Será que consigo de convencer a parar de pensar e apenas me beijar? — ele diz, descendo a sua mão pelo o meu ombro. — Você fica linda quando morde os lábios dessa forma.

Eu rio e no momento seguinte, ele está me puxando com força total contra o corpo dele. Sinto a sua ereção e percebo o quão pronto ele está para cumprir a promessa que havia me feito pela manhã. O beijo acontece na sequência, nossos lábios se encontram e se movimentam de forma lenta e suave, suas mãos começam a descer para a minha cintura e sinto o meu corpo começar a reagir às investidas dele. Ele me conduz de vagar até a cama e me deita sobre ela, sem nenhum momento deixar de me beijar. Nos beijamos como se fosse a última vez, nos beijamos como se precisássemos desse beijo para continuarmos a viver, como se o mundo estivesse acabando e a única coisa capaz de nos salvar, fosse esse beijo. Quando nossos lábios já estão dormentes e o meu corpo quente, ele para de me beijar e com o seu corpo sobre o meu, ele começa a tirar as minhas roupas. Eu fecho os olhos e apenas espero ele terminar, curtindo cada segundo do toque da mão dele em meu corpo.

— Não sai daqui. – ele diz, dando um beijo na minha barriga

— Você vai me deixar nua na cama? – pergunto, após ele tirar a minha roupa, me deixando somente de lingerie, enquanto ele tira o celular do bolso e se senta na beirada da cama.

— Eu jamais deixaria você assim na cama se não fosse para ficar comigo, bela. Vou fazer uma coisa. – ele completa.

Eu me encolho, porque o quarto ainda está frio enquanto o observo mexer no celular. No começo, pensei que ele pudesse ter recebido alguma mensagem e estaria então vendo e respondendo, mas, passados alguns minutos, percebo que ele parece estar procurando algo. Ele finalmente coloca o celular sobre a cabeceira da cama e vem ao meu encontro. Uma música

começa a tocar e então percebo o que ele estava fazendo. Segundos depois, Coldplay começa a cantar “In My Place”. Fecho os meus olhos e ele começa a beijar o meu rosto.

— Quero amanhã, quando você partir, poder ouvir essa música e lembrar de você.

— Dan. –começo a dizer, mas, ele me interrompe.

— Não diz nada, bela, só me deixa memorizar esse momento. – ele diz, me acariciando no rosto.

Eu o puxo para mim e nos abraçamos com força. Enquanto Chris Martin canta no celular dele, ele repete em português nos meus ouvidos. “E se você partir e me deixar aqui sozinho, ainda esperarei por você”. Uma lágrima escorre pelo o meu rosto e ele a vê.

— Juro que eu queria te pedir para não ir, mas, eu não posso fazer isso. – ele diz, secando o meu rosto.

— Eu sei. – respondo, sem me importar que ele me veja chorar. – Eu também não posso te pedir para ir comigo. – digo, abraçando-o com mais força.

Voltamos a nos beijar, dessa vez com intensidade e desejo. Eu tiro com facilidade a roupa dele e o espero pegar a camisinha, pouco tempo depois, nossos corpos estão colados. Seja lá quais eram os planos dele para essa noite, parece que eles foram alterados, nos deixamos ser levados pelo o momento e a urgência de estarmos um em contato com o outro, nos fez esquecer qualquer promessa. Os movimentos alternam de suave para intenso enquanto me seguro para não me perder, eu quero postergar ao máximo a sensação de prazer que ele me dá, eu quero curtir esses minutos porque provavelmente, esta será a última vez que faremos isso.

— Bela, você mexe tanto comigo... – ele diz, me virando na cama e me deixando de costas para ele.

Eu deito a minha cabeça de lado e suas mãos vão percorrendo o meu corpo, partindo da cintura e indo de encontro com as minhas mãos. Nós entrelaçamos os dedos e ele começa a se movimentar dentro de mim, pouco tempo depois, estou me perdendo nele e ele em mim.

— Onde você vai? – pergunto, ao vê-lo se levantar da cama, logo após que terminamos.

— Fumar. – ele responde, me fazendo olhar espantada para ele. – É brincadeira! Vou pegar água para nós.

Eu respiro aliviada e rio do senso de humor dele.

— Ei, eu já te disse que com você eu não fujo após o sexo, né? — ele fala, voltando com a garrafa de água nas mãos.

— Falou, mas, vai que mude de ideia. — respondo, entrando na brincadeira dele.

Daniel me entrega a garrafa e eu bebo um longo gole de água, preciso ir ao banheiro, escovar meus dentes, colocar meu pijama, mas, tudo o que consigo fazer, é me aninhar no peito dele e deixar ele me cobrir com o cobertor e observar os movimentos de sobe e desce que a respiração dele causa em seu peito.

Não sei quem pegou no sono primeiro. Acordo com ele abraçado a mim, seu queixo encostando em minha cabeça e meu rosto, virado para o seu corpo lindo. Me movo lentamente e consigo ver no meu relógio que são duas da manhã. Eu preciso fazer a minha mala, preciso deixar tudo pronto, o meu voo é às nove da manhã e não terei muito tempo para fazer tudo pela manhã. Rastejo para os pés da cama e saio sem acordá-lo. Sigo para o banheiro e após um banho rápido, começo a juntar as minhas coisas tentando fazer o máximo de silêncio possível. “Você vai ficar bem, Manuela”. Repito mentalmente. Quero muito me convencer que sim. Que estou fazendo a coisa certa. Nas últimas horas, eu não havia pensado no Leonel. Sinto culpa por isso. Mas, sinto também alívio. Significa que o Daniel está me fazendo bem de verdade. Agora, enquanto coloco a minha nécessaire na mala, começo a me perguntar como será de amanhã em diante, se o Léo voltará com força total em meus pensamentos, se conseguirei me divertir no resto da viagem. Se o Daniel irá encontrar outra companhia para o resto da viagem dele. São tantas perguntas e uma única resposta. Tem que ser assim!

Termino de arrumar tudo e quando estou voltando para a cama, percebo que ele está acordado, me observando. Os seus olhos azuis me fazem congelar por dentro.

— Te acordei?

— Não.

— Está tudo bem?

— Sim. Só estava te observando enquanto você arrumava as suas coisas.

— Dan...

— Não fala nada, Manu. Não vamos fazer isso conosco. Faltam poucas horas, vamos só esperar.

Eu largo tudo o que seguro nas mãos e caminho em direção à cama, me jogando nela em seguida. Ele estica o braço e eu me aninho nele.

— Vamos só esperar... – ele sussurra, enquanto começo a me deixar ser levada pelo cansaço e me permito fechar os olhos. – Durma, bela Manuela...



Daniel

*“It took us a lifetime to find each other It was worth the wait cause
I finally found the one.
Never in my dreams did I think that this would happen to me.”*

*“Levamos uma vida para nos encontrar. Valeu a espera pois
finalmente encontrei a pessoa certa. Nunca em meus sonhos achei
que isso iria acontecer comigo”*

(Bruno Mars – Rest Of My Life)

Acordo com o barulho do celular da Manuela, olho para o meu relógio, são seis e quinze da manhã. Viro para o lado direito e a vejo dormindo como um anjo. Seu rosto está virado para mim e um dos seus braços, está sobre o meu peito. Penso em deixá-la dormir mais um pouco, mas, o seu celular volta a tocar pouco tempo depois. Ela se vira, se espreguiça. Abre os olhos e sorri ao me ver. Eu sorrio de volta. Queria pausar esse momento. Queria pausar tantos outros momentos. Eu estou oficialmente ferrado. Começa agora a nossa contagem regressiva.

— Está na hora de levantarmos. – ela diz, se espreguiçando novamente.

— Eu já estou acordado, mas, você ainda parece estar dormindo. – brinco, beijando a testa dela.

— Acho que estou mesmo. – ela diz, passando a mão em meu rosto. – E nesse exato momento, estou sonhando que tem um cara gato dono de um par de olhos azuis incríveis, me fitando.

— Ah, é? E o que mais ele está fazendo?

Ela solta um riso malicioso e morde os lábios. Eu tenho certeza de que ela faz isso sem perceber. Inferno, isso é o suficiente para me deixar

animado!

— Ele está prestes a me beijar. — ela responde, alguns segundos depois.

Eu a provoco, fazendo que vou beijá-la e parando alguns centímetros de distância. Fico olhando para ela enquanto ela devolve o mesmo olhar enigmático. São alguns segundos apenas, mas, o suficiente para me fazer pensar que logo mais, não terei mais esses belos olhos para encarar.

— Ei, o beijo não vai acontecer? — ela me traz de volta à realidade. Sorrio e segundos depois, começamos a nos beijar.

— Você sabe que se a gente começar, vai ficar difícil parar. — sussurro.

— Não precisamos parar. Temos tempo. — ela responde. Ah, Manuela... Como pode ser tão retraída em alguns momentos e tão espontânea em outros? Às vezes, parece que existem duas versões dela, uma, parece ser a Manuela do passado, aquela que sofreu, que perdeu, que sentiu, e outra, parece ser a Manuela que está tentando de todas as formas, sobreviver a tudo o que viveu e o meio que ela encontrou para isso, foi mudando um pouco o seu jeito de ser, abandonando a outra versão dela mesma.

Volto a beijá-la. Minhas mãos percorrem o corpo dela com delicadeza, eu quero memorizar cada segundo, quero guardar esse momento, o momento da nossa despedida na cama, não quero pressa, não quero luxúria. Quero apenas dar a ela uma boa lembrança de como temos uma sintonia bacana fazendo isso. Ela tira a minha roupa com facilidade e eu começo a tirar a dela vagarosamente. Beijo o seu pescoço e vou descendo cada vez mais, passo pelos seus seios e ela geme baixinho quando junto os dois e os beijo. Ela passa as mãos pelos meus cabelos e desce para as minhas costas. Continuo beijando-a, agora na barriga. Ela se contorce quando chego próximo ao umbigo. Ergo a cabeça e a vejo sorrir. Sei que não quer que eu pare. Eu não pararia mesmo. Sigo beijando-a na cintura, da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, ela continua se contorcendo, se encolhendo, tentando fugir quando na verdade não quer fugir. Quando estou próximo ao sexo dela, ela se arrasta para baixo da cama e vem ao meu encontro.

— Temos tempo, mas, nem tanto. Quero sentir você, Dan. — ela diz, mordendo o canto da bochecha, como se estivesse envergonhada. Caramba, como ela pode ser assim tão incrivelmente sexy mesmo com vergonha?

Eu a conduzo para cima da cama novamente e segundos após colocar a camisinha, estamos conectados como se fôssemos um só corpo. Nos beijamos com vontade enquanto aumentamos o ritmo do nosso vai e vem. Quando a coloco no meu colo, com ambos sentados, ela me aperta com as pernas e as

cruza ao meu redor. Voltamos a nos mover, ora com pressa, ora devagar. Nossas respirações já ofegantes, entrega o quanto estamos nos entregando ao momento. Eu não posso segurar por muito tempo. Preciso ser forte, porque não posso me soltar sem antes vê-la se perder. Ela pressiona mais ainda as duas pernas em mim e tomba a cabeça para trás. Esse é o momento.

— Pode se perder, bela, eu vou te encontrar logo em seguida. – sussurro, sem tirar os meus olhos dos olhos dela. Ela sorri. Um sorriso feliz, como se tivesse gostado do que acabou de ouvir. Ela me abraça e me aperta com força, eu me deixo ser levado pela mesma sensação e nos perdemos juntos, no mesmo instante, com a mesma intensidade.

Nos esticamos na cama, abraçados.

— Quanto tempo ainda temos? – pergunto, preocupado em não deixá-la perder o voo.

— Para ficarmos abraçados na cama? – ela pergunta?

— Para tudo. – respondo.

— Algumas horas. Quero mais um pouquinho aqui deitada com você. – ela diz. Tentando fazer doer menos o fato de que o nosso tempo está acabando.

Meia hora depois, ela levanta e se enrola no lençol. Nem sei porque ela ainda insiste em se esconder assim de mim. Parece que já decorei cada detalhe do seu corpo. A marquinha que ela tem no começo da coxa. A pequena estria que ela tem na lateral da cintura. Se ela soubesse como adoro olhar essa pequena estria, isso faz dela uma garota real, demonstra que ela não tem frescuras, não é do tipo imagem perfeita de capa de revista.

— Vou para o banho. – ela diz, sumindo de vista logo em seguida.

Assim que ela sai, eu entro e quando saio, ela já está pronta, sentada no sofá do quarto. Me visto rapidamente e a convido para tomarmos café no restaurante do hotel. Será o nosso último café da manhã.

— E então, qual será o roteiro? – pergunto, enquanto ela coloca o açúcar em sua xícara de chocolate quente.

— Dinamarca primeiro. Estou louca para conhecer Cristiania. Conhece?

Eu rio com a pergunta dela, Cristiania é um dos lugares preferidos dos fotógrafos de revistas de viagens. Lá é onde o provável e o improvável se encontram, é uma das mais belas comunidades alternativas que existe. – Adoro lá. Você vai gostar, mas, toma cuidado. Me preocupa saber que vai andar por lá sozinha.

— É perigoso? O Léo nunca mencionou isso. – no momento em que ela

termina a frase, ela olha para baixo e balança a cabeça em negativo. – Desculpa.

— Ei, está tudo bem. – falo, erguendo o rosto dela com uma das mãos.

É claro que ouvir o nome do ex-namorado dela não está na minha lista de coisas favoritas, mas eu seria infantil demais se me chateasse por ela dizê-lo.

— É por isso que preciso seguir sozinha. Eu ainda tenho um passado para deixar para trás. Você entende, não é mesmo?

— Eu também tenho um passado, Manu. Também acho que no fundo, estamos fazendo o que é certo. Meu lado emoção quer muito que eu te aprisione no quarto hoje e te faça perder o avião, mas, o meu lado razão me diz que devo levá-la ao aeroporto, beijá-la como nos filmes e depois, vê-la embarcar e nada mais.

Ela abaixa o olhar novamente, dessa vez, por culpa minha e não dela. Eu fico tentado a pedir desculpas, mas, porque deveria? Estamos sendo sinceros, sinceridade não precisa de pedidos de desculpas. Não esse tipo de sinceridade pelo menos.

— Esse é um daqueles momentos em que a gente não sabe o que dizer, não é mesmo? – ela diz, encarando-me.

— Sim. Esse é um daqueles momentos que palavra alguma parece fazer sentido.

— O que fazemos então? – ela pergunta.

— Me dá o seu número?

Ela começa a rir, ri de uma forma gostosa, eu começo a ficar curioso. O que a fez sentir vontade de rir desse jeito? Eu apenas pedi o seu número de telefone.

— Estou rindo porque fazem quase dez dias que nos conhecemos, estamos dormindo juntos e até agora, não havíamos pedido um o número de telefone do outro.

— É porque até agora, não havíamos precisado, Manu. Eu tinha você para ver para ver dormir e ver acordar.

— E o que vai fazer com o meu número?

— Salvar nos contatos como “a garota que peguei nas férias”. – falo, segurando o semblante de sério, tentando não rir.

Ele franze a testa em espanto e fica esperando que eu desmintia. Eu sustento a minha frase por mais alguns segundos, até vê-la olhar para baixo. Eu conheço esse olhar, ele significa que eu fiz merda e a magoei.

— Bela, desculpa. – eu estava brincando.

— Tudo bem, no fundo, foi verdade o que você disse. Foi o que aconteceu.

— Acha mesmo isso? – pergunto, com a voz um pouco alterada. – Você acredita mesmo que significou somente isso para mim?

Eu a encaro e penso que ela vai desviar o olhar, mas, ela não o faz, ela também me encara, dando de ombros em seguida. Inferno! Que frase estúpida eu fui soltar!

— Manu, por favor, eu estava brincando. Não leve a sério o que eu disse. Você foi, tem sido e será, muito mais do que um romance de viagem, entendeu? – seus olhos estão brilhando e sei que ela está segurando para não chorar.

Eu me levanto da minha cadeira e a puxo para próximo a da Manu, ela observa os meus movimentos ainda em silêncio. Eu me sento ao lado dela e coloco o meu braço ao seu redor, puxando-a para mim.

— Olha para mim. – peço. Ela ergue os olhos. – Você foi a melhor coisa que poderia ter acontecido nessa viagem. Grava isso e não se esqueça jamais.

Ela tomba a cabeça em meu ombro e eu a abraço. Nunca abracei alguém com tanta força quanto agora. Ficamos assim, abraçados em silêncio por longos minutos.

— Ainda quer o meu telefone? – ela pergunta, quebrando o silêncio.

— É tudo o que mais quero. – respondo, pegando o celular do meu bolso e entregando para ela, para que ela coloque nele o seu número.

Ela digita por algum tempo e me devolve o celular. Eu entro em contatos e vou direto à letra “M”, o nome dela não está lá, olho confuso para ela e vejo um sorriso se formar em seu rosto. – Não vai me dar o seu número? – pergunto, um pouco confuso.

— Procura direito. – ela responde.

Eu começo a procurar em cada letra do alfabeto, quando chego na letra “J”, começo a achar que ela não quer que eu tenha o número dela. – Manu, sério que você marcou o seu telefone no meu celular?

— Continua, eu não tenho culpa que em seu telefone há mais números do que as páginas amarelas.

Eu volto a procurar, passando pela letra “M” novamente. Olho para ela, ela continua sorrindo. N. O. P. Olho para ela de novo. – Você está se divertindo, não é mesmo?

A danada balança a cabeça em afirmativo e nada fala. Q. R. S.T. “The

Best Thing”. Eu rio quando vejo. “A melhor coisa”. Olho para ela e não resisto à vontade de beijá-la.

— Você foi a minha melhor coisa, Manu.

Quando paramos de nos beijar, o que realmente levou um certo tempo, eu peço a ela o celular dela para eu marcar o meu número, mas, ela balança a cabeça em negativo.

— Você não quer o meu número?

— Quero muito, mas, só vou tê-lo depois que eu partir e que você sentir saudades de mim e me enviar um “oi”. Eu não quero ter o seu número agora. Eu não deixaria você em paz. Quero ter quando você sentir vontade de falar comigo.

— Manu, isso é sério? É uma espécie de teste? – pergunto, curioso.

— Não é um teste. Eu só não quero ter o “poder” – ela faz aspas com as mãos ao falar a palavra poder – nas minhas mãos. Quero seja você a tê-lo, porque se eu tiver, sei que não te deixarei em paz.

— Do que você tem medo?

— De altura. – ela responde, rindo em seguida. Ela sabe muito bem que a pergunta não foi essa.

— Manu?

— Medo de que você me esqueça. E se me esquecer, daqui a algumas horas, não vai querer que eu fique te enchendo por SMS, Whats ou qualquer outra coisa.

— Prazer, Manuela insegura. Eu sou o Daniel, o cara que está louco por você.

Ela sorri e eu fico feliz por ter conseguido ver o seu lindo sorriso se abrir em seu rosto.

— Tudo bem, se quer assim, farei o que quer.

— Obrigada. – ela sorri novamente. O meu sorriso predileto. — Dan?

— Sim?

— Você diz que temos que ser sinceros, certo?

Eu balanço a cabeça em afirmativo.

— Então... Eu estou com medo. Medo disso, do que estamos vivendo agora, isso tudo é muito novo para mim.

— Manu, é tudo novo para mim também, tudo o que eu não pretendia nessa viagem, era encontrar alguém, se antes de eu embarcar, alguém me perguntasse, eu diria que isso iria ser algo impossível, que eu não estava preparado para enfrentar isso, mas olha eu aqui com você. A gente nunca

sabe o que nos espera logo ali na frente. Eu não fazia ideia de isso pudesse acontecer, mas, aconteceu. Posso te dar um conselho?

— Claro.

— Enfrentar o desconhecido é difícil, ficar onde está, é difícil. Você só precisa escolher qual difícil você está preparada para enfrentar. — falo, encarando-a com seriedade. Espero que ela tenha entendido o que eu quis dizer.

— Não quero ficar onde estou. Quero enfrentar o desconhecido, mesmo sem saber se estou preparada para isso. — ela responde, logo em seguida, me fazendo beijá-la novamente. Dessa vez, um beijo rápido. As horas estão passando rápido demais, se ficarmos aqui por mais tempo, ela vai acabar perdendo o voo.

— Vamos. Acho que está na hora de subirmos para o quarto e pegarmos as suas coisas.

— Isso não vai ser fácil, né?

— Não, para mim não vai. Acho que para você também não, mas, vamos conseguir.

Eu seguro na mão dela e caminhamos no hotel de volta ao quarto, assim, de mãos dadas, como um casal, como um casal em lua de mel. Casais em lua de mel não se separam.

Quando termino de colocar as coisas dela no carro alugado, são oito horas em ponto. Ela está oficialmente atrasada para o check-in. Por sorte, estamos próximos do aeroporto, a neve atrapalha um pouco e me obriga a dirigir mais devagar. Levamos cerca de dez minutos até conseguirmos chegar ao saguão de embarque.

— Daqui eu não posso mais te acompanhar. — falo, parando próximo à entrada.

Ela apenas balança a cabeça. Parece que o meu mundo está sendo tirado de mim. Sinto que estou sendo arremessado para fora dele. Ela nem partiu e já sinto aquela dor no peito. Dor típica de saudades. Aquela dor que começa como uma sensação ruim e vai aumentando, fazendo apertar o peito, esmagar o coração. Vontade de gritar. Vontade de pedir que ela não vá.

Eu a abraço. Quantas palavras cabem em um único abraço? Com os olhos fechados, eu desejo mentalmente que ela não se esqueça de mim. Eu a solto e junto, solto o ar dos meus pulmões. Não pensei que seria tão difícil.

Não faz muito tempo, li uma matéria onde um neurocientista dizia que não existe amor à primeira vista, que isso que chamamos de amor, é na

verdade paixão e paixão é um fenômeno químico, totalmente explicável pela ciência. Que o amor, é um estágio bem mais avançado, onde não são os hormônios mais que conduzem a relação e que sabemos que é amor quando sentimos aquela angústia profunda quando pensamos em viver a nossa vida sem essa outra pessoa, que amar, é sentir que a nossa vida ficará mais completa se estivermos ao lado de quem gostamos. Acho que é verdade e se for, eu sei que ainda não amo a Manuela, eu seria muito superficial se afirmasse que sim, porém, eu sei que não são somente reações químicas-hormonais que vêm acontecendo comigo, estou nesse momento vivenciando essa tal angustia, a dor de saber que nas próximas horas, seremos apenas uma boa lembrança um na memória do outro. Essa sensação me faz ter a certeza de que é algo mais. Se não é amor, está no caminho para ser.

— Está na hora. – falo, passando as mãos sobre os cabelos dela.

Ela me abraça novamente, provavelmente, o nosso último abraço.

— Dan? – ela me chama, erguendo a cabeça para me ver.

— Sim?

— Eu fiz uma cópia de segurança... De você... – ela diz, com os seus olhos marejados de lágrimas. Eu sorrio com o comentário dela, usei o termo cópia de segurança quando ela disse que já não tinha mais a tal lista de desejos e então eu afirmei que todo mundo faz mentalmente uma cópia de segurança daquilo que não queremos esquecer. A danada soube usar a minha teoria no momento certo.

— Eu sou algo que não quer esquecer então? – pergunto, ansioso pela resposta dela.

— Sim. Você é alguém que não posso esquecer.

Eu a beijo, com toda a minha vontade, minha já saudade, minha angustia, minha dor. Ela retribui o beijo com a mesma intensidade e só paramos quando o voo dela é anunciado. Nos abraçamos mais uma vez. Ambos parecem estar travando uma luta interna. Ela solta a minha mão e dá alguns passos para trás, em direção à área de embarque. Ela está a alguns passos daquilo que irá nos separar.

— Dan? – ela fala, já mais distante de mim.

— Sim? — respondo, me controlando para não ir até ela.

— Não desista do seu livro... Nem de mim... – ela pressiona os lábios, como se tivesse acabado de dizer algo que não deveria.

— Eu não vou. – respondo em seguida. — Boa viagem, pequenina. Se cuida. Se cuida de verdade. Divirta-se ao máximo. A gente ainda vai se ver

de novo. Pode acreditar.

Ela então se vira e começa a caminhar. Eu a vejo seguir. A vejo atravessar a área de embarque, a vejo seguir novamente. A vejo sumir no corredor. Não a vejo mais.

— Até breve, minha pequenina, bela Manuela. – falo em voz alta, sem me importar se alguém vai escutar.



Manuela

*“So I try to understand what I can't hold in my hand. And whatever
I find, I'll find my way back to you”*

*“Então eu tento entender o que eu não consigo segurar na minha
mão. E tudo o que eu encontrar, vou encontrar o meu caminho de
volta para você”*

(Jack Johnson – Home)

Dizem que a vida da gente é cíclica, se é verdade ou não, eu não sei, mas, parece mesmo que estou em um ciclo. Estou vivenciando a mesma sensação de vazio que senti quando perdi o Léo, a mesma vontade de gritar, de chorar, de me encolher em um canto e me afundar em mim mesma.

Eu me controlo para não olhar para trás. Se eu olhar, há um grande risco de eu voltar correndo para os braços dele e é isso que eu quero de fato, mas, seguir essa viagem sozinha é algo que preciso muito fazer. Agora, mais do que nunca, eu tenho a certeza disso. Se eu não embarcar nesse avião, viverei pelo resto da minha vida presa ao passado, presa à viagem que não terminei, presa às lembranças do Léo. Não que eu não queira mais lembrar dele, eu não quero nunca me esquecer dele, mas, eu preciso superar e seguir em frente e se eu ficar, tenho medo de fazer o Daniel sofrer, ele merece que eu esteja bem, que eu esteja inteira.

Seguir sozinha, é colar os caquinhos de mim mesma que ficaram espalhados pelo chão quando o Léo se foi.

Ouçó o barulho das turbinas e agora tenho a certeza de que estou indo embora. Olho pela a janela, como se houvesse alguma possibilidade de ver o Dan. Não posso vê-lo. Eu sei que ele está a olhar para o avião a decolar, eu sei que ele está nesse momento, tentando me ver, da mesma forma que tento vê-lo, mas, é uma tentativa em vão. O avião decola e deixa para trás todos os bons momentos que vivi nos últimos dez dias. As lembranças vão ocupando o lugar que estava cheio de culpa. Começo a me questionar se eu na verdade

não me permiti ficar por causa dela. Eu repito para mim mesma que estou fazendo o que tem que ser feito. Que saí do Brasil com um propósito e que preciso seguir até o fim. Culpa novamente. Culpa por ter sido fraca e por ter me encantado por alguém em tão pouco tempo. Culpa por ter deixado esse alguém para trás. Mais lembranças. O nosso voo de parapente, onde tive a certeza de que o Léo estava lá comigo, me encorajando, me incentivando. Ah, Léo. Você sabia, não é mesmo? Fico aqui me perguntando se não foi você o responsável por colocar o Dan na minha vida. Prefiro pensar que sim. Gosto de pensar que sim. Me dói menos quando penso desse jeito. É... as pessoas acreditam naquilo que lhes convêm. O sonho que tive onde o Léo me dizia que essa não era uma escolha feita por mim, que perdê-lo não era uma escolha, me incentivando a seguir em frente, me vem à mente. Mesmo não mais aqui, ele sempre tão presente em minha vida. Mesmo com o Dan, ele esteve presente, de uma forma positiva, me incentivando.

Faz meia hora que o avião começou a voar e eu ainda estou submersa nas lembranças, que flutuam entre o Daniel e o Leonel. Podemos gostar de duas pessoas, em momentos diferentes, de formas parecidas? Eu gosto do Daniel. Eu gosto de uma forma que ainda não posso definir, mas, sei que gosto. E eu amo o Leonel, amo cada momento que vivi com ele, cada sorriso tímido que ele tirou do meu rosto, cada elogio que ele fez à minha roupa, cada vez que ele reparou em meus sapatos. Amo cada lágrima que derramei, as de alegria e também as de dor, elas significam que tudo o que vivi foi real. Amo cada segundo da minha vida nos últimos três anos. Eu fecho os olhos e me deixo ser levada pelas lembranças. Sem culpas. O Daniel me beijando suavemente, suas mãos passeando pelo o meu corpo. Eu lutando para me entregar. Ele sorrindo para mim com os seus olhos azuis. A nossa primeira noite. As lembranças vão lentamente voltando no tempo, como se estivessem a percorrer uma linha do tempo. Nós dois abraçados assistindo a aurora. Eu dançando para ele a música da Nelly Furtado, o troll que está dentro da minha bolsa. Ele sentando ao meu lado, no trem. Aos poucos, me vejo no avião, partindo do Brasil, me vejo contando para a minha mãe que decidi viajar. Lembro da reação dela, que chorou de alegria e tristeza ao mesmo tempo. A alegria era porque já fazia mais de dois meses que eu estava trancada em minha própria vida, como ela mesmo dizia, e que viajar, me libertaria da minha dor, e tristeza porque ela tinha medo de que eu decidisse não voltar mais. Ela temia que seria mais fácil para mim superar a morte do Leonel longe do Brasil. Eu prometi para ela que voltaria. As lembranças voltam mais

um pouco no tempo, vejo o Leonel sentando em sua cama, no hospital, eu havia acabado de chegar da agência, a sua mãe nos deu um beijo dizendo que voltava no dia seguinte, que iria deixar o casal a sós, ele pede para eu sentar na cama com ele, eu tento me ajeitar no ombro dele, mas, ele pede que eu fique de frente. Lágrimas agora escorrem pelos os meus olhos fechados, lembrar desse dia me faz querer gritar. O ogro do meu ex-namorado sabia que isso iria acontecer. Ele sabia que eu iria encontrar alguém. Lembranças das palavras dele naquele dia serpenteiam na minha cabeça.

— Você vai encontrar alguém, Manu. – ele disse, ao tocar o meu rosto suavemente.

— Eu não quero falar sobre isso. – respondi emburrada. Eu realmente não queria falar sobre encontrar alguém quando eu já o tinha encontrado. – Você é para a minha vida toda, Leonel. – argumentei, segurando a vontade de chorar.

— Mas eu não estarei aqui a vida toda. Você sim, por um bom tempo, estará. – ele me observou com um olhar doce.

— Eu não quero falar sobre isso. – retruquei.

— Mas eu preciso. Você precisa pelo menos me deixar falar, Manu. Por favor. – ele me olhou, com aquele olhar que tirava tudo de mim, me roubava o ar e me fazia dizer sim a qualquer pedido dele. Eu balancei a cabeça em afirmativo e esperei, porque sabia que meus ouvidos não estavam preparados para ouvir o que ele tinha a dizer, muito menos o meu coração.

— Você vai encontrar alguém e tem que ser alguém que te desafie. Que não aceite as suas escapadas pela tangente, como eu não aceitei. Esse alguém vai te respeitar muito, vai te venerar, mas, também vai te trazer para a realidade quando a Manu estiver em devaneios por aí. – eu sorri para ele, porque ele me conhecia muito bem, sabia como me perdia facilmente em meus próprios devaneios. – Esse cara precisa ser bonito, mas, não irritantemente lindo. – eu ri e uma lágrima caiu dos meus olhos. Ele a secou. – Sim, Manu, eu não quero que ele seja irritantemente lindo e nem insuportavelmente bonito. Você terá que arranjar outro adjetivo para ele, mas, você precisará ter ele, seja lá quem ele for.

Eu fecho os olhos e respiro, falando para mim mesma que tinha que ouvir o Léo, que ele parecia ficar aliviado em dizer o que estava dizendo. E ele continuou.

— Você nasceu para amar, Manu, não é justo que ame apenas uma vez.

— Eu não quero amar outra pessoa, Léo. O amor que sinto por você já

me basta para a vida toda, até eu te encontrar na próxima e nós ficarmos juntos novamente.

— Manu, você sabe que não acredito muito nessa ideia de próxima vida, não é mesmo?

— Sim, eu sei.

— Posso te confessar uma coisa? – sua voz era calma. — Eu torço muito para que você esteja certa. Espero que a minhas ideologias e crenças estejam erradas, porque se eu estiver errado, significa que existe mesmo uma outra vida e que podemos nos encontrar nela. Ultimamente, tenho pensado muito nisso.

— Viu porque não posso encontrar outra pessoa? Porque eu vou te encontrar em outra vida, Léo. Nós vamos ficar juntos de novo. E de novo. E de novo.

— Linda, isso não significa que você não possa ser feliz com outra pessoa. Desde que seja a pessoa certa, no momento certo. – Léo piscou para mim, a ironia da frase dele me fez rir.

— Pessoa certo, no momento certo? – questionei, tentando entender o real significado da frase dele.

— Sim, esse cara aí, que torço para não ser assim irresistível quanto eu, aparecerá na sua vida, na hora certa. Ele será o cara certo, para essa hora certa. Ele cuidará de você. Vocês serão felizes. Ele vai lhe dar motivos para sorrir. Vai te ajudar a seguir em frente. Vai segurar na sua mão quando forem em uma montanha-russa. Talvez, vai te dar um filho. Da minha morte, até a sua morte, o tempo que ficarem juntos, será o tempo certo. Depois, se existir mesmo uma outra vida, eu estarei lá, de mãos esticadas, esperando para te encontrar.

As lágrimas começam a escorrer enquanto a imagem do Leonel dizendo que iria ficar me esperando de mãos esticadas, aparece bem nítida na minha mente. Lembrar desse dia é lembrar que que subjetivamente, fizemos uma promessa um ao outro, de que se existir mesmo uma outra vida, nós vamos ficar juntos, mas, é lembrar também dele me pedindo para seguir em frente. Eu sei que preciso seguir. E eu vou seguir.

Eu coloco os meus fones de ouvido e ligo o meu MP4, enquanto as lágrimas ainda escorrem pelo o meu rosto, me permito fechar os olhos, à espera do sono.

Enquanto estou esperando para pegar as minhas malas, ligo o meu celular para mandar uma mensagem para a minha mãe e também para a

Carol, para dizer que já estou em Copenhagen, logo depois que clico em enviar, o meu celular vibra. Um número desconhecido aparece no visor.

“Já estou com saudades.”



Daniel

“Say something, I'm giving up on you. I'm sorry that I couldn't get to you. Anywhere, I would've followed you. Say something, I'm giving up on you”

“Diga alguma coisa, estou desistindo de você. Lamento que eu não possa te alcançar. Eu te seguiria para qualquer lugar. Diga alguma coisa, estou desistindo de você”

(Say Something – feat. A Great Big World – Christina Aguilera)

O caminho de volta para o hotel é tedioso. Tenho certeza de que se eu ligasse para o meu pai e contasse a ele toda essa história maluca, o português iria dizer que eu tinha que honrar o que tenho no meio das pernas e ir atrás dessa garota. Sim. O português é sábio. Conheceu a minha mãe em um baile, em Portugal. Sete meses depois, estavam casando.

Assim que estaciono o carro, não penso duas vezes e pego o meu celular. Procuro na lista de contatos: “The best thing”, clico em nova mensagem e lanço ao universo a minha intenção. Se ela queria que eu desse o primeiro passo, que eu a procurasse quando sentisse falta dela, bom, faz meia hora que ela partiu e ela já está causando um vazio tremendo aqui dentro de mim.

Uma hora se passa e eu pareço estar vivenciando a inércia, me sinto perdido, sem saber o que fazer a partir de agora, para aonde ir. Ligo o meu notebook para enviar um e-mail para o hotel onde fiz reserva em Moscou, que é para onde vou depois daqui. Não vejo motivos para continuar em Tromsø, a minha viagem era para daqui a dois dias, mas, ficar nesse quarto sem a Manuela é terrivelmente deprimente.

Três horas se passaram e estou de saco cheio de ficar nesse quarto. Já salvei as fotos da Manuela em meu notebook, já vi e revi cada uma delas mais de quatro vezes, já peguei no celular para mandar mais mensagem para ela, e, desisti em seguida, já deitei na cama e levantei por não suportar o vazio que

fica sem a Manu nela. Já me xinguei de estúpido por não ter feito o que o meu pai diria para eu fazer. Já tentei não pensar e, já desisti de tentar.

Olho no relógio, são quase onze da noite, a essa hora, ela já deve estar pousando em Copenhagen. Passei as últimas oito horas vegetando dentro de um quarto de hotel. Parto amanhã para a Rússia e tudo o que eu queria hoje, era receber uma mensagem de retorno dela.

A ansiedade aumenta a cada hora, pensei que ela responderia a mensagem assim que a visse, enviei contando que ela veria já logo na primeira conexão, em Bergen, que estava previsto para acontecer por volta das cinco horas da tarde. Das cinco até as seis, perdi as contas de quantas vezes olhei para o celular. A tortura voltou quando olhei no relógio e vi que estava próximo o horário da segunda parada, às oito da eu sabia que essa seria uma parada rápida, então, as oito e trinta, eu já havia perdido a esperança de ver em meu celular uma resposta dela. Repeti para mim mesmo que talvez ela não tenha ligado o celular ainda. Isso explica ela não ter respondido.

Dar tempo ao tempo. É o que a minha mãe diria se eu contasse para ela. Ela também é sábia, tem sempre um conselho para nos dar, mas, se ela me dissesse isso, nesse momento, eu responderia que essa frase deveria ser escolhida como a frase desmotivadora do século. Como dar tempo ao tempo se eu não sei quanto tempo terei que esperar para vê-la novamente? A verdade é que nem sequer combinamos de nos ver novamente. Eu sei que vamos, mas, ter uma data para isso, ajudaria com a minha ansiedade. Eu ainda tenho mais três meses de viagem, quase o mesmo tempo que ela, acontece que viajar sem ela se tornou um pesadelo.

Olho para a garrafa de whisky no bar do quarto e ela parece estar me chamando, como se ela fosse a única companhia que me sobrou. Não. Não. Não, Daniel. Você sabe que essa bebida é a porta para o inferno, ela nunca vem sozinha, sempre traz consigo alguma acompanhante e você não vai querer nenhuma dessas companhias ao seu lado. Maldita garrafa! Eu a pego como se estivesse segurando em minhas mãos, aquilo que vai me salvar e me derrotar ao mesmo tempo. Sirvo uma dose no estilo “Cowboy” e me jogo no sofá com o copo na mão, pego o meu notebook e coloco para passar em slides, as fotos que estavam em minha máquina. As fotos que tirei da Manu desde o primeiro momento que a vi, encarando o nada como se encarasse a própria vida.

Fico aqui me perguntando qual das duas teorias é a que está certa? Os

opostos se atraem ou são os semelhantes que se atraem? Dizem que são os opostos, com a explicação da polaridade, da dualidade perfeita, do tal do Yin e Yang, e toda essa história, mas, no meu caso e da Manu, parece que nos enquadrados na teoria dos “semelhantes se atraem” porque vivenciamos um tipo de dor parecida, cada um à sua maneira, mas, ainda assim, uma dor que parece ter nos tirado o chão e nos deixado em suspenso por algum tempo e, curiosamente, foi na viagem de “cicatrização”, que nos encontramos. Gosto mais dessa teoria. Prefiro acreditar que os opostos se atraem somente na física, prefiro acreditar na tal da lei da atração, onde os semelhantes se atraem, onde atraímos para nós, aquilo que desejamos. Sim, essa “lei” é mais conveniente para mim. Em uma das minhas viagens para o Tibet, tive o prazer de conhecer um monge com quem conversei por duas horas seguidas, lembro-me de uma das suas frases: O pensamento irradia energia, tudo volta ao seu ponto de partida. Eu só fui entender o real significado dessa frase, depois que estive na Índia e conheci a tal das Quatro leis espirituais. Acreditar que nada acontece do nada e que tudo tem um motivo e acreditar que podemos atrair para nossas vidas aquilo que desejamos, é uma boa forma de se viver. Preciso focar mais nisso quando retornar ao Brasil.

Olho para o relógio em meu pulso. Parece que um mês se passou desde que sentei no sofá com o copo na mão, mas, na verdade, pouco mais que dez minutos se passaram. Dez minutos e eu ainda sendo encarado pelo copo cheio. O cheiro me convida. A vontade de beber mexe com todo o meu corpo. Talvez, eu ainda não estivesse pronto para voltar a beber, como fiz em Bergen, ao voltar a tomar vinho e beber cerveja. Talvez, eu não tenha percebido isso antes porque tinha a Manu comigo, me ocupando a mente e o tempo. Agora, aqui nesse quarto de luxo, frio e solitário, nada me parece tão certo e errado quanto esvaziar esse copo de uma só vez. Lembranças da Nicole se despedindo de mim no aeroporto me veem à mente.

— Daniel, me promete apenas uma única coisa? – ela pergunta, enquanto esperamos pelo o meu voo. Meus pais estavam comprando algumas besteiras no aeroporto junto com a Bianca, enquanto estava sentando no saguão com a Nick.

— Posso tentar. – respondo.

— Promete que de todas as loucuras que você vai fazer nessa viagem, que você só não vai beber e se apaixonar?

Eu dou risada do pedido dela e ela me encara séria, esperando por uma resposta.

— Nick, beber eu não vou mesmo. Só eu sei o inferno que foi aqueles meses dentro daquela clínica. Eu nunca tive problemas com bebida até aquele maldito dia que não gosto de lembrar, mas, desde que o problema apareceu e eu decidi me tratar, prometi para mim mesmo ficar longe de qualquer tipo de bebida, acho que por um bom tempo, nem os vinhos do meu pai, eu poderei tomar. E quanto ao seu segundo pedido, sim, você disse que queria que eu promettesse uma coisa e acabou pedindo duas, mas, pode ficar relaxada, isso é impossível.

— Você diz isso agora, porque ainda está machucado, mas, cedo ou tarde, isso vai acontecer novamente, eu só espero que aconteça quando você estiver aqui, para não passar por isso sozinho.

— Não, Nick, eu digo isso porque já amei e me decepcionei por uma vida inteira. Não quero mais isso para a minha vida. Eu amei demais a Letícia, de uma forma tão grande e inexplicável. Foi ela quem me fez conhecer o amor e foi ela quem me fez perder a fé nele.

— Branquelo, por favor, não diga uma coisa dessas. Eu tenho certeza de que ainda vai encontrar uma guria que vai te deixar arriado, vai fazer você fincar o pé aqui e não vai ter vontade de deixá-la por viagem nenhuma.

— Se for assim, Nick, que Deus me livre de encontrar essa pessoa. — respondo, rindo da minha própria piada. — Eu prefiro viajar o mundo inteiro por várias vezes, do que me amarrar em uma mulher que me prenda em um único lugar.

— É... O seu espírito sempre foi livre, né? Você tem que confessar que não é fácil para uma mulher estar casada com um cara que viaja tanto, que presa tanto o seu trabalho e a liberdade.

— Você acha que fui culpado? Está de certa forma defendendo ela, Nick?

— Claro que não! Dani, eu apenas não a julgo. Acho que não deve ter sido fácil para ela esse tempo todo de casada, ter ficado longe do marido por quase seis meses por ano, porque se você somar as suas viagens no ano, dão praticamente seis meses longe de casa.

— E você acha que isso dá a ela o direito de fazer o que fez?

— Aí é que está o ponto. Eu não julgo os motivos dela, mas, julgo as ações dela.

— Para de filosofar e seja franca, Nick! Você é a minha única e melhor amiga, acha que de alguma forma, fui culpado?

— Sério mesmo que tá me fazendo essa pergunta? Não acredito que

você se culpa. Dani, aconteceu, tinha que acontecer. A gente ainda não sabe o porquê de ter acontecido, mas, tem que haver um motivo e sei lá, quem sabe essa viagem te ajude a descobrir.

Eu viro o líquido de cheiro forte e gosto amargo, de uma só vez na garganta.

É, Nicole, acabei de quebrar duas promessas, a de não mais beber e a de não me apaixonar.

Na clínica, aprendi que não podemos dar o primeiro gole. A recaída é sempre pior. Sim, a recaída é uma queda para o abismo. Eu dei o primeiro gole. Eu ferrei com tudo quando decidi dar o maldito primeiro gole, em Bergen. O gole de agora, é apenas consequência. Uma consequência que não consigo frear, como um trem desgobernado, eu, o maquinista, acabei de perder os freios, o controle, o rumo. Deixo o copo vazio sobre a mesa e vou ao barzinho novamente, pegando a garrafa dessa vez.

Mais um gole. Eu só preciso de mais um gole. Bebo devagar dessa vez, preciso sentir o líquido descendo em minha garganta, esquentando e queimando tudo por onde passa. Só mais um gole, o terceiro gole. Preciso anestesiá-lo esse sentimento de vazio que as lembranças do meu amor frustrado pela Letícia, misturado às lembranças dos beijos da Manuela, estão me causando. Último gole. Quero que seja o último, mas, não dá. Para um dependente de álcool, beber quando não se pode beber, é deixar de ter o controle da própria vida, é permitir que a bebida faça isso por você. E ela nunca faz da forma correta.

Mais alguns goles. A minha cabeça está zonza. Arranco os meus sapatos e deito no sofá. Estou nesse momento, flertando com o azar.

O último gole se tornou o penúltimo e o penúltimo se tornou o antepenúltimo até terminar a garrafa. Tarde demais para arrependimentos. Tenho plena consciência da merda que fiz e ainda assim, não consigo parar. Para quem pensa que deixar de beber, parar de fumar ou abandonar as drogas, é algo fácil, vai aqui a minha experiência. Não, não é. Quem disser que é só querer, merece, na minha opinião, levar uma surra, porque ninguém chega à sarjeta porque lá quer ficar, se chega lá, porque em algum momento da sua vida, se perdeu e, estar lá infelizmente é mais fácil do que sair de lá. Eu cheguei lá. Antes dos meus pais decidirem me internar, foram noites e mais noites, gastando todo o meu dinheiro em bar, cambaleando pelas ruas, falando sozinho, dirigindo bêbado, magoando minha mãe com a decepção de ver o filho na situação em que eu me encontrava, decepcionando a minha

filha.

Minha cabeça já começa a doer. Meu corpo já havia se acostumado a ficar sem o álcool, agora, qualquer dois copos de whisky, é como se fosse uma piscina de whisky. Uma garrafa inteira, é ter bebido toda a água do oceano. Bem-vinda, ressaca. Se aconchegue. Doa bastante porque sei que amanhã, quando eu acordar, a ressaca moral de ter recaído, será muito maior do que essa de agora.

Acordo assustado. Mais um pesadelo. Sou grato por quase nunca lembrar deles. Ter pesadelos já é algo horrível. Ter de lembrar deles ao acordar, seria péssimo. Olho para o meu pulso para ver em meu relógio que horas são e não o encontro, provavelmente eu devo ter arrancado ele enquanto dormia e nem me dei conta. Faço movimentos leves ao me sentar no sofá. Minha cabeça lateja. Não, ela não lateja, dói. Como se tivesse sido dividida em mil partículas. Olho para a garrafa no chão. Vergonha me domina. Culpa. Medo. E se eu não conseguir parar? Será que é hora de eu pedir ajuda? Será que foi só um deslize ou estou começando a cair em um buraco novamente?

Pego o meu celular para conferir a hora. Não posso perder o voo, quero ir embora logo daqui, esquecer de tudo talvez vá me ajudar. Sim. Preciso esquecer de tudo, inclusive da Manuela. Se poucas horas depois que ela se foi, eu já fiz isso, imagino o que posso fazer mais para a frente. Caramba. Eu acabei de culpar a Manuela pelo o que fiz? Não, Daniel, você é o culpado pelas as suas fraquezas. Negar a culpa e jogá-la em outra pessoa ou situação, é o primeiro sinal de que preciso de ajuda. Liguei para a Nicole assim que amanhecer. Ela vai saber o que dizer para me ajudar. Sei que ela vai rezar o sermão da montanha antes de me ajudar, mas, como eu mereço e preciso de ajuda, acho que vai valer a pena.

Aperto o botão do meu Iphone e aparece no visor que tenho três mensagens novas, com uma velocidade incrível, clico em ler e o nome “The Best Thing” aparece. Merda! Ela respondeu e eu estava bêbado demais para ler.

A primeira mensagem foi recebida às onze e quinze da noite. Eu estava começando a beber e não me dei conta.

“Estou com saudades desde o momento em que virei as costas para você e segui adiante.”

Rolo a mensagem para ver se tem mais alguma coisa escrita, mas não tem mais nada. Eu passo para a segunda, meia noite e meia.

“Estou no hotel. A cama é grande demais para o meu pouco tamanho. Falta você aqui.”

Vou para a terceira mensagem. Meia noite e cinquenta.

“Acho que a tua saudade já passou. Por que não me responde. Está tudo bem? Apenas responde isso e te deixo em paz.”

Que merda! Ela deve estar pensando um monte de besteiras agora! São três e meia da manhã, penso por alguns segundos se escrevo de volta ou não. Dane-se. Eu vou escrever.

Cinco minutos depois, estou clicando em enviar e me jogando novamente no sofá. Acho que agora eu honrei o que tenho no meio das pernas.



Manuela

“I don't quite know how to say how I feel. Those three words are said too much. They're not enough.”

“Eu não sei bem como dizer como me sinto. Aquelas três palavras são ditas demais. Elas não são o suficiente.”

(Snow Patrol – Chasing Cars)

No mesmo instante em que o meu celular apita, eu me estico para pegá-lo, no criado mudo ao lado da cama. Meu coração dispara quando vejo o nome dele na tela. Começo a ler

“Desculpa. Eu dormi. Apaguei, para ser sincero. Não, espera. Não estou sendo sincero. Prometemos ser. Eu vou ser. Eu tomei todas. Não todas, mas, uma garrafa. Capotei no sofá. Minha cabeça dói. Acordei porque tive um pesadelo e vi as suas mensagens somente agora. Me desculpa. Me desculpa por tudo, inclusive por fazer o que combinamos de não fazer, que é pedir desculpas. Saudades de você, Manuela. Fica bem”.

Meu coração se aperta quando leio que ele diz ter tomado todas. Para qualquer um seria apenas uma noite de bebedeira, mas, depois que ele me contou sobre ter começado a beber após ter descoberto a traição da esposa e me contou sobre a internação, eu sei o quanto deve estar sendo difícil para ele lidar com isso agora. Por que ele foi beber? Sei que não posso e não vou julgá-lo. O Daniel é o cara mais centrado que já conheci. Eu estava tão acostumada com os altos e baixos do Léo, e agora que conheci o Dan, percebo o quão estável ele é. Ele não merece que eu o julgue por um momento de fraqueza, mas, eu preciso saber se ele está bem. Sento na cama e começo a escrever:

“Sendo sincera... Não sei o que dizer. Imagino como você deve estar pirando agora por ter bebido. Você vai ficar bem? Consegue lidar com isso?

Estou com saudades de você, Daniel. Obrigada por ter sido sincero. Gosto disso que temos. Sem bolhas. Somente nós, como somos. Preciso saber que vai ficar bem amanhã quando o dia clarear. O que vamos fazer daqui em diante?”

Clico em enviar e logo que a mensagem sai da minha caixa, me arrependo da última pergunta que faço. Escrevo novamente:

“Esquece a minha última pergunta.”

Poucos segundos depois, recebo a resposta dele. Meu coração acelera

“Acho que você nunca me fez tantas perguntas como fez nessa mensagem. Vou ficar bem. Ainda não sei qual será a consequência da merda que fiz (lei da causa e efeito), tenho que arcar com o que virá. Nesse exato momento, estou com vontade de beber novamente, mas, não vou. Vou lidar com isso. Também estou com saudades de você. Sempre serei sincero com você. Sem bolhas. Quando clarear, te mando mensagem para dizer como estou. Preciso dormir. Vamos continuar as nossas viagens e nos encontrar no Brasil. É isso o que vamos fazer. Fica bem.”

Algumas lágrimas escorrem pelos os meus olhos, é tão fácil lidar com ele, como se explica essa ligação que temos em tão pouco tempo? Eu apenas sou sincera com ele e sinto que ele também é comigo, desde o primeiro dia em que conversamos, ele parece nunca ter feito comigo o tal jogo que costumam dizer por aí que as pessoas fazem para conquistar a outra. Com a gente as coisas funcionam assim, através da sinceridade e é por isso que estou preocupada, porque sei que ele está sendo sincero ao afirmar que não sabe se vai ficar bem. Antes que eu clique em responder, mais uma mensagem chega.

“Esquecer a última pergunta? Está brincando! Ainda bem que já a respondi. Te encontro no Brasil em três meses. Fica bem.”

Eu sorrio aliviada. São só três meses. Eu poderia acabar com essa agonia e voltar no primeiro voo para Tromsø, mas, isso seria entrar em conflito com o meu passado e ninguém pode seguir em frente se estiver em guerra com o próprio passado. Respondo a sua última mensagem e fecho os olhos na tentativa de dormir.

“Três meses... Me manda notícias pela manhã. Estou bem. Beijo”

Coloco o celular no travesseiro ao lado do meu, e me ajito para dormir. Cinco minutos depois, ele apita de novo.

“Podemos conversar mais um pouco? Acho que não consigo dormir agora.”

Ah... Dan, como você consegue ser assim tão diferente? Ele

simplesmente não tem medo de dizer o que sente, gosto de como somos livres para sermos nós mesmos.

Começo a digitar, já imaginando qual será a reação dele.

“Posso te ligar? Acho que quero ouvir a sua voz...”

Eu não imaginava que o serviço de SMS pudesse ser tão rápido, na verdade, nem sei porque não nos falamos por WhatsApp, só sei que dois minutos depois, meu celular está tocando e eu sinto aquela conhecida sensação de redemoinho no estômago ao ler o nome dele.

— E agora, tem certeza, ou ainda acha? – ele diz, assim que atendo a ligação.

— Eu sempre tive certeza... O Acho foi só para não o forçar a me ligar caso não quisesse de fato. – respondo, percebendo que a minha respiração está começando a ficar ofegante.

— Bela, pelo o pouco que me conhece, acho que já sabe que não faço jogos, da mesma forma que não faço nada que eu não queira. Sempre que eu te ligar, te mandar SMS ou estiver com você, será porque eu quero estar, você entende isso?

Ele já havia dito isso uma vez, aliás, da primeira vez, cheguei até a achar um pouco rude dele, como se ele fosse prepotente ou convencido, mas, agora eu entendo o que ele de fato quer dizer e isso me deixa segura. Saber que ele jamais se forçará a nada comigo, me faz ter a certeza de que posso confiar nele.

— Sim. Eu entendo.

O silêncio toma conta da ligação até que crio coragem para quebra— lo.

— Dan, preciso saber como você está.

— Péssimo. Com medo.

— Medo?

— Sim, medo de que não tenha sido só uma fraqueza. Tenho medo da recaída, Manu.

— E o que você pode ou vai fazer?

— Vou ligar amanhã cedo para a Nicole, a amiga que te falei que me ajudou. Sei que ela pode me ajudar. Ela sempre sabe a coisa certa para dizer quando faço merdas.

Sinto uma ferroadada dentro de mim e sei que isso tem nome. Ciúmes. Por que ele pode falar com ela sobre isso e não pode falar comigo?

— Eu queria ter a coisa certa para te dizer, assim como essa sua amiga tem. – solto, em desabafo.

— Manu? Ei, ela é só minha amiga, ok? Eu não quero te encher com as minhas merdas, nos conhecemos há tão pouco tempo, eu não quero te assustar. Eu já fico surpreso que ainda esteja falando comigo mesmo depois que te contei que tenho um passado conturbado, que ainda sou casado no papel, que tenho uma filha e que tive durante quase um ano, problemas com a bebida.

Ele faz uma pausa e eu aproveito para interrompê-lo.

— Dan, ao contrário de você, eu não tenho um passado dolorido para me machucar, eu tenho sim, uma história com momentos bons e momentos ruins, lembranças boas e lembranças que ainda me queimam por dentro, mas, isso não faz com que eu não entenda e não aceite o seu passado, ele é a sua história, da mesma forma que você aceitou a minha história. Estamos na mesma situação, Daniel. Ambos, tentando encontrar um jeito de seguir em frente, você não me assusta, de forma alguma. Eu só quero, sei lá... deixa para lá...

— Não! De forma alguma, termina o que começou, Manu. — sua voz dessa vez é autoritária.

Eu respiro fundo e respondo. — Eu só quero que a gente encontre alguma forma de não nos afastarmos, porque eu não sei o que acontece, mas, você me faz bem, Daniel.

Eu solto o ar e ouço ele fazer o mesmo do outro lado da linha. O silêncio dele me deixa desconfortável.

— Não sei ainda como, mas, nós vamos dar um jeito, Manu.

Eu sorrio sozinha com a resposta dele.

— Dan, posso te fazer uma pergunta?

— Sempre.

— Por que você bebeu?

— Nem eu sei ao certo, sei que várias lembranças me vieram à mente, a saudade de você, a ansiedade por não receber nenhum SMS seu, sei lá, tudo isso me fez sentir vontade e quando dei por mim, a garrafa já estava sendo esvaziada.

— Eu estou preocupada com você. — admito, por fim.

— Manu, eu não posso te fazer promessas, mas, eu estou muito arrependido do que fiz, e estou muito decidido em me manter firme. Amanhã viajo para Moscou, vou focar no resto da minha viagem, ainda tem muito lugar que quero voltar e também conhecer e saber que você quer estar comigo novamente, tanto quanto eu quero, me motiva a passar por isso.

— Posso te fazer outra pergunta?

— Claro.

— Você acha que fizemos a escolha errada? Que não devíamos ter nos separado, já que estávamos nos dando tão bem?

— Bela, eu, Daniel emocional, te digo que por mim, você nunca teria entrado naquele avião, mas, eu Daniel racional, tenho a certeza de que ambos precisamos terminar isso do mesmo jeito que começamos... Sozinhos...

— Parece que de repente, essa viagem, a minha viagem, se tornou um objeto de tortura para mim e não era para ser assim.

— Não precisa ser, bela. Quero que você se divirta nesse tempo, quero que você dedique ele a você, a se recuperar, a superar. Eu farei o mesmo. Essa é a condição que o destino nos deu para que nos curássemos de nossas dores e pudéssemos ter uma chance novamente.

Eu encosto a cabeça no travesseiro enquanto as lágrimas escorrem dos meus olhos. O Daniel tem uma visão espiritualizada sobre as coisas e gosto de como ele me faz enxergar as nossas histórias.

— Ainda está aí? A ausência da sua voz me diz que você está chorando...

— Desde quando se tornou o mestre dos magos? Agora adivinha as coisas?

— Eu já te conheço, mesmo em tão pouco tempo.

— É... você me conhece mesmo, Dan.

— Estou com saudades do seu beijo.

— Só do beijo? – provoco.

— Não, com certeza não.

— A gente podia se ver e conversar pelo Skype, o que acha?

No momento em que ele falou, a minha voz fraquejou e eu não consegui responder nada, flashes dos meus momentos com o Léo via Skype, agora tumultuam em minha cabeça. Eu sei que é a coisa mais natural do mundo, casais conversarem via Skype, ainda mais quando estão longes, mas, parecia que era algo tão meu e do Léo, tivemos tantas conversas assim, muitas vezes, foi assim que ele acabava se abrindo um pouco mais, deixando a Muralha da China cair, escrevendo o que pensava ou sentia. Eu acho que não estou preparada para deixar que outra pessoa entre nesse mundo, no nosso mundo particular de horas de conversas com a Cam ligada. Mesmo esse alguém sendo o Daniel.

Acho que estou tendo alguma crise de consciência ou algo parecido. Eu

estava indo tão bem e de repente, as lembranças voltam a me castigar, juntamente com a saudade do Léo. Será que é sempre assim com as pessoas que perdem quem amam para a morte? Será que isso faz com que seja mais difícil de esquecer alguém?

— E então? – ele pergunta.

Eu penso em dizer que ainda não tenho a senha da internet do hotel, mas, se quero que isso, seja lá o que isso seja, funcione, eu não posso mentir para ele, não depois dele ter sido sincero comigo todo esse tempo.

— Dan, não fica bravo comigo, por favor, mas, acho que não estou preparada para fazer isso, conversar com você pela Cam.

— Tem a ver com ele? O Leonel? – a sua voz soa fraca e eu me espanto por ele ter memoriado o nome do Léo.

— Tem. Eu não sei explicar os meus motivos, mas, espero que não fique chateado.

— Tudo bem. Acho que está na hora mesmo de desligarmos.

— Dan, por favor, me desculpa, isso tudo é muito novo para mim, eu só preciso processar essa enxurrada de acontecimentos.

— Tudo bem, Manu. A gente se fala outra hora.

— Outra hora, amanhã? – pergunto, querendo ter a confirmação de que vamos manter o contato.

— Pode ser, amanhã a gente se fala então.

— Ok, durma bem e por favor, me dê notícias sua amanhã.

— Você também, durma bem. Falamos amanhã. Se cuida.

— Beijo.

— Beijo.

Logo depois que ele responde, ouço o barulho da chamada sendo desligada. Eu sei que provavelmente eu o chateei, ser sincera às vezes é um saco.

Dez minutos depois de ter desligado o telefone, volto a pegar no celular e envio um SMS para ele. Eu não consegui dormir, pensando na besteira que fiz, eu não posso ser controlada pelo o que vivi com o Léo, não posso me privar de viver tudo novamente só porque já vivi com ele. Ele me pediu para ser feliz e nesse momento, não estou feliz.

“Ainda acordado? Vamos nos ver pela Cam?”

A resposta vem em seguida.

“Amanhã. Já estou deitado.”

E era o que eu temia. Ele está chateado e a culpa é toda minha.

“Desculpa.” – escrevo logo em seguida.

“Sem pedidos de desculpas, lembra? Nos falamos amanhã. A ressaca aqui ainda está forte e vou tentar dormir. E, Manu... Para de pensar besteiras, tá? Está tudo bem, eu entendi os seus motivos, na hora fiquei chateado, mas, passou.”

Não, Daniel, eu não estou pensando besteiras, você ficou chateado e não tenho certeza de que está tudo bem. – penso, enquanto digito a resposta.

“É, e pelo jeito a vontade de me ver passou junto...”

Meia hora se passou e ele não respondeu. Não me resta nada a fazer, a não ser esperar por amanhã.

**Daniel**

“Mas a saudades é isso mesmo, é o passar e repassar das memórias antigas”

(Machado de Assis)

Eu já estava preparado para isso. Acordar com essa tremenda dor de cabeça e esse gosto horrível na boca. Quando a Manu enviou a sua última mensagem, eu já estava jogado na cama à espera do sono. Eu senti vontade de ligar o notebook e vê-la pela cam, mas, acabei agradecendo por ela não ter topado na hora, a minha aparência não devia estar as melhores, um cara que acabou de acordar após beber uma garrafa de whisky, só podia estar no mínimo horrível e assustador.

Escovo os meus dentes e entro debaixo do chuveiro. A minha boca está seca e sei bem o que isso significa. Faço uma nota mental para ligar para a Nick assim que sair do banho e outra para mandar mensagem para a Manuela, ela não precisa estragar a viagem dela por estar preocupada comigo.

Cerca de meia hora depois, estou vestido e agasalhado, agora só falta arrumar as malas, tomar café da manhã e seguir para o aeroporto.

Sento no sofá com o celular na mão, encarando-o, enquanto decido se ligo primeiro para a Nick ou se mando a mensagem para a Manu. Bom, não é uma decisão assim tão difícil. Entro em meu WhatsApp, seleciono “atualizar a lista” e assim que o nome da Manu aparece, ou melhor, o pseudônimo, eu clico e começo a escrever.

Está aí? Bom dia!

Bom dia. Estou sim. Tomando o café.

Você está bem?

Estou, e você? Bravo?

Sim e não. Sim para o bem e não para o bravo.

Aliviada... E quanto ao resto?

Bebida?

Sim...

Ainda não sei. Tô bem, mas sei lá...

*Quero muito que fique bem.
Eu vou ficar, vou dar um jeito nisso...
Que horas é o seu voo?
Daqui a duas horas. O que vai fazer agora?
Passear por Copenhagen.
Nos falamos quando eu chegar em Moscou...
Promete que vai me avisar quando chegar?
Prometo. Fica tranquila, ok?
Boa viagem, Dan.
Divirta-se, pequenina. Saudades.
Eu também. Beijos.
Beijos.*

Essa garota tem um efeito imediato sobre mim. Só de conversar com ela sinto como se valesse a pena eu me manter firme em minha recuperação. Ninguém conhece o inferno que é se manter firme longe do álcool. Eu nunca tive problemas com bebida, nunca fui fã dos excessos, até aquele maldito dia em que experimentei o gosto amargo da decepção. Ninguém apontou uma arma para a minha cabeça e me obrigou a beber, eu bebi porque já no primeiro copo, senti que o meu corpo estava ficando mais leve, bebi porque a cada outro gole, mais longe da realidade a minha mente ficava. A realidade estava pesada demais para mim. A Letícia sempre foi o tipo de mulher que idealizei, sempre acreditei que éramos perfeitos um para o outro e mesmo odiando-a pelo o que ela fez com o nosso relacionamento, passei meses chorando escondido pelo fim dele. Eu bebia na mesma proporção que lembrava dela.

Vejo que ela não está mais online e então, começo a discar para a Nicole.

— Alô? – ela diz, com a voz baixa.

— Nick?

— Branquelo? Seu filho de uma mãe, tem ideia do quão preocupada estou com você? Tem dias que você não nos manda notícias! Eu já estava pensando em acionar o Itamaraty!

Sim. Acabei de me lembrar o porquê de eu não ligar sempre para ela.

— Eu estou ótimo e você? – falo, em tom de ironia, zombando do drama dela.

— Desculpa... Está tudo bem?

— Na verdade não está não.

Ouço a respiração dela ficar mais pesada.

— Daniel, por favor não me diga que...

— Sim. — interrompo-a. — Eu fiz merda. E das grandes...

— Quero saber de tudo e quero saber como você está agora, nesse momento.

— Posso começar pelas merdas?

— Seus pais iam odiar ouvir você dizendo a palavra “merdas”.

— Eles iam odiar mais ainda se soubessem o quão grande elas são. — respondo, tentando ser engraçado.

— Vai, começa pelas merdas então.

— São duas... As duas promessas... Eu as quebrei.

— Espera, deixa eu ver se entendi! Você está dizendo que bebeu e que se apaixonou? Que porra de merdas são essas? — ela agora já não está falando tão baixo e posso imaginar a sua expressão de raiva. Qualquer um diria que ela não tem nada a ver com a minha vida e que não teria que ficar brava desse jeito, mas, ela sabe que dou a ela toda a liberdade do mundo para agir e reagir da forma necessária em relação a mim. Quando você desiste de você mesmo e alguém te dá a mão, você cria por esse alguém, um sentimento de gratidão que faz com que o resto da sua vida, você olhe e pense que se não fosse por ele, você talvez não estaria aqui.

— Meus pais também não iam gostar de ouvir você dizendo “porra” e “merdas”.

— Juro que não são com seus pais que estou preocupada nesse momento. Quer me dizer logo como tudo aconteceu? Foi a bebida primeiro ou a garota?

— Manuela.

— Ok, então a garota tem nome, que legal! Anda, fala logo!

Conto para a Nicole como conheci a Manu e como fui parar em Tromso.

— Onde a bebida entra nisso? Porque pelo o que você está me contando, você está bem, encontrou alguém.

— Eu não sei responder, Nick. Ela foi embora ontem. Vamos nos ver novamente, mas, quando ambos terminarmos as nossas viagens. Eu não sei o que me deu ontem à noite, acabei cedendo e bebi uma garrafa inteira.

— Droga, Dan! Você sabe que isso é sério, não sabe?

Eu inspiro e respiro em seguida.

— Eu sei. Estou com medo. Medo até de sair do quarto. Medo de não resistir, de procurar por mais uma dose.

— Dan, me escuta, por favor! Você vai ter que ser forte, lutar contra todos os seus demônios, porque eles vão aparecer, você os convidou ontem,

ao beber novamente, então, você vai ter que resistir até o seu limite e quando achar que não aguenta mais, que precisa de apenas um gole, esse será o momento da decisão, ficar limpo ou recair de verdade.

— Eu sei. Isso me assusta... – respondo, enquanto repasso a sua última frase. — Você parece saber da minha doença mais do que eu.

— Foram oito meses frequentando uma clínica todos os domingos, lembra? Eu não podia deixar de ir visitar o meu melhor amigo. Confesso que aprendi muito com as reuniões que faziam lá para os familiares e amigos e é por isso que te digo, Dan. A coisa vai ficar preta, você vai sentir vontade de beber novamente e provavelmente, vai ceder. A não ser que você tome os remédios.

— Não! Isso não, Ni.

— Dan, isso iria te ajudar.

— Não quero voltar a tomar os remédios. Não quero ficar grogue, passar horas dormindo em minha viagem de férias. Além do mais, eu teria que ir a um médico para conseguir uma nova receita.

— Não. Olha no zíper interno da sua mochila. Sua mãe e eu conversamos com o seu médico antes de você viajar, estávamos apreensivas por você estar fazendo essa viagem sozinho e ele nos deu a receita. Compramos o remédio e sua mãe a escondeu nesse bolso interno.

Eu encosto a cabeça no sofá enquanto a ouço falar. Ela é como um anjo da guarda para mim, mas, eu não quero voltar a tomar os remédios, não gosto dos efeitos colaterais que eles causam, me sinto como um incapaz, largado.

— Ni, eu não posso voltar a tomar os remédios.

— Dan, você não pode voltar a beber. Qual é pior? Pelo menos por uma semana, por favor?

— Uma semana em que deixarei de existir, não é mesmo?

— Dan, se você não tomar, você vai deixar e existir do mesmo jeito, só que por mais tempo, porque a bebida não vai roubar de você somente sete dias, ela vai lhe roubar a vida novamente.

— Odeio quando você dá uma de psicóloga. Você sempre tem razão, né?

— Pior que sim. – ela responde, rindo em seguida.

— Dan, e essa garota? Você disse que vão se ver novamente, quando? Ela sabe sobre a sua história?

— Nick, ela sabe de tudo. Inclusive da bebida. Vamos nos ver somente quando retornarmos ao Brasil. Ela é de São Paulo. Ainda não combinamos

isso, mas, temos três meses pela frente.

— O que te fez mudar de ideia em relação a se relacionar com alguém de novo? Você embarcou tão seguro de que isso não ia acontecer... Eu particularmente, fico feliz que tenha acontecido, embora ainda não tenha entendido a sua recaída e se eu descobrir que ela tem alguma coisa a ver com isso, vou atrás dela até no inferno para soca-la no meio da fuça.

— Você não vai precisar socar ninguém, Ni. Sabe quando você olha para alguém e tudo a sua volta parece congelar? As pessoas ao redor parecem não existir, o barulho ao redor cessa, somente aquela pessoa parece ser real, todo o resto se torna um cenário montando, cheio de coadjuvantes? Você sente que você e esse alguém, são os personagens principais. É isso o que senti quando a vi pela primeira vez. A forma como ela olhava para o nada, eu reconheci aquele olhar. O meu olhar.

— Dan, isso é lindo. Acho que você está ferrado... digo, apaixonado.

— Ambos. – respondo, e nós dois rimos.

— Vai tomar os remédios?

— Embarco logo mais para Moscou. Se lá, se eu achar que não vou aguentar, eu tomarei. E passarei os dois primeiros dias deitando em uma cama de hotel.

— Ei, não faz drama porque a história já é dramática. – ela responde.

— Sim. Eu sei... Ni?

— Fala.

— Obrigada.

— Daniel, odeio quando agradece. Você sabe que adoro você e quando a gente faz algo de coração, por gostar e ter um carinho especial por outra pessoa, é horrível quando ela agradece.

— Tá... Tá... Já entendi... – respondo. – Vou desligar, te mando mensagem quando desembarcar na Rússia.

— Faça isso. Se cuida.

— Até.

Desligo o celular, pego as minhas coisas e decido pular o café da manhã. Sigo direto para o aeroporto.

Após duas horas, estou dentro do avião. A aeromoça passa com o carrinho de bebidas e nesse momento, sinto que a minha frequência cardíaca aumenta, minhas mãos agora começam a suar e eu me concentro em olhar para a janela enquanto ouço o barulho do carrinho se aproximar.

— Senhor? Aceita alguma bebida? – ela pergunta, em inglês.

— Água. — respondo, sem me virar para ela. Eu não quero ter que olhar para as bebidas em cima do carrinho. Aqui não é um bom lugar para eu ser testado ao limite. Ela me serve e sai logo em seguida.

Duas horas depois, estamos pousando em Oslo, a primeira conexão. Foi aqui que embarquei no trem ao lado da Manu, essa cidade agora está na lista das minhas preferidas. Tudo bem que a lista é grande, mas, ainda assim, essa tem um lugar especial.

Após uma hora, estou voando novamente, a próxima conexão agora será somente em Frankfurt, daqui a duas horas, lá, terei que esperar por duas horas até partir para Moscou. A previsão de chegada é somente às onze da noite. Eu amo viajar, mas hoje, tudo o que desejo é chegar logo no hotel e se der sorte, ver a Manu pela cam.

Uma voz no microfone anuncia que estamos prestes a pousar, eu ajeito a minha poltrona e olho pela janela, as luzes da grande e bela cidade de Moscou brilham aos meus olhos, estive aqui há quatro anos atrás, fiz uma matéria de quinze dias para a revista, pude visitar os principais e os menos conhecidos pontos turísticos e históricos dessa magnífica e enigmática cidade. Embora o povo russo ainda seja um povo pouco habituado a receber turistas, uma vez que o país esteve “fechado” devido à Guerra Fria, eu não tenho do que reclamar, fui muito bem recebido da primeira vez, tanto é que irei me hospedar no mesmo hotel.

Pego a minha bagagem e já no táxi, ligo o meu celular. Ver que tenho três mensagens no WhatsApp da Manu, me anima imediatamente. A primeira foi enviada às nove da noite, a segunda às dez e a terceira agora pouco, às onze.

“Oi. Já chegou? Pensei em você o dia todo.”

“Dan, são dez da noite, por favor, me responda quando ler.”

“Ai, acho que estou sem controle né? Você nem deve ter pousado ainda e eu aqui surtando de preocupação. Pode isso?”

Eu rio sozinho com a sua última mensagem. Ela vive em guerra com ela mesma, faz alguma coisa que julga não ser o certo e se condena por isso. Que mal há nas mensagens que me enviou? Foram três, mas, mesmo que fossem dez, eu ia adorar do mesmo jeito.

Pode sim.

Escrevo. Permaneço online com a esperança de que ela veja logo a minha resposta.

Dan! Graças a Deus! Estava preocupada.

Oi linda, a viagem é demorada mesmo, estou agora indo para o hotel.

E você está bem?

Controlado. E você, como foi o seu dia?

Acho que me acostumei a viajar tendo companhia. Sem você é estranho fazer isso.

Isso quer dizer que já está com saudades?

Não. Saudades eu estava assim que embarquei. Agora estou mesmo é morrendo de saudades. Rs.

Eu também tenho saudades de ti. Você não imagina o quanto. Estou descendo do táxi, podemos nos falar por Skype daqui uns dez minutos?

Já estou com o meu ligado à sua espera.

Ok, já te chamo, estou entrando no hotel.

Ok.

Eu passo pelo hall de entrada e percebo que pouca coisa mudou, sigo para a recepção, onde uma linda russa me recebe com um sorriso igualmente lindo nos lábios. Entrego a ela o meu cartão e confirmo os dados da minha reserva, ela me entrega o cartão da minha suíte e eu sigo em direção ao elevador.

Passo pela área de espera, onde há vários hóspedes aguardando ou para subirem para os seus quartos ou para fecharem a estadia, sigo em direção ao salão dos jogos e quando estou passando pelo bar, vejo alguém familiar sentado em uma banqueta.

— O que você está fazendo aqui? — falo, ao entrar no bar e me aproximar.



Manuela

“Mesmo que eu me perca de mim mesma enquanto tento encontrar você, eu sobreviverei. E mesmo que eu chore até as lágrimas secarem, ainda assim, eu sei que eu sobreviverei.”

(Giulliana Fischer Fatigatti – Eu Sobreviverei)

Ele disse que estava entrando no hotel e que em dez minutos, me chamava pelo Skype. Eu fico “on” à espera do chamado dele. Sinto uma sensação já conhecida e vivenciada por mim, a de expectativa. Cada vez que eu entrava no Skype ou no Facebook, essa mesma sensação me fazia congelar o estômago, a ansiedade de que o Léo fosse ficar online e me chamar para conversar me causava sensações contraditórias dentro de mim e cada vez que ele e o seu Toc-toc apareciam, eu ia de foguete para a lua.

Vinte minutos. Entro e saio do Skype para ter a certeza de que não estou com algum problema na conexão. Trinta minutos, meu coração parece se contrair dentro de mim, qual a possibilidade de ele ainda não ter feito o check-in e ter ido para o seu quarto? Entro em conflito comigo mesma. Mandar whats ou não? Eu não sou nada dele e não sei se tenho o direito de persegui-lo dessa forma. Oras Manuela, não aprendeu nada com a sua história com o Léo? Vai mesmo se segurar quando na verdade quer muito mandar uma mensagem para o Dan para saber se está tudo bem? Brigo comigo mesma por ser tão tonta ao ponto de me perguntar se devo ou não mandar a mensagem. Sim. Eu devo mandar. Pego o meu celular e digito uma mensagem no whats.

Está tudo bem? Já está no quarto?

Passo os próximos vinte minutos olhando para o visor do celular. Ele apaga a cada cinco minutos para economizar energia e eu o acendo, com a esperança de ter algum retorno do Daniel. Já faz cinquenta minutos. Decido ligar para ele. Primeiro toque. Meu coração parece estar galopando dentro do meu peito. Segundo toque. Minhas pernas começam a tremer. Terceiro toque. Me levanto e caminho pelo quarto. Por favor, Daniel, atende esse celular!

Quarto toque. Fecho os meus olhos e peço silenciosamente para Deus que não tenha acontecido nada de ruim com ele. Quinto toque. Eu volto a entrar e sair do Skype. Nada. Sexto toque. Sétimo toque. Oitavo toque. Ouço a mensagem de que a minha chamada está sendo encaminhada para a caixa postal. A essa altura, já não sei mais o que fazer e se deixar um recado surtirá algum efeito, ainda assim, eu decido deixar.

Dan, sou eu, a Manu. Faz quase uma hora que nos falamos e estou esperando para te ver pelo Skype. Se mudou de ideia e não quer mais me ver, me diz pelo menos se está tudo bem. Espero o seu retorno.

Encerro a ligação já com lágrimas nos olhos. Sinto um aperto em meu coração como se algo estivesse errado, várias coisas passam agora pela a minha cabeça. Talvez ele tenha se arrependido, talvez, eu tenha sido realmente somente um caso de viagem para ele, talvez ele prefira não manter contato. Talvez algo realmente tenha acontecido. São suposições e hipóteses, não me resta nada além de esperar o contato dele. O meu dia havia sido um dia gostoso, pela manhã conversei com a minha mãe e com a Carol, para a minha mãe eu não falei nada sobre o Dan, mas, para a Carol, contei o resumo dos últimos dias, nos mínimos detalhes. Rimos juntas quando eu disse que achava que as borboletas em minha barriga haviam voltado. Depois de falar com elas, peguei a minha bolsa e saí para explorar a cidade, o primeiro lugar que fiz questão de conhecer foi o Nyhavn, um antigo porto que se tornou ponto turístico, com casas de madeira coloridas que se transformaram em lojas, bares e restaurantes. O Léo havia me falado desse lugar e foi por isso que o incluí em meu roteiro. Para falar a verdade, o meu roteiro inteiro foi baseado nos lugares em que o Léo passou e disse que gostaria que eu conhecesse também, desde o dia em que embarquei, nunca me vi alterando uma rota desse roteiro, até o dia em que o Daniel me convidou para ir para Tromsø. Vivenciei internamente um dos maiores conflitos da minha vida, decidir mudar o roteiro foi para mim mais difícil do que o próprio fato de eu estar saindo com outro cara poucos meses depois da morte do Léo. Enquanto caminhava por Nyhavn, repassei cada momento da minha vida, lembranças dos olhos caramelo do Léo se misturaram com as lembranças dos olhos azuis piscina do Daniel. Quando retornei ao hotel, me dei conta de que ele já era importante para mim. Contei as horas até o contato dele e agora, essa alegria toda passou, cedendo lugar para uma sensação ruim de abandono. Medo. Tristeza. Vazio.

Uma hora da manhã. Nenhum sinal. Ligo novamente. Caixa postal

direto. Eu não tenho nenhuma outra forma de contatá-lo a não ser através do seu número de celular. Não sei em qual hotel está, e me dou conta de que na verdade, não sei quase nada sobre ele. Dormimos juntos como se fossemos um casal, mas, nem sei qual é o seu sobrenome.

Adormeço com o celular em cima do meu travesseiro. Acordo com ele na mesma posição em que dormi. Nenhuma mensagem. Nenhuma ligação.

Sem vontade de levantar da cama, eu entro no whats novamente para ver qual foi a última hora em que ele acessou e viu as suas mensagens. Aparece que foi no horário em que nos falamos pela última vez. Penso em enviar mais uma mensagem, mas, pelo visto, será em vão.

Me arrumo e confiro o meu roteiro para hoje, Christiania será o primeiro lugar. Lembro do brilho nos olhos do Léo ao me contar sobre esse lugar, foi um dos lugares que mais tive vontade de conhecer, talvez por parecer ser tão diferente da realidade. Lembro também do Daniel dizendo que eu tinha que tomar cuidado ao andar por lá. Lembranças do Leonel e do Daniel serpenteiam em minha cabeça e nenhum dos dois está mais comigo.

Decido não me permitir sofrer pelo Daniel. Se ele escolheu assim, cabe a mim, apenas respeitar. O Léo me disse que eu encontraria alguém que iria me fazer feliz, me respeitar. Bom, o Daniel não demonstrou nenhum respeito por mim ao sumir e não dar notícias. Eu prometi a mim mesma de que essa viagem serviria para me fortalecer, eu me propus a fazê-la porque seria uma forma de enfrentar os meus próprios fantasmas. Não vou agora, me permitir falhar. Quero muito manter contato com o Dan, quero mais do que consigo assumir de fato, mas, essa é uma escolha que tem que acontecer dos dois lados.

Pego a minha bolsa, a minha máquina fotográfica e desço para tomar café da manhã. Enquanto tomo a minha xícara de chocolate quente e como o meu croissant, o pensamento de que talvez tenha acontecido algo com o Dan, me domina. Lembro de ele ter comentado de estar com medo da recaída. Não faz sentido achar isso, uma vez que estávamos nos falando e ele parecia estar bem, mas, ainda assim, isso explicaria a sua atitude. Acabo o meu café e volto para o quarto. Tive uma ideia brilhante, primeiro, preciso descobrir o sobrenome dele, lembro que quando nos hospedamos em Tromsø, ele disse à recepcionista, mas, eu estava tão abobada com tudo que não memorizei. Preciso descobrir o sobrenome e depois, tentar descobrir o hotel em que ele está. Christiania vai ter que esperar.

Ligo para o hotel em Tromsø, mas, devido à política da empresa, eles

não podem fornecer o sobrenome dos seus hóspedes. Frustração me domina. Como vou conseguir descobrir onde ele está se não tenho nenhuma informação sobre ele? Como se eu estivesse participando em um daqueles programas de perguntas e respostas ao vivo, a resposta brilha em minha mente.

Eu sou muito burra mesmo!

Digito o nome da revista em que ele trabalha e não foi difícil encontrar o nome dele nas centenas de matérias publicadas. O próximo passo é conseguir uma lista dos principais hotéis de Moscou.

Passo as próximas duas horas fazendo isso. Com uma relação de mais de cem hotéis que peguei na internet, eu começo a entrar na página de um por um e a ligar perguntando sobre um hóspede chamado Daniel Luscenti. Após vinte ligações, percebo que o que estou fazendo é insano, deve haver muito mais do que cem hotéis em Moscou e eu certamente passaria o dia trancada nesse quarto e ainda assim, não conseguiria ligar para todos.

Situações insanas, pedem atitudes drásticas.

Busco no Google, alguma vinícola em Bento Gonçalves que tenha o sobrenome do Dan. Quinze minutos depois, estou olhando para o site dela, me perguntando se vou mesmo ligar para lá ou não.

Mais quinze minutos em guerra comigo mesma e finalmente decido que é isso o que vou fazer. Pelo menos eu me lembro do nome da amiga dele, a que ele disse que era a recepcionista da vinícola. Agora, rezo para que seja ela a atender.

Dois toques. No terceiro, uma voz de uma mulher surge na linha.

— Bom dia, eu gostaria de falar com a Nicole. — falo, com a voz trêmula.

— Sou eu. Quem está falando?

— Meu nome é Manuela. Você não me conhece, mas...

Ela me interrompe antes de eu completar a frase. — Manuela do Daniel?

Eu fico muda, sorrio para o nada ao saber que ele falou de mim para a sua melhor amiga. — Sim. — respondo, segundos depois.

— Está tudo bem com ele? — ela pergunta com a voz aflita.

E então eu conto tudo a ela e a ouço dizer que ele realmente estava preocupado com a recaída dele e que ela também. Que ele havia prometido que tomaria os remédios assim que chegasse em Moscou.

— Você acha que ele pode ter tomado os remédios e ter apagado? — pergunto, preocupada.

— O estranho é ele ter dito que falaria com você em dez minutos e depois disso não ter te contatado mais.

— Cheguei a pensar que eu não tenho importância para ele. – falo, em resposta ao comentário dela. – Isso explica essa atitude dele.

— Olha, Manuela. Quando conversamos e ele falou sobre você, ele me parecia bem animado por ter te conhecido. Aliás, ele não falaria de você para mim se você fosse para ele apenas uma transa fácil.

Antes que eu respondesse algo, ela disse:

— Desculpa, não me referi a você quando falei sobre ser uma transa fácil.

— Tudo bem. – respondo, embora não tenha gostado muito da colocação dela.

— Bom, vou tentar descobrir o hotel em que ele está e tentar descobrir se está tudo bem, lembro que ele disse antes de viajar, que tentaria ficar em quase todos os mesmos hotéis que já ficou da primeira vez que foi para esses países, a minha esperança é que em Moscou ele tenha feito isso também.

— Eu posso te pedir para você pedir para ele entrar em contato comigo, quando você falar com ele?

— Sim, claro, pode ficar tranquila que farei isso.

— Nicole?

— Sim, Manuela.

— Você acha que aconteceu alguma coisa com ele?

— Eu espero que não. Farei o que for preciso para descobrir o que está acontecendo com ele.

— Obrigada. – falo, desligando logo em seguida.

Me sinto aliviada, como se agora eu tivesse alguém com quem contar para descobrir o que está acontecendo. Suspiro aliviada e pego a minha bolsa, rumo à Christiania.



Daniel

Perder-se é uma maneira de fazer novos caminhos e quebrar a rotina. Ninguém acha um atalho sem se perder antes

Fabício Carpinejar

Três meses depois...

A luz do sol invade a janela do meu quarto, olho para o relógio, sete horas da manhã. Me espreguiço vagorosamente, como se não tivesse pressa alguma, deve ser porque realmente não tenho. Estar aqui dentro é como congelar o relógio. Enquanto o mundo gira lá fora, aqui, a única coisa que importa é se estamos conseguindo nos manter equilibrados nesse mundo.

Arranco a minha roupa e vou para o box tomar uma ducha. Se tudo correr bem, hoje será o meu último dia aqui. Foram quase três meses de tratamento intensivo. Diferente da primeira vez, que vim por vontade própria e colaborei de todas as formas, dessa, eu fui mais resistente à ideia da internação, eu estava cheio de planos, no meio de uma viagem pela Europa quando permiti que tudo ruísse.

Ainda me lembro dela, do seu sorriso tímido quando eu a elogiava, da forma como ela olhava para os lados quando ficava com vergonha, de como ela virava uma mulher completa quando estávamos na cama. Sinto o perfume dela mesmo sem ninguém próximo a mim tê-lo usado. O gosto do beijo dela arde em minha boca. Eu ferrei com tudo. Ferrei e não tive a oportunidade de consertar. Ou talvez, coragem.

Não sei como aconteceu. Só sei que aconteceu. Eu estava subindo para o meu quarto, ansioso para falar com a Manu pela webcam, quando passei pelo bar do hotel e vi alguém que eu conhecia muito bem. Demétrius. Nos conhecemos em um pub quando fui pela primeira vez para a Rússia, naquela época, eu não tinha problemas com a bebida e nós curtimos muito as noites agitadas de Moscou enquanto eu estive na cidade à trabalho. Eu nunca traí a Letícia, mas, em contrapartida, aproveitei muito curtindo as noites, regado à muita bebida. Como eu disse, na época, não era um problema para mim.

Agora é.

Nos abraçamos e ele me convidou para sentar ao seu lado. Dessa vez, era ele quem estava hospedado no hotel a trabalho.

Ele ofereceu uma dose, no estilo cowboy, como eu sempre dizia que tinha que ser. Eu recusei, mas, ele insistiu, já chamando o garçom para me servir. A primeira dose desceu tão rápido que nem percebi. Demétrius contava empolgado sobre o negócio que acabara de fechar na cidade, ele trabalha na área de marketing e tinha acabado de assinar um contrato milionário com uma empresa russa. Pedi mais uma dose, que também desceu com a mesma rapidez do que a primeira, decidimos então pedir a garrafa de vez. A tomamos em pouco tempo depois, enquanto conversávamos. Quando a bebida acabou, ele sugeriu que fôssemos à uma balada, disse que queria me levar à um lugar que só não havia me levado antes porque eu estava casado, mas, que agora eu estava solteiro, não haveria problemas de irmos.

Lembro-me de ter perguntado se era um puteiro. Ele riu debochado de mim e disse que não. Eu subi para o meu quarto, já com uma certa dificuldade em passar o cartão para liberar a porta, minhas mãos estavam suando e um pequeno tremor me dominava, o quarto estava começando a rodopiar. Joguei minhas coisas no canto ao lado da cama e voltei ao bar, para encontrar ele. Pegamos um táxi, ele deu o nome do lugar ao taxista e poucos quarteirões depois, descemos.

O lugar era uma espécie de danceteria, pegamos a fila que não demorou muito para avançar e entramos. Um festival de luzes vermelhas, amarelas e roxas, ofuscaram a minha vista assim que chegamos próximo à pista. No primeiro momento, o lugar parecia ser uma danceteria normal, mas, quinze minutos depois que entramos, quando já estávamos enchendo os nossos copos pela segunda vez, uma sirene tocou e no meio da pista de dança, as pessoas começaram a fazer uma roda. Demétrius me levou para o meio e então percebi o que está acontecendo.

Mulheres. Várias mulheres, seminuas, dançavam no meio da pista. Mulheres lindas, que comprovam os comentários de que as mulheres russas são as mais lindas do mundo. Elas caminhavam entre os que estavam em volta da pista, vez ou outra, permitiam que alguém lhes passasse a mão e, é claro, também lhes dessem dinheiro.

Eu já mal conseguia parar em pé quando uma russa loira se aproximou de mim, Demétrius e eu havíamos dividido mais uma garrafa de whisky, meu mundo girava em várias direções, a russa começou a dançar para mim e todos

os caras a aplaudiram. Eu fiquei imóvel, apenas observando a sua dança sensual, como se ela estivesse dançando para acasalar e no momento em que ela se aproximou para que eu pudesse tocá-la, me dei conta da grande merda que eu estava fazendo. Eu vi a imagem da Manuela olhando fixamente para mim e balançando a cabeça em negativo. Fechei os olhos com força. Eu estava bêbado. Estava vendo coisas, eu sabia, mas, eu me dei conta de que havia feito com a Manuela algo imperdoável. Eu me entreguei à bebida e a coloquei em segundo plano. Ela não merecia isso. Não ela. Eu ferrei com tudo. Assumi o risco de perder a pessoa que em pouco tempo, havia se tornado, após a minha filha, a mais importante da minha vida. É engraçado como somos bons em cometermos erros justamente com essas pessoas, a que mais nos importam.

Disse ao Demétrius que eu não estava bem e que precisava ir embora. Ele queria ficar, então, peguei um táxi e voltei ao hotel sozinho. O meu celular estava sem bateria, nem havia me dado conta de que havia acabado. Coloquei-o para carregar e corri para o banheiro, me joguei no chão ao lado do vaso sanitário e vomitei por dez minutos. Meu corpo doía. Minha boca já estava seca novamente. Quando já não tinha mais o que colocar para fora, me arrastei até a banheira e me atirei dentro dela, com roupa e tudo. Quase uma hora depois, saí da água e após me secar e colocar roupas quentes, decidi encarar o que estava me atormentando desde a hora que tomei consciência do erro que eu havia cometido. Eu precisava falar com a Manuela.

Peguei meu celular e fui checar as mensagens, já na primeira mensagem dela, senti como se eu tivesse sido atingido por um objeto pontiagudo em meu coração. Arrependimento. Sentimento típico de quem tem problemas com a bebida. Ouvi o seu recado de voz. Meu estômago se contorceu novamente. Mais vômito. Tarde demais. Eu não podia simplesmente ligar para ela e dizer “olá”. Da mesma forma que eu não podia ligar e dizer “olha, estou na merda e preciso da sua ajuda”. Ela não precisa passar por isso. Ela já teve o seu próprio drama para enfrentar, não merecia que eu despejasse mais uma tonelada de preocupação sobre a sua cabeça. Tomei a decisão mais difícil da minha vida. Eu tinha que deixá-la. Eu sabia que ela ia me odiar, pela a mensagem que ela me deixou, sabia que ela estava achando que eu havia desistido dela, que ela não havia passado de uma diversão para mim e deixá-la pensando isso, facilitaria as coisas para nós dois. Às vezes, até para um ato covarde, é necessário ter coragem.

Peguei mais uma garrafa do bar e me atirei na cama.

Um dia depois, acordei com o telefone do quarto tocando. Na noite anterior, após ter passado o dia todo no quarto, bebendo o whisky da outra noite, a noite em que cheguei, decidi tomar a medicação. Decidi porque eu estava em Moscou há dois dias e não havia feito outra coisa a não ser beber. Ainda não tinha saído do quarto nem para comer no restaurante do hotel. Meu celular tocava incansavelmente, ora era a Nicole e ora era a Manuela. Não atendi nenhuma delas. Isso me doeu. Porra, como doeu.

Decidi atender a ligação da Nicole. A medicação já estava dando indícios de que estava começando a fazer efeito, a enxaqueca do dia anterior já estava desaparecendo, o meu apetite estava dando sinal de vida.

— Que droga, Daniel! Que merda você está fazendo que não atende esse telefone há três dias? – ela fritava ao telefone.

— Muita. – respondi, com a voz fraca.

— Me diz o que está acontecendo, onde está?

— No quarto do hotel, comecei a medicação.

— Começou quando? Depois de beber até cair?

— Sim.

— Dan, você precisa de ajuda.

— Eu vou ficar bem, a medicação vai me ajudar.

— Daniel! A negação é o primeiro sintoma. Lembra disso? Era repetido todos os dias na clínica.

Eu fiquei em silêncio enquanto lembranças do que a Nicole havia dito me vieram à mente.

— Ni, eu não sei o que fazer. – falo, por fim.

— Eu sei. Você vai voltar e se internar.

— De jeito nenhum! – respondi, alterando o tom de voz sem me dar conta.

— Daniel, eu não vou ser condizente com você e a sua situação, vou falar com os seus pais e eles decidem o que fazer. Por mim, você já estaria arrumando as malas e voltando para o Brasil.

— Nicole, eu não vou voltar. Vou terminar a minha viagem. Vou desligar agora, a gente se fala outra hora. – eu realmente havia ficado irritado, ela estava me tratando como se eu fosse um adolescente inconsequente e isso me tirava do sério.

Depois daquilo, tudo se tornou nebuloso em minha mente, me lembro da imagem do meu pai e da Nicole, dentro do quarto do hotel em que eu estava, eles diziam algo sobre eu ter chegado no fundo do poço novamente, lembro

de ter bebido muito na noite anterior a esse dia, lembro de ter visto o nome da Manuela em meu celular diversas vezes, lembro de ter apagado várias vezes e lembro somente de ter acordado na clínica, dentro desse quarto.

O meu médico disse que eu estava entrando em coma alcoólico, dizem que a recaída sempre é mais forte e desenfreada, parece que é verdade porque bebi de uma forma que nunca havia bebido antes.

Desde que cheguei, não toquei em nenhum momento no nome da Manuela. Decidi que ela era uma fase boa da minha vida que eu teria que esquecer. A Nicole tentou algumas vezes me questionar sobre ela, perguntou se eu tinha falado com ela desde que cheguei na Rússia, tentou me convencer a mandar uma mensagem pelo menos, para dizer que eu estava bem, mas, cortei o assunto todas as vezes que ela tentou seguir em frente. Teve uma das noites que acordei com ela mexendo em meu celular, ela parecia estar tentando desbloquear ele, arrisco a dizer que ela queria descobrir o telefone da Manuela.

Saio do banho e vou para o quarto enrolado na toalha, para o meu espanto, encontro a Nicole sentada na minha cama.

— Bom dia. – ela diz, não se incomodando nem um pouco em me ver quase nu.

— Bom dia. – respondo, sem empolgação nenhuma.

— Precisamos conversar antes da sua saída. Tenho algo para te dizer e acho que depois que conversarmos, dependendo de como será a sua reação, acho que você deveria se aconselhar com o seu terapeuta.

— Nossa, assim você está me assustando. Está tudo bem com os meus pais ou com a minha filha? – pergunto, começando a ficar preocupado.

— Está sim. – ela diz, com a voz neutra. – Senta, vamos conversar.

— Posso me trocar antes?

— Na verdade a visão estava boa, muito boa, para ser sincera. – ela responde, rindo em seguida. – Vai se trocar logo porque já conheço esse corpo de anos atrás e ele não exerce nenhum poder sobre o meu.

— Ei, isso magoou, sabia? – falo, entrando na brincadeira dela. Às vezes penso que a Nicole é uma espécie de anjo da guarda enviada por Deus. Eu não vejo a minha vida sem a presença dela nela.

Volto para o banheiro com as minhas roupas, me visto e retorno ao quarto.

— E então? – questiono.

— É sobre a Manuela.

— Ah não, por favor, eu já disse que não quero falar sobre ela. Já passou, foi um lance bom, nada mais. Não temos que supervalorizar o que rolou entre mim e ela. — dizer isso, doeu em mim de uma forma surreal, mas, eu preciso contar essa mentira para mim mesmo até que ela se torne verdade.

— É? Ela foi só um lance bacana? — Nicole pergunta, em tom de ironia. — Me diz então porque várias vezes em que você estava delirando, era o nome dessa garota que você chamava?

— Eu fiz isso?

— Sim. Eu, seus pais, os médicos, todos presenciamos. Não foi uma vez só.

— Bom, deve ser porque as últimas semanas eu passei com ela, era o que estava mais fresco na minha mente. — respondo, dissimulando.

— Daniel, por favor, não insulta a sua própria inteligência, você sabe que não é isso, agora se você insiste em dizer que é, não vou ficar batendo nesse assunto, mas, você precisa saber que ela me ligou no dia em que você supostamente sumiu.

— Como assim, ela te ligou? Do que está falando, Nicole?

— Pois é, Daniel. Caso você não se lembre, ela ficou à sua espera para conversarem pelo Skype. Conversa essa que nunca aconteceu. Você tem noção do quão preocupada você a deixou?

— Nicole, por favor, não quero sermões agora. Eu já tenho a minha própria pedra sobre as costas para carregar. Me diz, o que ela falou?

— Ela contou como conseguiu o telefone da vinícola, procurando primeiramente o seu sobrenome no site da revista e depois procurando no Google a vinícola, aí ela disse que estava preocupada e me pediu para pedir que você entrasse em contato com ela assim que possível. Bom, eu tentei tocar no assunto antes, mas, os médicos acharam melhor não forçá-lo, porém, acredito que agora é uma boa hora.

Eu fico encarando ela, ouvindo a sua voz sumir lentamente enquanto minha mente flutua de volta ao passado, de volta aos momentos que passei com a Manu.

— Acho que essa hora já passou. — respondo, retornando a mim.

— Você está errado, você sempre diz que o agora é sempre a hora certa, Daniel. Eu confesso que tentei achar o telefone dela, eu queria muito que ela soubesse que você estava bem, de volta ao Brasil, fico imaginando o quanto ela pode ter sofrido sem notícias suas, mas, ainda assim, acho que nunca é tarde, não é mesmo?

Ela é esperta, ela sempre sabe como me convencer, usando as minhas crenças contra mim mesmo. Foi o que ela fez agora.

— Fazem três meses, Nick, como posso ligar para ela após todo esse tempo, como se nada tivesse acontecido?

— Esse é o ponto, você não vai ligar como se nada tivesse acontecido. Você vai ligar como se tudo tivesse acontecido. E aconteceu. E ela parece ser madura e compreensível, você deve ligar para ela e falar a verdade. Por mais que ela tenha ficado magoada, ela vai acabar te entendendo. E quer saber? Se você não fizer isso, vai conviver com o fantasma do “e se”.

— Eu já te disse que odeio o fato de você sempre ter razão e sempre saber o que dizer?

— Já sim. E sei que você odeia também o fato de que sou mais esperta do que você, branquelo.

— Adoro você, Nick. – solto, indo em direção dela, abraçando-a sem seguida.

— Idem. Mas chega de sustos.

— Sem sustos.

— Vai ligar para ela?

— Vou, quando voltar para casa.

— Ótimo. Vou para o trabalho então, parece que a sua alta sai no final do dia, seus pais virão te buscar. A Bia está louca para te ver.

Meu coração acelera ao ouvir o nome da Bia. Ela pode não ser minha filha de verdade, mas, ela tem de mim, todo o amor que um pai pode ter por uma filha. Ela é parte de mim.

A Nicole vai embora e eu decido caminhar pela clínica. Daqui a uma hora, terei a minha última reunião em grupo, aproveito o tempo livre até lá para ensaiar mentalmente o que eu vou dizer para a Manu quando eu chegar em casa. Quando chega a hora, subo para a sala aonde as reuniões acontecem e escolho uma cadeira do grande círculo. Quarenta e cinco minutos depois, estou me despedindo de alguns pacientes e retornando para o meu quarto.

Faltam seis horas para a minha alta. Nunca, olhei tanto para um relógio quanto agora. Tudo o que quero é ver a Bianca, pegá-la no colo e depois ligar para a Manuela.

Deito em minha cama e pego o meu celular e faço uma coisa que tenho feito todas as noites antes de dormir: entro no WhatsApp dela só para ver a foto dela.

Algum tempo depois, ouço batidas na porta e pelo horário, sei que são

meus pais. Grito para que entrem enquanto me ajeito na cama.

Ela entra devagar, com seus cabelos escuros, agora mais curtos. Ela usa um macacão solto, mas, consigo perceber que ela engordou, parece que sua cintura está maior, seu quadril mais largo. Um sorriso se forma em seus lábios. Seus olhos tentam decifrar a minha reação, eu fico estático, sem forças para exigir que ela saia do meu quarto, quando finalmente consigo dizer algo.

— Que porra é essa? Quem deixou você entrar? – cuspo, com toda a minha raiva.

— Eu convenci o seu terapeuta de que talvez eu pudesse lhe ajudar. – ela responde. A vadia sabe se cínica.

— Eu não quero e não preciso da sua ajuda. A única coisa que quero de você é que você assine os malditos papéis da separação e que me deixe em paz!

— Daniel, eu assino os papéis, mas, tenho uma condição para isso. Você vai ter que me ouvir.

— Droga, Letícia, porque tem que dificultar as coisas?

— Eu estou grávida. – ela fala, como se estivesse falando que está com sono.

Olho espantado para ela. O que eu tenho a ver com isso afinal?

Não, por favor, não me diz que isso é consequência da minha burrice? Um mês antes da minha viagem, tive uma recaída e dessa vez, não foi em relação à bebida, foi em relação a ela. Nos encontramos em um barzinho em Gramado, eu estava com alguns amigos da faculdade, era um encontro de formandos, ela havia sido convidada e eu não sabia. Eu estava sóbrio e isso é o que mais me mata de saber. Eu cometi a burrada consciente. Primeiro foram as trocas de olhares, depois, as conversas e por fim, fomos para o apartamento dela, que ela havia comprado com o meu dinheiro. Passamos a noite juntos, não, na verdade não passamos a noite juntos. Transamos, eu, sem nenhuma conexão emocional, me dei conta de que ela já não exercia mais nenhum poder sobre mim, apenas cumpri o meu papel de homem, permiti que o orgasmo chegasse e depois, peguei as minhas coisas e fui embora. Ela já estava dormindo quando fiz isso. Não nos falamos mais até a minha viagem, quando ela passou a me ligar diversas vezes.

— Por favor, Letícia. Esse golpe de novo não.

— Estou falando sério. – ela diz, me encarando nos olhos.

Eu sento na poltrona do quarto e a encaro, sem saber o que dizer. O inferno subiu para a terra.



Manuela

“Agora que você me deixou, janeiro virou inverno, o dia virou noite e o sonho, pesadelo. Agora que você me deixou, eu sinto saudades até do que nós nunca vivemos, saudades da ideia do que poderíamos ter vivido juntos.”

Giulliana Fischer Fatigatti – Crônica: É que às vezes, o pouco e tão melhor do que o nada, que faz parecer tudo.

O piloto avisa que estamos prestes a pousar. Eu endireito o meu acento e afivelo o meu cinto. Estou retornando. Após uma viagem de descobertas, de lembranças, de bons momentos e também de momentos ruins, sinto que estou voltando bem diferente de como fui. Acredito que comecei a mudar no dia em que o Léo faleceu, vê-lo partir foi o início de tudo, criar coragem para viajar sozinha é a prova dessa mudança, fazer isso era algo que eu nunca havia considerado em toda a minha vida e de repente, me vi organizando tudo e fazendo as malas.

Conhecer os lugares que o Léo disse que gostaria que eu tivesse conhecido com ele, de certa forma me conectou a ele, eu senti um pouco dele por cada lugar que passei, cada ponto histórico que conheci, a imagem dele falando sobre aquele determinado lugar, aparecia em minha mente.

Quando comecei a viagem, acreditava que o ponto mais forte, onde eu mais o sentiria, seria nos Fiordes, de fato, lá, eu o senti de forma intensa enquanto voava de parapente, foi tudo tão real, a imagem dele, Katy Perry cantando em minha mente a música “The One That Got Away”, o refrão onde ela diz que em outra vida ela seria a garota dele, mas, depois desse momento, eu vim a sentir o Léo em vários outros que agora, não saberia dizer em qual deles ele estava mais presente. Posso dizer em qual ele esteve menos. Tromso.

Lá, senti a presença dele apenas uma vez, me incentivando a seguir em frente. Lá, eu estava seguindo em frente e deve ser por isso que não o senti tanto. Parece que as lembranças dele me veem à mente quando estou mais

distante de fazer o que ele me pediu, que é justamente seguir em frente. É como se ele aparecesse nesses momentos de fraqueza e dissesse “Vai Manu, seja feliz”. Bom, eu tentei. Parece que mais uma vez, não deu certo. Ou melhor, não posso dizer “mais uma vez”, porque dá a entender que com o Léo não deu certo e isso não é verdade. Nós demos certo, como tinha que ser, nós demos certo.

Já com o Daniel, ainda estou tentando entender qual é a lição que tenho que tirar da nossa história e pensar nele me causa um aperto absurdo, como se ele tivesse levado um pedaço de mim e tivesse deixado comigo, um pedaço dele. E é nesse pedaço que me agarro agora, tentando amenizar esse aperto absurdo no coração que me acompanhou durante os três últimos meses.

Após um pouso um pouco conturbado, finalmente posso dizer que cheguei. Pego a minha bagagem e sigo para a área do desembarque, minha mãe disse que estaria à minha espera, eu só não contava que além dela, estaria a Carol, o Renato, a Miriam e o Marcelo. Conforme vou me aproximando, percebo o sorriso se formar nos lábios da minha mãe. Ela me olha com emoção e analisa cada pedacinho de mim, parece que ela quer constatar que a sua filha voltou inteira. Sim, eu fui quebrada e agora, retorno consertada.

— Filha! – minha mãe diz, abraçando— me com força.

Permanecemos alguns segundos assim, abraçadas, em silêncio. Algumas lágrimas caem dos meus olhos. Lágrimas cheias de tantas lembranças e sentimentos. A morte do meu pai, a depressão da minha mãe, a morte do Léo, o abandono do Daniel...

— Que saudades! – falo, finalmente.

— Minha princesa, eu também estava morrendo de saudades! Você está linda! – ela alisa o meu cabelo e me solta.

Abraço a Carol e depois a Miriam, o Marcelo me abraça em seguida e depois, o Renato, que me dá um abraço tímido, sem jeito.

— Nossa, eu não esperava ver vocês todos aqui. – falo, enquanto nos dirigimos para o estacionamento.

A Miriam estava de carro com o Marcelo e a Carol estava com a minha mãe e o Renato os encontrou no aeroporto. Minha mãe convidou todos para irem almoçar em casa. É sábado, quase hora do almoço, todos acabaram aceitando. Eu confesso que apesar de estar feliz com tamanha demonstração de carinho, eu queria mesmo é rever o meu quarto e me atirar na minha cama. Eu fui com uma dor e parece que acabei voltando com outra.

Pedimos comida chinesa e comemos todos sentados no chão da sala. contei a todos os detalhes de cada lugar que conheci, a Carol me olhou de rabo de olho quando falei sobre a Aurora Boreal e a minha mãe questionou sobre Tromsø não estar no meu roteiro. Eu não queria falar na frente de todo mundo sobre o Daniel, na verdade, nem sei se tenho o que falar, eu apenas disse que fui com um grupo que conheci em Bergen.

Por volta das três horas da tarde, todos decidem ir embora, a Carol quer sair à noite, mas, eu preciso mesmo é dormir, pedi que marcássemos outro dia e ela aceitou. O Renato disse que gostaria de conversar comigo na segunda e pediu para eu passar na agência, eu topei e combinamos de almoçarmos juntos. Ele continua lindo, quase que um “lord”, em sua postura ereta, corpo definido, alto e sempre muito bem vestido.

Minha mãe percebe o meu cansaço e diz que vai me deixar dormir um pouco. A sessão perguntas está oficialmente encerrada.

Por hábito, olho em meu celular para conferir se tem alguma ligação perdida ou mensagem recebida. Hábito esse que adquiri há três meses. Vivo na esperança de que a qualquer momento, ele vai me ligar ou me escrever e então, vamos poder retomar de onde paramos.

Quando a vida te leva alguém à força, dói, você sofre, a ausência dessa pessoa machuca, pensar que você nunca mais a verá, nunca mais ouvirá a voz dela ou a risada dela, causa um sentimento de vazio e impotência que somente o tempo pode amenizar, mas, quando alguém sai da sua vida sem lhe dar motivos, você fica no escuro, se perguntando se você teve alguma parcela de culpa, buscando explicação, tentando aceitar. A vida me tirou o Leonel, doeu e dói, mas, a falta de contato do Daniel, dói igualmente, me traz a mesma sensação de vazio.

Dormi a tarde toda e quando levantei, no início da noite, apenas tomei um banho, comi um lanche de peito de peru e voltei para o meu quarto. Dormi até o dia seguinte.

— Manu, hoje à tarde quero lhe apresentar o Cris. – minha mãe diz, enquanto tomamos café da manhã. Eu a analiso, ela está sem graça, como se estivesse fazendo algo errado. Não é justo que ela se sinta assim, minha mãe tem todo o direito do mundo de seguir em frente e é isso que quero para ela.

— Eu estou ansiosa para isso. – respondo, deixando-a à vontade com o assunto.

Conversamos mais um pouco sobre a viagem e então eu peço para ela o carro emprestado. Ela não perguntou para aonde eu iria, mas, acho que ela

sabe a resposta, afinal.

Dirijo por meia hora até chegar. Estaciono embaixo de uma árvore de Ype amarelo e faço o restante do caminho a pé. Não foi difícil encontrar o jazigo de número 8250. Antes da minha viagem eu fiz esse caminho por tantas vezes que o faria até de olhos vendados. Parei na frente do seu jazigo: “Um sonhador. Um idealizador. Alguém que soube viver. E viveu. Amado por sua família, amigos e namorada. Descanse em paz.”. A frase, escolhida por mim e pela irmã dele foi motivo de muita comoção no dia do velório. Era o mínimo que podíamos fazer, deixar o mundo saber quem foi Leonel.

Eu deixo que os meus joelhos se dobrem sobre a grama molhada e me agacho encostada no tumulto do Léo.

— Ah, Léo. Você faz tanta falta. – eu não me importo de estar falando em voz alta com um jazigo, não me importo se alguém pode me ouvir e estranhar, antes da viagem, eu passava horas aqui conversando com ele, mesmo sendo um monólogo, me fazia bem vir e fazer isso.

— Eu sinto a sua falta. Falta das nossas conversas. Do seu sorriso, do seu toc, toc. Sabe, Léo. Foi amor. Amor de verdade. Amor eterno, mesmo que esse eterno tenha durado tão pouco. Foi aquele tipo de amor que vem como uma chuva fina em uma manhã quente, engrossa durante a tarde e leva tudo o que vê pela frente ao cair da noite. E quer saber? Eu soube que te amava quando você começou a demonstrar as suas fraquezas, quando você deixou de ser o cara perfeito e passou a ser o cara perfeito para mim, foram as suas imperfeições que me fizeram ter a certeza de que era amor. Eu amei cada segundo que com você estive, segundos esse que eu gostaria de poder transformar em anos... Em uma vida toda... Mas não posso. Você foi o meu equilíbrio e também desequilíbrio, você me fez apertar todos os botões, sem me preocupar se algum deles pudessem lançar algum míssil destruidor. Eu apertei aquele maldito botão vermelho que todo mundo sabe que não se pode apertar. Eu apertei e então, me apaixonei. O míssil foi lançado e eu já não tinha mais o que fazer. Agora, eu ainda estou me recuperando, buscando o meu ponto de equilíbrio, equilíbrio esse que não posso mais ter em você e essa ideia quase que insuportável ainda me assombra dia e noite. Eu tenho pensado muito nos seus pedidos malucos. Eu encontrei alguém, cheguei até achar que havia sido você, sabe, a enviar ele para a minha vida, mas, agora, que eu perdi esse alguém, já não mais acredito nessa ideia. Eu estou tentando, Léo. Ninguém me avisou que seguir em frente seria algo tão difícil. Me deseje sorte. Eu te amo mais do que o infinito. Para a vida toda.

As lágrimas caem do meu rosto com uma pressa desenfreada, eu deito sobre o jazigo dele, tentando de alguma forma abraçá-lo e senti-lo e me entrego à inércia do momento. Não sei quanto tempo se passou, quando levantei, o sol já estava forte no céu, percebi que era hora de voltar para casa.

— Descanse em paz, meu moço bonito... Irritantemente e insuportavelmente lindo. — deixo que a última lágrima termine de escorrer e sigo de volta para o carro, deixando para trás um pedaço de mim.

— Você está bem? — minha mãe pergunta, logo que entro em casa. Eu não preciso dizer a ela que fui visitar o túmulo do Léo, ela sabe.

— Estou. — respondo, tentando convencê-la de que estou falando a verdade.

— Filha, por favor, eu não quero ver você novamente no estado em você chegou antes de decidir viajar. Eu não suportaria vê-la sofrer mais.

Eu a fito e vejo que ela começa a chorar.

— Mãe! Eu juro, eu estou bem, eu estou bem diferente daquela Manuela que você viu embarcar naquele avião. Eu não vou mentir que às vezes, como hoje, a saudades aperta e eu tenho mesmo vontade de voltar no tempo e consertar muita coisa com o Léo, fazer muita coisa que não tive coragem de fazer, mas, é o momento, passa e eu volto a ficar bem.

— Manu, você precisa seguir em frente. Ele te pediu isso porque ele sabia que seria algo difícil para você e que você dificilmente faria isso tão cedo se ele não tivesse lhe dado essa ordem.

— Eu estou tentando, mãe. Eu conheci alguém na viagem. — minha mãe me olha espantada, esperando que eu fale mais. — Alguém que parecia ser especial. Ele me ajudou nos momentos mais difíceis da viagem, mas, ele tem uma história complicada assim como eu e em dado momento, ele sumiu.

— Como assim, sumiu?

Contei tudo a ela, desde o nosso encontro no trem, até o fato de que ele já havia me visto antes no aeroporto. Contei sobre a nossa viagem juntos e sobre eu ter ligado para a família dele e ter conversado com a melhor amiga para ter notícias dele.

— E ele nunca te ligou de volta?

— Nunca.

— E você não ligou mais para essa amiga dele? — ela pergunta, como se eu tivesse feito algo horrível em não ter ligado.

— Não. Acredito que se ele não me ligou é porque não significo para ele o que ele significou para mim.

— Significou?

— Significa.

— Manu, você não aprendeu nada com a sua história com o Léo? Filha, você vai cometer os mesmos erros? Quando vai assumir as rédeas da sua vida?

— O que você quer dizer, mãe? Eu assumi, eu disse que mudei nessa viagem.

— Então não se trata de mudança e sim de aprendizado... Você se segurou em relação ao Leonel, foi aceitando o que o destino foi te mandando, você ficou na sua zona de conforto a maior parte do tempo, por medo, eu sei, mas, agora você está fazendo a mesma coisa. Se esse cara é especial para você, se ele fez sua barriga congelar, você deveria ligar para ele, pode ter acontecido algo que explique o sumiço dele. Uma coisa é fato, você só vai saber se ligar.

Eu a encaro, considerando a sua sugestão. Ela disse a verdade. Eu reconheço a minha passividade em relação ao Leonel, reconheço que fui apenas aceitando, que foram poucos os momentos em que saí da minha zona de conforto e demonstrei para ele o que eu sentia, ou melhor, um pouco do que eu sentia, mas, com o Daniel, é diferente, não é? Deveria ser...

— Você acha que eu devo ligar?

— Acho que deve considerar essa possibilidade. – minha mãe responde. Eu sei que ela está me forçando a pensar, ela não vai me dizer o que tenho que fazer, ela vai quer me fazer refletir e eu mesma decidir.

— Acho que vou fazer isso. – falo, sentindo meu estômago se congelar só de pensar na ideia.

— Bom, pense a respeito. Descanse um pouco e se achar que é a hora, não pense mais que duas vezes, ok?

— Obrigada, mãe. – falo, abraçando-a. Ela beija a minha cabeça e ficamos alguns segundos assim, abraçadas.

— O Cris vem almoçar conosco, tudo bem para você? – ela pergunta, me soltando.

— Claro que sim. Estou ansiosa para conhecer esse Cris.

— Você vai gostar dele.

— Eu sei que sim. Vou tomar um banho. – completo, indo para o meu quarto.

Eu fecho a porta e sento em minha cama com o telefone nas mãos. Ligar ou não ligar? E se ele não quiser falar comigo? Se ele voltou com a ex? São

tantas possibilidades e elas são tudo o que tenho. A verdade é que depois que eu ligar, se ele não quiser de fato mais nenhum contato comigo, nem elas eu terei mais. Eu ficarei com o nada, de novo.

Entro em minha lista de contatos e vou até o contato onde está escrito vinícola, quero primeiro falar com a Nicole antes de tentar ligar para o celular dele, digito o número no telefone fixo e espero chamar.

— Alô? — uma voz masculina do outro lado fala. Uma voz rouca, de alguém de mais velho.

— Bom dia, por gentileza eu gostaria de falar com a Nicole. — peço, com a voz quase falhando, meu estômago dá viravoltas dentro de mim.

— Quem deseja? —

— Uma amiga. — minto.

— Um minuto, por favor.

Aguardo cerca de três minutos na linha até que ouço a voz dela.

— Nicole.

— Alô, Nicole? Quem está falando é a Manuela...

— Manu do Dan? — ela grita, do outro lado. Eu sorrio do lado de cá.

— Sim, Manuela.

— Meu Deus! Isso só pode ser um milagre!

— Eu nem sei o que dizer. — falo, sem realmente saber o que dizer.

— Olha Manu, você não imagina o quanto eu quis falar com você, muita coisa aconteceu desde que você ligou aqui, há três meses atrás.

— Ele está bem? — pergunto, com medo de que ela responda que não.

— Agora está.

— Agora?

— Sim, ele teve alguns momentos difíceis. Não justifica ele não ter entrado em contato com você, eu sei, mas, pelo menos explica.

— É, ele realmente não entrou em contato. Parece que ainda estou à espera daqueles dez minutos que ele me pediu para esperar para que pudéssemos conversar pelo Skype.

— Manuela, eu juro que não vou ficar defendendo ele, mas, acho que você deveria ouvir a versão dele e depois disso, tirar as suas próprias conclusões.

— Ele já está de volta ao Brasil?

— Sim, já faz tempo, como eu disse, ele passou por alguns momentos difíceis e isso fez com que a viagem dele fosse interrompida.

— Nicole, fala a verdade, por favor. O Daniel está bem?

— Você já está no Brasil?

— Estou sim.

— Então por que não vem à Bento Gonçalves? Acho que é uma ideia maluca, mas ele no fim, ia gostar da surpresa.

— Como assim? Eu ir aí de surpresa?

— Sim, como minha convidada. Pode ficar na minha casa.

Eu paraliso e fico muda. Só de pensar na ideia, meu corpo todo começa a tremer.

— E então? – ela pergunta.

— Você não acha melhor eu ligar para ele antes?

— Posso ser franca? Eu acho que não ia demorar muito para ele te ligar, Manuela, mas, ainda assim, ele se culpa por ter sumido sem dar satisfação e acho que pessoalmente, seria mais fácil para vocês dois se acertarem.

— Nossa, nem sei o que dizer.

— Diga que vem!

A conversa que tive com a minha mãe poucos minutos atrás, martela em minha mente. Eu não penso duas vezes e respondo.

— Eu vou!

— Ótimo, veja o voo mais próximo e me avise, te busco em Porto Alegre.

Ela me passa o número de celular dela e eu falo que vou checar os voos e aviso assim que tiver com tudo certo. Desligo o telefone com o corpo todo tremendo, pego o meu notebook e começo a procurar passagens para Porto Alegre. Talvez, quando a minha mãe sugeriu que eu saísse da passividade, não quisesse que eu levasse ao pé da letra, afinal, acabei de chegar de viagem e já estou planejando viajar novamente, não sei se ela vai gostar da ideia, mas, eu estou me sentindo bem com a minha decisão, estou me sentindo determinada e fazia um pouco de tempo que eu não me sentia assim.

Quase uma hora depois, consegui fazer a reserva da passagem para amanhã, segunda-feira. Se eu para eu cometer essa loucura, que seja logo então.

Minha mãe bate na porta para avisar que o Cris está subindo, eu decido esperar o término do almoço para contar para ela sobre a minha decisão. Eu ajeito os meus cabelos e vou para a sala para receber junto com ela, o tal do Cris.

Madre mia! Minha mãe está namorando um Richard Geere brasileiro. Papito que me desculpe, mas, ele esse cara é tão lindo quando ele.

— É um prazer conhecê-la, Manuela. – ele diz, assim que entra em casa, após dar um beijo rápido em minha mãe.

— O prazer é meu, Cristian. – respondo. Não pude deixar de reparar na forma como ele olha para a minha mãe e a forma como ela retribui esse olhar. Um olhar de admiração. É gostoso ver a minha mãe feliz, mesmo que ainda seja um pouco estranho ver outro homem que não seja meu pai, beijando-a.

O almoço foi tranquilo e prazeroso, O Cris é empresário no ramo de calçados femininos, ele até me prometeu me levar para conhecer a fábrica dele um dia, disse que eu vou ficar maluca com os modelos que eles fabricam lá e que poderei escolher alguns para mim. Já gostei desse cara, com toda certeza!

Minha mãe nos serviu um delicioso pudim feito por ela e aproveito o momento de descontração para contar a novidade.

— Viajo amanhã para Bento Gonçalves. – falo, olhando para ela e para o Cris.

Ela retorna o meu olhar e ao contrário do que imaginei, a sua primeira reação não foi de tristeza, ela me olhou demonstrando que já entendeu o que eu fiz e em seu olhar vi a aprovação que precisava.

— Que bom que decidiu, filha. Você está fazendo o que tem que ser feito. Tem ideia de quantos dias pretende ficar lá?

— Não sei, juro que não sei.

— Espero apenas que não seja por muitos dias, ainda não matei as saudades de você.

— Mãe, se você preferir eu adio.

— De forma alguma, Manuela! Sem arrumar desculpas para desistir. – ela diz, fazendo brincadeira com o meu jeito de fugir da situação.

Fico na sala mais cum pouco com eles e depois vou para o meu quarto começar a arrumar as malas, mas antes, preciso enviar uma mensagem para o Renato desmarcando o nosso almoço.

Oi, ex chefe! Podemos marcar o nosso almoço para a outra semana? Terei que fazer uma viagem rápida e não poderia ir amanhã.

Quando estou começando a colocar as coisas na mala, meu celular apita.

Oi, Manu. Podemos sim, confesso que estava ansioso para amanhã, mas, sem problemas. Não está fugindo não, né? Desculpe a pergunta, mas que viagem é essa que surgiu do nada?

Claro que não estou fugindo. Não tenho motivos para isso, você sempre me tratou muito bem na agência, nem parecia ser meu chefe de tão bacana que foi comigo, ainda mais quando me liberou para ficar meio período no hospital com o Léo. Vou para o Sul visitar uma amiga, quando eu voltar te conto

melhor.

Ok. Boa viagem e volta logo. Fico aguardando o seu contato. Beijão.

Beijos. Obrigada.

Eu sento na cama com o celular na mão enquanto lembranças do dia do aniversário do Marcelo me vem à mente, o dia em que quase nos beijamos, o dia em que o Léo passou mal na minha frente e ainda assim eu fui incapaz de perceber que havia algo de errado. Eu nunca neguei para mim mesma que o Renato é um cara muito atraente, um cavalheiro, um encanto de homem, acho que se não fosse o Leonel, eu teria realmente saído com ele naquele dia, e não só por desespero, para esquecer o meu homem de gelo, sairia por admirá-lo, por achá-lo lindo, por gostar da companhia dele. Eu suspiro com as lembranças e me forço retornar à realidade.

Amanhã será o grande dia. Eu só preciso sobreviver até e controlar a ansiedade.

Aviso a Nicole sobre o meu voo e passo o resto do dia sonhando acordada, imaginando como será quando eu ver o Daniel.

**Nicole**

“Só há um tipo de amor que dura, o não correspondido”

Woody Allen

Acho que o tema “sentimentos não correspondidos” deveria ser digno de um livro assim como os temas mais comuns, como amor e saudades. Aliás acho que se alguém se propuser a se aprofundar nesse tema, em pouco tempo se tornará um autor best seller. Eu mesma seria a primeira a comprar o livro no dia do lançamento. É só analisar, quantas e quantas pessoas amam daquele jeito que pensam ser o tal do amor verdadeiro, amam verdadeiramente e simplesmente não são correspondidas e tampouco têm os seus sentimentos reconhecidos pela outra pessoa? Cara, se alguém resolver investigar os motivos que levam alguém a amar sem ser amado, será digno do prêmio Pulitzer. Já consigo até visualizar o nome “A Teoria dos amores não correspondidos”. Nossa, venderia que nem água em tempo de seca., mas, tem que ser uma teoria bem embasada, estudada e que dê alguma luz para aquelas (como eu) que amam alguém que não lhe dão a mínima. Será que existe por aí algum manifesto sobre os amores não correspondidos?

Preciso descobrir...

Será que a pessoa que gosta de alguém, mesmo sabendo que esse alguém não sente o mesmo por ela, deve ser chamada de corajosa e ter o seu sentimento descrito como algo verdadeiro só porque ama sem receber nada em troca? Ou, essa pessoa deve passar por um tratamento de choque do tipo “ACORDA” e então perceber o tempo que está perdendo da sua vida por gostar de quem não lhe dá a mínima. Parece que existe uma linha tênue entre as duas hipóteses. Amar sem esperar nada em troca, segundo muitos escritores e pensadores, é o mais belo e verdadeiro tipo de amor. Será?

A minha história com o Daniel não é uma história. É um conto, uma crônica, um poema, sei lá, algo do tipo. Foi há tanto tempo, em uma época em que não tínhamos preocupações, que queríamos apenas curtir a vida. Desde sempre, fomos muito grudados. No colégio, ele me defendia dos garotos idiotas que implicavam com os meus óculos de armação preta. Hoje,

é fashion quem usa esses óculos de nerd, mas, na minha adolescência, ah... não era não. O Dan sempre ficou ao meu lado, ele dizia que eu era linda com ou sem óculos E.T. Ele era o único que não me magoava quando chama os meus óculos por esse adjetivo.

Crescemos e a nossa amizade cresceu junto. Eu ganhei peitos e bunda e o Daniel ganhou músculos. Mesmos amigos. Mesmos gostos musicais. Mesmos gostos por aventuras. Mesmas baladas. Até que aconteceu. Não foi nada sério e por sorte, não permitimos que isso atrapalhasse a nossa amizade. Encaramos como curiosidade suprida. Poucas pessoas conseguem isso. Nós conseguimos. E conseguimos porque realmente não sentíamos um pelo o outro, nada além de carinho de amigos. E abro um parêntese aqui para aqueles que acreditam que não exista esse tipo de amizade. Porque existe sim. Eu me tornei a amiga de confissão dele... o primeiro cigarro, o primeiro gole, o primeiro porre, a gravidez da Letícia. Eu também dividi com ele vários dos meus momentos. Ele estava viajando na Palestina quando decidi que assim que ele voltasse, dividiria com ele o meu maior segredo. Seria a primeira vez que falaria para ele sobre os meus sentimentos. Os verdadeiros. Ensaiei o mês todo, eu sabia que ele demoraria para voltar de viagem e quando o vi entrando na vinícola, meu coração parou e eu pensei: Ele voltou. Não dá mais para escapar. Conversamos um pouco e ele foi à procura da Letícia. E então tudo aconteceu. E eu percebi que nunca mais teria a chance de falar para ele o que eu tinha que falar. Ele e o irmão brigaram feio. Ele era, e é, o meu melhor amigo. O irmão. O meu amor.

Que belo drama! Apaixonada pelo irmão do melhor amigo. Irmão esse que o melhor amigo não pode nem ver pintado de ouro.

O Gustavo e ele sempre foram unidos, na verdade, os três irmãos sempre foram, mas o Gustavo sempre foi o irmão protetor, aquele tipo de irmão que dá lição de moral, reza o sermão da montanha quando alguém faz coisa errada perto dele, o que torna a atitude dele de trair o irmão com a própria cunhada, mais confusa ainda. Assim como o Dan, o Gu me viu crescer, mas, acho que para ele, até hoje, ainda sou aquela menininha de óculos de E.T. Ele nunca me viu como mulher, nunca percebeu que eu cresci, me tornei adulta e responsável. Descobri que estava mesmo gostando dele quando ele disse que iria se mudar para Portugal, nossa, experimentei sensações que eu nunca havia experimentado antes. Uma dor dentro de mim que não sabia dizer se era no peito, no coração ou no pulmão, porque na verdade, era tudo ao mesmo tempo, junto com a falta de ar que veio imediatamente à notícia.

Eu e ele nunca fomos próximos como eu e o Dan, ele parecia sempre me evitar, às vezes, quando crianças, brincávamos nós quatro e ele sempre dava um jeito de me machucar, de me irritar. Eu sempre soube que ele não gostava de mim. Está aí o motivo pelo qual sou a favor de um livro sobre essa droga de gostar de quem não gosta da gente, porque deve ter alguma explicação para isso. Na verdade, não é nem a explicação que eu quero, é a solução.

Quando o Dan me contou sobre a Manuela, eu fiquei feliz por ele e até com uma ponta de inveja branca, por mais sofrida que tenha sido, a vida do Dan está sempre em movimento, ele sempre dá um jeito de dar a volta por cima, agora eu, trabalho na vinícola desde que me entendo por gente e não consigo sair daqui por um único motivo: Gustavo. Tenho orgulho do Dan, pela coragem, pela determinação, por tudo. Eu quase surtei quando recebi a ligação da Manuela, talvez no começo ele fique meio bravo, mas, sei que depois ele vai me agradecer por eu a ter convidado para vir para cá.

Invento que preciso ir ao médico e peço para sair mais cedo no meu horário de almoço, a Manuela deve chegar por volta da uma da tarde e como ainda tenho quase duas horas de estrada, saio às onze.

Já no aeroporto, improvisei uma placa com o nome dela, havia me esquecido do detalhe de que ela não sabe quem eu sou e eu não sei quem ela é, consegui uma folha de sulfite na livraria e escrevi com tinta azul a frase “Manu do Dan”. Bom, eu não seria eu se não se escrevesse apenas Manuela.

Uma quinze vejo que os passageiros do voo dela começam a aparecer na área de desembarque, eu tento me manter na frente para que ela não tenha dificuldades em me achar e achar a minha linda e improvisada plaquinha.

Eu não sei se ela já me viu, mas, eu já a vi. Ela é linda como o Dan descreveu, cabelos dourados e cumpridos, pequena, magra, mas encorpada. Meu amigo tem bom gosto. Ela caminha olhando para todos os lados até que me vê com a plaquinha na mão e sorri, certamente achou graça da minha criatividade.

— Nicole? – ela pergunta, ao se aproximar de mim.

— Manu do Dan? – respondo, já abraçando-a.

— Espero que sim. – ela responde.

Eu aponto para ela a saída e a ajudo com a bagagem, enquanto caminhamos até o meu carro, vamos conversando.

— Fez boa viagem?

— Sim, é um voo tranquilo e rápido. Como ele está?

— Para quem acabou de sair de uma internação, ele está bem. O Dan

tem um diferencial da grande maioria dos dependentes de álcool, ele não convive com a compulsão, ela aparece em determinados momentos, momentos em que ele não está bem, então, o foco do tratamento dele não é a bebida e sim, tratar aquilo que está fazendo mal a ele.

— Você acha que ele vai ficar bravo ao me ver?

— Ele é marrento quanto quer, então, sei que ele não vai dar o braço a torcer de cara, ele vai sim ficar bravo, mas, também sei que ele vai amolecer com a mesma rapidez.

— Espero que sim.

Durante o caminho todo para Bento Gonçalves, conversamos sobre o Daniel, eu contei para ela como foi a sua primeira internação, contei como ele parecia empolgado ao falar dela para mim e sobre ele chamar por ela durante os delírios dele na clínica.

Eu perguntei a ela se ela estava disposta a passar por isso, avisei que talvez não seja fácil e sem titubear, ela respondeu que isso não é uma opção, que é uma decisão. Essa garota é das minhas.

— Eu não sei se o Dan vai para a vinícola a tarde a acho melhor que o encontro não seja assim de supetão, então, se você não se importar, você fica aqui no meu apartamento enquanto volto para a vinícola, ajeito algumas coisas que preciso fazer lá e volto, aí ligo para ele e peço para ele vir aqui, invento alguma desculpa. – falo, depois que a acomodo no quarto que não uso.

— Sem problemas.— ela responde. – Confesso que estou ansiosa. – completa.

— Eu imagino. – pisco para ela e pego a minha bolsa. – Nos vemos daqui umas duas horas no máximo, aproveita para descansar, tomar um banho, comer. Fique à vontade.

— Obrigada, Nicole, por tudo.

— Não agradeça. Tenho problemas com agradecimentos. – respondo, sorrindo em seguida.

Como eu imaginava, o Daniel não está na vinícola, encontro somente com o pai dele, o senhor Pedro, eu adoro esse homem como se fosse o meu próprio pai, não posso mentir para ele, me sinto na obrigação de contar a ele o que aprontei, além do mais, é sempre bom ter um parceiro de crime.

— Você acha que vai funcionar, acha que ele vai ceder?

— Bom, Sr. Pedro, ele vai ter que reconhecer de que se a garota veio até aqui é porque gosta dele, o senhor não acha?

— Sim, mas a gente conhece o Daniel.

— Vai dar tudo certo. Se não der, ele é capaz de nunca mais olhar para mim.

— Difícil, ele te adora.

Arrumo algumas papeladas e o Sr. Pedro me despensa cerca de uma hora depois, no caminho para casa, ligo para o Daniel.



Daniel

“É só acreditar que o amor é eterno que ele termina. É só acreditar que ele acabou, que ele recomeça.”

Fabício Carpinejar

Eu ainda estou tentando digerir tudo o que a megera da Letícia me disse no quarto da clínica. E lembro que na gravidez da Bia, a barriga começou a aparecer somente quando ela já estava beirando o sétimo mês, o médico dizia que era devido ao fato da Letícia ser magra, então se ela estiver grávida mesmo, está beirando o sétimo mês, o que justifica eu ter achado que ela havia engordado um pouco, mas, não o suficiente para me fazer pensar em uma gravidez.

Justo agora que eu havia decidido procurar a Manu! E não posso procurá-la agora, nem tão cedo. Enquanto não tiver a certeza de que essa criança é minha ou não, eu não posso envolver a Manuela nisso. Parece que querer ela na minha vida é um erro...

Eu não contei a ninguém, ainda não assimilei tudo o que tenho que assimilar, sei que meu pai vai ficar furioso com a minha recaída e que a Nicole vai falar por sete dias e sete noites em meus ouvidos e o pior, ela estará certa em todos os momentos.

Tudo o que quero é essa maldita separação que parece que será adiada, a condição dela foi que ela assinaria somente após o nascimento da criança. Acho que ela tem esperanças de que eu vá voltar atrás na minha decisão, ela não sabe que sendo filho meu ou não, eu não voltarei para ela. O erro que cometi ao ir para a cama com ela novamente, serviu para eu ter a certeza de que eu superei ela, algo que pensei que seria difícil de acontecer, nunca escondi a minha fascinação por ela, agora, tudo o que sinto é repulsa.

Desde que a Nicole me ligou pedindo para eu ir até o apartamento dela, em uma hora, não pude deixar de considerar a ideia de que ela já está sabendo e que ela vai me dar uma bronca daquelas.

Droga! Eu espero realmente que essa criança não seja minha, tudo o que

mais quero é procurar a Manu e ficar bem com ela. Não sei como vamos fazer em relação à distância e em relação ao meu trabalho, mas, eu quero estar com ela todo o tempo possível, só que por conta dessa gravidez, os meus planos precisarão ser adiados e eu rezo para que quando tudo acabar, que não seja tarde demais.

— Pai? – a Bianca me chama do seu quarto.

— Estou subindo, filha. – eu coloco as lentes da minha máquina, sobre a bancada e subo para o quarto dela.

Bianca sempre foi uma garota dócil, mas, sou ciente de que ela esteve a um passo de ser tornar aquele tipo de garota mimada que ninguém vai suportar no colégio. Eu não sei se nunca percebi ou se a Letícia mudou com o tempo, mas, só sei que de uns anos para cá, ela se tornou alguém fútil e ela estava passando isso para a menina.

— Fala, princesa.

— É verdade que vou ter um irmãozinho ou irmãzinha?

Eu paraliso na porta do quarto dela. Aquela megera já contou para ela, no mínimo com a intenção de fazer alguma chantagem emocional com a criança.

— Pai, e então? – a Bia me chama.

— Bia, a sua mãe está grávida sim, mas, o papai ainda não quer que ninguém saiba, pelo menos por alguns dias, você pode guardar esse segredo?

— Eu posso, mas por que não posso contar nem para o vovô?

— É só por alguns dias.

— Tudo bem. – ela responde, meio decepcionada.

— Obrigada, minha princesa. – falo, beijando-a na testa em seguida.

— Pai?

— Sim?

— A mamãe vai voltar a morar com a gente?

— Não filha.

— Mas e o bebê?

— Filha, a gente ainda vai conversar sobre isso, vamos decidir como fazer, ok?

— Ok.

Saio do quarto arrasado. A Bia sempre quis e nos pediu um irmãozinho e agora que ela pode ter um, ela não poderá curtir tanto, porque duas coisas são fato: Ela não vai voltar a morar com a mãe e megera não vai voltar a morar comigo.

Quando a minha mãe retorna do centro da cidade, eu deixo a Bia com ela e sigo para o “ap” da Nick. No caminho, após decidir e voltar atrás várias vezes, eu finalmente decido que se não for sobre isso que ela quer falar comigo, eu não esperarei ela saber por outra pessoa, vou contar hoje mesmo sobre a gravidez da Letícia.

O porteiro quando me vê, já me dá sinal de que posso subir, toco a campainha e aguardo a Nick vir abrir a porta, o que demora mais do que o normal, por sinal.

— Ei, por que a demora? – pergunto, assim que ela abre a porta.

— Desculpa, estava trocando de roupa.

— Ah, qual é Nick, sabe que não me importo de te ver de lingerie, somos amigos. – faço brincadeira e ela parece não gostar muito.

— Entra.

— Pensei que ia me deixar plantado na porta.

— Ranzinza. – ela devolve, enquanto seguimos para a sala. – Agora falando sério, você está bem?

— Estou sim Nick, chega de dar trabalho, chega de sustos.

— Que bom, porque quero conversar com você. – ela diz, me encarando como se estivesse dizendo: Eu sei o que você aprontou no verão passado. Eu “tô” ferrado. É melhor eu começar a falar primeiro antes dela.

— Eu também preciso falar com você Nick. – começo. – A Letícia me procurou na clínica. – faço uma pausa para pegar fôlego, soltando tudo de uma vez só. – Ela disse que está grávida e há chances de ser meu.

Pela reação da Nicole, tenho a certeza de que não era sobre isso que ela queria falar comigo. Ela me olha espantada, vejo um lampejo de raiva e decepção em seu olhar.

— Vai, pode falar, eu mereço.

— Que merda que você foi fazer, Daniel? Como e quando? Não, espera. Eu não quero saber dos detalhes, estou brava demais para isso.

— Nick, se você soubesse o quanto estou arrependido.

— Agora é tarde demais.

— Credo Nick, também não é assim, se essa criança for minha eu vou assumir, mas, é só isso.

— Não, Daniel, não é com isso que estou preocupada. Eu chamei você aqui por um motivo e agora já não sei se devo ir adiante ou não.

— O que está acontecendo? – pergunto, começando a ficar incomodado com a reação da Nick.

E então, eu ouço uma voz familiar.

— Daniel?

Meu corpo fica estático enquanto minha pulsação dispara e meu coração acelera. A voz dela entra em meus ouvidos e junto, várias imagens dos nossos momentos.

Manuela.

Não é possível, o que ela estaria fazendo aqui? Eu tenho medo de me virar para trás, de olhar para o corredor e perceber que essa voz é somente fruto da minha imaginação. Eu fixo o olhar nas minhas mãos, que não param de se mexer enquanto tento controlar a minha respiração.

— Daniel? – a voz agora está mais próxima, eu levanto o olhar vejo a Nick olhando para mim e depois para atrás de mim. É real. Não é minha imaginação. A Manuela está aqui. A minha Manuela!

Eu me viro no sofá e a vejo vindo na minha direção. Ao mesmo tempo em que quero me levantar e correr para abraçá-la, eu me detenho porque a vergonha de tudo o que a fiz passar recaí sobre mim. Ela deve ter ouvido a minha conversa com a Nick, droga Nick, você tinha que ter me avisado que ela estava aqui, ela ficou sabendo da pior maneira possível, ela vai me odiar. Sim, ela deve estar me odiando. Ela está vindo na minha direção para me dar um tapa na cara ou um sono no estômago. Eu mereço. Sim, eu mereço.

— Oi. – ela diz. A sua voz suave, meiga. Como eu senti falta dessa voz. Foram só dez dias, mas, parece que conheço e ouço essa voz desde sempre.

— Manuela... – respondo, me levantando do sofá.

Ela se aproxima, mas não o suficiente para eu beijá-la no rosto. Como eu quero abraçá-la e beijá-la, como eu quero sentir que podemos recomeçar de onde paramos. Como eu quero ela...

— Daniel... – ela responde ainda parada, olhando para mim.

— Bom, vou deixar vocês a sós, vou ao mercado. – Manu, eu volto logo e Dan, não ferra com tudo de novo, ok?

Droga Nicole, eu posso ter ferrado com tudo, mas você ajudou. Falo, em pensamento.

Ouçõ o barulho da porta da sala se fechar e faço sinal para ela se sentar. Ela escolhe a poltrona que fica de frente para mim, para a minha frustração, eu tinha esperanças de que ela fosse se sentar ao meu lado.

— Manuela, eu...— começo a falar, mas ela me interrompe.

— Daniel, espera! – eu olho para ela e vejo que seus olhos estão marejados de lágrimas e merda, eu não me sinto no direito de ir até ela e

secá-los. – A gente tem muito o que conversar, mas, eu já não sei mais se essa é a hora certa para isso. Não depois do que e ouvi.

— Manu, eu preciso me explicar, sobre tudo.

— Sabe, Daniel. Eu vim para cá achando que era uma boa ideia, achando que pela primeira vez na vida eu estava fazendo algo fora do comum, eu estava me arriscando, saindo da minha zona de conforto e agora, parece que foi um erro. Que eu não devia jamais ter saído de São Paulo, ter entrado naquele avião, ter ligado para a Nicole, ter esperando aqueles malditos dez minutos...

— Ter me conhecido? – completo, querendo mais do que tudo abraça-la e pedir que ela me perdoe por tudo.

Ela abaixa a cabeça e coloca as mãos sobre o rosto. Sei que ela está chorando e eu sou o culpado por isso. Ela tira as mãos do rosto e me encara por longos e enervantes segundos. Não falamos nada, apenas ficamos assim, um olhando para o outro, como se uma vida inteira passasse por nós nesse momento e então ela se levanta.

— O que vai fazer? – pergunto, finalmente.

— Pegar as minhas coisas. – ela responde, inalando um longo suspiro, sumindo no corredor em seguida.

Eu sei que ela vai embora. Sei que ela não vai querer me ouvir e sei que sou o culpado disso tudo. Ela não merece passar por isso. Eu não a mereço. Talvez, o melhor que posso fazer por ela, é deixá-la ir, é dar a ela a oportunidade de encontrar um cara normal.

Ouçó o barulho das rodinhas da mala de se aproximar e eu levanto quando a vejo parada na sala.



Manuela

O abraço que preciso, só você sabe dar. Aquele abraço apertado, que segura, que mantém, que suspende. É a forma como as suas mãos circundam a minha cintura quando estamos abraçados que faz com que você seja o único capaz de me fazer bem ao ser abraçada. O encaixe perfeito da minha cabeça em seu peito faz com que o nosso abraço seja digno de uma crônica romântica, o encontro dos nossos olhos quando estamos prestes a nos abraçar é que faz o momento ser inigualável, tem também o seu cheiro, em que outro abraço eu poderia encontrar o seu cheiro?

(Giulliana Fischer Fatigatti – Crônica Os anéis de Saturno do seu abraço)

Quando a campainha tocou, eu não precisei ouvir a voz dele por trás da porta para saber que era ele. Meu corpo todo amoleceu em reação à expectativa de vê-lo. A Nicole pediu para eu esperar no quarto, por não sabermos como seria a reação dele, se seria positiva ou não, ela pretendia prepara-lo antes de me ver. Nunca imaginamos que nós é que tínhamos que estar preparadas para o que ouvimos.

Quando ele se sentou no sofá, eu já estava no corredor, encostada na parede, observando a Nicole, esperando o sinal dela. Foi quando ele confessou a ela sobre a gravidez. Senti vontade de chorar, a sensação de que mais uma vez a vida estava me tirando alguém, porque eu senti dentro de mim que o perderia por causa dessa gravidez, fez com que eu ficasse paralisada, tentando respirar. Tentando não chorar. Tentando não gritar.

Após ele dizer que a Letícia havia engravidado, a Nicole olhou para mim, senti a decepção no olhar dela, a mesma decepção que eu estava vivenciando. Eu respirei fundo e criei coragem de encará-lo, motivada a acabar logo com isso e seguir com a minha vida. Sem ele.

Olhar nos olhos dele e não abraçá-lo, foi absolutamente torturante, tivemos um romance durante dez dias, pensei nele pelos próximos noventa dias e agora, parece que ainda pensarei pelos próximos três anos. Como escolher entre a emoção e a razão quando ao vê-lo, o meu coração grita dentro de mim que precisa dele para não parar de bater?

Eu deveria o ter deixado falar, mas, eu estava com raiva, me sentindo frustrada por perceber que não sou importante para ele como ele é para mim. Meu ego foi duplamente ferido, quando ele me deixou à espera dele e agora, quando eu soube sobre a gravidez da ex e a sua provável paternidade. Eu achei que eu estava pronta para me relacionar novamente, após ter pedido o Léo, mas, talvez, eu não esteja ainda, porque eu deveria ter me abatido tanto, eu deveria estar mais forte, mais consciente de quem eu sou, mas, no momento em que eu o encaro, eu só consigo pensar que eu errei em meu julgamento, ao acreditar que ele nutria por mim, algum tipo de sentimento.

Pensando bem, talvez, eu também não sinta nada assim tão forte por ele, talvez, isso tudo seja somente porque fiquei à espera dele, e isso tenha feito com que eu ficasse na curiosidade do “se” e essa curiosidade me levou a acreditar que eu sentia algo verdadeiro. Estou começando a acreditar que os sentimentos podem nos enganar. Que eles gostam de nos pregar peças.

Com as malas aos meus pés, eu digo a ele que vou embora. Ele não me olha, pelo contrário, abaixa a cabeça, como se estivesse dizendo em pensamento “vai logo, por favor”. Eu o olho pela última vez. Um sonho bom. Ele foi um sonho bom em meio ao pesadelo que estava a minha vida. Foi o meu respiro, a minha pausa para o descanso.

— Tchau, Daniel. – falo, com a respiração espaçada. Parece que acabei de levar uma punhalada no peito.

Ele levanta a cabeça para me olhar enquanto coloco a mão na maçaneta e em seguida, a abaixa novamente. Em seis meses, estou vivenciando o fim pela segunda vez. Recomeçar a viver é mais difícil do que eu esperava. Acho que no fundo eu acreditava que a minha vida após perder o Léo, fosse ser mais fácil, como se eu fosse presenteada por algum tipo de “alívio” por ter passado o que passei, por ter perdido o amor da minha vida. Agora sei que esse tipo de recompensa não existe, não é assim que as coisas funcionam. Você chorou ontem? Então vou fazer você sorrir hoje. Doeu no passado? Agora será somente alegrias. Não, definitivamente não é um jogo justo, um a um. Às vezes, perdemos dez vezes para ganharmos somente uma.

Olho pela última vez para ele, os seus cabelos claros, um pouco mais

compridos do que quando estivemos juntos, está bagunçado de uma forma linda, a sua barba por fazer o deixa mais novo e incrivelmente sexy. Como posso pensar em algo assim quando estou prestes a deixar para trás o cara que há três meses atrás, me deu vários momentos de prazer? E como não pensar em algo assim?

Abro a porta e a fecho atrás de mim com a mesma velocidade. Enquanto aperto o botão para chamar o elevador, as lágrimas despenham do meu rosto. Saltos livres para o chão.

O elevador faz um pequeno barulho, avisando que chegou ao andar. Pela primeira vez na vida, eu desejo vivenciar uma cena clichê, daquelas em que o mocinho aparece e segura a porta bem na hora em que a mocinha está indo embora, com o coração partido. Pena que é da minha vida que estou falando e não da de um personagem de um livro ou um filme.

Entro no elevador e olho pela janela da porta. Nada do Daniel. Claro que ele não virá atrás, ele vai ser pai novamente. Porque viria atrás de mim?

Aperto o “T” de térreo e espero o elevador começar a descer. Vejo os números diminuírem do décimo primeiro ao quinto, quando o elevador para. Uma senhora entra e me diz boa tarde. Eu disfarço as lágrimas e respondo. O elevador fecha e volta a descer mais dois andares, parando no terceiro, a porta se abre e eu o vejo parado de frente para mim, com a respiração ofegante.

— Por favor, não quero que você vá, Manu. — ele diz, em um esforço para a sua voz sair.

A senhora do quinto andar olha para ele e depois para mim. Eu fecho os olhos, perdida, sem saber o que fazer.

— A gente precisa conversar. Você não saiu de São Paulo para chegar aqui e não conversar comigo. Vem, sai desse elevador, vamos conversar.

Eu o encaro enquanto em minha cabeça há uma luta medieval. Ele está certo, eu saí de São Paulo para vê-lo, para conversar com ele, para entender o que aconteceu e o que o fez ter feito o que fez enquanto estava na Rússia. Eu não posso ir embora assim. Se tiver que doer, que doa agora, de uma vez só.

— Escuta o rapaz, minha filha. — a senhora diz, com uma voz suave. — O amor merece ser ouvido. — ela sorri para ele e me olha com doçura.

O Daniel estica uma mão para mim e com a outra, ele pega a mala. Eu me despeço da senhora dizendo obrigada e saio com ele para o corredor do terceiro andar.

— Vamos chamar outro elevador. — ele fala, após a porta se fechar.

— Tá. — respondo, ainda sem saber o que dizer para ele.

Pelos próximos minutos, permanecemos em silêncio. Eu fixo o olhar no marcador do andar, do elevador, enquanto que mesmo sem olhá-lo, eu percebo que ele fixa os seus incríveis olhos azuis, em mim. O elevador chega. Ele abre a porta. Eu entro. Ele entra em seguida. A porta se fecha. Ele aperta o térreo e eu fico confusa.

— Já tranquei o apartamento da Nick. – ele fala, como se tivesse lido os meus pensamentos. – Chave extra. – completa, mostrando a chave nas mãos. – Por isso demorei para chegar. – diz, por fim.

Eu acabo sorrindo, nem sei ao certo o porquê. Encosto a minha cabeça na parede do elevador e a inclino para cima. Confusão é o que define esse momento. Eu quero dizer para ele que não parei de pensar nele um segundo desde a nossa separação, em Tromsø, que senti a falta de dormir com ele, do sorriso dele, do abraço, do beijo, do sexo e também do amor. Eu quero abraçá-lo e me sentir segura em seu abraço, como eu já me senti um dia. Quero beijá-lo até nossos lábios ficarem dormientes, mas, tudo o que consigo fazer, é fechar os olhos e desejar que essa tortura acabe logo.

— Dane-se. – Ouço-o dizer. Segundos depois, ele está com o seu corpo pressionado contra o meu e sua boca muito, muito próxima a minha. – Me pare se quiser, mas eu vou fazer isso. – ele fala, quase que em um sussurro, um segundo depois, sua boca está beijando e a minha e a minha boca está retribuindo gentilmente o gesto.

O elevador faz barulho e para no térreo. O beijo durou menos que trinta segundos. O suficiente para me fazer lembrar o porquê de eu ter vindo para o Rio Grande do Sul atrás dele. Ele abre a porta e espera eu passar para sair com a minha mala, passamos pela portaria e ele deseja boa tarde ao porteiro, chamando-o pelo nome, o que me faz pensar que ele deve frequentar muito a casa da Nicole.

— Meu carro está logo ali. – ele diz, apontando para um Peugeot modelo 3008, prata. Ele segura na minha mão e me conduz até o carro, abrindo a porta para mim em seguida. Me ajeito no banco e ele coloca a minha mala no bagageiro.

— Vou te levar para a minha casa. – ele diz, pegando o celular e discando um número.

— Alô? Mãe? Dá para você levar a Bia para dormir na sua casa hoje? Amanhã eu explico, mas queria ficar sozinho hoje. – ele fala, sem tirar os olhos de mim. – Não mãe, fica tranquila, eu estou bem. Sim, mãe, eu prometo. Estou bem sim. A Manuela. Ela está aqui. Sim, a garota dos

delírios. Ok. Obrigada mãe. Beijo.

Ele desliga o celular e dá partida no carro.

— Garota dos delírios? – pergunto, finalmente criando coragem para dizer algo.

— História longa. – ele responde.

— Pois é... eu peguei um avião justamente para ouvir todas as histórias que você tem para me contar. Vai começar quando? – pergunto, com a voz um pouco alterada. Percebo que meus nervos estão à flor da pele e mentalmente digo para eu me acalmar.

— Em casa... Te conto tudo. – ele responde, colocando a sua mão sobre a minha perna.

— Ok. – respondo. Olhando para frente.

— Ei, não morde os lábios assim, porque ainda temos uns dez minutos até chegar à minha casa e assim fica difícil resistir a você.

Eu me viro para ele e com uma ousadia incrível, propositalmente mordo os lábios, provocando-o.

— Manu, você não devia ter feito isso...

— Por quê? – provoco.

— Porque estou louco para te beijar novamente.

— E?

Ele não responde a minha pergunta. Pegamos a rodovia e cerca de dois quilômetros depois, ele aponta para um letreiro grande com a frase “Motel NY” e sorri maliciosamente para mim.

— Mudanças de planos, vamos fazer uma parada antes de irmos para a minha casa. – ele diz, estudando a minha reação.

Eu poderia fazer cara de brava, ficar indignada, dizer que não. Sim, eu poderia, mas não faço. Eu sei da guerra que está acontecendo dentro de mim, mas, também sei que já vivi essa mesma guerra várias outras vezes com o Leonel e no fim das contas, percebo que mais perdi do que ganhei. Negar a mim mesma a possibilidade de ser feliz é ir contra a promessa que fiz ao Léo quando li aquele e-mail. Parece que todas as vezes que eu travo, em que me permito recuar, eu ouço a voz dele dizendo para mim “Não desista, Manu” e então eu me lembro de que a vida é instável demais para eu me permitir sofrer desnecessariamente. Eu preciso tentar. Tentar ser feliz. Olho para os olhos brilhantes do Daniel e sorrio. Isso é o melhor que consigo fazer, mas sei que ele vai saber interpretar os meus sentimentos através desse único sorriso.

Ele escolhe a suíte e pega a chave, eu fico o tempo todo fitando-o, observando o seu sorriso se formar quando estacionamos o carro. Eu nunca imaginei que voltaria a entrar em um motel em tão pouco tempo depois. Tal pensamento me deixa um pouco desconfortável e quando ele abre a porta do carro para eu descer, ele percebe a minha hesitação e se agacha de frente para mim.

— Ei, bela, se achar que isso é muito para você, podemos ir direto para a minha casa.

Bela... Meu coração se acelera com ele me chamando pelo adjetivo que ele me deu, lembro dele dizendo que ninguém me chamaria assim. Eu fecho os olhos e, sem pensar, atiro os meus dois braços ao redor do pescoço dele e ele me puxa para ele. As lágrimas começam a cair descontroladamente, todas aquelas que ficaram presas na noite em que ele desapareceu. Todas elas, como se estivessem sendo libertadas pela represa que as retinham. Ele passa a mão alisando o meu cabelo, tentando me acalmar e me aperta com força contra o seu peito.

— Tá tudo bem, por favor, não chora... – ele diz, segurando o meu rosto com as mãos.

— Tá doendo, Dan. Lembrar do Leonel, lembrar do dia em que você sumiu e eu fiquei desesperada esperando por um contato seu, lembrar dos três meses seguintes que briguei comigo mesma cada vez que eu lembrava de você, lembrar que provavelmente a sua ex-mulher está grávida de você... Tá doendo e eu não sei o que fazer para parar.

— Não tente parar. Deixa doer e deixa eu tentar corrigir o mal que te causei.

Eu balanço a cabeça em afirmativo e me deixo ser conduzida por ele, saindo do carro com o braço dele envolvido na minha cintura, me servindo de apoio. Ele abre a porta do quarto e me conduz até a cama. Me sento nela e ele se senta ao meu lado.

— Desculpa, eu devia ter te levado direto para a minha casa. – ele diz, com voz de arrependido.

— Já está passando. – respondo, puxando o máximo possível de ar para os meus pulmões.

— Você quer conversar? Quer que eu comece a contar tudo o que aconteceu?

— Agora não. – falo.

— E o que eu posso fazer para te ver bem?

— Me beija?

Ele aproxima a sua boca da minha e com os olhos presos aos meus diz;

— Tinha tanto medo de que não fosse me pedir isso.

— Eu “tô” pedindo. – sussurro.

Sinto o toque suave da sua boca encostando na minha e o gosto do seu beijo me faz relembrar todos os nossos poucos, porém, bons, momentos. Seguro para não voltar a chorar e estragar tudo.

Suas mãos começam a acariciar os meus cabelos enquanto o nosso beijo se torna mais forte e urgente. Ele para de me beijar e me deita na enorme cama e se atira ao meu lado, agora, acariciando o meu rosto.

— Bela Manuela... – ele diz, como se tivesse fazendo uma afirmação para ele mesmo.

Eu fecho os olhos e ele pede para eu abri-los.

— Quero que preste atenção, Manuela. Ainda vamos conversar e vou te contar tudo o que aconteceu, mas, agora que apenas guarde isso o que eu vou te falar, ok?

— Ok. – respondo, já curiosa.

— Você é muito, mas muito mesmo, especial para mim e não houve um dia que eu não tenha pensado em você nesses últimos três meses. – ele diz, com os seus olhos penetrados nos meus, que segundos depois, já estão marejados de lágrimas. Ele beija cada um deles e desce, beijando todo o meu rosto.

Eu o abraço forte como se quisesse guardar esse momento, como se quisesse me afundar dentro dele. Volto a sentir a mesma sensação de segurança, de porto seguro, que eu senti enquanto estávamos juntos na viagem. Eu solto um suspiro e ele sorri de um jeito travesso.

— Eu quero você. – ele diz, beijando o meu pescoço. Eu tombo a cabeça para trás e espero pelo o seu próximo beijo.

A suas mãos começam a passear pelo o meu corpo e as minhas caminham pelas costas dele. Ele para em minha cintura e começa a desabotoar a minha camisa, botão por botão, até o final, perto do cós da calça. Depois, ele sobe e volta a me beijar na boca, um beijo ardente. Ele volta a beijar o meu pescoço e agora vai descendo pelo caminho que ele abriu ao desabotoar a minha camisa, quando sinto o toque da sua boca na minha cintura, na lateral dela, instantaneamente, o meu corpo reage e me faz soltar um pequeno gemido.

— Hummm. Ainda consigo tirar um gemido de você. – ele me olha

satisfeito. Eu sorrio.

Ele volta a beijar o mesmo lugar e sinto todos os pelos do meu corpo se arrepiarem. Ele desabotoa a minha calça jeans e começa a tirá-la, beijando cada novo lugar que ele vai liberando. Sinto o meu corpo todo esquentar, quando a sua boca chega na parte interna da minha coxa eu contraio o meu corpo e ele me segura firme com a suas duas mãos na minha cintura.

— Aguenta. – ele ordena, soltando mais um beijo, agora na outra perna.

— Não dá. – respondo, inspirando profundamente.

Ele começa a tirar a roupa dele e eu o observo. Usando apenas uma boxer, ele levanta e vai até a mesa onde há uma cesta com um pacote de camisinhas, ele pega uma, rasga com uma ferocidade incrível e volta para a cama. Segundos depois, ele está em mim, me fazendo a pessoa mais feliz do mundo. Os movimentos começam de vagar, em momento algum, deixamos de olhar um para o outro. O sorriso bobo no rosto, começa a dar lugar para o sorriso de prazer. Nos movemos. Nos beijamos. Nos olhamos. E de repente, toda a dor que senti quando ele me deixou esperando por ele, toda dor que senti há uma hora atrás, parece ser minúscula em relação à sensação de felicidade que ele está me proporcionando agora. Sinto como se eu estivesse no meu lugar, como se estar ao lado dele, seja a coisa mais certa a fazer nesse momento.

Ele me vira para cima dele e me deixa comandar os movimentos. Eu me entrego à sensação que chega de forma rápida, soltando um gemido em seguida. Ele me aperta contra ele e pede para eu deitar de costas. Eu obedeco e então, o sinto dentro de mim novamente, se movimentando e com suas mãos acariciando toda a minhas costas, de cima a baixo. Eu percebo que ele chegou lá quando ele me aperta com força, suspirando logo em seguida.

— Como eu senti saudades disso. – ele diz, deitando ao meu lado, me puxando para ele.

— Eu também.

— Eu não sei explicar o que acontece, mas, Manu, você é a minha fórmula da felicidade, porque quando estou assim, com você, o mundo passa a fazer sentido para mim só porque sei que você está nele.

— Dan?

— Sim?

— Eu estava com muitas saudades de você, é errado isso? Eu sentir saudades de outro cara dez meses após a morte do meu namorado.

— Quer mesmo que eu seja sincero?

— Sempre, lembra?

— Bela, quem não está mais nesse mundo, é ele e não você. Seguir em frente não é errado. Nada do que você faça para ser feliz, para fazer jus à vida que tem aqui, deve ser considerado errado. Entendeu?

— Você sempre sabe a coisa certa a dizer, não é?

— Aí é que você se engana. Eu tenho também os meus momentos de confusão. Agora você já sabe que não sou perfeito e muito menos um príncipe encantado. Me espanta que ainda tenha tido coragem de ficar comigo novamente. Se fosse outra pessoa, diria que sou uma causa perdida.

— Acho que tenho uma forte queda por “causas perdidas” então. Talvez seja porque nenhuma causa é perdida de fato.

— Espero que esteja certa. – ele diz, plantando um beijo em minha testa.

Ficamos em silêncio. Abraçados. Como se o mundo lá fora não tivesse importância. Como se não existisse problemas. Como se pudéssemos ficar aqui pelo o resto de nossas vidas.

Dan? — Eu quebro o silêncio, o chamando novamente.

— Oi.

— Gosto quando você me abraça.

— Assim? – ele me abraça com os dois braços e me aperta novamente.

— Sim. Gosto de ouvir a sua respiração quando estamos abraçados. Gosto quando você me aperta contra o seu peito, como uma espécie de pedido para eu não sair daqui.

— É uma súplica. – ele diz, me fazendo erguer a cabeça para ele. – Não é um pedido. É uma súplica. Ter você em meus braços é caminhar no paraíso e por isso, silenciosamente, cada vez que a sinto assim, perto de mim, eu peço, ou melhor, suplico, para que você não me deixe.

— Eu não te deixei, Dan. Não fui eu quem fez isso. – solto, e quando me dou conta, já falei.

— Eu sei. Eu é que tenho medo de te perder e eu é quem fiz de tudo para que isso acontecesse. – sua voz sai triste, com um pesar que me corta por dentro. Ele não gosta de jogos, não precisamos jogar o jogo da culpa.

— Mas eu estou aqui, ainda assim.

— Porque você é a garota mais forte que eu já conheci.

Eu rio.

— Está rindo por quê?

— Porque se você me conhecesse há um ano, provavelmente não diria isso de mim.

— O que quer dizer?

— O que vou dizer vai parecer estranho, mas, eu só mudei após a morte do Léo.

— A morte de alguém que a gente gosta, sempre nos faz mudar, Manu.

— Da água para o vinho – falo, esperando para ver a reação dele.

— Água para o vinho? O que isso significa?

— Acho que pelo fato de vivermos boa parte da nossa história, presos em uma invenção que criamos, de não nos relacionarmos, eu acabei me podendo. Eu apenas aceitava os acontecimentos. Não questionava. Não me questionava. Na verdade, acho que comecei a mudar depois que descobri a doença dele, porque foi nesse mesmo dia que ele me pediu em namoro e então, a Manuela apática e até sonsa, foi cedendo espaço para uma Manuela determinada, aquele que queria que o seu namorado sobrevivesse, aquele que estava disposta a tudo para que isso acontecesse.

— Você acabou de confirmar que a dor, às vezes, é necessária. Senti-la não é somente um processo natural e inevitável da vida, é muito mais do que isso, é algumas vezes, necessária para nos fazer mudar. Acho que é a forma que Deus, ou o destino, encontra para nos fazer evoluir.

— Pode ser. – repondo, pensando ainda se concordo ou não. Concordar, seria afirmar que a dor de perder o Léo, de certa forma me fez bem e afirmar isso é como se eu estivesse dizendo a mim mesma que o propósito de conhecer o Léo foi para me mudar e não para amá-lo e eu não posso concordar com isso, porque eu não mudei só porque eu conheci a dor em sua forma mais aguda e cruel. Eu mudei porque eu o amei.

— Vem, vamos tomar uma ducha, quero te levar para a minha casa. – ele diz, me fazendo levantar com ele.

E como se eu tivesse sido acometida por um surto de lucidez, me dou conta de que ir com ele para casa dele, é enfrentar algo que não sei se posso enfrentar. Esse pensamento me traz uma sensação de medo. Ele tem uma filha, como ela vai reagir ao me conhecer? Se é que ele vai querer que ela me conheça. Como os pais dele reagirão? Eu conheci a mãe do Léo já no hospital e então, não me preocupei se ela ia me aprovar como a namorada dele ou não, eu estaria lá para ele de qualquer jeito. Agora, é diferente.

— Está tudo bem?

— Você tem certeza que é uma boa ideia me levar para a sua casa? – pergunto, evitando olhar para ele.

— Ei, o que está te incomodando?

— Não sei, apenas estou com medo do que vão pensar de mim. Você é quatro anos mais velho, já foi casado, tem uma vida profissional estável e também uma filha.

— E você é a mulher que está mudando a minha vida, não tem como alguém não gostar de você.

— E quanto a sua filha?

— A gente vai dar um jeito em tudo, Manu. Confie em mim. – ele diz, parando de frente para mim. – Vem, vamos para o chuveiro e para de enrugar essa testa. Vai dar tudo certo.



Daniel

“Então me encontra, ou deixa eu te encontrar...”

(Charlei Brown Jr. – Me Encontra)

Manuela sorri, olhando pela janela do carro, enquanto nos leva para a minha casa. Um sorriso meio abobado, como se estivesse pensando em algo que a esteja fazendo feliz. Seja o que for, espero que eu faça parte desse pensamento, porque, porra, essa garota me faz muito feliz.

Quando eu decidi viajar, eu pensei que eu estava bem, que eu estava feliz, ainda mais porque havia tirado de mim o estigma de que iria passar o resto da minha vida amando a Letícia, depois daquela noite, em que fui vencido pela tentação, eu tive a certeza de que já não sentia mais nada por ela e essa sensação me acompanhou em minha viagem, mas, depois que eu encontrei a Manuela, depois que bati os olhos pela primeira vez naquela garota que encarava o nada, a minha vida mudou. Pode parecer confuso eu dizer que a minha vida mudou e ainda assim ter feito as merdas que fiz, voltar a beber, abandoná-la, porque sim, foi o que fiz, eu a abandonei, a deixei à minha espera, mas, ela precisa saber que sem saber, ela me salvou, quando dentro daquela danceteria, a imagem dela me apareceu como um borrão, me fazendo ir embora. Naquela noite, o Demetrius foi assaltado depois que saiu da danceteria, eu soube somente depois que saí da clínica e fui ler os meus e-mails em casa, ele levou um tiro, por sorte, foi no braço, apenas se feriu. Ele entregou tudo o que tinha e os dois caras foram embora. Foi sorte. Poderia ter sido pior. Ele poderia ter morrido. Eu poderia estar com ele. Eu não estava. A imagem da Manuela, me olhando desapontada pelo o que eu estava fazendo, me fez voltar para o hotel. Não que eu não tivesse feito mais merda depois disso, eu fiz, mas, desde que li o e-mail do Demetrius, tive a certeza de que a Manu me salvou de algo muito grande.

Eu não acredito que a quase deixei partir. Eu estava tão envergonhado de mim mesmo que a minha covardia quase não me permitiu ir atrás dela, cometi tantos erros que foi difícil escolher entre deixá-la partir e dar a ela

uma chance de ser feliz sem mim, ou, ir atrás dela e provar para ela que ainda a posso fazer feliz. Confesso que fui muito egoísta. Em uma fração de segundos, pensei em como seria a minha vida sem ela. Dez dias, passamos apenas dez dias juntos e a sensação que tenho em relação a ela é de que a conheço desde sempre.

Fui egoísta, não consegui me ver sem ela. Tranquei a porta do “ap” da Nick e desci aquelas malditas escadas como se estivesse participando de uma maratona. Quando finalmente vi que estava descendo mais rápido do que o elevador, apertei o botão e o chamei, torcendo para que ele parasse.

Ele parou. A porta se abriu e ela confusa, me olhou.

Inferno! Eu estava deixando ir embora a garota que para mim, é a mais bela do mundo. As russas que me desculpem, mas, a minha Manu, porque agora, olhando para ela dentro do meu carro, me sinto seguro para dizer que ela é minha Manu, é a garota mais linda do universo. Por fora e por dentro, que onde realmente a beleza faz a diferença.

Preciso agradecer aquela senhora quando voltar ao prédio da Nick. Merda! Preciso avisar a Nick que a Manu está comigo. Farei isso assim que estacionar em casa. Aquela senhora... não sei se a Manu só saiu por causa do comentário dela ou não, mas, ainda assim, ela incentivou e encorajou a minha bela e ela merece o meu agradecimento. Se ela soubesse o quão nervoso eu estava. Com medo de que ela, por orgulho ou por decisão mesmo, decidisse ir embora de vez. Porque eu sabia que se isso acontecesse, não daríamos mais chances para nós. Seria o fim de verdade. O nosso fim.

Quando a Manu encostou a cabeça na parede do elevador, pude compreender o quão confusa ela estava. Ela pegou um avião para outro estado atrás de um cara que a abandonou e que ela ainda nem sabe os motivos, e ela tenta fazer para ele uma surpresa e no fim das contas, ela é quem é surpreendida ao saber que esse cara pode ser pai da criança que a ex-mulher dele está carregando na barriga. Pensei comigo mesmo: “Cara... Eu teria ido embora. Ela realmente é forte, porque ela segurou na minha mão e desistiu de ir embora. Você agora precisa provar para ela que valeu a pena a decisão dela, você só precisa tirar a dúvida que deve estar na cabeça dela. Dane-se! É isso o que vou fazer.” E então eu fiz. E tocar os lábios dela me fez lembrar de como foram bons os dias com ela Na Noruega. Tocar os lábios dela me fez me sentir recuperado, livre de todos os meus fantasmas. Pronto para recomeçar. E eu desejei que ela estivesse sentindo a mesma coisa do que eu, porque, foi uma mistura de paixão, com tesão, com saudade e algo mais.

E esse algo mais, é mais do que posso expor para ela agora, nesse momento. Espero poder fazer isso um dia. Assim que essa história com a Letícia se resolver.

Quando dei partida no carro, não tinha de forma alguma, a intenção de ir com ela para um motel, eu queria levá-la para a minha casa o mais rápido possível, mas, às vezes, as coisas mais gostosas da vida, são aquelas que acontecem quando não planejamos. Um sinal. Foi preciso apenas um sinal por parte dela, de que ela ainda sentia por mim o mesmo desejo de antes para me fazer mudar o roteiro e parar naquele motel.

Ter sentido o corpo dela sobre o meu, ter transado com ela, percorrido as minhas mãos por cada parte do corpo macio dela, foi maravilha, mas, não foi melhor do que ter ouvido ela dizer que sentiu saudades de mim e de que gostava de ficar abraçada a mim. Ela me fez ter a certeza de que eu estava trazendo ela de volta para mim. Sexo algum é capaz de dar mais prazer do que essa sensação, a de que estamos reconquistando a pessoa por quem estamos apaixonados.

Sim, seu idiota que faz merdas. Essa garota, meio menina e meio mulher, te pegou de jeito. Entrei em um avião com uma promessa: Nada de mulheres. Nada de relacionamentos. Apenas curtidão. Não fui capaz nem de pegar o segundo avião, me apaixonei no saguão de embarque do aeroporto da França, em um dos países mais românticos do mundo. Isso me faz lembrar da matéria que li ontem, ao tentar recuperar o tempo em que fiquei na clínica e me informar de tudo o que acontece no mundo, dizia que um estudo recente de uma universidade Norte-Americana, afirmava de que a paixão leva um quinto de segundo (sabe-se Deus como se mensura isso) para acontecer. A notícia me chamou a atenção e decidi abrir o link para ler, e a explicação usava o termo “incontrolável”. Que nesse um quinto de segundo, ativamos doze áreas do nosso cérebro e assim, liberamos várias substâncias responsáveis pelo prazer, pela satisfação, pela afetividade. Bom, a ciência gosta de explicar tudo, sei lá se ela está certa, não sei se foi nesse bendito um quinto de segundo, mas, sei que foi naquele dia. Com aquele olhar e com aquele jeito de que ela não estava se importando com nada nem ninguém. Isso eu sei que foi.



Manuela

“If it's love. And we decide that it's forever. No one else could do it better”

“Se é amor. E nós decidirmos que é para sempre. Ninguém poderia fazer melhor.”

(Train – If It's Love)

— A lista “né”? Você não a esqueceu pelo jeito.

— Você sabe que não, sou curioso. Me fala sobre ela – ele insistiu.

— Acho que você vai rir – respondi, enquanto me preparava para falar. Ele me olhou, encorajando-me. – Número três: fazer a diferença na vida de alguém.

— Explica isso.

— Eu tenho uma coisa boba dentro de mim de querer fazer a diferença na vida de alguém, de mudar a vida de alguém, de ajudar alguém, como se fosse uma missão e eu espero realmente conseguir isso.

— Você acredita em milagres? – Léo perguntou, enquanto eu tentava decifrar se a sua pergunta era de deboche ou se ele estava levando a sério a nossa conversa.

— Sim – respondi, fazendo uma pausa, esperando para ver a reação dele. – Eu acredito que coisas boas acontecem para quem acredita, é simples assim, você pode me achar tola, mas eu acredito na lei do Universo, onde cada ação gera uma reação e que tudo o que queremos está lá, no infinito, à nossa espera, basta que saibamos pedir para poder receber.

Ele me olhou com um olhar curioso e ao mesmo tempo confuso, como se eu estivesse falando em outra língua, como se eu estivesse contando uma história fantástica.

— Gosto do seu entusiasmo e da forma como vê a vida – ele disse, após me fitar por alguns segundos, colocando fim ao silêncio que havia se formado por alguns segundos.

— Você parece não concordar – respondi, soando como uma pergunta.

— Também não discordo – ele disse, ficando em silêncio em seguida, o

silêncio que eu soube conhecer e interpretar.

Essa foi a primeira vez que eu e o Léo tivemos esse tipo de conversa, havia sido também a primeira vez que eu havia falado da minha lista de desejos para alguém. Enquanto o Dan dirige, compenetrado no caminho, ou, em seus pensamentos, eu olho pela janela, mas, sem prestar muita atenção no que estou vendo. O Dan me disse algo dentro do motel que me fez vir à tona essa conversa que tive com o Léo. Ele disse que eu sou a mulher que está mudando a vida dele. Essa frase tem martelado na minha cabeça desde que entramos no carro. Eu tenho a convicção de que o que eu tive com o Léo, foi muito além do que paixão, ele foi o meu amor de alma, se é que isso existe de verdade. Aquele amor em que a gente busca vida após vida, em uma, dá certo de se encontrar e ficar junto, em outra, já não. Mas, eu não sei se posso dizer que realizei com ele o desejo número três da minha lista. Para ser sincera, acho mesmo é que foi ao contrário, foi ele que mudou a minha vida. Ele quem me transformou. Agora, repassando a fala do Dan, eu nem ao certo o que aconteceu a ele no tempo que ficamos separados na Europa, mas, senti que eu realmente pudesse estar fazendo isso o que ele disse que estou. É curioso, porque o Léo realizou alguns dos meus pequenos sonhos e parece que Deus, enviou agora, outra pessoa para mim, para me ajudar a realizar mais alguns desses sonhos da minha lista.

— Será que tem espaço para mim dentro dos seus pensamentos? -Dan pergunta,

— Você já está neles. – respondo, me virando para ele.

— Sério? – ele sorri satisfeito.

— Sinceridade, lembra? Só estou dizendo porque temos esse acordo, porque não acho muito certo você querer saber o que estou pensando, tá?

Ele ri e seus olhos azuis brilham, iluminando o meu olhar.

— Então não vai me dizer o que eu estava fazendo aí, nos seus pensamentos, “tô” certo?

— Errado!

— Hã? – ele pergunta, meneando a cabeça para o lado, confuso.

— Estava apenas pensando nos motivos de você ter entrado na minha vida... – falo, voltando o olhar para fora do carro.

— Ei, e são bons? – ele toca em meu rosto, me fazendo virar para ele novamente.

— Acho que sim. – respondo, encarando-o. – Você me disse algo dentro do motel, que sei lá, me balançou. É como se fosse um sinal...

— Que coisa? – ele pergunta, confuso e curioso. – Sinal de quê?

— Você disse que estou mudando a sua vida.

— E é verdade, Manu. Não sou mais um garoto, eu já passei da fase de dizer coisas só para agradar uma mulher, eu disse porque sei que é verdadeiro para mim.

— E eu acredito. Por isso parece ser um sinal... Estava na minha lista... Fazer a diferença na vida de alguém.

— Lista? – ele indaga, com um sorriso curioso. E eu percebo que acabei falando demais. – Quero saber sobre essa lista! Ela ainda existe?

— Eu devia ter ficado quieta. – murmuro.

— Sério mesmo que acha isso? – pergunta, parecendo ter se chateado com o meu comentário.

— Desculpa, Dan. É que não sei se estou preparada para falar dessa lista. Nem sei se posso dizer que ela ainda existe. Muita coisa mudou.

— Mas você disse que fazer a diferença na vida de alguém era algo que estava na sua lista, bom, você está mudando a minha vida, talvez, seja hora de você desenterrar essa lista, mesmo que você precise refazê-la em alguns itens, ainda assim, pode haver tantos outros que você ainda possa realizar. Pensa nisso.

— Você é perfeito. – respondo, encantada com a forma de que ele nunca me pressiona, ele sempre me mostra um ponto de vista que eu não estava enxergando e isso nele me fascina.

— Não, Manu. Eu não sou perfeito e juro para você que não quero ser. Cansei de carregar esse estigma de que sou o cara perfeito, acho que me forcei a ser por muito tempo e isso não é saudável.

— Mas e se para mim, ainda assim, você for perfeito? – pergunto, colocando a minha mão sobre a mão dele.

— Se você pensar assim, vai chegar algum momento em que você vai descobrir que estava enganada e vai se magoar muito. Eu vou magoá-la, mesmo sem querer fazer isso. Eu preciso que você me veja como um cara normal, um cara que assim como qualquer outro, vai te chatear em algum momento, vai te deixar triste em outros, vai te frustrar algumas vezes, vai fazer algo que você não goste ou até mesmo, dizer algo que você não mereça ouvir, mas, que apesar de tudo e de nada, essa cara tem por você um sentimento especial. Eu preciso, Manu, que você me veja como sou, porque se não, eu temo que você em algum momento, perceba que fantasiou o cara errado.

— Dan... Está tudo bem. Eu disse que você era perfeito, mas no sentido figurativo, você não precisa ficar encanado de que eu te vejo como o príncipe encantado, eu parei de acreditar em príncipes na oitava série, quando um namoradinho — que eu achava que era um príncipe — chegou para mim e disse que não queria mais namorar comigo porque estava gostando da minha melhor amiga. Então, eu estou preparada para encarar o seu lado mais sombrio, ok?

— Esse seu namoradinho devia ser um idiota. — ele brinca, piscando para mim. — A propósito, lado mais sombrio? Acho que não chega a tanto, eu apenas tenho alguns problemas de personalidade, tipo o Dexter, da série de TV, que é um doce de pessoa e nas horas vagas, um assassino em série. — ele ergue uma sobrancelha, me fazendo rir.

— Seu bobo.

— Por você...

Eu sorrio.

Há poucas horas atrás, eu estava decidida a ir embora sem conversar com ele, sem entender o que aconteceu com ele, e agora, eu só penso que eu ia cometer o maior erro de todos, porque vendo-o sorrir desse jeito, a forma como os seus olhos se iluminam e como fazem os meus se iluminarem também, mostra que seja lá o que for que há entre nós, é mais forte do que ambos pensávamos que fosse.

Continuamos o caminho em silêncio. A paisagem lá fora vai ficando cada vez mais bonita, as casas, em sua maioria em estilo germânica, começam a ficar maiores, flores fazem parte do cenário. Parece que o novo e o velho se fundem, fazendo da cidade, um lugar único, aconchegante e atrativo. Passamos por uma espécie de portaria, mas, não parece ser um condomínio fechado, mas, as casas já fogem um pouco das outras que eu vi mais atrás, são construções mais modernas, neoclássicas, poucas são ainda no estilo germânica ou italiana. Fico imaginando como seria viver em uma cidade assim. Estou tão habituada a morar em São Paulo que nunca me vi morando em outra cidade que não fosse lá. Acho que eu conseguiria morar em uma cidade como essa. Nem sei porque estou considerando essa hipótese...

— Chegamos. — ele fala, estacionando o carro em uma casa gigantesca toda de pedra cinza, com inúmeras varandas e um imenso jardim ao redor. De imediato, me vem à mente a imagem da casa do filme “Cartas para Julieta”, o mesmo estilo de casa de campo, algo que realmente pensei que só veria em

filmes, estou nesse momento vendo de perto.

Ele pega o celular e começa a discar um número, eu fico no banco esperando, um pouco desconsertada, um pouco sem saber o que fazer.

— Alô, Nick? Sou eu.

Agora sei que ele está ligando para a Nicole.

— Sim. Ela está comigo. É claro que ela está bem! Nick, por favor a gente ainda vai conversar sobre o que eu falei na sua casa, mas, não agora, ok? Tá, vou passar.

— Ela quer falar com você. – ele diz, me entregando o celular, parecendo estar meio contrariado.

— Alô?

— Você está bem?

— Estou. – respondo. Pra dizer a verdade, desde o momento em que entrei no carro dele, parece que propositalmente, me esqueci do episódio do apartamento da Nicole. Agora, ao falar com ela, a realidade está começando a me fazer pensar no que eu estava evitando.

— Manu, se você quiser voltar para cá, para esfriar a cabeça, se esse idiota do Daniel, que merece o troféu de besteiras cometidas em um ano, te fizer algo, você tem o meu número, me liga que vou te pegar, ok?

— Eu agradeço, de coração. Você tem sido muito bacana comigo. Fica tranquila. Está tudo bem.

— Vocês já conversaram?

— Ainda não, vamos fazer isso em breve.

— Então tá. Se precisar, me liga.

— Obrigada.

Clico em finalizar a chamada e entrego o celular para ele.

— Posso perguntar o que ela te disse? – ele pergunta, ainda dentro do carro.

Eu assento com a cabeça e começo a dizer.

— Ela perguntou se estou bem e se já conversamos. Disse também que posso ligar para ela se for preciso, se você fizer algo para mim e também te chamou de idiota.

Ele me olha como se estivesse tentando decifrar o que acho de tudo isso o que acabei de dizer.

— Ela parece estar furiosa com você, Dan.

— Sim, eu a decepcionei muito hoje, Manu. Ela é uma boa amiga, eu entendo a raiva dela. Ela fez muito por mim nesses últimos meses.

— E você vai me contar, não vai?

— Sim. Eu prometi, nós vamos conversar e eu vou te contar tudo o que aconteceu na Rússia e depois, quando voltei.

— Eu quero saber do que aconteceu antes também. – falo, me referindo ao que aconteceu com ele e a ex-mulher antes da viagem.

Ele fecha os olhos e seus lábios se contraem em uma linha fina. Sei que toquei em algo que talvez ele mesmo esteja fugindo, mas, se vou enfrentar isso, preciso saber de tudo.

— Espero que você me perdoe, algum dia. – ele diz, soltando um suspiro.

— Eu não tenho do que lhe perdoar, Daniel. Você vai me contar o que tem que contar e eu apenas terei que decidir se consigo conviver com isso ou não.

— Droga, Manu. Parece que ter falado com a Nicole a despertou de algo e a fez de repente, se afastar de mim. – ele fala, tombando a cabeça no encosto do carro.

— Dan? – eu o chamo, mas, ele não me olha.

— Ei, desculpa... – falo, tentando fazê-lo se sentir melhor. Não quero que ele pense que algo mudou só porque conversei com a Nicole. Eu apenas preciso ouvir o que ele tem a dizer e decidir se estou preparada para enfrentar isso ou não.

Ele continua de olhos fechados, com cabeça tombada para cima. Eu ainda estou de cinto de segurança, me livro dele, soltando-o e passo por cima do câmbio e sento no colo dele, obrigando-o a olhar para mim. Ele coloca os braços ao redor da minha cintura e me abraça contra o peito dele.

— Estou com medo. Um medo que nunca senti antes. – ele diz, me fazendo quebrar por dentro. Se ele soubesse que eu também estou com esse mesmo medo. Um medo tão grande que tenho até medo de falar. – Medo de te perder... – completa.

— Eu também, Dan. Medo de te perder novamente.

— Novamente?

— Sim, porque após o terceiro dia sem contato, falei para mim mesma que era o fim, que você não me procuraria mais, que eu havia sido para você somente uma aventura. Eu repetia isso para mim várias e várias vezes, todas as vezes que lembrava de você, me doeu muito aceitar isso, foi como se a felicidade tivesse sido arrancada de mim novamente, à força. – uma lágrima começa a escorrer do meu rosto e eu a enxugo, ele coloca a mão sobre a

minha mão e enxuga as lágrimas seguintes.

— Se eu tiver que passar o resto da minha vida te pedindo desculpas, se isso garantir que eu a terei do meu lado, sorrindo como você sorriu no dia em que vimos a Aurora, eu farei. — ele fala, beijando os meus olhos.

Um dia li uma frase que dizia que o amor anula qualquer necessidade de pedido de desculpas. Eu gostaria de saber o que é que sinto pelo Daniel ao certo, porque ainda estou confusa em relação aos meus sentimentos, mas, ainda assim, eu não quero e não preciso que ele me peça desculpas. Seja lá o que for que eu estou sentindo, parece ter anulado essa necessidade.

— Vem, vamos descer. — ele fala, me soltando.

Eu passo de volta para o outro banco e ele desce do carro e corre para o outro lado, para abrir a porta para mim.

— Desse jeito eu vou voltar a acreditar em príncipes. — brinco, segurando na mão dele.

— Quer que eu te deixe cair, só pra você não pensar que sou um? — brinca, com um sorriso malicioso que me faz estremecer.

— Não é preciso, sei que você é um sapo e não um príncipe.

— Melhor assim.

Ele parece ter pavor de que eu o veja como o cara perfeito, como se esse rótulo o incomodasse profundamente. Nisso somos parecidos, porque também não quero que ele me veja como a garota certinha e perfeita, eu também tenho os meus defeitos, também estou sujeita a fazer besteiras e provavelmente, também algum dia, farei algo que o chateará. Se tem uma coisa que aprendi com a minha história com o Léo, é de que o fantástico em um relacionamento é aceitar as imperfeições do outro e aprender a admirá-las. Eu admirava o jeito confuso do Léo.

Eu pego a minha bolsa enquanto o Dan pega a minha mala. Caminhamos por um caminho de pedras que é separado da grama por pequenas pedras brancas fazendo uma trilha, ele tira a chave do bolso, abre a imensa porta de madeira escura e segurando em minha mão me puxa para dentro.

— Essa é a minha casa, Manu, quero que sinta como se estivesse na sua casa. — Ele diz, me fazendo dar alguns passos para dentro enquanto eu ainda tento dizer algo.

— Dan, é fantástica! — finalmente falo.

Ele me vira para ele e ficamos frente a frente.

— Posso fazer uma coisa?

— Você está na sua casa, como me pergunta se pode fazer alguma coisa?

— Porque é com você que quero fazer.

— Mais um motivo para não pedir. – respondo, sentindo o meu estômago congelar em antecipação.

Segundos depois, sua mão alcança uma mecha do meu cabelo, ele a coloca atrás da minha orelha e se aproxima de mim. Eu fecho os olhos, à espera do beijo dele. Sinto a sua respiração cada vez mais perto e então, ele encosta a boca no meu pescoço, percorrendo-o para cima e uma voz doce soa em meu ouvido.

— Eu te adoro, pequenina.

Meu corpo todo amolece, como se eu fosse cair no chão. Sinto as minhas pernas tremerem e estranho a minha reação. Não é a primeira vez que ele diz isso, mas, ainda assim, sinto como se tivesse ouvindo pela primeira vez. Eu abro os olhos, já cheios de lágrimas e o vejo olhar para mim, sorrindo lindamente.

— Eu também adoro você, Dan. – respondo, feliz por estar conseguindo dizer o que sinto. Ele me dá um beijo casto em minha testa e quando penso que vai me soltar, sua boca vem de encontro com a minha e nos beijamos com toda vontade possível. Acho que havíamos guardado esse beijo para esse momento. Um beijo cheio de sentimentos. De vontade. De carinho. Nos beijamos até sentirmos a necessidade de pararmos para respirar.

— Vou te levar para conhecer a casa e o seu quarto.

Eu fico um pouco frustrada quando ele diz “o seu quarto”. Achei que ficaríamos juntos, mas, nada falo para ele. Começo a andar ao lado dele, enquanto ele me apresenta cômodo por comado. Que são vários. Passamos pela cozinha, estilo americana, com uma gigantesca bancada no meio, a casa toda tem um jeito rústico de fazenda misturada com itens modernos. Subimos as escadas e ele abre a primeira porta.

— Esse é o quarto da Bianca. – ele diz, com os dedos entrelaçados nos meus.

— O que vai dizer a ela sobre mim? – questiono.

— A verdade. – ele responde, demonstrando não estar incomodado com o assunto. – Eu também tenho um pacto de sinceridade com ela, amanhã contarei a verdade para ela.

— Estou com medo. – solto.

— Você não precisa ter medo, Manu. Ela vai adorar você. – ele me dá

um beijo rápido e termina — Porque o pai dela adora e ela e todos vão saber disso.

Eu sorrio. Um sorriso besta. Não vou me cansar de ouvi-lo dizer que me adora. Cada vez que ele diz isso, sinto vontade de entrar dentro dele e lá me aninhar.

Eu não me senti à vontade para entrar no quarto da filha dele sem ela estar presente, então, não passei da porta, ele parece ter percebido e logo saímos do quarto e seguimos pelo corredor até a próxima porta.

— Esse é o meu quarto. — ele diz, abrindo a porta em seguida. Eu permaneço parada, considerando a hipótese de que possa encontrar nele algo que não goste. Uma foto da ex-mulher por exemplo, alguma coisa que ela ainda tenha deixado.

— Ei, bela, o que foi? Não vai entrar? — ele pergunta, como se estivesse lendo os meus pensamentos. Eu dou de ombros e nada respondo.

— Me diz o que está passando nessa cabecinha, porque quero tirar dela todo e qualquer pensamento ruim.

— A sua ex... Vou encontrar algo dela no seu quarto? — pergunto, envergonhada por assumir que estou com ciúmes do que eu possa ver.

— Serio que está pensando nisso? — ele diz, segurando o meu rosto, que está abaixado, puxando-o para ficar de frente para ele.

Eu balanço a cabeça em afirmativo.

— Acho que esqueci de mencionar quando te contei sobre a separação, embora no papel ainda não tenha ocorrido... Eu comprei essa casa depois que separamos. A Letícia nunca pisou aqui, eu a proibi. Ela espera a Bianca na porta, mas não entra.

Eu respiro aliviada. Começo a acreditar que realmente ela é apenas o passado dele e nada mais.

— Aliviada? — ele pergunta, tirando sarro do meu suspiro.

— Muito.

— Você é a primeira mulher que trago para cá, Manu. E se depender de mim, vai ser a última também, porque essa casa só vai conhecer o seu rosto. — ele beija o meu pescoço. — O seu perfume. — beija o meu rosto. — A sua risada. — beija o canto da minha boca. — Somente você, minha bela Manuela.

A sua frase me deixa aliviada e também feliz. Ainda não conversamos sobre o nosso futuro, mas, gosto da sensação de estar inserida no futuro dele.

— Vem, vou te mostrar o meu quarto. — ele diz, buscando a minha mão.



Daniel

“Cause with your hand in my hand. And a pocket full of soul. I can tell you there's no place we couldn't go. Just put your hand on the glass, I'll be tryin' to pull you through. You just gotta be Strong”

“Porque com a sua mão na minha mão. E um bolso cheio de alma. Posso dizer que não há lugar aonde não podemos ir. Apenas ponha a sua mão no vidro. Estarei aqui tentando puxar você. Você só tem de ser forte.”

(Justin Timberlake – Mirros)

Ela começa a caminhar em sentido à porta, para sair do quarto e eu apenas a deixo me conduzir. Quando chegamos na porta, eu paro, e a viro para mim.

— Está fugindo? – pergunto. Ela ainda não entendeu.

— Eu? Não... Você me chamou e disse que ia me levar para eu conhecer o quarto que irei ficar...

— E então? – eu seguro o riso, estou gostando de deixá-la confusa.

— Então que estamos saindo do seu quarto para você me mostrar o “meu”. – ela faz aspas com as mãos ao pronunciar a palavra meu. Nesse momento, a luz do sol que bate na sacada do meu quarto, reflete nos cabelos claros dela, e uma cor dourada inunda a minha visão. Vontade de apenas a observar, puta que pariu, como ela é linda!

— Manu, acha mesmo que eu te colocaria em outro quarto? Separada de mim? – finalmente falo, observando a cara de espanto e ao mesmo tempo vergonha dela.

— Seu bobo! – ela diz, dando um tapa de leve no meu ombro.

— Por você, já falei.

— Bobo de novo, então. Eu estava mesmo acreditando em você... E estava frustrada, eu confesso.

— Frustrada? Quer dizer que se eu te colocasse no quarto de hóspedes, você ia ficar frustrada? – eu a puxo para mais perto de mim, envolvendo os

meus braços ao redor da cintura fina dela.

— Sim. – ela responde, fazendo biquinho.

— E não ia dizer nada, não é mesmo? Não ia me dizer que preferia ficar comigo no meu quarto, estou errado?

Ela me olha como uma criança que acabou de levar uma bronca do pai.

— Provavelmente não.

— Psiu. – a chamo, fazendo-a olhar para mim. – Cadê aquela Manu sincera?

— Ainda está aqui, eu só não me senti à vontade para dizer que gostaria de ficar no seu quarto, com você. Não me senti com esse direito.

— Agora o “boba” vai para você. – eu falo, beijando-a sem seguida. Ela retribui o beijo e me abraça com força. – Manu, acho que você ainda não se deu conta de como é importante para mim, eu até a entendo, parece estranho um cara que ficou ao seu lado por apenas dez dias, estar dizendo que você é muito, muito importante para ele, mas, eu quero tanto que você acredite em mim, que acredite de uma forma que não espere explicação, apenas acredite. Eu não saberia explicar, só sei que ter você em meus braços, agora, nesse momento, me dá a sensação de que sou o cara mais feliz do mundo.

— E o que nós vamos fazer? Como vamos fazer?

Pronto! A pergunta que eu tanto temia. A pergunta para qual não sei a resposta, mas, estou disposto a ir até o fim do mundo para encontrá-la.

— Vamos começar conversando sobre o que aconteceu. Você precisa saber de tudo. – eu a solto e a fito nos olhos, que estão brilhantes, marejados de lágrimas.

— Ok. – ela responde, sem tirar os olhos dos meus.

— Vamos para a cozinha, você deve estar com fome, vou fazer um macarrão para nós.

Ela ri e eu não entendo o motivo.

— O que foi?

— Você tem um problema sério com assuntos sérios e comida. – ela responde, ainda rindo.

— Como assim?

— Em Tromso, quando foi me contar da separação, também pediu que falássemos durante o café, agora, que o assunto também é sério, vamos falar comendo macarrão...

— Podemos falar na banheira de hidro, o que acha?

— Acho que estou com fome...

— Então vamos descer.

— Dan? – ouço-a chamar.

— Sim.

— Vamos poder usar a banheira outra hora? – ela olha para cima, envergonhada e isso me deixa maluco.

— Ainda hoje. – respondo, bem próximo ao seu ouvido.

A Manu senta em uma banqueta enquanto coloco a água para ferver e corro até a sala para ligar o rádio, seleciono Michael Bublé e Everything começa a tocar, volto para a cozinha e a vejo olhando para fora da imensa janela que fica na direção da pia. Eu a surpreendo por trás, beijando-a no pescoço. Ela solta um gemido e sua mão acaricia o meu rosto.

— Presta atenção nessa parte que vai vir. – falo, chamando a atenção dela para a letra da música. – “E o que quer que venha no nosso caminho, nós perceberemos”. – Canto para ela em português. – “E você sabe que é isso o que o nosso amor pode fazer”. – ela me olha e balança a cabeça em afirmativo. Solta um suspiro. Fecha os olhos. E eu continuo a cantar para ela. “E nessa vida louca, e por esses tempos malucos, é você, é você, você me faz cantar. Você é cada frase, você é cada palavra. Você é tudo”.

O refrão recomeça e ela o canta comigo em inglês, com os nossos olhos presos um no do outro, como se não nos importássemos com a água que está borbulhando na panela, como se o mundo ao redor fosse apenas uma tela de pintura.

— Eu já te falei que te adoro? – pergunto, assim que a música acaba, sendo substituída por “Home”.

— Ainda não. – ela responde, com um sorriso malicioso nos lábios.

— Mentirosa. – brinco.

— É pra ver se ouço de novo.

— Eu-Te-Adoro. – falo, pausadamente.

Ela morde os lábios e isso me alucina, eu a pego no colo, segurando-a pela cintura e a coloco sobre o balcão.

— Ah Manu, se você soubesse como me deixa maluco quando morde esses lábios.

— Assim? – ela os morde novamente. A danada sabe como me provocar.

— Bem assim... – respondo, me aproximando dela.

— Chega mais perto. – ela pede, mordendo os lábios mais uma vez. Inferno! O meu membro inferior começa a pedir por mais espaço. Eu me

encosto no balcão e ela abre as pernas e as coloca ao redor de mim.

— Me beija. – ela pede, encarando-me.

Eu não espero nem mais um segundo e a beijo, sugando-a, acariciando-a, lambendo-a, tudo ao mesmo tempo.

— Adoro você, Daniel. – ela diz, entre um gemido e um beijo.

Eu volto a beijá-la, desse vez no pescoço, ela tomba a cabeça para trás e se arrepia com o toque da minha boca na sua pele. Desço para o colo dela e beijo cada espaço à mostra.

— Desse jeito a gente não vai conseguir conversar. – ela sussurra.

— A gente conversa depois. – respondo, louco de desejo por ela.

— Dan, a água. – ela diz, eu não entendo o que ela quer dizer e continuo a beijá-la.

— Dan! – ela me chama, desse vez me fazendo levantar a cabeça.

A água começa a transbordar da panela e a cair no fogão, eu a deixo sentada sobre o balcão e corro até o fogão, abaixando o fogo.

Nós dois caímos na risada.

— Acho melhor eu me concentrar no nosso macarrão. – falo, piscando para ela.

— Definitivamente, você está certo.

Eu preparo um molho de camarão com requeijão e palmitos e coloco a massa na água fervente. A Manu fica me observando cozinhar sentada na banqueta, há momentos em que olho para ela e a vejo com o mesmo olhar perdido que a vi pela primeira vez e isso me assusta, porque tenho medo de que ela esteja ainda confusa em relação aos meus sentimentos por ela, ou pior ainda, medo de que ela esteja confusa em relação aos sentimentos dela por mim.

— Eu já te disse que te adoro? – pergunto, enquanto pico a salsinha. Quebrando o silêncio.

— Acho que não. – ela responde, com um sorriso no rosto.

Eu largo a faca sobre a pia e caminho em direção a ela.

— Eu te adoro. – digo, bem próximo a ela. – Infinitamente.

— Infinitamente? – ela pergunta, erguendo uma sobrancelha.

— Sim. E se não for o bastante para você, eu te adoro do tamanho do universo, multiplicado pelo o infinito. – Ela não precisa saber agora que provavelmente eu já não a adoro mais, que provavelmente eu já estou no estágio da paixão e embora a ciência diga que o amor leva mais de um ano para se manifestar, eu arrisco a dizer que estou caminhando rumo a ele então.

— Dan...

— Não fala nada, minha bela Manuela. — falo, antes que ela me repreenda pelo o que acabei de dizer.

— Não! — ela diz, me fazendo assustar. — Eu preciso dizer... — ela espreme os olhos. — Eu gosto muito de você, mais do que eu pensei que pudesse gostar de alguém em tão pouco tempo. E eu estou feliz. É isso.

Porra! Como não sorrir ao ouvir isso? Essa garota é perfeita, perfeita para mim. Eu a quero de uma forma tão maluca e surreal, de uma forma alucinada. Ela mexe com todos os meus sentidos, meus pensamentos, meu corpo. Como se a presença dela fechasse a ferida que a Letícia deixou em mim. Não, ela não apenas fecha a ferida, ela a cicatriza, cada vez que olha em meus olhos e diz que me adora, cada vez que a vejo se perder quando estamos na cama, cada vez que a vejo com os olhos marejados de lágrimas.

Eu encontrei a mulher da minha vida.

Só preciso descobrir como dizer isso a ela.

— Obrigado. — falo, por não conseguir encontrar outra palavra para dizer e expressar a felicidade que sinto agora.

— É um prazer. — ela responde, rindo em seguida. — Para o seu conhecimento, ainda estou com fome. — diz, passando a mão sobre a barriga.

Volto para a pia rindo e balançando a cabeça. Termino o molho e começo a colocar a mesa.

— Posso te ajudar? — ela diz, se levantando da banqueta e me seguindo até a sala de jantar.

— Pode sim, pega por favor duas taças de vinho e coloca na mesa. — respondo.

Ela para e me olha séria.

Droga! Eu preciso me acostumar a minha nova realidade. Nada de álcool. Nem um gole. Porque esse único um gole pode me levar para o fundo do poço novamente.

— Suco de uva? — pergunto, tentando decifrar se ela está brava ou não.

— Suco de uva com massa é perfeito. — ela diz, tirando sarro. Ufa, pelo menos sei que ela não está brava comigo.

Terminamos de colocar a mesa e eu a sirvo, espero ela aprovar o prato para me servir. Sirvo uma taça de suco de uvas verdes para ambos e me sento de frente para ela.

— E então? — pergunto, após ela dar algumas garfadas em silêncio.

— Você cozinha bem. Nem vou comparar a mim, porque eu não

cozinheiro quase nada, mas, minha mãe iria adorá-lo.

Eu não pude evitar de sorrir ao ouvi-la dizer que a mãe iria me adorar, é como se ela me dissesse que um dia eu irei conhecer a mãe dela e pensar nisso, me traz alívio para a pergunta dela que martela dentro da minha cabeça. E o que vamos fazer depois? Eu a quero na minha vida, mas, a minha vida está uma bagunça. Eu volto a trabalhar em três semanas. Ela logo voltará para São Paulo. — Preciso conversar com ela sobre isso também, porque quero saber quantos dias ela pretende ficar, quero levá-la para conhecer tantos lugares aqui no Sul — Eu não sei como, só sei que vamos ter que dar um jeito.

— Quer começar? — ela pergunta, após tomar um gole do suco de uva, feito pela vinícola da minha família. Ela coloca os talheres sobre o prato, encerrando a refeição.

— Quero. — não, eu não quero. Eu queria mesmo é esquecer tudo o que fiz, principalmente tudo o que fiz a ela, mas, sei que para seguirmos em frente, tenho que contar tudo, começando pela Letícia.

— Me dá a sua mão? — estico a minha mão até metade da mesa e ela faz o mesmo. — Aconteça o que acontecer, mesmo que eu conte algo que não te agrade, promete não soltar a minha mão?

— Eu nunca mais vou soltar a sua mão, Dan.

E ela me tem nas mãos dela. Eu me coloco propositalmente e intencionalmente, nas mãos dela, porque eu confio nela, porque eu sei que ela fará de mim, um homem feliz. Ela já está fazendo.

Respiro fundo e afasto o pensamento de que ela provavelmente não vai gostar do começo da história. Solto a respiração e começo.

Eu e a Letícia fizemos a mesma faculdade, tínhamos a mesma turma. — começo, enquanto ela passa o polegar na minha mão em um vai e vem sincronizado. — A minha turma havia marcado um encontro, como fazemos todos os anos. Eu não sabia que ela ia. Nós quase não tínhamos contato. Eu não dava espaço. Falávamos somente sobre a Bianca, nada mais. Naquela noite, eu não bebi. Eu fiz a maior burrada de todas e eu estava sóbrio. Começamos a conversar. Eu havia dado um tempo de ficar com mulheres só para satisfazer o meu desejo sexual. Eu estava com vontade. Acreditava que ela ainda exercia algum poder sobre mim. Foi baseado nessa crença que me permiti seguir com ela para o apartamento dela. — eu faço uma pausa quando percebo que ela para com o vai vem. Ela olha para baixo. Isso me quebra. Por que ser sincero custa tão caro assim? Custa o sorriso no rosto dela, o sorriso

que agora sumiu.

— Continua. — pede, sem olhar para mim.

— Manu? — a chamo.

— Continua, Daniel. — dessa vez ela me encara. Sei que ela está chateada e o pior de tudo é que ainda tenho muita merda para contar.

— Não sou o cara perfeito, lembra?

— Não. Não é... — ela solta um suspiro. — apenas continua. Eu posso aguentar, afinal, nem tenho o direito de ficar chateada.

— Do que você está falando? — eu percebo o que ela está fazendo com ela mesma e não posso permitir que faça isso. Ela não pode se colocar nessa posição. Ela já é importante demais para mim para se menosprezar dessa forma. — Manuela, olha para mim. — ordeno, sério.

Ela me olha.

— Não faça isso. Não chegamos ao ponto ainda de definirmos a nossa relação, mas não faça isso.

— Esse é o ponto, Daniel. Que relação? Foram dez dias. Onze, se contarmos esse de hoje.

— Não. Por favor, Manu.

— Eu não estou te cobrando uma definição. — ela responde irritada.

Como mudamos o foco do assunto dessa forma? Cara, você estava achando que estava tudo bem, que ela ia conseguir lidar bem com essa merda toda, mas, a verdade é que ela está apenas escondendo o que a está machucando por dentro. Eu sou um estúpido mesmo! Como pude esquecer que ela ainda tem as cicatrizes dela para curar e que uma delas é justamente a de não ter tido um relacionamento definido com o ex, lembro dela ter contato que começaram a namorar quando ele já estava no hospital.

— Eu sei que não, bela. — mas eu quero uma definição e quando eu terminar de contar tudo o que tenho que contar, se você ainda achar que vale a pena, nós vamos conversar sobre isso também.

— Eu não quero conversar sobre isso. — Puta merda, como ela é teimosa. Eu sinto que ela está se afastando de mim, que ela está colocando entre nós uma parede invisível e eu não entendo o porquê.

— Mas nós vamos! — respondo, com a voz firme. — Eu não sou o seu ex-namorado, Manuela. — quando me dou conta, a merda já foi feita. Ela me olha furiosa, posso jurar que vi os seus olhos ficarem escuros. Eu peguei pesado. Nem sei como chegamos a esse ponto.

— Não fala do Leonel! — ela responde, alterando o tom de voz, soltando

da minha mão e se levantando da mesa.

— Manu, espera! – peço, quando percebo que ela está correndo para as escadas. Eu levanto, jogando a cadeira no chão e corro atrás dela.

— Me desculpa. – falo, assim que entro no banheiro e a vejo sentada na beirada da banheira. Ela fica movimentando a cabeça em negativo e isso começa a me assustar. Tenho medo de que ela se feche e não me deixe entrar. Medo de que ela coloque a tal parede invisível entre nós.

— Manu, eu não quis dizer o que disse. Para ser sincero eu nem sei como chegamos nisso. Eu só queria te deixar segura de que eu penso em um futuro com nós dois, eu queria que soubesse que você é mais do que sexo ou tesão. E no fim, eu estraguei tudo.

— Eu não sei se posso lidar com isso. – diz, com a voz trêmula.

Meu coração dispara em agonia. Não, por favor, Manuela, não vamos por esse caminho. Repito mentalmente.

— A gente vai dar um jeito juntos, Manu. Me desculpa por ter falado nele...

— Daniel, você não está entendendo... Isso é muito pra mim, não é o fato de você ter falado no Leonel. Não é só isso. É tudo. Você, a sua ex, que agora está grávida de você, a sua filha que pode não gostar de mim, a sua doença. – ela faz uma pausa, como se ela tivesse se dado conta de que agora foi ela quem disse algo que não devia. – Desculpa. – ela diz, encerrando o que estava falando.

Eu me ajoelho de frente para ela e nada falo. Eu estava certo quando decidi não procurá-la. A minha doença vai acabar sendo um fardo para ela e eu não quero isso.

— Você está certa. É muita coisa para você. Você não tem que passar por isso. – falo, buscando o olhar dela.

Ela me olha espantada, como se tivesse sido surpreendida com a minha fala.

— É isso então? – pergunta. Eu sei que ela está se controlando para não chorar. Eu sei que ela está magoada, mas, droga, eu também estou.

Em Tromso, eu cheguei a acreditar que as nossas cicatrizes fossem na verdade o que nos tornava perfeitos um para o outro, agora, após termos nos machucado com palavras, talvez eu possa ter me enganado. Será que alguém ferido consegue ser feliz de novo sem antes curar a sua ferida?

— Vou ligar para a Nicole. Vou para a casa dela. – ela diz, se levantando. Eu fico no chão, observando-a sair do banheiro.



Manuela

“Cause I don't wanna lose you now. I'm lookin' right at the other half of me. The vacancy that sat in my heart. Is a space that now you hold. Show me how to fight for now. And I'll tell you, baby, it was easy. Comin' back into you once I figured it out. You were right here all along.

It's like you're my mirror. My mirror staring back at me.”

“Porque eu não quero perder você agora. Estou olhando bem para a minha outra metade. O vazio que se instalou em meu coração. É um espaço que agora você guarda. Mostre-me como lutar pelo momento de agora. E eu vou lhe dizer, baby, isso foi fácil. Voltar para você uma vez que entendi. Que você estava aqui o tempo todo. É como se você fosse o meu espelho. Meu espelho olhando de volta para mim.”

(Justin Timberlake – Mirros)

De repente, estamos nos ferindo com palavras, lançando um para o outro, flechas invisíveis. Pontiagudas. Certeiras. Era para ser uma conversa sincera. Ele ia me contar tudo o que houve com a ex e depois, na Rússia. Eu não dei a ele a chance de fazer isso. Conforme ele foi falando dela, meu estômago foi embrulhando, comecei a sentir raiva enquanto me perguntava se ele havia mesmo superado o que sentia por ela. Comecei a me sentir como uma idiota. Uma ingênua. Senti medo. Medo de não ser para ele, o que ela foi um dia.

Quando ele disse que não era o Leonel, meu coração acelerou. Ele não é o Léo. Nunca será. Ninguém será como o Léo. O meu Léo. O cara que me fez chorar silenciosamente porque eu não fazia ideia de que ele gostava de mim como eu gostava dele, o cara que nunca fez questão de ser perfeito. Assim como o Daniel. Nisso, eles são iguais. Mas, eu nunca o comparei com o Léo e foi injusto ele cuspir aquilo para cima de mim na sala de jantar.

Eu corri para o banheiro para poder chorar em paz, mas, fiquei aliviada

quando ouvi a sua voz vindo atrás de mim e agora, agora parece que fui mais uma vez quebrada em mil pedaços. Estou perdendo algo. Algo que mal cheguei a ter. Eu quero voltar lá e me jogar no colo dele, quero me desculpar por ter dado a entender que a doença dele é um problema para mim, porque não, nada é, se comparado ao medo sufocante que estou sentindo agora. Medo de que esse seja o nosso ponto final. O temível ponto final, aquele que não permite a interrogação, nem tampouco a reticência.

Pego a minha bolsa e procuro o meu celular, com as mãos tremendo, busco o nome da Nicole nos contatos. Eu sento porque minhas pernas também estão tremendo. – Não chora, Manu. – repito para mim mesma. – Seja forte. Você já passou por coisa pior. – as frases de autocontrole continuam – Você vai ficar bem. – clico em discar e coloco o telefone no ouvido.

— Espera! – ouço-o gritar, vindo rápido como um foguete. – Não faz isso! – pede, segurando na minha mão.

Ele tira o celular de mim e aperta cancelar. Eu apenas o encaro. Aliviada. Suspiro. Começo a chorar.

— Você não vai embora sem antes me ouvir. – sua voz é grossa, determinada. – Sabe o que eu acho? Acho que você devia ter me xingado quando me viu, devia ter brigado comigo por eu ter deixado você na Europa, devia ter gritado comigo quando ouviu sobre a gravidez da Letícia. Você não explodiu, Manu. Você não se permitiu explodir e não colocou para fora todo o mal que lhe causei. Você precisa fazer isso para continuarmos de onde paramos. Faça. Por favor.

Eu olho para ele espantada e confusa ao mesmo tempo. O que ele quer que eu faça afinal? Eu não posso vomitar nele tudo o que pensei e senti. Eu não posso fazer isso.

— O quer que eu diga? – pergunto, controlando o choro.

— Diga o que sentiu quando se passou os malditos dez minutos e não entrei no Skype para conversarmos. Diga o que sentiu quando os dias se passaram após você ter ligado para a Nicole para saber de mim e não recebeu a minha ligação de volta. Quero que diga se ficou triste por ter passado os últimos três meses se perguntando se íamos nos ver de novo. É isso.

— Eu não vim aqui para falar de mim. Eu vim para ver você, para saber dos seus motivos e não para falar de mim. – argumento.

— Não é de você, é de nós! – ele solta, como se estivesse desesperado para que eu fale algo. — Porque se você não falar de você, se você apenas me

ouvir contar tudo o que aconteceu e não colocar para fora cada sentimento contraditório que esteja latejando dentro de você, dificilmente haverá um “nós”.

Eu fico olhando para ele, ainda com os olhos cheios de lágrimas e pensando se ele não tem razão. Eu não fiz nada do que ele falou, eu sofri, senti, me magoei e em momento algum, eu coloquei isso para fora. Acho que ainda há muito da Manu de antes dentro de mim.

— Anda, Manu, eu preciso que você tente. Se você sente mesmo algo por mim, eu preciso que faça isso. – eu vejo desespero em seus olhos, ele parece estar sentindo o mesmo medo que eu.

— Eu te odiei. Odiei quando aqueles dez minutos se passaram e você não me procurou. Doeu demais enviar mensagem para você e não receber a sua resposta. Doeu mais ainda entrar em contato com a Nicole após ter passado boa parte do tempo tentando descobrir o número dos seus pais, só para ouvir ela dizer que não tinha notícias suas, mas que pediria para você entrar em contato comigo assim que vocês se falassem. Doeu. E doeu porque há pouco tempo atrás, eu perdi o meu namorado e o seu sumiço me fez reviver a mesma sensação. Eu estava perdendo alguém de quem estava começando a gostar.

Eu respiro com força, tentando me acalmar. Ele se senta do meu lado e enxuga as minhas lágrimas. O toque da sua mão em meu rosto tem efeito contrário e me faz chorar mais ainda. Choro tudo o que não chorei. Até agora.

— Continua. – ele pede, com a voz mansa.

— Doeu também quando liguei para a Nicole e ela disse que você já havia voltado da Europa. Eu me senti como aqueles panfletos que jogam nas nossas casas, sabe? Aqueles panfletos que ninguém quer ler. Você não me ligou. Você retornou e nem sequer se deu o trabalho de me procurar. Isso doeu, mas, nada se compara a dor de ouvir você confessar para a sua amiga sobre a gravidez da sua ex-mulher. Aquilo me cortou por dentro, me atingiu em cheio e me tirou todas as defesas. E eu senti pela terceira vez, a dor mais surreal de todas.

Ele me abraça forte. Tão forte que chega a doer.

— Agora que conhecemos a sua dor. É hora de curarmos ela. – sua voz baixa entre em meus ouvidos como se fosse uma melodia calma em meio ao barulho de um centro urbano. Sensação de alívio. A já conhecida sensação de porto seguro começa a me dominar.

Eu inspiro. Respiro. Faço o mesmo processo várias vezes, lentamente.

Ele começa a alisar o meu cabelo, sem pressa, sem falar nada, apenas alisa, enquanto minha cabeça descansa no ombro dele.

E então você percebe que depois de verbalizar um sentimento, seja bom ou ruim, ele vai com o tempo, diminuindo, é como se a consequência de guardá-lo para você, fosse a angústia e a recompensa por verbaliza-lo, fosse a libertação dele mesmo.

Acabamos de lutar a nossa primeira batalha. Foi o nosso primeiro teste. Acho que sobrevivemos. Ele me forçou a falar da minha dor. Ele sabia que isso iria me fazer me sentir melhor. Eu estou melhor. Eu apenas falei para ele o quanto doeu e isso já foi o suficiente para tirar de dentro de mim a raiva que eu estava sentindo. Raiva essa que eu desconhecia a existência até o momento em que estávamos comendo.

— Está mais calma? – ele pergunta, me fazendo olhar para ele. Sei que devo estar um horror, devo estar vermelha, com os olhos inchados, mas, eu simplesmente não me importo que ele me veja assim. Posso ainda ter muita coisa da Manuela antiga, mas, a Manuela nova não se importa de chorar na frente do cara por quem está se apaixonando, ela já fez isso uma vez e sabe que as consequências não são boas.

— Acho que sim. – respondo, com a voz chorosa. Ele passa a mão em meu rosto e eu fecho os olhos. Sensação de paraíso. Meu paraíso. Sensação de que encontrei o meu lugar. E esse lugar só existe quando sinto que ele está ligado a mim. Quando sinto o toque das mãos dele em minha pele, quando sinto que existe a possibilidade de ficarmos juntos. Meu paraíso existe se ficarmos juntos.

— No que está pensando? – pergunta, me fazendo abrir os olhos.

— Na gente... em tudo...

— Ainda precisamos conversar, você sabe...

— Sim. Precisamos, mas, pode ser mais tarde?

— Claro, minha pequenina... e o que quer fazer agora?

Eu olho para imensa cama em que estamos sentados e olho para ele.

— Quer deitar?

— Com você. Ficar quietinha, abraçada a você.

— Ah... minha Manuela... vem cá. – me puxa para ele e me leva para o começo da cama. Eu tiro minha sandália *anabela* e ele tira o *sapatênis* dele, puxa o edredom preto que cobre a cama, e nos enfiados debaixo dele, os dois juntos.

— Segura a minha mão. – ele diz, com sua mão buscando a minha. – E

dessa vez, não solta não.

Sua fala me faz me sentir culpada. Eu não sou a única que está sentida com tudo isso que nos aconteceu. Fui egoísta com ele, fui mesquinha. Eu disse que não soltaria a mão dele e na primeira prova de força, com uma facilidade tremenda, nos soltamos.

Ficamos de conchinha por cerca de meia hora. Apenas abraçados. Sem nenhuma segunda intenção. Sem desejo. Só carinho. E eu adoro ele. E eu preciso dizer isso a ele. A todo momento. Porque o momento passa rápido. Eu já perdi muitos momentos por não ter dito o que queria dizer ao Leonel, não posso permitir que a história se repita. Não é isso que o Léo quer. Ainda vejo a imagem dele me pedindo para ser feliz. Eu estou tentando, Léo. E eu te agradeço por me fazer tentar.

— Adoro você. — solto, sentindo a respiração dele atrás de mim. Ele me vira para ele, seus olhos azuis brilham intensamente. Você sabe quando uma pessoa está feliz pelo brilho dos olhos dela. Eu acabei de deixa-lo feliz. Ele está feliz. — Adoro do tamanho do universo, multiplicado pelo infinito.

Ele olha e sorri satisfeito. Eu acabei de usar a fala dele e ele parece ter gostado.

— Eu também adoro você, Manu. Do tamanho do universo, multiplicado pelo infinito. Talvez, seja amor. — ele completa.

Eu suspiro. A frase dele começa a ecoar em minha mente. “Talvez seja amor”. “Talvez seja amor”. “Talvez seja amor”. E vai ficando cada vez mais forte, como uma batida. Como uma água presa em uma represa, querendo ganhar o rio. Eu solto a represa.

— Talvez seja amor. — repito, fitando-o.

— Preciso te beijar agora.

— E eu preciso que me beije.



Daniel

“I should be over all the butterflies, But I'm into you (I'm into you)”

“Eu devia ter superado todas as borboletas, mas, eu estou afim de você (afim de você)”

(Paramore – Still into You)

O beijo acontece muito antes que nós dois tenhamos tempo de dizer mais alguma palavra. Os lábios úmidos dela me deixam maluco, com vontade de beijá-la cada vez mais forte. Não consigo não pensar em o quanto estou gostando dessa garota e em quanto eu a quero na minha vida. Todos os dias. Pelo resto da minha vida.

Talvez seja amor... Que idiotice! Claro que não existe um talvez. Os cientistas que se explodem! Não preciso esperar um ano, esperar a paixão cessar, para então descobrir que a amo. Eu posso amá-la mesmo com todas as reações químicas que o meu corpo produz por estar apaixonado, mesmo com as tais doze áreas do cérebro ativadas como consequência dessas reações químicas. Que venha mais oxitocina, mais dopamina e mais quantos hormônios responsáveis pela paixão quiserem vir. Se estar apaixonado é ser comparado a um viciado, bom, de vício, eu conheço e posso dizer que sou bem capaz de entrar em abstinência se tiver que conviver com a ideia de não ter a Manu na minha vida. Portanto, eu não sou só um cara apaixonado, eu sou um cara perdidamente apaixonado que sabe que o estar a um passo de amar.

— Quer conversar agora? – pergunto, após nos beijarmos por longos minutos.

— Quero sim. – responde, se sentando na cama.

— Me dá a sua mão? – peço.

Ela sorri. Um sorriso tímido. Sorriso de quem entendeu.

— Não vou soltar dessa vez. – ela diz, colocando a sua mão sobre a

minha, em minha perna.

— Eu não deixaria que isso acontecesse de novo. – falo, alisando a pele macia dela.

— Então começa, quero saber o que fez você fugir de mim por tanto tempo.

— Fugir? Você só pode estar brincando.

— Sim. Fugir. Mas, não deu certo. Eu vim atrás de você.

— Se fugi, foi para você me encontrar bem. Como estou agora. Você não merecia me ver no estado em que cheguei.

— Não, Dan. Eu não merecia ficar sem você, eu queria estar lá, queria ter te ajudado.

— Você estava. Entre loucura e lucidez, você estava. Em minhas memórias. Em minhas visões turvas, acredite.

— O que aconteceu afinal?

Eu tento relaxar para começar a contar a história, desde a noite anterior à viagem para a Rússia, que foi quando eu abri a porta para o inferno e me permiti por lá caminhar.

— No dia que você viajou para a Dinamarca, eu quase pirei. Eu me senti perdido, sem propósito. Fiquei acostumado a ter a sua companhia por dez dias. Eu já havia me acostumado a ser sozinho. A ficar sozinho. A ter mulheres na minha vida somente quando precisava de sexo, e então eu vi você... – faço uma pausa, a visão dela sentada no aeroporto com o coque bagunçado, me vem à mente. Olho para ela agora, sentada na minha frente, me olhando de um jeito carinhoso, penso em o quanto sou grato por ter sido afortunado em ter alguém como ela na minha vida. Alguém que já foi tão fodidamente ferida pela vida, como eu fui. – Você mudou tudo. E aqueles nossos dez dias foram o suficiente para me mostrar que eu não estava certo sobre nunca mais gostar de alguém. Eu gostei de você muito antes do que você possa imaginar. E eu pirei quando te vi partir naquele aeroporto. Pirei esperando você entrar em contato para dizer que chegou. E o que veio depois, até o nosso próximo contato, você já sabe.

— Sim. Eu sei. Você me contou que bebeu, eu só não imaginava que o motivo seria eu. – ela aperta a minha mão, e eu seguro firme a dela na minha.

— Você não foi o motivo, bela, pensar que eu talvez não fosse mais te ver, esse sim foi o motivo.

— Dan?

— Diga, Manu.

— Falar sobre isso, vai te fazer mal? – ela me olha com curiosidade, esperando uma resposta.

— Não. Eu quero fazer isso.

— Ok. Então vamos em frente!

— Os dez minutos... – falo, fazendo referência aos dez minutos que disse a ela para esperar para nos falarmos pelo Skype, ela balança a cabeça em afirmativo, indicando que compreendeu. – Eu estava indo para o meu quarto quando encontrei um antigo amigo no bar do hotel. Eu recusei o primeiro convite para beber com ele, mas, não por muito tempo. Bebemos uma garrafa inteira de whisky e então ele me convidou para ir com ele a um lugar.

Ela me olha espantada, como quem está deduzindo o que vou dizer. Sua mão solta um pouco a pressão sobre a minha e eu coloco a minha outra mão sobre a mão dela.

— Ei. Não fui a um puteiro. Era uma boate. Uma boate nada convencional, mas, não chegava a ser um puteiro.

— Que bom. – responde. Sinto o seu tom de ironia.

— Foi lá que você me salvou. – solto.

— Como assim?

— Você apareceu para mim. Eu estava bêbado, muito bêbado, mas, eu juro que via a sua imagem, me olhando, me reprovando pelo o que eu estava fazendo. Você foi a minha lucidez. Foi o que me fez querer voltar para o hotel. O meu amigo, Demetrius, ficou. Eu soube somente ontem que ele foi assaltado na saída da boate e que foi baleado. Ele está bem, mas, era para eu estar com ele.

— Nossa, Dan. Eu sinto muito pelo o seu amigo, mas, confesso que fico feliz por você ter então decidido ir embora.

— Não foi uma decisão. Foi você. – falo, puxando-a para mim, surpreendendo-a com um beijo.

— Se você quiser, podemos trocar a conversa por isso. – ela diz, depois que nos beijamos.

— Espertinha... Quer mais beijo?

— Será que tem mais de onde veio esse?

— Para você, sempre vai ter. Mas agora para de desviar a minha atenção, porque vamos terminar essa conversa hoje.

Eu conto a ela sobre o período em que fiquei sóbrio e falei com a Nicole pelo telefone e os períodos em que perdi totalmente a sanidade, bebendo cada

vez mais. Conto como o meu pai disse que me encontrou no quarto do hotel, quando ele e a Nicole chegaram. Ela se espanta por saber que a Nick havia ido para a Rússia com meu pai. Percebo que ela fica enciumada e bom, eu gostei um pouco disso. Conto também sobre a internação e sobre os delírios. Sobre a Nick tentar descobrir o telefone dela.

Ela ri. Ri satisfeita. Acho que o ciúmes passou.

— Eu abria o celular e via a sua foto todas as noites. Todas. Desde que fui internado. — falo, com ela aninhada em meu colo, como uma criancinha.

— Eu não fazia ideia de que você estava passando por tudo isso.

— Eu sei. Você não tinha como saber. No dia em que sai de lá, antes de receber a alta, eu e a Nick conversamos e eu estava decidido a procurar por você, até a megera da Letícia aparecer e despejar uma bomba em meu mundo.

— Quer dizer que você havia mudado de ideia? — eu já esperava por essa pergunta.

— Sim. Eu não queria envolve-la nisso.

— Porque acha que eu sou fraca para suportar?

— Não, claro que não, minha pequenina. Eu não queria te envolver nisso porque achava que você merecia coisa melhor.

— Dan?

— Gosto quando me chama, sei que quer dizer algo importante quando faz isso... Fala.

— Não vamos mais achar, o que acha?

Eu rio.

— Eu acho que você está certa. Chega de achar. De agora em diante, não vou mais fazer suposições.

— Isso. Sinceridade, certo?

— Certo. Sinceridade.

— A gente consegue. — ela brinca, passando a mão em meu rosto. — Preciso ser sincera... Está na hora de você fazer essa barba, senhor Daniel.

Ela sorri. Eu fico aliviado. Parte da conversa já foi. Agora, vem a parte mais importante: Nós.

Nós nos beijamos por mais uns cinco minutos até ela repousar a cabeça em meu colo e se deitar na cama novamente. Eu olho para a varanda do meu quarto e vejo que está começando a anoitecer. Preciso ligar para a Bianca, falar com ela, dar boa noite a ela. Eu sei que a minha mãe vai fazer uma enxurrada de perguntas, sinceramente? Não estou preparado para responde-

las. Não antes de conversar com a Manuela sobre nós, o problema é que quero conversar sobre isso somente mais tarde. Quero levá-la para jantar fora e então fazer o que um homem totalmente apaixonado faz: Pedi-la em namoro!

— Manu?

— Sim, Dan.

— Quer ir jantar fora? Quero te levar em um restaurante que serve um festival de fondue que está entre os meus preferidos.

— Sério? – ela se anima, se sentando na cama novamente, como uma criancinha que acabou de receber a notícia dos pais de que irá ao parque de diversões no dia seguinte.

— Gostou da ideia? – pergunto, sorrindo com a reação dela.

— Eu nunca fui a um festival de fondue...

— Então se prepara, porque essa será uma das várias coisas que você irá fazer comigo pela primeira vez.

Ela abaixa a cabeça durante poucos segundos, mas, o suficiente para me fazer acreditar que falei algo errado. Refaço mentalmente a minha última fala e de fato, eu não disse nada demais. Pelo menos, não para mim. Me sobrou apenas uma alternativa: Eu falei algo que a fez lembrar do ex-namorado. Se eu fico com ciúmes? Curiosamente, acho que não. Ela precisou conhecê-lo e ter uma história com ele para que pudesse hoje estar aqui comigo. Nós não teríamos nos conhecido se ela antes, não tivesse conhecido ele. Tudo acontece na hora em que tem que acontecer. Eu sei que mesmo que ela esteja sentindo algo por mim, que esteja se apaixonando, ele ainda estará presente e vivo para ela. Preciso ser paciente. Não posso ter ciúmes dele. Apenas não gosto de vê-la triste, ainda mais devido a algum comentário que eu tenha feito.

— Foi o que falei sobre “primeiras vezes”? – pergunto, quando finalmente ela levanta o rosto. A sua reação foi de espanto. – Sinceridade. – falo, dando de ombros.

— Sim. – ela diz, com a voz falha. – Ele costumava dizer isso para mim. Fisicamente, vocês são tão diferentes, mas, na personalidade, vocês têm muito em comum. Algumas coisas que você faz... – ela não termina.

— Te fazem lembrar ele? – pergunto, sem nenhuma mágoa na pergunta.

— Às vezes sim. – ela abaixa o olhar novamente.

— E isso é ruim? – questiono, tocando no rosto pálido dela.

— Não. Não para mim.

— Então para mim também não é, ok?

Ela sorri feliz, como se eu tivesse tirado um peso sobre as suas costas.

— Obrigada.

— Pelo o quê?

— Por ser assim, como você é.

— Irresistível?

— Também...

Passamos os próximos segundos em silêncio, até que ela me chama novamente.

— Vou te contar algo que parece ser maluco. – diz, esperando pelo o meu incentivo. Eu balanço a cabeça e ela começa.

— No dia em que saltamos, parecia que o Leonel estava lá também, parecia que ele estava me encorajando, me mandando ser feliz. Eu sei que é estranho, que provavelmente é fruto da minha imaginação, mas, parecia que ele estava aprovando a minha escolha. Você... – ela me olha e morde os lábios. Caramba, garota, você não pode fazer isso quando estamos conversando um assunto sério. Isso tira totalmente o meu foco. Eu afasto o pensamento e sorrio para ela também.

— Não acho isso maluco ou estranho, pode ficar tranquila.

— Houve também uma vez que sonhei com ele e ele me dizia para eu ser feliz e você estava lá, no sonho também. Era como se ele estivesse dando o aval dele, entende?

— E isso te deixou mais tranquila? – pergunto, sabendo que ela será sincera em sua resposta.

— Sim. Depois desse sonho, eu praticamente parei de me culpar por estar saindo com um outro cara, irresistivelmente gato, diga-se de passagem, poucos meses após a morte dele.

— Posso falar uma coisa?

— Anham.

— Acho que você se culpava tanto que seu subconsciente criou uma forma de aliviar, fazendo você sonhar com ele, imaginar ele te incentivando a seguir em frente. Te apoiando.

— Pra ser sincera, gosto mais da ideia de que realmente é ele, me incentivando e não apenas a minha imaginação...

Ela sorri timidamente. Gosto tanto dessas conversas sinceras que temos, é tão fácil conversar com ela sobre esse assunto. O jogo da sinceridade tem funcionado.

— Bom, quer ir se arrumar então? Enquanto você toma banho, eu vou ligar para a minha filha e depois, enquanto você se arruma, eu tomo banho.

— Vai falar para ela de mim? – uma ruga se forma em sua testa. Ler a Manuela é a coisa mais incrível do mundo.

— Amanhã.

— E se...

— Shiiii. – eu a interrompo. – Não tem o “se”. Ela vai gostar de você, fica tranquila.

— Está aí uma coisa que não consigo ficar quando penso que vou conhecer a sua filha, ficar tranquila.

Eu beijo a testa dela e passo a mão sobre os seus cabelos sedosos. – Confia em mim.

Ela sai da cama e pega a sua mala, levando ela inteira para o banheiro. Aproveito e ligo para a Bia.

— Oi, papai! – a voz dela me chamando de papai me faz sorrir que nem um bobo do lado de cá do telefone.

— Oi, princesinha. O que está fazendo de bom?

— Lendo um livro que a vovó me comprou hoje.

— É mesmo? E qual é a história do livro?

— É de uma fada princesa. – sinto pela a sua voz, a empolgação com a história.

— Fada princesa? Nossa, o papai nunca ouviu falar de fadas princesas. Você deve estar gostando.

— Amanhã eu empresto para você ler. Já li bastante. Estou na parte que o pai da fada princesa, um rei muito bondoso, se casa com uma rainha de outro reino. A fada está com medo de que ela seja uma madrasta igual à da Branca de Neve.

Eu a ouço falar e suspiro. Com tantos livros, ela tinha que ler hoje, na véspera de conhecer a Manuela, justo um livro que fala de madrastas?

— Então leia e me conta, porque eu tenho certeza de que essa madrasta aí, vai ser uma madrasta boazinha.

— Também quero que seja, papai. A fada Sofia é uma fada muito legal.

— Eu imagino... Agora deixa o papai falar com a vovó, ela está aí perto?

— Está sim. Um beijo.

— Um beijo minha princesinha, dorme com os anjinhos.

Segundos depois, a minha mãe vem ao telefone.

— Está tudo bem?

— Está sim.

— E a garota, Manuela, está aí?

— Sim. Está aqui. Amanhã vamos almoçar aí, de manhã quero levar a Manuela para conhecer a vinícola e depois vamos almoçar na sua casa, tem problema?

— Você está me perguntando se tem problema? Como poderia ter? Claro que não, meu filho. Eu não conheço essa garota, o pouco que sei sobre ela é o que a Nick nos contou, mas, se ela veio até aqui, atrás de você, já ganhou a minha simpatia e gratidão.

— Você vai gostar dela, mãe. – respondo, feliz por ter esse apoio da minha mãe. Ela sempre foi uma mãezona para nós três, não suporta que a chamemos de senhora, sempre fez questão de manter um laço não só de mãe e filhos, mas, de mãe e amigos. – Vou convidar a Nick também. – falo.

— Ótimo. Vou pedir para a Sueli preparar um prato especial então.

— Tenho certeza de que vai. – a minha mãe adora a casa cheia e adora receber pessoas, estou certo de que ela vai fazer de amanhã, um evento quase que presidencial.

— Boa noite, mãe. Até amanhã.

— Boa noite, Daniel. Juízo.

Eu desligo o telefone rindo. Trinta anos de idade e ainda ouvindo da mãe para ter juízo.

Eu olho para o banheiro e a ideia irresistível de entrar nele me vem à cabeça. Coloco a mão na maçaneta e percebo que a porta não está trancada. Seria invasão de privacidade se eu entrasse? Dane-se! Eu vou entrar. Dou três batidas na porta e a abro. Ela está de costas, o vidro fumê do box não é escuro o suficiente para esconder a sua beleza, o seu corpo miúdo em perfeitas proporções. Me permito observá-la por algum tempo, inevitavelmente, começo a compara-la com a Letícia. Ela tem os cabelos escuros, pesados, enquanto que os da Manu são claros e leves, soltos. A Manu é pequena, na medida certa, e a Letícia tem quase um metro e setenta, com curvas acentuadas, voz firme, imponente. A Manu é o gostoso oposto disso, meiga e delicada.

— Faz tempo que está aí? – ela pergunta, me tirando do transe. Percebo que ela ficou com vergonha quando ela tenta se encostar na parede, atrás da ducha que cai do chuveiro, e tenta disfarçadamente, esconder o seu corpo lindo com as mãos.

— Poucos minutos. – rio.

— O que foi? Por que está rindo?

— De você com vergonha de mim. – eu fecho a porta e começo a caminhar em direção ao box. A cada passo, meu membro inferior parece gritar para sair de dentro do meu jeans.

— Eu não estou com vergonha. – ela rebate.

— Não? – eu paro do lado de fora do box e a encaro.

— Um pouco, talvez.

Rimos.

— Posso fazer passar se você quiser?

— Como?

— Bom, algo me diz que você só está envergonhada porque está lindamente nua dentro do box e eu malditamente ainda vestido do lado de fora do box. Acho que se eu ficar igual a você e do mesmo lado do box que você, a sua vergonha vai sumir...

Ela acha graça e solta uma risada gostosa. Por mais momentos como esse, por favor. Eu ficaria a noite toda vendo-a rir dessa forma.

— Vem. – ela chama, fazendo sinal com o dedo para eu entrar.

Com uma agilidade memorável, eu tiro as minhas roupas, deixando-as caídas no chão e entro no box. Ela cede lugar embaixo da ducha para eu me molhar e fica me observando. Claro que eu a puxo para mim segundos depois.

— Como você é linda! – sussurro.

Começamos e nos beijar embaixo da água morna. Ela enlaça as suas mãos no meu pescoço e eu a seguro pela cintura e ela dá um passo para trás, reagindo ao meu toque.

— Linda e irresistível. – falo, alterando os beijos entre a sua boca e o seu pescoço.

— Desse jeito não vamos jantar. – ela diz em resposta ao beijo que acabo de dar em seu pescoço próximo ao colo dela.

— Ainda temos tempo. – respondo, encarando-a.

Voltamos a nos beijar, eu a conduzo para a parede do box e ela encosta o seu corpo nele, segurou-a com força e a ergo, ela coloca as suas pernas ao redor de mim e fica suspensa, sendo sustentada pelos os meus braços.

— Você está me deixando maluco, Manuela. Ainda há muitas saudades aqui em mim para ser matada.

— Em mim também, Daniel.

Ela roça o seu corpo em mim em um movimento para cima e para baixo,

me deixando louco de tesão. Eu volto a beijá-la por alguns longos minutos e depois passo a beijar os seus seios, que estão na altura da minha boca. Ela joga a cabeça para trás, encostando na parede e solta um gemido baixo. Sua mão começa a procurar pelo o meu membro e sei o que estamos prestes a fazer.

— Preciso pegar uma coisa na gaveta. – sussurro, lutando fortemente contra a vontade de apenas entrar nela e deixar ser dominado pelo desejo que estou sentindo.

— Eu queria sentir você em mim, mas, sim, você precisa pegar algo na gaveta. – percebo que se eu insistir um pouco que seja, a convencerei. Ela está entregue ao prazer, entregue de uma forma que nunca vi antes. Seus olhos vibram de uma forma intensa, dizendo que ela precisa que eu a possua logo.

Coloco-a no chão e corro para a gaveta do gabinete do banheiro, rasgo um pacote de camisinha e volto para o box, colocando-a em seguida.

— Preciso de você. – ela diz, mordendo os lábios. Caracas! Isso me deixa maluco!

Eu a pego no colo novamente e ela se encarrega de encaixar ele dentro dela. Começamos a nos mover lentamente enquanto nos beijamos. Minha língua passeia livremente pela boca dela e ela aperta os dedos em meu pescoço. Começamos a nos mover com mais força e a intensificar os movimentos de sobe e desce.

— Minha delícia. – sussurro.

— Você está me deixando louca. – ela responde, apertando um pouco mais as suas pernas ao redor de mim.

— Vamos minha bela Manuela, pode se perder porque estou aqui.

O vai e vem aumenta. Ouço um pequeno gemido. Ela pressiona com força as suas pernas e arqueia o corpo para trás com a sua respiração ofegante.

— Isso, minha linda, quero vê-la se perder...

— Dan... – um sussurro sai de sua boca. – Eu estou pirando...

Eu começo a erguê-la mais alto e a descida até o meu membro se torna mais forte. Estou prestes a me perder também e isso me deixa mais louco ainda.

— Ai, Dan... – ela geme, me apertando com força.

Eu a fito e vê-la se perder é a coisa mais excitante do mundo, a forma como ela revira o olhar e a cara de prazer que ela faz contribui para que eu

chegue ao meu ápice do prazer e algum tempo depois, a coloco no chão. Os dois sorrindo. Eu a abraço e ficamos em silêncio por longos minutos. Apenas abraçados.

Merda. Eu estou apaixonado.



Manuela

“Sabe quando a gente tem vontade de encontrar a novidade de uma pessoa. Quando o tempo passa rápido. Quando você está ao lado dessa pessoa. Quando dá vontade de ficar nos braços dela. E nunca mais sair.”

(Nando Reis – Sei)

Ele coloca os seus braços ao redor de mim e me prende a ele. A água cai sobre nós e não nos incomodamos com ela respingando em nossos rostos. Apenas ficamos imóveis, abraçados. Eu nunca imaginei que seria capaz de ser tão feliz novamente após a morte do Leonel. Da mesma forma que nunca imaginei que conseguiria me entregar a outro homem como eu me entreguei ao ele. Eu estava enganada. Eu acabei de me entregar ao Daniel e sei que não foi somente pele e desejo. Eu acabei de entregar a ele uma parte do meu coração, que começa a dar sinais de que está pronto para gostar de alguém novamente. A gostar do Daniel.

— Vamos nos secar? – pergunta, passando a mão em meu rosto. Eu gosto dessa sensação, me traz tranquilidade e segurança.

— Vamos. – respondo, soltando dele.

Ele sai primeiro, abre o gabinete abaixo da pia e pega um roupão e uma toalha e me entrega em seguida, eu me seco e rapidamente me enfio dentro do imenso e felpudo roupão.

— Vergonha de mim? – ele pergunta, enquanto se seca vagarosamente com outra toalha.

Balanço a cabeça em negativo.

— Abre o roupão então. – ele diz, com um sorriso malicioso nos lábios.

— Dan, pode parar.

— Vamos, me deixa vê-la.

— Você já viu, minutos atrás.

— Ah, bela Manuela, minutos atrás eu estava louco demais, quero vê-la com calma, apreciá-la, decorar cada pedacinho do seu corpo lindo. –

conforme ele vai falando, sinto que o meu rosto vai ficando vermelho, como se estivesse pegando fogo. Talvez esteja.

Ele se aproxima de mim e tira os meus braços que estão ao redor da minha cintura. Ele me fita com um misto de malícia e ternura. Solta o laço do roupão e o abre, sem o tirar de mim completamente.

— Lindíssima. — ele solta, em um suspiro. Eu enterro a minha cabeça em seu peito e o abraço. Eu puxo o roupão, fechando-o novamente e ele me beija com ternura.

— Vamos nos arrumar. — diz, me puxando para o quarto.

Escolho um vestido com flores pequenas, de manga comprida, visto uma meia calça pó de arroz, visto por cima um sobretudo preto no mesmo comprimento que o vestido e coloco minhas botas de cano longo. Ele passa por mim, usando uma camisa azul escura que contrasta com os seus olhos azuis piscina e um jeans mais justo, me fazendo parar de me arrumar para apreciá-lo. Tão lindo... Lindo demais para ser real. Por sorte, é.

— O que foi? — pergunto, quando estou passando o perfume, já maquiada.

— Você. A sua beleza. — diz, correndo os olhos de cima a baixo, medindo cada centímetro do meu corpo. — Sou um cara de sorte. Vou levar para jantar a mulher mais linda do mundo.

— Seu bobo, não exagera.

— Não exagera? — fala, erguendo as mãos para o alto. — Você não faz ideia do quão irresistível você está.

— Obrigada. — agradeço, me sentindo feliz com o elogio. — Sou então uma garota de sorte, porque fui convidada para jantar pelo o homem mais gato do mundo. — digo, olhando para cima e para os lados.

— Assim você me deixa convencido. — ele brinca, abrindo uma das portas do seu imenso guarda-roupas, pegando um perfume em seguida.

Eu me aproximo dele e espero ele passar o perfume, assim que ele coloca o frasco de volta na prateleira, o abraço, inalando o seu cheiro gostoso.

— Quero memorizar esse cheiro, para quando não estivermos pertos, eu possa sentir e lembrar de você.

— Espero que sejam poucas as vezes que você tenha que fazer isso. — ele diz, beijando o topo da minha cabeça.

Cerca de dez minutos depois, estamos entrando no carro. Ele liga o rádio e em seguida o ar quente. O computador de bordo indica que estão doze

graus, eu não imaginava que faria tanto frio assim no Sul em pleno mês de abril. Ok. Fim de Abril. Ainda bem que a minha mãe me convenceu a trazer roupa de inverno. Quando ela falou, achei que seria exagero. Está explicado o porquê do Daniel ter sentido tanto frio em Tromsø quanto eu... Ele já está acostumado.

— Posso te fazer uma pergunta íntima? – ele diz, quebrando o silêncio.

— Nossa, íntima? Vamos lá faça. – respondo, curiosa.

— Quero saber que tipo de música ouve...

— E isso é íntimo? – pergunto, rindo em seguida.

— Claro! Você sabia que o gosto musical diz muito sobre a pessoa? Ver uma playlist de alguém, é como ver esse alguém, nu, totalmente sem roupas.

— Que teoria interessante. Nunca tinha pensado por esse lado, faz sentido. – respondo, olhando para os seus lindos olhos. – Quero ver a sua playlist. – falo séria.

— Eu pedi primeiro. – ele responde, enquanto faz uma curva mais acentuada. – Pega o seu celular e conecta o bluetooth.

Eu faço o que ele pede e segundos depois, Taylor Swift começa a cantar no rádio do carro.

— Humm, romântica, não é mesmo? – ele brinca, fazendo outra curva. – Passa para a próxima, quero conhecer a sua lista inteira. Quero descobrir o que você ouvia no aeroporto, na França.

Sorrio para mim mesma. Se ele me acha romântica por ver que ouço Taylor Swift, com a próxima música, vai achar que sou bipolar. Pearl Jam começa a cantar Sirens e ele me olha espantado.

— Sério? Gosta de PJ?

Eu apenas balanço a cabeça, achando graça com a surpresa dele.

— Próxima. – diz. Eu avanço.

The Killers começa a tocar ele ergue uma sobrancelha, me fazendo rir novamente. Passo para Snow Patrol, Maroon 5 e Coldplay. Quando The One That Got Away começa a tocar, eu me apresso e mudo de música, dando lugar para o Bruno Mars, Adele e Mumford & Sons e quando ele está estacionando, King of Leons começa a cantar Sex On Fire. Ele me olha puxa o freio de mão e olha para mim.

— Caracas, Manu! Você realmente é uma caixinha de surpresas. Jamais imaginei que pudesse gostar de King of Leons. Eu adoro o som deles. Sex on fire é surreal. Mais tarde você vai me dar esse celular porque quero ver a lista de todas as músicas que você tem nele. Acho que posso gostar mais um

pouco de você só por saber que gosta de Pearl Jam e King of Leons.

— Engraçadinho. – respondo. – Contando que eu possa vê-lo nu também...- brinco, me referindo às suas músicas.

Daniel desce do carro e eu não espero ele dar a volta para abrir a porta para mim. Não me apego a esse tipo de convenções. Começamos a caminhar e sua mão entrelaça com a minha. Entramos de mãos dadas no restaurante. Logo somos direcionados para uma mesa próximo a lareira. O restaurante tem uma decoração rústica e intimista, não está cheio, mas, também não está vazio. Diferente do que fizemos em Tromso, sentamos dessa vez um de frente para o outro. O Garçom traz a carta de vinho e entrega ao Daniel. Eu estico o braço até o meio da mesa e encontro a mão dele. Ele me olha, entendendo o que quero dizer.

— Quero o melhor suco natural de uva que você tem. – diz, fechando o cardápio.

— Sim, senhor Daniel. – o garçom responde.

Faço uma nota mental para perguntar para ele assim que o garçom sair, se ele costuma vir muito aqui.

— Queremos também o festival completo, salgado e doce.

— Anotado. Em breve começamos a servir.

O garçom se retira e eu logo pergunto.

— O garçom sabe o seu nome, você vem ou vinha muito aqui?

— Sim, ele sabe o meu nome e não, se quer saber se trazia a Letícia aqui, a resposta é não. Ela não gostava do lugar. Ele sabe o meu nome porque a vinícola do meu pai é fornecedor deles e o suco que vai tomar é um dos sucos da vinícola.

Eu respiro aliviada. Não precisei dizer que estava realmente achando que ele trazia a ex aqui, ele sacou a minha dúvida somente com a minha pergunta.

Dois garçons começam a colocar sobre a mesa vários pratos, com queijos e pães e no centro, um réchaud de barro. Começamos a comer em silêncio, apenas trocando olhares e sorrisos. Não consigo esconder o quanto estou feliz, a minha cara de abobada deve estar entregando para todo mundo que eu estou vivendo um momento feliz.

Quando os garçons trocam o réchaud e trazem o chocolate quente derretido e as frutas, ele me chama.

— Manu?

— Oi.

— Olha, eu sei que muita coisa aconteceu em muito pouco tempo e que talvez tenha sido acontecimento demais para tão pouco tempo. Sei também que talvez tenhamos muitas dificuldades pela frente. – ele faz uma pausa. O meu coração também. – Mas, eu sei que você é a mulher com quem quero ficar, a mulher por quem vale a pena eu lutar e eu preciso saber se você quer namorar comigo.

Meus olhos se arregalam e minha respiração se altera, juntamente com as batidas do meu coração. Ele acaba de me pedir em namoro!

Não importa o que vamos enfrentar, porque sei que não será fácil, ele talvez será pai, já tem uma filha, trabalha viajando, mora em outro estado, mas, ainda assim, eu sei qual é a minha resposta.

Eu sorrio para ele, encarando-o e movimento os lábios suavemente dizendo sim.



Daniel

“Porque eu estou com ela. Sou dela, sem ela. Não sou! Porque eu preciso dela. Só dela, com ela. Eu vou!”

(Nando Reis – Sou dela)

Ela disse sim! Ela acabou de dizer sim! Mesmo com tudo, apesar de todas as adversidades, a garota por quem estou apaixonado, acabou de dizer sim ao meu pedido de namoro. Será que já posso pedi-la em casamento?

Ow... Calma lá, Daniel. Um passo de cada vez. Esse dia ainda vai chegar e eu desejo que ela diga sim com o mesmo brilho nos olhos que acabei de ver nela. Brilho de quem está feliz. Tudo o que mais quero é fazer essa pequenina, feliz.

— Você não vai dizer nada? – ela pergunta, após eu certamente ter ficado com cara de bobo para ela.

— Eu estou sem palavras, Manu. Estou tão feliz!

— Eu também estou... Embora eu não tenha a mínima ideia de como vamos fazer isso.

— Nós vamos conversar sobre isso, Manu. Vamos dar um jeito. Agora, só quero pensar que posso chamá-la de minha namorada.

Ela sorri.

— E será que a sua namorada vai poder dormir abraçada a você hoje?

— A minha namorada vai poder fazer comigo o que ela quiser.

— Acho que quero ir para a sua casa então.

Eu sorrio para ela.

— Mas não para fazer o que você está pensando. – Completa. Eu faço biquinho. – Seu bobo. Eu quero mesmo é deitar na cama e ficar lá com você. Sei lá assistir um filme, ouvir música, conversar.

— Xiiii nem começamos a namorar e já estamos trocando sexo por filme? – brinco. Ela fica vermelha e me pede para falar baixo. Eu acho graça e ameaço repetir a frase mais alto.

— Dan! – ela me repreende. – Seu maluco.

— Sim... por você.

Eu chamo o garçom e peço para ele fechar a conta. Se a minha namorada quer ir para casa assistir TV, é o que vamos fazer.

No carro, em momento algum a mão dela deixa de acariciar a minha. Eu nem sei se mereço tanta felicidade assim, só sei que estou feliz. Estou inacreditavelmente feliz. Olhar para ela e pensar o quanto ela é linda, apreciar o sorriso dela se formando quando ela percebe que estou fitando-a, faz com que coisas simples como essas, se tornem sublimes. Ela faz com que eu me sinta vivo. É muito mais prazeroso arrancar um sorriso dessa garota do que levar qualquer outra mulher para cama. Nada vale mais do que momentos com esses. Momentos em que eu volto a acreditar que encontrei a felicidade.

— Ainda quero ouvir a sua playlist. – ela diz, após vários minutos de silêncio.

— Em casa, no nosso quarto. – respondo, me virando para olhá-la.

— Nosso? – ela indaga. – Seu, você quer dizer.

— Não. Nosso, Manuela. Nosso quarto, porque a partir de agora, ele é o quarto da minha namorada também. É nele que ela vai ficar todas as vezes que vier para cá.

Ela sorri e abaixa o rosto em seguida.

— Ei? – a chamo. – O que houve?

— Precisamos conversar sobre isso, sobre como vamos namorar, com você aqui ou viajando e eu lá, em São Paulo.

Eu sei que ela está certa, sei que precisamos conversar ainda sobre muitas coisas, inclusive sobre a gravidez da Letícia, mas, eu não quero falar sobre isso hoje e dane-se se estou sendo mesquinha, eu só quero curtir esse momento com ela, sem me preocupar com mais nada, mais ninguém. Nenhuma decisão vai ser tomada hoje. Nenhuma.

— Nós vamos, Manu. Não hoje, eu te peço.

— Sim. Eu sei, hoje vamos apenas ficar quietinhos, como um casal de namorados, certo?

— Sim, como um casal de namorados normal...

— Normal... – ela repete, olhando e sorrindo para mim.

Estaciono o carro e ela não me dá tempo de ir abrir a porta do carro para ela. Eu não poderia esperar atitude diferente dela, ela não é o tipo de garota que segue convenções, que se apega a exigências, ela tem uma coisa chamada personalidade. E que personalidade...

Entramos de mãos dadas. Eu a fito enquanto caminhamos para a escada.

Vejo os seus olhos brilharem. Parece uma criança. Uma criança feliz. E eu sou o responsável por isso e sei que tenho que dar o meu melhor para mantê-la sempre assim, com esse sorriso abobado nos lábios e esse brilho diferente no olhar.

Droga! Estou mesmo apaixonado. Estou tento todos os sintomas de um cara apaixonado. Estou ficando bobo. E como é bom ser um bobo apaixonado. Já fazia muito tempo que eu não experimentava essa sensação. Já nem acreditava que seria capaz de sentir tudo isso de novo.

Ela para no início da escada e eu sem saber o motivo, faço o mesmo.

— O que foi? – pergunto.

— Parece um sonho. – ela responde, com um sorriso tímido.

— É real, Manu.

— Será que vai dar certo? – ela pergunta, olhando diretamente em meus olhos.

— E por que não daria?

— Não sei. Tenho medo de que a distância seja um empecilho para nós.

— Bela, não quero que pense nisso agora, vamos pensar nisso amanhã, vamos conversar muito amanhã. Hoje, já tivemos conversas e preocupações demais. Você chegou hoje e já fugiu de mim, eu fui atrás de você – porque não suportaria te perder — nós fizemos as pazes e também amor, discutimos, fizemos as pazes de novo e agora eu só quero levar a minha namorada para o nosso quarto e assistir um bom filme com ela deitada e babando em mim.

— Seu bobo!

— Por você. Vem, vamos subir. – eu a puxo e subimos juntos os degraus da escada.

Ela vai ao banheiro colocar sua roupa de dormir e eu arranco a minha roupa, ficando só de boxers sobre a cama. Quando ela sai do banheiro, usando um baby doll preto com corações vermelhos, eu não consigo disfarçar a cara de abestalhado. Não, não é um espartilho ou um conjunto transparente, mas, essa garota fica incrivelmente sexy até mesmo se tivesse usando saco de batatas. É a forma como ela encosta no batente da porta, esperando pela a minha reação, a forma como ela entrelaça uma mão na outra, mostrando que está com vergonha, o jeito que me olha, é esse conjunto todo que me leva a dizer que – com o perdão da palavra – puta que pariu, ela está incrível!

Eu escorrego para a beirada da cama e a chamo. Ela caminha lentamente em minha direção e eu a puxo para o meu colo.

— Já te disse que eu te adoro?

— Não. Não me disse. – a danada responde.

— Pois então, preciso dizer, Manuela. Eu-Te-Adoro. – falo, pausadamente.

Um pequeno sorriso se abre em seu rosto. Eu a beijo no topo da cabeça. Ela fecha os olhos.

— Talvez eu te adore também. – diz, mordendo os lábios, como uma criança travessa, me deixando feliz.

Eu nunca gostei tanto de um talvez como gosto agora.

— Vem, vamos deitar. – ela se levanta do meu colo e vai para o lado direito da cama. Ela já escolheu o lado dela.

Arrumamos os travesseiros na cabeceira da cama e ficamos levemente sentados e com as costas apoiadas. Ela

— O que quer assistir? – pergunto, pegando o controle remoto.

— Filme de ação. – responde, sem pensar muito.

— Ação? Pensei que fosse pedir um filme do tipo romance.

— Eu amo romances, mas, hoje quero assistir um filme de ação, porque se por algum motivo, eu me distrair com um certo alguém, não vou estar perdendo nada.

E ela diz isso com a cara mais deslavada do mundo!

— Se não fosse pelo “distrair com um certo alguém” eu juro que iria colocar em algum filme de romance só por você ter pedido ação, mas, ok, os seus argumentos são bons. Muito bons, por sinal.

Passo alguns canais até encontrar um filme que nos faz querer assistir. Eu coloco a minha mão ao redor da cintura dela ela encosta a cabeça em meu ombro. Por mim, poderíamos ficar horas assim, da forma que estamos agora. Ela faz com que o meu mundo desordenado, tenha algum sentido.

— Minha namorada. – sussurro para ela, passando a mão em seus cabelos claros.

— Meu namorado. – devolve.

Percebo que a sua voz está ficando sonolenta. Pouco tempo depois, a minha namorada está oficialmente dormindo na minha cama.



Manuela

“Said, “Sugar”, make it slow and we'll come together fine. All we need is just a little patience”

“Eu disse, “docinho”, não tenha pressa, e vamos ficar bem juntos. Tudo o que precisamos é de um pouco de paciência”.

(Guns N’ Roses – Patience)

— Toc Toc.

— Léo, é você? Léo, cadê você?

— Aqui, estou aqui, Manu.

— Eu não estou te vendo. – falo, quase chorando.

— Olhe para trás. – o ouço responder, com sua voz suave e dócil. Eu me viro e então o vejo, irritantemente e insuportavelmente lindo. Como sempre foi.

— Léo... – falo, ao me aproximar.

— Manu...

— Léo... Eu...

— Não... Não diz nada, me deixa olhar para você. Como você está linda... Você voltou a sorrir, eu amo o seu sorriso tímido, sempre amei. Desde o dia em que você tentou se afundar na parede daquele quarto do “nosso motel”. Jamais vou me esquecer daquele sorriso... Daquele dia.

— Léo, você está mesmo aqui?

— Sempre estou, Manu. Aqui. – ele aponta para o meu coração, mas não toca nele.

— Sim, sempre está.

— Você está indo bem... Estou orgulhoso de você.

— Estou? Não sei. Tenho tantos medos, queria que você estivesse aqui para me obrigar a perder o meu medo, como fez no dia em que voamos de balão...

— Manu, minha para sempre fada... Acredite, você está indo muito bem. Você consegue sozinha. Eu sei que consegue.

— Léo, está bravo comigo? Bravo porque estou com alguém?

— Você jamais merece que alguém fique bravo com você por você querer ser feliz, Manuela. Estou orgulhoso de você, da garota que você se tornou. Ainda tem aquela lista?

Eu dou de ombros. Aquela lista perdeu o sentido para mim desde que ele partiu.

— O que fez com ela? – pergunta, ele sempre teve o dom de ler os meus pensamentos.

— Ela não tem mais importância, Léo. Perdeu o sentido.

— Oh... Por favor, Manuela, eu preciso que você a encontre, a refaça se for necessário, mas, eu preciso que você não desista dela. Ela é o nosso laço.

— Nosso laço?

— Sim. É complicado explicar, mas, eu estou aqui para garantir que você vá seguir em frente, para me certificar que você vai ficar bem. A sua lista é o caminho para isso. Não desista dela, Manu.

— Mas Léo, ela parece agora tão sem sentido.

— Não. Não é. Você lembra de algum item dela?

— Fazer a diferença na vida de alguém.

— Então, você devia marcar esse item como realizado, sabe aqueles “Vs” que a gente coloca quando algo está completo? — eu balanço a cabeça — Você devia fazer isso...

— Mas não seria verdade.

— Manu, você fez a diferença na minha vida, você foi o que deu sentido a ela. E o que mais você precisa para perceber que também está fazendo a diferença na vida do branquelão aí? – eu olho para o lado e vejo o Daniel.

— Eu lembro de outro item, um que você me contou dentro do meu carro.

— Sério?

— Sim. Você sempre desejou ter uma festa de casamento. Você disse que não se importava com o casamento em si, mas que queria a festa porque acreditava que a festa era algo mágico, devido as músicas que são tocadas nela, lembra disso?

Eu balanço a cabeça em afirmativo.

— Você disse que as músicas criam vida própria...

— Eu lembro.

— Então, como você pode apenas dizer que a sua lista não faz mais sentido? Você não pode desistir de ter a sua festa de casamento, assim como não pode desistir de ser feliz.

— Léo, por que está aqui?

— Para te ver feliz, Manuela.

— E se eu conseguir ser, você não virá mais?

— Você vai ser. E eu sempre estarei aqui.

— Mas Léo...

— Shiiii. Você vai acordar o branquelo.

— O Daniel?

— Sim, o cara aí que anda tirando sorrisos do seu rosto.

— Léo...

— Ei, não há nada de errado nisso. Até que gosto dele. Ele é ciente da garota que tem. Eu confio nele.

— Por que está fazendo isso? Por que está sendo tão legal?

— Porque eu te amo, Manuela. E te ver feliz é a minha missão.

— Léo? Léo? Não estou te vendo. Léo, por favor, não me deixa de novo. Acordo assustada, com o Daniel me segurando nos braços.

— Você estava tendo algum sonho ou pesadelo. – ele diz, me olhando através do feixe de luz do abajur.

— Sim. – respondo. Eu não quero mentir para ele, mas, também não quero dizer que estava sonhando com o Léo.

E se eu falei sozinha? Se ele ouviu eu dizendo o nome do Léo?

— Você quer água? – ele pergunta, interrompendo os meus pensamentos. Acho que eu não dei nenhuma bola fora.

— Estou bem, obrigada. Vamos dormir. – sugiro.

— Ok.

Ele deita de novo e eu me movo para perto dele, na tentativa de ficarmos de conchinha. Fico à espera de que ele me abrace ou coisa assim. Ele não o faz. E eu acho que sei o motivo.

— Dan. – o chamo.

— Fala, Manuela. – sim, ele está bravo. Ele nunca me chama de Manuela.

— Quero te contar algo.

— Precisa ser hoje? Não pode ser amanhã?

Eu me viro e fico de frente para ele. Seus lindos olhos azuis estão abertos.

— Precisa ser hoje. – respondo, firme.
— Ok, diz.
— Eu estava sonhando... – falo, fazendo uma pausa em seguida.
— Eu percebi.
— Era com o Leonel. – seguro a respiração, esperando para ver a reação dele.

Ele se senta na cama e encosta a cabeça na parede. Eu me sento no meio da cama e fico de frente para ele.

— Eu percebi também. – sua voz é fria, distante. Não, por favor, eu não posso deixá-lo chateado, eu não tenho culpa de ter sonhando com o Léo. Não tenho.

— Eu não sei o que dizer.

— Então não diz nada.

— Mas eu preciso.

— Não, eu já te disse isso quando estávamos na Europa, eu nunca vou te falar nada que eu não queira falar, não farei nada com você por necessidade ou obrigação, somente por querer e espero o mesmo de você, Manuela.

Oh, merda, ele não pode levar a conversa para esse lado!

— Eu me expressei errado. – respondo, com receio de que ele não queria mais me ouvir. – Eu digo que preciso porque quero dizer o que eu sonhei mas, não sei se você realmente vai querer saber.

— Se quiser contar, conte, se não, tudo bem.

— Dan, para com isso. – rebato — Eu sei que deve ser uma droga você acordar e ouvir a sua namorada sonhando com o ex-namorado dela, eu nem sei como eu ficaria se fosse ao contrário, mas, eu não tenho culpa. E se você quer saber, foi um sonho bom. Ele até disse que gostava de você, porque você era ciente da garota que tinha.

— Sério? Ele disse isso? – o seu tom de ironia me deixa espantada. – Você percebeu que você fala nele como se ele estivesse vivo?

Eu abro a boca para responder, mas, parece que resposta nenhuma me vem à mente. Fico olhando para ele, sem saber o que dizer, sem nenhuma reação. Como se estivesse em transe. Eu não esperava isso dele. Foi ele que disse que não se importava de conversar sobre o Leonel comigo, foi ele quem me deu abertura!

— Eu apenas fui sincera com você. – finalmente respondo. – E não. Ele não está vivo. Você não precisa me lembrar disso, Daniel, eu tenho a imagem dele morrendo segurando a minha mão, gravada em minha memória, não

preciso que você me lembre, da mesma forma que não preciso da sua ironia ou frieza. – eu solto o ar dos meus pulmões e me arrasto até os pés da cama.

Eu preciso ir ao banheiro.

Preciso jogar água na cara para ver se é verdade, para ver se estamos mesmo tendo essa conversa.

Ele me segura pelo braço.

— Desculpa. – ele diz, se arrastando até o começo da cama também. – Eu fiquei com ciúmes. – ele não me encara.

— De um morto? – pergunto. Eu me espanto com a minha própria pergunta. Nunca me referi ao Léo dessa forma. Não é assim que quero me lembrar dele. De forma alguma.

— Sim, de um fantasma.

— O que posso dizer? Ele está morto! Você não precisa ter ciúmes dele. – ele não faz ideia do quanto me causa dor falar essa frase.

— É que sei que se ele estivesse vivo, você escolheria ele.

— Daniel, você está se preocupando com uma situação que é humanamente impossível de acontecer, essa escolha não tem como existir porque ele morreu e eu conheci você. Eu sinto muito se não possuo poderes para controlar os meus sonhos, mas, eu te garanto que neles, eu não estou aos beijos com o Leonel, porque sei que deve ter imaginado isso. Ele sempre aparece me incentivando, dizendo para eu não desistir, dizendo que estou no caminho certo. E não sei se você já se deu conta, mas, eu e você estamos nesse caminho.

Ele fecha os olhos e os espreme. Balança a cabeça em negativo. Me encara.

— Me dá a sua mão. – pede, com a voz mansa.

Eu faço o que ele pede.

— Não vou soltá-la. – ele diz, levando ela até o seu coração.

— Eu não espero que solte. – respondo.

Dan, meu Dan, porque faz isso comigo? Será que ele não percebeu que também estou me apaixonando? Não é fácil para mim assumir que estou gostando de outro cara pouco tempo depois da morte do Léo. Às vezes eu acho até que eu tinha por obrigação e por convenção, passar meses, anos, de luto. Parece que a sociedade espera que você se recupere da perda inversamente proporcional que você fique de luto.

— Não quero te pedir desculpas porque não quero que isso, de me desculpar pelas minhas idiotices, se torne hábito, mas, quero que saiba que

fui um idiota.

— Um idiota está bom para mim.

— Que bom. Agora quer me dizer o que mais ele falou de mim em seu sonho? Vai que esse lance de sonhos seja mesmo uma manifestação do nosso subconsciente.

— Ele te chamou de branquelão.

— Seu inconsciente então pensa isso de mim? – brinca, me fazendo rir.

— Daniel. – o chamo, séria.

— Diga, Manuela. – ele responde, também sério.

— Eu não quero mais sentir isso que senti agora, de você ficar bravo comigo por algo que não tenho nenhum poder de controle e como consequência, quase estragamos tudo.

— Eu sei, bela. Eu pisei feio na bola. Será que dá para você qualquer dia desses sonhar comigo também? – sua pergunta me faz rir.

— Eu não preciso sonhar com você, Daniel. Eu tenho você aqui comigo, segurando na minha mão. Isso já é um sonho, para alguém que chegou a achar que nunca mais iria lhe ver de novo.

Ele solta a minha mão e leva as suas duas mãos ao meu rosto, segurando-o entre elas. Vejo a sua boca vir lentamente de encontro com a minha. Seus olhos alternam entre encarar os meus e fitar os meus lábios. O beijo acontece de forma lenta. Apertada. No fim dele, nos abraçamos e eu repouso a minha cabeça em seu ombro até decidirmos voltar a dormir.

Acordo com o meu celular tocando. Olho para o lado, Dan ainda dorme. Tento sair da cama sem fazer muito barulho e pego o meu celular que está em cima da minha bolsa. Corro para o banheiro, atendendo-o em seguida.

— Oi, mãe.

— Você quer matar a sua mãe ou o quê? Me ligou ontem do aeroporto e depois não deu mais notícias!

Merda! Como pude me esquecer? Assim que peguei minha bagagem, eu liguei para a minha mãe para dizer que havia chego e fiquei de ligar para ela assim que encontrasse com o Daniel. Bom, foram tantos acontecimentos, que acabei deletando da lista o item “ligar para a minha mãe”. Espero que ela me perdoe.

— Desculpa, mãe. Eu devia ter ligado. Esqueci...

— Conversamos sobre esse seu esquecimento depois. Apenas me diz, está tudo bem?

— Sim. Acho que agora está. Estou na casa do Daniel.

— E cadê ele?

— Ainda dormindo. Mais tarde vai me apresentar à família dele. Será que dá para você pegar um avião tipo, agora e vir para cá me ajudar? Estou com medo...

— Filha, medo de quê? Você não precisa ter medo de nada, Manuela, para quem passou pelo o que passou, você é uma garota corajosa, determinada a não deixar que a sua vivência passada, dite quem você será hoje.

Eu inspiro. Nunca fui de contar para a minha mãe as coisas que aconteciam na minha vida, sempre fui do tipo poucas palavras, apesar da liberdade que ele sempre me deu para falar com ela sobre qualquer assunto. A dor da perda do Léo me uniu à minha mãe. Com a morte dele, acabamos criando um laço que praticamente não existia. Eu me dei conta de quantas oportunidade eu perdi de dividir coisas minhas com a minha mãe.

— Obrigada, mãe. Por tudo. – respondo.

— Só me liga mais tarde, pode ser?

— Sim. Dessa vez não vou esquecer.

— Está bem. Fica com Deus. Vai dar tudo certo.

— Um beijo.

— Outro.

— Mãe?

— Sim.

— Só mais uma coisa... ele me pediu em namoro e eu aceitei.

— Então quero conhecê-lo. Logo.

— Direi isso a ele. Tchau.

— Tchau.

Eu desligo o telefone e caminho nas pontas dos pés de volta para o quarto e sou surpreendida com a voz dele:

— Já acordada? — ele pergunta ainda meio sonolento.

— Acordei com meu telefone tocando – falo, colocando o celular sobre a minha bolsa novamente e começo a pegar as minhas coisas para me arrumar.

Ficamos em silêncio. Eu sei que ele quer saber quem era, mas, sei também que ele não vai perguntar. Decido brincar com a curiosidade dele e não falo nada.

— Humm. — ele murmura, após alguns segundos. — Que horas são? — pergunta me olhando com curiosidade.

— Oito horas. — eu continuo a mexer na minha mala.

— Nossa seu telefone começa a tocar cedo. — comenta. Tenho que respirar fundo para não rir por vê-lo visivelmente curioso

— Normalmente sim. — Respondo.

— A propósito, precisamos anunciar logo que estamos namorando.

Eu me viro de costas para ele porque não consigo segurar mais o riso. Ele está enciumado e é a coisa mais linda do mundo vê-lo assim, se segurando para não dar o braço a torcer.

— Anunciar como? — Pergunto, agachada ainda de costas, pegando a minha nécessaire.

— Ah, atualizar status do Facebook, falar para seus amigos, sua mãe, essas coisas.

— Ah... entendi... Você está dizendo que eu devo anunciar, né? – eu friso a palavra eu, porque todos os exemplos que ele deu, referem-se a mim.

— Não. Eu disse nós, não você. Eu farei isso hoje, se esqueceu que vou te levar para conhecer meus pais, minha filha e minha irmã logo mais?

Como me esquecer? Minha barriga se contrai só de pensar na ideia de que irei conhecer a filha dele. Ela é só uma criança e ainda assim, temo esse encontro como se eu estivesse prestes a conhecer alguém que possua a fama de ser bravo.

— Claro que não me esqueci. – respondo, me levantando e seguindo para o banheiro.

— Manu. – ele me chama, assim que chego na porta.

— Sim? – me viro para olhá-lo.

— Vai ficar brava se eu perguntar quem era no telefone assim tão cedo?

— Você está perguntando só porque é assim tão cedo? – provoco.

— Não. Estou perguntando porque quero saber mesmo. E dá para tirar esse sorriso do rosto, por favor?

Eu não resisto e finalmente começo a rir.

— Bobo. Estava esperando você perguntar. Era a minha mãe, quem mais poderia ser?

— Sua mãe, é?

— Sim, Daniel, minha mãe. Quer que eu leve o celular aí para você ver?

— Quero! – ele responde, me causando espanto. Eu perguntei na brincadeira, não imaginei que ele iria mesmo querer checar o meu celular.

Como nas últimas vinte quatro horas, já tivemos desentendimentos demais, eu decido somente dessa vez ceder e caminho até a minha bolsa,

pego o celular e vou até a cama.

— Aqui está, pode ver. – falo, entregando a ele o celular destravado.

Ele pega o celular com uma mão e eu viro o corpo para voltar para o banheiro quando que com a outra mão, ele me puxa para cama. Caio em cima dele.

E agora é ele quem está rindo.

— Acha mesmo que eu ia querer olhar o teu celular, Manu?

— Sinceramente? Pensei que sim.

— Era só uma desculpa para fazê-la voltar para cama. – ele diz, beijando o meu pescoço.

— Podia ter pedido.

— Assim foi mais divertido. – ele beija o canto da minha boca.

Eu fecho os olhos no momento seguinte, quando ele beija o meu queixo e o outro canto da minha boca. Sua mão começa a acariciar o meu corpo, descendo sobre o tecido fino do baby dooll, parando na minha barriga, próximo ao umbigo e depois começa a alisá-la em um sutil vai e vem. Eu procuro pela a boca dele. A encontro. E então me perco no beijo dele. Ele joga o corpo para cima do meu e sinto a sua ereção prestes a explodir. Ele para de me beijar e me olha.

— Bela... Como você é bela.

Um sorriso bobo se forma em meu rosto.

— Você tem um efeito bombástico sobre mim.

Eu reviro os olhos para ele enquanto mordo os lábios.

— Isso é demais para mim. – diz em resposta.

— Isso? – pergunto, enquanto reviro os olhos e mordo os lábios novamente.

Ele beija o meu queixo e vai descendo para o meu pescoço. Meu colo. Puxa para baixo as duas alças da minha roupa e segundos depois, a tira de mim. Volta a me beijar. Para em meus seios. Solto um pequeno gemido de prazer quando a boca dele toca um deles. Ele me olha satisfeito e volta a beijar o outro. Beija o meio deles. Desce mais um pouco e beija o meio da minha barriga. Beija o meu abdome e me faz tremer, tento escapar do beijo dele enquanto quero mais.

— Isso é bom. – murmura ao beijar abaixo do meu umbigo. Minha pele toda arrepiada.

Ele continua a descer e meu corpo todo ferve em antecipação. Eu preciso dele. Preciso dele dentro de mim.

Antes que ele desça mais, minhas mãos seguram a cabeça dele, forçando-o a levantá-la e a olhar para mim.

— Quero você. – falo, com a voz baixa.

— Agora?

Eu balanço a cabeça em afirmativo. Ele se move para cima de mim e estica o braço até a cabeceira da cama, pega um envelope quadrado e o rasga em segundos. Eu o observo colocar a camisinha. Seus músculos definidos na medida certa, se contraem enquanto ele a coloca, relaxando em seguida, assim que ele termina.

— Agora. – ele diz, piscando para mim.

Me ajito no travesseiro e segundos depois, o sinto entrar vagarosamente em mim. Eu fecho os olhos, querendo curtir cada segundo. Cada movimento. Cada momento.

Após algum tempo assim, invertemos a posição e começo a me mover com pressa em cima dele. Ele segura na minha cintura e murmura o meu nome. Nos movemos em sincronia. Com força, mas, sem pressa.

— Se entrega, minha bela. – ele diz, quando percebe que estou prestes a chegar ao ápice.

Tombo a cabeça para trás e permito que a sensação violenta de prazer me domine.

— Isso. – diz, fazendo força dentro de mim, com suas mãos pressionando mais forte em minha cintura.

Pouco tempo depois, ele se entrega também e estamos os dois ofegantes, deitados um ao lado do outro.

— Acho que você podia começar a pensar na ideia de tomar remédio. O que acha? – ele interrompe o silêncio.

— Pode ser. – respondo, ainda com a respiração alterada.

— Quero experimentar você sem a camisinha. – ele se deita de lado e apoia a cabeça sobre a sua mão.

— Quer é? – provoco.

— Muito.

— Tudo bem, assim que eu voltar para São Paulo, vou marcar um médico.

No momento seguinte, a sua fisionomia mudou.

— O que foi? – pergunto, percebendo que algo o incomodou.

— Isso parece um sonho, mas, quando você fala de voltar a São Paulo, percebo que não é um sonho e percebo que não sei se quero que não seja.

— Esse tipo de reflexão combina mais comigo e não com você!

— Pior é que eu sei que está certa... Só queria que ficasse aqui. Que morasse aqui.

— Dan!

— Eu sei, é egoísmo da minha parte.

— Não, Dan, não é não. As coisas só não são assim tão fáceis. – beijo o rosto dele e puxo o braço dele para cima de mim.

Ficamos em silêncio. Os minutos passam e o único som que ouço é o da respiração dele próximo a minha cabeça. Eu crio coragem e finalmente pergunto.

— Dan, como vamos fazer? Logo precisarei voltar para São Paulo.

Ele me vira para ele.

— Você vai voltar e vamos sempre que possível, um visitar o outro. É assim que vamos fazer.

— E quando você estiver viajando a trabalho? – sei que não tenho o direito de não querer que ele viaje, ele ama o trabalho dele e eu jamais pediria para ele deixar de fazer alguma viagem a trabalho para ficar comigo, mas, a ideia de que ele possa viajar e ficar meses fora, começa a dar sinais de que não me agrada.

— Vamos dar um jeito. Vou avisar na revista que já não tenho mais a disponibilidade para viagens longas, de meses.

— Não! – eu retruco. – Você não pode fazer isso. Você ama o seu trabalho. Não quero que tenha nenhum motivo para no futuro, se arrepender. Não quero ser eu, esse motivo.

— Manu, eu não tenho como me arrepender por estar escolhendo passar mais tempo ao lado da garota por quem estou apaixonado. Eu já dediquei tempo demais à revista. Perdi o meu casamento por isso...

Seus olhos se estreitam e sinto o ressentimento em suas palavras. Talvez ele ainda sinta falta da ex-mulher. Não que eu duvide que ele sinta algo por mim, mas, começo a pensar se realmente ele superou a separação. Pensar nisso me faz pensar que talvez, ele será pai novamente em breve. Me sinto enjoada. Não fisicamente, mas, psicologicamente, sim, estou enjoada, com vontade de vomitar, de colocar para fora o medo que em questão de segundos, passou a me dominar. Eu só quero acreditar que realmente vamos dar um jeito em tudo e que vamos superar seja o que for. Eu só quero ter a certeza de que vamos conseguir.

— No que está pensando? — ele parece ter percebido a minha

preocupação. Talvez seja porque fiquei em silêncio por tempo demais.

— Estou com medo. – respondo. Você vai ser pai.

— Opa, eu já te disse que não tenho a certeza disso. – ele me interrompe, um pouco irritado. Percebo que esse assunto o incomoda, acho que é porque o faz lembrar que ele foi fraco e recaiu com a ex.

— Mas e se for? Precisamos considerar essa hipótese e começar a pensar como vai ser, como isso afetará nós dois.

Ele se tira o braço que estava ao redor de mim e se senta na cama.

— Manuela, eu sei que eu já devia ter essas respostas na ponta da língua, que tê-las, garantiria que você ficasse segura e não tivesse dúvidas de que vamos dar um jeito, mas, eu não as tenho, e é porque nas últimas vinte quatro horas, tudo o que fiz, quando não estávamos tendo alguma discussão, foi aproveitar cada segundo com você para matar as saudades que eu estava sentido. E tudo o que me permiti pensar é no quanto eu estou gostando de você e no quanto você torna a minha existência mais leve. – ele engole a saliva e finalmente me encara.

— Desculpa. Eu só não sei se teremos alguma solução para isso.

— Está feito, Manuela, não posso mudar isso. – diz, um pouco irritado. – Se essa criança for minha, vai ter o meu nome e o meu carinho, mas, a mãe dessa criança não vai ser para mim nada além disso, mãe de um filho meu.

— Ser mãe de um filho seu não é algo para ser chamado de “nada além disso”. – respondo, sentindo uma pontada de ciúmes.

— Bela, eu não pretendia conversar com você sobre isso agora, mas, já que estamos falando, vamos lá. Eu quero passar a maior parte do meu tempo ao seu lado, com você. Seja aqui ou em São Paulo. Eu quero que você goste da minha filha, porque tenho a certeza de que ela gostará de você. Espero, que você aceite a minha condição de talvez ser pai de uma criança que foi gerada em um momento de fraqueza, momento esse que me serviu para perceber que eu havia finalmente superado a mulher que desgraçou com a minha vida. Espero também, que você tenha paciência com as possíveis viagens a trabalho que venham a surgir. E sim, Manuela, eu estou disposto a fazer o que for necessário para que fiquemos juntos.

Meus olhos começam a arder eu tento disfarçar a vontade de chorar. Eu não falo nada. Apenas me jogo em seu colo. Abraçando-o com força.

— Confia em mim. Temos o universo ao nosso favor. – ele sussurra em meu ouvido.

Eu inspiro. Respiro.

— Vou tomar uma ducha. – falo, me soltando do gostoso abraço dele.

— Posso ir com você? Prometo que vai ser só banho... – ele pisca.

Eu aceno a cabeça que sim e me levanto. Ele me segue.

Meia hora depois, estamos dentro do carro. Seguindo para a vinícola dos pais dele.



Daniel

“Where do you go when you're lonely? Where do you go when you're blue? Where do you go when you're lonely? I'll follow you. When the stars go blue, blue.”

“Onde você vai quando está sozinho? Onde você vai quando está triste ? Onde você vai quando está sozinho? Eu te seguirei. Quando as estrelas ficam tristes, tristes.”

(The Corrs – When the stars go blue)

Eu tento e acho que consigo, disfarçar a minha ansiedade e também a minha dúvida em relação à Bianca. Eu não tive tempo de prepará-la para isso. Se eu tivesse ontem, falado para a Manu que eu teria que conversar com a Bianca primeiro, antes desse encontro, tenho quase certeza de que ela iria desistir e arranjar um jeito de ir embora.

Dirijo calado, pensando em como vou apresenta-las. Para os meus pais, sei que será fácil, eles já sabem dela, sabe da história que tive com ela na Noruega, sabem que ela é importante para mim, o problema realmente é a Bianca... Como dizer para ela que tenho uma namorada logo agora que ela soube da gravidez da mãe?

— Você está quieto. – ela diz, se virando para me olhar. – Está tudo bem?

— Claro! – eu tento mostrar a ela o meu sorriso mais sincero. Não quero preocupa-la.

— Você está apreensivo, não está? Pela a sua filha...

Como ela consegue? Eu não dei nenhuma dica de que isso estava me deixando um pouco preocupado e ainda assim, ela consegue capitar e me questionar.

— Um pouco. – decido que não devo mentir para ela. – Desde que eu e a mãe dela nos separamos, eu nunca apresentei para ela nenhuma outra mulher... É só por isso.

Eu vejo uma ruguinha de preocupação se formar na testa dela. Ela não diz mais nada. Eu ligo o rádio para quebrar o silêncio. Desisto de achar alguma música boa na rádio e mudo para o meu cartão de memória. Ela observa o meu movimento e depois se vira para olhar para a janela.

Eu queria ter a coisa certa para falar agora, mas, não tenho.

Snow Patrol começa a tocar *Chasing Cars*, uma das minhas músicas favoritas. Vejo que ela também gosta da música porque no refrão ela canta baixinho, quase que em um murmúrio.

Saio da cidade e pego uma estradinha secundária que vai nos levar até a vinícola.

Continuamos sem silêncio.

Eu fecho os vidros do carro e ligo o ar condicionado, a estrada é de terra e levanta um pó danado quando passamos por ela. A Manu passa as mãos pelo braço.

— Está frio?

— Estou bem – responde, sem olhar para mim.

Aumento um pouco a temperatura do ar e olho para ela. Nem um sorriso. Eu não sei como corrigir isso. Saímos de casa bem, mas, a minha insegurança em relação ao que está prestes de acontecer, acabou afetando ela e, agora parece que ela está colocando uma barreira entre nós novamente.

— Adoro *Snow Patrol*. – ela diz, assim que a música acaba e *Open Your Eyes* começa a tocar.

Eu sorrio satisfeito. Ela está voltando...

— Não é a minha banda preferida, mas, está entre elas.

— Por falar em banda preferida, você prometeu me mostrar a sua playlist.

— Quer ouvir ela agora?

— Quero sim. – ela sorri como uma criança e isso me anima.

— Nesse cartão de memória tenho quase as mesmas músicas que em meu celular, vai passando...

— Finalmente vou conhecer a tão misteriosa lista de músicas do senhor Daniel. – ela diz, de bom humor.

— Misteriosa? – pergunto, enquanto tento desviar de um buraco.

— Sim. Quero ver o que a sua lista diz a respeito de você. – ela ri.

Eu aumento o volume e a incentivo a começar então, a desvendar os meus segredo musicais. Creed começa a tocar *My Sacrifice*. Ela balança a cabeça em afirmativo e diz que também gosta deles. Quando *The Smiths*

começa a cantar Please, Please, Please, let me get i want, ela dá um pequeno grito dentro do carro que eu chego a assustar.

— Não acredito que você gosta de The Smiths!

— Esses sim, estão no topo das minhas bandas preferidas. – respondo, feliz com a empolgação dela.

— Eu adoro eles! – ela se vira para mim, sorrindo.

— Você não é novinha demais para gostar deles?

— Sou novinha para você?

— Claro que não.

— Então. Não temos tanta diferença de idade assim... Sempre gostei de rock clássico.

— Você tem bom gosto.

— Eu sei. – ela brinca, passando para a próxima música. The Cure canta Boys don't cry.

— Falta muito para chegarmos? – ela pergunta.

— Mais uns vinte minutos. Se a estrada não fosse de terra, chegaríamos rápido, mas, com ela assim, tenho que ir mais devagar.

— Ainda bem que ela é de terra então. – ela murmura. — Estou com medo de chegarmos.

Ouçõ ela soltar o ar como se ela estivesse cansada, como se tivesse feito uma caminhada de horas sem parar. Desacelero o carro e o encosto próximo ao matagal que acompanha a estrada.

— Por que paramos? – ela pergunta confusa.

— Olha para mim. – eu peço.

Ela me olha e nesse momento, a luz do sol reflete em seu rosto pálido, pequenas faíscas douradas parecem iluminar os seus olhos, eu puxo uma mexa de cabelo que está em seu rosto e posso ver a delicadeza de seus traços, a suavidade e harmonia de seu perfeito nariz em relação à boca. Deus! Como ela é linda.

Ela me encara com curiosidade, pressionando os lábios em uma linha fina. Eu poderia passar o dia todo sentado nesse banco de carro, apenas observando e descrevendo a beleza dela, embora eu me sinta incapaz de descrever tamanha perfeição. Seus cabelos longos, hoje parecem estar rebeldes, alguns fios estão erguidos e ainda assim, ela é perfeita.

Perfeita para mim.

— Me dá a sua mão.

Ela faz o que peço e estende a sua mão esquerda. Eu seguro na pequena

e delicada mão dela e imagino como ficaria linda com um anel dourado em seu fino dedo anelar. Volto o meu olhar para o rosto dela e levo a mão dela até a minha boca, beijando a sua palma.

— Eu também estou receoso, Manu. — começo a dizer. — Mas, eu nunca estive tão certo de que é isso que eu quero fazer, eu nunca me senti tão seguro de que estou fazendo o que me faz feliz. Você me faz feliz. Eu amo a minha filha e espero que ela aceite a minha escolha, mas, se não aceitar, ela vai ter que pelo menos aprender a conviver com isso, porque eu não vou soltar a sua mão, Manuela. Nunca mais.

Ela joga os seus dois braços ao redor de mim e me aperta com força, eu retribuo o abraço e ficamos assim, abraçados. Conectados. Alguns carros passam por nós e não nos importamos. Se são os pequenos momentos que fazem a vida da gente valer a pena, posso afirmar que estamos agora em um desses momentos, onde não temos que dizer nada, não precisamos expressar com palavras aquilo que transborda em um abraço. Eu a quero para a vida toda e disso eu não tenho dúvidas. Eu a desejei para a minha vida desde o primeiro momento em que a vi, eu não preciso de mais tempo para saber que encontrei a pessoa capaz de dar sentido à vida que para mim, estava vazia. Desde que eu flagrei a traição da Letícia, o amor havia perdido o sentido, se transformou em apenas uma palavra comercial, para fazer as pessoas comprarem coisas e mais coisas na tentativa de demonstrá-lo, de expressá-lo. Eu já não mais acreditava que eu pudesse senti-lo novamente. Que o meu coração iria acelerar de novo com a presença de uma mulher. Que meu peito fosse doer por sentir medo de perder essa mulher. Ela é a manifestação prática da minha crença: Tudo acontece na hora certa. E foi na hora certa que a Manuela aconteceu na minha vida. Eu a quero não porque preciso dela, a quero porque sou alguém melhor quando estou com ela. Ela não é o meu ar, o meu nascer do sol ou coisa assim, não, ela não é um poema, ela é real.

— Eu já te disse que te adoro, hoje? — eu a solto e fico de frente para ela.

— Ainda não. — ela faz beicinho e quase que um convite para eu beijá-la.

E eu a beijo. Tão suave quanto posso.

— Adoro você. — falo, assim que paramos de nos beijar.

— Eu também adoro você, Dan.

— Acho que podemos continuar, não é mesmo?

Ela balança a cabeça e eu dou partida no carro. Seguimos falando sobre o meu gosto musical, enquanto ela vai passando música a música, a minha

preocupação vai diminuindo.

Dez minutos depois, estaciono o carro na entrada da casa sede da vinícola. Nos olhamos como se um estivesse encorajando o outro. Eu a ouço inspirar e respirar com força. Eu não posso recuar nem falhar. Ela precisa da minha segurança. Precisa que eu demonstre estar confiante no que estou prestes a fazer. E bem, posso não estar confiante, mas, tenho certeza de que é isso o que quero.

Apresentá-la a todos como a minha namorada.



Manuela

*“Hold me now. I'm six feet from the edge and I'm thinking maybe
six feet ain't so far down.”*

*“Me segure agora. Eu estou a seis passos do precipício e eu estou
achando que talvez seis pés
Não sejam tão distantes assim”.*

(Creed – On Last Breath)

Logo que passamos pela porteira da vinícola, eu peço para ele ir mais devagar e não é porque estou com medo e quero postergar ao máximo a nossa chegada. Bom, o medo existe, mas, o que me faz querer que ele vá devagar é a linda paisagem que parece ser tirada de um quadro de Monet. Um moinho em funcionamento me chama a atenção logo que avançamos. O caminho é em um paralelepípedo rodeado por grama dos dois lados. Olhando pela janela do lado dele, consigo ver bem ao longe um extenso vinhedo. E do lado oposto, uma capela de pedra. É um dos lugares mais lindos, aconchegantes e também românticos que eu já vi. Um tonel deitado faz a decoração no meio da grama, em uma esquina que antecede a casa, que é imensa, pintada em uma cor que está entre o marrom e o laranja, com portas e janelas de madeira branca. A varanda no andar de cima rodeia a casa inteira, e no andar de baixo, embaixo de cada janela, uma jardineira repleta de flores coloridas dão o toque final ao lugar.

O Daniel estaciona o carro bem de frente para a entrada da imensa casa. Nós nos olhamos.

É agora.

Eu solto um suspiro na tentativa de aliviar a tensão. Ele passa rapidamente a mão sobre a minha e desce do carro. Dessa vez, eu o espero abrir a porta para mim. O medo de abrir e dar de cara com alguém que não conheço me faz ficar sentada até a chegada dele. Seguro na mão dele e desço.

— Nossa! Que lugar incrível! – solto, assim que ele fecha a porta do

carro.

— Você ainda não viu nada. Depois que conhecer todos, vou levá-la para conhecer a propriedade.

Eu balanço a cabeça, rodando em meus calcanhares para olhar novamente para o lugar.

— Vem, vamos entrar. – ele me puxa pela mão e começamos a caminhar para dentro da casa.

Assim que entramos, vejo um balcão grande de madeira rústica, que deduzo ser onde a Nicole fica, mas, o lugar está vazio. Garrafas e mais garrafas de vinho, suco de uva e sei lá eu mais o quê, estão acomodadas em uma espécie de adega, ao lado direito da porta.

— Finalmente! – ouço uma voz vir do corredor e reconheço a Nicole.

Ela vem ao meu encontro e me dá um abraço.

— Você está bem? – pergunta baixinho.

— Estou sim. – respondo, no mesmo volume.

— Ei, o que as duas estão cochichando? – O Daniel pergunta.

— Eu estou me certificando se você cuidou bem dela. – a Nicole responde. É engraçado como ela fala com ele, embora eu não tenha irmãos, posso dizer que os dois brigam e conversam como se fossem mais do que amigos, como se fossem irmãos de sangue.

— Viu só? Ela está inteira. – ele retruca, me puxando para ele. – Cadê todo mundo?

— O seu pai está no escritório e sua mãe está na cozinha com a Bianca. – ela ergue as sobrancelhas ao dizer o nome da filha do Daniel.

— Vamos ver o meu pai primeiro. – ele diz.

— Dan? – eu o chamo, fazendo-o parar.

— Oi bela.

— A Nick pode ir com a gente? – peço, como se a presença da amiga dele fosse capaz de amenizar o meu medo.

— Se prefere assim... Nick, você vem com a gente?

— Nossa, pensei que vocês não fossem chamar. – ela responde, me fazendo rir e aliviando um pouco a minha apreensão.

Caminhamos pelo corredor, os três em total silêncio. O que me deixou mais desconfortável ainda. Encontramos a porta do escritório entreaberta. O Daniel bate na porta e chama pelo pai.

— Pai?

— Entre! – uma voz firme responde. O Daniel nos olha e abre a porta

em seguida.

Um homem muito diferente do que eu imaginava, está sentado em uma cadeira preta, atrás de uma imensa mesa de madeira com tampo de vidro. Ele é mais jovem do que eu pensei que fosse. Forte. Cabelos castanhos, e seus olhos... Agora sei de onde veio os olhos azuis do Daniel.

— Pai, quero que conheça alguém. – diz Daniel, indo em direção ao pai e me puxando junto com ele.

— Manuela, não é? – o pai dele diz, estendendo os braços para mim. – Venha cá, deixe-me vê-la de mais perto.

Eu caminho até ele aliviada com a sua recepção calorosa. Ele me dá um forte abraço.

— Que rapariga linda! – ele me aperta entre os seus braços, quase me fazendo perder o ar.

— Manu, esse é o meu pai, Pedro.

— É um prazer muito grande conhecer o senhor. – falo, após ele me soltar e me deixar respirar por alguns segundos.

— Oh... Por favor, pode me chamar de Pedro. – ele pisca para mim e sorri. Ele lembra um pouco o meu pai, o jeito brincalhão, o fato de não gostar que o chamem de senhor, assim como o meu pai não gostava, ele dizia para todos que o chamavam, que podiam respeitá-lo sem chama-lo de senhor.

— Vou levá-la para conhecer a mamãe. – Daniel diz, segurando a minha mão. Eu entrelaço os meus dedos nos dele e toda a insegurança de minutos atrás, parece estar indo embora.

— Ela está na cozinha...

— Vamos lá. – Dan responde.

— Filho! – o senhor Pedro o chama.

— Sim?

— Ela sabe da Bia? – ele olha para o Daniel e depois para mim com uma expressão de preocupação. Isso me assusta.

— Sabe sim.

— Então acho melhor não chegarem de mãos dadas na cozinha. Acho que você devia conversar com a sua filha antes.

Eu quero cavar um buraco e me enfiar nele. De repente, a verdade que ando evitando enxergar, se torna clara como uma nuvem em um dia de sol. A família dele pode até vir a me adorar, eles podem até simpatizarem por mim, mas, se a filha dele não gostar, se ela não me aprovar como a namorada do pai, de nada vai adiantar a empatia de todo o resto. No fim de tudo, quem está

com os nossos destinos nas mãos, é ela, a Bianca, porque se ela fizer alguma objeção pelo o nosso relacionamento, eu farei o que tem que ser feito: sair de cena e deixar que o Dan siga o caminho dele. E jamais ficarei entre ele e a filha.

Ele reage de forma estranha com o comentário do pai, percebo que ele quer fazer o que o pai disse, de soltar a minha mão e então, tento facilitar as coisas. Eu solto primeiro.

— Acho que o seu pai tem razão. – falo, tentando controlar a entonação da minha voz.

— Dan, vai primeiro e eu e a Manu ficamos aqui com o seu pai. – sugere a Nicole, ela parece ter percebido o meu constrangimento.

Ele olha para mim como quem pede autorização.

— Eu espero aqui. – respondo. Ele me dá um beijo rápido na testa e some pelo corredor.

— Sente-se. – diz o pai dele, apontando para mim um sofá de couro marrom. O escritório todo é decorado em uma mobília rústica, o que o torna aconchegante.

Eu sento no sofá e coloco a minha bolsa sobre os meus joelhos, tentando esconder o meu nervosismo. As minhas pernas tremem e eu balanço os pés para que ele não perceba.

— Nick, você pode nos trazer uma jarra de suco de uva, por favor? – o pai do Daniel pede.

— Claro! Volto logo. – ela sai e encosta a porta do escritório.

Agora é a hora em que eu devo gritar, porque eu estou com medo. Não dele, é claro, mas, do que ele possa dizer para mim a respeito da relação do filho com a neta.

— Olha, Manuela – ele começa, pigarreando um pouco. – eu, como pai, estou muito contente ao ver o meu filho assim, feliz. Essa é a primeira vez que ele nos apresenta alguém, depois do que aconteceu. Você deve saber.

— Sim. Ele me contou.

— Mas, você parece ser uma garota de família, é educada, bonita e eu não sei se você está mesmo a par de tudo a respeito do Daniel.

Ele puxa uma cadeira e se senta de frente para mim. Eu quero me atirar pela janela e me esconder no primeiro arbusto que eu encontrar!

— Ele saiu de uma clínica de recuperação não tem nem uma semana. É muito cedo para afirmarmos que ele está bem de verdade. Da outra vez, foram mais de oito meses internado e ainda assim, recaiu enquanto esteve na

Noruega e depois na Rússia. – ele me estuda com cautela, como se estivesse esperando por alguma reação negativa da minha parte. Eu permaneço rígida. Tão firme o quanto posso.

— Eu entendo a preocupação do senhor. – falo.

— Não, Manuela, você não entende, você é jovem demais para entender sobre as dores da vida.

“Isso é o que o senhor pensa” – penso comigo mesma.

Eu conto até dez mentalmente, porque nesse momento, eu sinto vontade de dizer para ele que ele está errado, que eu talvez entenda até mais do que ele, porque ele tem os filhos dele vivos, a esposa viva, a neta viva, eu tenho um pai morto e um namorado que morreu segurando a minha mão. Eu não julgo a dor de ninguém, aprendi que cada um sabe o peso da sua própria dor, mas, também aprendi a não permitir que alguém julgue a minha dor.

— O meu filho trata uma doença muito séria e essa doença precisa ser vista com tal seriedade. Ele tem que abrir mão de certos prazeres para se manter estável. Não é qualquer pessoa que está disposta a suportar isso. Eu mesmo não desejaria que a minha filha, Mariana, namorasse alguém com problemas com bebidas, como o meu filho tem.

Eu começo a ficar incomodada com as palavras do pai do Daniel. Ele fala do filho como se não acreditasse na capacidade do Daniel de se manter longe das bebidas. Eu posso não ter passado pelo o que o senhor Pedro passou em relação ao filho, mas, ele não me parece ser alguém que tem problemas com a bebida, ele parece ser alguém que busca na bebida a ilusória solução para os seus problemas e para mim, isso é muito diferente. Eu acredito que se ele souber lidar com as instabilidades da vida, ele certamente vai se manter firme em sua recuperação. Sinto vontade de dizer isso ao pai dele, mas, não acho que seja a hora de um confronto. E além do mais, estou no estabelecimento dele.

Eu o ouço falar enquanto chego no número cem em minha contagem metal.

— Espero que você esteja entendendo o que quero dizer. – ele diz. Para ser sincera, acho que perdi as suas últimas trinta palavras.

— Eu entendo, mas, não concordo. Porém, respeito a opinião do senhor. – solto, me sentindo aliviada.

Ele me olha confuso.

— E em qual parte você não concorda? – pergunta.

Nesse momento, a Nicole entra no escritório com a jarra de suco. Ele e o

senhor Pedro se entreolham e ela parece perceber o que está havendo aqui. Ela deixa a bandeja com a jarra e os copos sobre a mesa do centro, entre eu e ele e diz que precisa ir até a recepção.

Que ótimo! Ninguém para me salvar...

Ele serve o suco para nós dois e eu me pergunto onde está o Daniel e como está sendo a conversa dele com a filha. Pelo jeito, está sendo tão difícil quanto a minha com o pai dele.

— E então? — pergunta, erguendo uma sobrancelha e me passando a taça de suco.

Eu aceito por educação, mas o meu lado Fiona grita dentro de mim que eu deveria jogar o suco na cara dele se ele falar novamente sobre o Daniel como ele falou.

— Bom, o meu pai me ensinou que quando alguém nos pergunta algo, é porque quer saber a resposta. Ele dizia que quando fazemos uma pergunta, temos que estar preparados para a resposta que possa vir, que talvez, ela não seja a que mais nos agrade. Dito isso, posso dizer que se o senhor está me perguntando, é porque o senhor quer mesmo saber.

— Você, por favor. — ele me interrompe. Eu até poderia gostar dele se não fosse pelas as suas duras palavras ditas momentos atrás.

— Ok. Você. — falo. — E respondendo a sua pergunta — eu me corrijo mentalmente assim que estou prestes a dizer senhor — Eu sou mesmo muito nova para muita coisa. Sou quatro anos mais nova do que o Daniel, mas nem por isso a vida foi fácil para mim. Quando eu disse que eu entendia você, não foi porque eu já passei por situação semelhante, porque eu nunca passei, mas, a vida já brincou um bocado comigo, me fazendo ver o meu pai morrer e alguns anos depois, me fazendo ver o meu namorado morrer.

Ele me olha com horror nos olhos. Parece até que eu disse algo proibido.

— Eu sinto muito. Não sabia sobre o seu pai... e também sobre o seu namorado.

— Pois é, Pedro. As aparências enganam. Eu sou sim, muito nova, mas, não nova demais para acontecimentos como esses, de perder alguém que a gente ama, a vida não nos escolhe pela a nossa idade, ela nos escolhe pela a nossa capacidade de suportar a dor.

Ele toma um gole do suco e parece que está tomando bolas de espinho. Eu jamais quis ser desrespeitosa com ele, ainda acho que eu poderia gostar muito dele, mas, eu me senti ofendida e acabei ficando na defensiva.

Tomo um gole do meu suco, que por sinal é maravilhoso e continuo.

— E sobre o Daniel, a única coisa que eu sei é que ele precisa que as pessoas que ele ama, confiem nele novamente. Ele me disse que nunca teve problemas com a bebida até acontecer o que aconteceu, isso para mim já basta. Eu não o vejo como alguém que tem problemas com a bebida, eu não subestimo o poder que elas exercem sobre ele, mas, eu o vejo como alguém que não estava preparado para o que aconteceu e encontrou na bebida, uma forma de aliviar a dor. Eu não posso julgar o seu filho. Houve uma época em que tudo o que eu mais queria era encontrar algo que fizesse a minha dor diminuir. Eu encontrei o seu filho. – falo, olhando-o nos olhos.

— Você realmente é uma garota determinada. – ele diz, se levantando. – Acho que agora me sinto mais seguro para dizer que o Daniel escolheu dessa vez, a pessoa certa.

Eu olho espantada para ele. Há minutos atrás ele estava dando a entender que eu não era boa o suficiente para o filho dele e agora ele muda a conversa, tentando dizer o contrário?

— Me desculpe se fui rude demais com você. A Minha Marta pediu que eu não fizesse isso quando você chegasse, mas, eu tive que fazer, o Daniel é um bom filho e um excelente pai, eu não podia permitir que ele se jogasse em algo sem antes eu saber se seria seguro.

Eu balanço a cabeça em descrença. Eu poderia ter perdido a razão e por conta desse teste idiota que ele resolveu fazer comigo, ter colocado tudo a perder, ter feito inclusive, o Daniel ficar com raiva de mim por não me abaixar para o seu pai.

— Não sei o que dizer. – respondo, ainda atônita.

— Peço desculpas se te assustei. Mas, agora estou tranquilo. O meu filho está em boas mãos.

“Me assustou? Não, claro que não, eu logo percebi que era um teste...”

Que raiva! Que vontade de brigar com ele por me fazer me sentir assim. Agora, sinto vergonha de mim mesma, da raiva que senti por ele, de ter xingado ele em pensamento.

Eu forço um sorriso e tomo mais um gole do meu suco. Ouço o barulho da porta atrás de nós e me viro para encontrar os olhos azuis do Daniel, eu olho para baixo e vejo outro par de olhos, tão claros quanto aos do pai e do avô.

Ela é uma das crianças mais lindas que já vi.

— Manuela. – o Daniel me chama – Quero que você conheça alguém que é muito especial para mim.

Eu me levanto e dou alguns passos à frente. Ele passa pela porta, segurando a mão da filha, que me olha de cima abaixo.

Estou oficialmente com medo de uma criança de nove anos.

— Bianca, essa é a amiga do papai que te falei na cozinha. Ela vai passar alguns dias conosco, em casa.

Após ouvi-lo, sinto como se tivesse sido golpeada no estômago. Minha vista parece escurecer e o ar não chega aos meus pulmões.

Ele se referiu a mim como “amiga” e nada me doeu mais do que isso. Poucas horas depois dele ter me pedido em namoro, ele não tem coragem de dizer para a filha o que sou para ele.

Eu tento não demonstrar a minha frustração, disfarço com um sorriso, mas, acho que não estou conseguindo convencer. Ele me olha preocupado, como quem espera que eu faça alguma coisa, que eu fale com a filha dele, mas, o que ele espera afinal de mim? Se nem dizer a verdade para a filha ele foi capaz de fazer, isso deve significar algo, será que não?

Ou ela é uma criança difícil de lidar, ou, ele ainda esteja receoso de assumir para ela que estamos juntos. Talvez, ele não tenha certeza de que é isso que ele realmente quer.

— Oi. – falo para ela. – Sou a Manuela. – me agacho para beijar o rosto dela. Ela pelo menos não se afasta.

— Oi. – ela responde, após eu beijá-la.

Respiro aliviada. Pelo menos ela não saiu correndo ou me deu um chute.

— Posso ir agora, papai? – ela se vira para o Daniel.

Eu volto a ficar tensa. Todos na sala estão tensos. Uma senhora, que suponho ser a mãe dele, surge através da porta.

— Então você é a famosa Manuela? – ela diz, com um sorriso amável no rosto.

Eu balanço a cabeça e olho para o Daniel. Ele murmura um “já venho” e sai de mãos dadas com a filha.

— Eu sou Marta, a mãe do Daniel. – ela diz, me puxando para um abraço. – Você parece estar nervosa, fique calma, garota, vai dar tudo certo. – completa.

Eu seguro as lágrimas que começam a se formar em meus olhos. Estou rodeada por pessoas que não conheço, em uma cidade que não conheço e de repente, sinto vontade de ligar para a minha mãe.

— Obrigada. – respondo.

— Você é mesmo linda, o meu filho tinha razão. – ela diz, passando a

mão em meus cabelos e tirando uma mecha dos meus olhos.

— Imagina. — respondo, rezando para que o Daniel retorne logo.

— Eu posso ir ao banheiro? — pergunto, quando percebo que estou prestes a desabar em lágrimas.

— Claro! Nick, mostra para ela o caminho, por favor.

A Nicole segura na minha mão e começa a me puxar para fora do escritório.

— Você está bem? — ela pergunta, assim que começamos a caminhar pelo corredor.

— Não sei. — respondo, tentando controlar a minha respiração. — Ela não gostou de mim, não é mesmo?

— A dona Marta? Ela te adorou!

— Não. Não ela. A Bianca.

— Ah... ela é criança, Manuela. É normal que no começo ela se mostre um pouco arredia, mas, com o tempo isso vai mudar.

— É... — respondo.

— Chegamos. — ela aponta para uma porta de madeira branca. — Estarei na recepção, é só você voltar pelo corredor até o final, ok?

— Obrigada.

Entro no banheiro e tranco a porta. As lágrimas começam a escorrer descontroladamente. Eu nem sei se tenho motivos para chorar desse jeito. Eu odeio o fato de que ando chorando demais. Se fosse na época do Léo, isso não aconteceria. Eu não me permitia chorar naquela época.

Eu me agacho atrás da porta e procuro pelo o meu celular dentro da minha bolsa. Começo a discar o número de casa, mas, desisto antes mesmo de apertar o botão de discar. Eu não posso simplesmente ligar para a minha mãe chorando. Ela vai ficar preocupada e no fim, eu nem vou saber explicar para ela o que me deixou assim.

Encosto a cabeça na porta e disco para a Carol.

— Manu?

— Oi... — respondo baixinho.

— O que houve?

Pelo visto ela já percebeu que não estou bem. Se fosse a minha mãe do outro lado da linha então, já estaria reservando a passagem para Porto Alegre.

— Eu não sei...

— Como assim, o que está acontecendo amiga? Cadê o Daniel?

— Em algum lugar com a filha dele.

— Ai... deu merda?

— Eu não sei dizer, Carol. Eu disse oi. Ela disse oi e logo depois pediu para o Daniel se já podia ir, como se estivesse ali, me conhecendo, somente por obrigação.

— Ei, Manu, ela é uma criança, você sabia disso quando embarcou naquele avião. Você vai recuar por causa de uma criança?

— Mas ela é filha dele. — respondo, fungando o nariz.

— Mas você não está pedindo para ele escolher. Ela vai sempre continuar sendo a filha dele. Ambas terão que conviver com isso.

— Sabe, você, a Nicole, todos vocês, quando dizem isso, que ela é uma criança, me fazem eu me sentir como uma egoísta, como se eu não entendesse que ela é uma criança, mas, isso não tira de mim o direito de me sentir mal ao estar entre estranhos e o cara que te pediu em namoro vinte e quatro horas atrás, te apresentar para a filha como a amiga dele.

— Ótimo! Agora você colocou para fora. — ela respondeu. Que hora para ela bancar a psicanalista.

— Carol, é sério. — respondo, emburrada.

— Eu também estou falando sério. Sabe o que é isso?

— Hã... — respondo com desdém.

— É insegurança. E sabe por que está se sentindo insegura? Porque você está apaixonada por ele. A— pai— xo— na— da. — ela soletra pausadamente a palavra.

— Você quer parar, não é hora para gracinhas.

— Manuela Lopes. — agora sei que ela está falando sério — Você vai negar por quanto tempo ainda? Se não estivesse apaixonada, teria pego um avião e ido para o Rio Grande do Sul?

— Eu queria saber se ele está bem.

— Meu Deus! Como você é teimosa. Posso ser franca, você e o Leonel eram as pessoas certas, no fim das contas.

Eu fico muda.

— Desculpa... Eu disse isso porque vocês dois eram parecidos no quesito esconder sentimentos. Desculpa falar nele.

Outra lágrima escorre pelo o meu rosto.

Há quem acredita que existe no mundo, somente uma pessoa certa para nós, um único amor. Eu nunca conclui esse pensamento, nunca cheguei a ter certeza se essa crença é válida ou não, mas, se for, isso quer dizer que quando a morte arrancou o Léo de mim — a minha pessoa certa — arrancou também

toda e qualquer possibilidade de eu amar novamente, isso é assustador porque o Daniel parece ser um cara incrível, e ao ouvir a Carol jogar na minha cara que eu estou apaixonada por ele, começo a me questionar se eu sou mesmo capaz de amá-lo, porque ele é um cara por quem eu poderia me apaixonar, se não fosse o meu medo.

— Deixa para lá. – respondo, após segundos em silêncio.

— Manu, me ouve. Encara essa, seja lá o quão difícil esteja sendo enfrentar o desconhecido, encara, porque você já encarou coisa pior e suportou. Esse cara parece ser importante para você, caso contrário, você não estaria aí. Não desista só porque você acha, acha, entendeu bem? Que a filha dele não gostou de você.

— Tá... Você deve estar certa. Sempre está, não é?

— Sim. Sempre.

— Convencida.

— Te amo.

— Eu também.

— Fica bem e me dê notícias.

— Darei.

— E que não seja de você ligando para dizer que está voando de volta para cá.

— Ok.

Nós duas rimos e desligamos ao mesmo tempo.

Ela está certa. Eu criei na minha cabeça uma situação e deixei que a sensação dessa situação me dominasse. Abro a torneira. Lavo o meu rosto, que está com rodela vermelhas ao redor dos olhos e saio do banheiro.

Dou de cara com o Daniel. Encostado na parede de frente para a porta do banheiro.

Putá merda!



Daniel

“Please, God, you must believe me. I've searched the universe. And found myself within' her eyes”.

“Por favor, Deus, você tem que acreditar em mim. Eu procurei em todo o universo. E me achei. Dentro dos olhos dela”.

(Guns N´Roses – This I Love)

A conversa com a Bianca não foi nada fácil. Eu estava determinado a contar para ela sobre o meu namoro com a Manu, mas, ela não me deu chances. Quando chego à cozinha para conversarmos, ela vai logo fazendo questionamentos sobre a gravidez da mãe dela. A minha mãe, que até então não sabia de nada, me olha horrorizada e quando vejo que não tem mais jeito, confirmo a gravidez da Letícia e é claro, não posso agora explicar como foi que tudo aconteceu.

Quando a Bianca me pergunta se eu e a mãe dela iríamos voltar a ficar juntos, para que ela pudesse ficar com o irmãozinho ou irmãzinha, vejo que seus olhos estão cheios de lágrimas e isso me corta em vários pedaços por dentro.

Ela é só uma criança, não tem culpa dos erros dos pais.

Eu tento ser paciente e explico que eu e a mãe dela vamos ser para sempre os pais dela, mas, que não somos mais um casal e por isso é que vivemos em casas separadas, ela balança a cabeça em afirmativo e eu respiro satisfeito, certo de que ela entendeu e que agora podemos passar para o próximo passo da conversa, aquele em que eu falo da Manuela, mas, antes que eu comece, ela me faz a pergunta que justifica a minha decisão:

— Pai, eu posso ir morar de novo com a mamãe? Eu quero morar com o meu irmãozinho ou irmãzinha. A mamãe já disse que eu vou poder ajudar a cuidar dele ou dela.

Eu desmonto.

A Letícia não tem ideia do que ela está fazendo com a cabeça da Bianca. Se isso tudo é para fazer eu voltar para ela, é um dos golpes mais baixos que eu já vi e ele não vai funcionar.

— Princesa, nós já conversamos sobre isso, nesse momento, o juiz decidiu que você vai morar com o papai, não podemos desobedecer a ordem dele.

— E por que ele deu essa ordem, papai?

Eu já havia me preparado para responder esse tipo de perguntas, logo quando a sentença saiu, mas, ela nunca as havia feito antes e agora, percebo que eu nunca estive preparado.

— Filha, às vezes, a gente não entende os motivos de algumas coisas acontecerem, mas, se pensarmos que é para melhor, torna mais fácil. A sua mãe precisava de um tempo para ela e enquanto isso você fica comigo, ok?

— Mas se ela precisava de um tempo para ela, porque ela agora arranjou outro bebê?

Droga.

— Porque Papai do Céu achou que era a hora. Tudo bem?

Ela balança a cabeça e me dá um abraço.

Não acredito que fiz isso! Acabei de responsabilizar Deus, pela a inconsequência minha e da Letícia.

— Mas pai, eu posso pedir para esse juiz, para me deixar morar com a minha mãe, agora que ela está com um bebê na barriga?

— Mas filha, você não gosta de morar com o papai, de ficar com os seus avós?

— Eu gosto, mas, se eu morar na minha mãe, vou poder cuidar do nenê.

— Vamos fazer um acordo. Mais para frente a gente decide isso, ok? O bebê vai demorar alguns meses para nascer.

— Tudo bem. – ela responde desanimada.

Dou um beijo em sua testa e ela me abraça. A frase “entre e a cruz e a espada” define bem a minha sensação. Contar para a Bianca, poderá afastá-la de mim. Não contar, poderá afastar a Manu.

A minha mãe me olha, esperando que eu fale e termine logo com isso, mas, eu não estou preparado para deixar a minha filha ir morar com a maluca e inconsequente de mãe dela.

Eu ajo como um covarde.

Encerro a conversa dizendo que quero apresenta-la uma amiga minha e a

convenço a ir até o escritório do meu pai. Quando entramos, percebo que todos os olhos se voltam para nós. A decepção no rosto da Manu, quando a apresento como “amiga”, é evidente e eu não posso fazer nada para mudar isso.

Assim que a Bianca pede para sair, como um homem covarde, eu saio com ela. Saio porque preciso de ar, porque preciso pensar em como fazer daqui para frente.

O medo de perder a minha filha passou, deixando espaço para o medo de perder a Manuela.

Vou para a varanda da casa desejando pular os próximos capítulos, desejando estar de volta na minha casa, com a Manuela em minha cama. Droga! Eu disse à Bia que a Manu era a minha amiga, nem dormir em meu quarto ela não vai poder...

O que foi que eu fiz? – me pergunto, quando sou surpreendido com a chegada da minha mãe.

— Ela é linda. – ela diz, parando ao meu lado.

— É... – respondo ainda perdido em meus pensamentos.

— Você gosta dela, não gosta? – minha mãe pergunta, enquanto nós dois olhamos para o extenso vinhedo ao longe.

— Gosto, mamãe. Muito.

— Então acho que você deveria ir procura-la. Não a perca, Daniel.

Eu balanço a cabeça e beijo-lhe o rosto. Minha mãe é uma das pessoas mais românticas que eu já conheci, ela nunca hesitou entre a razão e a emoção, ela costuma brincar que ela é sempre cem por cento emoção e embora muitos achem isso errado, por ela não ter o meio termo, ela diz não se importar, que ela nunca deixou de ser feliz por ser assim.

Gostaria de saber viver dessa forma, eu vivo me equilibrando entre a razão e a emoção, entre o prudente e o extrapolar limites. A dualidade parece fazer parte da minha vida. Sempre.

Voltei para dentro da casa, encontrando a Nicole na recepção. Antes mesmo que eu pergunte, ela aponta o banheiro para mim e eu sei que é lá que a Manuela está.

Penso em bater na porta para saber se ela está bem, mas, isso seria talvez, invadir um pouco a privacidade dela. Decido aguardar encostado na parede de frente para a porta. Percebo que ela está falando com alguém porque ouço a voz dela, mas, não posso ouvir o que ela diz e eu só não atiro o meu ouvido nessa porta porque alguém pode passar e certamente eu serei

recriminado pela a minha atitude invasora.

Após alguns minutos. Ouço o barulho a torneira e, segundos depois, ela abre a porta. Ela parece se assustar com a minha presença, sua reação de espanto, arregalando os olhos, é evidente. Eles estão vermelhos e isso confirma a minha suspeita. Ela estava chorando. E eu fui o culpado.

— Vamos conversar? – pergunto, com ela parada na porta e eu encostado na parede.

Ela mexe os ombros. Nenhum sorriso.

— Vem, vou te mostrar o vinhedo e conversamos enquanto caminhamos, depois te levo para conhecer o resto da casa. – proponho, esticando a mão para ela. Ela meneia a cabeça para o lado, indicando que é para eu ir na frente, mas, não segura na minha mão.

Ela está brava. Ela está muito brava e eu não posso culpa-la.

Ela veio atrás de mim e apresenta-la como a minha namorada seria uma forma de demonstrar a ela que valeu a pena ela ter vindo e eu ferro com tudo quando me sinto acuado por uma criança de dez anos.

Que é a minha filha.

Ela me segue enquanto caminho para fora, o silêncio dela está me matando. Assim que chegamos no caminho que nos levará para os vinhedos, eu a paro, chamando-a.

— Olha para mim, Manu. – ela faz o que peço. – Eu sei que está chateada.

— Não estou. – ela responde, não me deixando terminar.

— Sinceridade, lembra? – respondo imediatamente.

— Estou sendo sincera. Chateada não é a palavra certa. Estou decepcionada.

Eu não esperava por essa resposta dela.

— Eu quero explicar o que aconteceu.

— Você não tem que explicar, Daniel. A sua filha não gostou de mim e você não tem culpa disso.

— De onde tirou isso? Ela não tem motivos para não gostar de você!

Ela cruza os braços.

— Pensando bem, talvez você tenha razão. Ela poderia não gostar da namorada do pai dela, mas, da amiga, não tem motivos para não gostar. – diz, evitando o meu olhar.

Chegamos ao ponto. Eu sabia que era isso que a deixou chateada, mas, ela verbalizando, parece ficar mais difícil ainda de explicar.

— Manu, eu estava decido a contar para a Bianca, mas, antes de eu começar a falar, ela me questionou se eu e a mãe dela iríamos morar juntos novamente por causa da gravidez da mãe e quando eu disse que não, ela me perguntou se ela poderia então ir morar com a mãe. Isso me apavorou. E foi por isso que decidi ir com mais calma.

— Talvez a gente devesse começar a considerar a ideia de que não é o momento certo para nós.

— Isso é sério? – pergunto incrédulo?

Ela desvia o olhar.

— Manuela, por favor não me diga que isso é sério, porque você nunca mais deveria fazer esse tipo de questionamento. Olha para mim.

Ela abaixa o olhar e depois me encara.

— Eu não tenho dúvidas de que esse é o nosso momento certo, entendeu? – eu seguro na mão dela. Ela não solta. — Eu não quero outra pessoa na minha vida, que não seja você e se você me perguntar o motivo, talvez eu não saiba dizer, porque na verdade são vários, mas, posso te dizer um: eu adoro o fato de você entender a minha dor, porque você também tem a sua dor, eu acreditava que nunca mais conseguiria ter um relacionamento com alguém, que o meu passado me afastaria de qualquer possibilidade de ser feliz novamente, e aí, eu vi aquela garota olhando para o nada e então, tudo mudou.

— Eu adoro você, Manuela. – falo, tentando dar fim ao silêncio entre nós.

— Eu não sei se consigo, Dan. Às vezes parece que é muito para mim, a distância, a sua ex, grávida, a sua filha, as suas futuras viagens. Tudo...

— Ei, nós vamos dar um jeito. Você confia em mim?

— Anham. – ela balança a cabeça.

— Então me deixa te mostrar que vai dar certo. – passo a mão nos cabelos dela e ela tomba a cabeça em minha mão.

Eu a puxo para mim, beijando-a em seguida, minha boca busca a dela com ferocidade, ela retribui, me pressionando contra o corpo dela. Gostaria de estar com ela em um lugar fechado, eu a tomaria nesse momento, com toda a minha vontade. Com toda a minha necessidade.

Com todo o meu medo de perde-la.

— Vem, vou te levar para conhecer o vinhedo. – puxo-a pela mão quando o beijo acaba, e passo o meu braço ao redor da cintura dela.

Caminhamos por quase uma hora, a levei para experimentar os diversos

tipos de uvas, que são responsáveis pelos variados tipos de sucos e vinhos. Depois, a levei para conhecer a adega. Um enorme galpão subterrâneo, onde os vinhos são cuidadosamente armazenados. A minha irmã, Mariana, é responsável para que todas as exigências da qualidade sejam devidamente seguidas.

— E lá, o que tem? — ela pergunta, apontando para um antigo celeiro de pedras cinzas. Quando era adolescente, eu gostava de ir para lá para não fazer nada. Levava o meu walkman amarelo, deitava sobre o feno, sem me incomodar com a coceira que ele costumava dar nas minhas costas depois.

— Lá é um celeiro desativado, meus pais construíram um maior há alguns anos.

— Podemos ir lá? — ela pede, com um sorriso no rosto como o de uma criança.

— Claro!

Caminhamos por mais cinco minutos até chegarmos à entrada do celeiro, tiro a barra de ferro que segura as duas imensas portas, abrindo-as em seguida.

Eu coloco a mão no interruptor para acender a luz, mas, a Manu me impede.

— No escuro. Deixa eu andar por ele assim, no escuro.

— Sério? — pergunto, a minha mente para por alguns segundos, imaginando o que podemos fazer dentro desse celeiro escuro.

— Sim. — diz, me trazendo de volta para a realidade. — Eu sempre quis conhecer um celeiro de verdade, não sei se você sabe, mas em São Paulo não tem muitos como esses. — ela diz, em tom de brincadeira.

— A senhorita que manda. — replico. — Se quer no escuro, vamos no escuro.

Seguro na mão dela e a conduzo para dentro do celeiro. A ajudo a desviar de algumas máquinas, depois vamos para o fundo dele, onde há várias quinquilharias do vinhedo. Ela para quando estamos passando pela pilha de feno amontoada no canto embaixo da escada.

Ah... Por Deus, será que ela está pensando o mesmo que eu? Só há um jeito de descobrir...

Eu dou mais alguns passos para perto da pilha e ela se aproxima com um sorriso malicioso nos lábios.

Minha mãe! Se ela continuar a olhar para mim dessa forma e se eu ver esse sorriso por alguns segundos, sou capaz de perder todo o meu bom senso

e jogá-la aqui agora mesmo!

— É confortável? – ela pergunta, apontando para o feno.

Acho que não vai ter jeito, vou ter que mostrar a ela.

— Ah, Manu, não brinca comigo não. – respondo.

Nossa respiração parece estar sincronizada, o seu olhar incendiado me diz o que eu devo fazer e eu faço.

A beijo.

Ela atira as duas mãos em meu pescoço e joga o seu corpo contra o meu. Minha ereção começa a dar sinais de que não vai suportar o confinamento por muito tempo, passo as mãos pela a suas costas, pressionando mais ainda o seu corpo contra o meu.

— Você sabe o que eu quero fazer com você, não sabe? – sussurro em seus ouvidos. Ela treme.

— Eu sei. – responde, mordendo os lábios.

— Que se dane os bons modos! – falo, me atirando sobre o feno empoeirado, com ela em cima de mim.

Começo a tirar a sua roupa, primeiro a sua jaqueta branca de couro, depois desabotoo botão por botão da sua camisa azul escura, deixando à mostra o seu sutiã preto com renda branca. Ela tira a camisa e sem esperar, tiro o feixe do seu sutiã, beijo os seus seios e ela arqueia o corpo para trás. Desejando mais. Voltamos a nos beijar, com intensidade, mostrando toda a nossa vontade. Com facilidade, puxo para baixo a sua calça preta estilo montaria, minhas mãos percorrem a pele macia das suas pernas. Ela se arrepia quando chego na parte interna da coxa.

— A camisinha. – ela diz, em um sussurro.

Que droga! Eu não tenho nenhuma camisinha na minha carteira.

Solto um suspiro frustrado e ela percebe.

— Você não tem?

Balanço a cabeça em negativo.

— É melhor terminarmos isso em casa. – falo, desacreditando que estou mesmo parando o que poderia ser um sexo fantástico.

Ela faz um biquinho e parece estar tão desapontada quanto eu. Pega o seu sutiã e a sua camisa e os vestes apressada, como se agora, estivesse envergonhada.

— Ei – a chamo – Olha para mim.

Ela me olha.

— Você está bem?

— Tirando o fato de que literalmente me ofereci para você, acho que estou...

— Bela, você não se ofereceu, eu faria aqui com você com o maior prazer, aliás, prazer é o que não iria faltar. Meu membro está doendo de tanto tesão. Mas, a gente não pode fazer isso, eu não posso perder o controle dessa forma. Não enquanto você não começar a tomar pílula.

— Você está certo. – responde, com a voz suave. – Mas agora terei que pelas próximas horas, conviver com essa vontade.

— Humm... ficou com vontade então? — provoco, beijando o pescoço dela.

— Muita. – ela olha para cima, envergonhada.

— Vamos resolver isso assim que chegarmos em casa.



Manuela

“All you never say is that you love me so all I'll never know is if you want me”.

“Tudo que você nunca diz é que me ama tanto. Tudo o que eu nunca vou saber é que você me quer”.

(Birdy – All You Never Say)

— Eu já te disse que te adoro? – ele pergunta, enquanto caminhamos de volta para a casa principal.

— Não que eu me lembre. – brinco. É impossível não sorrir cada vez que ele faz essa pergunta.

— Eu te adoro, Manuela. – seus olhos azuis captam o exato instante em que os meus piscam freneticamente na tentativa de evitar que uma ou mais lágrimas, escorram deles.

Ele me adora... Ele não esconde que me adora...

Cada vez que ele diz isso, meu pensamento viaja, mesmo que seja na velocidade da luz, para um passado não muito distante. O momento em que o Léo disse através de uma webcam, que me adorava. Aquele foi um dos dias mais felizes da minha vida e eu mal sabia que depois daquele dia, essas palavras se tornariam quase que proibidas para ele.

Eu vim a pronunciá-la algumas outras vezes durante o nosso não relacionamento, mas ele? Bom, eu tive que perguntar a ele um dia no hospital, o porquê de ele não ter mais dito e também de não ter respondido às poucas vezes em que eu me encorajei a dizer:

— A resposta é simples, Manu. – ele respondeu.

Eu estava deitada na cama, ao lado dele. O soro com a medicação pingava lentamente, eu observava a queda de cada gota, desejando que ela

fosse capaz de prolongar a vida dele, que ela fizesse com que o dia da partida demorasse para chegar da mesma forma que ela demorava para cair.

— Naquele dia, em junho, quando eu disse que eu gostava de falar com você pela cam porque eu a sentia como sendo minha, naquele dia, em que eu disse que eu te adorava, eu estava voltando a ter esperanças de que iria melhorar e se isso acontecesse, poderíamos finalmente sermos um casal. – ele passou o dedo anelar pelo o meu rosto, fazendo eu fechar os olhos. – Acontece que pouco tempo depois, eu descobri que era alarme falso e que eu não estava de fato melhorando. Eu não me senti no direito de dizer que a adorava sabendo que iria te abandonar pouco tempo depois.

Eu o encarei sem saber se sentia raiva dele por ele ter escondido a doença de mim, se sentia raiva por ele ter me deixado pensar que ele não sentia por mim o mesmo que eu sentia por ele, ou, se eu sentia raiva de Deus, por permitir que estivéssemos passando por isso.

— Manu, não podemos fazer nada quanto a isso agora. – ele disse, parecendo adivinhar os meus pensamentos.

Ele tinha esse dom.

— Ainda é tempo, não é? – perguntei, após me desculpar com Deus pela raiva de segundos atrás.

— De dizer? – ele perguntou, sorrindo, mostrando a sua quase-covinha. Seus olhos cor de caramelo me fitando.

Eu balancei a cabeça em afirmativo e ele então me beijou.

— Adoro você, Manu. – disse, após o beijo.

O abracei com força.

Amo você... pensei, mas não falei.

— E então? – o Dan me pergunta, me trazendo de volta para o presente. Me dou conta de que ele disse que me adora e eu nada respondi.

— Eu também adoro você, Daniel. – falo, esfregando a minha mão sobre a mão dele.

Eu nunca mais vou deixar de dizer para alguém o que eu sinto. Amar o Leonel foi a melhor coisa que me aconteceu, foi intenso, verdadeiro, sincero, mas, foi também sufocante, porque eu o amei e não falei. Ele morreu e as palavras ficaram presas em minha garganta e isso me fez perceber que não sabemos o que pode nos acontecer amanhã. Não sabemos o que pode acontecer com quem amamos, então, se sabemos o que sentimos, não podemos esperar pelo momento ideal para dizermos. Simplesmente não podemos.

O lugar é tão grande que andamos e andamos e ainda assim, tenho a impressão que não andamos tudo. Passamos pela casa sede e quando achei que iríamos parar, ele me puxa, dizendo para eu continuar.

— Vou te levar para conhecer a minha irmã mais nova, Mariana, é ela quem é responsável por toda a produção do vinho aqui, você vai gostar dela.

— Espero que ela também goste de mim.

— Manuela, é impossível alguém não gostar de você.

Será? – penso, lembrando da conversa de horas atrás com o pai dele.

A encontramos em uma espécie de laboratório, o Daniel me explicou que ali os especialistas faziam testes para ter certeza de que as uvas estavam perfeitas.

— Mari! – ele a chamou, assim que entramos na sala de vidro.

— Mano! – ela responde, sorrindo para ele. Ela é linda.

Os dois se abraçam e percebo que há um laço forte entre eles, só me pergunto por que ele não fala dela para mim.

— Essa é a minha namorada, Manuela. – me apresenta a ela, olhando para mim quando diz “minha namorada”.

Sorrio para ele. Feliz por ele ter dito.

— Manu, essa é a Mari, a minha irmã caçula preferida.

— Deve ser porque sou a única. – ela mostra a língua para ele e vem ao meu encontro, me abraçando em seguida.

— Se você está aqui, você deve ser muito importante para o meu irmão.

— Para de encher os ouvidos dela, Mari, você vai assustá-la. – ele diz, mas percebo que é em tom de brincadeira.

— Ele nunca trouxe ninguém aqui, depois que se separou da vaca interesseira. – ela cochicha no meu ouvido. Eu seguro para não rir. Ela parece não gostar muito da ex-mulher do irmão.

— Eu estou ouvindo, dona Mariana.

— Que bom, assim você pode confirmar para a Manuela o que eu acabei de dizer.

— Mari, sabe que não quero que a chame assim. Não por ela, mas pela Bia, você pode se esquecer e dizer a qualquer momento.

— Mano, na boa, por mim, a Bia já ficava sabendo toda a verdade. Toda. – ela diz, frisando o “toda”.

— Então, Manu. Essa é a minha teimosa e birrenta, irmã mais nova.

Ela mostra a língua para ele novamente e eu rio.

— E infantil. – ele completa.

— Que você ama. – responde.

— Que eu amo. – ele diz.

Eu observo os dois e sinto uma pontada de ciúmes. Ser filha única nos priva de momentos como esse.

— A mamãe está caprichando no almoço, acho que ela está empolgada com a sua visita, Manuela.

— Não sei como retribuir. Não quero dar trabalho para ninguém. – respondo. O Daniel se afasta um pouco e começa a conversar com um senhor de avental, parece ser um dos trabalhadores da vinícola.

— Trabalho? Imagina! Quem dá trabalho é o meu irmão...

— É imagino que não tenha sido fácil para vocês, ele me contou um pouco do que aconteceu.

— Não foi. Mas eu nunca duvidei de que ele conseguiria se recuperar. Aquela vaca quase acabou com a carreira dele e com a vida dele.

Dessa vez eu não consigo segurar e dou risada quando ela se refere à Letícia como vaca.

— Ele pode ficar bravo, mas, eu nunca gostei dela, desde a primeira vez que a vi, quando ela veio me paparicar só porque eu era irmão do Dan e do Gustavo.

— Então você não gosta dela só pelo o que ela fez com ele? – pergunto, curiosa.

— Não, que nada, eu já não gostava dela antes, eu e o Dan nos afastamos muito por causa dela.

Olho para ele, que agora está falando ao celular. Seus olhos azuis piscinas brilham quando olho para ele. Tão lindo. Parece um sonho eu tê-lo conhecido. Ele é o meu sonho real.

A minha segunda chance.

— A minha mãe ligou para avisar que o almoço está pronto, vamos?

— Sim, claro.

— Você vem, Mari?

— Podem ir na frente, vou trocar a roupa e já vou.

Nós fizemos o caminho de volta em silêncio. Não um silêncio que incomoda, um silêncio gostoso, como se estivéssemos curtindo a companhia um do outro. Com o braço direito dele ao redor da minha cintura e a minha mão direita, sobre a mão dele.

Entramos pelos fundos e fomos para uma imensa sala de jantar, uma mesa de madeira rústica, com dez cadeiras ao redor, está repleta de pratos,

talheres e taças.

— Vocês chegaram! – disse a mãe dele.

Ele se senta e pede para eu sentar ao lado dele. O pai se senta na beirada da mesa, a Bianca, do outro lado dele, a Nick de frente para nós e a Mariana que acabou de chegar, ao lado dela.

A dona Marta começa a colocar as travessas na mesa quando uma voz faz o Daniel se assustar e sinto ele estremecer.

— Boa tarde, família!

— Letícia! – ele diz, se virando para ela.



Daniel

“Despedir-se de um amor é despedir-se de si mesmo. É o arremate de uma história que terminou, externamente, sem nossa concordância, mas que precisa também sair de dentro da gente.”
(Martha Medeiros)

Enquanto meu cérebro codifica a visão que estou tendo, respiro pesadamente, soltando todo o ar que está em meus pulmões e inspiro novamente em seguida, na tentativa de me acalmar.

Por Deus do céu, o que essa mulher está fazendo aqui?

Olho de relance para a Manuela e a sua fisionomia é de horror. Eu não precisei dizer a ela que essa maluca vestida de calça de onça é a Letícia, a Manu é esperta e sacou assim que ela entrou dizendo “oi família”.

Ela conseguiu me fazer perder o apetite...

— O que está fazendo aqui? – finalmente pergunto, após ter passado o espanto do primeiro momento.

— A nossa filha me ligou, disse que você estava com visitas e que seria legal eu vir aqui conhecê-la.

Ela mira Manu como se estivesse mirando uma presa. Imediatamente, a minha mão busca pela a dela debaixo da mesa e eu tento tranquilizá-la, passando o dedo polegar sobre a mão dela. Olho para a Bianca e não consigo ver maldade na atitude dela, ela apenas quis que a mãe participasse, ela não sabe de nada do que aconteceu, então, não posso julgá-la ou culpa-la. Ela é uma criança que quer ver os pais juntos.

Acho que não poderei mais adiar a minha conversa com ela para contar a verdade.

— Mãe, você veio! – ela sai da mesa e corre em direção à mãe.

— Que vontade de chutar a bunda dessa cadela. – rosna Nicole para mim e para a Manu. Eu a repreendo com o olhar. Não que eu não queira que a megera da Letícia vá embora, mas, não posso permitir que falem da mãe da

minha filha na frente dela. E é somente por isso que silabo para a Nick não provocar.

— Filha, você acha que a sua mãe iria recusar um convite seu para almoçar com a nossa família? – a megera olha para mim e mais uma vez, olha para a Manu.

— Bom, já que está aqui, você aceita almoçar conosco, Letícia?

Por favor, pai, não faz isso! Isso não é hora de ser educado e gentil.

— Claro, Pedro, eu vou adorar, mas antes quero conhecer a amiga do Dani.

Meu estômago dá sinais de náuseas após ouvi-la se referir a mim como Dani.

Ela caminha em nossa direção e sinto a mão da Manu fazer pressão sobre a minha. Olho para ela e tudo o que vejo é aflição. Eu não devia permitir que ela passasse por mais essa situação. Em dois dias aqui comigo, ela já teve uma carga de frustrações e desapontamentos que se fosse outra pessoa, faria facilmente com que ela voltasse para São Paulo e nunca mais me procurasse.

— E então... Você é a amiga do Dani? – pergunta Letícia, parada próxima a nós.

A Manu solta da minha mão, se levanta e vai em direção à Letícia. Ela estica a mão para ela e se apresenta. A Megera a puxa sutilmente a dá um beijo em seu rosto. Eu me levanto para tirar a minha namorada dessa situação ridícula, mas, somos todos surpreendidos com a voz da Nick, que agora também está em pé:

— Letícia, acho que houve um engano. – ela fala, com a voz calma. Se eu não a conhecesse bem, não estaria agora, com medo do que ela possa estar tramando. – A Manuela não é amiga do “Dan”. – ela dá ênfase na palavra Dan, eu olho para ela mais uma vez para repreendê-la, mas não dá mais tempo, ela solta as palavras como se estivesse assoprando um machucado. – Ela é namorada dele. – finaliza.

Todos olham para a Manuela e depois para mim. De uma hora para outra, eu e a minha namorada, nos tornamos atrações circenses. A Bianca balança a cabeça em negativo e então me dou conta da merda que a Nick, a minha melhor e única amiga, acabou de fazer.

— Você mentiu para mim, papai! – acusa a Bianca, com os olhos já cheio de lágrimas.

— Espera! – diz Letícia. A sua voz agora me irrita. – Vocês são

namorados e você não contou para a nossa filha? – seu tom de voz é acusatório.

— Não se mete, Letícia! – ordeno, indo em direção à Bianca.

— Filha, a Manuela é sim a minha namorada, o papai não contou porque achei que você precisava de mais um tempo para aceitar e entender a separação minha e da sua mãe.

— Mas eu achava que vocês fossem ficar juntos, agora que ela tem um bebê na barriga.

— Isso não vai acontecer, Bia. Já conversamos sobre isso.

Meu pai nos olha espantados. Com certeza a minha mãe ainda não contou para ele sobre a gravidez da Letícia.

Letícia revira os olhos e depois me encara como quem estivesse duvidando do que acabei de falar. Isso me deixa mais irritado ainda.

— Letícia, por favor, eu já disse que quero que você ligue antes de aparecer de supetão.

— Foi a nossa filha que ligou, mas, se você prefere que eu vá embora, eu vou. – responde. Demorei muito para conhecer os joguinhos dela, mas, agora que finalmente conheço, fica cada vez mais difícil aturá-la.

— Acho melhor. – respondo, evitando olhar para ela.

— Papai! – protesta Bianca. Me corta por dentro decepcionar a minha filha, entretanto, um dia, quando ela for maior e entender melhor as coisas, sei que ela vai me compreender.

— Dan? – chama a Manu, que ainda está em pé próxima ao seu assento. Eu me viro para ela para ouvi-la.

— Deixa a Letícia almoçar conosco. Tenho certeza de que a Bianca irá gostar.

Olho para a Bianca e ela começa a esboçar um sorriso. A Letícia está conseguindo o que queria.

— Você tem certeza? – pergunto baixinho, me aproximando da Manu.

— Sim. – responde. – Acho que expulsá-la só irá dificultar as coisas com a sua filha.

— Mas e quanto a você? Está tudo bem para você?

— Desde que você não me deixe sozinha ao lado dela.

— Eu jamais faria isso. – penso em dar um beijo nela e desisto por achar que seria demais para a Bianca. Assim que esse almoço acabar, vou conversar com a minha filha e explicar que a partir de agora, ela terá que aceitar a Manu como fazendo parte da família.

— Letícia, a Bia quer que você fique e para a minha namorada não tem problema algum você ficar, então se quiser almoçar conosco... — digo, como se estivesse cuspidando espinhos. Não acredito que estou fazendo isso.

— Para a sua namorada tudo bem e para você? — ela provoca.

— Para mim é indiferente. — rosno de volta.

— Bom, vamos então nos sentar! — diz meu pai, cortando o momento tenso.

Ele aponta uma cadeira vazia para a Letícia e ela se senta perto dele e da minha mãe. No mesmo momento em que a Letícia se senta, a Nicole pede licença e se levanta da mesa, seguindo em direção à recepção.

A Manu me olha espantada e se levanta. — Vou falar com ela. — diz, pedindo licença e se retirando da mesa também, sem me dar tempo de impedi-la.

Olho para a megera da Letícia e vejo que tudo está como ela queria. Mandá-la ir à merda é pouco. A minha vontade é de manda-la ir para um lugar não muito educado. Me controlo e finjo não estar incomodado com a presença dela. Tudo o que ela quer é me desestabilizar, é me deixar vulnerável para que ela possa, através da Bia, atacar.

Isso não vai acontecer.

— E então... Grávida? — e meu pai resolve dissolver o clima justo com esse assunto.

— Você não sabia, Pedro? — Letícia olha para a Bia e depois para mim.

Eu a ignoro.

— Não, pelo visto sou o único aqui, não é mesmo?

Agora ele olha para mim e depois para a minha mãe. Ela olha para baixo e nada diz.

— Você não contou ao seu pai que vamos ter outro filho, Dani?

Filha de uma mãe! Outro filho? Se nem o primeiro é meu, como ela pode dizer outro filho? Ela quer enganar quem? Todos sabem que a Bia é filha do meu irmão, porque ela ainda continua com esse teatro todo? Isso me dá mais esperança de que essa criança na barriga dela não seja minha.

— Eu não ia contar agora, Letícia. Por mim, contaria somente após o resultado do exame de paternidade. Tenho motivos para isso, se é que você me entende.

Ela me olha espantada, acho que não esperava esse tipo de resposta. A minha mãe faz sinal para eu parar e aponta para a Bia. Eu entendo o recado e decido não aceitar mais as provocações da minha ex-mulher.

Alguns minutos se passam e começo a ficar impaciente com a demora da Manu, quando penso ir atrás dela, a Bia me chama, perguntando se podemos começar a comer. A minha mãe pega a jarra de suco de uva que está sobre a mesa, começa a nos servir e responde para a Bianca que devemos esperar pela Nick e pela Manu.

Vejo um sorriso irônico se abrir no rosto da Letícia. Quando ela se tornou alguém assim tão desprezível? Ela não era assim quando a conheci, quando nos beijamos pela primeira vez. Ela era doce, sempre sorrindo, gentil e atenciosa. Eu achava que eu a havia perdido no dia em que flagrei ela com o meu irmão, porém, a verdade é que eu a perdi muito antes disso, quando ela começou a mudar, a ser alguém por quem eu não tinha mais tanta vontade de estar perto. No fundo, o Gustavo tem um pouco de razão, no dia em que os flagrei, ele jogou na minha cara que eu a deixei sozinha, por causa das minhas viagens. Ele não mentiu. Eu fiz isso e agora aceito a minha parcela de culpa. Eu a deixei. E agora eu sei por quê. Eu já não amava mais a Letícia quando aceitei a promoção na revista para fazer as viagens longas que eu estava fazendo, se eu sentisse por ela a mesma paixão que sentia na época da faculdade, eu não teria conseguido ficar tantos meses longe dela como eu fiquei.

Ela mudou. Eu não aceitei a mudança e me afastei. Ela me traiu. Esse é o resumo do fim do nosso casamento e olhando agora para ela, eu só desejo que pelo bem da nossa filha, sejamos capazes de conviver amigavelmente, porque em dez anos de casados, tenho muitas lembranças boas e, não sou o tipo de cara que quando termina um relacionamento, se arrepende de tê-lo começado. Também tive a minha parcela de culpa.

— Elas estão demorando! – Bianca resmunga, me trazendo de volta dos meus pensamentos.

Eu decido ir atrás das duas. Se a Nicole não quiser voltar para a mesa, é um direito dela, embora, eu não entendo muito bem as atitudes dela às vezes, Nick rejeita a Letícia como se ela tivesse feito mal não só a mim, como se ela tivesse feito mal a ela também.

Peço licença e me levanto, dizendo que vou procura-las.

— Daniel! – chama meu pai, quando já estou saindo da mesa.

— Sim, papai.

— Fica, vamos almoçar. Deixa as duas a sós.

Eu não entendo a atitude do meu pai, mas, não é uma boa hora para contrariá-lo. Eu me sento novamente, por respeito a ele.

- Tudo bem, mas, vou esperar por elas para comer.
- Você quem sabe. – responde, começando a se servir.



Nicole

“O tempo não cura tudo. Aliás, o tempo não cura nada, o tempo apenas tira o incurável do centro das atenções.”

(Martha Medeiros)

Saio da mesa enojada, como o Daniel consegue suportar essa mulher? Eu não posso ficar sentada e ter uma refeição agradável ao lado da mulher que não só quase destruiu a vida do meu melhor amigo, mas, também, fez com que ele e o irmão se afastassem. Por culpa dela, o Gustavo não vem mais para o Brasil, por culpa dela, eu não o vejo mais e por mais conformista que possa parecer, eu sempre soube que ele nunca olharia para mim como uma mulher, que ele nunca me desejaria como deve ter desejado a esposa do irmão, mas, ainda assim, a parte estúpida dentro de mim ficava feliz quando ouvia a voz dele entrando pela recepção. Todas as vezes que ele vinha ao Brasil, que eram muitas, antes de tudo acontecer, eu me enchia de coragem e dizia a mim mesma que ia colocar um fim nessa paixão platônica e falar para ele sobre os meus sentimentos, porque assim, ele iria me dar o fora de uma vez e eu ia me sentir livre para cuidar da minha vida. E é por isso que eu não consigo olhar para a Letícia e fingir que está tudo bem. Nunca me esforcei para esconder que não gosto dela desde a época da faculdade, mas, sempre fiz esforço para tolerá-la em nome da minha amizade com o Daniel, mas agora? Bom, agora eu não preciso mais fingir. Não preciso sorrir para ela. Sei que não posso dizer tudo o que penso e quero, porque adoro a Bianca, sou a madrinha dela junto com o Gustavo e ela é uma criança adorável que por sorte, não puxou muita coisa da mãe, é por ela que engulo as palavras quando as quero vomitar em cima da megera da Letícia.

Eu sento em uma das cadeiras de ferro branca, no jardim da vinícola enquanto penso se devo voltar para a mesa ou não, tombo a minha cabeça para trás e ouço a voz da Manuela ao meu lado.

— Você está bem? – pergunta preocupada.

— Estou. Só não consigo ficar lá com aquela mulher junto.

— Você deve ter os seus motivos.

— Mais do que você imagina.

— Nicole, posso te fazer uma pergunta pessoal? – pergunta, se sentando ao meu lado.

— Sim. – respondo, meio apreensiva.

— Quero que seja sincera e que saiba que a sua resposta não vai sair daqui.

— Ok. – ela está começando a me assustar, será que ela desconfia de algo sobre o Gustavo? Impossível...

— Você gosta do Daniel? É por isso que não suporta a Letícia? – seu cenho fica enrugado enquanto eu tenho um acesso de riso.

— Não, claro que não! – respondo quando finalmente consigo parar de rir.

— Por que está rindo? – pergunta, certamente ela deve estar me achando uma maluca.

— Desculpa, Manu. É que foi engraçado você me perguntando se eu sou a fim do seu namorado. Se você soubesse...

— Se eu soubesse o quê?

— Nada, deixa para lá. – desconverso, percebendo que falei demais.

Ela olha para mim e depois olha para frente, contemplando o sol e então começa a balançar a cabeça em negativo.

— Ah meu Deus! É o Gustavo, irmão do Dan, não é?

Abaixo a cabeça sabendo que não adianta eu negar.

— Caramba, Nick, eu nem sei o que dizer. O Dan sabe?

— Não! – respondo, quase que gritando. – Por favor, Manu, ele não pode saber. Ninguém pode. – meu coração acelera somente de pensar na possibilidade de alguém saber sobre os meus sentimentos em relação ao Gustavo.

— Você está dizendo que ninguém sabe?

— Agora você. – digo, olhando para ela. – E confesso que estou me sentindo um pouco aliviada. Isso está acabando comigo.

— Desde quando? – pergunta, colocando uma mão sobre a minha, que está repousada na minha perna.

— Acho que desde sempre.

— E você nunca disse nada para ele?

— Imagina, ele nunca deve nem ter notado a minha existência. Quando éramos crianças, brigávamos muito, ele vivia implicando comigo e era o Dan

que me defendia. Era até contraditório, porque o Gustavo sempre foi o tipo conselheiro, pacificador, o príncipe encantado, mas, comigo, era o oposto de tudo isso.

— Sério? Ele tratava todo mundo bem menos você?

— Pois é... E a tonta aqui não consegue se desligar emocionalmente dele.

— Nicole! Você não parou para pensar que ele pode também sentir algo por você?

— Imagina, Manuela. – dou risada da pergunta dela. Até parece que isso seria possível.

— Estou falando sério! Pensa comigo: ele te trata mal, implica com você, aí o Dan te defende e então ele faz mais e mais, isso é ação típica de quem gosta e não sabe como expressar.

— Ah... Claro. E quanto a Letícia?

— Sexo. – responde séria. – Digamos que ela foi efeito colateral.

— Manu, eu queria muito acreditar em você, queria acreditar que está certa, mas, se eu fizer isso, vai doer mais ainda quando eu cair na real de vez e eu não tenho ninguém para colar os meus caquinhos, entende?

— Droga, Nick. Eu sinto muito. Sei que eu não devia estar dizendo essas coisas para você, eu nem conheço o Gustavo para saber como ele é de verdade, mas sabe, eu só acho que não dá para viver tanto tempo com essa dúvida. Vai por mim, eu tenho muita experiência no assunto.

— Como assim? – eu lembro que o Dan comentou algo sobre o passado dela, mas, nunca entrou em detalhes e também nem deu tempo para isso.

— História longa...

— Estou com tempo, não quero voltar para aquele almoço mesmo. – retruco, fazendo-a rir da minha resposta.

— Eu não sei o que o Daniel te contou, mas antes de conhecê-lo, menos de sete meses antes, o meu namorado faleceu.

— Eu sinto muito. – ela volta a olhar para o horizonte. Eu acompanho o seu olhar e espero ela continuar. — O que eu quis dizer sobre eu ter experiência em conviver com a dúvida é o que acontece antes dele se tornar o meu namorado. — Faz uma nova pausa, percebo que a sua respiração fica mais pesada, talvez eu devesse dizer que ela não precisa continuar, mas, não sei como fazer isso, então, apenas espero.

E alguns segundos depois, ela continua.

“Foram quase dois anos vivendo na dúvida, Nicole. Eu não sabia o que

ele sentia por mim, eu era loucamente apaixonada por ele, porém, demorei demais para assumir isso. Eu o chamava de homem de gelo, porque era essa impressão que eu tinha dele e mesmo assim, criamos uma conexão que poucas pessoas são capazes de entender.”

— E como se tornaram namorados então? – pergunto interessada em saber a história toda.

— Essa é a parte triste da história. Sabe nos filmes em que a protagonista está passando por alguma decepção amorosa ou está em um ponto decisivo onde tem que escolher entre ficar com o cara que gosta ou sei lá, ir para uma faculdade que fica do outro lado do país?

Balanço a cabeça em afirmativo.

— Então, aí sempre tem alguém mais vivido que conta uma história, daquelas do tipo lição mesmo, entende?

— Sim.

— Me sinto como essas pessoas. Porque a moral da história vem justamente agora, a partir do momento que nos tornamos namorados.

— E qual é? – indago.

Ela passa a mão no rosto e percebo que está chorando.

— Manu...

— Está tudo bem. – ela interrompe. – A moral da história é que ele estava morrendo e eu não sabia. Ele nunca se declarou para mim porque não achava justo ficarmos juntos sabendo que ele tinha pouco tempo de vida. O filho de uma mãe me deixou conviver com a dúvida por dois anos, foram dois anos de alegrias e sofrimentos, até descobrir que ele estava doente, e no mesmo dia, descobrir que ele estava apaixonado por mim. – ela seca mais uma lágrima que escorre pelo o seu rosto e eu faço o mesmo, nunca imaginei que seria essa a sua história, quero saber como foi o final, mas fico com receio de perguntar.

— Sinto muito. – digo a única coisa que me parece certa dizer.

— A gente não sabe o dia de amanhã, Nicole. Se tem uma coisa que o meu relacionamento com o Leonel me ensinou, foi que os momentos são para serem vividos no presente e que histórias não podem terminar com pontos de interrogações.

Eu reflito sobre a sua última frase, que agora parece fazer todo o sentido.

— Você acha que eu devo?

— Acho que quando tiver a oportunidade, sim, você deve pelo menos tentar.

- Mas o Dan não me perdoaria.
- Ele não tem que te perdoar por você tentar ser feliz, Nicole.
- Você é incrível. – digo, abraçando-a. – Leonel... Daniel... – sussurro.
- Pois é...
- O que acha de voltarmos para a mesa e comermos tudo o que temos direito e não deixarmos nada para a megera da Letícia? – sugiro, assim que soltamos do abraço.
- Estou morrendo de fome! – responde.



Manuela

“In the moment we’re lost and found, I just wanna be by your side”

“No momento em que estamos perdidos e achados, eu apenas quero estar ao seu lado”.

(Birdy – Wings)

Quando retornamos, todos estavam comendo como se nada tivesse acontecido, exceto Daniel, que me acompanhou com o olhar até eu me sentar ao lado dele. Nick se senta também e logo começa a se servir, indiferente à presença da Letícia.

— O que houve? – ele pergunta baixinho.

— Nada. Está tudo bem. – respondo, pegando o meu prato para me servir.

— Por que os seus olhos estão vermelhos?

O seu olhar meigo ao me perguntar sobre os meus olhos vermelhos, me faz ter vontade de abraçá-lo. Qualquer outro cara não perceberia que eu chorei, mas ele sim.

— Estou bem, é sério.

— Eu não quero seriedade, quero sinceridade. – retruca, parecendo estar contrariado com a minha resposta.

— Te conto depois, pode ser? – respondo, quase que cochichando.

— Após o almoço, e se a Nick te disse algo que te magoou, juro que dessa vez vou falar umas boas para ela.

— Dan! Para com isso! A Nick é uma mulher incrível. – respondo. — Podemos almoçar?

— Desculpa... Vamos comer.

Ele se levanta, pega o meu prato e começa a me servir, a sua mãe, Marta, nos observa com um meio sorriso nos lábios e o seu pai vez ou outra ergue os olhos para nos ver, abaixando-os logo em seguida quando percebe que estou olhando. Ainda não consegui entender direito o lance do escritório,

não sei dizer se ele me aprovou ou não como a namorada do filho dele, o que sei é que não vou comentar nada sobre o que aconteceu com o Dan, ele não precisa ter essa preocupação, eu sei que ele faria de tudo para me fazer sentir bem e em casa e sei que ele seria capaz de brigar com o pai se soubesse que fui praticamente testada.

— Lembro— me de quando começamos a namorar, você sempre me servia quando almoçávamos aqui ou na casa dos seus pais... Você não muda, Dani. — comenta Letícia, o ver o Daniel servindo o meu prato.

Eu a ouço falar e me controlo para não olhar para ela, ao invés disso, concentro-me no Daniel, que parece ter ficado verdadeiramente irritado com ela.

— Letícia...

— Dan, não. — eu o interrompo, com medo do que ele possa falar na frente da filha dele.

— Letícia, não provoca! — exige a irmã dele.

— Eu não disse nada demais, só a verdade, Mari!

— Letícia, verdade ou não, a namorada do meu irmão agora é a Manuela e você tem que respeitá-los.

— Não desrespeitei ninguém, Mariana. — responde, em tom irônico.

— Chega! — diz Pedro, com autoritarismo. — Pelo amor de Deus, podemos almoçar em paz?

— Desculpe, Pedro. — a megera responde.

Dan termina de servir o meu prato e começa a servir o dele, minutos depois, estamos todos comendo calados. Eu poderia dizer que perdi a fome após tudo o que aconteceu, mas, estaria mentindo, porque estou com uma fome de dragão e nem a presença da ex-mulher do meu namorado é capaz de me fazer deixar de comer. Assim que terminamos, Marta nos serve a sobremesa, doce de leite com queijo fresco e pudim de leite. Eu repito o pudim e Dan me observa comer, parecendo estar feliz com a visão que está tendo.

— Posso ir brincar agora? — Bianca pergunta, assim que termina de comer.

— Pode sim. — Daniel responde, dando a última colherada em seu doce de leite.

Ela pede licença, recolhe o seu prato, levando-o até a pia e some pelos fundos. Eu a observo enquanto fico me perguntando se algum dia poderemos ter uma relação razoável.

— Terminou? – pergunta Dan.

— Sim. – digo, limpando a minha boca com o guardanapo.

Ele pega na minha mão e me faz levantar.

— Vocês nos dão licença, vou mostrar a cidade para a Manuela.

— Bom passeio, queridos. – diz Marta.

— Até mais. – respondo, após deixarmos a louça na pia e eu levar uma bronca da Marta por querer lavá-la.

Caminhamos em silêncio até o carro dele, o calor do sol escaldante é amenizado pelo ar frio que começa a soprar. Ainda não me acostumei com a temperatura do Sul, quando você se convence de que está quente, uma massa de ar gelado aparece sei lá eu de onde e te faz lembrar que aqui, quem manda é o frio.

Daniel abre a porta para mim e espera eu me ajeitar no banco para fechá-la. Ele corre para o lado do motorista e se ajeita, colocando o cinto de segurança e dando partida no carro.

Finalmente o silêncio é quebrado.

— Escolhe uma música. – ele diz, me entregando o celular dele após desbloqueá-lo.

— Eu não vou mexer em seu celular. – respondo, me recusando a pegar o aparelho.

— E por que não? – pergunta curioso.

— Sei lá, só não quero. – minto. Não vou dizer a ele que tenho medo do que eu possa encontrar no celular dele.

— O que acha que tem nele? – pergunta, virando a chave do carro, desligando-o.

— Não acho nada, só não acho legal eu ficar mexendo no seu celular, Dan.

— Eu conheço um pouco dessa sua cabecinha, Manu, então, deixa eu te dizer que nele você vai encontrar algumas fotos de lugares por onde passei, algumas fotos da minha filha e uma foto sua.

Eu o encaro.

— Sim, uma foto sua, a que eu ficava olhando todos os dias enquanto estive internado. – ele olha para fora da janela, como se estivesse lembrando – Olhar para ela me acalmava nos dias difíceis e era também uma forma de punição para mim mesmo, porque cada vez que eu olhava e sentia o meu estômago doer, significava que eu estava consciente de que eu havia estragado tudo, de que havia sido eu mesmo o culpado de não tê-la comigo. –

ele se vira para mim com os seus olhos fixos nos meus. — Fora isso, vai encontrar centenas de músicas e eu só te pedi para escolher uma. — sua voz soa rouca, quase que em um suplício e ele volta a olhar para a janela.

Percebo o quanto eu o chateei por achar que poderia encontrar algo que não gostasse.

— Dan? — o chamo, fazendo-o olhar para mim.

— Você não me disse que me adora, estou com saudades de ouvir. — falo, fazendo o meu melhor beicinho.

Ele abre um sorriso e os seus incríveis olhos azuis voltam a brilhar. — Eu te adoro, bela Manuela...

Em um movimento rápido, aperto o botão do meu cinto e me atiro no colo dele, abraçando-o com força.

Essa é a nova eu. A mulher que não esconde mais as palavras e também não segura mais os gestos.

— Eu também adoro você, meu Dan. — sussurro em seu ouvido, fazendo os pelos dos seus braços se arrepiarem.

O seu olhar alcança o meu e ficamos apenas nos encarando, o silêncio que há minutos atrás era ensurdecedor, agora não nos incomoda mais, o som da nossa respiração pesada começa a ganhar espaço dentro do carro. Ele toca o meu rosto delicadamente com a sua mão direita, descendo pela a minha bochecha, parando em meus lábios. Sua outra mão alcança a minha nuca e faz nela uma leve pressão, me puxando para um pouco mais perto dele. Nossas bocas estão próximas, mas, nenhum dos dois parece querer quebrar o momento, o momento em que nos falamos com o olhar, o momento em que nos tocamos através dos olhos, o momento em que assumo silenciosamente para mim mesma de que estou caindo em um precipício sem fim e que não me importo, porque ele está segurando na minha mão na queda.

Com a respiração ofegante, sinto os movimentos pesados dos meus pulmões, subindo e descendo, percebo que começo a soltar o ar com mais pressa, precisando disso para me manter calma. Ele contrai os lábios em uma linha fina até eles ficarem quase brancos, seu dedo contorna o meu lábio superior, desce para o inferior e para entre os dois. Como que em um ato reflexo, abro a boca e ele passa o dedo na parte central dos meus lábios. A sua outra mão agora começa a descer pelo o meu ombro, deslizando em seguida para o meu pescoço, meu corpo estremece, em reação ao toque macio e ao mesmo tempo duro, de sua mão descendo por dentro da minha blusa. Quero beijá-lo. Mas não quero perder esse momento, que é intenso e gostoso.

Quero que ele me toque, mas, não quero que seja aqui, dentro do seu carro, parado na frente da vinícola dos seus pais, onde a qualquer momento alguém pode aparecer e nos flagrar. Com esse pensamento, eu crio forças para pará-lo, antes que seja tarde demais, antes que eu esteja sem camisa, sentada em seu colo.

— Temos que parar. – sussurro para ele.

— Eu não quero parar. – responde, sua mão fazendo círculos na minha cintura.

Pareço que vou pegar fogo, como se o toque da mão dele sobre a minha pele branca fosse o oxigênio necessário para que uma explosão ocorra.

— Precisamos parar. Não podemos fazer isso, aqui, Dan. – insisto, passando a minha mão em seu rosto.

— Não aguento mais, quero você minha pequenina.

— Quer? – pergunto, provocando-o.

— Mais do que imagina.

E então seus lábios encontram com os meus e nos beijamos com ferocidade, mãos circulam livremente pelo o meu corpo e pelo o dele, tento buscar um pouco de ar, mas, logo a sua boca me encontra novamente. Minha mão para na sua cintura, onde posso sentir a sua ereção querer estourar o zíper.

— Vamos sair daqui... – imploro, quando finalmente paramos de nos beijar.

— Vamos para casa. – ele diz, me colocando de volta no banco e dando partida no carro antes mesmo que eu afivelasse o meu cinto.

— Vai escolher agora? – ele pergunta, quando estamos pegando a estrada principal que nos leva até a casa dele.

— Ok.

Ele desbloqueia o celular com uma das mãos e me entrega. Eu abro o player e começo a percorrer a sua lista, paro em Phillip Phillips e cantamos juntos em plenos pulmões quando ele começa a cantar Gone, Gone, Gone, como se fossemos dois jovens caindo na estrada. É essa a sensação que tenho toda vez que estou com Daniel, como se eu estivesse em uma aventura, fazendo algo que nunca imaginei que um dia faria. Agora eu entendo o Léo quando ele dizia que adoraria cair no mundo com uma mochila nas costas. Bem, eu não estou com uma mochila nas costas, mas, eu saí da minha zona de conforto e o responsável por isso é ele mesmo, tivemos tantas conversas pelo Facebook sobre o sonho dele de cair no mundo, que após a partida dele,

acabei pegando isso para mim. No começo eu fazia por ele, quando decidi ir para a Europa, eu negava para qualquer um, mas, foi por ele que eu decidi largar tudo, é como se eu devesse isso a ele, fazer o roteiro que ele disse que gostaria de fazer comigo, mas, assim que desembarquei em Oslo, percebi que eu estava fazendo por mim também.

So Easy começa a tocar e não poderia haver música mais perfeita para o momento, Dan coloca a sua mão direita sobre a minha mão enquanto dirige atento à estrada. Sorrio, mais para mim do que para ele. Sorrio satisfeita. Finalmente estou me sentindo feliz novamente.

— Espero que tenha um pequeno espaço para mim em seus pensamentos. – ele diz, quando reconheço que estamos chegando perto da casa dele.

— Nesse momento, você está ocupando todos os espaços.

— Que bom ouvir isso... – responde, piscando para mim.

Cinco minutos depois, estamos entrando em sua casa. Segurando em minha mão, ele me puxa até o quarto dele que ele insiste de chamar de nosso.

— Sabe de uma coisa?

— Hum? – pergunto, enquanto subimos as escadas.

— Foi bom você ter me parado no carro.

— Ah, é? E por quê?

— Porque se fizéssemos lá, eu iria transar com você.

— E aqui não? – pergunto, sem ainda entender o que ele está insinuando.

— Não. – responde, me parando na porta do seu quarto. – Aqui eu vou fazer amor com você, Manuela.

Um sorriso gigantesco de satisfação se forma em meu rosto eu abro a boca para dizer algo que nem eu mesma sei e ele me interrompe com um beijo quente, cheio de promessas. Jogo os meus braços ao redor do pescoço dele e caminhamos juntos para a sua cama, nos beijando como se não houvesse o amanhã para nós.

Uma hora depois, minha cabeça está sobre o peito dele e ele com sua mão alisando os meus cabelos.

— Você é a mulher mais sensacional que já conheci. – ele diz. Eu viro a cabeça para olhá-lo.

— Você diz isso porque acabamos de fazer amor. – respondo, provocando-o.

— Está errada. Eu digo isso porque o amor que acabamos de fazer é

algo que nunca fiz com mais ninguém. Entendeu a diferença?

Balanço a cabeça em negativo para provoca-lo ainda mais.

— Não entendeu? – pergunta, erguendo uma sobrancelha.

— Ainda acho que sou sensacional porque fiquei em cima de você. – brinco.

— Garota difícil de convencer, né?

— Eu? Que nada, só sou realista.

— Olha para mim. – ele pede, segurando em meu rosto.

Eu olho.

— Eu seria muito hipócrita se dissesse que o sexo e o amor não são bons, porque na verdade são fantásticos, fazê-los com você é maravilhoso, mas, quando eu disse que você é sensacional, Manuela, eu estava me referindo ao conjunto todo, desde o seu sorriso tímido, ao seu gemido gostoso, desde a sua coragem de seguir em frente, que eu passei a admirar a partir do momento que me falou sobre a morte do Leonel, até a sua fraqueza, quando correu para o banheiro após eu ter perdido a cabeça lá na sala. Eu a admiro tanto, que talvez palavras não sejam capazes de demonstrar.

— Você não precisa dizer nada, Dan. O seu olhar, esse olhar que vejo agora, já diz tudo e eu agradeço por isso, por me permitir ser eu mesma quando estou com você.

Estico a mão para tocar o seu rosto, ele beija a palma da minha mão e pressiona a minha mão em seu rosto, fechando os olhos em seguida.

— Ainda temos a tarde toda, o que quer fazer? – ele pergunta, abrindo os olhos.

— Primeiro um banho. – respondo, me enrolando no lençol e sentando na cama.

— E depois?

— O que sugere?

— Um passeio pela cidade? Podemos dar uma volta agora à tarde e jantamos aqui em casa...

— Legal.

— Com a Bianca. – completa, me olhando, como se estivesse observando a minha reação.

— Com a Bianca. – respondo.

— Passamos na vinícola e buscamos ela, na volta.

Eu só espero que ela não se oponha em vir para cá e jantar conosco. É importante para ele, que ela aceite a nossa situação.

Após vinte minutos, estou vestida, sentada na cama dele, esperando por ele que acabou de desligar o chuveiro. Aproveito o tempo ocioso e ligo para a Carol.

— Alô, Carol?

— Sua maluca, estou mega curiosa! Como estão as coisas?

— Acho que agora, bem.

— E a filha?

— Ainda não sei dizer, não trocamos nenhuma palavra. – faço um silêncio proposital para dizer a próxima frase. – Conheci a ex-mulher dele, Letícia.

— Minha mãe! – ela grita do outro lado – E como foi? Como ela é?

— Foi tenso... E ela é linda!

— Manu? Eu te conheço, pode parar.

— Não, Carol, está tudo bem. Ela é mesmo linda, mas, apesar o desconforto de almoçar com ela na mesma mesa, estou segura de que o Dan não sente mais nada por ela, ele foi incrível comigo, não posso reclamar.

— Pelo o que você me fala dele, ele parece ser um cara legal.

— Mais do que isso. Ele é especial, Carol. Você precisa conhecê-lo.

— E posso saber quando isso irá acontecer?

— Ainda não sei.

— E quando vem embora?

— Não conversei com ele sobre isso, mas, acho que na quinta-feira.

— Por que tão rápido? Larga a mão de ser boba, aproveita e fica mais tempo com ele.

— Eu preciso voltar, né? Preciso procurar um novo emprego, colocar a minha vida no lugar.

— E como vocês farão?

— Ainda não conversamos, eu queria falar com ele sobre isso no jantar, mas, vamos jantar com a filha dele, terei que adiar a conversa.

— Mas o que vai sugerir?

— Eu não sei, Carol. Eu estou muito feliz por estar com ele, por estarmos bem, mas, às vezes, sinto que isso vai acabar, que de uma hora para outra, vamos voltar à realidade e percebermos que somos de mundos diferentes, que moramos em estados diferentes e que as circunstâncias não nos permitirão que fiquemos juntos.

— Manu, qual é? Por que acha isso?

— Sei lá... Parece que quanto mais encantada com ele eu fico, mais

consciência eu tenho de que isso é um sonho e de que ele não é para mim.

— Espero que ele te faça ver que está errada.

— Eu também... Bom, te ligo se tiver qualquer novidade, e também para confirmar se volto na quinta.

— Se cuida.

— Beijos.

Desligo o celular e quando me viro, ele está parado na porta do banheiro, com uma toalha azul enrolada na cintura, olhando para o telefone em minhas mãos.

Ah não... De novo não!

Será que ele ouviu tudo?



Daniel

“Beautiful girl, stay with me. Beautiful girl, stay with me. She wanna go home.”

“Linda garota, fique comigo. Linda garota, fique comigo. Ela quer ir para casa.”

(INXS – Beautiful Girl)

— Assustou? – pergunto, usando o meu melhor cinismo.

— Talvez. – ela responde. E eu sei que ela se assustou ao me ver parado na porta. E eu sei o porquê.

— E tem motivos para ter se assustado?

— Você está bravo?

— Você não respondeu a minha pergunta.

— Estou encrocada?

— Ainda não respondeu.

— Dan...

Ela se levanta e vem em minha direção. Estou tão irritado que me afasto, porque sei que se ela me tocar, não serei capaz de levar isso adiante e eu não posso me dar ao luxo de não ter com ela essa conversa. Ela planeja ir embora e nem se deu o trabalho de me contar. Eu já vivi algo parecido antes, quando ainda não tinha certeza do que sentia por ela. Agora eu tenho. A queda, se acontecer, agora certamente será maior.

Não quero cair novamente.

Não quero cair nunca mais.

— Não, Manu. – eu me afasto. – eu vou me trocar e nós vamos continuar essa conversa.

Ela morde os lábios e me olha assustada. Com medo do que está por vir.

Não quero assustá-la. Não quero ficar afastado dela, mas ela não ter me incluído em seus planos me deixou irritado.

Ou com ciúmes.

Ou com medo...

Medo de não ser para ela, o que ela é para mim.

Passo por ela em direção ao closet, pego um jeans, minha boxer e uma polo preta e retorno ao banheiro para me vestir. Ela permanece na mesma posição, parada na porta onde eu estava quando a flagrei no telefone.

— Quer que eu saia? – pergunta, assim que entro no banheiro.

— Se quiser sair... – deixo cair a toalha no chão – de propósito — e visto minha boxer.

— Adoro quando você é frio desse jeito.

— Eu sou do Sul, aqui é frio, é normal as pessoas também serem.

— É... e irônicas também. – ela diz, quase que em um sussurro.

Eu visto a minha calça, jogo a camiseta no ombro e passo por ela novamente. Sento-me em minha cama e espero ela se virar para mim.

— Vamos conversar?

— Agora você quer conversar? – resmunga.

— Em algum momento eu não quis, Manuela?

— Por que está tão zangado comigo, Daniel?

E ela ainda pergunta? Será que não está claro que me senti traído por não saber que ela definiu o dia em que vai embora e não me contou? Sem contar o fato dela dizer para alguém do outro lado da linha que somos de mundos diferentes e que ela acredita que de uma hora para outra, isso pode acabar.

Qual é? Ela ficou dois anos com um cara que até ela saber o verdadeiro motivo, dizia para ela que eles eram as pessoas certas no momento errado e ainda assim, ela não desistiu dele. Como posso não ficar chateado ao ouvi-la confessar para alguém que suponho que seja a sua amiga, que ela não acredita em nosso relacionamento?

Ela ergue uma sobrancelha, ainda esperando pela a minha resposta.

— Quer saber? Vamos deixar isso para lá. Vamos sair! Vou te levar para conhecer a cidade, logo você vai embora e não terá a chance de conhecer. – falo, vestindo a minha camiseta.

— Não! – ela diz, quase que em um grito. Eu me espanto e paro, entre ela e a minha cama. – Vamos terminar isso de uma vez por todas! – diz, jogando as mãos para o ar.

— E o que exatamente você quer terminar? – pergunto, sentindo a raiva me dominar.

— Essa conversa estúpida, quero ficar bem com você, quero não sentir

essa bola na garganta que estou sentindo agora, como se eu estivesse perdendo algo...

Ela encosta a cabeça no batente da porta e a minha vontade é de correr até ela e a colocar em meu colo, mas, eu não consigo.

Orgulho é mesmo pior dos sentimentos.

— Vem, vamos sentar. – a chamo, voltando para a minha cama.

Dessa vez ela me segue e se senta do lado oposto ao meu.

— Começa. – exijo.

— O que quer que eu diga? Acho que você ouviu a minha conversa com a Carol, minha amiga.

— Sim, ouvi você dizendo que vai embora na quinta e que também acha que não vamos dar certo porque somos de mundos diferentes e estou bem confuso agora, porque desde que te vi, a única certeza que tive é a de que pertencíamos ao mesmo mundo, um mundo onde quase ninguém mais pertence, um mundo exclusivo para aqueles que tiveram de uma forma ou de outra, as suas vidas esmagadas e estraçalhadas e que ainda assim, buscam uma forma de seguir em frente. Foi esse mundo que vi através do seu olhar, através das suas poucas palavras no trem e do seu suspiro quando voamos de parapente. Eu juro, Manuela, estou mesmo confuso, porque agora me sinto como se tivesse fantasiado em minha cabeça uma história que não existe.

Ela joga as mãos em seu rosto e balança a cabeça em negativo, repetidas vezes. A sua respiração está tão pesada quanto a minha. Eu fico olhando para ela, esperando que ela diga algo.

— Eu não sei o que dizer... Você parece estar vendo somente um lado dessa história. Parece que não sou capaz de fazê-lo enxergar o outro lado.

— E você quer que eu enxergue? – pergunto, com a voz baixa.

— É claro que sim! Eu não nego o que falei para a minha amiga, mas você não prestou atenção em tudo o que eu disse, não é mesmo?

Fico em silêncio. Fico porque talvez eu não tenha mesmo prestado a atenção em toda a sua conversa, em todo o contexto. Eu travei quando a ouvi dizer que ia embora na quinta e depois quando falou sobre sermos diferentes.

— Que droga, Daniel! Eu estou com medo! Não consegue ver isso?

Medo? Como ela pode estar com medo? Eu estou com medo e não quero me afastar dela. Ela está com medo e simplesmente define que não vamos dar certo?

— Diz alguma coisa! – ela pede.

— Dizer o quê? Que não entendo o seu medo?

— Você não entende mesmo, não é? — ela se levanta e começa a caminhar pelo quarto. — No começo, eu tinha certeza de que era só atração física. Seis meses depois, eu tinha a certeza de que era muito mais do que isso. Um ano depois, eu estava sufocando dentro de mim, aquilo que veio a se tornar o sentimento mais puro que já senti. Um ano e meio depois, ele me disse olhando em meus olhos que estava no dia seguinte partindo para a Dinamarca e me pediu para esquecê-lo. Um ano e nove meses depois, eu o vejo em uma cadeira de rodas em um hospital. Ele me pede em namoro. E o que era para ser o “felizes para sempre”, foi apenas o “foi bom enquanto durou”. Em dois anos, eu tive e perdi a felicidade. E agora, após eu superar a crença de que nunca mais seria feliz novamente, eu volto a sentir o mesmo medo que sentia todas as noites enquanto via ele dormir em uma cama de hospital: Que a vida tem o dom de nos fazer acordar do sonho na melhor parte dele... Eu estou na melhor parte. E é por isso que estou com medo.

Ela termina de dizer, virada de costas para mim. Sinto-me um estúpido por julgá-la sem dar a ela a chance de dizer algo. Meu medo de perdê-la é tanto que me turva o discernimento. Me deixa cego. Me rouba de mim mesmo.

— Manu? — eu me levanto e vou ao seu encontro.

Posso ouvir o seu choro contido. Posso sentir a sua respiração pesada.

Eu a amo.

E eu sei disso porque sinto que meu coração e meus pulmões estão sendo lentamente esmagados dentro de mim.

Porque eu a fiz chorar.

Ela não se vira.

— Ei, pequenina. — tento novamente. Tenho medo de tocá-la e afastá-la mais ainda. — Olha para mim. — dessa vez ela se vira, secando as lágrimas que escorrem como uma cachoeira pelo o seu rosto.

Lágrimas que eu causei.

— Eu queria te prometer que essa é a última vez que terei que te pedir desculpas, mas, eu não posso fazer isso, não sabendo que provavelmente ainda o farei várias vezes, se ainda me quiser como o seu namorado, é claro. Porque eu tenho defeitos, Manuela. E cicatrizes. E feridas que ainda estão abertas. Sentir que ia te perder, fez com essas feridas aumentassem, trouxe o medo à tona. Porque somos parecidos, somos do mesmo mundo. Temos medos. E eles ainda nos controlam. Nos manipulam. Então, agora, nesse exato momento, o que eu posso e preciso fazer, é te pedir desculpas por ser

fraco e permitir que o medo me dominasse, por ter duvidado de que você sentisse algo por mim e por tê-la feito chorar.

Ela joga o seu corpo contra o meu e eu a envolvo em meus braços, colocando a minha cabeça sobre a cabeça dela, que está encostada em meu peito.

Eu te amo, minha pequenina. Queria ser capaz de dizer isso a ela. Eu a amo, mas, ainda não me sinto no direito de dizer. Não até sentir que ela sente o mesmo. Porque para mim, deixar o meu passado para trás e tentar curar as minhas feridas, é mais fácil, eu não perdi um grande amor, eu me decepcionei com ele, ao contrário dela, que teve o seu amor tirado bruscamente de sua vida.

— Me perdoa. — peço, beijando o topo da sua cabeça. Ela nada diz, apenas me aperta com força. — Olha para mim. — ergo o rosto dela para vê-la. — Me perdoa?

— Para de pedir perdão. — finalmente diz. — Somos dois idiotas.

— Somos.

— Mas você é mais. — diz, fungando o nariz.

— Sim, eu sou.

— E só para você saber, eu pretendia conversar com você hoje à noite a respeito de quando eu pretendia ir embora e também sobre como íamos fazer daqui em diante.

— Íamos? — indago, apreensivo de que depois disso tudo, ela possa ter desistido de mim.

— Vamos. — responde, secando novamente as lágrimas.

Respiro aliviado.

— Podemos deixar o passeio para amanhã? Acho que temos que ter essa conversa agora, antes que as dúvidas nos consumam novamente. — falo, puxando-a para a cama junto a mim.

— Não sem antes você me dizer.

— Dizer o quê?

— Que você me adora.

A coloco em meu colo e ergo o rosto dela, ficamos encarando um ao outro, em silêncio. Em volta dos seus olhos esverdeados, uma imensa mancha rosada começa a aparecer. Passo delicadamente o dedo em seu rosto, contornando a mancha, secando o resto das suas lágrimas, ela fecha os olhos e solta um suspiro.

— Eu te adoro, minha namorada. — digo, finalmente, enquanto a frase

“eu te amo” explode em minha cabeça.

— Eu também. — ela diz em seguida.

E por hora, isso já é o suficiente.

∞

Entre um beijo e outro, encostados na cabeceira da minha cama, conversamos sobre o nosso futuro. Eu a convenci a voltar para São Paulo somente na próxima segunda-feira, com a promessa tentadora de levá-la para conhecer Gramado e Canela. Foi golpe baixo, eu sei, afinal, quem resiste a conhecer duas das cidades mais charmosas e românticas do Brasil?

Ela não resistiu...

Conversamos também sobre como vamos fazer com o nosso namoro à distância. Volto a trabalhar em breve e provavelmente não conseguirei escapar de todas as viagens longas. Uma hora ou outra, terei que fazer alguma delas. Mas, por enquanto, decidimos que irie visitá-la a cada quinze dias. Ela pretende procurar um novo emprego e estou incentivando-a a voltar a estudar. Ela ainda não decidiu se voltará para o mesmo curso, que está trancado, ou se vai começar um novo, mas, aceitou a ideia de estudar e com isso, ficará mais difícil para ela vir para cá do que eu ir para lá. Vamos fazer isso com calma, sem pressões.

Quando nos damos conta, já está entardecendo e tenho que ir buscar a Bianca. Insisto para que ela vá comigo, mas, ela pede para ficar e me esperar, desisto porque sei que na verdade ela está insegura em relação à Bia, acabo até achando bom ela ter decidido não ir, assim, posso conversar com a minha filha antes que as duas fiquem finalmente a sós.

— Volto logo, tá bom?

— Unhum...

— Vai ficar bem aqui sozinha?

— Está de brincadeira? Vou tocar o terror nessa casa imensa!

— Tocar o terror? O que fizeram com a minha namorada? – pergunto, pegando a chave do carro.

— Ela está aqui, só está tentando desconstrair para não surtar.

— Bela, fica tranquila, vai dar tudo certo. A Bia vai te adorar assim como eu te adoro. – falo, me aproximando dela. – E sabe o por quê?

Coloco os braços ao redor da sua cintura e a puxo para mim.

— Por quê?

— Porque é impossível não adorá-la.

— Eu queria ter essa certeza que você tem, é horrível ter medo de não

ser aprovada pela a sua família.

Beijo a testa dela.

— Mas a minha família te adorou!

— É... Adorar é uma palavra muito forte, não acha? – ela desvia o olhar e percebo que tem alguma coisa errada. Ela está me escondendo algo.

— Aconteceu alguma coisa que não sei?

— Não... Está tudo bem, Dan. Acho melhor você ir logo buscar a Bianca.

Eu coloco a chave de volta no balcão da cozinha e a puxo pela mão para o sofá, com ela relutante em ir.

— Vamos, me conta.

— Não tenho nada para contar.

— Vou ter que lembrá-la do jogo da sinceridade? – forço, fazendo-a se lembrar de uma das nossas conversas na Noruega, após ficarmos pela primeira vez.

— Dan, eu não quero falar sobre isso. Foi só um comentário bobo, eu só quis dizer que afirmar que eles me adoraram em apenas um dia, é um pouco de exagero.

— Eu te adorei em apenas um dia.

Ela sorri. Mas, ainda assim, parece que algo a incomoda.

— Não vai mesmo me dizer o que aconteceu lá na vinícola que eu não tenha visto?

Ela balança a cabeça em negativo.

— Vai ficar bravo comigo? Não foi nada demais, mas, não quero falar...

— Tudo bem. – beijo a sua testa e me levanto, deixando-a sentada no sofá. – Eu descubro!

— Dan!

Eu sabia que ela ia voltar atrás.

— O quê? – me viro para ela e vejo aflição em seu olhar. Volto para o sofá e seguro em suas mãos.

— O seu pai... Eu não sei se ele gostou assim de mim como você pensa que gostou.

Ela solta, como se estivesse carregando algo pesado demais.

— Está brincando? É claro que ele gostou de você! – respondo, fazendo-a olhar para mim. – Espera, ele te disse algo? Te fez algo, Manuela?

— Eu acho que ele me testou... – finalmente ela responde, olhando fixamente para a minha estante de livros na parede da sala.

— Como assim, te testou? – a minha voz soa mais espantada do que talvez devesse.

— Sei lá, acho que no fim deu tudo certo, porque ele disse que estava tranquilo e que acreditava que você havia feito a escolha certa, mas é que eu não sei se acabei sendo grossa com ele, quando ele começou a dizer que você havia saído da clínica há uma semana e que não havia garantias de que estava bem, eu simplesmente não pude ouvir e ficar calada, Dan. Porque eu acredito que você está bem. De verdade.

Ela se vira para mim e seus olhos verdes brilham. Ah... Como eu adoro essa mulher!

— E o que aconteceu depois?

— Ele meio que me julgou sem me conhecer, me achando nova demais para entender as preocupações dele em relação a você, afirmou que eu não entendo nada sobre as dores da vida e então, bem, você pode imaginar o quanto isso me deixou furiosa, não é?

— Sim... Eu faço ideia.

— Aí eu falei o que achava, e no fim ele disse isso, que estava feliz por você ter me escolhido. Acho que acabei passando dos limites, eu estava no estabelecimento dele, eu quase que o desafiei Dan, não me espantará se ele disser a você que não me quer lá.

— Você está brincando? Meu pai te testou sim e ele não tinha o direito de fazer isso e eu não posso me calar e deixar para lá...

— Dan, não diz nada, por favor. – ela me interrompe.

— Não vou deixar para lá, mas, eu agora tenho a certeza de que ele gostou de você.

— Como assim? – ela franze o cenho.

— Uma das coisas que fez o meu pai se apaixonar pela a minha mãe, foi o fato dela nunca ter abaixado a cabeça para ele, ela sempre foi teimosa, se acha que está certa, não tem medo de dizer. Em uma das noites em que estive internado, ele conversava comigo enquanto eu dormia e acordava, foi logo no começo e a medicação ainda era forte, mas, lembro bem do momento em que ele disse que eu precisava para a minha vida, de uma garota como a minha mãe, que me desafiasse, que tivesse pulso firme. Acho que ele viu um pouco disso em você.

— Eu não sei o que dizer...

— Não precisa dizer, está tudo bem... Não gostei do que ele fez, mas, quero que fique tranquila... Como eu disse anteriormente, é impossível não

gostar de você. – pisco para ela e mando um beijo ao ar, voltando a pegar a chave do carro.

— Volto logo.

— Assim espero.

Entro no carro com uma certeza: Ela é a garota certa para mim. Quem mais me defenderia como ela fez? Não é fácil lidar com o português, meu pai sabe ser intimidador quando quer e estou certo que ele não aliviou em nada essa tal conversa com a Manu.

No caminho, ligo para a vinícola e peço para a minha mãe deixar a Bia pronta e quando chego, ela já está à minha espera.

— Cadê? – ela pergunta, assim que entro no escritório do meu pai, onde ele está sentando atrás da sua mesa e ela em outra mesinha, brincando com o seu tablete.

— A Manuela? – pergunto.

— Sim. – responde, sem desviar o olhar do seu jogo.

— Ficou em casa.

— Na nossa casa?

— Sim, na nossa casa. Ela está nos esperando para jantar.

Ela me olha acho que vai dizer alguma coisa, mas, segundos depois, volta para hipnotizar o seu tablete.

— Bia, tudo bem para você? – insisto.

— Unhum... – abre um pequeno sorriso e logo o fecha. — O vovô disse que você gosta dela, que ela te deixa feliz e que se você ficar feliz você não vai mais ficar longe, naquele lugar que você estava até semana passada, então, tudo bem...

Repreendo o meu pai com o olhar. Não é assim que quero que ela goste da Manu, mas, por outro lado, fico feliz por a minha filha ser tão compreensiva a esse ponto e feliz por meu pai ter percebido que a Manuela me faz bem.

— Vai se despedir da vovó enquanto falo com o seu avô.

Ela se levanta, beija o meu pai, pega a sua mochila e sai sentido à recepção.

— E então, o que achou da Manuela? – pergunto.

— Bonita.

— Só isso?

— Esperta.

— Pai...

— Está certo... No começo, quando a vi, parecendo um daqueles cristais lapidados que a gente vê nas lojas de decoração de Gramado, eu achei que ela não seria a pessoa ideal para você, temi por ela, de que ela pudesse se quebrar a qualquer momento, mas aí, após conversarmos – ele sorri para mim — percebi que ela é na verdade resistente como uma drusa de cristal, um cristal bruto.

— Eu soube dessa tal conversa. – digo, observando-o.

— Ela te contou é? – ele ergue as sobrancelhas.

— Contar não contou, mas, consegui arrancar dela algumas palavras, o resto eu deduzi.

— E quer saber se eu aprovo?

— Para falar a verdade, não. Pela primeira vez em toda a minha vida, eu não sinto a necessidade de ter a aprovação de ninguém, é tão verdadeiro dentro de mim que a Manuela é a pessoa por quem eu estava procurando, mesmo sem saber, que pai, mesmo que você dissesse que não gostou dela, ainda assim, eu não abriria mão da relação que estou começando a construir com ela.

— Eu fico feliz por você, filho. Eu e a sua mãe estamos orgulhosos. Eu ainda tinha dúvidas de que você realmente havia superado a Letícia, já não tenho mais...

— Superei pai, pode acreditar.

— Agora, tem um assunto que precisamos conversar. E urgente.

— Hoje não, pai. Falaremos disso depois. Mas, se for meu, eu vou assumir. Não sou homem de fugir das minhas responsabilidades, diferente do Gustavo, e deixo claro aqui, vou assumir a criança. Não ela.

— Compreendo. E espero que a Manuela também compreenda.

— Ela vai. Estamos lidando com isso.

— Está bem. Agora vai, a Bia já deve estar impaciente e a sua namorada está sozinha em sua casa.

— Até amanhã, papai.

— Até amanhã, meu filho.

Quando estou saindo do seu escritório, ele me chama, me fazendo parar no corredor.

— Ela me lembra a sua mãe quando era jovem...

Eu aceno com a cabeça e sorrio.



Manuela

“We don't have to live in a world where we give bad names to beautiful things. We should live in a beautiful world. We should give beautiful a second chance.”

“Nós não temos que viver num mundo onde damos maus nomes às coisas bonitas. Nós devemos viver num mundo belo. Nós devemos dar às coisas belas uma segunda chance.”

(Marillion – Beautiful)

A noite anterior foi maravilhosa, ao contrário do que eu imaginava. Enquanto o Daniel foi buscar a Bianca, aproveitei para ligar para a minha mãe, contei a ela os últimos acontecimentos e desligamos com ela dizendo que estava orgulhosa de mim por eu estar enfrentando tudo isso, por eu não desistir. Falou que eu mudei muito. E para melhor.

Ouvir isso da minha mãe me encorajou mais ainda.

Meia hora depois, o Dan retorna com a filha. Quando entraram na casa, eu estava sentada no sofá lendo um livro no meu notebook, ela passou por mim dizendo apenas oi. Eu respondi e continuei onde estava. O Dan entrou logo em seguida e pediu que ela fosse tomar banho e que descesse em uma hora para jantar. Ela pediu se poderia jantar no quarto e ele disse o não mais duro que já ouvi em toda a minha vida. Tenho certeza de que ele ficou bravo com o pedido dela. E o pior, por minha causa.

Ele pediu pizza, me deixou escolher uma e a Bianca escolheu outra. Como ela disse que queria a portuguesa, eu pedi a de brigadeiro e pela primeira vez desde o nosso encontro, ela parece ter sorrido para mim. Só depois, quando eu já estava na cama, é que soube o porquê: O Daniel não gosta de pizza de brigadeiro, então, quando estão só os dois, eles não pedem. Isso foi ele quem me contou, dizendo que eu havia ganhados pontos com ela.

Jantamos em silêncio. O clima não estava pesado nem nada, mas, eu não sabia o que dizer, que assunto puxar. A verdade é que acho que não sei lidar

com crianças.

Quando foi dez horas, estávamos eu e o Dan na frente da linda casa, sentados na rede, quando ela foi dizer boa noite. Ela beijou o pai e olhou para mim, me desejando boa noite. Eu respondi. Aliviada.

Já foi algum avanço.

Eu estava exausta, então, logo fui me deitar também. Com a filha dele dormindo ao lado, achei que seria melhor dormir no outro quarto, quando o Dan subiu, eu já estava levando as minhas coisas, mas, ele me impediu, dizendo que ele não queria que eu fosse.

Não fui. Dormimos de conchinha. A respiração dele fungando em cima de mim. Um de seus braços sobre a minha cintura e minha mão entrelaçada na mão dele.

Sem sexo. Sem amor. Apenas conchinha.

Como um casal.

Como acordei primeiro, decidi descer e fazer café da manhã, tive que fuçar na imensa cozinha para achar os utensílios, acho que ele tem algum problema com xícaras, porque encontrei em um dos armários, uma coleção de xícaras de vários lugares que supus ter sido visitados por ele.

Por volta das oito horas, decido ir acordá-lo. A Bianca ainda dorme. Ou, finge que dorme.

— Bom dia! – o chamo, me aninhando atrás dele e beijando o seu rosto.

Ele se espreguiça e me olha com os seus lindos olhos azuis cor de piscina.

— Bom dia, bela! Já acordada?

— Anham... Acabei de fazer café, quer?

— Nossa, já fez até café? Casa comigo?

Eu o encaro, sei que foi de brincadeira, e para ser sincera, ele não deveria fazer esse tipo de brincadeira comigo. Não mesmo. Sorrio e me viro para sair da cama.

— Ei, vai não. Fica aqui comigo.

— Mas e quanto ao café?

— Ele espera. Eu é que não posso esperar.

— E está com pressa de quê? – provoco.

Ele se senta na cama e fica de frente para mim, a suas mãos começam a subir pelas as minhas coxas que estão nuas até a altura do final do baby doll azul escuro, ele repete o movimento. Minha respiração começa a me entregar, ficando cada vez mais pesada.

— Fecha os olhos. – ele pede. Ainda estamos na mesma posição.

Eu fecho.

— Se concentra na minha mão. – ordena. – E não abre os olhos. Apenas se concentra. Consegue?

Eu não faço a mínima ideia do que ele pensa em fazer, mas, só de estar com os olhos fechados e sentindo as mãos dele subirem e descerem pela a minha coxa, meu corpo começa a ficar quente e quase posso sentir o sangue circulando por ele.

Balanço a cabeça em afirmativo e permaneço com os olhos fechados.

Ele sobe lentamente e dessa vez, a sua mão não para quando alcança o tecido fino da roupa, passa por debaixo dele e continua subindo. Meu corpo todo estremece com o toque da ponta dos seus dedos deslizando para perto da minha calcinha.

— Se concentra. – ele ordena novamente. – Respira. – completa.

Eu faço o que ele pede foco em minha respiração. É o único meio de eu me manter firme, sentada na cama.

— Sente isso? – pergunta, passando o seu dedo pela a lateral da minha virilha.

Balanço a cabeça dizendo que sim.

— E é bom? – questiona, com uma voz sensual.

— Muito. – respondo, com a respiração ofegante.

Se concentra, Manuela! Ordeno para mim mesma, quando novamente a mão dele desce para a altura do meu joelho. Posso imaginar o seu sorriso de satisfação, por me ver tão transtornada assim. Tenho vontade de me atirar para cima dele.

— Deita. – sua voz soa baixo, quase que um sussurro. – De olhos fechados.

Eu me ajeito mais para cima da cama, e ele coloca um travesseiro atrás de mim, me ajudando a deitar nele. Instantaneamente, a minha mão desce até o meu shorts do baby doll, para tirá-lo, mas, ele segura a minha mão e a coloca sobre o meu colo.

— Te quero tanto. – ele diz, dando um beijo no meço da minha coxa.

Eu arrepio, me contraindo e o ouço rir em seguida.

— Te quero muito, minha bela.

— Eu também. – respondo, após juntar forças para conseguir falar.

Mais um beijo, na outra coxa.

— Dan...

— Shihhh.

— Isso é tortura.

— Pensa em como vai ser gostoso quando finalmente fizermos o que estamos querendo fazer.

— E por que não fazemos agora? – suplico.

— Porque gosto de ver a sua fisionomia de prazer quando a minha mão faz isso. – sem qualquer aviso, a sua mão invade a minha calcinha, contornando a borda dela.

Solto um gemido baixo e então ele me beija. Minhas mãos o tateiam, procurando pelo o seu pescoço e quando encontro, as entrelaço nele, puxando-o para mim. Enquanto nos beijamos, a sua mão continua a me provocar, como um adolescente que provoca o outro para uma briga.

Uma briga que quero lutar.

Ele para de me beijar à boca e passa a beijar o meu pescoço. Com sua mão ainda passeando livremente pelo o meu corpo. Sem tocar o ponto central dele.

— Dan.. – sussurro, quase que implorando para que ele me possua logo.

— Se concentra. – responde.

Quando a sua mão avança alguns centímetros, sinto que não vou aguentar por muito tempo. Eu nunca imaginei que pudesse ficar tão excitada somente com o toque das mãos de alguém em minhas pernas e virilha. Com o toque das mãos dele.

— Eu não vou aguentar. – falo, com minhas mãos tateando o corpo dele sobre o meu, encontrando a sua ereção.

— Não aguente então... – diz, mordiscando os meus lábios. – Se solta, Manu. Se perde. Estou aqui para encontrá-la.

E as suas palavras me conduzem para um caminho sem volta. Seus dedos massageiam o meu órgão enquanto eu puxo a sua boxer para baixo e começo um movimento duro e intenso em sua ereção.

— Vamos linda, se solta.

— Ai, Dan...

— Vem...

Uma onda violenta de calor e arrepio cresce dentro de mim, subindo pelo o meu corpo e me possuindo por completa. Eu abafo o gemido enquanto estremeço de prazer.

Sem termos transado de fato.

— Queria poder tirar uma foto sua nesse momento, no momento em que

se entrega de verdade. – ele diz, ainda me provocando.

Abro os olhos encontro o olhar dele.

— Agora é a sua vez. – falo, como uma garota travessa.

O empurro sutilmente para o lado e tiro a minha roupa por completo, Ele faz o mesmo com sua boxer e se deita, passo a perna uma para cada lado e fico sobre o seu corpo.

— Você é perfeita.

Sorrio, consciente de que estou revirando os olhos para ele. E ele morde os lábios, fazendo acender tudo novamente dentro de mim.

— Alguém aqui parece estar cheia de apetite. – ele brinca, alisando a minha cintura.

Segundos depois, estamos conectados, em movimentos leves. Nos curtindo. Nos olhando.

E quase uma hora depois que fiz o café, — que certamente já está frio — estou me perdendo novamente e ele me encontrando. Enquanto também se perde...

E quem se importa com o café?



Daniel

“Wait for me, wait for me. Oh, it's all better now, it's all better now. Wait for me, wait for me”

“Espere por mim, espere por mim. Oh, está tudo bem agora, está tudo bem agora. Espere por mim, espere por mim.”

(Kings Of Leon – Wait For Me)

Passamos os restos dos dias como se fôssemos casados. Eu havia feito planos para levar a Manuela para conhecer Gramado e Canela, mas, com a promessa de que ela voltará mais vezes, resolvemos deixar para outro dia, para podermos passar um final de semana inteiro em algum dos milhares chalés que as duas cidades oferecem. Basicamente ficamos em casa, passeamos por Bento Gonçalves e fomos à vinícola.

Os dias que passamos em casa, ficamos abraçados no sofá, tomando chocolate quente e comendo algum tipo de fondue, enquanto assistíamos filmes de romance — para agradar a ela — e de ação — porque não sou de ferro.

A Bia ainda não se soltou como eu esperava, mas, trocou algumas palavras com a Manu, o que me deixou satisfeito por enquanto. Na sexta, era dia dela ir para a casa da mãe, então, pedi que a Letícia a buscasse na vinícola, para evitar que ela e a Manu se encontrassem novamente. Eu tenho certeza de que ela vai encher a cabeça da menina e que quando a Bia voltar, terei um árduo trabalho para desfazer a lavagem cerebral que a megera fará, mas, não tenho como impedir que a Bia vá para a casa dela. Pela primeira vez desde que a Manu chegou, me sinto aliviado por ela ir embora no domingo, porque não quero que ela presencie as possíveis “crises” da Bia quando voltar.

— Bom dia! — falo, beijando o pescoço da Manu. — Hoje é sábado, o que quer fazer?

— Ficar na cama com você? – ela ergue a sobrancelha e abre o sorriso de menina mulher que tanto gosto.

— Mas já não ficamos nos últimos dias? – pergunto, fazendo cócegas em sua barriga.

— Mas hoje é o meu último dia livre aqui com você, amanhã vou embora e não quero perder tempo.

— Hmmm. Então ir almoçar comigo em um restaurante no alto de uma montanha é perder tempo?

— No alto de uma montanha?

— Sim, bem no alto, lá eles praticam esportes radicais e pensei que talvez você quisesse fazer tirolesa comigo.

— Dan, eu não sei se consigo. Você sabe do meu medo de altura.

— Sei sim e sei também da sua coragem. Você não pensou três vezes quando te convidei para voar de parapente comigo, na Noruega.

— Eu estava maluca, é a única justificativa para aquele dia.

— Não, você já estava maluca por mim e não sabia. – brinco, beijando o abdome dela. Ela se contorce na cama em uma gargalhada gostosa.

— Seu convencido! – Eu fui ficar a fim de você muito tempo depois!

— Muito? – pergunto, ameaçando beijá-la no abdome novamente.

— Tá, tá, tá, não muito. – diz, rindo.

— E então, topa fazer o passeio? Podemos fazer trilha de Jeep também, se preferir.

— Então fico com a trilha.

— Eu sabia. Medrosa. – provoco-a.

Ela mostra a língua para mim e se levanta da cama.

— Aonde você vai?

— Me arrumar! – responde, parada na porta do banheiro.

— Eu pensei que pudéssemos fazer um sexo gostoso antes de irmos, você sabe, para dar mais disposição...

Ela sorri maliciosamente e caminha em minha direção, tirando a roupa de dormir. Quando ela chega à cama, está nua e eu estou tendo a visão mais perfeita e feliz de todas.

Ela é perfeita. Incrivelmente perfeita.

Estico o braço para puxá-la e ela se atira para cima de mim. Começamos a nos beijar com pressa e vontade, parando apenas para buscar ar e retornar ao beijo novamente.

— Bela... – sussurro em seu ouvido, fazendo os pelos dos seus braços se

arrepiares. – Minha bela...

— Sua bela. – ela responde, perdendo o fôlego.

Minha mão começa a descer pelo corpo dela e quando percebo que ela já está preparada, decido pular as preliminares. Estamos ardendo de vontade, talvez seja porque sabemos que amanhã ela partirá e que vamos sentir falta disso que tivemos aqui em casa nos últimos dias. Estico o braço para alcançar uma camisinha – que já estava sobre o criado – rasgando-a com urgência em seguida.

Ela sai de cima de mim para eu colocar a camisinha e segundos depois, estou sentindo-a sentar sobre o meu membro. Solto um gemido quando ela desce por completo, meu corpo todo exige por ela. Essa sensação é boa demais.

Começamos a nos mover em sincronia, com pressa, como se não tivéssemos muito tempo para saciarmos todas as nossas vontades. Minhas mãos apertam a cintura fina dela e em alguns momentos, ela coloca as mãos dela sobre as minhas, em resposta do quanto ela gosta disso, de que eu a segure.

— Olha para mim. – peço, quando vejo que ela fecha os olhos por estar prestes a se perder.

— Dan... – ela sussurra.

— Está tudo bem, minha bela, relaxa e deixa vir. – falo, sabendo que eu só preciso vê-la se perder para me perder também.

Eu me sento na cama e ela cruza as pernas ao redor de mim, beijo o seu pescoço e desço para os seus seios, beijando-os com cuidado. Ela então tomba o corpo para trás, para me dar mais espaço e eu a sigo com a boca, percorrendo o seu colo, beijando cada um dos seus seios e voltando para a sua boca.

— Vem, Manu. Vem meu amor. – quando percebo, é tarde demais. Acabei de chamá-la de meu amor e não sei se ela percebeu ainda, porque no segundo seguinte, ela solta um gemido baixo e me aperta com força, contraindo todo o seu corpo.

Ela se perdeu.

Agora é a minha vez.

Coloco-a deitada na cama e tento afastar da cabeça o que eu acabei de dizer para ela, torcendo para que ela não tenha notado e coloco todo o meu membro dentro do corpo pequeno dela, me movendo com cuidado para não machucá-la, porém, com força.

Essa mulher é mais do que sempre sonhei. Ela é a mulher perfeita para alguém como eu, nada perfeito.

Seguro o rosto dela com as duas mãos e me movo mais forte, ela arqueia o corpo para cima, facilitando a penetração, no momento seguinte, estou me perdendo na mais gostosa sensação de prazer.

Com a mulher que eu amo.

∞

Decidimos fazer o passeio de Jeep, ou melhor, a minha namorada corajosa decidiu. Seguimos de carro até o ponto de partida do passeio, o guia nos coloca na parte de trás do Jeep e avisa que devemos nos segurar. Olho para a Manu e a sua fisionomia é um misto de excitação, curiosidade e pavor. É impossível não sorrir ao vê-la assim, tão nitidamente perdida em suas sensações.

— Preparada? – pergunto, quando o nosso guia dá partida no veículo.

— Não acredito que me convenceu a fazer isso. — ela resmunga, em brincadeira.

O carro começa a se mover e nós dois sorrimos com a empolgação do guia, gritando da frente que a emoção vai começar.

A estrada é de terra batida e começa tranquila, com alguns buracos que nos fazem chacoalhar para lá e para cá. Manu pega o celular dela para tirar fotos da paisagem e para evitar que ela seja arremessada para fora do veículo, me coloco atrás dela, segurando na barra de ferro do Jeep.

— Obrigada por me proteger. – ela diz, tirando uma foto nossa.

— Eu sempre vou te proteger, minha pequenina. – falo, através de seus cabelos, que chicoteiam com o vento.

Ela se vira e me dá um rápido beijo.

Eu estou perdido. Terrivelmente perdido. Ela vai embora amanhã e não sei como vou lidar com a falta dela, do seu sorriso de garota, da sua risada gostosa e do seu jeitinho tímido e delicado.

É, Daniel. Se não é amor, ainda vai ser...

— Dan, olha! – ela aponta para um riacho bem à nossa frente. – Rafael! – ela chama o guia, que olha rapidamente para nós. – Nós vamos passar por lá? – pergunta, animada.

— Vamos sim, estamos indo para lá e aconselho vocês se segurarem e se prepararem porque costuma molhar bastante.

— Que máximo! – ela diz, olhando para mim como uma criança.

Eu a seguro na cintura com uma das mãos e com a outra, seguro firme na barra, como já fiz esse passeio outras vezes, sei o quanto o carro chacoalha quando praticamente cai na água. A sensação é de que vamos afundar.

— Dan, isso é maravilhoso! – ela praticamente grita, quando começamos a afundar no riacho, espirrando água para todos os lados.

— Que bom que está gostando! – digo, beijando a sua nuca. Ela se arrepia e me encara com olhos cheios de desejo.

Minha Manu, sempre disposta.

Assim que saímos do rio, o Jeep começa a entrar em uma parte de mata fechada e temos que nos abaixar para não sermos atingidos pelos galhos. Tombamos para um lado e para o outro enquanto ela ri como uma criança em um parque de diversões. Tão leve. Tão feliz.

Após meia hora pela mata fechada, começamos a passar pelo circuito de túneis, que leva cerca de mais meia hora. Ela se vira para ficar de frente para mim e fecha os olhos, dizendo que está com medo de olhar para frente. Os túneis são escuros, somente o farol ilumina o caminho, as paredes parecem que vão nos engolir e essa é a intenção do passeio, é quando os guias dizem que a aventura começa, porque são vários túneis, um seguido do outro, em um terreno esburacado, arenoso e rústico.

— Está com medo? – questiono, beijando-lhe a cabeça.

— Isso é assustador, como sabemos que ele não vai errar o caminho? – o Jeep dá um tranco e ela cai para cima de mim. Eu a abraço e em seguida, ela me surpreende com um beijo.

— Se me der mais um beijo desse, peço para ele parar e nos deixar aqui mesmo. – brinco, com ela encostada em meu peito.

Ela ri.

— Dan?

— Oi?

— Obrigada.

— Ei, sem agradecimentos. Estou feliz também, Manuela.

O Jeep começa a subir um morro e sei que estamos próximos à um dos pontos mais fascinantes da trilha: o cume da serra.

A sensação que temos é de que o Jeep vai tombar para trás e cair, como aqueles antigos carrinhos de bate e volta. Rafael acelera e faz com que os pneus cantem no barro úmido enquanto subimos com força total.

— Parada para o almoço. – grita Rafael, parando o veículo no topo da serra, perto de um pitoresco quiosque com uma varanda suspensa, em cima

do nada.

— UAU! Que vista incrível! – Manu diz, assim que descemos do Jeep.

— É sim, gosto de vir aqui. Pode-se ver várias cidades ao redor, é uma das minhas vistas preferidas.

— Você tem olho crítico pra vistas perfeitas. Acho que não poderia ter outra profissão, se não essa, de fotógrafo.

— Bom, não vou ser modesto com você, acho que tenho mesmo uma visão boa para reconhecer um bom lugar, aquele que merece ser fotografado e eternizado em um livro.

— E por falar em livro...

— Não vem não... – eu a interrompo.

— Venho sim. Quero saber se pretende retomar a ideia.

— Um dia.

— Quando?

— Não sei.

— Em breve. – ela finaliza, com uma voz autoritária que me faz querer rir.

— Ok, senhorita mandona. Agora fica parada aí para eu tirar uma foto sua.

Pego o meu celular e capturo nele, a imagem perfeita: enquanto ela sorri, o vento balança os seus cabelos e o sol lança sobre ela um feixe de luz dourada, iluminando os seus olhos verdes, iluminando a minha Manuela.

— Vem, vamos comer. – a chamo, após bater a foto.

— Vamos, mas não sem antes você tirar uma foto comigo. – ordena.

Ela segura o celular dela, esticando o braço e captura os nossos rostos, com um imenso vale ao fundo.



Manuela

*“I'll be your cloud up in the sky. I'll be your shoulder when you cry.
I'll hear your voices when you call me. I am your angel”*

*“Eu serei sua nuvem acima do céu. Eu serei seu ombro quando
você chorar. Eu ouvirei sua voz quando me chamar. Eu sou seu
anjo”*

(Celine Dion – I'm Your Angel)

O passeio terminou com o pôr do sol mais lindo que já vi, eu nunca imaginei que existissem tantas belezas para serem apreciadas, estava tão acostumada a viver em meu mundo fechado, quando eu ainda não sentia dentro de mim, essa imensa vontade de ver e conhecer tudo o que existe de belo no mundo. E eu devo isso ao Leonel. A Manuela de antes, jamais iria se permitir tentar pelo menos, experimentar momentos como esses. Não, a Manuela de antes nem fazia ideia de que a sensação que temos quando estamos vivendo algo assim, conhecendo lugares novos, é a sensação de que pertencemos a algo.

Deitada no banco do passageiro, no carro do Daniel, lembranças do Léo falando sobre a sua vontade de cair no mundo com uma mochila nas costas, me vem à mente.

Ele não teve tempo para realizar todos os seus sonhos.

Uma lágrima escorre dos meus olhos e eu disfarço, olhando para fora da janela do carro. Ele não teve tempo, mas ainda assim, viveu intensamente e fez algo grandioso: mudou a minha vida.

Inspiro, visualizando ele sorrindo, abrindo os braços, como se fosse voar. É assim que gosto de imaginá-lo. É assim que ele aparece em meus sonhos às vezes, como se estivesse voando, como naquele esporte maluco que ele tanto sonhava em um dia praticar.

Há algo injusto sobre a morte, algo que eu odeio e me faz muitas vezes, sentir vontade de questionar Deus. É sufocante, ela nos tira sem piedade as pessoas que amamos, como uma avalanche, destruindo sonhos, levando tudo

consigo, deixando para quem fica somente o vazio, que muitas vezes, é confortado pelas lembranças, e com isso, ela parece querer nos ensinar algo e quando aprendemos, ela nos recompensa por toda dor que nos fez sentir e por todo sofrimento que nos fez passar.

É essa sensação que tenho agora. A vida me fez conhecer o Leonel, me fez me apaixonar por ele, me fez conhecer o amor em sua forma mais pura e sincera e, a morte, me fez perder esse amor, me fez sofrer e sentir a dor mais aguda de todas, e, após sentir tudo isso intensamente dentro de mim, comecei a me concentrar em fazer o que de mais precioso o Léo me ensinou: a querer ser feliz. É como se essa vontade latente dentro de mim, fosse a recompensa que a morte dele deixou em minha vida. É como se fosse um prêmio de consolação de Deus, dizendo que enquanto eu tiver essa vontade em mim, eu estarei conectada ao Léo.

E então, eu conheci o Daniel, não foi amor à primeira vista, não teria como ser, eu o conheci justamente no momento em que eu estava curtindo o meu luto, mas, de uma forma estranha e surreal, parecia que o Leonel estava ali, sussurrando em meus ouvidos que eu não deveria me fechar.

Ele é o responsável por cada momento de alegria que vivenciei hoje, ontem e ainda vou vivenciar.

— Ei, você está bem? – Dan pergunta, me trazendo de volta à realidade, me tirando dos meus pensamentos.

— Claro. – respondo, colocando a minha mão sobre a mão dele.

Esse é um momento feliz. Um momento em que sei que o Léo aprovaria.

— Chegamos! – ele diz, parando o carro e puxando o freio de mão.

Eu o fito por alguns segundos, enquanto ele desliga o som do carro e sou arrebatada por um sentimento de nostalgia. Amanhã estou voltando para São Paulo e se tudo sair como planejamos, eu o verei somente daqui a quinze e infundáveis dias. Começo a sentir saudades do cheiro dele sem nem ter partido ainda.

— Manu? Você não vem? – ele pergunta, parado do lado de fora da minha porta.

Eu nem percebi que ele havia descido.

Ele estica a mão e eu jogo os meus braços em seu pescoço, abraçando-o com força. Eu sou outra Manuela. Eu jurei para mim mesma nunca mais segurar e deixar de demonstrar o que estou sentindo. A Manuela que se segurava para não expressar sentimentos, com medo do que o Léo fosse

pensar, com medo de não ter nem mais o “não relacionamento”, foi enterrada junto com ele.

— Ei, está tudo bem... – Dan diz, com a voz suave, me apertando contra o seu corpo. – O que foi?

— Nada. – respondo. Apertando-o com mais força.

Nada que eu consiga explicar com palavras. Apenas uma sensação de vazio, como se eu estivesse prestes a voltar para um mundo no qual eu não pertenço mais.

— Vem, está frio aqui fora, vamos entrar e tomar um banho quente de banheira. – ele envolve a mão dele na minha cintura e me conduz para a imensa mansão de pedra.

∞

Após passarmos a última hora abraçados dentro da banheira, eu me sinto exausta e decido não jantar. Ele prepara um copo de vitamina, dizendo que tenho que me alimentar e me serve em uma bandeja na cama, juntamente com algumas torradas. Como para não o contrariar e logo que termino, escovo os meus dentes e me ajeito para dormir. Ele desce para preparar um lanche rápido para ele e pouco tempo depois, estamos abraçados em sua imensa cama. Apenas abraçados. E sentir o braço dele sobre a minha pele, é tudo o que eu preciso para dormir.

Acordo com o meu celular tocando, às oito horas da manhã, o Daniel se senta e o alcança no criado mudo, ele disfarça, mas percebo que ele lê o nome que pisca na tela juntamente com a fotografia: Renato.

Maldita hora que fui sincronizar os contatos da minha agenda com o Facebook, a foto aparece toda vez que algum contato meu me liga.

— Alô? – atendo, com a voz ainda sonolenta.

— Oi, Manu! É o Renato, tudo bom?

— Oi, tudo bom, e com você? – falo, curiosa com o motivo da ligação dele.

— Tudo joia... A sua mãe me disse que você voltará hoje para São Paulo, bom para ser sincero, ainda não entendi direito o que te fez viajar para o Sul tão repentinamente, mas eu queria dizer que o convite ainda está de pé.

— É uma longa história – respondo, olhando para o Daniel, que me encara sério. – E sim, eu sei que furei e peço desculpas.

— Imagina. Eu quero que saiba que a sua antiga vaga na agência está aberta e esse é um dos assuntos que eu gostaria de conversar com você. Podemos jantar na segunda?

Eu fico sem reação e não sei como dizer não. O Renato foi mais do que um chefe para mim, nunca vou me esquecer de todo o apoio que ele me deu durante a internação do Léo, eu não posso de uma hora para outra, começar a evita-lo e além do mais, eu vou mesmo precisar de um emprego até decidir o que vou fazer da vida.

— Sim, eu te ligo durante o dia e a gente combina.

— Ótimo, foi bom falar com você.

— Igualmente. Nos vemos na segunda então.

— Se cuida, Manu. Um beijo.

— Para você também.

Quando desligo o telefone, Daniel está sentado na beirada da cama, com os pés no chão, mexendo impacientemente com as mãos.

Ele fica em silêncio e eu me arrasto até o seu lado.

— Quem é ele? – pergunta, sem olhar para mim.

— O Renato é o meu ex-chefe e também um amigo.

— Chefe é? Sei. – retruca, mexendo com os polegares.

— Está com ciúmes? – indago. Confesso que estou achando fofo ele com ciúmes de mim. Quem disse que ciúmes não pode ser positivo?

— Deveria? – ele rebate, irônico, me fazendo mudar de ideia quanto ao fofo.

— Nunca. – respondo, alisando os cabelos dele. – Olha para mim. – peço, com a voz calma.

Ele se vira para mim, meio sem graça, mas ainda um pouco enfurecido. Eu respiro fundo, sei o quanto isso mexe com ele, sei que vai ser normal a insegurança bater às vezes, para quem foi traído como ele foi, voltar a confiar em alguém não é fácil. Até esse momento, nunca tínhamos passado por alguma situação em que ele pudesse ficar enciumado, essa é a primeira vez e eu tento não demonstrar descontentamento com a pergunta irônica dele.

— Não. Não deveria. Nunca vou te dar motivos para isso. – respondo, passando as minhas pernas por cima das dele, sentando em seu colo.

— E o que ele queria? – seus olhos encontram e seguram os meus. Eu os mantenho preso.

— Antes de eu decidir vir para cá, havíamos marcado de almoçarmos juntos, ele foi me buscar no aeroporto quando voltei da viagem, junto com a minha mãe e mais alguns amigos, que logo você vai conhecer. Aí, do nada, eu decidi vir e desmarquei o almoço.

— E pelo jeito ele não desistiu. – sua voz soa carregada.

— Dan, ele só quer me oferecer o meu emprego de volta, eu não posso recusar, preciso colocar a minha vida em ordem e acho que vale a pena eu pensar a respeito.

— E de um almoço o convite passa para um jantar? – meu Deus, ele é tão desconfiado que deve ter treinado a sua audição porque eu não disse que era um jantar.

— Sim, ele me convidou para jantar, mas, é só isso, Daniel. – respondo com a voz enérgica.

— Ok, vou tomar banho para irmos à vinícola. Meus pais querem se despedir de você antes de ir embora.

Ele me olha frio, me tirando de cima do colo dele e se arrasta até o banheiro. Eu penso em segui-lo, mas decido deixá-lo a sós com ele mesmo. Talvez ele precise disso.

Enquanto isso, começo a arrumar as minhas coisas. Quando termino, meia hora depois, ainda ouço o barulho do chuveiro ligado e decido que é hora de ir falar com ele.

Bato na porta, mas não espero a sua autorização para entrar, abro-a devagar e o vejo dentro do box, de costas para mim. Ele não nota a minha presença. Passa as mãos diversas vezes sobre o rosto e tomba a cabeça para trás, deixando a água cair sobre ele. Silenciosamente, tiro a minha roupa e caminho até o box. Ele permanece de costas e não faz ideia de que estou perto dele, somente se dá conta quando eu o surpreendo, abrindo a porta e abraçando-o pela cintura antes mesmo de fechar a porta de volta.

— Oi. – murmuro.

Ele não responde. Apenas coloca a cabeça sobre a minha enquanto a água começa a me molhar.

— Está tudo bem. – falo, acariciando a suas costas.

— Não está. Eu fui um idiota. – ele passa a mão sobre os meus cabelos, descendo até as pontas dos fios, no meio das minhas costas.

— Dan, está mesmo tudo bem, acredite em mim.

— Eu fiquei com ciúmes, Manu. Fodidamente com ciúmes. Meu coração chegou a apertar quando ouvi você rindo para ele no telefone, como se algo me dissesse que a qualquer momento, eu possa perdê-la. E Manu, eu não posso perder você. Eu esperei por você a minha vida toda, não posso perdê-la. Não agora. Não nunca.

Meus olhos se enchem de lágrimas com a sinceridade na voz dele, essa é uma das poucas vezes que ele se mostra de verdade para mim, como alguém

que sente inseguranças, como alguém que também possui medos e ao invés de eu ficar brava com ele, pela hostilidade de meio hora atrás, eu agora o admiro mais ainda, porque ele não é perfeito e por não ser, é perfeito para mim.

Fico na ponta dos pés e com as duas mãos, prendo o rosto dele, de frente para o meu.

— E-u-a-d-o-r-o-v-o-c-ê. – falo pausadamente

Mesmo com a água que escorre em seu rosto, consigo ver que uma lágrima escorre através dele, passo o dedo nela, enxugando-a e ele fecha os olhos, segurando a minha mão em seu rosto.

— Manu... Manu... O que você está fazendo comigo? – ele abre os olhos e seu olhar intimidador parece que vai me devorar.

— Nada. – falo, balançando os ombros.

— Tudo. – ele diz, passando a mão em meu rosto, descendo para o meu pescoço e parando no começo do meu colo. – Você está fazendo tudo comigo, minha pequenina.

O seu humor mudou. Começo a beijar a sua mão e volto a ficar na ponta dos pés para alcançar a sua boca, sua respiração começa a ficar ofegante, ele retribui o beijo enquanto sua mão escorrega pelo o meu corpo molhado, em um movimento rápido, me pega no colo e eu entrelaço as pernas ao redor dele, por causa da água, começo a escorregar e ele se senta no chão, embaixo da ducha, comigo em cima dele.

Estamos exalando desejo um pelo o outro e eu aproveito para fazer com que ele se sinta bem de novo, e se há um jeito de fazer um homem se sentir seguro, é mostrar para ele o quanto ele te satisfaz.

— Que se dane a camisinha! – ele diz, com a voz falhando.



Daniel

“Oh, I won’t let you down again. Oh, I won’t let you down again”.

“Oh, eu não vou deixa— la para baixo novamente. Oh, eu não vou deixá-la para baixo novamente”.

(Matthew Perryman Jones – I Won’t Let You Down Again)

— Vai soar meloso se eu disser que você nem partiu e eu já estou com saudades? – pergunto, enquanto nos secamos.

Manu se vira para mim, enxugando a sua barriga e sorri. Eu não sei se fico mais bobo com a visão dela secando a sua barriga que tanto adoro beijar, ou se com o seu sorriso.

— Não, se for verdade. – ela responde, se embrulhando na toalha.

Me aproximo dela e faço que vou beijá-la, ela inclina o corpo para frente e eu dou a volta por trás dela, beijando-a no pescoço.

— Dan. – sussurra ela. Você é insaciável!

— Não. Não. Isso é só castigo por você duvidar de que estou falando a verdade. – respondo, dando outro beijo em seu pescoço.

— Me lembra de duvidar mais vezes de você então. – diz, tombando a cabeça para trás, em meu peito.

— Farei isso quando retornarmos da casa dos meus pais.

— Preciso passar em uma farmácia. – diz, vestindo uma calcinha branca.

— O que você tem? Não está bem? – Só de imaginar que ela possa ter algo, fico preocupado.

— As pessoas vão a farmácias somente quando não estão bem? – ela pergunta, abotoando o seu sutiã. Meu pai, o fecho dele é na frente e a deixa incrivelmente sexy. Eu respiro fundo para não recomeçarmos o que acabamos de terminar no chuveiro.

— Bom, eu pelo menos sim.

— Ah... Claro, certamente você está doente quando por exemplo vai à farmácia para comprar camisinha. – ela diz, em tom de deboche.

— Ponto para você. – digo, erguendo as mãos em gesto de que me dou por vencido. – Mas se não está bem, o que vai comprar na farmácia?

— Fizemos uma grande besteira agora a pouco. Preciso consertar isso.

Será que ela está se referindo ao fato de termos transado sem camisinha? Eu a encaro.

E a resposta vem em seguida.

— Vou comprar a pílula do dia seguinte.

— Não é perigoso tomar? – pergunto. Lembro que a Letícia dizia algo sobre essa pílula, que ela era contra, mas, não consigo me lembrar o porquê.

— Tudo é perigoso, Dan... Se em excesso. Como não é o caso, posso tomar tranquila. Além do que, não podemos correr o risco, você não precisa de mais uma mulher grávida na sua vida.

Ela coloca a mão na boca assim que termina de dizer, parecendo ter se arrependido da sua última frase. Eu abaixo a cabeça, um pouco envergonhado, porque por mais que eu adore essa mulher, não é a hora para termos um filho. De forma alguma.

Após alguns minutos de silêncio, enquanto ela começa a colocar suas roupas, ela para na minha frente e me faz olhar para ela.

— Não precisa ficar com medo, Daniel. Eu jamais forçaria a barra desse jeito. – ela diz, parecendo estar irritada. – E você já tem a sua grávida para cuidar.

Olho para ela espantado, ela praticamente vomitou as palavras em mim. E então eu percebo que precisamos falar sobre esse assunto antes da partida dela.

— Não seja injusta, Manu. Você sabe que essa criança pode nem ser minha e se for, meu relacionamento será com a criança, não com a mãe dela. Portanto, eu não tenho grávida alguma para cuidar.

— Ok. – responde, calçando suas botas.

— No caminho para a vinícola vamos conversar. – digo, vestindo uma camisa xadrez.

— Não quero conversar com você sobre esse assunto. Ele não me diz respeito!

Ela agora parece uma garota mimada e ainda assim, ela fica linda.

— Manuela, você não vai embarcar naquele maldito avião sem antes

termos conversado tudo o que temos que conversar. Vamos ficar pelo menos quinze dias sem nos vermos e você quer mesmo que deixemos pontos de interrogação no ar? – solto de uma só vez, fazendo ela parar de calçar sua bota para me olhar espantada.

— Tem razão. Conversamos no caminho. – ela se levanta, pega a bolsa dela e caminha até a porta. – Te espero lá embaixo. – diz, saindo do quarto em seguida.

Definitivamente a minha pequenina sabe ser durona quando quer.

Os primeiros cinco minutos dentro do carro, mais parecem uma eternidade. Enquanto Better Together, do Jack Johnson toca no rádio, Manu olha para fora do carro, evitando me encarar. Seguro firme no volante, contando mentalmente até dez, repetidas vezes, esperando que ela se acalme para que eu possa iniciar a conversa. Temos pouco tempo, o seu voo é no final do dia, se não fizermos isso agora, certamente ela vai embarcar com esse assunto entalado em nossas gargantas.

Sim, há chances da criança que a Letícia está esperando ser mim. E se for, serei para essa criança, o mesmo pai que sou para a Bia, mesmo quando descobri que ela não é a minha filha de verdade, nada mudou em relação ao amor que sinto por ela, e esse bebê, sendo meu, não me importará o fato de que a sua mãe, alguém que um dia amei cegamente, hoje, me causa repulsa.

Magic, do Coldplay, começa a tocar. Aumento o som e deixo ele invadir o carro. Se ela não falar nada nos próximos minutos, eu vou ter que tomar uma atitude. Quando o refrão começa, uma ideia me surge e começo a cantá-lo em voz alta e isso faz com que ela olhe para mim.

And I don't, and I don't

And I don't, and I don't

No, I don't it's true.

O refrão é perfeito para o momento, “e eu não, e eu não, e eu não, e eu não sei a verdade”. Ela me encara, entendendo o recado. Continuo cantando até o fim da música, quando acaba, ela abaixa o volume e então, eu a sinto de volta para mim.

— Dan... – ela diz, com o seu olhar voltado para mim.

— Manu... – respondo, deixando claro que eu só quero ficar bem com ela.

— Desculpa. Eu me excedi.

— Eu já fiz isso várias vezes, não é? – dou de ombros, fazendo-a abrir um sorriso. – Só vamos ficar bem.

— É tudo o que quero.

— Mas para isso, temos que conversar.

— Ok, pode começar. Eu aguento. – ela diz, em tom mais sério.

— Eu nunca duvidei disso, Manu. Você é mais forte do que pensa ser, eu tenho certeza disso.

— Espero que sim, Dan... Quer começar?

Respiro fundo, como se estivesse buscando coragem para começar um assunto tão delicado. – Manu, eu estou apavorado, rezo todos os dias para que não seja eu, o pai dessa criança, não porque eu vou repudia-la se for, jamais faria isso, mas, eu realmente não desejo ter mais laço algum com a Letícia, além da Bianca.

Solto o ar, percebendo que eu estava prendendo a respiração. Acabo de confessar que estou com medo e que não quero ser o pai desse bebê.

— Dan, desculpa. Eu te fazendo pressão e não me dei conta de que você também podia estar uma bagunça com essa história da gravidez. Eu realmente só pensei em mim.

— Manu, minha bela, por favor, não se desculpe. Eu me coloco no seu lugar e não tiro a sua razão em nada. Agradeço muito por você não ter desistido de mim mesmo depois do que fiz na viagem, agradeço você ter vindo. Esses estão sendo os melhores dias da minha vida.

— Eu também estou feliz, Dan. – ela sorri. Eu sei que ela não vai dizer que é um dos momentos mais felizes da vida dela porque não acho que ela já tenha tido tais momentos comigo, faço ideia do peso que os momentos que ela passou com o “ex”, tem sobre a vida dela e não pretendo competir com isso, mas, não vou desistir de dar a ela, momentos tão bons quanto. Em algum momento, eu sei que ela sentirá isso.

— A gente vai ter que dar um jeito de passar por isso. – respondo, fazendo uma curva fechada.

— Sim.

— Não vai ser fácil, Manu. A Letícia vai fazer de tudo para nos separar, vai talvez jogar a minha filha contra nós, vai tentar minar a nossa relação, e o fato de que vamos ficar separados, vai tornar tudo mais confuso e difícil, então, se não acordarmos aqui e agora que não vamos deixar nada e nem ninguém interferir em nossa felicidade, acho que estaremos fadados ao fim em pouco tempo.

Ela me olha espantada.

— E eu não suportaria isso. – completo.

Vejo que ela solta um suspiro. Passo as costas da mão em seu rosto, alisando-o, sentindo a sua pele macia de menina mulher. Por mim, parava o carro aqui mesmo e a colocaria em meu colo, apenas para ter o prazer de abraçá-la e senti-la encostada em mim.

— Então, nós temos que acordar isso agora, não acha? – ela segura a minha mão e a pressiona contra o próprio rosto.

— Ninguém vai nos atrapalhar, Manu. – digo, com o olhar preso no dela.

— Ninguém, Dan.

Trago a mão dela para a minha boca e a beijo. Ela ri, dizendo que estou fazendo cócegas e a minha Manu está de volta.

Dez minutos depois, estamos encostando o carro na frente da casa sede da vinícola. Meus pais estão a nossa espera, sentados em um dos bancos de balanço que enfeitam a entrada principal. Já vi muitos entardeceres sentado nesse mesmo banco.

— Até que enfim chegaram! – minha mãe vem ao nosso encontro e recebe a Manu com um abraço apertado. – Hummm, você está muito magrinha, precisava passar mais alguns dias aqui conosco para eu te engordar um pouco. – minha mãe não tem jeito mesmo!

— Eu sou magrinha mesmo, dona Marta.— Manu responde, olhando para mim em pedido de socorro. Eu dou risada e vou cumprimentar o meu pai.

— É bom vê-lo assim, filho. – ele diz, enquanto nos abraçamos.

— É bom estar assim, pai.

— Manuela, não dê atenção ao que a minha querida fala, ela adora engordar as pessoas. – meu pai diz, se virando para beijar a Manu na testa.

— Talvez eu precise mesmo engordar um pouco, senhor, digo, Pedro.

Ele olha para ela e sorri. Pelo jeito a conversa que tiveram foi bem mais longa do que imaginei, ela já até se corrige quando o chama por senhor.

— Vem, vamos tomar café da manhã. – minha mãe segura a Manu pela a mão e começa a levá-la para dentro.

Meu pai e eu caminhamos lentamente. Sinto que ele quer falar a sós comigo.

— Filho, eu estou realmente feliz por você, mas...

— Eu sabia que tinha um mas, senhor Pedro. – interrompo-o, brincando.

— Sim, tem sim. Eu estou receoso sobre a partida dela. Como vão fazer? Você está bem para segurar isso tudo? A distância, as incertezas, os

medos?

— Pai. É tudo muito incerto quando se trata de mim e da Manu, mas, dentro dessas incertezas, das quais nem eu e nem ela, temos poder de ação algum, eu, Daniel, tenho certeza de que a quero para toda a vida e essa certeza me torna forte, porque ser forte é o que vai garantir que vamos estar juntos daqui a dez anos, vinte, trinta, até ficarmos velhos.

— Você a ama, não é mesmo?

— Com todo o meu coração.

— Então não desista dela, enquanto o seu coração estiver bem, você vai estar bem.

Eu olho para ele e vejo a preocupação em seu rosto. Eu sei do que ele tem medo. Ele tem medo de que eu recaia, de que eu volte para as bebidas e eu não posso julgá-lo por sentir esse medo, ele foi atrás de mim, na Rússia, ficou na clínica comigo, me apoiou, mas, eu preciso fazê-lo entender que não vou mais dar esse desgosto aos meus pais.

— Pai. Se eu disser para você que não vou recair, estarei fadado a recair. Dizem que a negação da nossa fraqueza é o primeiro passo para a recaída. Eu aprendi a aceitar que sou um dependente do álcool, mesmo que como consequência de um fato traumático, como a minha terapeuta me explicou, e aceitar isso, me faz temer a minha doença e enquanto eu tiver essa visão, de que não posso com ela, eu estarei seguro.

— Eu aprecio as suas palavras, meu filho, eu não quis insinuar que você irá recair, só me preocupo com você.

— Pai, eu conheci o inferno e decidi que não quero mais voltar para lá. Com a Manu ou sem a Manu, para lá eu não volto jamais.

— Bom saber, Daniel. Bom saber. – ele me abraça e entramos na casa.

Quando chegamos na cozinha, me deparo com uma imensa mesa de café colonial, onde estão espalhadas jarras de suco de melancia e é claro de uva, patês de diversos tipos, pães, bolos e cheesecakes, torradas, leite, café, ovos mexidos, diversos tipos de frutas e pinhão. Já é tradição, todos os domingos ela serve o mesmo tipo de café e quem visita a vinícola, é convidado a se sentar na imensa mesa e tomar o café com meus pais.

Nick está dando atenção à um casal de argentinos que segundo o meu pai, estão desde cedo passeando pela a propriedade, ele disse que eles já exploram quase que tudo e compraram diversos vinhos e sucos para levar para a Argentina. Acho graça, porque eu mesmo sou apaixonado por alguns vinhos argentinos.

— Minha mão definitivamente está disposta a te engordar. — falo, após parar atrás da Manu, que está sentada em uma cadeira na ponta. Passo a mão em seus cabelos e o puxo para trás, deixando o seu pescoço nu.

— Não espalha. — ela sussurra — mas estou adorando isso aqui, acho que nunca vi tanta comida junta.

Eu rio e me sento ao lado dela, me servindo de um copo de suco de uva.

— Que bom que está gostando, assim, se não voltar por minha causa, apelo e faço você voltar pela comida. — brinco. Ela ri e me dá um sutil tapa no braço, me repreendendo.

— Bobo. Não vou te dar esse prazer. Eu volto. Todas as vezes que me chamar.

— Ufa. — respondo.

— Por causa da comida, é claro. — ela pisca pra mim e sinto uma vontade imensa de beijá-la. Contenha-se Daniel, tem clientes aqui.

O casal de argentinos se despede e meus pais os acompanham até a recepção, ficando somente eu, Manu e Nick.

— Ufa, hoje foi movimentado, estamos desde as sete recebendo visitantes. — ela se senta de frente para nós e coloca os braços apoiados na mesa. — Acho que estou cansada. — solta.

— Você não vai tirar férias? — pergunto. Desde que me entendo por gente, não me lembro de ter visto a Nick tirar férias, por mais que meus pais tenham insistido e até brigado com elas.

— Sinceramente, estou pensando na ideia.

— Você podia tirar férias e passar alguns dias em Sampa, comigo, Nick. Olho para a Manu e depois para a Nick, ambas estão sorrindo.

De jeito nenhum que deixo essas duas juntas e sozinhas em São Paulo.

— Sozinhas? — indago, tentando esconder que não gostei da ideia.

— Qual é o problema, Dan? Eu conheço São Paulo muito bem, a Nick vai estar segura comigo.

— E você vai estar segura com quem? — retruco.

Ela me olha confusa.

— Como com quem? Eu não preciso de ninguém para me “proteger” — ela faz aspas com as mãos — em Sampa. Sei me virar muito bem.

— E é esse o problema, vocês duas juntas não ia dar certo, não sem a minha presença.

— Larga a mão de ser machista, Daniel! — Nicole diz, chamando a atenção dele. — Você quer que no tempo em que você estiver aqui e a Manu

lá, ela não saia para se divertir?

— Sim, é o que eu espero. — quando dou por mim, já falei.

Manu me olha meio chocada. Essa é mais uma conversa que ainda não tivemos e que agora percebo que devemos ter. Eu não quero a minha namorada frequentando baladas sozinha, eu já pertenci a esse mundo, sei como ele é. Pode parecer belo e inocente, mas, os caras solteiros que vão à baladas, de inocentes não têm nada.

— Está falando sério? — Manu pergunta, incrédula.

— Manu, por favor, se coloca no meu lugar. — digo, em tom baixo.

— Dan, por favor digo eu! Existe algo que se chama confiança e isso é essencial para que a gente dê certo.

Eu sei que ela está certa, mas será que ela não sabe que existe algo chamado ciúmes e caras safados?

Decido não discutir isso com ela agora, além do mais, foi só um convite, nem acredito mesmo que a Nicole vá para lá.

— Você está certa. — falo, deixando-a pensar que estou de acordo com a situação.

— Que bom — diz — E então, Nick, quando pretende ir?

Droga! Acho que estou errado.

— Bom, preciso me organizar, conversar com o senhor Pedro e quem sabe, daqui um mês ou quarenta e cinco dias no máximo?

— Perfeito! — Manu diz, empolgada.

Nem a pau que vou deixá-las sozinhas em São Paulo. Com certeza nesse período estarei por lá também. Ô se estarei.

O telefone na recepção toca e a Nick corre para atendê-lo.

— Psiu. — Manu me chama.

Coloco o meu copo na mesa e olho para ela.

— Você fica sexy com ciúmes, mas, não precisa exagerar não, tá? — ela pisca para mim. Engraçadinha, agora deu para tirar sarro do próprio namorado.

— Vou me controlar para não ficar assim, sexy para você. — provoco.

— Hummm, também não é assim. — ela me encara, sorrindo maliciosamente.

— Quer voltar naquele celeiro? — pergunto, mais por brincadeira do que verdade.

— Sério? — pergunta, com seus olhos vibrando.

— Claro que é sério.

Agora é.

— Eu quero! – ela diz, empolgada.

Seguro na mão dela e a puxo. Estou prestes a fazer algo que nunca fiz e estou adorando essa ideia.

— Você sabe que não vamos ao celeiro para contarmos quantos montes de feno possuem lá, não é?

— Ah, não? – pergunta, fazendo biquinho.

Balanço a cabeça em negativo.

— E o que vamos fazer lá então?

— Terminar o que começamos no outro dia.

— E você tem camisinha dessa vez?

— Não, mas, já que vamos passar na farmácia...

Ela sorri e concorda com a cabeça.

Essa mulher me tira do eixo, e eu amo essa sensação!



Nicole

“You love who you love, who you love. You love who you love, who you love”.

“Você ama quem você ama. Quem você ama. Você ama quem você ama, quem você ama”.

(John Mayer – Katy Perry – Who You Love)

— Alô? – atendo o telefone.

— Alô, sabe quem está falando? – uma voz suave diz do outro lado da linha.

— Não, quem está falando? – pergunto, não achando a menor graça no joguinho.

— Se fosse o meu irmão você reconheceria a voz mesmo sem ele dizer uma só palavra, não é Nicole?

Merda! É o Gustavo. Eu respiro fundo e puxo a banqueta, se eu não me sentar, sinto que posso cair a qualquer momento.

Foram poucas as vezes em que nos falamos depois que tudo aconteceu. Dia após dia, parece que penso menos nele e me conformo mais que é utopia desejar-lo. A frase “você precisa esquecê-lo” se tornou o meu mantra nos últimos meses.

— Gustavo? – pergunto com a voz falha. Droga, que hora para ela falhar!

— Sou eu, Nicole. – sua voz soa ríspida. Como de costume, ele nunca me tratou bem mesmo.

— Os seus pais estão lá fora conversando com um casal de clientes, quer que eu chame algum deles?

— E os bons modos? Ondem ficam?

— Hã?

— As pessoas costumam perguntar para as outras, quando recebem uma ligação de alguém que não veem faz tempo, como elas estão.

Babaca!

— Me desculpe pela a minha falta de educação, é que costumo ser educada somente com quem me trata bem. – respondo, irritada.

— E eu não trato você bem? Desde quando? – ele vocifera do outro lado.

— Vamos mesmo falar sobre isso? Não estou com vontade de fazer uma retrospectiva, começando pela a nossa infância até os dias atuais.

Ele fica em silêncio.

Eu solto a respiração.

— Então é assim que me vê? Como alguém que a maltrata desde criança?

— Eu nunca duvidei da tua inteligência, sabia que não ia me desapontar e que ia entender o que eu disse. – falo, sentindo raiva dele.

— Nossa, Nicole, eu sempre me perguntei o que te fiz para receber de você somente indiferença enquanto o meu irmão tinha toda a sua atenção.

Eu paraliso, tentando processar o que ele acabou de dizer.

— O que você está dizendo, Gustavo?

— Você me acusou de sempre ter te tratado mal, mas, você não parou para pensar que você também sempre fez a mesma coisa comigo. Se eu chegava com um chocolate e lhe oferecia, você recusava, se Daniel lhe oferecia, você aceitava e ele ainda ganhava o seu sorriso. Você não me chamava para andar de bicicleta na rua, não sentava comigo no intervalo da escola, não brincava de mãe da rua e quando um dia, brincamos de beijo, abraço e aperto de mão, eu ouvi você dizendo para a minha irmã que não queria me beijar.

Enquanto ele fala, as palavras se chocam em minha cabeça, uma batendo nas outras como aqueles carrinhos de bate-bate dos parques de diversões. Eu não sei o que ele está querendo dizer, só sei que estou confusa e não sei o que responder para ele. Eu não posso dizer que tudo o que deixei de fazer, foi por vergonha, que fazer com o Daniel era mais fácil porque eu não era apaixonada por ele. Não. Eu não posso dizer isso.

— Gustavo, você quer ou não que eu chame os seus pais? – desconverso, mostrando para ele que não quero ter esse tipo de conversa.

— Não é preciso, só diz a ele que mês que vem, quarenta dias no máximo, eu estou indo para o Brasil. E Nicole, nós vamos conversar. Eu quero entender essa raiva que você sente por mim, e não adianta dizer que é por causa da merda que fiz, porque já me odeia muito antes disso.

Não, Gustavo. Antes disso eu te amava. – penso.

Antes de eu dizer qualquer coisa, ele desliga.

Ótimo! Agora ele decide que quer saber os motivos que fizeram eu nunca me aproximar dele, logo agora, em que ele e o Dan estão brigados? O Dan jamais aceitaria que eu me aproximasse do Gustavo.

Decepcionar o Daniel não é uma ideia válida. Mesmo que isso signifique me manter afastada do cara que eu amo. Ele nem merece mesmo o meu amor.

Coloco o telefone no gancho e vou à procura da dona Marta. Ela sente muita falta do filho e vai ficar feliz em saber que em breve ele virá ao Brasil.



Manuela

“My broken pieces. You pick them up. Don't leave me hanging, hanging. Come give me some. When I'm without you, I'm so insecure. You are the one thing, one thing. I'm living for”.

“Meus pedaços. Você une. Não me deixe esperando, esperando. Venha aqui e me dê um pouquinho. Quando estou sem você. Fico tão inseguro. Você é a única coisa, coisa. Que me faz viver”.

(Maroon 5 – Sugar)

— Quinze dias parece muito, você não acha? – pergunto para Daniel, olhando-o dirigir a caminho do aeroporto de Porto Alegre.

— Não sei como vou sobreviver ficar tanto tempo sem te ver. – ele diz, olhando para mim rapidamente.

Vejo um lampejo de tristeza. A mesma tristeza que sinto nesse momento. Parte de mim não quer ir embora, quer ficar aqui e viver esse conto de fadas real. Outra parte diz que preciso ir para colocar a minha vida em ordem.

Sim, já está na hora de eu fazer isso.

— Você não vai se esquecer de mim, vai? – faço beicinho, tentando chamar a atenção dele.

— Como se esquecer de você, fosse uma opção né, Manuela?

— E não é? – provoco.

— Nunca será. – diz sério, estacionando o carro em uma pequena vaga do estacionamento do aeroporto.

Enquanto puxa o freio de mão e desliga o motor, ele abre um sorrisinho malicioso e parece rir para si, parecendo estar lembrando de algo engraçado. Eu não aguento a curiosidade e decido perguntar.

— Está rindo do quê?

Ele ri mais um pouco e se vira para mim, ficando de lado no banco do carro.

— De você reclamando de que o feno estava te pinicando.

— Estávamos falando sobre você me esquecer e você se lembra justamente desse momento?

— Claro! É a prova de que é impossível te esquecer, Manu! A manhã de hoje foi tão maravilhosa que entrou para a lista dos melhores momentos.

Eu coro quando ele faz menção ao que fizemos horas atrás do celeiro da vinícola. Cenas dele tirando a minha roupa e me jogando para cima dele em cima do feno velho, rodopiam na minha mente. Ele beijando cada centímetro do meu corpo enquanto eu me contorcia de prazer, aliado à adrenalina de fazer algo totalmente diferente e maluco quanto transar em um celeiro, fez com que eu chegasse ao ápice do meu prazer em poucos minutos após ele tocar o meu corpo e ele precisou esperar me recuperar para que eu pudesse dar a ele o mesmo prazer que ele me deu.

E eu dei.

Montada nele, subi e desci com força e com vontade. Eu sabia que seria a nossa transa de despedida, que não teríamos mais tempo de fazê-la se não fosse ali, então, com muito custo, decidi relaxar e esquecer que eu estava dentro de um celeiro escuro e que a qualquer momento alguém poderia aparecer.

— Agora é você quem está rindo. – ele brinca, me trazendo de volta à realidade.

— Somos malucos, já pensou se alguém tivesse nos flagrado?

— Safadinha, estava então pensando no celeiro?

— Culpada.

— Ninguém iria nos pegar. – responde, tirando a chave do contato. – Agora vamos, ainda temos que ir até a farmácia antes de você fazer o check-in.

Droga! Eu estava realmente me esquecendo de ir comprar o remédio. Perfeito, Manuela, você ia estragar tudo!

Compro o remédio e já que chegamos com tempo, vamos a uma cafeteria, eu o engulo com a ajuda de um copo de água e aproveito para comprar uma barra de cereais para deixar na bolsa. Noto que Daniel está calado, concentrado em seu copo de suco de abacaxi, posso imaginar o que ele está sentindo agora, porque também sinto o mesmo. Um vazio dentro do peito, como se seu coração estivesse sendo arrancado de dentro de você. Pensei que demoraria muito tempo para eu voltar a sentir essa sensação: a de querer estar ao lado de alguém a todo custo. É assim que eu me sentia em

relação ao Léo, era dessa mesma forma que eu desejava a companhia dele. Estou revivendo sentimentos e emoções e estou apavorada com o que possa acontecer com nós dois daqui em diante.

— Acho que está na hora. – quebro o silêncio, fazendo ele olhar para mim.

— Vai embora não, fica aqui. – ele diz, colocando a suas duas mãos sobre a minha em cima da mesa.

Meu coração que já estava apertado, acaba de dar sinais de que vai falhar a qualquer momento se eu não arranjar um jeito de aliviar essa dor.

— Eu preciso ir, Dan. Mesmo querendo ficar. – tiro uma mão debaixo da dele e a coloco sobre a mão dele, passando o meu polegar sobre ela.

Queria conseguir dizer a ele o quanto estou triste com a nossa separação e o quanto estou apavorada com o que estou sentindo, mas, fazer isso só iria nos deixar mais tristes.

— Eu sei que precisa ir, desculpa.

— Dan, por favor, não faz isso não. Quero ficar tanto quanto você quer que eu fique, só não posso. Não ainda.

— Não ainda... – ele repete as minhas palavras em um murmúrio. – Será que algum dia vai poder? – pergunta, olhando para mim com os seus incríveis olhos azuis.

— Ficar? – pergunto, tentando entender se a sua pergunta foi só uma metáfora ou realmente teve a intenção de me perguntar se algum dia iriei ficar com ele de vez.

— Deixa para lá. – ele responde. Talvez tenha se arrependido do que disse. Decido não questioná-lo para não pressioná-lo.

— Então vamos. – digo, levantando-me.

Ele me ajuda com a minha mala e seguimos em silêncio até a hora de embarque, como se estivéssemos indo a um velório, ambos em silêncio, presos em seus próprios tormentos.

— Acho que agora é a hora. – ele diz, assim que o meu voo é anunciado.

Olho para ele e as lágrimas começam a escorrer dos meus olhos sem me deixar controle algum sobre elas. Ele se aproxima de mim e envolve os seus braços ao redor da minha cintura, encosto a cabeça em seu peito e deixo que o choro venha.

— Ei, pequenina, não fica assim. Vamos dar um jeito disso dar certo, tudo bem? – ele alisa meus cabelos, me fazendo chorar mais ainda.

— Eu estou com medo. — digo, segurando a respiração na tentativa de fazer passar o soluço que agora toma conta do meu corpo.

— Medo?

— Sim. De nos perdermos um do outro. E se nos acostumarmos a ficar longe?

— Eu nunca vou me acostumar a ficar longe de você, Manuela.

— E se foi tudo um sonho? Não seria a primeira vez na minha vida em que isso aconteceria, já estou acostumada a viver sonhos e depois ter que acordar. Eu não quero passar por isso novamente.

— Olha para mim. — ele pede.

— Isso não é um sonho, Manuela. Estamos aqui, agora, juntos, porque temos que estar, porque o Universo quer que estejamos. Porque é esse o momento certo. E todos os outros nossos momentos juntos que ainda virão, virão no tempo certo.

— As quatro leis...

— Sim, as quatro leis. Não tenho dúvida de que tudo o que nos aconteceu, desde o primeiro encontro, foi parte de um plano para que pudéssemos ficar juntos.

Ele passa a mão em meu rosto e enxuga algumas lágrimas que ainda escorrem.

— E Manu, aquela garota do aeroporto, que encarava o nada e o infinito ao mesmo tempo com um olhar triste, hoje parece não existir mais e eu tenho um enorme orgulho de poder ver e dizer isso.

Eu suspiro com as suas palavras. Ele sabe que está certo, sabe que aquela tristeza em que eu estava imersa, agora já não existe mais. Eu aceitei a morte do Léo da mesma forma que aceitei que devia começar a viver e o Daniel tem boa parte de culpa nisso.

— Adoro você. — falo, olhando para ele, não conseguindo mais sufocar as palavras dentro de mim.

— Eu adoro muito você, minha bela Manuela. Agora vai antes que você perca o seu voo e eu te leve de volta para casa para fazermos amor no meu quarto.

— Isso foi golpe baixo. — brinco, rindo.

— E não foi? Pena que não funcionou. — retruca, me dando um beijo na testa.

— Até, Dan. — falo, passando a mão em seu peito.

— Vem cá. — ele me puxa para mais perto dele e sua boca alcança a

minha, nos beijamos com vontade, um beijo intenso, carregado de saudades e de dor, o tempo todo suas mãos seguram o meu rosto e de olhos fechados, tento memorizar esse momento e guarda-lo dentro de mim.

É só uma despedida, mas, sinto como se eu estivesse sendo arrancada do meu próprio corpo.

Quando a gente vive uma situação intensa e traumática, agente cria automaticamente um registro mental do que devemos fazer para evitar passar pela mesma situação novamente, como uma espécie de autopreservação. No meu caso, o meu registro dizia desde quando comecei a me ver interessada pelo Daniel, de que eu devia me afastar dele, tudo porque eu temia sofrer novamente.

— Vejo você em quinze dias. – ele me abraça novamente, dessa vez um abraço mais apertado e em seguida beija o topo da minha cabeça.

— Em quinze dias, Dan. – respondo, olhando para ele pela última vez.

Nos autôfalantes é anunciado a última chamada para o meu voo, eu caminho até o embarque sem ter coragem de olhar para trás. Olhar para ele irá me fazer querer voltar.

Sento em meu assento e logo coloco os meus fones, a música Entre seus rins, do Ira!, começa a tocar, eu encosto no assento olho rapidamente pela janela e as nuvens brancas já estão ficando abaixo de nós, fecho os meus olhos, mesmo sendo um voo rápido, me rendo ao sono que começa a bater e aos poucos, a música vai ficando longe.

Uma hora depois, estou pegando um táxi a caminho da minha casa, após falar com a minha mãe, entro no WhatsApp e digito uma mensagem para o Dan.

Manuela: *Cheguei bem. Estou no táxi. Com saudades de você.*

Segundos depois, vejo ele online e aparece que ele está digitando.

Daniel: *Saudades infinitas aqui também, já passaram quinze dias?*

Eu aproveito o bom humor dele e respondo.

Manuela: *Não precisa esperar quinze dias, vem para cá hoje!*

O motorista para em frente ao meu prédio, eu pago a corrido e desço. Meu celular apita avisando que tem uma nova mensagem, mas, com bolsa e mala nas mãos, não consigo olhar agora, me dirijo ao elevador e o porteiro,

senhor Manuel, ao me ver carregada de coisas, aperta o botão para chama-lo.

Assim que entro em casa, ouço barulho na cozinha e pelo cheirinho doce que vem de lá, posso adivinhar que a minha mãe está preparando um pavê de chocolate, o meu favorito.

— Mãe? – a chamo, indo para a cozinha.

— Aqui filha!

Nos abraçamos por um longo tempo. Eu precisava do abraço dela.

— E então, vai me contar?

— Está com tempo? A história é longa.

— Em menos de uma semana? Como do pode ser longa?

— Pois é, não fiquei lá nem uma semana e mãe, tenho mais histórias para contar do que um contador de histórias.

— Então você me conta enquanto termino a nossa sobremesa.

Eu sento na cadeira da cozinha e enquanto ela trabalha na sua arte, eu conto tudo a ela, desde a descoberta da gravidez, as nossas brigas, o meu encontro com os pais dele, com a bruaca da Letícia e também com a filha. Eu não escondo e não omito nada. Quando termino, o pavê está pronto, na geladeira e nós duas estamos lambendo a colher e a tigela utilizadas para fazê-lo.

— Você não vai falar nada? – pergunto, olhando para ela que está sentada de frente para mim.

— Você está apaixonada e ele também parece estar apaixonado. – ela diz, me olhando pelo canto dos olhos.

— Acho que sim. – digo, encolhendo os ombros.

— Está sim, Manu e não há problema algum nisso.

— Mãe, posso te fazer uma pergunta pessoal?

— Claro!

— Você se sentiu culpada em relação ao papai quando começou a namorar o Cristian?

Ela me olha sabendo o motivo da minha pergunta, se ajeita melhor na cadeira de metal da cozinha e coloca a sua mão sobre a minha.

— Seu pai e eu não fomos um casal perfeito, tivemos os nossos momentos de desentendimentos, onde algumas vezes eu é quem estava errada e outras, ele. Tivemos as nossas crises para contornar e superar, mas, ainda assim, fomos felizes. Soubemos ver um no outro, o que de melhor tínhamos, e perde-lo me fez acreditar por algum tempo que eu nunca mais seria feliz novamente. – ela faz uma pausa e enxuga uma lágrima. – Eu nunca vou

deixar de amar o seu pai, Manuela. Não está escrito em nenhum lugar que eu preciso fazer isso para ser feliz com o Cristian. E você também não precisa esquecer o Leonel para ser feliz com o Daniel. Você só precisa aceitar. O seu romance com o Léo, te fez ser outra pessoa, então, assumo de vez essa nova Manuela e não deixe que a culpa lhe impeça de seguir em frente.

Eu me levanto e sigo em direção a ela, abraçando-a com força.

Minha mãe sabe o que dizer e quando tem que dizer.

— Obrigada, mãe. — falo, beijando-a. — Vou para o meu quarto.

— Estou aqui se precisar. — ela pisca e sorri amavelmente.

Coloco a mala no chão e me sento em minha cama, só aí é que me dou conta de que eu não li e não respondi mais o Daniel, abro e meu celular e aparece que há 5 mensagens não lidas.

Daniel: *Eu não posso ir hoje, você sabe que se pudesse, você jamais teria entrado naquele avião sozinho.*

Daniel: *Preciso resolver algumas coisas na revista antes de voltar a trabalhar em campo e uma dessas coisas envolve você.*

Daniel: *Já está em casa? Parou de responder...*

Daniel: *Manu?*

Daniel: *Manuela! Pode por favor responder antes que eu tenha uma crise de namorado preocupado e ligue para você?*

Vejo que a sua última mensagem foi enviada há cinco minutos atrás, fico tentada a não responder só para ver se ele vai mesmo me ligar, mas, desisto da ideia, ele realmente não está brincando quanto ao se preocupar comigo e não é justo eu brincar com isso.

Manuela: *Devia ter ligado! E o que tem que tratar na revista que envolve a mim? Estou em casa, desculpa a demora, estava conversando com a minha mãe. A dona Júlia não ia aguentar de curiosidade se eu não contasse a ela sobre você.*

Daniel: *Ela já me odeia por ter feito você chorar mais de uma vez desde que veio para cá atrás de mim?*

Manuela: *Não. Acho que ela já te adora por ter me feito feliz desde que me seduziu em Bergen.*

Daniel: *Seduzi? Eu fiz isso? Achei que havia sido ao contrário.*

Manuela: *Engraçadinho... quero te ver.*

Daniel: *Quinze dias.*

Manuela: *E depois que esses quinze dias passarem, você chegar e ir novamente, como vai ser?*

Daniel: *Um dia de cada vez. Filosofia que aprendi no AA.*

Manuela: *Funciona?*

Daniel: *Estou sóbrio. E pretendo estar pelas próximas vinte e quatro horas, então, sim, funciona.*

Manuela: *Então vou esperar um dia de cada vez até você chegar.*

Daniel: *Fica bem minha pequenina. Vou tomar banho e buscar a Bia nos meus pais.*

Manuela: *Infinitos beijos.*

Daniel: *Infinitos beijos.*

Com o celular nas mãos encosto a cabeça na cabeceira da cama e adormeço.

∞

Daniel não me mandou mensagem durante o dia todo e eu também não, não porque estou dando uma de durona, não vou jogar esse jogo com ele, eu só estou tentando não ser a namorada chata e grudenta. Nunca fui assim, de ficar em cima, mas, talvez pelo o que tenha acontecido comigo e com o Léo, de não podermos viver em sua plenitude o que sentíamos, eu agora sinto como se eu tivesse a obrigação de fazer tudo o que quero para não deixar mais o momento passar. Por isso, olhar para o celular de dez em dez minutos enquanto me arrumo para ir jantar com o Renato, e ver que não tem nenhuma mensagem, está sendo uma tortura.

Visto um vestido azul marinho com flores vermelhas, na altura dos joelhos, com um cinto fino vermelho e uma sapatilha na mesma cor, faço uma maquiagem leve e apenas capricho no brilho labial. No horário combinado, o porteiro avisa que o Renato está na portaria, me despeço da minha mãe, que insistiu para que eu ligasse para o Daniel antes de ir, e saio.

— Você está linda, Manuela. — Renato fala, assim que me vê saindo do elevador.

— Obrigada, Renato. Você também está ótimo! — e de fato está, em uma camisa rosa com os punhos e a gola preta, um jeans que parece que foi ajustado ao seu corpo e seus cabelos loiros estão como sempre, arrepiados com gel.

Ele me beija no rosto e estende o braço para que eu coloque o meu nele, o seu carro está parado próximo ao meu prédio, seguimos até em ele em silêncio e como já era esperado, ele abre a porta para eu entrar e espera eu me acomodar para fechá-la em seguida.

— Tem preferência por algum lugar ou tipo de comida? – ele pergunta, colocando a chave na ignição.

— Não. Você é quem manda. – digo, um pouco sem graça. Já almoçamos juntos, já ficamos a sós juntos, mas sempre como chefe e funcionária, a única vez que foi diferente disso foi quando ele me levou para casa no dia em que o Léo passou mal no aniversário do Marcelo e foi justamente naquele dia que ele deixou claro que se ele não soubesse o quão apaixonada pelo Leonel eu estava, ele me beijaria.

É embaraçoso olhar para ele e me lembrar disso.

— Sério? Não tem preferência por nada?

— Bom, já que perguntou, tem uma coisa que gosto muito, mas acho que não é o tipo de coisa que você iria gostar.

— Quer apostar?

— Apostar?

— Sim, você diz o que é e a gente aposta, se eu não gostar, você me pede o que quiser, se eu ganhar, te levo ao cinema qualquer dia desses.

— Renato... – tento dizer a ele que tenho namorado, mas ele me interrompe antes disso.

— Como amigo, Manu.

— Ok. – respondo. – Eu sou apaixonada por cachorro-quente, daqueles feitos naquelas peruas, sabe?

— Está falando sério? – ele parece incrédulo.

— Pelo visto ganhei a aposta. – digo, fazendo a dancinha da vitória dentro de mim.

— Claro que não ganhou, perguntei se falava sério porque também adoro esse lanche.

— Sério? – pergunto espantada.

— Não, só queria ver a sua reação. – eu dou um tapa de leve em seu ombro e nós dois rimos. — Mas você não ganhou a aposta porque sei de um lugar onde tem um carro desses e é para lá que nós vamos.

Ele dá partida no carro e no caminho, conversamos sobre os lugares que conheci na minha viagem. Eu fico à espera de uma oportunidade para falar do Daniel, acontece que toda vez que uma brecha aparece, ele muda de assunto e me faz voltar à estaca zero.

Quase vinte minutos depois, ele estaciona o carro em uma praça e então eu vejo a peruinha do “hot-dog”.

— Você estava falando sério quando disse que sabia onde encontrar

uma. – falo, apontando para o carrinho.

— Estava sim. – ele pisca para mim e se eu não estivesse apaixonada pelo Daniel, teria tremido na base só com o olhar que ele lançou para mim assim que descemos do carro.

Pedimos dois “hot-dogs” duplo e nos sentamos em uma mesinha com cadeiras plásticas que pertencem ao carrinho do lanche.

— Eu nunca imaginei que você saberia onde achar um desses. – falo, bebendo um gole do meu guaraná.

— E por que não?

— Você não tem jeito de que come em carrocinhas de lanche. – respondo, olhando para ele para ver a sua reação.

— Tem muito sobre mim que você não sabe, Manu. Eu sei que pareço ser meio fresco, ou qualquer outra coisa, mas, o fato de eu saber apreciar um bom vinho e uma comida cara, não signifique que eu não saiba também apreciar as coisas mais simples, na verdade, são elas que dão sentido ao resto.

— Concordo com você, também acho que o segredo está justamente nessas tais coisas simples e sem frescuras. – respondo, abocanhando um pedaço do meu delicioso lanche.

— Manuela. – ele me chama.

— Sim?

— Você será muito bem vinda na agência, o seu lugar ainda está lá.

— Renato, eu agradeço o convite, e juro que estou tentada a aceitar, porque gosto de lá e porque preciso trabalhar e colocar a minha vida no lugar, mas, eu tenho que ser franca com você, não sei se pretendo voltar para a faculdade agora e se pretendo voltar a fazer publicidade e propaganda, então, não sei se é interessante para você, me ter em seu quadro de funcionários.

— Você não precisou de um diploma para me fazer ter a certeza de que era competente para o cargo e não precisa de um agora para me fazer pedir para você voltar.

— Sendo assim, quando eu começo? – pergunto empolgada.

— Se já quiser começar essa semana, será bem-vinda!

— Quarta, pode ser? Amanhã ainda tenho algumas coisas para fazer, mas quarta posso começar.

— Está perfeito! Agora posso descontar o lanche do seu pagamento. – ele brinca, me fazendo rir.

Terminamos nossos lanches e enquanto ele paga a senhora que nos atendeu, eu pego o meu celular. Nenhuma mensagem. Venço o orgulho e

decido enviar um WhatsApp para ele.

Manuela: *Boa noite para você que não se lembra mais da namorada que está em outro estado morrendo de saudades.*

Segundos depois, enquanto o Renato ainda espera pelo o seu troco, meu celular vibra.

Daniel: *Que bom ler a sua mensagem. Para lembrar, a gente precisa esquecer, e eu não esqueço de você um segundo, só estava te dando paz.*

Manuela: *E quem disse que quero paz?*

Daniel: *Como foi o jantar?*

Manuela: *É por isso que não me escreveu? (sinceridade, ok?)*

Daniel: *Claro...*

Manuela: *Conversamos sobre isso depois! E quanto ao jantar, comemos cachorro quente, aceitei o emprego de volta e o Renato está pagando e já vai me levar para casa.*

Daniel: *Interessante.*

Manuela: *Não entendi o interessante, mas tudo bem, posso te ligar mais tarde?*

Daniel: *Você não precisa pedir, precisa?*

Manuela: *Então espero que o humor do meu namorado lindo esteja melhor quando nos falarmos por telefone.*

Daniel: *Vai estar, porque aí sei que não vai ter cara nenhum do seu lado, te pagando um cachorro quente e te levando para casa.*

Manuela: *Esse cara é um amigo e agora, novamente chefe, nada mais, ok? Te ligo depois. Beijos.*

Finalizo a conversa assim que Renato chega.

— Posso te fazer uma pergunta? – pergunta Renato, dando partida no carro.

— Pode sim. – me viro para ele, colocando o meu cinto.

— Você já o esqueceu?

Eu não preciso que ele diga o nome para eu saber que ele está falando do Léo.

— Foi verdadeiro, Renato. Não tem como esquecê-lo. Nunca vou esquecê-lo.

— Você vai ficar brava com o que vou dizer, mas, eu invejei o seu namorado por algum tempo. – ele faz uma pausa e me encara, eu nada falo, fico apenas esperando que ele conclua a sua frase. – Invejei porque eu nunca vi alguém se dedicar tanto a alguém como você se dedicou a ele, indo ao

hospital todos os dias, ficando e lutando com ele. Ele pode ter tido uma vida curta, mas, ele foi amado por alguém.

— Foi sim. O que aconteceu com a gente foi diferente e especial, quando eu já não acreditava mais que poderíamos ficar juntos, ele retorna, me pede em namoro e mesmo que por pouco tempo, fomos felizes de verdade.

— Sim. Você foi muito forte.

— Não, Renato. Eu apenas não tinha a opção de ser fraca, se eu fosse, não aproveitaria os poucos momentos que tive com ele.

— Então você foi uma fraca-forte. – ele sorri e eu retribuo.

— Posso fazer outra pergunta?

— Você acha que vou dizer não para o meu chefe? – brinco, na tentativa de deixar o clima mais leve.

— Como ele se chama? – ele pergunta, me pegando de surpresa, quando já estamos chegando perto da minha casa.

— Como você sabe que existe um “ele”?

— A sua viagem repentina para o Sul me fez acreditar que deveria existir alguém. – sua voz soa meio falha. Me sinto péssima, como se o tivesse traído.

— Daniel. – respondo.

— Curioso... – diz em tom baixo.

— O quê?

— O nome... Leonel... Daniel...

— Pensei a mesma coisa quando ele disse o nome dele para mim. – respondo, começando a ficar mais relaxada com a nossa conversa.

— E é sério? – ele me olha e me faz querer me afundar no banco do carro.

— É complicado.

— Me explica. – ele pede, com a voz mansa.

— Nos conhecemos antes mesmo de eu chegar em Bergen, seguimos viagem juntos até lá e ficamos no mesmo hotel, fizemos alguns passeios juntos e alguns dias depois, eu estava contando para ele sobre o Leonel e ele sobre a vida dele.

— Ele então sabe do Leonel?

— Sabe. Ele é o responsável por eu não estar chorando a morte do Léo agora. Ele tem me ajudado a superar e a entender tudo o que aconteceu comigo.

— Você amadureceu muito. – ele diz, estacionando o carro.

— Fazer essa viagem foi a melhor que eu fiz, Renato. E não falo isso só por causa do Daniel, falo porque eu fiz essa viagem pelo o Léo, sinto que fiz o que tinha que ser feito.

— Sim, você renasceu. Como a ave fênix que renasceu das cinzas. E eu fico feliz por isso, Manuela. Você é uma pessoa fantástica e especial.

— Obrigada, Renato. Eu nunca vou me esquecer o que você fez por mim naquela época, me deixando trabalhar somente meio período para poder ficar com o Leonel.

— É... eu sou um bom patrão, não sou?

— E convencido.

— Também...

— Bom, acho que preciso ir. – falo, soltando o meu cinto. – Obrigada pelo jantar.

— Jantar? – ele ri e seus olhos claros se iluminam.

— Sim, um jantar muito gostoso por sinal.

— Pelo menos sei que não precisa de muito para te agradar.

— Não mesmo... Boa noite, Renato.

— Boa noite, Manuela, até quarta.

Eu dou um beijo no rosto dele e saio do carro em seguida.

Logo que entro em meu quarto, pego o celular em minha bolsa e disco o número do Dan. Primeiro toque. Segundo toque. Terceiro toque. Quarto toque. Quinto toque. Sexto toque. Caixa postal.

Me jogo na cama frustrada, pensando se ele ficou bravo comigo e desistiu de falar pelo telefone, começo a digitar uma mensagem quando She Will Be Loved, do Maroon 5, começa a tocar em meu celular.

Meu coração para. E depois acelera.

— Alô?

— Oi... – sua voz mansa me faz pensar que ele está chateado.

— Pensei que não queria mais falar comigo. Eu te liguei, mas caiu na caixa postal. — digo, com medo do que ele possa responder.

— Eu estava no banho. Por que não iria querer atender a minha namorada?

Respiro aliviada.

— Porque estava chateado? Gosto quando me chama de sua namorada.

— Enciumado. E que bom que gosta quando me refiro a você como a minha namorada, afinal é o que você é, não é?

— Sim, e a sua namorada já está com saudades. É tão estranho, uma

sensação de querer estar perto toda hora. E não entendo o seu ciúmes.

— Eu também sinto isso, Manu. Também preciso estar perto de você. E o meu ciúmes já passou, agora sei que não tem cara nenhum perto da minha mulher.

— Dan, nós vamos conseguir passar por isso? Namorarmos à distância?

— Você tem dúvidas, bela?

— Medo. Não dúvidas, mas medo de que a gente não consiga.

— Você está perto da janela? – ele pergunta, eu estranho a sua pergunta mas respondo.

— Não, estou na minha cama, por quê?

— Vai para a janela então.

— Mas por quê? – insisto.

— Para de fazer perguntas e me avisa quando chegar lá.

Me levanto e caminho até a janela do meu quarto.

— Cheguei.

— Olha para o céu.

Eu coloco a cabeça para fora e encontro um céu azul cheio de estrelas.

— Estou olhando.

— Então, sabe esse céu que você está olhando? É o mesmo céu para o qual estou olhando também, nesse exato momento. Estamos sob o mesmo céu, Manu. Tem alguma dúvida de que não conseguiremos passar por isso e ficarmos juntos.

Eu fecho os olhos e fico em silêncio, ainda anestesiada com as suas palavras.

— Manu? – sua voz soa preocupada.

— Dan, isso foi lindo, mas por favor, eu quero você aqui. – falo com a voz embargada por causa do choro.

— Logo estaremos juntos. Eu prometo.

— Eu te adoro, Daniel.

— Eu te adoro, pequenina. Vamos dormir e nos falamos mais amanhã, pode ser?

— Sim.

— Quando começa no trabalho?

— Quarta.

— Então te ligo amanhã pela manhã.

— Tá bom.

— Beijo. Durma bem.

— Outro. Durma bem você também. — respondo, olhando mais uma vez para o céu, desligando o celular em seguida.

∞

Acordo cedo, quando a minha mãe ainda está se arrumando para ir trabalhar, tomo café da manhã com ela e aproveito para pegar carona até o cemitério. É caminho para o trabalho dela e eu preciso visitar o túmulo do Leonel, preciso saber se está do mesmo jeito em que o vi, antes de viajar.

Passo pela entrada principal e pela primeira vez, me dou conta de que há um arco de flores sobre ela. Caminho devagar até chegar no jazigo dele, ajoelho-me e toco a sua foto.

— Oi, Léo... — falo, sentando na grama úmida de frente para o jazigo dele. — Eu precisava vir te ver. Na verdade eu vim porque tenho uma novidade para te contar. Eu não iria conseguir levar isso adiante se eu não contasse para você.

Uma senhora com um vaso de flores perfumadas, passa por mim, ela olha para o jazigo do Léo e vejo que seu olhar fixou na foto dele antes de olhar para mim novamente. Eu não me importo com o que ela vai pensar de mim e continuo falando com o Léo.

Como se ele fosse capaz de me ouvir.

— Eu estou namorando. — no momento em que verbalizo, o sentimento de culpa começa a me dominar. Eu estou seguindo em frente, como ele me pediu, mas, e se o que ele quisesse de fato era que eu não encontrasse mais ninguém? Que eu nunca mais dissesse para outra pessoa que eu a adoro? — Você está feliz por mim, Léo? Eu estou fazendo o que me pediu, mas, se você se arrependeu de ter me pedido para seguir em frente, se você desistiu dessa ideia maluca de me ver feliz a todo custo, mesmo que seja com outro cara, eu desisto disso tudo, entendeu?

— Eu abro mão de amar o Daniel, se amá-lo me fizer deixar de amar o Leonel, está entendendo, Deus? — falo em voz alto, fazendo com que a mulher do vaso de flores que está a alguns túmulos à frente, olhar para mim. Eu a ignoro enquanto algumas lágrimas escorrem dos meus olhos e eu as deixo cair.

Me recuso a me permitir esquecer o toque das mãos dele na minha cintura. Me recuso a perder a lembrança do olhar caramelo dele me encarando quando eu estava envergonhada no canto do quarto do nosso motel. Definitivamente, eu não vou deixar que as memórias do Leonel caiam no esquecimento, para serem lembradas somente no dia de finados. Prefiro

uma vida sozinha do que ver isso acontecer. Se eu for capaz de amar o Daniel, que seja do meu jeito. Amando-o sem nunca deixar de amar o cara que mudou a minha vida, que me transformou, que me quebrou em mil pedaços e que juntou os meus caquinhos antes de morrer, ao dizer que fomos as pessoas certas na hora certa.

Para depois me quebrar novamente quando partiu.

Memórias dos nossos momentos começam a vir à tona, pequenos flashes dos nossos melhores momentos, quando aconteceram, eu não me dei conta de quão importantes eles eram.

A grande verdade da vida é que você só se dá conta de que viveu algo especial, quando esse algo se torna apenas lembranças. Raramente conseguimos perceber isso antes. Acho que só percebe, quem um dia já perdeu e teve a sua cota de lembranças para a vida toda.

— Sabe, eu ainda sinto a sua falta. Você nunca foi o cara perfeito, mas era o cara perfeito para mim. O Dan também não é perfeito. Mas ele me ajuda a superar, porque droga, Léo, perder você foi doloroso demais para mim!

Abraço as minhas pernas e coloco a cabeça sobre os meus joelhos, meu celular começa a vibrar dentro da minha bolsa e vejo o nome do Daniel nele.

Não tenho coragem de atender. Não aqui, onde o corpo imóvel e sem vida do Leonel, está enterrado. Deslizo o dedo na tela para recusar a ligação e guardo o aparelho na bolsa novamente.

— Eu volto em breve. Eu prometo. – falo baixinho, passando a mão na frase em sua lápide. Levanto-me e a senhora das flores já não está mais lá. Faço o caminho de volta, até a entrada do cemitério e quando saio dele, pego o meu celular. Aparece a informação de que há conversas não vistas em meu WhatsApp, entro no aplicativo para ler o que ele escreveu.

Daniel: *Bom dia! Acho que ainda está dormindo, então não vou atrapalhar o seu sono. Só queria que soubesse que sonhei com você. Mais vinte e quatro horas se passaram, uma a menos para o nosso encontro.*
Beijos

Logo, começo a responder.

Manuela: *Bom dia!!! Estava acordada. Desculpa não ter atendido. Não podia... Contando os dias também. Um a menos. Preciso parar de escrever, vou pegar um ônibus, não estou em casa. A gente se fala mais tarde.*

Daniel: *Ei, aconteceu alguma coisa? Por que não podia responder?*

Manuela: *Só vou dizer porque somos sinceros... estava visitando o Leonel... digo, o túmulo dele.*

Ele não responde, mas vejo que ele leu a mensagem. Perfeito, Manuela! Você e a sua tal sinceridade.

Vejo o meu ônibus se aproximando e aperto os passos até o ponto, dando sinal para ele parar logo em seguida. Busco um acento perto da porta e meu celular vibra novamente.

Daniel: *Desculpa. Eu não sabia o que responder. Você está bem?*

Manuela: *Pensei que estivesse bravo...*

Daniel: *Eu não vou competir com ele, Manuela. Eu só quero sentir que dentro de você, tenha espaço para nós dois. Ele e eu.*

Manuela: *Dan... Dan... Por que você faz isso? Como consegue ser assim tão complacente? Obrigada. Mesmo. E sim, Daniel, eu não estaria com você se você já não tivesse um lugar reservado dentro do meu coração.*

Daniel: *O seu namorado fica feliz em saber. Estou saindo agora, vou para a revista. Te ligo a noite.*

Manuela: *Ok. Até. Beijos.*

Daniel: *Beijos.*



Daniel

“Sei que amores imperfeitos, são as flores da estação”

(Skank – Amores Imperfeitos)

“Ela foi visitá-lo.”

Essa frase martela repetida vezes em minha cabeça enquanto dirijo. Eu nunca vou tentar concorrer com ele, mas me pergunto se em algum momento, ele deixará de estar entre nós, porque às vezes eu tenho a sensação de que mesmo sem conhecê-lo, ele está sempre com a gente. Não estou falando de espírito ou coisa assim, estou falando da sensação que tenho por perceber que a Manuela ainda se culpa por estar seguindo em frente.

Estaciono o carro no estacionamento da revista e tento afastar o pensamento da mente. Subo pelo elevador, no imenso prédio de vidros espelhados e após cumprimentar todos, vou até a sala do meu editor, Fábio, um senhor de sessenta anos que dedicou quase dez anos de sua vida para viajar e percorrer o mundo todo como mochileiro. Ele tem tantas histórias incríveis para contar que a revista teria matéria para ser publicada pelos próximos cinco anos.

Meia hora depois, saio da sala dele me sentindo aliviado, recebi o apoio que eu esperava e precisava para tocar o meu projeto.

Finalmente vou dar continuidade em meu livro. A revista, por pertencer a uma editora grande, vai financiar a publicação dele. Essa será uma surpresa para a Manuela. Fábio me deu um prazo de cinco meses para terminá-lo e embora seja pouco tempo, eu tenho material suficiente para fazê-lo, com um pouco de dedicação, sei que consigo termina-lo no prazo. Além do mais, ele me liberou das viagens longas até terminar o livro, assim, poderei me dedicar mais a ele e também ficar mais perto da minha Manu.

Depois que Bia e eu jantamos, a ajudo com a lição de casa e após ela ir para o quarto dela, ligo para a Manu.

— Alô? – ela atende. A sua voz me faz desejá-la aqui comigo.

— Oi minha bela, como você está?

— Com saudades.

— Eu também. Liguei só para te dar boa noite, tenho trabalho para fazer e também não quero atrapalhar o seu sono. Sei que amanhã vai acordar cedo.

— Adorei que me ligou. Sim, amanhã volto a trabalhar. – respondeu animada.

— Então bom trabalho amanhã. Me manda mensagem quando puder falar, para contar como estará sendo, ok?

— Sim, pode deixar. Beijos e boa noite.

— Beijos. Saudades de você.

— Eu também.

— Vai, desliga.

— Não, desliga você.

Começo a rir da situação e ela ri também.

— Estamos parecendo dois colegas. – digo.

— Estamos mesmo. Vou desligar então.

Eu a ouço suspirar e logo depois, ouço apenas o barulho da chamada terminada.

Encosto na poltrona da sala, me sentindo o cara mais sortudo do mundo.

Às vezes a vida joga com você, te faz acreditar que ela chegou ao fim só para depois você perceber que ela está apenas começando e com isso, dar o devido valor a ela. Eu estou voltando a viver. Recomeçando. E em toda a minha vida, nunca me senti tão vivo como me sinto agora, com a Manuela.

∞

A semana passou como um foguete. Passei os dias e as noites, trancado em meu escritório escrevendo o meu livro, saindo somente para levar e buscar a Bia na escola e jantar e fazer a lição com ela.

Colocar em uma tela em branco, as histórias que ouvi durante as minhas viagens, as histórias que vivi, não é algo simples. Com a ajuda do meu caderno, que é uma espécie de diário de bordo, que carrego comigo em todas as viagens, fui lendo e relembrando algumas histórias de anos atrás que eu já havia esquecido.

Em uma semana, posso dizer que tenho vinte por cento da história, digitada.

Durante todos esses dias, Manu e eu nos falamos por mensagem pela manhã, quando ela ainda estava indo para o trabalho, e à noite pelo telefone. Ouvir a voz dela é como receber uma dose de calmante, meu coração não

acelera mais, pelo contrário, agora ele quase para. Ela traz calma e serenidade à minha vida e estou contando os dias para vê-la. Ela não sabe, mas decidi antecipar a viagem em quatro dias, então, no meio da semana que vem, estarei indo para São Paulo, já fiz a reserva no hotel e me informei sobre o endereço da agência, vou chegar em Sampa no começo da tarde e quero surpreendê-la, esperando ela sair do trabalho.

Na noite passada tive o desprazer de receber a visita da Letícia. Veio me trazer o ultrassom. Graças a Deus, está tudo bem com a criança, mas eu não sinto dentro de mim que esse filho seja meu, só não sei como resolver a situação. Esperar o nascimento para resolver isso de uma vez por todas, para acabar com essa aflição e também ter o divórcio assinado, está me matando. Eu não ia contar para a Manu, para não a chatear, mas lembrei do dia em que ela foi visitar o túmulo do Leonel e não escondeu de mim. Fizemos uma promessa silenciosa de sermos sempre sinceros um com o outro, namorar à distância é um saco e complicado, se não formos sinceros, as chances de termos um futuro juntos, diminuirão a cada dia. A sua primeira reação foi de frustração, percebi pelo o tom da sua voz, que ela havia ficado chateada por saber que a megera havia vindo até minha casa, eu quis passar pelo telefone e ir até ela, abraça-la e coloca-la em meu colo, dizer a ela que não existe mais ninguém na minha vida, mas ela sempre tem o dom de me surpreender, minutos depois de eu ter contado e sua voz ter soado chateada, ela diz uma das coisas mais lindas que já disse até hoje: — Se essa criança for sua, eu vou gostar dela como gosto de você, então, a megera não vai conseguir nos separar. Cada vez que lembro dela dizendo isso, com uma voz decidida, sorrio como um bobo.

∞

Um dia antes da minha ida para São Paulo, convido a Nicole para ir almoçar comigo em uma cantina italiana que a gente adora. Já faz dias que tenho notado que ela está diferente, me evitando e também calada. Essa não é a minha Nick, que sempre foi tão alegre e falante.

Pela manhã, mandei mensagem para a Manu dizendo a ela que iria almoçar com a Nicole, não fiz isso porque tenho que dizer a ela tudo o que faço, fiz porque não há motivos para não fazer, ela gosta da Nicole e sei que não vai se importar com o nosso almoço, assim que ela leu a mensagem, respondeu dizendo que gostaria de poder ir também e me pediu para descobrir o que estava acontecendo com a “sua amiga”. Respondi brincando, dizendo que estava perdendo a minha amiga para ela e segundos depois ela

respondeu dizendo que sim, que agora eu teria que dividir a minha melhor amiga com a minha namorada.

Se ela soubesse o quanto gosto quando ela se refere a si como a minha namorada. Eu nunca fui possessivo e a prova disso é a traição da Letícia, que fez justamente enquanto eu viajava sem imaginar que estava deixando-a livre para fazer o que bem quisesse, sim, Gustavo tem razão, eu tive a minha parcela de culpa e agora consigo ver isso com clareza, mas, com a Manuela, não é possessão, é zelo, é vontade de mantê-la perto de mim para ajudá-la a curar das suas feridas, somos igualmente marcados pelas rasteiras da vida e isso me faz desejar não permitir que ela sofra novamente, porque sei que se ela sofrer, eu sofrerei também.

Nick não me deixou buscá-la na vinícola, preferiu ir com o seu próprio carro e me esperar no restaurante. Rita, a minha mais do que empregada, preparou o almoço para a Bia e esperei ela terminar para levá-la para a escola, de lá, segui para o restaurante.

— Oi, baixinha. — cumprimento-a, assim que a vejo sentada em uma mesa no canto da cantina.

— Oi, branquelo. — ela beijo o meu rosto e nos sentamos.

— Antes de mais nada, eu achei muito estranho o seu convite e espero que você não tenha feito nenhuma merda com a Manuela e agora veio pedir a minha ajuda, porque eu juro que te parto a cara aqui mesmo.

Olho para ela espantado, como uma garota tão meiga pode parecer tão enfurecida de uma hora para outra?

— Pelo jeito a minha namorada ganhou uma aliada mesmo, né? Já vi que vou ter trabalho com vocês duas.

— Dani, a sua namorada é uma garota especial, se você a fizer sofrer, eu arranco o seu coração. Mas eu te adoro, tá?

Ela ri com a minha cara da abismado. Primeiro me ameaça e depois declara os seus sentimentos por mim. Vai entender...

— Pode parar com as ameaças, está tudo bem comigo e com a Manu. Eu a convidei para almoçar porque tem outra coisa me preocupando.

— Ai meu Deus, o que está acontecendo, Dani?

— Não sei, me diz você? — a encaro, desafiando-a.

Nicole se mexe desconfortavelmente em sua cadeira e toma um longo gole do seu suco de uva, sem tirar os olhos dela, eu a espero terminar de beber para fazer a pergunta novamente.

— E então, Nick, o que está acontecendo com você?

— Nada. – dissimula.

— Nick, não vamos voltar ao passado e relembremos há quanto tempo nos conhecemos. Você me conhece muito bem, mas acho que se esquece que eu também a conheço e embora eu não seja o amigo perfeito, porque sempre te dei muito trabalho, eu hoje estou bem e estar bem me permite ver as coisas ao meu redor... – faço uma pausa e percebo que seus olhos estão brilhando – estar bem me permite ver que a minha melhor amiga não está e me sinto péssimo porque talvez já tenha tempo que ela está assim e eu notei somente agora. – solto de uma vez, junto com todo o ar que estava em meu pulmão.

— Dani, você é um bom amigo, não quero que diga isso novamente. – finalmente ela diz após secar discretamente algumas lágrimas que começam a escorrer pelo o seu rosto.

— Então me diz o que está acontecendo, o que você está me escondendo?

Ela olha para baixo, para as suas mãos que se movimentam uma sobre a outra impacientemente e a ouço dizer baixinho.

— Gustavo está vindo para cá.

Meu coração dispara e sinto o meu sangue quente percorrer as minhas veias. Se eu pudesse, nunca mais ouviria falar no nome dele, mas não peço isso a ninguém porque sei que meus pais sentem falta dele, mas perdoo-lo é algo que não estou tentado a fazer. Tolero a Letícia por obrigação, por causa da Bianca, não há nada que me obrigue a tolerar o meu irmão, não há mais laços entre nós, o cara que me defendia na escola dos caras mais velhos, foi o mesmo que me apunhalou pelas costas duas vezes, ao saber que o filho não era meu e ao transar com a minha mulher.

— Diz alguma coisa, Dani. – ouço Nick dizer, e então volto o meu olhar para ela.

— Como sabe? – indago, como se a estivesse interrogando.

— No dia em que você e a Manu estavam na vinícola, eu fui atender o telefone e era ele.

— Meus pais sabem?

— Claro, contei a eles assim que desliguei o telefone.

Eu deveria estar bravo com eles, por não terem me contado, entretanto, não posso exigir que eles façam uma escolha, Gustavo os decepcionou demais, mas ainda é filho deles, não se deixa de amar um filho assim, por motivos como esses. Eu também já os decepcionei com as minhas bebedeiras e ainda assim, tenho os melhores pais do mundo.

— Nick? – a chamo.

Ela ergue o olhar para mim.

— Ainda tem algo que não entendo... Você está calada esses dias todos só porque o meu irmão, digo, o Gustavo, está vindo para o Brasil? Está assim por minha causa?

Seus olhos se arregalam e ela vira olhar para a lareira, na nossa lateral.

— Dani...

De repente tudo fica claro, é óbvio que não é por mim que ela está assim, não é por estar preocupada com a minha reação ao saber que o meu irmão está vindo para cá, meu Deus, como eu fui cego, esse tempo todo e nunca me dei conta.

— Você gosta dele, não é? – quando percebo, não estou apenas perguntando, estou acusando.

— Não é assim tão fácil de explicar, Dani.

— Como você pode? – pergunto incrédulo. – Ele destruiu a minha vida! – digo exasperado, ela me olha assustada e percebo que ergui o tom de voz.

— Para, Daniel! Por favor! – pede, com a voz embargada.

— Me diz, Nicole, ele me apunhalou pelas costas e como você pode ainda assim, gostar daquele homem? Ele me levou ao inferno!

— Você acha que é tem sido fácil para mim, Daniel? Acha que dói mais em você do que em mim? Acha que eu gosto dele propositalmente? – ela emenda uma pergunta na outra, quase sem respirar. – Pois eu te digo que não! Eu me odeio por sentir o que sinto por ele. Me odeio porque ele não merece o que sinto, porque ele nunca sequer me olhou direito, porque ele sempre me maltratou, me esnobou, como se fosse superior, sempre foi você quem me protegeu como amigo, sempre foi você quem esteve ao meu lado e eu preferiria ter me apaixonado por você e ter perdido você para a Manuela do que ter me apaixonado pelo o seu irmão. A gente não controla isso, Daniel!

Droga! Ela está certa e eu sei que acabo de pegar pesado com ela, mas não consigo admitir que a minha melhor amiga, que amo tanto quanto amo a Mariana, minha irmã, esteja apaixonada pelo cara responsável pela a minha desgraça.

Eu fico em silêncio, tentando ponderar as palavras.

Ela coloca o guardanapo sobre a mesa e começa a se levantar. Mentalmente, tento impedi-la, tento dizer que só preciso de tempo para assimilar essa nova informação, tento pedir que ela me dê um tempo, mas, não consigo verbalizar nada do que está se passando pela a minha cabeça.

— Sabe, Daniel. Eu adoro você, mas acho que está na hora de você parar de culpar os outros pela a sua desgraça – ela faz aspas ao dizer a palavra desgraça — O seu irmão e a sua mulher, te apunhalaram pelas costas, mas beber até cair e se tornar alcoólatra, foi escolha sua e de mais ninguém.

A encaro espantado e vejo dor nos olhos dela, abro a boca para pedir que ela fique, mas ela já está com a sua bolsa na mão e decidida e ir embora.

— Quando esfriar a cabeça e pensar no que te falei, a gente conversa. Só quero que saiba que a sua dor, não é a única, ok?

E então ela vai embora, me deixando com suas palavras rodopiando em minha mente.



Nicole

Vai garota. Veste a tua melhor roupa, passa o teu melhor perfume, calça o teu melhor sapato e vai ser feliz. Abre o teu guarda-roupas e também o teu coração, escancara para o mundo quem você é de verdade. Sem medos. Sem amarras. Vai. Se joga e corta a corda. Vai para não voltar.

(Vai ser feliz – Giulliana Fischer Fatigatti – Blog Entre o Caos e a Ordem)

Quando Daniel começou a conversa dizendo que estava me achando estranha, eu nunca imaginei que iríamos terminar a conversa assim, com os dois praticamente brigados. Eu sinto por ele um amor incondicional, e achei muita graça quando a Manuela me questionou se eu era apaixonada por ele, talvez eu seja, se paixão também puder ser usada para representar um sentimento entre amigos, mas a forma como ele me tratou hoje, me deixou profundamente magoada. Ele me interrogou, me julgou e em momento algum se deu conta de que eu posso estar sofrendo mais por gostar do irmão dele, por culpa dele mesmo, do que ele, que se sente traído.

Dirijo de volta para a vinícola com lágrimas escorrendo pelo o meu rosto. Eu não queria que ele soubesse dessa forma, eu não aguentava mais guardar esse segredo dentro de mim, mas, acho que vou pagar um preço muito alto por ter permitido que ele viesse à tona: a amizade do Daniel.

Quando estou estacionando na vinícola, meu celular apita e vejo que é um WhatsApp da Manuela. Ele deve ter ligado para ela e agora espero que não tenha descontado a sua decepção nela também.

Manuela: *Nick, acabei de retornar do almoço e estou indo para uma reunião e por isso não posso te ligar agora. O Dan me ligou. Ele está péssimo e sei que ele foi horrível com você. Fica bem. Estou do seu lado. Te ligo mais tarde. Beijos.*

Ela é mesmo uma garota incrível e eu fico muito feliz por Daniel tê-la encontrado. Começo a digitar a resposta.

Nicole: *Manu, por favor, não se indisponha com ele por minha causa, ele tem os motivos dele para ter agido como agiu, a gente sabe. Eu vou ficar bem, quem sabe agora caio na real uma vez por todas e desencano dessa paixão ridícula e platônica. A gente se fala mais tarde. Beijos.*

Fico alguns minutos trancada dentro do meu carro, pensando em toda a minha vida, pensando no quanto já perdi ao apenas assisti-la passar, sem nada de bom fazer. Eu amo a vinícola e amo o Pedro e a Marta, mas, talvez tenha chagado a hora de eu fazer algo por mim. Pela primeira vez.

Decidida, enxugo as lágrimas e retoco a maquiagem antes de descer. Se eu não fizer isso agora, talvez não farei nunca mais. Vou contar para os dois sobre o que sinto em relação ao Gustavo e vou contar sobre a minha conversa com o Daniel.

Eu vou pedir demissão.

Nunca estive tão certa de que estou prestes a fazer a coisa certa como estou agora. Lembro da Manuela contando que decidir viajar foi a decisão mais certa que ela já fez, talvez eu devesse fazer algo parecido, tenho uma boa reserva, fruto da minha economia de anos, não há nada que me prenda aqui e não quero estar aqui quando o Gustavo chegar.

Desço do meu carro e procuro pelos os meus patrões, estou sendo dominada por uma sensação de coragem, e apesar de estar triste por me afastar deles, que são como a minha família, o sentimento de otimismo, de que estou fazendo o que tem que ser feito, me domina. Encontro os dois no escritório. Bato na porta e peço licença para entrar.

— Marta. Pedro. Eu preciso falar com vocês!



Daniel

“Got no reason. Got no shame. Got no Family I can blame. Just don't let me disappear. I'mma tell you everything.”

“Não há razão. Não há vergonha. Não há família a quem eu possa culpar. Não me deixe desaparecer. Eu vou lhe contar tudo”.

(One Republic – Secrets)

Após o que aconteceu hoje no almoço, eu desisto de ir até a vinícola para me despedir dos meus pais antes de viajar para São Paulo amanhã, volto para a minha casa e começo fazer a minha mala. Pretendo ficar não mais do que uma semana, quero voltar logo para me dedicar ao meu projeto, quero fazer uma surpresa para a Manuela e terminar esse livro faz parte dessa surpresa. A Letícia vai buscar a Bia na escola e ficará com ela até o dia seguinte, quando a minha mãe irá buscá-la cedo, antes da aula. Tenho que agradecer a ajuda que os meus pais dão, sem eles, não sei como eu conseguiria.

Enquanto coloco as roupas na mala, a lembrança da Nick dizendo que eu responsabilizo todos pela a minha desgraça me vem à mente.

Será que eu faço isso mesmo? O que ela espera? Que eu diga que eu sou o culpado pela a minha esposa me trair com o meu irmão? Eu já cansei de dizer que sei que tive a minha parcela de culpa ao deixa-la tanto tempo sozinha, mas eu não consigo assumir toda a culpa porque não me sinto assim, cem por cento culpado.

Eu peguei pesado com a Nick. Ela já suportou poucas e boas por minha causa, para ficar ao meu lado, para não me deixar cair e eu sei que ela esperava mais de mim quando confessou estar apaixonada pelo o meu irmão. Mas merda! Será que ela não percebe que ela é boa demais para ele e que ele não merece o que ela tem a oferecer? Se fosse antes, eu seria o primeiro a apoiá-la, faria de tudo para que os dois ficassem juntos, se fosse na época em que o meu irmão era o meu melhor e fiel amigo, eu ajudaria a Nick a todo custo. Pena que não consigo fazer isso agora, pena que não consigo aceitar

essa história. Pena que magoei a minha amiga.

Estou saindo do chuveiro quando ouço o meu telefone tocar, ainda molhado, enrolado em uma toalha, corro até o meu quarto e atendo, vendo no visor antes, de que é a minha mãe.

— Dan, filho, o que houve com a Nicole? – sua voz sai apressada.

— Como assim, mamãe? – pergunto preocupado, pensando no pior.

— Ela veio aqui depois do almoço, disse que queria conversar comigo e com seu pai e pediu demissão.

Culpa me domina. Eu fui o causador disso e agora tenho vergonha de dizer para a minha mãe.

— O seu pai não aceitou. – continuou a minha mãe, diante do meu silêncio. – Ele disse a ela que ela poderia se ausentar pelo tempo que fosse, dias, meses, ou até um ano, mas que ele só iria aceitar a demissão dela, quando ela retornasse.

Retornar? Do que a minha mãe está falando?

— Mãe, para aonde ela vai? Como assim retornar?

— Filho, tem alguma coisa de grave acontecendo com a Nick e você precisa ajuda-la, ela como se fosse da família... – minha mãe sempre se preocupou com a Nick e a tratou como uma filha, eu posso entender a sua preocupação, só não entendi ainda essa história de retornar.

— Mãe, eu quero ajudar a Nicole, mas você precisa me dizer o que ela disse para vocês, retornar de onde?

— Ela só disse que queria um tempo para viajar, cair no mundo com uma mochila nas costas, disse que precisa enterrar algumas coisas para seguir em frente e que se ficar aqui, iria decepcionar a todos nós. Principalmente você. – ouço minha mãe soltando um profundo suspiro. – O que aconteceu com vocês?

— Mãe, nós apenas nos desentendemos, mas eu não posso falar o motivo, não cabe a mim, somente a ela. Pode deixar que vou ligar para ela. Fica tranquila.

— Você vai fazer isso antes da sua viagem para São Paulo?

— Sim, mamãe, vou fazer agora. Eu te ligo depois, pode ser?

— Está bem meu filho, fica com Deus.

— Você também, mamãe.

Eu mal desligo o celular e visto minha boxer, ele toca novamente, dessa vez, o rosto claro da minha Manuela, aparece no visor.

— Oi. – falo assim que atendo.

— Oi. – ela responde, com a voz ríspida.

— Está tudo bem? – pergunto, sentindo que há algo de errado.

— Dan, como você pôde se virar contra a sua melhor amiga? – ela altera o tom de voz, e agora está quase gritando ao telefone.

— Vocês se falaram então?

— Ela me ligou. Está chateada. Disse que quer dar um tempo de tudo, fazer algo de útil para a vida dela, você tem noção de como ela deve estar se sentindo?

— Manu, pega leve, eu também não estou feliz com o que aconteceu hoje no almoço, porém você tem que entender que não é fácil para mim saber que a minha melhor amiga está apaixonada pelo cara me tanto me fez sofrer.

— Amando. – Manu retruca. – Ela não está apaixonada pelo o seu irmão, Daniel, ela o amo, há anos e por mais que seja difícil para você, se você gosta mesmo da sua amiga, vai ter que aceitar que sim, ela ama o cara que você culpa pelo o seu sofrimento.

— Você fala como se eu fosse o errado da história.

— Não é esse o ponto, Daniel. Não há errado ou certo, você sofreu e fez suas escolhas para conseguir passar por isso, culpar a Letícia ou o seu irmão pelas as escolhas erradas que fez, não vai adiantar, o que vai adiantar é você parar de olhar para trás e seguir em frente.

— Olhar para trás? – pergunto exasperado. – Então somos bons em fazer isso, Manu, porque você parece olhar para trás mais do que eu.

— O que está insinuando, Daniel?

— Onde você foi logo no dia seguinte que chegou de volta em Sampa? Não, não precisa dizer, eu digo. Você ao cemitério, você foi se encontrar com o seu passado! – solto de uma vez só, sem me dar conta da grande besteira que acabei de fazer.

— Isso foi cruel, Daniel. – ela diz, ficando em silêncio em seguida.

— Foi horrível. – respondo, arrependido do que disse segundos atrás. – Me desculpa, acho que você e a Nicole estão certas, eu preciso parar de culpar todo mundo pelas as minhas fraquezas. Meu irmão não me obrigou a beber até cair, a Letícia não me induziu a beber até perder a consciência. Eu sou o responsável por isso. Somente eu.

Ela fica em silêncio e eu só sei que ainda está na linha porque ouço a sua respiração pesada.

— Isso não está dando certo, Dan. – ela diz e nesse exato momento,

sinto que meu mundo vai sair do lugar. O que ela quer dizer com não estar dando certo?

— Manu, o que você está querendo dizer? – pergunto, me esforçando para não transparecer que estou assustado.

— Eu quero dizer que essa conversa não está dando certo, era para a gente estar conversando sobre a saudades que um está sentindo do outro, conversando sobre o quão ansiosos estamos para o dia em que você vai vir me visitar, éramos até para estarmos falando sacanagem pelo telefone, mas, não isso, não o que estamos fazendo.

Ela fica em silêncio enquanto eu tento absorver cuidadosamente as suas palavras para que eu não as interprete de forma errada. Inalo um longo suspiro, soltando-o em seguida.

— Você está certa, eu fui um idiota com a Nicole e estou sendo novamente. E eu estou com saudades do seu cheiro, de beijar a sua boca e tocar o seu corpo.

— Essa foi a frase mais romântica que você disse, senhor Daniel. – ela responde, brincando.

Eu respiro aliviado.

— Eu vou consertar as coisas, tá bom?

— Eu espero que sim, meu namorado. E a propósito... – faz uma pausa – Também estou com saudades do seu beijo, não vejo a hora para que chegue o final de semana e você esteja aqui comigo.

— Só mais alguns dias, bela. – eu odeio fazer o que estou fazendo, mentindo para ela, mas, quero surpreendê-la ao me ver amanhã, será por uma boa causa.

— Vou tomar banho, a gente se fala amanhã?

— Claro, até amanhã, bons sonhos.

— Beijos, Dan.

— Beijos, Manu.

Desligo o telefone sabendo o que tenho que fazer e fazer isso vai me custar um pedaço do meu próprio coração. Eu sei que vai sangrar e às vezes, não podemos evitar o sangramento, tudo o que temos que fazer é deixar que sangue jorre até que estejamos prontos para estancar a ferida e seguir em frente.

Está na hora de eu deixar o sangue jorrar.

Vou com o celular nas mãos até a varanda e me acomodo na rede, digitando o número dela.

— Alô? – sua voz baixa me faz ter a certeza de que ela não está bem.
— Nick... – respiro. – Quero conversar...
— Não é uma boa hora, Daniel.
— Eu entendo... E que tal amanhã, no avião?
— Que avião, Daniel?
— O que você vai pegar comigo para São Paulo, vamos ver a Manu.
— Daniel, do que você está falando?
— Você já foi mais rápida, garota. – digo, tentando ser divertido. – Estou te convidando para ir para Sampa comigo, a Manu não faz ideia de que vou amanhã, é surpresa e será surpresa também se você for comigo.

Ela fica em silêncio, o que me deixa preocupado. Não dei tempo a ela para que dissesse algo sobre a nossa conversa do almoço, então, não sei ainda o quanto ela está brava comigo.

— Nicole? – a chamo. Ouço— a suspirar.
— Eu não sei o que dizer, você está falando sério, vai mesmo me levar para conhecer São Paulo?

— Isso é um sim?
— Ai meu Deus! – ela grita do outro lado da linha, me fazendo sorrir como um bobo. – Eu ainda não te perdoei, Daniel, mas quem sabe te perdoo por lá.

Essa é a minha amiga. É por isso que eu a adoro.
— Você quase matou os meus pais do coração quando disse que queria dar um tempo, sabia? Eles te adoram.

— Desculpa, Dan, mas eu preciso mesmo fazer algo de diferente na minha vida.

— Então arruma as malas, menina maluquinha, te busco com o táxi amanhã, na hora do almoço.

— Já estou indo arrumar.
— Até, Nick.
— Obrigada, Dan.
— Desculpa, Nick.
— Chega. – ela encerra, me fazendo rir.
— Até.

Pronto! Agora é deixar sangrar, porque sei que terei que aceitar que a minha melhor amiga está apaixonada pelo o meu irmão e sei que isso vai doer por um bom tempo.



Manuela

“Por tanto amor. Por tanta emoção. A vida me fez assim. Doce ou atroz. Manso ou feroz. Eu, caçador de mim. Preso a canções, entregue a paixões que nunca tiveram fim. Vou me encontrar, longe do meu lugar. Eu, caçador de mim.

(Milton Nascimento – Caçador de Mim)

Mr. Jones começa a tocar em meu celular, me fazendo abrir os olhos. Talvez seja a hora de mudar de música. Penso, enquanto Couting Crows canta. Levanto-me com um ânimo impressionante, tomo banho, escovo meus dentes e sem escolher muito, me visto para o trabalho. Opto por um vestido preto que desce até os joelhos, com cinto no mesmo tecido e um *scarpan* na mesma cor. Fazia tempo que eu não me vestia assim.

Antes de sair do meu quarto, me olho no espelho e ver a minha própria imagem nele, maquiada, em um vestido e usando saltos, me faz lembrar do Léo e de como ele gostava de me ver vestida assim. De como eu gostava de me vestir assim só para ouvir um elogio dele, só para ler à noite, pelo Facebook ou pelo Skype, o quanto ele havia me achado linda na faculdade. Só para ver o “toc, toc” piscar na tela e fazer o meu coração acelerar.

Me sinto culpada, porque nesse mesmo momento em que essas lembranças recaem sobre mim, eu desejo poder voltar ao tempo para viver essa sensação apenas mais uma vez que fosse, só mais uma vez. E desejar isso me faz me sentir mal pelo Daniel, porque perder o Leonel foi a dor mais aguda que já senti em toda a minha vida, mas, agora que tenho o Daniel, não suportaria perde-lo também.

Perder... A vida às vezes parece mesmo um jogo, ora estamos perdendo e ora estamos ganhando. E às vezes, ganhamos enquanto perdemos. O que sei é que não há regras para que as perdas e os ganhos aconteçam, não há momento certo ou errado para isso e nós nunca estamos preparados.

Quando o Léo me contou sobre a doença dele no hospital e eu o questionei sobre quanto tempo ele teria e ele respondeu dizendo apenas a palavra “pouco”, eu sei que naquele momento eu comecei a me preparar para o pior, entretanto, se preparar para o pior nunca é o suficiente quando esse pior é perder quem amamos. Essa, com certeza foi a maior lição de todas que tive com a partida do Léo, foi o que me levou a sentir a necessidade de mudar. Infelizmente, a gente só faz isso quando o jogo da vida vira e nos arremessa para o começo novamente. Perder ele foi como ser arremessada ao começo, os dados foram lançados e apontaram para o meu rosto dizendo que eu tinha que recomeçar e que tinha que evitar os erros anteriores.

E eu errei. Inferno! Como eu errei ao me segurar, ao não dizer ao Léo o que eu sentia, no momento em que sentia. Como eu errei em não dizer mais vezes que eu o achava lindo, em segurar aquele maldito eu te adoro no quarto do nosso motel, em não pedir para termos um encontro como um casal, em não ter passado uma noite inteira com ele. Em não ter dito que o amava.

Respiro fundo e secando uma lágrima, afasto os pensamentos da mente. Você está recomeçando, Manuela. Está no caminho certo.

Despeço-me da minha mãe e sigo para a agência. No caminho, recebo uma mensagem do Daniel.

Sim. Eu estou no caminho certo.

Daniel: *Que você tenha um excelente dia. Acordei pensando em você. (Que novidade!). Beijos do seu apaixonado-babão-namorado.*

Cumprimento o porteiro do prédio da Free Mind enquanto leio a mensagem do Dan e rio sozinho. Ele deve ter me achado maluca. Enquanto o elevador sobe, digito a resposta.

Manuela: *Bom dia, MEU namorado-babão-apaixonado? Saudades de você, que seu dia seja lindo. Beijos da SUA namorada-nas-nuvens-também-apaixonada!*

Porque se existe o momento certo para eu dizer que estou apaixonada por ele, agora é o momento. Sempre será.

A porta do elevador se abre e caminho passando pela recepção que ainda está vazia, alcanço as escadas e recebo mais uma mensagem dele.

Daniel: *Por que o “?” no apaixonado? Tinha alguma dúvida? Gostei do “!” no apaixonada. É a primeira vez que diz estar...*

E quem disse que homem não repara? Coloco a minha bolsa dentro do armário embaixo da minha mesa, ligo o meu computador e digito mais uma mensagem.

Manuela: *Não. Dúvida acho que não, mas gosto quando reforça a minha suspeita... E quanto a primeira vez, agora que foi, aguenta, porque peguei gosto e não vou mais parar de dizer. Tenha um bom dia!*

Espero até ele não aparecer mais como online no WhatsApp para então começar a ver a minha agenda do Outlook. Renato fez questão de que eu comesse a participar de todas as grandes reuniões com os clientes para que eu voltasse a me inteirar dos projetos em andamento, hoje teremos duas reuniões na agência, na parte da manhã e uma logo após o almoço, em um cliente que possui um dos seus escritórios no prédio em frente ao nosso. Começo a analisar as imagens do primeiro projeto quando Renato entra, parando em minha mesa.

— Bom dia, Manuela! Tudo bom?— diz, me cumprimentando com um beijo no rosto. Deus, que perfume é esse? Eu havia me esquecido de que o Renato é sempre muito perfumado.

— Bom dia, Renato. Bem e você?

— Ótimo! Podemos conversar na minha sala daqui a meia hora? Quero repassar com você alguns pontos do projeto do cliente das nove da manhã.

— Claro, podemos sim. — falo empolgada.

Quando eu decidi largar tudo para ir viajar, eu achei que nunca mais conseguiria voltar a trabalhar com publicidade e propaganda, porque além do fato de que me faz lembrar do meu pai, me faz lembrar também do Léo e acho que foi por isso que cheguei a acreditar que não conseguiria mais estudar e trabalhar com isso. Ainda não sei se é o que quero para o resto da minha vida, mas agora já não me dói a ideia de trabalhar com isso por algum tempo. Estar de volta na agência é reviver muitos sentimentos dos quais eu fugi com a morte do Leonel.

Após acertarmos alguns pontos do projeto, Renato e eu fomos para a sala de reunião, onde o nosso cliente, uma franquia grande de loja de calçados, estava a nossa espera. Passo o tempo todo observando Renato, como ele justifica o seu ponto de vista e suas sugestões, como ele convence o cliente de que a cor marrom não vai ficar bem junto com a imagem que ele havia escolhido para estampar os outdoors da cidade e como ele consegue facilmente cativar um cliente difícil.

A segunda reunião foi mais demorada e saímos dela já quase na hora do almoço. Para não ficar cansativo, devido ao fato de que teremos mais uma reunião ainda hoje, Renato me libera para fazer duas horas de almoço, contrariada, acabo cedendo. Estou passando pela recepção do prédio após

voltar da lanchonete do outro lado da rua quando sou surpreendida com uma voz conhecida me chamando. Eu me viro já com o coração acelerado.

— Paulo. – falo, dando alguns passos para cumprimentá-lo.

— Manuela, que prazer revê-la. – ele diz, dando um beijo em meu rosto.

— Digo o mesmo, Paulo. – ele não precisa saber o quão difícil está sendo olhar para ele agora e não cair no choro. Todas as lembranças que ele me traz, são do Leonel no hospital, são dele indo visitá-lo dia sim, dia não, são dele me abraçando no dia do enterro, dizendo que o Léo gostava muito de mim.

— Está subindo? – ele pergunta, apontando para o elevador.

— Estou sim. – digo. – Você veio falar com o Renato?

— Na verdade vim para conversar com você. – ele me olha com curiosidade, estudando a minha reação.

Fico confusa com o que ele disse e pergunto para ter a certeza de que não me enganei.

— Você veio para conversar comigo, é isso?

— Sim. Podemos subir ou ir para algum outro lugar?

— Bom, ainda tenho uma hora de almoço, quer ir até a lanchonete? – proponho.

— Claro. – ele faz sinal com a mão, para que eu caminhe na frente dele e seguimos.

— Como soube que eu estava aqui? – pergunto, após termos pedido um café.

— Renato me contou.

— Renato? – pergunto confusa.

— Sim, semana passada, tive que fazer algo muito difícil. Esvaziar a antiga sala dele... — ele faz uma pausa, parecendo estar desconfortável em dizer o nome do Léo. Eu o ajudo e digo por ele.

— Leonel. – falo.

Ele ergue as sobrancelhas e força um sorriso.

— Sim, a antiga sala do Leonel. Na próxima semana, começará conosco um novo gerente de marketing. Após a morte do Leonel, pedi para que uma das minhas secretárias juntasse os objetos pessoais dele e colocasse em uma caixa para que eu pudesse entregar à mãe dele, ela fez isso e eu fui pessoalmente entregar a caixa, no mesmo dia, a mãe dele me entregou o notebook que ele usava, uma vez que era da empresa. Eu segui a norma da empresa e enviei o equipamento para que T.I fizesse as devidas análises e

checagens nos e-mails recebidos, para que fossem encaminhados para o meu e-mail e então, Rafael, o estagiário de informática, me chamou para mostrar uma coisa.

Ele faz uma pausa e eu grito mentalmente para que ele continue.

— Eram e-mails salvos na pasta de rascunhos do e-mail da empresa. Pela data em que foram salvos, ele os escreveu quando já estava internado. Eram para você.

Sua última frase faz com que eu engula seco, como se estivesse engolindo um espinho. Tento disfarçar o meu nervosismo quando o vejo abrir a sua pasta e me entregar um grande envelope pardo.

— Eu os imprimi antes que a conta de e-mail dele fosse deletada, com a intenção de lhe entregar, mas pouco tempo depois, você saiu da agência e eu os mantenho comigo desde então. Semana passada estive em reunião com Renato e ele me contou que você voltaria para a agência e por isso estou aqui, fazendo o que tem que ser feito.

Seguro o envelope e o abraço junto ao meu corpo. Eu quero sair logo desse lugar, me trancar no banheiro e ler o que diz nesses e-mails.

— Eu não tenho palavras para agradecer, Paulo. — falo, assim que ele pede para a garçonete trazer a conta e a máquina de cartão.

— Não precisa agradecer, Manuela. Ele gostava muito de você.

Nos despedimos na porta da lanchonete e eu corro abraçada com o envelope para a agência, me tranco na sala de reunião que quase não usamos mais, sento no chão e tiro as folhas do envelope.

De: Leandro Henri

Para: Manuela Lopes

Assunto: Aqui

Toc, toc, posso?

Linda, você está trabalhando enquanto estou olhando para as paredes verdes desse quarto e pensando em você. Aliás, você sabia que a cor verde é a cor da saúde e da cura? Acabei de ouvir isso da assistente social. Sim. Ela veio conversar comigo porque meus médicos estão preocupados comigo. Achem que estou em uma espécie de fuga da realidade, só porque não faço como os outros pacientes que estão à beira da morte (me desculpa por usar a palavra), acontece que talvez esses outros pacientes não tenham aceitado as suas condições como eu aceitei a minha, talvez eles ainda estejam à procura daquilo que eu já encontrei: o amor.

É, Manu. Você é a responsável por eu ter tido que conversar durante uma hora com a Flávia, a assistente social. Porque eu encontrei você...

Tentei explicar a ela que estou em meu estado normal e que aceito os planos de Deus para mim porque ao contrário de muita gente que envelhece e morre aos noventa e poucos anos, os poucos que eu vivi, principalmente os dois últimos (não preciso dizer o porquê), fizeram de mim, um homem feliz.

É claro que eu gostaria de viver mais uns sessenta anos, é claro que eu questionei Deus quando soube que a destruidora de vidas havia voltado, e questionei mais ainda depois que me descobri apaixonado por você. Foram tempos difíceis, Manuela.

Minha vista embaçada me obriga a parar de ler por alguns instantes enquanto tomo a cabeça para trás, encostando na parede, em busca de ar.

Por que ele nunca me disse nada disso? Por que ele escondeu o que sentia? Por que eu escondi?

Seco as lágrimas e volto a ler.

Enquanto questionava Deus, tentava me afastar de você, tentava te esquecer e sei que te fiz sofrer com isso. Mas Manu, acredite, doeu tanto em mim quanto em você, cada vez que eu te cortava, eu cortava a mim mesmo. Nascemos para ficarmos juntos, Manuela e eu demorei para aceitar que esse ficar juntos não significava obrigatoriamente, a vida inteira.

E eu que comecei esse e-mail para falar que estava pensando em você enquanto as paredes verdes de cura me encaravam, estou agora contando um pouco do lado da nossa história que você não conhece. Pena que a medicação que me deram para a dor, está começando a fazer efeito e eu não me sinto mais em condições de digitar.

Não! Por favor, Léo. Escreve mais. – falo comigo mesma, virando o papel para ver se tem mais alguma coisa escrita.

Chorando, coloco o e-mail de volta no envelope e pego outra folha, seco novamente as lágrimas, esfregando os olhos em meu braço e começo a ler.

De: Leonel Henri

Para Manuela Lopes:

Assunto: Seu sorriso

Toc, toc, posso?

Não sei como consegue dormir nessa poltrona. Eu queria que você dormisse aqui, na cama comigo, mas, você é teimosa e acha que vai ficar desconfortável para mim. Desconfortável é pensar que um dia não poderei mais ver você sorrindo enquanto dorme. Eu nunca tinha visto isso... alguém

sorrir enquanto dorme. Você fica linda sorrindo com os olhos fechados, Manuela.

Estou sem sono. Acho que dormir demais no horário em que não podia dormir. Não, deixa de mentir Leonel, fala a verdade! A verdade é que estou com sono sim, mas, tenho ficado o máximo de tempo acordado à noite, só para te ver descansar.

Eu queria que você entendesse que você também marcou a minha vida da mesma forma que sei que estou marcando a sua.

Acho que vou dormir... você é linda...

Mais um rascunho de e-mail não terminado. Meu Deus, eu só queria ter lido isso tudo antes. Eu só queria ter ficado acordada, como ele ficava, que ter aproveitado melhor cada segundo do Léo vivo.

Pego a última folha do envelope e com as mãos trêmulas, talvez por saber que é a última, começo a ler.

De: Leonel Henri

Para: Manuela Lopes

Assunto: Você é fascinante.

Toc, toc, posso?

Eu sei que acabamos de nos falarmos por e-mail. Sabe que gostei dessa brincadeira de dizermos o que vemos um do outro?

A lembrança daquele dia, me vem à mente. Trocamos e-mails pela manhã e ele me deixou à tarde. Meu coração se aperta. Não consigo respirar. Fico de pé com o e-mail na mão, começo a caminhar de um lado para o outro até conseguir voltar a ler.

Você é uma mulher fantástica, Manu e eu desejo tanto que você seja feliz que se Deus dissesse que eu posso fazer um pedido, mas que só não posso pedir para não partir, eu pediria a Ele que me deixasse acompanhá-la de onde quer eu esteja. Será que vou conseguir?

Hoje acordei me sentindo estranho, primeiro foi o aperto no coração. (Não o aperto por causa da doença, um aperto diferente), depois, enquanto nos falávamos por e-mail, um sentimento estranho de paz me dominou. Eu estou em paz, Manuela.

Seríamos um casal feliz, não seríamos? Gosto tanto do seu jeito, sei que você é o tipo de mulher que todo homem quer ter ao lado. Nesse tempo todo, mesmo após todas as besteiras que fiz para afastá-la de mim, você nunca me julgou. E também nunca desistiu. Que homem não gostaria de ter uma mulher como você?

Eu não vejo a hora de você sair do trabalho e chegar aqui. Está um pouco difícil respirar. Desculpa. Não quero ficar escrevendo sobre coisas ruins. Só quero te ver. Preciso olhar em seus olhos.

Acabei de lembrar do amorzinho. A forma como nos entregávamos fazendo. Nossos bons momentos. Será que sentirei falta disso, de onde eu estiver?

Você já está chegando? Está doendo. Uma dor estranha...

Vou parar de escrever um pouco e descansar. Volto mais tarde.

Voltei. Faz dez minutos que parei de escrever. Não consegui descansar e parece que tenho tanta coisa para dizer. Não tenho tempo a perder. Não agora.

Manu, obrigada. Por todos os momentos. Seja feliz. Você foi a pessoa certa e eu

E? Não, por favor, não diz que esse é o final, Leonel!

Eu viro a folha e ela está em branco. Procuro a continuação no envelope, tem que ter continuação. Ele não pode ter terminado assim.

Ah meu Deus! Ele escreveu esse e-mail antes de...

Caio sobre os meus joelhos e choro descontroladamente. Esse foi o último rascunho. Lembro que quando cheguei no hospital, a irmã dele disse que ele perdia a consciência e voltava, que às vezes não dizia coisa com coisa, então, esse e-mail deve ter sido escrito pouco tempo antes... pouco tempo antes dele morrer.

Coloco a mão na boca para abafar o grito de dor que me vem à garganta.

Caída sobre os papéis, choro tudo o que tenho segurado. Choro por ele, por tudo o que ele deixou de viver, por tudo o que não vai mais viver. Por todos os nossos bons momentos e também pelos os momentos que não vamos mais ter.

Choro por estar seguindo em frente.

— Ei, Manu? — ouço a voz do Renato, ele abre a porta e corre até mim. — O que houve? — pergunta preocupado e então ele vê os papéis no chão. — Você encontrou com o Paulo, não foi?

Balanço a cabeça em afirmativo enquanto ele se senta no chão, me puxando para ele e me abraçando.

— Ele me disse sobre esses e-mails. Desculpa não ter te preparado para isso.

— Isso dói tanto, ler o seu último e-mail, saber que ele estava

escrevendo para mim pouco tempo antes de morrer.

— Ei, não é para doer, Manuela. Ela jamais faria isso para machucá-la. Você ganhou um presente, pense por esse lado. Você agora sabe que esteve nos pensamentos dele mais do que você mesmo imaginava, você ganhou um presente de Deus, não haja como se fosse um castigo.

Entre soluços e lágrimas eu agradeço o Renato pelas palavras ditas. Ele tem razão. O Léo me deixou um presente sem saber. E mesmo que ele não tenha conseguido terminar a frase, eu sei o que ele quis dizer. Porque sentimos a mesma coisa.

— Eu estava atrás de você para saber se já estava pronta para ir à reunião, mas acho melhor pedir para que o Luís te leve para casa.

— Não! – falo decidida – Me dá cinco minutos e eu estarei pronta.

— Você tem certeza de que está bem?

— Eu ganhei um presente, Renato. Minha única opção é estar bem. – respondo, juntando os e-mails, colocando-os de volta no envelope e me levantando do chão.

Obrigada por me fazer feliz e por me pedir para ser feliz. Eu estou sendo. Também amo você, Leonel. Para todo o sempre.



Nicole

“Eu sei que é pra sempre. Enquanto durar. Eu peço somente. O que eu puder dar”.

(Titãs – Porque eu sei que é amor)

Eu deveria estar odiando o Daniel pela a forma como ele me tratou no restaurante. Sim, eu deveria, mas eu não consigo! Somos amigos desde sempre e criamos um laço que nos permite dizermos ao outro, aquilo o que pensamos. Foi o que ele fez. Foi o que eu fiz. Acho que da mesma forma que ele me feriu com suas palavras, eu o feri com as minhas, chamando-o de alcoólatra, mas ainda assim, ele me procurou e sei que fez isso porque refletiu sobre o que eu falei a respeito de culpar todos por tudo o que aconteceu com ele.

Bom, talvez se fosse comigo, eu também culparia...

Eu nunca fui para São Paulo, estou animada com o convite do Dan, sei que estando lá, terei que me virar sozinha para dar espaço para o Dan e para a Manu, não quero ficar de vela dos dois, pensando nisso, fiz um roteiro de lugares que quero conhecer e que posso ir sozinha. Terminado de fechar a minha mala e mando uma mensagem para o Dan, avisando-o que já estou descendo. Ele me mandou uma mensagem há poucos minutos atrás dizendo que já estava chegando. Dou uma última olhada para o meu apartamento e saio, trancando a porta em seguida.

Cerca de dois minutos depois, um táxi encosta na frente do meu prédio com Daniel dentro, ele sorri quando me vê e desce para me ajudar com a bagagem, depois, entramos no carro e seguimos para Porto Alegre.

Já no avião, tiro da bolsa o meu Ipod e coloco os meus fones, Daniel me olha e franzi a testa, devolvo o olhar para ele.

— O quê? – pergunto.

— Pensei que fôssemos conversar. – diz, ajeitando a sua poltrona.

— Sêrio? Aqui? – pergunto confusa. — Sinceramente, não acho que seja o melhor lugar.

— Tudo bem, conversamos no hotel então.

— A gente podia é não conversar sobre isso em momento algum. – murmuro.

— Ok. – responde, colocando os fones dele.

— Ele sabe? – Daniel pergunta, cinco minutos depois de concordar em não falar sobre o assunto.

Olho para a janela, já não consigo ver o verde do Rio Grande do Sul e nem o azul de Santa Catarina. Tudo o que vejo são nuvens que parecem fazer desenhos no céu.

— Não. Ele não faz nem ideia. – respondo, sem olhar para ele.

— E como consegue? – sua voz é calma, sinto sinceridade em sua pergunta, sinto que ele não está mais me julgando, como fez no dia anterior.

— Eu não sei.

— Olha para mim, Nicole. – ele pede, tocando em meu rosto e me fazendo olhar para ele.

A contragosto, eu me viro. Sei que vou chorar se continuarmos com essa conversa e tudo o que eu quero é esquecer, nem que seja por alguns dias somente, todo esse drama que é estar apaixonada por um cara que nunca olhou para mim.

— Dan... Eu não quero fazer isso. Não aqui. Não hoje.

— Nick, eu vou respeitar a sua decisão, mas, antes preciso te contar algo, aí você decide se devemos encerrar o assunto ou não.

Olho para ele espantada, seu tom de voz já não é tão suave quanto há poucos segundos atrás, seus olhos azuis brilham de uma forma intensa enquanto ele coça o queixo. Eu o conheço o suficiente para saber que ele está nervoso, esse é o sinal, ele sempre fazia isso, de passar a mão no queixo, quando algo o incomodava ou quando estava nervoso.

— O que é? – pergunto, colocando um fim no silêncio que se formou após a sua última frase.

— Quando éramos mais novos, estávamos no colegial ainda, Gustavo me confessou gostar de você.

Pisco diversas vezes. Confusa. Ele só pode estar brincando.

— Isso não é verdade, é?

— Acha que eu inventaria algo assim? – ele pergunta, parecendo não ter

gostado por eu ter duvidado.

— Não... – falo, enquanto coloco as minhas mãos sobre as minhas pernas, na tentativa de contê-las.

— Ah meu Deus... Nick, você está tremendo! – ele passa o braço ao redor do meu ombro e me puxa para perto dele. – Quer conversar sobre isso ou devo parar?

Eu sei que ele está perguntando isso por causa do que eu disse há poucos minutos, sobre não querer conversar sobre o Gustavo, mas isso foi antes do Daniel dizer que o cara por quem sou apaixonada há sabe lá quanto tempo, também gostou de mim um dia.

— Você não desce vivo desse avião se não contar logo.

— Quando se tornou tão feroz assim?

— Quando eu descobri que o cara por quem sou apaixonada desde a juventude, confessou para o irmão dele, que é o meu melhor amigo, que gostava de mim. – falo, mostrando para ele que não estou brincando. Eu preciso saber o que o Gustavo disse e preciso saber agora.

— Uau. Eu não conhecia esse seu lado, Nick. Você é decidida.

— Sim. Eu sou. Quando eu quero. Eu tive que ser para convencer o seu pai de pegar um avião comigo e ir te buscar na Rússia. Tive que ser quando me segurei para não voar na cara da *vacatícia* da sua mulher quando você a flagrou com o cara que eu gosto.

— *Vacatícia*? – ele pergunta, em um tom mais alto do que deveria, fazendo a senhora do assento da frente olhar para trás. Dou de ombros e respondo.

— Vaca Letícia. – ele ri e eu rio também.

— Vamos lá – começa

— Estávamos no terceiro colegial e você no primeiro. Aquele cara que você saia, não me lembro o nome dele, o que tinha uma pinta horrível no nariz.

— Eduardo – o interrompo. – E não era assim tão horrível.

— Esse mesmo, Eduardo. Você estava saindo com ele, eu sabia que você não gostava dele, que só estava se divertindo e passando o tempo. Sabia que não era sério, mas o Gustavo não. Ele não te conhecia tão bem como eu, porque ele dedicava o tempo dele a te afastar dele ao invés de se manter perto de você.

— Isso parece tão surreal. – falo, ainda não acreditando que em algum momento o Gustavo tenha olhado para mim. Sempre tive a certeza de que

nem como a amiga do irmão dele ele era capaz de me ver, sempre me senti transparente na frente dele. – E então, o que tem o Eduardo?

— Então... Estávamos em uma festa da nossa turma e o Eduardo apareceu com uma garota, Tatiane, eu acho. Gustavo ficou furioso. Eu estranhei a reação dele, porque Nick, sabe o quão leal à nossa amizade eu sou, mas não fiquei assim furioso quanto o meu irmão que mal falava com você. Antes mesmo de eu ter tempo para perguntar a ele o que estava havendo afinal, ele já estava dando um soco na cara do Eduardo e ordenando que ele terminasse com você, caso contrário, você saberia o que ele havia feito.

Confusão. Minha cabeça parece rodopiar dentro dela mesma. Cubro a minha boca com as duas mãos, segurando o meu espanto que quer sair em formato de som.

— O Gustavo fez isso? – questiono espantada. Meu coração dispara, como se a ideia de que o Gustavo tenha feito isso por gostar de mim, automaticamente bombeasse mais sangue para o meu corpo e meu coração.

— Sim. Ele fez. E foi então que ele disse que gostava de você.

— Mas Dani, se ele gostava, por que nunca me deixou saber?

— Porque ele acreditava que você gostava de mim. – ele diz, olhando para baixo. – Na verdade, eu devo ter um pouco de culpa, afinal, vivíamos grudados.

Balanço a cabeça em negativo repetida vezes. Ainda sem acreditar. Não sei se ele gostou de mim durante todo esse tempo ou se foi somente um pequeno gostar. Mas ele gostou. E como eu gostaria que ele ainda gostasse.

Não Nicole, não faz sentido ele ainda gostar. Foi há muito tempo. Ele não faria o que fez com a esposa do irmão se ainda sentisse algo por você!

— Ei, o que está pensando? – Dani pergunta, quando vê que estou voando em meus devaneios.

— Que o mundo é injusto.

— Ele é Nick. Pior é que é, mas cabe a nós torna-lo justo.

— E como faço isso?

— Você não disse que ele virá para cá mês que vem?

— Sim. Foi o que ele disse.

— Então. Não tome nenhuma decisão antes disso. Eu serei o primeiro a te apoiar caso você decida viajar o mundo, serei o primeiro a te ajudar com tudo, mas não faz isso sem antes ficar frente a frente com o cara que você gosta.

— Dani, você está pedindo para eu me declarar para ele? — nesse momento a aeromoça passa servindo suco e biscoito, Dani pega dois copos e ela segue para a próxima poltrona.

— Não. — diz, bebendo o seu suco de laranja. — Estou apenas dizendo que se você fizer isso, viajar com a intenção de fugir, provavelmente vai se arrepender para o resto da sua vida.

— Você fala com tanta certeza. — respondo, considerando que ele possa estar certo sobre eu querer viajar para fugir.

— E eu tenho certeza, Nicole. A gente tem que fazer hoje tudo o que está ao nosso alcance para evitarmos o arrependimento de não ter tentando, amanhã.

— De repente o meu amigo virou um cara poético. — brinco, encostando a cabeça em seu ombro.

— A vida me obrigou. — ele responde, beijando a minha cabeça. Fecho os olhos e deixo que meus pensamentos tomem conta de mim. Com Gustavo à frente deles.



Daniel

“A melhor parte de mim, leva o meu caminho até você. Isso é o que me deixa mais forte. Me faz tão bem, me faz tão bem. Que perco o medo. E me sinto melhor. Já posso enfrentar todos os meus problemas”.

(NX Zero – A melhor parte de mim)

Assim que desembarcamos, checo o meu celular para ver se há alguma mensagem da Manu. Se tornou hábito nos falarmos todos os dias no horário do almoço dela e estranho ela não ter feito isso hoje.

Logo hoje.

Após alugarmos um carro e guardarmos nossas bagagens, Nicole me pede para levá-la até uma banca, dizendo que quer comprar um guia de São Paulo. Eu acho graça porque a minha caipira do Sul acha que a deixarei sair por aí sozinha, mesmo assim, a deixo comprar o tal guia e depois seguimos para o hotel.

Como pretendo surpreender a Manu no horário de saída do trabalho dela e falta mais de uma hora para isso, decido dar uma volta pelas redondezas com a Nicole. Trocamos de roupa e saímos.

Após levá-la para conhecer a avenida mais famosa de São Paulo, a avenida Paulista, seguimos em direção ao prédio em que a Manu trabalha. Não foi difícil encontrar a agência, com a ajuda da internet, em segundos localizei.

Pessoas entram e saem do imenso prédio, mas não consigo prestar atenção em ninguém, a minha ansiedade é unicamente por conta da Manu, é por causa dela que sinto como se eu pudesse sair por aí, pulando de prédio em prédio como aqueles caras que praticam aquele esporte diferente chamado “le parkour”, tamanha é a adrenalina que sinto correr em meu corpo.

Eu quero abraçá-la como se não estivéssemos ficados duas semanas separados. Como se o tempo não tivesse passado.

Do outro lado da rua, na cafeteria, está Nicole, sentada bem próxima à

janela de vidro, me observando divertida enquanto vez ou outra finge ler uma revista. Ela sorri quando vê que a vi me espionando e sorrio de volta.

No momento seguinte, seu rosto se fecha e seu olhar fixa em algo, eu o sigo, me virando para a direita e vejo ela. Tão linda quanto a tenho guardado na memória, seus cabelos ligeiramente bagunçados, sua bochecha rosada contrastando com a sua pele um pouco pálida e seus olhos claros como o mar do Caribe. Ela está tão bela quanto a imagino quando a saudades aperta e fecho os olhos com a esperança de vê-la.

- Mas quem é esse aí? – sinto o meu sangue ferver e minha respiração se alterar.

Caminhando ao lado dela, vejo um cara, bem vestido e cabelos milimetricamente arrumados, do tipo mauricinho boa pinta, os dois conversam e sorriem. Ela ainda não me viu. Meu coração acelera como se realmente seja possível que ele saia do meu peito. Posso sentir o sangue percorrer as minhas veias. Em um ato reflexo, fecho os punhos como se estivesse me preparando para uma briga.

Nicole fica de pé, me observando.

Manuela me vê.

Seus olhos refletem um misto de espanto e algo mais. O engomadinho dá mais alguns passos à frente até perceber que ela parou de caminhar.

Mas por que ela parou? Por que ela está hesitando?

Controlo o meu corpo que quer sair em disparada em direção a ela. Coloco as minhas duas mãos para atrás das minhas costas e a fito confuso. Quero correr para abraça-la. Pegá-la no colo. Tirá-la do chão, mas a sua fisionomia não me dá nenhuma dica se ela está feliz por me ver ou não.

O cara ao lado dela lhe faz alguma pergunta e sem tirar os olhos de mim, ela lhe diz algo.

E segundos se transformam em horas.

Ela volta a olhar para ele e no momento seguinte a vejo correr. Correr para a minha direção. Eu solto o ar me dando conta de que estava sem respirar. Agora mais perto, posso vê-la sorrindo e imediatamente sorrio também e começo a caminhar em sua direção. Ela abre os braços e eu faço o mesmo, abraçando-a e pegando-a no colo.

— Dan! – ela solta, como se também estivesse aprisionando o ar em seus pulmões.

— Bela! – digo em resposta, afundando o rosto em seus cabelos. – Minha bela Manuela.

— Dan... – diz novamente, agora coma voz mais suave. Ela segura o meu rosto com as duas mãos e ficamos assim, nos encarando até eu colocá-la de volta no chão.

— Eu não acredito que você está aqui, você disse que viria no final de semana!

— Quis fazer uma surpresa.

— Dan, que saudades. Eu não imaginei que sentiria tanto a sua falta.

Passo a mão em seu rosto e a deslizo para a sua nuca, entrelaço os meus dedos em seus cabelos e sutilmente a trago para perto de mim. Com nossas respirações ofegantes e nossas bocas próximas, ela tomba a cabeça para um lado enquanto tombo para o outro, provocando-a, ela muda a cabeça de posição e sua boca finalmente encontra a minha, abrindo espaço para que a minha língua entre e percorra todo o espaço que tanto gosto de visitar. Um beijo cheio de sentimentos. Saudades. Paixão. Tesão. Sinceridade. Desejo.

Quando finalmente paramos, ela parece se dar conta de que deixou para trás o engomadinho, que agora está mais perto da entrada do prédio e então ela o chama pelo o nome, me fazendo congelar.

Ele é o chefe dele. Ele é o Renato. Puta merda, de tudo o que imaginei, não imaginei que seria assim, um cara tão... tão bem apresentável...

— Renato, esse é o Daniel, o meu namorado.

Ele estica a mão para me cumprimentar enquanto a Manu o apresenta para mim como o seu chefe.

— É um prazer conhecê-lo. – diz, educadamente.

— O prazer é meu. – respondo. – Fica longe da minha namorada, engomadinho!

Manu olha para o relógio e em seguida se vira para ele.

— Você se importa se eu já for embora?

— Não, claro que não. A reunião acabou durando mais tempo do que devia e nem percebi que já passou do seu horário.

— Você espera aqui? – ela pergunta, se virando para mim.

— Claro.

— Você não quer subir até o nosso escritório, Daniel? – Renato pergunta. Ele é educado demais para o meu gosto.

— Não, agradeço. Estou bem aqui.

— Eu já volto. – Manu diz, nos deixando a sós.

— Pensei que eu fosse levar mais tempo para conhecer o namorado da Manuela.

— E por quê? – pergunto curioso.

— A Manuela é bem diferente das garotas da idade dela, ela é reservada, pé no chão.

— Sim. Ela é tudo isso o que você falou e muito mais, que eu na condição de namorado, consigo enxergar. – Engole essa, engomadinho.

— Ela é querida por todos nós aqui da agência. É muito especial. Não a faça sofrer. – ele diz, tento não levar a frase dele como se fosse uma ameaça, mas é difícil não fazer isso.

— Eu não a farei. – respondo secamente, deixando claro que esse assunto não diz respeito a ele.

— Até mais. – diz, esticando a mão.

Faço o mesmo e ele se despede entrando no prédio, encontrando Manu no caminho.

— Até amanhã, Manu. – ouço-o dizer.

— Até amanhã, Renato.

Ela me encontra no meio da calçada e me dá mais um apertado abraço, me fazendo ter a certeza de que ela sentiu a minha falta como senti a dela. Entrelaço os meus dedos nos dela e a conduzo para a beirada da calçada.

— Onde estamos indo? – pergunta, sem notar Nicole do outro lado da rua, parada na entrada da lanchonete.

— Estou com sede, vou comprar alguma coisa para beber.

Somente quando estamos chegando ao final do outro lado da rua é que ela se dá conta. Sua mão aperta a minha e depois ela se solta, correndo para abraçar a Nicole.

— Você veio! – as duas se abraçam e agora tenho a certeza de que a Nicole não é mais somente a minha melhor amiga, ela conquistou também a mulher da minha vida.

— Já acabaram? – pergunto, de braços cruzados ao lado delas, fingindo estar bravo.

Manu se solta da amiga e vem em minha direção.

— Ciúmes? – pergunta, em um tom provocativo.

— Da minha amiga não. – respondo, mais rápido do que deveria.

Ela aproveita a deixa e pergunta.

— De quem então?

Descruzo o braço e a encaro por alguns segundos.

— Ninguém. – digo, na tentativa de encerrar o assunto.

— Anham... – ela murmura. – Vem, vamos para a minha casa.

— Sua casa? – questiono. Não estava em meus planos ir para a casa dela.

— Claro, ou você acha que vai escapar da dona Júlia?

— Xiii, amigo, acho que vou ficar no hotel porque não vou suportar ver você com medo de enfrentar a futura sogra.

— Hotel? Como assim? Vocês não vão ficar em casa?

Eu olho para a minha namorada que está fazendo biquinho e é impossível não sentir vontade de beijá-la. Me controlo por estarmos parado bem na frente de uma lanchonete, com pessoas passando toda hora.

— Não, estamos hospedados em um hotel aqui perto.

— Mas Dan, por que não ficam na minha casa?

— Nós estamos bem no hotel, Manu, não iríamos ficar à vontade na sua casa, com você e sua mãe ausentes por causa do trabalho. Vem, vamos para o carro. – eu a seguro e a conduzo para o carro. Nicole vem bem atrás da gente.

Manuela conseguiu me convencer a ir conhecer a mãe dela antes do jantar, do carro, ela liga para a mãe e conta da surpresa que eu e Nick fizemos e avisa que estamos indo para lá. A pedido meu, ela avisa a mãe que não vamos ficar para o jantar. Eu quero levar a Manu em um restaurante que vou sempre quando estou em São Paulo e que acho que ela e Nicole vão adorar por causa do seu estilo europeu.

No trajeto até a casa dela, sua mão não saiu de cima da minha perna em momento algum e apesar o silêncio, nos falamos por olhares o tempo todo. Eu a desejo tanto que mal posso esperar para estarmos a sós. Meu corpo lateja pedindo por ela. Estaciono o carro no local indicado por ela e descemos os três, entrando no prédio em seguida. Já na recepção, de mãos dadas com ela, eu hesito por um segundo, me sentindo como um adolescente que estás prestes a conhecer os pais da namoradinha. Manu olha para mim e percebe a minha hesitação.

— Vem, você vai gostar da minha mãe. Não vai ser mais difícil do que a conversa que tive com o seu pai. – ela diz, em tom de brincadeira. E o pior é que sei que é verdade. Se fosse outra garota, se não fosse alguém tão determinada quanto a Manu, provavelmente teria desistido de mim naquele mesmo dia em que meu pai conversou com ela.

Entramos no elevador e logo a porta se abriu. Manu abre a porta do apartamento, praticamente nos forçando a entrar.

— Mãe. Chegamos! – ela grita, nos conduzindo até a sala.

Ouçó um barulho vindo da porta da cozinha e quando olho, vejo a

Manuela uns vinte ou trinta anos mais velha. Ela e a mãe são muito parecidas, a única diferença é a altura, que a mãe é mais alta, mas, o mesmo formato do rosto, mesmo cabelo, mesmo sorriso.

— Então você é o Daniel, responsável por fazer a minha filha ir até o Sul de repente? – ela pergunta, com um sorriso amável no rosto.

— É... Sou eu mesmo. É um prazer conhecer a senhora, dona Júlia. – respondo, secando discretamente a mão no meu jeans e retribuindo o abraço que ela me dá.

— Dan, pode respirar, minha mãe está brincando. – Manu diz, passando a mão em meu braço.

— É claro que estou brincando. Eu fu uma das primeiras a incentivar que ela fosse atrás de você. E por favor, nada de senhora ou dona, apenas Júlia.

Eu assinto com a cabeça.

— Mãe, essa é a Nicole, a amiga do Dan que te falei. Agora a minha amiga também.

Júlia beija o rosto da Nicole e faz sinal para nos sentarmos. Ela se senta em uma poltrona, Nicole em outra e Manu e eu em um sofá. Manu coloca a sua mão sobre a minha, na tentativa de me acalmar. Eu nunca me senti tão pateticamente assustado por conhecer a mãe de uma garota como estou me sentindo agora.

Enquanto conversamos sobre o meu trabalho e os países que já conheci, meus pensamentos escapam, desejando logo o momento em que ficarei a sós com a Manu. Eu preciso beijá-la até seus lábios ficarem dormentes, provocá-la até ouvi-la pedir por mim entrando em seu corpo. Preciso ouvir o seu pequeno gemido quando está prestes a chegar ao prazer. Eu preciso dela.

— Te busco as oito. – falo para ela, na porta do seu apartamento.

— Estarei pronta. – responde, com a mãe logo atrás para se despedir de nós.

— Vocês não querem mesmo ficar aqui conosco? Temos espaço. – Júlia diz. É a terceira vez que ela nos convida para deixarmos o hotel e ficarmos no apartamento com elas. Por mais que seja tentador, eu não me sentirei bem se aceitar, pelo menos no hotel, terei o meu quarto e lá será o meu lugar para ter privacidade com a minha pequenina.

— Nós agradecemos, mas já estamos instalados no hotel, é aqui pertinho. – agradeço mais um vez o convite e entramos no elevador que a Nicole já está segurando, com a porta aberta.

— Até logo. — dou um beijo na Manu e entro no elevador.

— Até mais. — ela responde, me olhando de uma forma que me faz querer voltar e carregá-la comigo.

∞

Apesar da insistência, Nicole decidiu não ir jantar conosco, quando a fui buscar em seu quarto ela disse que pelo bem do casal, ela iria nos deixar a sós e que já havia pedido panquecas no restaurante do hotel.

No horário combinado, peço para que o porteiro toque no apartamento da Manu e a avise que cheguei. Três minutos depois, eu a vejo saindo do elevador, usando um vestido de renda rosa com o fundo preto e um sapato altíssimo, deixando-a mais linda do que já é.

— Oi. — falo, ao beijá-la rapidamente na boca. — Você está bela.

— Obrigada. — responde, abaixando o olhar.

Eu a deixei com vergonha.

— A Nick não quis vir mesmo?

— Não. Vocês se falaram?

— Sim, por mensagem, ela me mandou avisando que não iria, eu insisti e disse que não tinha problema algum, mas acho que não teve jeito.

— Não mesmo. — respondo, conduzindo-a até o carro e abrindo a porta para ela.

Já no restaurante, pedimos o prato especial da casa, que é um risoto de frutos do mar maravilhoso. Comemos quase que o tempo todo em silêncio. Apenas nos olhando, parece que nós dois estamos em contagem regressiva para ficarmos sozinhos.

— Fiquei feliz que você tenha se acertado com a Nick. — ela diz, enquanto come o seu Petit Gateau.

— Eu fui um idiota com ela. — Manu balança a cabeça em afirmativo, rindo e confirmando que realmente fui um idiota. — Você me ajudou a perceber isso e por sorte, deu tempo de consertar as coisas.

— E quanto ao fato dela gostar do seu irmão? Como você está lidando com isso?

— Não cabe a mim decidir por ela, não é mesmo? Contei a ela que no passado, antes de irmos para a faculdade, ele também gostava dela. Ela ficou feliz por saber.

Manu solta o garfo no prato e me fita com curiosidade.

— O seu irmão gostava da Nick?

— Sim.

— Isso é incrível! Eu sabia! – ela diz, se sentindo orgulhosa de algo que ainda não sei o que é.

— Como assim? – pergunto.

— Quando ela me contou sobre o seu irmão, sobre como ele agia com ela, eu tive certeza de que era porque ele sentia algo.

— Então é comum as pessoas ignorarem as outras e até tratá-las mal quando gostam dela? – pergunto debochado.

— Você entendeu. – responde, mostrando a língua para mim.

Terminamos a nossa sobremesa e enquanto o garçom nos traz a conta, eu pego o meu celular e começo a digitar. Ela me olha sem desconfiar de que estou escrevendo para ela.

Daniel: *Eu não vejo a hora de poder sentir essa língua em todo o meu corpo.*

O celular dela apita na bolsa e ela o pega, já sabendo que sou eu. Ela lê a mensagem e sorri maliciosamente enquanto escreve.

Manuela: *Tem um lugar específico que sei que vou adorar sentir a sua língua.*

Minha nossa! Ela entrou na brincadeira para ganhar.

Olho para ela que continua com um sorriso malicioso nos lábios até que somos interrompidos pelo garçom. Entrego o meu cartão a ele, pago a conta e seguimos para o estacionamento.

— E agora?

— Tem hora para chegar em casa? – respondo a pergunta dela, fazendo outra.

— Uma hora antes de eu entrar no trabalho, para que eu possa em arrumar. – nossa, essa resposta é mais do que eu esperava, não tinha nem cogitado a ideia de que ela iria passar a noite comigo.

— Você me surpreendeu, agora. – respondo, dando partida no carro.

— É porque fiquei longe do meu namorado por duas semanas e ficar longe dele me causa algumas reações.

— Que tipo de reações?

— Vontade de não desgrudar dele quando estou perto.

Levo a mão dela até a minha boca e beijo cada nós de seus dedos, fazendo-a rir e se contorcer no banco do carro.

Dez minutos depois, estamos entrando em meu quarto, abro a porta e segurando na mão dela, a puxo para dentro. Não é uma suíte muito luxuosa, mas fiz questão de que tivesse banheira. Manu caminha devagar pelo quarto,

se sentando na cama King.

Caminho até próximo a ela e paro, fazendo com que fiquemos frente a frente.

— Tão bela. – digo, me ajoelhando no chão, na beirada da cama.

— Tão lindo. – ela diz, passando a mão em meu rosto.

E então eu avanço para cima dela, pouco me importando se vou deixar que meu lado mais primitivo venha à tona. Eu preciso dessa garota e preciso agora.

Nos movemos para o começo da cama e ela joga os seus sapatos no chão, faço o mesmo com os meus e começo a beijá-la na perna, em sua panturrilha. Subo até o joelho e vou fazendo todo o caminho com minhas mãos esticadas até a cintura dela, segurando-a. Quando minha boca alcança a sua coxa, ela se contorce e tenta escapar de mim. A seguro firme e continua a minha subida, erguendo o seu vestido e beijando próximo ao seu sexo. Posso sentir o calor sendo emanado dela, suas mãos bagunçam o meu cabelo e eu ergo a cabeça para olhar para a minha namorada e meu olhar é sustentando pelo dela até o momento em que a minha boca alcança o tecido fino da calcinha de renda dela, fazendo com que ela tombe a cabeça para trás.

— Dan... – ela sussurra.

— Minha bela. – digo, beijando-a por cima da renda.

— Por favor... – ela diz, mordendo os lábios. – Eu quero você.

— Muito? – indago, puxando a calcinha dela.

— Mais do que imagina.

Eu passo por cima dela e a ajudo a tirar o vestido enquanto ela desabotoa a minha camisa. Depois, abro a minha calça e me livro dela com pressa, jogando-a no chão. Alcanço o pacote de camisinha sobre o criado ao lado da cama e cubro o meu membro com ela.

Começamos a nos beijar lentamente e eu começo a toma-la para mim, buscando cada pedacinho livre dentro dela. Acaricio o seu pescoço e desço para os seus seios e ainda nos beijando, começamos a nos mover, fazendo com que o beijo se torne mais urgente e intenso. Eu a seguro pela cintura e faço força com o corpo, me jogando para baixo dela. Ela parece gostar de ficar sobre mim e logo assume o controle, se movendo com mais força e mais rápido.

Minhas mãos aproveitam para percorrer por todo o corpo dela, reconhecendo cada pedacinho dele, identificando cada parte arrepiada, cada parte sensível.

— Ah... Dan. – ele geme baixinho e eu sei que ela está prestes a se perder.

— Estou aqui, minha bela, pode se perder. Eu estou bem aqui. – sussurro, beijando o seu pescoço.

E então eu a sinto se perder, com seu corpo todo tremendo e ela me apertando dentro dela.

É a minha deixa.

A coloco de quatro na cama e delicadamente para não machucá-la, a penetro, fazendo movimentos leves até ela se acostumar com a posição. Quando sinto que seu corpo já está relaxado, invisto com mais força e rapidez, até que a puxo contra o meu corpo, me perdendo de mim mesmo.

Deitamos na cama e eu a puxo para o meu corpo, ajeito os cabelos dela para o lado e a envolvo com os meus braços.

— Eu te adoro, Manuela. Adoro muito. – sussurro, sem saber se ela está me ouvindo ou se adormeceu.

— Obrigada por me ajudar a ser feliz novamente. Te adoro muito, Dan.



Manuela

“If there was a chance that we could be lovers. I'd swim seven oceans and keep going further. I'd hold my breath until you slipped those words that belong on your lips”.

“Se houvesse uma chance de nós sermos amantes. Eu nadaria sete oceanos e continuaria indo mais longe. Eu prenderia a minha respiração até você falar aquelas palavras que pertencem em seus lábios”.

(Matthew Perryman Jones – Until the Last Falling Star)

Para a minha alegria, a quinta e a sexta-feira, voaram como foguetes lançados ao espaço. Almocei os dois dias com a Nick e o Dan e no final do dia, eles me buscavam no trabalho e iniciávamos mais uma expedição por São Paulo, mostrando para a Nick os principais pontos turísticos. É incrível como essa cidade é fantástica se soubermos olhá-la por prismas diferentes. Me dei conta de que eu, que moro aqui desde que nasci, não conheço tudo o que ela tem de bom, enquanto que o Daniel, por ser fotógrafo, parece ver, conhecer e reconhecer, os lugares mais fantásticos, como se ele tivesse um dom para encontrar lugares incomuns.

Na sexta, no final do expediente, eles me buscaram na agência e o Daniel diz que nos levará ao lugar preferido dele. Imaginei que ele fosse nos levar a algum parque, ou até mesmo a algum barzinho, mas, sou totalmente surpreendida quando ele estaciona o carro em frente ao edifício Martinelli, que foi considerando por muito tempo, o edifício mais alto da cidade de São Paulo.

- O que estamos fazendo aqui? – indago curiosa.
- Você nunca veio aqui? – ele pergunta, com olhos incrédulos.
- Não. Por que eu viria? – pergunto, com desdém.
- Você vai descobrir. – ele pisca para mim, com aquela cara de que

está escondendo alguma coisa e nos chama para descer do carro.

— Nós vamos entrar? – pergunto, quando vejo uma placa com a informação do horário de funcionamento. Olho para o meu relógio e vejo que se a placa estiver correta, não vamos conseguir entrar, porque são cinco da tarde e na placa diz que a visita é até as quatro somente.

— Sim. Nós vamos entrar. – Dan responde, seguindo para a entrada do antigo edifício.

Ele passa pelo porteiro e dá o nome dele e mostra a sua credencial de fotógrafo da revista para qual trabalha e o porteiro responde que podemos subir.

— Isso é legal? – pergunto, assim que ele guarda a sua credencial na carteira.

— Isso é um dos benefícios de ser fotógrafo, Manu. – ele me dá um beijo no topo da minha cabeça e me abraça pela cintura.

— Os pombinhos querem parar com a melação. – brinca Ncik, logo atrás de nós.

— Vem cá, minha garota problema. – Dan a chama, abraçando-a também.

Nick faz uma careta para ele e devolve.

— Ele é quem é campeão em causar problema e eu é que levo a fama... Pode isso, Manu? – ela bufa, rindo em seguida.

— Eu causo problemas para não deixar a sua vida monótona demais. – ele diz, apertando o botão para chamar o elevador.

A espera é um pouco demorada e eu aproveito para admirar o imenso saguão com paredes de mármore e madeira e Nick e eu aproveitamos para tirar algumas fotos juntas. Já no elevador, Dan, empolgado, nos conta a história do edifício. Eu fico envergonhada por morar na cidade e não saber nem um terço do que ele sabe sobre ela.

— Trinta andares? – questiona Nick, espantada.

— Sim, praticamente cem metros de altura, era o edifício mais alto até a construção do Edifício Banespa, com trinta e seis andares.

Olho para ele impressionada e ele capta o meu olhar.

— Fiz uma matéria para revista sobre os edifícios mais altos da cidade, há alguns anos atrás.

— Está explicado. –falo.

— E o que tem de tão magnífico lá em cima para você dizer que é o seu lugar favorito? – Pergunta Nick. A essa altura, eu já não tenho mais dúvidas

do motivo. Dan é apaixonado por altura, é claro que ele gosta daqui por causa disso.

— Quando chegarmos você vai ver. – ele responde, fazendo mistério.

Assim que a porta do elevador se abre, somos recebidos por uma leve rajada de vento fresco, começamos a caminhar pelo local, descemos alguns degraus de mármore enquanto eu admiro tudo em silêncio. Aperto a mão do Daniel e ele sabe que isso significa que estou maravilhada com a visão de trezentos e sessenta graus da cidade de São Paulo. Caminhamos até o parapeito do prédio e eu me encosto na borda, colocando os meus dois cotovelos sobre ela.

— Estou sem palavras, Dan. – falo em um suspiro.

Ele para atrás de mim, com o seu corpo contra o meu e coloca as duas mãos na borda, me deixando no meio delas.

— Que bom que gostou, bela. – diz, com sua boca encostada em meu ouvido, causando pequenos e intensos arrepios pelo o meu corpo.

— Mas eu tenho palavras. – interrompe Nicole. – Puta que pariu! Que lugar é esse? – diz, com ar de espanto.

Nós três rimos e o Daniel começa a apontar os principais pontos da cidade. Ele pede para movermos um pouco os nossos corpos para a esquerda e aponta para fora do parapeito.

— Lá no fundo, está a Catedral da Sé e mais para trás, as antenas da avenida Paulista. – ele diz, ainda atrás de mim. – A avenida em que a Manu trabalha, Nick. – completa.

Ela assente com a cabeça e ele continua, nos chamando para irmos para a ponta do edifício.

— Lá. – aponta – É o Mercado Municipal.

— O do sanduíche de mortadela? – questiona Nicole.

— Isso. – Dan responde, se virando para mim em seguida. – A levei lá ontem à tarde, ela ficou fascinada.

Sorrio para ele e olho para a Nicole. Ela parece uma criança em um parque de diversões.

— E ali — começa a falar, como se o “ali” fosse algo muito perto. – É o Mosteiro de São Bento, mais um dos meus lugares favoritos.

Nick começa a caminhar por toda a extensão da cobertura, com o seu celular nas mãos, tirando praticamente uma foto a cada cinco segundos.

— Ela está feliz. – falo, sorrindo da cena em que vejo.

— Sim. Ela está. – concorda ele. –E você?

Me viro para ele e passo suavemente a palma da minha mão em seu rosto, alisando-o de cima para baixo.

— Você tem dúvidas?

Ele balança os ombros. Eu o envolvo colocando meus braços ao redor de seu pescoço e o puxo para mim.

— Vem cá. – peço. Beijando-o com vontade. Ele segura em meus cabelos soltos, fazendo uma leve pressão para trás. Pressiono com mais força a minha boca contra a dele e sinto o meu corpo começar a reagir ao nosso beijo ao mesmo tempo que sinto a sua ereção querer romper o seu jeans.

— Acho que chega desse passeio, vamos para o hotel. – murmura baixinho, entre o meu maxilar e meu ouvido.

— Vamos. – respondo, excitada.

Antes de descermos, Dan tira algumas fotos de nós três com a vista da cidade ao fundo, e mais algumas minha com ele e somente minha. Eu o apresso, convencendo a irmos embora logo. Meu corpo todo queima e preciso logo resolver esse problema.

Nicole vai para o quarto dela e combinamos de nos encontramos no saguão do hotel em três horas para jantarmos, minha mãe convidou o seu namorado, o Cristian e vamos jantar todos em minha casa. Apesar da ansiedade, porque já faz muito tempo que não levo um namorado para jantar na minha casa, tento me concentrar no Daniel passando o cartão para abrir a porta do quarto e o abraço assim que estamos dentro.

Sem cerimônias, ele começa a beijar o meu pescoço e suas mãos logo param em meu quadril, me puxando com força para ele. Eu fico na ponta dos pés para que nossos corpos se encaixem melhor e ele começa a me arrastar para a cama, parando próximo a ela.

— Eu te quero tanto. – sussurra ele, com a voz rouca de desejo.

— Ah... Dan. – digo em resposta, quase que sem forças para responder. Tudo o que quero nesse momento é senti-lo me possuindo, me tomando para ele.

Eu desabotoo a minha calça preta, me livrando dela com pressa. Daniel passa as suas mãos na parte externa da minha coxa, e eu me contorço em pé, desejando por ele. Segundos depois, ele começa a desabotoar a minha camisa e para no último botão, se afastando um pouco.

— Meu Deus! Como você é perfeita. – diz, balançando a cabeça em admiração.

Olho para cima e ele sorri.

— Já deveria ter se acostumado com os meus elogios. — diz, voltando a me envolver em seus braços.

— Eu não quero me acostumar nunca. — devolvo — Porque quero sempre sentir essa sensação de satisfação, todas às vezes em que ouvir você dizer.

Sua boca se joga contra a minha e caímos sobre a cama macia. Eu o ajudo a tirar a sua camisa xadrez e ele tira o seu jeans, ficando somente de boxer sobre o meu corpo.

— O que acha de irmos para a banheira? — propõe, mordiscando o meu lábio inferior.

— Dan, relaxar é tudo o que eu não quero nesse momento. — falo, passando minhas mãos em suas costas.

— E quem disse que vamos relaxar? — diz, com uma voz sensual, me puxando pelas mãos e me levando para a suíte.

Enquanto a banheira enche, ele se senta na bora dela e me coloca sobre o seu colo com uma perna de cada lado. Sua boca, percorrendo o meu pescoço, descendo para os meus seios, me faz me contorcer de prazer e eu me retraio, fazendo-o beijá-los e apertá-los com mais intensidade. Vestidos somente com nossas roupas íntimas, eu começo a me movimentar sobre o seu colo, indo para frente e para trás, fazendo com que a sua ereção praticamente saia pela lateral da sua boxer. Suas mãos deslizam pela lateral das minhas costelas, arrepiando-me. Tombo a cabeça para trás e sua boca se aproveita para se deliciar mais uma vez em meu colo. A banheira enche e então ele me coloca de pé, arranca sua boxer preta e pede para que eu me vire de costas.

Eu obedeço.

Com o dedo, ele começa a traçar uma linha no centro das minhas costas, partindo do meu cóccix, subindo até chegar no fecho do meu sutiã.

— Eu amo rendas, mas vou ter que tirá-la de você agora, querida.

E o “querida”, no final da sua frase, faz meu coração acelerar, como se estivesse desesperado para sair de dentro de mim, como se estivesse em busca de outro coração: o dele.

Ele abre o fecho da minha lingerie e a tira de mim, ainda de costas para ele, depois, suas mãos voltam ao meu quadril e ele me puxa contra o corpo dele e com uma habilidade incrível, puxa para baixo a minha calcinha. Eu termino, me desvencilhando dela com os pés.

— Minha bela.— ele sussurra, com sua boca em minha nuca.

Eu coloco os meus braços para trás e o envolvo Daniel neles, sua mão direita escorrega pelo o meu pescoço, parando novamente me meus seios

enquanto começo a sentir a sua mão esquerda se aproximar do meu sexo. Fico na ponta dos pés, apoiando em seu corpo, desejando que ele me toque logo.

Ele se afasta, pega um envelope de camisinha que está sobre a pia, a coloca em seu membro e entra na banheira morna, me ajudando a entrar logo em seguida. Agora de frente para ele, começamos a nos beijar enquanto ele se senta e me coloca sobre o seu colo, eu o provoco, apenas me esfregando sobre a sua ereção dura, até que a vontade de senti-lo me preenchendo, me domina e eu me dou por vencida e desisto das provocações. Ergo o meu corpo e seu olhar que até então estava cravado em meus olhos, descem pelo o meu corpo e ele geme em antecipação quando começo a sentar sobre ele.

Voltamos a nos beijar enquanto nos movemos para cima e para baixo em um ritmo sincronizado. Desesperado.

Os movimentos se tornam mais intensos e eu me aperto contra o seu definido corpo, suas mãos me seguram pela cintura e ele me incentiva a levantar. Eu faço o que ele quer, saio de cima dele e então ele me vira de costas e me puxa para baixo. Eu quase explodo ao senti-lo me possuir por completa, apoio as mãos na borda da banheira e me movimento com força, gemendo baixo com o prazer que se aproxima. Suas mãos me apertam e eu não ouço mais nada além do que ele dizendo o meu nome e o som da minha própria voz dizendo pedindo para ele não parar.

Com força, me afundo de vez sobre ele, que retribui, se colocando inteiro dentro de mim e gememos juntos quando finalmente chegamos aonde queríamos chegar.

Ele me faz sentir a mulher mais completa do mundo quando me tira de cima dele e me coloca em seu colo, envolvendo os seus braços em um longo e apertado abraço.

∞

— A sua mãe é fantástica. – ele diz, beijando a palma da minha mão, sentados na varanda do meu quarto, após o jantar.

Nicole está na minha cama, assistindo um filme de zumbis enquanto come mais um pedaço de pudim de leite, preparado pela a minha mãe.

— Ela gostou de você. – digo em resposta.

— O namorado dela também parece ser um cara bacana, você gosta dele?

— Parece mesmo. Eu o conheci depois que voltei da Europa, acho que

não deu tempo ainda de formar opinião, né? Mas minha mãe está feliz, então, eu também tenho que estar.

Ele me dá um beijo e ficamos os próximos segundos olhando para o céu estrelado.

— Estamos sob o mesmo céu. E juntos. – ele diz.

— Você estava certo. – respondo, pelo dia em que ele afirmou que o fato de estarmos debaixo do mesmo céu, fosse o necessário para garantir que iríamos dar um jeito de ficarmos juntos.

— Eu adoro olhar as estrelas. – solto em um suspiro. E então a lembrança do Leonel me vem à mente. Uma lembrança boa, porque eu o considerava o caos, consequência do choque das estrelas e eu me dizia ser apaixonada por esse caos.

— O que foi? – Daniel pergunta, com a voz mais sincera do mundo.

Fecho os olhos e sem medo, respondo.

— Ele está aqui. Posso senti-lo quando olho para as estrelas.

Daniel fica em silêncio, esperando que eu continue.

— E ele está satisfeito. Porque eu estou cumprindo com a minha promessa... Estou sendo feliz. – abro os olhos e encontro os olhos azuis do Dan me fitando, com ternura.

— Promessa – ele indaga e eu sei que não preciso esconder dele a promessa que o Léo me fez fazer... após a sua morte.

— Viro o meu corpo de modo que eu fique totalmente de frente para o Daniel e começo a falar.

— Lembra lá em Tromsø, quando falei pela primeira vez sobre ele? – Dan balança a cabeça em afirmativo e eu continuo – Eu me limitei a dizer apenas uma pequena parte de tudo o que aconteceu entre nós, mas tem mais... exatos sete dias após a sua morte, eu recebi um e-mail... Dele...

Daniel me olha confuso. Puxo para os meus pulmões a quantidade máxima que consigo e ele me incentiva a continuar esfregando o seu polegar em minha mão.

— Não sei como ele fez isso, mas ele programou, pouco tempo antes de morrer, o envio desse e-mail dentre várias frases contida nele que me fizeram chorar, o Leonel me fez prometer que eu seria feliz. Na época, me pareceu um pedido absurdo, porque eu achei que não conseguiria cumpri-lo, mas agora, que eu estou verdadeiramente feliz com você, parece que ele já sabia que eu ia te encontrar quando escreveu aquele e-mail.

— Você não sabe como fico feliz em te fazer feliz, Manu. E me sinto

estranhamente grato por ele ter feito você fazer essa promessa. – ele beija os meus olhos, que estão marejados de lágrimas e quando os abro, vejo Nicole parada na porta de correr da varanda.

Chorando.

— Desculpa. – ela diz – Eu vim chamá-la para dizer que o seu celular apitou e acabei ouvindo e me emocionando...

— Você não tem que pedir desculpas, Nick. – falo, estendendo a mão para que ela se junte a nós.

— Como você consegue? Como conseguiu seguir em frente? – pergunta, se sentando ao lado do Dan. Eu não sinto acusação em sua voz, somente sinceridade.

— O Daniel me ajudou. – falo, olhando para ele. – Eu não sabia que conseguiria até encontrá-lo em Bergen.

— Você não se sentiu culpada?

— Nicole! – Daniel a repreende. Eu aperto a mão dele por ter sido tão rude.

— Muito, Nick. Você não faz ideia do quanto me senti culpada quando percebi que estava voltando a ser feliz, quando me dei conta de que estava me apaixonando pelo Daniel. Mas, a culpa nos aprisiona e tudo o que o Leonel queria é que eu fosse feliz. Ele não iria gostar de me ver presa em minha própria culpa. Ele era bom demais para isso.

— Já chega! – Daniel nos interrompe, ao ver que estou prestes a chorar. – Já está tarde, acho que Nicole e eu devemos ir. – ele diz, um pouco seco.

Não. Não, por favor Dan, não diz que ficou bravo.

Nicole se levanta dizendo que vai ao banheiro lavar o rosto e Daniel se levanta em seguida. Eu seguro em sua mão, fazendo-o parar, entre o meu quarto e a sala.

— Ei, está tudo bem?

— Claro. – responde, sem olhar para mim.

— Eu gosto do Daniel sincero. – falo, em resposta, ainda segurando em seu braço.

— Ele não está com muita vontade de ser sincero nesse momento.

Meu coração se aperta com a sua resposta.

— Você vai mesmo embora agora? – em momento algum ele me convidou para ir com ele e começo a pensar que ele não o fará.

— Foi um dia cheio. Estou cansado. Amanhã vou levar a Nicole para fazer mais alguns passeios e a gente se fala depois. – ele dá um beijo em

minha testa e sai do meu quarto. Nicole, que está saindo do banheiro, olha para mim e pergunta o que houve. Digo que não sei e nós duas o seguimos até a sala.

Minha mãe o está abraçando, desejando a ele boa noite, quando me vê e o solta para me dar um beijo de boa noite também. Olho para ele desconsertada. Ela imaginou que eu fosse com ele. Enquanto eu digo a ela que vou dormir em casa, ele se despede do namorado dela e chama a Nicole em seguida. Eu os acompanho até o elevador. Os três em silêncio. Um silêncio esmagador.

Quando o elevador chega, Daniel abre a porta para a Nicole entrar e para, segurando a porta com o pé esquerdo.

— Até amanhã. — ele diz, sem fazer nenhum esforço em me alcançar e me beijar.

— Então vai ser assim? — pergunto, buscando forças para encará-lo. Estou chateada com o fato dele me ignorar, dele me pedir sinceridade e quando peço o mesmo para ele, não ter.

— Conversamos amanhã, Manu. Durma bem.

E ele fecha a porta do elevador, me deixando parada, olhando para o nada.



Daniel

“Take me into your lovin’ arms. Kiss me under the light of a thousand stars. Place your head on my beating heart. Thinking out loud Baby, we found love right where we are”.

“Me leve em seus braços amorosos. Beije— me sob a luz de milhares de estrelas. Apoie sua cabeça em meu coração acelerado. E estou pensando em voz alta baby, que talvez tenhamos encontrado o amor bem onde estamos”.

(Ed Sheeran – Thinking Out Loud)

Eu repreendo a Nicole, pedindo para ela não falar, todas as vezes em que ela tenta me questionar sobre o que aconteceu no apartamento da Manu. Ligo o rádio em volume alto e deixo claro que não quero conversar.

Ela não entenderia. A Manu não entenderia.

Eu não me incomodei por estarmos falando sobre o ex dela. Fui sincero quando disse que era grato por ele a ter feito fazer a promessa de ser feliz, entretanto, quando ela falou sobre se culpar, fui dominado por uma sensação ridícula de ciúmes e também de raiva de mim mesmo. Porque ele é muito melhor do que eu. Eu não teria conseguido fazê-la prometer ser feliz, eu não a teria incentivado como ele fez. Talvez ele não merecesse ter morrido e quando cheguei essa conclusão, olhei para a Manu, a minha Manuela e foi a minha vez de sentir culpa por estar começando a ocupar um lugar que era dele. Um cara que não cheguei a conhecer e ainda assim, me faz pensar que se fosse para a Manu escolher, sempre seria ele. E eu não a culpo por isso.

Despeço-me da Nicole e entro em meu quarto sem a menor vontade de dormir, abro o frigobar, pego uma garrafa de água e bebo quase que de uma vez. Ainda com o frigobar aberto, uma garrafa pequena de Vodka parece olhar para mim, me convidando- a para pegá-la.

E eu a pego.

Caminho até a cama, com ela nas mãos, segurando-a como se ela fosse algum bicho venenoso capaz de me envenenar e me destruir em poucos segundos.

Meu celular vibra em cima do criado ao lado da cama, o desbloqueio e vejo que há uma mensagem da Manu, no WhatsApp.

Manuela: *Eu não sei o que aconteceu, mas quero que saiba que fiquei chateada por ter ido embora daquele jeito. Por não ter me chamado para ir com você. Se eu te fiz alguma coisa, peço desculpas.*

Termino de ler a mensagem e vejo que ela ainda está online, provavelmente esperando uma resposta minha. Ah, Manu. Você não me fez nada... eu só preciso de silêncio essa noite. Só isso.

Mesmo sabendo que ela provavelmente já viu que eu li a mensagem, eu não respondo. Tiro a minha roupa e vou para o banheiro. Eu preciso de uma ducha fria.

Quase meia hora depois, visto uma boxer, uma camiseta e deito na cama com o controle remoto em uma das mãos e a pequena garrafa de vodca na outra.

Ainda fechada.

Meu celular vibra novamente. Solto a garrafa por um segundo para ler, já sabendo que a Manuela.

Manuela: *Estou na porta do seu quarto.*

Droga, Manu. Eu só quero ficar sozinho. Não quero descontar em você os meus medos. Penso. Enquanto olho para a porta como se pudesse ver a Manu através dela. Meu celular vibra com outra mensagem.

Manuela: *Uma parte de mim está ordenando que eu vá embora, dizendo que estou sendo muito tonta por estar aqui. Outra parte diz que você está precisando de mim. Eu não sei a quem devo ouvir, mas, sei que vou embora se não abrir a porta logo.*

A ideia de que ela possa ir embora achando que o problema é ela, me assombra e me faz pular da cama e correr em direção à porta. Giro a maçaneta e a vejo, com os olhos espremidos, segurando sua bolsa nas mãos.

— Você não respondeu a minha primeira mensagem... — ela diz, em tom baixo, como se estivesse com vergonha por ter vindo.

Eu a puxo para dentro e me dou conta de que deixei a garrafa sobre a cama somente quando terminamos de nos abraçar, quando ela fixa os olhos na maldita.

— Acho que eu estava certa sobre você estar precisando de mim. — ela

diz, caminhando até a cama. Sua voz é fria.

Eu a sigo.

— Você não vai brigar comigo ou me julgar?

— Acha que eu faria isso? — seus olhos arredondados me encaram com descrença.

Dou de ombros, me sentando na cama.

— Eu não sei se ia beber. Já faz tempo que a peguei. Mas também não sei se não ia beber.

— E você vai me contar o que te deixou chateado ao ponto de quase fazer uma besteira? — ela pergunta, com aquela voz doce e meiga que me faz ter a certeza de que ela é a mulher da minha vida.

— Estava tudo bem, mesmo quando falou que o sentia entre nós — começo, me sentando ao lado dela na cama — Ai, você contou sobre o pedido dele, para você ser feliz e logo depois, quando a Nick te perguntou sobre se sentir culpada, você confirmou e aquilo tudo foi demais pra mim, Manu, em fração de segundos, comecei a pensar que talvez você esteja comigo porque fui o primeiro que te apareci, porque sou a tua oportunidade de fazer o que ele te pediu. — faço uma pausa, encarando-a.

Ela contrai os lábios em uma linha fina, até ficarem brancos. O seu silêncio começa a me causar desespero. Por favor, Manu, diz alguma coisa. Diz que estou errado. Imploro silenciosamente.

— Eu... estou sem palavras... — ela diz, pausadamente. — Eu devia até estar brava por isso que acabei de ouvir, mas não estou. Estou mesmo é sem reação, porque eu pensei que você tivesse a certeza do que sinto por você, eu não esperava que você fosse colocar em xeque o que sinto, de uma forma tão irracional, Dan.

Eu abaixo a cabeça sobre as minhas mãos, cobrindo o meu rosto com elas. Não quero que a Manu veja o meu desespero.

Não queria nunca que ela visse esse Daniel.

O Daniel fraco.

Inseguro.

Apavorado.

— Eu sei que estou errado Manu. E é esse o problema. Eu sei e ainda assim, na hora, não consegui controlar os meus pensamentos e mesmo sabendo que eu ia magoá-la por partir do jeito que eu parti, eu o fiz e posso me colocar na categoria dos péssimos namorados agora... Isso é, se ainda sou... - falo, entre minhas mãos.

— Olha para mim, Daniel. — Manuela pede, com a voz firme.

Relutante, eu ergo a cabeça, mas não consigo encará-la nos olhos, fixo meu olhar em suas mãos apoiadas na cama.

— Eu estou feliz por mim. Não porque eu fiz uma promessa para um namorado morto. Eu não vou mentir que cada vez que sinto a felicidade explodindo dentro de mim, eu não pense que ele também está feliz por me ver fazendo o que me pediu para fazer, mas, eu não faço por ele. Faço por mim.

Enquanto ela fala, finalmente crio coragem para encará-la.

— O Leonel me ensinou que temos que buscar a felicidade com a mesma necessidade que temos para respirar. Como uma pessoa com uma crise de asma, por exemplo. Tudo o que ela quer é respirar. Para ela não importa o dinheiro, não importa roupas, não importa fama, não importa se está chovendo ou se ela esqueceu de alguma coisa em casa antes de ir para o trabalho, tudo o que importa para ela, é respirar. Tudo o que importa para mim, é ser feliz. E quero ser feliz com você...

Enxugo as lágrimas que escorrem pelo o meu rosto, sem medo ou vergonha de que Manu as vejam. E ela vê. Ela se aproxima de mim e me surpreende beijando cada um dos meus olhos, segurando o meu rosto entre as suas mãos.

— Eu te adoro, Daniel. Você tem me feito respirar novamente, é você, entende?

No momento seguinte, estou a tomando em meus braços, beijando-a com força e urgência, enquanto a abraço o mais forte que posso. Quando terminamos, ela me solta, se estica na cama e alcança a garrafa.

— Ainda quer fazer isso? — ela pergunta, com um olhar desafiador.

Fecho os olhos me odiando por me colocar em uma situação como essa: a minha namorada tendo que me questionar se ainda quero beber aquilo que vai me destruir no primeiro gole.

Eu não respondo e então ela se levanta e volta a colocar a garrafa no frigobar.

— Não vai jogá-la?

— Não precisa. A vontade e o controle estão dentro de você, Dan. — ela diz, pegando a sua bolsa do chão.

— Aonde vai? — pergunto, me levantando.

— Embora. Eu precisava vir, precisava te ver e saber o que havia te deixado chateado, mesmo sabendo que eu não era bem-vinda. — seus olhos se

estreitam e ela olha para o nada por alguns segundos.

— Não era bem-vinda? Manu, eu estava chateado e só não queria descontar mais ainda em você, estava me sentindo mal por achar que se ele ainda fosse vivo, você o escolheria ao invés de mim.

Manuela me olha chocada. — Se ele estivesse vivo, não haveria escolha a ser feita, porque eu não teria conhecido você. E pela primeira vez, eu não estou brava com Deus por ter levado ele de mim, justamente porque conheci você. — diz, com a voz embargada.

Eu não suporto ver tanta dor em seus olhos e caminho apressadamente até ela, abraçando-a contra o meu peito.

— Eu te adoro. — falo, me controlando para não dizer outra coisa.

— Então não duvide do nosso momento certo, Dan. — ela diz, colocando a sua cabeça de lado, me envolvendo ao redor dos seus braços.

— Você não vai embora, vem, vamos para a cama, está tarde. — falo, tirando da sua mão a bolsa e conduzindo-a para a cama. — Sua escova está no banheiro, vou separar uma camiseta para você vestir.

Dormimos abraçados a noite toda. Apenas dormimos. Por mais que a vontade tenha aparecido, eu controlei os meus impulsos mais primitivos porque sentir o calor do corpo dela perfeitamente encaixado no meu, respirar perfume dos seus cabelos que estavam cuidadosamente jogados próximo ao meu rosto, era mais importante do que uma noite de sexo. Trocamos carícias. Eu a fiz se contorcer de cócegas, a fiz rir até seus pulmões não aguentarem mais e ela pedir para eu parar e depois, abraçados, dormimos.

Um anjo... é essa a imagem que tenho ao abrir os olhos no sábado de manhã. Manuela dormindo com meus braços ao seu redor, como um anjo. Seus cabelos dourados e sua pele clara, me fazem lembrar aquelas bonecas de porcelanas, a diferença é que aquelas bonecas eram frágeis e a Manu é muito mais forte do que pensei. Do que ela mesma pensou ser.

— Bom dia! — digo baixinho, próximo ao seu ouvido.

Ela abre os olhos e sorri.

— Bom dia. Que horas são? — pergunta, com a voz sonolenta.

— Oito horas. Combinei de encontrar a Nicole no restaurante do hotel às oito e meia.

Ela me pergunta qual é o roteiro para o dia de hoje e a informo que pretendo levar Nick ao Parque do Ibirapuera. Ela se senta na cama, em posição de lótus e esfregando os olhos, me fita.

— Hoje à noite — ela começa, como se estivesse prestes a dizer algo

muito difícil. – Você vai conhecer os meus amigos.

Putá merda! Porque saber que vou conhecer os amigos dela me causa mais pânico do que quando soube que iria conhecer a mãe, que por sinal a adorei?

— Como o seu namorado?

Não Daniel, como escravo sexual. Que pergunta idiota!

Ela me olha confusa. Eu também ficaria após uma pergunta idiota como essa.

— É óbvio que sim. – solta, se levantando da cama. – Dan, eles são inofensivos. – brinca, voltando para a beirada da cama e passando a mão em meu rosto.

Eu tenho vontade de responder dizendo que podem ser inofensivos, mas, que eram também amigos do ex-namorado dela, e que isso me torna como um elemento a ser estudado, porque todos eles vão estar analisando cada ação minha e secretamente comparando com as ações dele, mas se eu disser a verdade a ela, com certeza vai negar e vai se chatear.

Guardo os meus pensamentos para mim e me levanto.

— Te vejo mais tarde. – beijo-a demoradamente, parados na porta do seu carro.

Enquanto Nicole e eu vamos fazer mais um passeio turístico por São Paulo, Manu vai para casa dela e a noite vou busca-la para nos encontrarmos com os seus amigos. Ela combinou com eles de irmos a uma danceteria nova, na verdade, ela disse que a ideia foi da sua melhor amiga, Carol, que segundo ela, está louca para me conhecer.

Manuela entra no carro e me viro para Nicole, que está segurando um pão de queijo com uma das mãos.

— Nem parece que você acabou de tomar café da manhã. – digo, enquanto nos dirigimos para o carro.

— Ainda estou tomando, peguei esse do buffet do hotel.

Balanço a cabeça em recriminação, mas ela sabe que é de brincadeira.

Após quatro horas de passeio entre parque e shopping center, voltamos para o hotel para descansar. Nicole pareceu uma maluca quando eu disse que iríamos à uma danceteria e com o seu melhor biquinho, me convenceu a ir com ela comprar uma roupa para usar a noite, alegando não ter trazido algo apropriado.

Eu duvido.

Aposto que se eu fosse até o quarto dela e revirasse a sua mala,

encontraria várias roupas apropriadas.

Após eu reprovar três vestidos que ela experimentou, ela escolheu a peça sem me mostrar qual era. Com certeza porque sabia que eu também o reprovava. Um era curto demais. Outro era agarrado demais. E o terceiro, brilhava mais do que diamante ao ser tocado pela luz do sol.

A atendente da loja estava achando que éramos namorados, por causa da minha implicância com as roupas exageradas escolhidas por Nick, mas fiz questão de desfazer o mal-entendido, deixando claro que ela era a minha irmã.

Ok. Ela também não é a minha irmã, mas é melhor mentir dizendo que é do que deixar as pessoas pensarem que somos namorados.

Tomo um demorado banho, pensando em como será a noite de hoje. Nunca, em toda a minha vida, me senti tão inseguro assim. Acho que é porque não estive ao lado de alguém me significasse tanto para mim como essa garota significa e ser aprovado pelos amigos dela é mais do que uma vontade. É uma necessidade.

Quando encontrei a Nicole no saguão do hotel, tive vontade de manda-la de volta para o quarto, a minha melhor amiga me aparece vestindo um vestido que parece ser perfeitamente normal e aceitável, na frente, mas nas costas, uma fenda em forma de “v” a deixa totalmente nua. O Gustavo é um idiota por nunca ter dito nada a ela sobre os seus sentimentos, está perdendo uma das garotas mais lindas do mundo, depois da minha Manu, é claro. Eu resmungo sobre o seu extravagante decote e como resposta, ela diz que estamos em São Paulo. Como se aqui, valesse tudo.

E muitas vezes vale mesmo.

No horário combinado, Nick e eu estamos na portaria do prédio da Manu, esperando por ela. Antes de nos encontrarmos com os amigos da Manu, por volta das onze da noite, nós três vamos jantar em um restaurante japonês.

O elevador faz barulho e assim que ele para, sinto o perfume adocicado da Manu, uma mistura de baunilha com coco e quando a porta se abre, eu já sei que é ela.

Cacete! Como está linda!

Eu nunca a vi assim, tão produzida. Enquanto ela caminha em salto altíssimo, inevitavelmente meus olhos descem para as suas pernas nuas, e sobem percorrendo cada pedaço do corpo dela, desejando-a de todas as formas possíveis. O seu vestido branco, lembra aqueles modelos de roupas

romanas, onde um dos lados do ombro estão nus e o outro, um fino tecido sobe até o pescoço. Ele não é tão curto, um palmo acima dos joelhos, mas a forma como ele molda o corpo dela, envolvendo a sua fina e perfeita cintura, faz parecer que ele foi feito no corpo dela, com sua sai aberta esvoaçante.

— Você está linda! – cochicho em seu ouvido após beijá-la.

— Linda? – pergunta espantada.

— Tive que usar, você já está acostumada com o bela, se eu o usasse, não entenderia que hoje, você está acima de qualquer adjetivo.

Manuela sorri graciosamente e dá um beijo no rosto da Nicole e em seguida seguimos par o carro.

Após jantarmos, seguimos para a danceteria, ainda um pouco adiantados. Manu liga para uma das suas amigas, Miriam, e diz que já estamos estacionando o carro e sua amiga responde que já está na porta da entrada.

De mãos dadas, com a Nicole ao nosso lado, seguimos para o local.

Manu solta da minha mão e corre em direção de quem deduzo eu, serem as suas amigas, as três se abraçam e depois ela cumprimenta o rapaz que está ao lado, segurando a mão de uma das garotas. Nicole e eu nos aproximamos e vejo três pares de olhos sobre nós. Sobre mim.

— Mi, Marcelo, Carol esse é o Daniel e essa é a Nicole. – ela diz, vindo ao meu encontro e passando o seu braço pela a minha cintura.

Ah... Minha Manu, se você soubesse o quanto gosto dessa sensação de tê-la ao redor de mim.

Dou um beijo nas duas garotas e estico a mão para cumprimentar o rapaz, Nick cumprimenta os três com um beijo no rosto e volta para o nosso lado.

— Sabe do Renato? – pergunta o rapaz, Marcelo, para a Manuela.

Renato? O chefe da Manuela?

Só percebo que estou apertando a mão da Manu quando ela coloca a outra mão sobre as nossas entrelaçadas e faz um movimento de vai e vem, como quem diz: Relaxa.

Não, não tem como relaxar. O chefe dela, o engomadinho boa pinta, faz parte do círculo de amigos dela, isso quer dizer que saem todos juntos. Isso quer dizer que quando eu estiver viajando a serviço e ela estiver em São Paulo e disser que vai sair com seus amigos, o que era para ser algo tranquilo e inocente para um namorado aceitar, vai se tornar momentos de tortura, por saber que ela estará junto.

Porra! Eu sou homem. Eu vi a forma como ele olha para a Manuela. Eu sei que se eu comentar isso com ela, provavelmente ela vai negar, provavelmente ela nem percebeu que ele a olha de uma forma diferente, mas eu percebi.

— Ele já deve estar chegando. – ela responde. — Vamos entrar e ele nos encontra lá dentro.

O lugar é moderno e grande, vários bares espalhados ao redor da pista, que é ovalada, e na parte superior há um lounge com puffs e sofás escuros. Não precisa conhecer o lugar para saber que é lá que a pegação acontece.

Cerca de vinte minutos depois, Renato nos encontra, sentados ao redor de uma dessas mesas redondas altas com banquetas. Ele cumprimenta todos primeiro até chegar em mim onde estica a mão dizendo o meu nome. Faço o mesmo e em seguida, Miriam puxa uma banqueta para ele, que se acomoda entre ela e a Manuela.

Ele chama o garçom e pede uma garrafa de tequila, sinto o meu sangue gelar e posso prever que não vai ser uma noite muito fácil para mim.

Apesar da música alta, a Manuela é bombardeada com perguntas sobre como nos conhecemos, com a mão sobre a minha perna, ela faz um resumo do nosso primeiro encontro e dos subsequentes, pulando o período em que sumi por causa da bebida.

O garçom traz a garrafa, com seis copos na bandeja, olho para Manu, seu semblante suave indica que ela não percebeu o meu desespero. Discretamente, esfrego a mão em meu jeans escuro, tentando enxugá-las. Assim que o garçom se retira, Renato abre a garrafa e começa a servir as doses. Nesse momento, Manu parece se dar conta do que está prestes a acontecer e quando Renato vai encher o quarto copo, ela o impede.

— Não precisa colocar para mim nem para o Daniel. – ela diz, quase gritando devido ao som alto.

— Não? – ele pergunta. – Só uma dose para abrirmos a noite.

— Bebam vocês. O Daniel não bebe e vou acompanhá-lo em uma tônica.

— Você não bebe, cara? – indaga o namorado da sua amiga.

Olho para a Manu e ela me lança aquele olhar encorajador, e sua mão encontra a minha, me fazendo ficar confiante em minha resposta.

— Não. Eu não bebo. – digo, finalmente.

— E você não vai tomar nenhuma dose? – pergunta Miriam para a Manu.

— Não estou com vontade. – a minha linda namorada responde.

— Qual é gente, deixa os pombinhos na tônica mesmo. – interrompe Carolina. Eu me lembro do seu nome, me lembro do e-mail que ela e Manu trocaram em Tromso. Tenho certeza de que ela sabe sobre a minha situação e olho para ela sorrindo, em forma de agradecimento pela a sua ajuda.

— Vamos dançar? – pede Manu, já se levantando da banquetta.

Eu topo e chamo Nicole para ir conosco, mas ela recusa o pedido, está entretida em uma conversa com a Miriam e a Carol.

Dançamos duas ou três músicas, um de frente para o outro até que, meia noite em ponto, uma sirene extremamente alta começa a tocar anunciando a abertura oficial da pista de dança, e na sequência, Spirit Indestructible, começa a tocar, fazendo com que a Manu abra um sorriso malicioso nos lábios. Com certeza ela se lembra dessa música da mesma forma que eu. Em Bergen, no dia do nosso primeiro beijo.

Eu a puxo pela cintura, até nossos corpos estarem quase ocupando o mesmo lugar e a incentivo a movimentar o quadril no ritmo da música. Ela me abraça, colocando os seus braços ao redor do meu pescoço e sem esforço algum, devido aos saltos, sua boca alcança a minha. Nossas línguas dão um show à parte enquanto a batida da música começa a ficar mais intensa. Eu viro a Manu de costas para mim e com nós dois fazendo os mesmos movimentos, afasto os seus cabelos e começo a beijá-la na nuca, lançando vários beijos por toda a sua extensão. Apesar da música alta, posso ouvi-la gemer enquanto seus pulmões fazem um movimento pesado.

— Quero ir embora logo daqui. – sussurro em seus ouvidos, quando a música acaba e outro som começa.

— Ficamos só mais um pouco e depois vamos. – ela diz, com a voz entrecortada.

Dançamos mais duas músicas e voltamos para a mesa, onde encontramos somente Renato, Miriam e Marcelo. A Nicole foi para a pista com a Carolina e deve estar por aí. Só espero que ela não se meta em confusão.

— Manu, vamos ao banheiro comigo? – pede Miriam.

E a velha pergunta se forma em minha cabeça: Por que mulheres precisam ir juntas ao banheiro?

Manu me dá um rápido beijo e pega a sua pequena bolsa, partindo com Miriam.

Os próximos minutos são de certa forma, torturantes. Ficamos os três

homens em silêncio, Marcelo e Renato tomam mais uma dose da tequila e é Marcelo que decide acabar com o silêncio.

— Ele era o meu melhor amigo. — ele diz, encarando-me.

Eu apenas balanço a cabeça já sabendo de quem ele está falando.

— Ela era muito importante para ele. Não a faça sofrer. — fala, tamborilando os dedos na mesa de madeira escura.

Eu balanço a cabeça novamente e o encaro também. — Ela é muito importante para mim também. — digo, por fim.

— A gente só quer que você a faça feliz. — agora é Renato quem fala.

— Então desejamos a mesma coisa. — respondo, em tom amigável. Se fosse com a Nicole, eu, como amigo dela, estaria fazendo a mesma coisa, não posso julgá-los. A única coisa que me incomoda é o chefe dela, não que ele não seja um cara legal, o oposto disso e esse é o problema, é ele que vai estar perto dela todos os dias, nos momentos em que ela estiver frágil devido a distância que nos separar, nos momentos em que ela estiver com saudades e a forma carinhosa como ela olha para ela, me preocupa um pouco.

— E então, você faz o quê? — Indaga Marcelo, mudando de assunto, para o meu alívio.

— Sou fotógrafo da Trip & Vacation. — os dois se entreolham e olham para mim novamente.

— Nossa, esse deve ser o melhor emprego do mundo! — diz Marcelo. — Desculpa primo, também gosto de trabalhar na agência. — termina ele, me fazendo entender em uma única frase que eles são primos e que Marcelo também trabalha na agência.

— Não posso me queixar não. — respondo — Ainda há muito lugar para eu conhecer, mas por causa do meu emprego, posso afirmar que já fui à lugares que a grande maioria não foi.

— E quanto tempo passa viajando? — pergunta Renato.

— Às vezes, sete ou oito meses no ano.

— Nossa. — solta Marcelo.

— E como vão fazer, você e a Manuela, com você morando no Sul e viajando tanto assim? — Renato pergunta, e nesse exato momento as garotas chegam, a tempo da Manu ouvir a pergunta.

Agora todos estão olhando para mim, inclusive Manu, que arqueia as sobrancelhas, esperando por uma resposta.

— Já estou dando um jeito nisso. — falo, não querendo abrir para eles quais são as minhas intenções. O fato de eu ter retomado o projeto de

escrever o livro, me garantiu cerca de seis meses sem precisar me preocupar em fazer viagens longas e após a publicação dele, já tenho planos para mim e a Manu, planos esses que irei anunciar no dia em que ele for publicado. Se não fosse por ela ter me incentivado a não desistir, no dia em que nos separamos em Tromsø, eu não teria tido a coragem de ir em frente com essa ideia.

O assunto logo é esquecido quando Nick retorna com Carol. Mas não por Manu, que fica me olhando com um sorriso bobo, esperando que eu fale mais alguma coisa.

— Vamos embora? – pergunto, passando a mão em suas costas.

— Está com sono? – ela pergunta, em tom provocativo.

— Não. É só vontade de você. De te deitar na cama e te tomar para mim. Olho para ela e a vejo corar. Deus! Como ela é linda.

Nicole decide ficar mais e a Carolina diz que a leva embora depois, então, seguimos para o hotel somente Manu e eu.

No carro, somente o barulho da música. Seguimos os dois em silêncio. Silêncio de palavras, porque nossas trocas de olhares dizem o que queremos. E estamos seguindo para a realização desse desejo.

Fecho a porta do quarto e tiro o meu celular do bolso, clico em minha playlist e vasculho o celular até encontrar a música que quero. Com a Manu parada entre a cama e a mesa, eu a seguro pela cintura. Eu a faço girar sobre os calcanhares e caminho até a beirada da cama, puxando-a para perto de mim.

— Tira a roupa para mim? – peço, olhando— a nos olhos.

Ela me olha de um jeito estranho, seus olhos agora parecem estar brilhando e me pergunto se fiz alguma coisa errada e quando estou pronto para perguntar se está tudo bem, ela desamarra o nó da parte superior do vestido, em seu ombro, fazendo-o cair sobre a sua cintura, e se aproxima de mim.

— Me ajuda com o zíper? – pede, se virando para que eu abaixe o zíper que começa acima da cintura e desce até o meio da bunda.

Com rapidez, eu puxo o zíper para baixo e abro o fecho do seu sutiã branco rendado, sem alças. Ela se vira para mim, ainda em seus saltos e é a visão mais linda do mundo.

- Santa mãe! Você é perfeita, Manu. – solto, mordendo os lábios, controlando a minha vontade de morder cada pedaço do corpo dela.

Ela revira os olhos e sei que está com vergonha. Me levanto da cama e

começo a tirar a minha camisa jeans e depois tiro a minha calça, arrancando os sapatos em seguida. Manu abraça o próprio corpo, meio sem jeito e vê-la assim, meio menina, meio mulher, enche os meus olhos e faz com que meu coração se acelere.

Não existe outra mulher no mundo capaz de me fazer sentir assim.

Eu a conduzo até a mesa e ela se apoia nela.

— Quer fazer isso? – pergunto, passando a mão em seus cabelos.

— Sim. – ela diz, quase que em um sussurro.

Abaixo meu boxer e em seguida a calcinha dela, e com ela de costas para mim, começo a beijar a panturrilha dela e vou subindo por todo o seu corpo nu, soltando vez ou outra, o quanto ela é deliciosa.

Quando a minha mão toca a sua intimidade, ela geme baixo, tombando a cabeça para trás e eu sorrio ao ver o quão preparada para mim ela está. Segundos depois, estamos nos movendo em um ritmo frenético e ao som de Ed Sheeran – Thinking Out Loud – cantando que talvez tenhamos encontrado o amor, bem onde estamos, nós fazemos amor.



Manuela

“Love is all that I can give to you. Love is more than just a game for two. Two in love can make it. Take my heart and please don't break it. Love was made for me and you”.

“Amor é tudo que eu posso te dar. Amor é mais do que um jogo para dois. Dois apaixonados podem fazê-lo. Pegue meu coração, mas por favor, não o parta. Amor foi feito para mim e para você”.

(Joss Stone – L-O-V-E)

Daniel me acorda com uma jornada de beijos por todo o meu corpo. É impossível não ficar excitada com ele fazendo isso. Ainda sonolenta, passo os dedos através dos fios dos seus cabelos claros e me delicio com a sensação de ter um homem tão lindo, deitado ao meu lado, me beijando e me venerando como se eu fosse uma rainha.

Não demora muito, estamos fazendo sexo com amor, ou, amor com sexo. Não importa. O que importa é que há paixão no que estamos fazendo. Há entrega. Há cumplicidade. Há sinceridade.

— O que quer fazer no meu último dia aqui em Sampa? – ele pergunta, quando passo por ele enrolada na toalha após ter tomado banho. O nosso sexo matinal me deixou exausta e eu precisava de uma ducha para reanimar.

Eu paro no meio do quarto e o olho por alguns poucos segundos, apreciando a sua beleza, agradecendo a Deus por tê-lo colocado na minha vida. Eu seria ingrata demais se dissesse que a vida foi ou é injusta comigo. Porque ela não foi. Não está sendo. Ela me tirou e me deu. Na mesma medida. Na mesma proporção. O que ela tirou de mim, tem o mesmo peso do que ela me deu e pensar dessa forma, faz diminuir a dor dentro de mim e eu espero que algum dia, ela desapareça por completo.

— Último dia? – pergunto, voltando do meu devaneio.

— Contra a minha vontade, mas preciso voltar. – seu semblante muda e percebo o quanto isso o afeta e o perturba.

— Ei, Dan, tudo bem a gente vai dar um jeito não vai? – amenizo a situação.

Ele apenas balança a cabeça. Triste.

— O que tem em mente? – continuo.

— Posso ser sincero?

— Está me perguntando se pode ser sincero? – coloco as mãos na cintura para fazer mais drama. – Você deve ser, lembra?

— Acho que criei um monstro com esse lance de sinceridade. – ele ri, me fazendo rir também e caminhar até ele, que está sentado na cama.

— E então? – pergunto, sentando em seu colo.

— Queria fazer com você uma coisa bem clichê, quase brega.

Eu ergo a sobrancelha, curiosa.

— Quero te levar ao cinema. – diz, com um sorriso travesso nos lábios. O sorriso que me ganha todos os dias. – Quero assistir com você um daqueles filmes que os namorados odeiam ir, mas vão para acompanhar a namorada.

Sorrindo, seguro o seu rosto entre as minhas mãos e beijo a sua boca.

— Você é o melhor namorado do mundo! – digo, beijando-o novamente. – E a Nick, será que vai gostar da ideia?

— Ela me mandou mensagem mais cedo dizendo que ia sair com a sua amiga, Carol. Acho que as duas se entenderam.

— Nossa, nem me convidaram? – finjo biquinho, mas na verdade estou feliz pela Nick.

— E então, e o cinema?

— Eu adorei! Posso chamar a Miriam e o Marcelo também?

Na mesma hora em que falo, vejo a expressão do Dan se fechar. Ele não gostou da minha sugestão e fico curiosa para saber o motivo.

— Dan, você não gostou dos meus amigos?

— Longe disso, Manu. Mas... ah, deixa para lá.

— Não. Não. Nada de deixar para lá. — me levanto do colo dele e me sento na cama, de frente para ele. – Vai, eu quero saber.

— Eles são seus amigos e eram amigos do seu ex, eu não sei se isso pode dar certo no final das contas.

— O que você quer dizer? – pergunto, sem realmente entender aonde ele quer chegar.

— Manu, eles sempre vão me comparar com o Leonel, isso será inevitável.

— E daí? – gesticulo com as mãos, erguendo-as no ar. – Talvez eles o

comparem mesmo e sabe qual é a conclusão que vão chegar? Que você me faz feliz e é isso o que importa, Daniel.

Ele abaixa a cabeça por alguns instantes e volta a me encarar.

— É... é o que importa. – diz finalmente. – Vamos, liga para eles.

— Sêrio?

— Claro, sêrio sim.

Para provocá-lo, eu me levanto e deixo a toalha que envolve o meu corpo cair no chão e caminho nua até as minhas roupas, rebolando o máximo que posso, trancando a Manuela tímida dentro de mim.

— Se você rebolar mais uma vez, juro que te jogo nessa cama e a gente vai sair daqui só no fim do dia.

Viro-me para ele, jogando os meus cabelos para o lado e coloco as mãos atrás do meu corpo, ficando totalmente à vontade com a situação.

— E isso é ruim? Porque se foi uma ameaça, eu adorei.

Ele se levanta e caminha ao me encontro, assim que sua mão alcança a minha cintura, os pelos do meu corpo se arrepiam ao toque dos seus dedos. Seus lábios molhados massageiam o meu pescoço e eu o puxo com pressa para junto de mim, começamos a nos beijar e sinto a sua ereção crescer através da sua boxer branca. Minha mão desliza pelo abdome perfeito dele curtindo cada centímetro gostoso do seu corpo. A culpa, por estar seguindo em frente, por estar sentindo desejo por outro cara, por me permitir adorar alguém novamente, já não me atormenta como antes, em que se fazia presente em cada momento meu com o Daniel. Não, agora eu sei que a minha vida não acabou junto a vida do Leonel. A minha vida recomeçou e ele me deu essa chance, ele fez a Manuela crescer, ajudou-a a acreditar nela mesma, em seus sonhos, ensinou-a a amar e forçou-a a buscar a felicidade e eu estou feliz. Feliz por ter conhecido esse homem que tanto tem me ensinado, esse homem que assim como eu, não é perfeito, assim como o Léo era.

Daniel me pega no colo e eu envolvo minhas pernas ao redor dele, caminhamos rindo até a cama e cuidadosamente ele me coloca sobre ela. Quando o seu próximo movimento começa, que é o de pegar a camisinha, o celular dele começa a tocar. Ele me olha, como se estivesse pedindo permissão para atender, embora ele não precise que eu dê tal permissão, balanço a cabeça em afirmativo, incentivando-o a alcançar o aparelho que está sobre a cômoda.

— É a Letícia. – ele diz, ao pegar o aparelho.

E lá se foi a nossa alegria.

— Alô? – ele atende sério, se sentando na cama.

— Letícia, você me ligou mesmo para falar sobre chá de bebê?

Ele diz, bravo.

— Faz o que você quiser, quando você quiser. Eu não vou ter participação alguma nessa merda!

Ele coloca o celular no viva voz enquanto passa as mãos pelos cabelos, irritado.

— Mas e quanto a Bianca? Você acha justo fazer isso com ela, Dani?

Só de ouvir a voz da vacatícia, já me dá nojo mas eu tento não deixar que o Daniel perceba o quanto ela me afeta.

— Não coloca a Bia nessa história, Letícia. Eu estou falando sério!

— Eu vou fazer o chá e vai ser na vinícola, a Bia vai adorar participar e tenho certeza de que ela vai questionar o porquê do pai dela e pai do bebê estar ausente.

— Estou voltando para o Sul amanhã, conversamos depois, preciso desligar.

— Então nos vemos amanhã.

Reviro os olhos quando ela diz que vai se encontrar com o Daniel, ela não desiste, o cerca de todas as formas possíveis e não tem medo de jogar baixo para conseguir o que quer. Eu só espero que o Daniel perceba isso tão bem quanto eu percebo.

Ele desliga o celular e fica na cama olhando para mim, esperando que eu diga algo. Eu não falo, me levanto e começo a vestir as minhas roupas.

— Ei, Manu? – ele vem atrás de mim, percebendo a minha irritação.

— Vamos descer e tomar café. – respondo, sem olhar para ele.

— Não! – ele diz com a voz grossa e autoritária. – Vamos conversar.

Me viro para ele, já vestida e o fito.

— Eu não quero que você pense qualquer besteira sobre esse telefonema. Eu não vou me encontrar com a Letícia para falar sobre o chá de bebê nem porra nenhuma, entendeu?

Sua voz me assusta um pouco, não no sentido de medo dele, mas, medo do desespero dele em que eu acredite nele.

— Entendi. – respondo, olhando para o chão.

— Bela, por favor, por mim, eu levava você comigo amanhã para o Sul, já vai ser difícil demais ir sem você e eu não quero ir com você pensando qualquer tipo de besteira. Eu adoro você e já estou sentindo a sua falta sem nem ter partido.

A sinceridade em suas palavras me faz caminhar até ele e abraçá-lo com toda a força que tenho.

— Eu também adoro você, desculpa, eu só fiquei com ciúmes.

— Minha namorada está com ciúmes de mim? – sua voz é cheia de presunção.

— Sua namorada está com ciúmes de você sim, tem algum problema nisso?

— Não, de forma alguma, adoro ver ela com ciúmes. Adoro ver a ruguinha que se forma aqui, bem no meio da sua testa. – ele passa o dela sobre a minha testa, apontando o local exato em que ele diz ver se formar uma ruga e então o beija e nos abraçamos em seguida.

— Acho que devemos mesmo ir tomar café da manhã. – ele diz, quando ouve o ronco do meu estômago. – Não quero ser acusado de te deixar passar fome por causa de sexo.

Nós dois rimos e nos levantamos em seguida, terminamos de nos arrumar e descemos para o café da manhã. Encontramos Nicole no elevador, ela estava indo encontrar a Carol na recepção, as duas vão visitar algumas exposições que estão acontecendo na cidade, a Carol adora tudo o que é exposição e não me admira que ela tenha conseguido convencer a Nick a acompanhá-la.

Após o café da manhã, caminhamos de mãos dadas pelo parque do Ibirapuera, como dois jovens adolescentes. Alugamos bicicletas e passeamos pelo parque – que nunca vou – um tentando ser mais veloz do que o outro. Paramos para descansar embaixo de uma gigantesca árvore e com ele encostado no tronco dela e eu em seu peito, nos beijamos de um jeito que já conheço: o beijo que antecede a despedida. Daniel começa a alisar os meus cabelos enquanto deito de lado em seu colo.

— Por que tudo o que nos faz bem, tudo o que nos alegra, tem que acabar? – pergunto, ainda deitada sobre o colo dele.

— Para nos fazer dar valor a momentos como esses, Manu. – ele se agacha até alcançar o topo da minha cabeça e a beija delicadamente.

— Você acredita mesmo que tudo é dualidade? Dor e alegria, lágrimas e sorrisos, saudades e presença? – viro a minha cabeça para cima, e encontro os seus olhos azuis parados nos meus.

— Eu acredito que sem a noite, que nada mais é do que a ausência da luz, nós não seríamos capazes de apreciar o dia, não conseguiríamos sorrir ao sentir o calor da manhã invadindo as nossas janelas, ao sermos atingidos

pelos primeiros raios de sol.

— Falando desse jeito, parece ser fácil aceitar que precisamos da dor para darmos valor à alegria. – digo, quase que em um murmúrio.

— A vida não é feita somente de momentos felizes e sorrisos abertos. Se não conhecêssemos a dor e as lágrimas, não daríamos valor para a felicidade.

Enquanto nossos olhares continuam presos um no outro, ele volta a alisar os meus cabelos e continua:

— Sabe, às vezes precisamos sentir o peso do mundo sobre as nossas costas para percebermos o quão forte somos, às vezes é necessário sentirmos saudades para valorizarmos os bons momentos, precisamos atravessar a chuva para encontrarmos o arco-íris.

— Você é o meu arco-íris. – falo, tentando fazer voltar uma lágrima que persiste em escorrer dos meus olhos.

Ele me puxa para cima, e eu fico sentada em seu colo, de frente para ele, sua mão direita apoia as minhas costas e sua mão esquerda desliza suavemente pelo o meu rosto, me fazendo fechar os olhos.

— Você é tão perfeita. – ele sussurra. – Tão linda, por dentro e por fora. Abro os olhos e beijo a palma da mão dele. Ele suspira e sorri.

— Quando você me encontrou, eu era como um vaso quebrado, havia caquinhos de mim espalhados por todos os lados e, ao contrário do que muitos fariam, você não tentou me consertar, você não viu problema algum em eu estar quebrada após tudo o que passei, você também não colou cada pedacinho de mim, você foi além, você fez com que eu mesma fizesse isso, a cada momento com você, a cada nova luta interna que eu enfrentava para seguir em frente, você estava lá, dizendo que era hora de eu colar mais um pedaço da minha reconstrução e hoje, o que vejo quando me olho no espelho, é um vaso reconstruído com algumas trincas, as trincas que significam que eu consegui.

— Eu jamais iria querer te consertar, Manu. Eu a conheci quebrada, como você mesma diz e eu me apaixonei por você antes mesmo que você começasse a colar o primeiro caquinho, o resto, a sua reconstrução, é para mim, apenas consequência do que estamos fazendo um na vida do outro, eu me apaixonaria por você quebrada, mil vezes se fosse preciso.

Eu o abraço com força já não conseguindo mais segurar as lágrimas que agora, escorrem livremente pelo o meu rosto. O desejo de estar sempre ao lado desse homem que tem feito de mim a mulher mais feliz do mundo, chega a me sufocar, eu não quero ter que me separar dele amanhã.

Não quero ter que me separar dele nunca mais.

No momento seguinte, como se estivéssemos sendo puxados por um imã, nossos lábios buscam conforto um no outro em um beijo caloroso, apertado e urgente. Nos beijamos até nos faltar o ar, até nos darmos conta de que estamos em um parque público e apesar de estarmos encostados em uma árvore afastada, pessoas ainda passam perto de nós.

Meia hora depois, decidimos devolver as bicicletas e irmos nos aprontar para o cinema, desisti de chamar a Mi e o Marcelo, talvez outro dia eu os chame, hoje, eu quero somente a companhia do Daniel.

Ele me deixa em casa para eu me arrumar e vai para o hotel, no horário marcado, ele está na recepção à minha espera, vestindo um jeans claro com uma polo preta, seus cabelos claros bagunçados, o deixam mais incrivelmente sexy do que já é. Ele me olha lentamente quando me vê usando um vestido de verão florido, pouco acima dos joelhos e um salto Anabela.

— Como sempre, você está bela. — diz, ao pegar a minha mão e beijar o meu rosto.

— E você lindo. — devolvo, passando o braço em volta da sua cintura.

Escolhemos uma comédia romântica brasileira, compramos pipoca doce e salgada e ele riu quando me viu escolhendo o maior de todos, pedimos também dois copos grandes de refrigerante e um chocolate para mim. Porque cinema sem chocolate, não é cinema.

Metade do filme, posso dizer que prestamos atenção, quanto a outra metade, vi apenas algumas cenas, a minha atenção estava voltada para o incrível homem que estava sentado ao meu lado, alisando a minha coxa, próximo ao joelho, em pequenos e suaves movimentos, mas o suficiente para desviarem a minha atenção.

Quando o filme acaba, não precisamos verbalizar o que queremos. Seguimos para o hotel, sabendo que será a nossa última noite juntos.



Daniel

“How long will I love you? As long as stars are above you. And longer if I may”.

“Quanto tempo eu vou te amar? Enquanto as estrelas estiverem acima de você. E mais, se eu puder”.

(Ellie Goulding – How Long Will I Love You)

O despertador do meu celular toca e relutantemente, me levanto e vou tomar uma ducha antes de acordar a Manu. Fomos dormir tarde na noite anterior, ficamos eu ela e a Nick assistindo filme na TV e jogando conversa fora. A Nicole decidiu ir embora comigo, disse que uma semana em São Paulo foi o suficiente para ela decidir o que quer para a vida dela, quando ela falou isso, assustei, já imaginando que ela ia mesmo colocar uma mochila nas costas e cair no mundo, é claro que eu a apoiaria, entretanto tenho que confessar que a ideia não me agrada muito, não com ela fazendo algo assim sozinha, mas logo ela me confortou, dizendo que não vai tomar nenhuma decisão antes da chegada do meu irmão. A Manu disse, depois que a Nick foi para o quarto dela, que eu a subestimo demais, a trato como se fosse uma garota indefesa e que eu me esqueço que ela é forte, porque se não fosse, não teria escondido tão bem a sua paixão pelo o meu irmão.

Manu está certa. Ela sempre está.

Quando saio do banheiro, a Manu já está acordada, seu olhar meio triste, meio alegre, diz que ela esteve pensando em nossa separação enquanto eu estava no banho. Assim como eu. Que não parei de pensar quando nos veríamos de novo, se ela iria conseguir ir para lá algum final de semana próximo, se eu conseguirei voltar para cá tão cedo. A verdade é que o quanto antes eu terminar o livro, mais rápido posso colocar o meu plano em ação e resolver essa situação de uma vez por todas.

— Bom dia, minha bela. — a beijo na testa e sou surpreendido por ela me abraçando. Temos tido vários momentos como esses: abraços demorados.

— Eu vou tomar banho. — ela diz, me soltando.

Termino de arrumar as minhas coisas e quando ela sai do banheiro com os seus longos cabelos molhados, jogados sobre as costas, tudo o que desejo é parar o tempo e congelá-la nessa imagem linda e perfeita. Seus olhos claros parecem sorrir ao me ver admirando— a com tanta reverência e um pequeno e tímido sorriso se forma em seus lábios.

— Está chegando a hora. — ela murmura baixinho, enquanto veste a roupa que trouxe ontem para poder ir trabalhar.

— Sim. Está. — respondo, porque não tenho outra resposta para dar a não ser essa.

— Conversamos tanto ontem e no fim, não conversamos sobre quando vamos nos ver novamente.

— Vem cá. — estico a mão para ela, puxando-a para perto de mim. — Eu não quero combinar nada ainda porque preciso resolver algumas coisas lá na revista antes de fazer qualquer programação, provavelmente na quarta-feira vou viajar para Minas Gerais, uma matéria pequena para a revista, devo voltar no sábado e enquanto isso vou tentando organizar a minha agenda para que eu possa voltar ou você ir para lá, ok?

— Pensar em passar a semana sem você já é dolorido, e não saber quando vamos nos ver de fato, dói mais ainda. É normal eu sentir isso?

— Por que está perguntando se é normal?

— Porque às vezes parece que estou ficando dependente de você e isso não é bom.

— Manu, olha para mim. — eu peço, forçando-a parar de olhar para o controle remoto sobre a cama e direcionar o seu olhar para o meu. — Ser dependente de alguém, aliás, de qualquer coisa, é a uma das piores coisas que pode existir e eu jamais permitiria que você se tornasse dependente de mim, não é essa Manuela que conheci e não é essa Manuela que eu quero, então, fica tranquila porque você não está dependente de mim, existe outro nome para isso.

— É? Qual?

E eu não imaginei que ela iria perguntar e parece que está perguntando sem saber de verdade, não porque está fingindo que não entendeu.

— Amor. — digo finalmente, soltando todo o ar dos meus pulmões.

Já faz algum tempo que eu venho querendo dizer a ela que a amo, pode parecer prematuro, mas eu sei que é amor e não somente paixão, eu gosto de contrariar a ciência, que insiste afirmar que amor é só depois de dois anos,

quando a paixão acaba. Que se dane a ciência, eu sou loucamente apaixonado por essa garota e estou amando ela na mesma medida e proporção.

Seus olhos se arregalam e brilham ao mesmo tempo. Ela parece querer dizer algo, mas não diz, apenas passa as mãos pelos os seus cabelos, nervosa. Parece estar em guerra e eu decido ajudá-la a vencer essa guerra. Com ela sentada em meu colo, com seus olhos angelicais me fitando, eu decido dizer o que já devia ter dito, o que não posso mais esperar para dizer.

— Eu te amo. — falo, sem quebrar o contato visual. Talvez eu devesse ter esperado o momento certo para dizer isso a ela, talvez eu devesse ter falado em um lugar romântico, em um daqueles momentos chave em que tudo acontece, como nos filmes, mas a quem eu quero enganar? Eu não acredito que exista um momento certo para dizer para a outra pessoa que você a ama, o momento certo é aquele em que as palavras te vem até a garganta e você sente que se não pronunciá-las, vai acabar sufocando e percebe que é egoísmo demais não dizê-las só porque sente medo de que a outra pessoa possa não responder.

Eu a amo mesmo que ela ainda não me ame.

Sinto o meu coração se acelerar e minhas mãos esquentarem, tudo ao mesmo tempo. Como um menino que acaba de confessar o seu amor, eu acabo de dizer para ela que a amo e agora, o silêncio do quarto, parece ser ensurdecedor.

Droga, Manu! Anda, diz alguma coisa. Qualquer coisa!

Mais de trinta segundos se passam e ela continua me encarando sem dizer nada. Eu sustento o olhar dela até onde consigo, mas, a frustração começa a me dominar e me sinto obrigado a olhar para a porta, para não encará-la mais e acabar forçando-a a dizer o que ela ainda não sente.

Respiro fundo enquanto fecho os olhos por alguns instantes e sinto o toque delicado das suas duas mãos segurando o meu rosto. Abro os olhos e encontro um olhar cheio de lágrimas olhando para mim.

— Eu não tenho duvidas... Eu também te amo, Daniel.

Meu Deus, por que ela demorou tanto para dizer?

Imediatamente a abraço e a puxo para um demorado e sincero beijo.

Ela me ama.

A sua revelação acaba de fazer com que eu me torne o cara mais feliz do mundo.

— Eu amo você. — ela repete, agora sorrindo. — E como é bom conseguir dizer isso!

Ela ri como se estivesse rindo de alguma piada que só ela sabe o significado, eu não tento descobrir o que é, apenas rio com ela.

Por um bom tempo.

Algum tempo depois, estou deixando Manu na frente da agência. Nos abraçamos fora do carro e nos beijamos rapidamente, ela está praticamente atrasada, já que demoramos demais para sair do hotel e eu não quero que ela se prejudique por isso.

— Vou sentir sua falta. — ela diz, me apertando em seus braços.

— Sentirei saudades também, minha pequenina, mas vamos dar um jeito, a gente vai se ver logo, eu prometo.

Dou um beijo no topo da sua testa e depois a beijo na boca, um beijo casto, cheio de amor.

Ela se vira pela última vez antes de entrar no prédio, sorri para mim e depois segue. Me deixando com o coração apertado por estar me despedindo do amor da minha vida.

Droga de convicção de que precisamos sentir saudades para dar valor para a presença.



Nicole

“I wish you'd hold me when I turn my back. (Well) The less I give the more I get back. Your hands can heal, your hands can bruise I don't have a choice, but I'd still choose you”.

“Gostaria que você me segurasse quando eu viro as minhas costas. (Bem) Quanto menos eu dou, mais eu recebo de volta. Suas mãos podem curar, suas mãos podem ferir. Eu não tenho escolha, mas eu continuarei escolhendo você”.

(The Civil Wars – Poison & Wine)

O táxi deixa o Daniel na casa dele e segue para o meu apartamento. No meio do caminho, mudo de ideia e peço para o motorista me levar para a vinícola. Ainda é cedo, com certeza Marta e Pedro ainda nem almoçaram, quero conversar com eles sobre a minha escolha, vou abrir o jogo e se deixarem que eu continue trabalhando com eles até decidir o que farei da minha vida, eu vou ficar feliz, assim consigo me manter sem mexer nas minhas economias e poderei guarda-las para a viagem.

Seja lá para aonde eu for.

— Você voltou! – sou recebida com um abraço caloroso da Marta, eles me tratam mesmo como se eu fosse uma filha deles.

Em seguida vem Mariana, que me dá um abraço de irmã.

— Se você fizer isso de novo, eu juro que faço as minhas malas e vou junto! – ela diz, após me soltar. – Meus pais quase me deixaram malucos sem você aqui.

— Prometo te avisar antes, para dar tempo de você arrumar suas coisas. – digo, brincando.

— Vem, vamos entrar! – grita Pedro, da entrada da sede da vinícola.

— E então, o que achou de São Paulo? – Marta pergunta, enquanto caminhamos para a cozinha, estou doida por um suco de uva de verdade,

fresco, e um pedaço da torta de framboesa que só a Marta sabe fazer.

Nos sentamos os quatro ao redor da mesa, enquanto como, conto a eles todos os detalhes dos passeios que fizemos e do quão bonito é ver o Daniel com a Manuela. Eles concordam comigo quando eu digo acreditar que em breve, o Daniel deva pedir a Manu em casamento, que tenho a certeza de que ele só está esperando a Letícia assinar a papelada. Assim que eu falo o nome da mulher por quem fui obrigada a fingir respeitar, Marta e Pedro se entreolham e eu percebo na hora que há alguma coisa errada.

— O que está acontecendo? – pergunto, sem perder tempo.

Antes que algum deles responda, sou fortemente atingida por uma voz que conheço muito bem.

— Mãe? – Gustavo aparece na imensa porta da cozinha, usando uma camisa azul escura, com as mangas perfeitamente dobradas e um jeans escuro. Paraliso com as mãos sobre a mesa, meus olhos ainda grudados nele e os dele grudados em mim.

Em mim?

Saio do transe em que pareço ter me enfiado e corro os meus olhos para o chão, evitando o olhar intimidador dele novamente. Ele está tão lindo quanto a imagem dele que tenho em minha mente. A imagem que aparece todas as noites antes de eu dormir. A imagem que não me deixa esquecê-lo.

— Olha só quem voltou! – ele diz, vindo em minha direção.

Pisco várias vezes porque se não fizer isso, os meus sentimentos vão me entregar e ele vai perceber o quanto me afeta e me deixa sem reação. Após tantos anos amando-o em segredo, aprendi a fingir indiferença e por mais que isso me destrua por dentro, eu preciso continuar encenando o meu teatro.

Respira.

Não olha para ele.

Fica calma.

Envio vários comandos ao meu cérebro, mas ele parece não codificar nenhum deles porque quando Gustavo para na minha frente, percebo que não estou respirando, que estou olhando diretamente em seus olhos e estou a ponto de surtar.

— Não mereço um oi de boas vindas? – ele diz, abrindo os braços, como se fôssemos íntimos desde sempre, como se algum dia tivesse existido algum laço entre nós.

O problema é que agora eu sei que em algum momento, ele gostou de mim e isso parece piscar dentro de mim, como um aviso do tipo arrisque-se

ou recue de vez.

Contanto mentalmente até dez, para que eu me acalme, eu me levanto o mais devagar que consigo e encontro os braços dele vindo em minha direção, me puxando para um abraço. Um abraço que nunca existiu entre nós.

— Soube que deu uma de fugitiva e tentou nos abandonar. – ele diz, após beijar o meu rosto.

E enquanto estou em seus braços, tudo o que desejo é que o mundo pare e permita que eu seja feliz nesses poucos segundos em que inalo o seu perfume adocicado e seguro a vontade de chorar.

Ainda atônita, tento entender tudo o que está acontecendo. Ele só pode ter batido a cabeça, nem de longe esse cara é o Gustavo, não tem como ser.

— Pois é... – respondo, ainda um pouco atordoada.

Marta, Pedro e Mariana também observam a cena com um “Q” de confusão, nenhum de nós parece acreditar no que acabou de acontecer.

— Bom, vou para casa, desfazer a mala e descansar, retomo ao trabalho amanhã então. – falo, me virando para Marta. Eu preciso sair daqui antes que todos percebam o que está acontecendo.

— De forma alguma, tire o resto da semana de férias e volta só na próxima. – retruca Pedro, partindo mais um pedaço de torta.

— Tudo bem. Eu vou chamar um táxi então.

— Táxi? – Gustavo pergunta, ainda parado na minha frente.

— Sim, eu vim de táxi do aeroporto direto para cá.

— Eu te dou uma carona, estou com o carro da minha mãe. – ele diz, como se me oferecer uma carona fosse a coisa mais normal do mundo.

Não. Não é.

— Não é necessário. – respondo, tentando ser o mais natural possível. –

— Eu faço questão. – ele responde.

— Deixa de bobagens, aceita a carona dele. – diz Marta, sorrindo para nós dois.

E que sorriso é esse? Parece até que estou em uma peça teatral onde todos sabem o enredo, menos eu.

Sem argumentos, acabo cedendo e permito que Gustavo me leve até o meu apartamento.

Ele me ajuda a colocar a bagagem no bagageiro do carro e dá partida assim que afivelo o meu cinto de segurança.

Enquanto percorremos a estrada de terra, meu olhar está voltado para fora da janela, para os imensos e suntuosos campos, videiras e pastos. Ele

liga o rádio e logo o conecta ao celular dele, fazendo tocar a sua playlist.

Que maravilha! Agora vou conhecer a intimidade da playlist dele!

Eu colo no banco do carro quando The Civil Wars começa a tocar Poison & Wine, a minha banda favorita desde que os ouvi pela primeira vez no carro do Dan e agora estou ouvindo eles no carro do Gustavo. Isso não pode ser real.

Solto um riso de nervoso quando cantam no refrão “I don’t love you, but I always will” ouço essa música tantas vezes e nunca me dei conta do quanto ela se encaixa na minha história com o Gustavo.

— O que foi? – ele pergunta, se virando para mim. – Não gosta?

A vontade que tenho é de arrancar o celular que está no meio das suas pernas e arremessa-lo longe, para fora do carro, mas, fazer isso seria demonstrar para ele que ele me afeta ou me incomoda de alguma forma e eu não vou dar esse gostinho a ele.

— Na verdade, não gosto muito não. – respondo, tentando não reparar em como sua camisa se aperta em seu braço quando ele levemente o flexiona ao segurar o volante.

— Engraçado, eu lembro de já ter visto The Civil Wars no seu Ipod. – ele sorri cinicamente para mim e nessa hora eu tenho a certeza de que estou vermelha como um tomate.

— Meu Ipod? Espera! – ergo as mãos para cima – Você alguma vez fuçou em meu Ipod? Como? Quando?

— Bom, uma das respostas você já tem, vamos para as próximas. Como e quando? Algumas vezes. Na vinícola. Você não é muito cuidadosa né, às vezes saía da recepção e o deixava lá, era quase que um convite.

— Idiota. – respondo, porque é a única coisa que consigo falar.

— Ei, fica brava não. – diz, sorrindo lindamente para mim. Em anos, essa é a primeira vez que ele sorri assim, só para mim.

— Quer tirar esse sorriso idiota do rosto? Eu não vejo graça! – retruco. É claro que adoraria ficar olhando para o sorriso dele, mas quanto mais vejo os seus perfeitos dentes brancos, quanto mais seu sorriso se abre, mais desesperada eu fico por não saber o que fazer com essa nova situação.

— Calma, Nicole, eu não queria te deixar brava.

— Então apenas me leve para a minha casa, não precisamos conversar até lá. – respondo, emburrada.

— Você não muda, não é mesmo?

— Eu não mudo? Juro que não entendo do que você está falando. Para

ser sincera, nem sei se você é você mesmo, porque o Gustavo que eu conheço é muito diferente desse aí. — solto, sem me preocupar em pontuar a minha frase.

— Meu Deus! Como você consegue, Nicole? É por isso que você e o meu irmão se dão tão bem, vocês só enxergam aquilo que querem enxergar!

— Se for falar mal do Daniel, pode estacionar que chamo um táxi. — respondo, bufando de raiva. A petulância dele me irrita, como posso amar um cara assim?

— Esquece. Não vou dizer mais nada. — ele diz, olhando fixamente para a estrada.

— Melhor assim. — falo, voltando a olhar para fora da janela do carro.

O silêncio que toma conta do carro me assusta, porque embora esteja brava com ele, meu coração continua batendo mais rápido do que o normal e chego a ter medo de que ele consiga ouvir os meus pensamentos... sobre ele...

— Chegamos. — ele diz, estacionando o carro e saindo dele para abrir o porta-malas.

— Obrigada. — digo, pegando a mala da mão dele.

— Precisa de ajuda para subir?

Agora é oficial. Ele está me assustando.

— Não. Obrigada! — coloco a mala não chão e me despeço dele, dizendo apenas tchau e a arrasto para dentro do meu prédio. Sem olhar para trás.

Me dou conta de que estou tremendo, quando aperto o botão para chamar o elevador. Em anos, essa foi a primeira vez que ficamos assim, próximos. Foi a primeira vez que ele parece ter conversado comigo de verdade e eu ainda estou sem entender o que está acontecendo.

Entro em meu apartamento e com o corpo encostado na porta, me deixo ser vencida pela vontade de chorar e colocar para fora todo esse turbilhão de sentimentos confusos. O homem por quem sou apaixonada esteve ao meu lado e tudo o que eu consegui fazer foi trata-lo mal.

Que espécie de amor é esse que me prende e me faz refém dele mesmo? Que não me encoraja a demonstrá-lo? Por que tenho tanto medo de que ele me veja de verdade? De que ele saiba que sou apaixonada por ele há anos e que nunca me vi com outra pessoa a não ser ele?

Fico na mesma posição por mais de vinte minutos, agachada no chão, abraçada aos meus joelhos, chorando as lágrimas que me obriguei a engolir.

Já com o corpo doendo e os olhos pesados de tanto chorar, me arrasto até o meu quarto, arranco as minhas roupas, ficando somente de calcinha e

me jogo em minha cama, apagando por completo poucos minutos depois.

Acordo assustada com o barulho da campainha tocando, xingando mentalmente o porteiro por não ter interfonado, visto uma camiseta velha do Mickey e descalça, caminho até a porta da sala. Seja lá quem for, está com pressa por que é a terceira vez que a campainha toca em poucos segundos.

Começo a destrancar a porta sem olhar primeiro no olho mágico para ver quem é, minha mãe me daria uma bronca daquelas se me visse fazendo isso, acho que por morar em um prédio com portaria vinte quatro horas, acabei ficando mal-acostumada e esqueço desses pequenos detalhes. Assim que coloco a mão na maçaneta e a giro, fazendo a porta se abrir, sou surpreendida com a imagem que vejo.

— Gustavo? O que você está fazendo aqui? – pergunto, com a voz quase falhando.

Ele abre um sorriso, mais um para a coleção sorrisos do Gustavo e seus olhos percorrem o meu corpo de cima a baixo, me lembrando do estado em que estou.

Envergonhada, cruzo os braços sobre os meus seios, com medo de que ele repare que não estou usando a parte de cima por baixo da camiseta e o deixo perceber que estou desconfortável com o olhar dele.

— Posso entrar? – sua voz mansa me faz acreditar que estou parada na frente de outro Gustavo.

Por alguns segundos fico calada, considerando a ideia de ele entrar, ele então coloca a mão na porta e sutilmente a começa a empurrar, como se tivesse percebido que provavelmente eu recusaria o seu pedido. Como um robô, eu dou passagem para ele e ainda parada, o vejo entrar e caminhar até o meio da minha sala.

O que ele está fazendo aqui? Me pergunto, fechando a porta, sem conseguir tirar os olhos dele.

— Bonito “apê”! – ele diz, se sentindo totalmente à vontade com a situação.

Engulo em seco e dou pequenos passos em direção ao corredor. Eu preciso vestir algo descente e agora.

— Fique à vontade. Vou me trocar e já volto. – falo, evitando olhar para ele.

— Eu preferia que ficasse assim. – ele diz, encostando na parte de trás do sofá.

Para mim já deu! Eu não sei que porra de jogo é esse que ele está

fazendo comigo, mas sei que eu não tenho condições de seguir com isso, o fato de eu amá-lo por anos em segredo, não fez de mim uma tonta que vai simplesmente aceitar tudo o que ele fizer, o cara nunca me deu atenção, sempre fez questão de implicar comigo, de até judiar de mim, traiu o irmão com a esposa dele, e agora, se acha no direito de aparecer na minha casa e entrar sem ser convidado? Não! Está na hora de eu assumir o controle da situação.

Está na hora de eu criar coragem para começar a difícil missão de tirá-lo de vez da minha vida.

— Gustavo, na boa, o que você quer? – pergunto, enfezada. Já nem me importo mais que ele me veja somente de camiseta, eu só quero acabar com isso de uma vez por todas.

— Você pode pelo menos me oferecer algo para beber antes de conversarmos?

— Nós vamos conversar é? – retruco, sem me mover do lugar.

— Eu vim aqui para isso, mas realmente gostaria de beber alguma coisa agora. – sua voz soa chateada, acho que não era bem essa a recepção que ele esperava ter de mim.

— Não tenho nada com álcool.

— Água estaria ótimo.

Me viro para ir para a cozinha e ouço os passos dele atrás de mim. Eu me obrigo a me concentrar na minha respiração porque no momento em que abro a geladeira e sinto a presença dele próxima a mim, tenho vontade de me virar e pedir que ele me abrace novamente como fez na vinícola.

Pego a garrafa de vidro e viro-me, ficando a um passo dele. Fecho a porta e com uma dificuldade tremenda, desvio, pegando um copo no armário. Entrego o copo a ele e abro a garrafa para servi-lo.

Quando começo a despejar a água no copo dele, noto que sua mão está tremendo, ele percebe e vejo ele fazer força com a mão, tentando parar a tremedeira.

Não pode ser! Será um sintoma de abstinência? Será que o Gustavo também adquiriu problemas com a bebida? Não, isso não combina com ele, não pode ser.

Ele leva o copo até a boca e eu finjo não me incomodar ao ver que ainda está tremendo, coloco a garrafa sobre a bancada e caminho em direção à sala. Em silêncio, ele me segue. Aponto o sofá para ele se sentar e permaneço em pé. A minha camiseta não permite que eu me sente sem que ele tenha

qualquer visão indevida.

— Eu quero falar sobre o meu irmão. – ele diz, encarando o copo em suas mãos e segundos depois, volta a caminhar até a sala, sentando no sofá.

Eu o sigo.

Uma ponta de frustração me domina, eu fui estúpida demais por deixar que uma parte secreta dentro de mim acreditasse que ele estaria aqui por minha causa.

— Não sei se sou a pessoa certa para você conversar sobre o Daniel. Você sabe o quanto eu gosto dele e não estou com ânimo para retrucar qualquer acusação que você possa fazer contra ele.

Quando termino de falar, ele coloca o copo sobre o braço do sofá e prende suas duas mãos entre as suas pernas.

— Você gosta muito dele, não é mesmo?

— Muito. – respondo, encarando-o.

— Você o ama? – ele pergunta, arqueando a sobrancelhas.

Olho para ele confusa, é claro que eu amo o Daniel, o amo como se fosse meu irmão, o amo ao ponto de me jogar na frente de uma bala para salvar a vida dele se for preciso, um tipo raro de amor entre dois amigos do sexo oposto, mas a pergunta do Gustavo não parece ter tido esse tipo de conotação e antes que ele entenda tudo errado, eu respondo:

— Como um irmão.

Ele franze o cenho enquanto um pequeno sorriso se forma em seu rosto confirmando que até segundos atrás, ele acreditava que eu era apaixonada pelo irmão dele.

— Irmão?

— Sim, e por isso eu acho que você não deveria estar aqui na minha sala, sentado em meu sofá, o que você fez com ele... – eu paro de falar e dou alguns passos até a beirada do sofá, quero ficar de frente para ele, quero que ele veja em meus olhos a dor que ele causou a mim e também ao seu irmão. – É imperdoável. Eu não me surpreendi com a Letícia, eu meio que já esperava isso dela, mas de você? Eu juro que nunca esperava isso de você, não com o seu irmão, sempre achei que você o amava de uma forma única, desde criança.

Ele para de me encarar e abaixa a cabeça entre as mãos. Noto que elas estão trêmulas novamente, quero perguntar a ele se ele está com algum problema, mas me contenho, porque eu preciso colocar para fora tudo o que tenho guardado, toda a raiva que senti dele, toda a mágoa pelo o que ele fez

com o próprio irmão.

— A Letícia não significou nada para mim. Nunca significou. — ele diz, voltando a me olhar.

— Eu estava lá, Gustavo! Eu vi o quanto ela não significa para você! — grito, já não suportando mais fingir não me importar.

— Santo Deus, Nicole, como você pode ser tão devagar assim? Você nunca parou para pensar que eu posso gostar de você? — ele gesticula com as mãos, erguendo-as para o alto em sinal de descrença, enquanto balança a cabeça em negação. — Nunca cogitou a ideia de que fiz o que fiz porque sentia raiva do meu irmão por ele ter a atenção da garota por quem eu era apaixonado desde a sétima série?

Suas palavras me paralisam, como se eu tivesse sido atingida por alguma arma letal. Meu coração acelerado, parece não dar conta dos próprios batimentos, tento respirar.

Puxo o ar para os meus pulmões. Solto tudo de uma vez. Repito novamente, soltando mais lentamente dessa vez.

— Você não pode simplesmente soltar essa merda toda para cima de mim como se eu fosse a culpada pelo o que você fez com o Daniel! — grito exasperada.

— Nick? — ele estende a mão para mim, mas não consigo me mover.

Minhas pernas trêmulas, ficam bambas e ameaçam me atirar para o chão a qualquer momento. Ele disse que ele gosta de mim.

Mais de dez anos gostando desse cara em silêncio e agora ele diz que gosta de mim. Um filme passa pela minha cabeça. O dia em que Dan o pegou com a Letícia. O olhar dele para mim naquele dia, eu nem me lembrava que ele havia olhado para mim. Ele olhou. Agora me lembro. Havia dor em seu rosto enquanto me via consolar o seu irmão traído. Lembranças de nós na faculdade começam a aparecer, como se estivessem estado esse tempo todo escondidas em uma caixa secreta.

“ Ele socou o cara ordenando que ele terminasse com você”. A revelação do Daniel feita no avião quando estávamos indo para São Paulo, parece se tornar real agora. Um embaralhado e pensamentos povoam a minha mente. Me deixando atordoada e confusa.

— Você? Gostar? Como espera que eu cogitasse tal ideia se desde criança você me maltrata, me humilha, me ignora?

- Essa é a questão... desde criança eu gosto de você e tento chamar a sua atenção, mas, você só tinha tempo e olhos para o meu irmão, por isso fiquei

muito confuso com a sua revelação, dizendo que o ama como irmão somente.

— Você achava esse tempo todo que eu era apaixonada pelo Daniel?

— Sim. – ele abaixa o olhar.

— Nós tivemos um lance, há muito tempo, mas não significou nada para mim e nem para ele, serviu apenas para nos mostrar que o que sentimos um pelo outro, está longe de ser desejo, tesão ou paixão, o que sentimos é amor de amizade, amor verdadeiro e por isso me doeu muito o que você fez com ele. E sobre você gostar de mim, é um pouco difícil de acreditar depois de ver você se pegando com a mulher do seu irmão.

Me levanto para ir à cozinha pegar um copo de água para mim. Se eu tivesse qualquer bebida com álcool em casa, com certeza eu iria beber. Quando passo por ele, sua mão avança contra o meu braço, me puxando, me fazendo perder o controle e cair sobre o seu colo.

Sinto a sua respiração carregada e praticamente ouço as batidas do seu coração, que estão tão fortes quanto as minhas, a proximidade das nossas bocas, faz com que eu feche os olhos. Sinto o cheiro do seu hálito fresco se aproximar e no momento seguinte, sua boca avança contra a minha, me fazendo fechar os olhos. Sua barba por fazer, o toque quente e carnudo dos lábios dele contra os meus, faz do momento, o momento mais feliz de toda a minha existência. Nos beijamos como se o mundo fosse deixar de existir nos próximos segundos. Nossas línguas se movimentam freneticamente uma na boca do outro.

Agora eu sei o que é estar no paraíso.

Meus dedos deslizam pelos seus cabelos, e o sinto segurar o meu rosto com as duas mãos e mais uma vez, a tremedeira em suas mãos me chamam a atenção. Com medo de interromper o beijo, coloco minhas duas mãos sobre as dele e no mesmo momento que as toco, ele para de me beijar e se levanta com rapidez, quase me deixando cair no chão.

— Eu preciso ir embora. – ele diz, de costas para mim.

Não Gustavo, por favor, não faz isso comigo. Não agora.

As primeiras lágrimas escorrem do meu rosto enquanto ele caminha até a porta, ele se vira para mim e posso jurar que vejo uma lágrima escorrer pelo o seu rosto.

Por que ele está chorando? Por que ele está indo embora depois de tudo o que falou? Depois do nosso beijo?

— Desculpa, Nicole. Foi um erro eu vir até aqui. – e então ele se vira, abrindo a porta e fechando-a atrás dele logo em seguida.

Fico alguns segundos olhando para a porta, com a esperança de que ele a abra novamente e corra até o sofá e volte a me beijar. Passo o polegar pela a minha boca, tentando memorizar o toque gostoso dos seus lábios nos meus. Ouço o barulho do elevador parando em meu andar e mais lágrimas escorrem dos meus olhos.

Sinto que estou em um daqueles momentos decisivos onde a escolha que eu fizer agora, ditará o resto da minha vida. Posso ficar aqui e me conformar que a minha história com o Gustavo começou e acabou nesse apartamento, ou, correr até ele e nos dar a chance de finalmente vivermos uma história.

Tropeçando em meus próprios pés, corro até a porta, e em tempo, o vejo entrar no elevador, mas não a tempo de impedi-lo. A porta começa se fechar e pela grade quadrada na altura de nossos olhos, vejo a sua expressão de desespero.

— Eu te amo, Gustavo. — falo, soltando todo o ar do meu pulmão.

A porta se fecha, mas não antes de ouvir a sua resposta.

— Eu também te amo, Nicole.



Daniel

“Eu sei e você sabe, já que a vida quis assim. Que nada nesse mundo levará você de mim. Eu sei e você sabe que a distância não existe. Que todo grande amor. Só é bem grande se for triste. Por isso, meu amor, não tenha medo de sofrer. Que todos os caminhos me encaminham pra você.”

(Tom Jobim – Eu não existo sem você)

Quinze horas! Faz exatas quinze horas que me despedi da Manu e a deixei em seu trabalho e já sinto como se estivesse deixado em São Paulo uma parte de mim. E talvez tenha mesmo deixado.

Desde que a vi naquele saguão de aeroporto, foi como se eu tivesse reconhecido nela, uma parte minha, nossas histórias se cruzaram naquele momento e agora, caminham uma ao lado da outra. Tudo o que eu passei, toda dor, toda decepção, o inferno que encontrei ao me deixar ser levado pelo álcool, o inferno que foi para sair dele, a vontade de ser feliz novamente, as cicatrizes que a traição do meu irmão e da Letícia deixaram, tudo isso, serviu para que o meu caminho finalmente encontrasse o seu propósito: Manuela. A garota do olhar distante. Eu não a amei quando a vi, eu não a amei quando a beijei, e não a amei quando fizemos amor pela primeira vez, não, eu a amei quando ela mostrou as suas fraquezas para mim, eu a amei quando vi a quão machucada ela já havia sido pela vida, a amei quando ela teve medo do que sentia por mim e a amei mais ainda quando ela decidiu enfrentar todo esse medo... por mim. O dia em que a vi no apartamento da Nicole, justo no dia em que minha vida parecia estar desmoronando novamente com a possível paternidade do filho da Letícia, aquele dia, eu tive a certeza de que eu havia encontrado a minha pessoa certa e por mais que eu tive medo de que a notícia fosse afastá-la de mim, algo dentro de mim me dizia que daquele momento em diante, nada mais seria capaz de nos separar.

E não será.

A distância de mil quilômetros que nos separa não será capaz de separar

o sentimento que hoje existe entre nós, mas, eu pretendo acabar logo com isso. Olhar para o meu quarto e ver a minha cama vazia enquanto lembro dos bons momentos que tivemos nela, só me faz querer apressar as coisas mais ainda, terminar o meu livro para pedi-la em casamento no dia da tarde de autógrafos e para isso, tenho que conseguir parar de pensar nela por algumas horas do meu dia para que eu possa me dedicar ao máximo e entregar a história para a editora.

Na quarta-feira viajo para Minas Gerais, eu não disse à Manu sobre o que exatamente se tratava a viagem, apenas disse que era para a revista, não deixa de ser, mas a verdade é que vou voltar a um lugar que muito me marcou e que quero retratar em meu livro: eu havia ido para Capitólio, uma cidade fantástica no sul de Minas, para fotografar o cânion e lá conheci a história da Marcela, uma garotinha de sete anos que foi salva por um cão vira-lata. Marcela estava com os seus pais em uma das cachoeiras quando se soltou deles por alguns minutos e isso foi o suficiente para que as águas a levassem direto para a queda, Castor, o vira-lata, costumava ficar na região porque os turistas sempre o alimentavam, ele viu tudo e foi ele quem salvou a garotinha, pulando na água e puxando-a pela alça do maiô pouco antes da queda. O que mais me chamou a atenção nessa história foi que pouco tempo antes, Marcela havia parado para brincar com o cachorro e sua mãe a proibiu, dizendo que ele devia ser um vira-lata cheio de pulgas. A história me foi contata pela própria mãe, eles moram na cidade e não tinham o costume de ir ao cânion, no dia do acidente, era a primeira vez que levavam Marcela até lá e quando os conheci, era a segunda vez, três anos depois. Castor se tornou o cão-anjo da Marcela e como em meu livro, não vou falar apenas dos lugares, mas contar histórias desses lugares, quero voltar até lá para saber como andam Marcela e Castor.

Provavelmente farei mais duas ou três viagens como essa para o livro, e então, finalmente ele estará pronto.

Com a saudade me consumindo, digito uma mensagem para a minha pequenina.

Daniel: *Boa noite, minha pequenina, sonhe comigo. Amo você. Mais do que o infinito.*

Não demora muito, meu celular vibra em meu bolso e o pego já sabendo quem é.

Manuela: *Estou com saudades do seu beijo e também do seu abraço. Amo você, do tamanho do infinito, multiplicado pelo universo.*

Eu não posso simplesmente enviar uma resposta por mensagem, merda, essa distância acaba comigo, ler as palavras dela, ouvir a voz dela, nada disso faz passar a vontade que sinto de tê-la ao meu lado, de fazê-la feliz todos os dias, de ver o seu sorriso lindo e meigo pela manhã.

Sento em minha cama e disco o número dela.

— Oi, amor! – falo, assim que ela atende o telefone. Parece que desde que falei a ela que a amava, não consigo fazer outra coisa a não ser chama-la de amor.

— Oi, meu amor. – ela responde e eu posso imaginar o seu rosto corando.

— Eu não aguentei de saudades e tive que te ligar.

— Eu também estou com saudades, Dan. Mais do que imagina.

A sua voz quase some e me pergunto se não fiz mal em ter ligado para ela, parece que ouvi-la só fez aumentar o buraco em meu peito e acho que ela está passando pela a mesma situação.

— Ei, Manu, nós vamos dar um jeito, ok?

— Que jeito Dan? O que podemos fazer para isso acabar? Estamos longes, cada um tem a sua vida, o que podemos fazer?

— Amor, o que está acontecendo? – começo a ficar preocupado com o que ela está falando.

— Nada Dan, não está acontecendo nada, é só saudades.

— Manu, me ouve, eu sei que eu errei, nós devíamos ter conversado sobre isso antes de eu voltar para cá, mas não fiz e sei que você agora deve estar cheia de dúvidas se nós vamos dar certo ou não, então, meu amor, eu só peço que você confie em mim e que você tenha um pouco de paciência, consegue isso, por nós?

— S— i— m. – ela responde, já com a voz falhando.

— Amor, não chora. – digo, querendo atravessar o maldito aparelho de telefone para colocá-la em meu colo e fazê-la parar de chorar.

— Eu tô bem... Só não entendo por que tem que ser tudo tão difícil para mim, porque as coisas não podem ser simples como para a grande maioria das pessoas, como a Miriam e o Marcelo que estão noivos e felizes, como tantos outros casais. Por que tenho sempre que escolher o caminho mais difícil para ser feliz?

Fico em silêncio após o desabafo dela, sem saber o que responder. Eu não tinha pensando até agora o quanto isso poderia ser difícil para ela, mais

do que para mim, afinal, eu tenho em mente o que nos vai acontecer daqui a algum tempo, ela não. Ela não imagina que pretendo pedi-la em casamento em poucos meses, que quero que ela venha morar aqui comigo, mas se ela não topa, eu me mudo para São Paulo com a Bianca, ela está no escuro, sem saber nem quando vamos nos ver de novo e não posso culpa-la por ter esse tipo de dúvida sobre o nosso futuro.

— Dan, você está aí? – ela pergunta, com a voz ainda chorosa.

— Estou sim, amor. Estou aqui.

— Me desculpa por ficar falando essas coisas todas para você, como se você fosse o culpado da nossa situação.

— Amor? Por favor...

— Dan – ela me interrompe – eu gosto quando você me chama de amor.

— Então, amor, por favor, não quero que peça desculpas e também não quero que se questione mais desse jeito, apenas confia em mim. Nós vamos conseguir, eu te prometo, Manuela.

— Eu confio... – ela responde e eu sei que ela está sendo sincera.

— Amor? – a chamo novamente, só porque ela disse que gosta de me ouvir chamar.

— Oi?

— Eu te amo.

A ouço suspirar do outro lado da linha e antes que ela responda, a chamo novamente.

— Amor, estamos separados e por causa da distância, impedidos de nos beijar ou abraçar, mas essa distância não é capaz de impedir ou fazer diminuir o que sinto por você, entendeu?

— Dan, você vai me fazer chorar de novo.

— Não, não quero que você chore, sorri para mim, vai.

— Mas você não vai me ver sorrindo, de que adianta?

— Eu confio em você e sei que se disser que está sorrindo, você realmente estará. Anda, sorri. – ordeno.

Ela fica em silêncio por alguns segundos e isso me faz sorrir, porque sei exatamente o que ela está fazendo mesmo sem vê-la.

— Eu amo você, Daniel. E estou feliz por amá-lo.

— Então fica bem, nos falamos amanhã, ok?

— Tá bom.

Nos despedimos e desligo o telefone, ficando sentado, pensando em quanto tempo ainda vai levar para eu pedi-la em casamento e em como vou

fazer isso.

&

A viagem foi mais cansativa do que imaginei, mas pelo menos consegui as fotos que eu queria, Marcela, que hoje tem onze anos, adorou tirar uma foto ao lado do castor, na beira da cachoeira em que ele a salvou e eu prometi a ela enviar uma cópia do livro assim que ele estiver pronto.

Durante os três dias de viagem, Manu e eu nos falamos somente à noite e era quase impossível desligarmos o telefone antes de meia hora de conversa. Ela não sabe que já estou de volta a Bento Gonçalves, consegui antecipar o meu voo e ela acha que ainda estou em Minas, vou esperar a noite chegar para ligar para ela, ela já havia me dito que iria ao cinema com a Carol e bom, apesar da pontada de ciúmes que senti por saber que a minha namorada vai ao shopping com sua amiga em um domingo e que não posso ir, a incentivei a ir para que ele não se sentisse assim tão sozinha.

Aproveito o tempo livre e decido passar na casa da Nicole, ela já havia me enviado mensagem desde a terça-feira antes de eu viajar, dizendo que precisava falar comigo, como eu disse que viajaria e voltaria só no domingo, ela disse que preferiria esperar para falar pessoalmente.

Cumprimento o porteiro e subo direto sem precisar ser anunciado, toco a campainha e logo ela abre a porta.

— Ainda com a mania de abrir sem perguntar quem é, não é mesmo?

— Eu estou bem, obrigada por perguntar. – ela diz em tom irônico.

— Ok, desculpa, tudo bom com você? — pergunto, beijando-a no rosto.

Ela se afasta para eu entrar, fecha a porta e me segue até o sofá. Se eu não a conhecesse tão bem, não notaria que ela está nervosa, igual estava na oitava série quando veio me contar que a professora de matemática havia flagrado ela colando na prova e que agora ela estava com medo de levar advertência.

— O que está havendo? – pergunto, sem fazer rodeios.

— É sobre o seu irmão. – ela responde, esfregando as mãos sobre os joelhos.

— O que tem o Gustavo? – realmente eu não entendo o que pode ter acontecido para que ela esteja assim.

— Você não está sabendo que ele voltou?

Eu a encaro, balançando a cabeça em negativo, tentando ordenar as palavras na minha cabeça. O filho da mãe está de volta e agora eu tenho que controlar as palavras porque não posso machucar a minha melhor amiga.

— Quando ele voltou? – questiono, tentando manter a voz neutra.
— Antes de nós voltarmos de São Paulo, você não foi à vinícola ainda?
— Desde que voltamos não, falei com meus pais somente por telefone, eles sabiam que logo eu ia viajar de novo e na terça-feira fiquei em casa com a Bia. Você o viu?

Ela abaixa a cabeça e sei o que isso quer dizer.

— Como foi?

— Eu não sei.

— Como assim?

— O seu irmão está diferente, Dan.

— Virou santo? – pergunto em tom irônico, e ela lança um olhar furioso para mim. – Desculpa, saiu sem pensar.

— Talvez seja um erro eu falar sobre ele com você, acho que você ainda não está pronto para falar sobre ele.

Levanto da poltrona em que estou e me sento ao lado dela, segurando na mão dela.

— Ei, pivete, me desculpa, ok? Eu quero que você confie em mim como sempre confiou, eu consigo lidar com isso, por você...

Nick ergue a cabeça já com os olhos marejados de lágrimas e meu sangue ferve com a ideia de que ele possa tê-la magoado.

— Ele te fez alguma coisa? Por que você disse que ele está estranho?

— Não! Ele não me fez nada, mas ele veio aqui no meu apartamento... nós nos beijamos.

Ela faz uma pausa e me olha, se ela queria ver espanto em meu rosto, não conseguiu, porque acho que eu previa que um dia isso ia acontecer, eu só preferiria que tivesse sido antes dele ter comido a própria cunhada.

— E qual o problema em vocês terem se beijado, descobriu que ele tem duas línguas na boca ao invés de uma? – faço graça, para ela perceber que estou bem com a situação.

Ela sorri por alguns segundos.

— Acho que ele está com algum problema de saúde. – diz, voltando a ficar séria.

— Como assim?

Porra, ele é um cretino, mas é meu irmão, eu não posso ser indiferente à possibilidade de ele não estar bem, não agora que tenho a Manu para me fazer agradecer todos os dias pelo o que me aconteceu no passado, porque foi o que me levou a conhecê-la.

— Eu não sei explicar, mas tem a ver com as mãos dele, elas tremiam muito.

— E não podia ser de nervoso?

— Você acredita mesmo nessa pergunta que me fez? – ela questiona, é claro, ela é esperta.

— Não. – digo, balançando a cabeça em negação. – Me explica isso melhor. – peço.

— Dan, eu não sei explicar ao certo, mas por duas vezes, flagrei as suas mãos tremendo muito, até cogite ser problemas com bebida, e quando estávamos nos beijando eu senti a tremedeira e quando coloquei as minhas mãos sobre as mãos dele, ele se afastou dizendo que era um erro e saiu. Eu estou preocupada com ele, mas não quis falar com os seus pais antes de falar com você.

— E você o viu na vinícola depois disso?

— Não, o seu pai disse que ele foi visitar alguns fornecedores de especiarias em São Paulo e que voltará somente no final de semana que vem.

— Amanhã cedo eu vou até a vinícola e sondo os meus pais, vamos ver se eles sabem de alguma coisa.

— Obrigada. – ela diz, sorrindo.

— E quanto a vocês? — pergunto, fazendo um som estranho com a garganta.

— Eu não sei..., mas ele veio até aqui e se fez isso, me dá o direito de ir atrás dele, não dá?

— Nick, você tem o direito de ir atrás dele somente pelo fato de gostar dele, não precisa de que o cara venha até o seu apartamento para se sentir livre para procurá-lo. Apesar de tudo, eu conheço o idiota do meu irmão e ele também não é adepto aos joguinhos para ficar com alguém.

Ela me empurra para a ponta do sofá e em seguida deita a cabeça em minhas pernas, olhando-a assim, ainda parece a mesma Nicole de anos atrás, quase uma criança.

— Eu disse que eu o amava. – ela diz, sem olhar para mim. Aliso os seus cabelos e espero que ela continue.

— Ele disse que também me amava e então, a porta do elevador se fechou.

Imediatamente começo a rir o que a faz se virar para mim.

— Para de rir! – ela diz, fingindo estar brava.

— Nick, que coisa mais clichê! – solto, ainda gargalhando. – Vocês se

declararam um para o outro com uma porta de elevador se fechando?

Ela balança a cabeça e logo começa a rir também. Rimos até não termos mais ar nos pulmões, rimos até eu sentir uma lágrima dela escorrendo pelo o meu joelho. Eu a puxo para cima e a abraço com força.

— Eu estou com você, tá? Por mais que eu preferisse que você se apaixonasse pelo Frederico, aquele babaca da sua sala da faculdade, eu ainda vou estar com você, mesmo sendo o idiota do meu irmão.

— Porque você o ama. — ela diz, com a cabeça encostada em meu ombro, me fazendo ficar em silêncio.

&

Após buscar a Bia na casa da Letícia, o que me deixou um tanto estressado por ter que olhar para a cara da sem vergonha, Bia e eu fomos jantar em um restaurante japonês que ela adora e depois fomos para casa, fiquei com ela em seu quarto até ela pegar no sono e somente depois disso é que entro em contato com a Manu. Envio uma mensagem pedindo para ela entrar no Skype e logo em seguida ela responde dizendo que vai ligar o notebook.

Sentado na minha cama, com o note em meu colo, eu espero ela conectar e aceitar a minha chamada com vídeo, quando a imagem dela aparece na tela, posso jurar que meu coração congela, porque eu nunca vou me cansar de repetir mentalmente todas as vezes que a vejo, como ela é linda.

— Oi amor. — falo, e um sorriso instantâneo se abre no rosto dela.

— Oi amor. — ela responde. — Estava começando a ficar preocupada.

— Desculpa, eu antecipei o meu voo e como você ia estar no cinema, deixei para te ligar mais tarde, aí acabei indo na Nick e demorando mais do que pretendia.

— Está tudo bem com a Nick?

Decido ir direto ao assunto e contar tudo para a Manu.

— Gustavo está no Brasil.

Fico em silêncio. Olhando para a cam espero em forma de pergunta, por uma resposta.

— Dan, você está bem? Vocês se viram? — ela não consegue esconder a preocupação em seu olhar. Minha Manuela. Eu sei que foi Deus que a colocou em minha vida, é ela que agora me dá forças. Ela é a minha força.

— Não nos vimos, soube pela Nicole.

— Eu sei, ele foi visitá-la. — ela diz, encarando-me pela tela do computador.

— Você sabia?

— A Nick me ligou na terça-feira e me contou, ela pediu que eu não contasse a você enquanto você estivesse viajando, ela não queria te encher com isso e eu não me senti no direito de contar. Você entende, né?

Para ser sincero, eu não sei se entendo, afinal, a minha namorada escondeu de mim um acontecimento importante, mas também não estou com forças para levar isso para uma discussão, eu apenas balanço a cabeça em afirmativo e embora eu ache que ela percebeu o meu descontentamento, ela disfarça e continua a conversa.

— Amor, você não vai fazer nenhuma besteira, não é mesmo?

— Repete. – peço.

Ela faz cara de quem não entendeu e então peço de novo.

— Repete o que falou antes da pergunta.

Ela então sorri para a câmera e faz meu coração se apertar dentro do meu peito quando pronuncia a palavra amor. Em muito tempo, estou me sentindo amado novamente, amado de verdade. Um amor quase que puro, um amor leal. Sinto na Manuela todas aquelas palavras ditas nos poemas de Vinícius de Moraes, sinto-me como o protagonista da canção de Tom Jobim e Vinicius: Eu não existo sem você. Porque desde que a conheci, eu voltei a existir.

— De novo. – peço. – Deixando transbordar em mim toda a comoção que vê-la me chamar de amor, causa em mim.

— Meu amor. – ela diz, com os olhos cheios de lágrimas.

— Ah, minha bela Manuela, como eu queria que você estivesse aqui comigo. Agora. Nesse momento. – olho para a cam e vejo a minha pequenina piscando várias vezes na tentativa de conter o choro.

— Eu também gostaria de estar com você, Dan. Por favor, me diz que você vai ficar bem, me diz que vai se manter firme... – vejo o desespero em seu olhar e sei o que está lhe atormentando, embora nem tenha passado pela a minha cabeça fazer isso, ela está preocupada e não a julgo, afinal, já fiz besteiras demais por causa das minhas fraquezas.

— Eu estou bem. Estou sendo sincero, não quero que pense nisso, Manu. Não vou recair, aquele dia no hotel foi o meu teste final.

— Mas aquele dia eu cheguei a tempo, eu não posso chegar a Bento Gonçalves a tempo se você estiver propenso a recair.

O medo em sua voz me corta. Eu quero pegá-la no colo e tranquiliza-la. Quero que ela sinta que não sou mais uma bomba relógio prestes a explodir.

Eu preciso que ela acredite que estou bem após receber a notícia de que o cara que ferrou com a minha vida, está de volta.

— Olha para a câmera. — peço em voz baixa.

Ela olha e fica o olhar no centro dela.

— Eu te prometo, Manu, em nome desse sentimento que às vezes parece não caber dentro de mim, que eu não vou recair. Eu não sou um alcoólatra, não tenho a compulsão pelo álcool como um dependente dele, eu apenas me apeguei a ele na tentativa de passar por um momento difícil, foi assim quando descobri a traição e foi assim quando pensei que estava perdendo o amor da minha vida, após deixa-la embarcar em um maldito avião para a Dinamarca. — eu faço uma pausa e encho meus pulmões de ar — Eu agora tenho de volta esse amor, nada mais me fará recair.

— Dan, meu amor... eu queria tanto... — ela não consegue terminar de dizer porque seus olhos são inundados pelas lágrimas e ela parece se concentrar em tentar controlá-las.

Eu preciso resolver logo essa situação. Eu não vou suportar essa distância por muito tempo. Vê-la através de uma tela de computador e não poder sentir o seu perfume, não poder tocar em sua pele macia e lisa como porcelana, não poder sentir o seu beijo e ouvir a sua respiração, isso tudo parece ser um teste infundável. Eu preciso dela comigo, ao meu lado e sei que ela também precisa de mim.

— Ei, minha princesa, não chora. Aguenta só mais um pouco.

— Quando você diz, só mais um pouco, o que quer dizer de verdade? — ela pergunta com uma voz melosa e carregada de dúvidas.

— Eu vou dar um jeito da gente se ver mais vezes, só me dá um mês para eu colocar tudo aqui em ordem e eu te prometo que vamos nos ver com mais frequência.

— Desculpa Dan, por parecer que estou te cobrando, eu sei que para você também não está sendo fácil, mas é que acho que estou desacostumada com a minha vida aqui, deve ser isso... Os seis meses viajando me tiraram da realidade.

— Não, não peça desculpas, meu amor. Eu entendo você e por tudo o que você passou, acho que é normal se sentir um pouco deslocada por ter voltado à rotina.

— É assim mesmo que me sinto. — ela olha para a cam e força um sorriso e eu retribuo, sorrindo também.

— Vamos dormir?

Ela balança a cabeça em afirmativo, nos despedimos desejando boa noite um ao outro e eu digo que a amo e ela responde que também me ama antes de encerrarmos a chamada.



Manuela

*“Let me in the wall, you've built around. And we can light a match
and burn it down. Let me hold your hand and dance 'round and
'round the flame In front of us. Dust to dust.”*

*“Me deixe entrar nesse muro, que você construiu ao seu redor. E
nós podemos acender um fósforo e queimá-lo. Me deixe segurar
sua mão e dançar em volta das chamas na nossa frente.
Do pó ao.”*

(The Civil Wars — Dust to dust)

— *Eu não sei o que fazer! Eu estou feliz. Eu deveria estar feliz? Ou eu ainda
deveria estar de luto? Você vai me perdoar algum dia? – pergunto,
abraçando o meu próprio corpo, agachada na porta do meu quarto.*

— *Perdoar por ser feliz? – ele pergunta, com a voz calma, aquela
mesma voz que ele usava para ordenar que eu desfilasse para ele no nosso
quarto.*

— *Perdoar por ter seguido em frente. – murmuro, engasgando com as
palavras.*

— *Eu não te perdoo Manuela. – ele se agacha e toca o meu rosto —
Porque não há o que ser perdoado. Eu lhe fiz um pedido e de lá, de onde
estou, sorrio cada vez que vejo que você está conseguindo realizá-lo. Eu
conheço a sua cabeça – ele toca a minha cabeça — E o seu coração –
Coloca a mão direita no meu peito, na altura do meu coração e sinto o seu
calor. — E sei quantas guerras internas está travando diariamente para
conseguir superar a morte do seu namorado, o cara que você sempre soube
que não era perfeito e por isso o amou e, conseguir olhar nos olhos de outro
cara e dizer para ele que o ama. Porque você o ama. E você ama a mim
também. E vai ser sempre assim.*

Acordo assustada e com o travesseiro encharcado. Acendo a luz do
abajur e olho para a porta fechada, ele não está lá.

Foi tão real...

Olho para meu celular, ainda são duas da manhã. Preciso dormir. Ainda falta enfrentar a sexta-feira. Jogo o meu corpo sobre a cama e fecho os olhos, parte de mim deseja voltar ao sonho. Ter a aprovação dele me traz uma sensação boa, uma sensação de que o Universo está olhando por mim. Ou Deus. Ou o destino.

Meia hora se passa e não consigo dormir, levanto-me e caminho até a cozinha para pegar um copo com água. Mesmo evitando fazer barulho, minha mãe acorda e para no batente da porta.

— Está tudo bem, querida?

— Um sonho... – respondo, tomando um gole da minha água.

— Com o Leonel?

Balanço a cabeça em afirmação.

Sua voz suave me faz lembrar de quando eu era pequena e acordava no meio da noite chorando porque estava com saudades do meu avô. Eu era muito apegada ao pai da minha mãe e ele faleceu quando eu ainda tinha oito anos e chorei durante noites e mais noites, sentindo a falta dele e, todas as vezes que eu acordava chorando, minha mãe entrava no meu quarto com essa mesma voz e já sabendo o motivo, me colocava em seu colo e dizia para eu colocar a mão no meu coração, que eu sentiria o meu avô guardado nele.

Lembrar disso me faz instantaneamente levar a mão ao coração, bem onde sonhei que o Léo estava tocando.

— Como você adivinhou? – pergunto, me encostando na geladeira.

— Isso também acontecia comigo. – ela estica a mão e eu a alcanço e seguimos juntas até a mesa de jantar.

— Quando você começou a namorar o Cristian? – pergunto, percebendo que nunca tivemos uma conversa dessa antes.

— Também..., mas sonho com seu pai desde semanas após a morte dele, quando eu ainda estava trancada em meu quarto, trancada para a vida. Foi o seu pai que me fez reagir, Manuela. Assim como o Leonel a fez reagir.

— Eu não fazia ideia de que você sonhava com o papai e se você me dissesse que ele te ajudou a se recuperar da morte dele, antes de eu ter perdido o Leonel, eu acho que eu não entenderia, mas agora eu entendo perfeitamente o que isso quer dizer.

— Sim, meu amor. Poucas pessoas conseguem entender esse tipo de coisa, mas quando a gente acredita que o amor é capaz de ultrapassar a barreira do tempo-espço, a gente acredita também que esse amor não pode

ter acabado com a morte, ela não é o suficiente para colocar fim em um sentimento verdadeiro.

— Você amava muito o papai, não é mesmo?

— Muito. Não éramos o casal perfeito, mas o passar dos anos nos fez aceitar um as imperfeições do outro e até amá-las.

— Eu precisei de apenas seis meses para amar o Leonel e as imperfeições dele. — falo, mais para mim do que para ela.

— Manu, filha, olha para mim. — minha mãe pede, com a voz suave. — Você foi abençoada pelo destino, minha querida. O amor de vocês foi um amor raro, tudo o que você passou, tudo o que ele te fez passar na tentativa de afastá-la dele para que você não sofresse e ainda assim, você não desistiu, mesmo achando que tudo isso era frieza dele, é a prova de que vocês foram predestinados a se encontrarem e terem uma história juntos.

— Mãe, eu tenho medo de acreditar nisso — desabafo — Porque acreditar nisso me faz pensar que o que sinto pelo Daniel não é real, e eu estou confusa, porque eu sinto que amo o Daniel, eu sinto que é real.

— Claro que é, meu amor. — ela alisa o meu cabelo e me faz sentir segura e protegida. — Essa é a questão, você foi abençoada porque em teu destino estava escrito não somente um amor, mas dois. O primeiro te levou ao segundo e o segundo te faz retornar ao primeiro.

Olho confusa para a minha mãe, não sei se entendi direito o significado do que ela disse e ela parece adivinhar a minha confusão dizendo em seguida que um dia eu irei entender o significado da sua frase.

— Manu, o amor é o sentimento mais lindo que existe, mais puro, mais generoso, bondoso e transcendental, tenha isso em mente e acredite que não seria justo que o experimentássemos somente uma vez na vida. Eu hoje amo o Cristian — ela faz uma pausa e observa a minha reação, que não pode ser outra a não ser de espanto, mas é porque eu nunca havia parado para pensar que ela pudesse amar outra pessoa. — E eu não deixei de amar o seu pai, você entende o que quero dizer?

Balanço a cabeça e ela me puxa para um abraço apertado.

— Vamos dormir. — ela diz, após um longo tempo abraçadas. — Ela beija o topo da minha cabeça e se levanta seguindo para o seu quarto.

&

Essa foi com certeza uma das semanas mais longas de toda a minha vida, me lembro de ter me rastejado desse jeito e de ter ansiado logo pelo final de semana somente uma outra vez, quando o Leonel viajou de férias e a

falta de contato com ele me fez contar as horas e os dias até o retorno dele.

Mesmo falando com o Dan todos os dias por mensagem na hora do almoço e pelo Skype antes de dormirmos, a saudade não deu uma trégua, cada vez que ele me chama de amor, meu corpo todo parece absorver as palavras dele, codificadas pelo o meu cérebro e instantaneamente se arrepia. Eu me sinto amada novamente. E me sinto no direito de amar.

Ele não sabe que estou indo vê-lo. Combinei tudo com a Nicole, a Carol vai comigo, combinamos de sairmos de nossos trabalhos e seguirmos direto para o aeroporto para não perdermos tempo. O trânsito de sexta-feira em São Paulo parece ser sempre mais caótico do que o normal. Eu ia de táxi, mas o Renato se ofereceu para me levar e mesmo eu tendo recusado a carona por mais de cinco vezes, no final do dia acabei cedendo e aceitando.

No caminho até lá, ele evita falar do Daniel, na agência nossos assuntos são totalmente sobre trabalho, porém, quando almoçamos juntos ou saímos para tomar um café no meio do dia, agimos como dois amigos. Uma amizade que parece ter crescido com a doença do Léo e com a morte dele.

Eu estou descendo do carro quando ele me chama e me faz olhar para ele.

— Vai ter uma festa mês que vem para comemorar a premiação anual às agências de publicidade e propaganda, tenho convite para todos da agência e se você quiser levar o Daniel, consigo convite para ele também.

— Eu agradeço a consideração, Renato. Eu vou falar com ele.

— Ótimo, me avise na segunda-feira para eu providenciar o convite extra.

Eu dou um beijo no rosto dele e desço agradecendo. Não pelo convite, mas por tudo o que ele fez e continua fazendo por mim.

Talvez ele seja a minha Nicole.

Encontro a Carol no balcão de embarque, como combinamos. Ligo para a Nicole para confirmar que o voo está no horário e algum tempo depois, ele é anunciado e seguimos para o embarque.

— Você está indo por causa do irmão dele, não é? – Carol pergunta, logo que afivelamos nossos cintos. Eu já havia contado a ela boa parte da história dele quando liguei para ele e perguntei se ela queria me acompanhar na viagem.

— Eu confio nele e acredito que ele não vá mesmo recair, mas eu decidi ir para estar lá com ele, segurando a mão dele quando o encontro entre os dois acontecer. Ele faria isso por mim, eu tenho certeza.

— Sim, minha amiga. Ele faria. — ela coloca a mão sobre a minha e sorri.

Eu retribuo o sorriso e fecho os olhos, são menos de duas horas de voo, mas espero conseguir descansar um pouco e desligar de tudo.

— Manu? — ouço a voz da Carol me chamar, pouco tempo depois que fechei meus olhos. Eu os abro e a encaro. — Estou feliz por te ver feliz de novo.

— Obrigada, Carol.

— E quero que saiba que tenho um orgulho enorme de quem você se tornou, às vezes eu nem te reconheço mais, mas isso é bom, o Leonel abriu um baú dentro de você e fez com que saísse daí de dentro uma Manuela que eu me lembrava de ter conhecido quando ainda éramos adolescentes, uma garota cheia de sonhos e eu responsabilizo a ele toda as mudanças positivas que aconteceram na sua vida e me perdoa por dizer isso, porque sei que ele estará para sempre dentro de você, mas, eu preciso dizer que ele não morreu em vão.

E as últimas vinte quatro horas foram destinadas a me fazer chorar.

Seguro a mão dela sobre o braço da poltrona e nada digo, apenas deixo que mais algumas lágrimas caiam dos meus olhos. Pelo menos, quando eu encontrar o Daniel, não terei mais lágrimas para chorar e poderei matar as saudades sem fazer uma poça d'água ao nosso redor.

As nove e quarenta e cinco, estamos desembarcando em Porto Alegre e encontramos Nicole com uma plaquinha escrita os nossos nomes com uma caneta meio rosa neon.

— Ela é hilária. — comenta Carol, enquanto caminhamos ao encontro da Nick. — Eu entendo porque gostou tanto dela de cara. Já nem sinto mais ciúmes de vocês duas. — ela termina, me fazendo rir da sua confissão.

— Ciúmes? Sério?

— Se você contar para alguém eu nego.

Abraço a minha amiga e seguimos até a Nick, onde nós duas a abraçamos em conjunto.

Eu também poderia sentir ciúmes das duas juntas agora.

— Você sabe se ele está na casa dele? — pergunto, logo que a Nicole dá partida no carro.

— Liguei lá antes de vir para o aeroporto, com a desculpa que queria falar com ele sobre a chegada do Gustavo amanhã. Ele está me esperando. Eu vou deixar você lá e a Carol vai comigo para a minha casa.

— Tudo bem para você? – pergunto para a Carol, me virado para o banco de trás.

— Está brincando? Acha que eu ia gostar de ficar sob o mesmo teto que vocês dois essa noite? Vocês são capazes de botar a casa para baixo com essa saudade toda.

— Carol! – a recrimino, enquanto ela e a Nicole caem em uma gargalhada.

— E a Bianca? – pergunto, me sentindo tensa.

— Está na casa da Letícia, pode ficar tranquila.

Suspiro aliviada. Ainda tenho uma longa jornada pela frente para conquistar a confiança da filha do Daniel e eu preciso de mais tempo para saber como eu vou fazer isso.

Algum tempo depois, estamos parando o carro na frente da porta principal da casa do Daniel. Eu não me canso de ficar admirada cada vez que olho para esse lugar. Tão lindo e aconchegante, com um lindo gramado ao redor luzes no jardim. A Carol comenta algo sobre a casa ser linda, eu não consigo dar muita atenção porque meu coração está acelerado demais para me permitir ouvir outra coisa a não ser as batidas fortes dele dentro do meu peito.

Pego a minha mala e me despeço das duas. Espero Nicole sair com o carro para seguir até a porta. Coloco a mão na campainha, mas desisto de tocá-la, uma outra ideia me passa pela cabeça e decido segui-la.

Tiro o celular da bolsa e me espanto ao ver que há duas mensagens dele. Me esqueci completamente de inventar uma desculpa para a minha ausência no tempo em que estivesse voando. Abro a primeira mensagem e um sorriso bobo surge em meu rosto.

Daniel: *Oi amor, vou levar a Bia na casa da mãe dela e assim que chegar te aviso para nos falarmos no Skype.*

Ele enviou essa mensagem às sete da noite. Eu já estava no avião.

A segunda foi enviada às oito, e meu coração se aperta ao ver a frustração dele em forma de palavras.

Daniel: *Acho que você está ocupada... raramente fica sem responder as minhas mensagens e hoje, estranhamente não me mandou nenhuma e o fato de seu celular estar na caixa postal, está começando a me preocupar...*

Meu Dan... – penso, enquanto digito uma resposta para ele.

Manuela: *Amor... Desculpa. Estava em um compromisso importante.*

Estou com saudades.

Clico no enviar e me sento encostada na porta.

Um minuto se passa e nada dele responder.

Dois minutos e continuo sentada com o celular na mão.

Três minutos e abro o WhatsApp só para ter certeza de que ele está funcionando corretamente. Ele viu a mensagem.

No quarto minuto, aparece no visor que ele está escrevendo e então meu coração volta a bater normalmente.

Daniel: *Pela curta mensagem que enviou, acho que ainda está ocupada, nem vou pedir para vê-la pelo Skype.*

Manuela: *Não vou poder mesmo falar pelo Skype agora, mas você pode me ligar?*

Logo em seguida o meu celular toca e eu atendo segurando o riso.

— Oi, meu amor! – atendo, fingindo não perceber que ele está chateado.

— Oi, Manu...

Ele fica em silêncio eu me levanto rapidamente e toco a campainha.

— Acho que a campainha da sua casa está tocando. – falo, quebrando o silêncio.

— Deve ser a Nicole, esqueci que ela falou que viria aqui. Eu te ligo depois. – sua voz está fraca e confirma que ele está chateado.

— Dan, não desliga não, se for ela, deixa eu aproveitar e falar uma coisa para ela rapidinho?

— Ok. – ele responde. – Vou até a porta.

— Enquanto você vai, me responde uma coisa: Está tudo bem?

— Está sim. – e logo que ele responde ouço o barulho da maçaneta girar. – Você fala com a Nicole e mais tarde a gente se fala, ou amanhã. – Enquanto ele fala, a porta começa se abrir, mas ele demora para aparecer por estar ainda falando comigo.

Eu empurro a porta lentamente e fico parada esperando pela reação dele.

— Manu! – ele olha para o celular e depois para mim, como se não estivesse acreditando.

— Oi amor...

Eu me jogo em seu colo e ele envolve as mãos ao redor de mim, me prendendo em um abraço gostoso. Logo, sua boca encontra a minha e sem tempo dizermos qualquer palavra, nos beijamos com paixão e vontade.

— Você está aqui... – ele sussurra em meus ouvidos, quando o beijo cessa. – Meu amor...

— Meu amor... – respondo, com a cabeça colada em seu ombro.

Com uma mão segurando na minha cintura, ele usa a outra para pegar a minha mala que está largada na entrada da casa e me conduz para dentro. Nossos olhos permanecem fixos um no do outro e as lágrimas que pensei terem acabado, me contrariam e começam a escorrer.

Lágrimas de alegria.

— Como? – ele pergunta confuso, me levando para as escadas que leva até o quarto dele.

— Nick me ajudou. E Carol veio comigo.

— Não acredito! Você programou tudo isso quando?

— No meio da semana, eu queria estar aqui com você amanhã...

Ele beija a minha têmpora e entramos no quarto dele.

— Saudades desse lugar. – falo, parando próximo a cama.

Daniel para atrás de mim e me abraça, beijando o meu pescoço e a minha nuca, fazendo todos os pelos do meu corpo se arrepiarem. Eu sinto a sua ereção logo que ele me puxa contra o seu peito e sem rodeios, me viro para ficar de frente com ele e beijá-lo.

— Essa noite, quero matar toda a saudade acumulada, Manuela. Espero que tenha vindo preparada para não dormir. – ele sussurra baixinho, encarando-me, fazendo meu corpo todo reagir à sua promessa.

— Estou ansiosa para isso.



Daniel

“You've got the best of both worlds. You're the kind of girl who can take down a man, and lift him back up again.”

“Você tem o melhor dos dois mundos. Você é o tipo de garota que pode derrubar um homem, e levantá-lo novamente.”

(Jason Mraz – A Beautiful Mess)

Passar o dia inteiro sem notícias da Manu foi como estar em uma sala de tortura, mas eu não me senti no direito de persegui-la, eu nunca fui do tipo de cara que cerca a namorada e para ser sincero, ando estranhando o meu comportamento. Não que eu esteja me tornando um maníaco-possessivo, mas sinto necessidade de saber como foi o dia dela, o que ela fez de bom, se pensou em mim como pensei nela, se também sentiu vontade de me mandar mensagem várias vezes ao longo do dia e se segurou para não parecer exagerado.

Sei lá, acho que preciso desligar um pouco, deixá-la livre, pena que não existe um interruptor onde a gente possa ligar quando é a hora certa para ser um namorado preocupado e interessado e desligar quando essa hora está se tornando exagerada.

No fim do dia, após eu ter passado mais de quatro horas seguidas na frente do meu notebook escrevendo o meu livro, a Nicole me ligou pedindo para vir aqui em casa para conversarmos. Não estava em meus planos receber ninguém em casa hoje, eu só queria conversar com a minha pequenina à noite e depois cair na cama, mas não me senti em condições de negar uma visita da Nick. A Letícia buscou a Bianca na escola e a levou para a casa dela, então, me programei para passar o final de semana escrevendo.

São quase sete da noite e nenhum sinal da Manu. Envio uma mensagem a ela e aguardo com o celular na mão impacientemente por uma resposta.

Abro uma garrafa de suco de uva e sirvo em uma taça, bebendo em seguida, imaginando quando me sentirei pronto para voltar a beber vinho

novamente. O vinho fabricado pela a minha família e que hoje, não posso nem mais provar. Talvez eu até já esteja pronto para isso, mas me falta coragem para descobrir. Há muita coisa em jogo, e manter a minha sobriedade é mais do que um desejo pessoal, eu não posso colocar em risco o meu relacionamento com a Manu por causa das minhas fraquezas.

Volto para o computador. Quanto antes eu terminar essa história, mais cedo poderei ter a Manu comigo. Isso é... Se ela aceitar...

Oito da noite. Envio mais uma mensagem. Agora, já não sou capaz de esconder a minha frustração com a falta de contato dela. Estou chateado. Talvez, eu esteja dependente demais dela e isso não é bom. Mas que culpa eu tenho se me apaixonei por ela de uma forma que me faz perder a noção dos limites?

Se apaixonar afinal não é isso? Perder a razão e viver na emoção?

Ow, merda! O que estou fazendo?

Ando a questionar demais o que sinto e o que faço em relação à Manu. Isso me assusta. Às vezes deito-me pensando se quando acordar no dia seguinte, não verei que foi tudo um sonho. Isso deve ser alguma reação padrão de alguém que já perdeu muito na vida e que tem medo de perder o que pela primeira vez, sente que é verdadeiro.

Subo para o meu quarto e volto para o computador. As palavras já me embaralham a vista, acho que não estou mais em condições de escrever por hoje. A falta de comunicação com a Manu está começando a me deixar preocupado, não sei quando é a hora certa de ligar para ela, mas sei que não vai demorar muito para isso acontecer e quando acontecer, eu quero que se dane se ela achar que estou sendo um pouco paranoico, ela é a minha namorada e eu tenho o direito de me preocupar com ela.

Talvez ela apenas tenha saído com o pessoal do trabalho dela...

E isso inclui Renato. O chefe perfeito dela.

Meu celular vibra em minha cama, salvo o último parágrafo que escrevi e o pego, vejo na tela que é uma mensagem da Manu. Não sei o porquê, mas fico imóvel, encarando o celular desbloqueado por uns quinze segundos antes de ler a mensagem.

Ela se desculpa por não ter respondido antes.

Eu fico com raiva.

Passei as duas últimas horas concentrado em como não pensar na Manu e em como não pirlar sem ter nenhum contado dela e agora ela simplesmente escreve que estava em um compromisso importante?

Daniel, para com isso, você está ficando paranoico...

Jogo o celular sobre a cama e vou até o banheiro. Abro a torneira da pia e molho o meu rosto.

Ela é especial. Mas não pode ser tudo. Minha vida não pode se resumir a minha namorada. Olho-me no espelho e repito em voz alta. Tenho que assumir o controle novamente.

Será que é assim que os verdadeiramente apaixonados agem?

Volto para o meu quarto e escrevo de volta. Em seguida ela responde me pedindo para ligar para ela.

Ah... se ela soubesse o quanto desejei fazer isso o dia todo.

Ouvir o som da voz dela me chamando de amor, faz sumir todas as malditas inseguranças do dia inteiro. Eu nem sei por que continuo me mantendo indiferente, quero chamá-la de amor também, mas quero que ela saiba que fiquei sentido e preocupado com a falta de contado dela.

A campainha toca e me faz lembrar que estou esperando visita da Nicole. A Manu ouve pelo celular e quando digo a ela que é a Nick, ela pede para falar com a minha melhor amiga e me obriga a não desligar a ligação.

Desço até a porta e a abro, ainda falando ao celular.

Quando a porta se abre por completo, dou de cara com a minha Manuela olhando para mim com um sorriso travesso nos lábios.

— Manu! – falo, olhando confuso para o celular em minhas mãos e depois para ela.

— Oi amor... – ela responde, se atirando em meu colo.

Eu a abraço com força, envolvendo os meus braços ao redor da cintura dela, puxando— a para mim. Nos encaramos por alguns segundos e sem dar tempo de dizermos mais alguma coisa, a tomo em um beijo apaixonado.

— Você está aqui... – sussurro em seu ouvido, ainda duvidando que seja real – Meu amor...

— Meu amor... – ela responde, abraçada a mim.

Pego a mala dela e conduzo para dentro, nossos olhares permanecem fixos um no outro e vejo seus olhos se encherem de lágrimas.

— Como? – começo a perguntar, já encaminhando ela para o meu quarto.

— Nick me ajudou. E a Carol veio comigo. – ela responde em antecipação à minha pergunta.

E quando ela diz que veio por que queria estar comigo amanhã, quando eu encontrar com o Gustavo, eu tenho a certeza de que ela é a melhor

namorada do mundo.

— Saudades desse lugar. — ela diz, quando paramos próxima a cama.

Eu a abraço por trás e beijo o seu pescoço. Meu corpo logo reage à presença e ao cheiro adocicado dela, ela se vira para ficar de frente para mim e me beija demonstrando que está sentindo a mesma vontade que eu.

— Essa noite, quero matar toda a saudade acumulada, Manuela. Espero que tenha vindo preparada para não dormir. — provoco-a.

— Estou ansiosa para isso. — ela devolve, me dando sinal verde para seguir em frente.

Antes de fazer qualquer coisa, meus olhos percorrem o seu pequeno corpo e reverencia o quão belo ele é, sua cintura fina contrasta com o seu quadril avantajado e seu rosto perfeitamente simétrico parece ter sido esculpido por algum artista renascentista. Ela me olha com curiosidade enquanto meu olhar sobe e desce, analisando cada pedacinho dela. Cada pedacinho que me deixa maluco e cheio de tesão.

— Como você é bela...

Digo, segurando a mão dela e levando até a minha boca, beijando cada um dos nós dos seus dedos.

— Tão bela que às vezes nem parece real. — beijo a palma da sua mão.

Ela abre um sorriso enorme após liberar um suave suspiro.

— Tão bela que eu poderia passar a noite toda admirando-a.

— Se você fizer isso vai me levar à loucura. — ela diz, um pouco tímida.

E como ela fica linda assim, envergonhada.

— Eu poderia. — digo. — Mas não vou. Porque eu também ficaria louco se passasse a noite toda apenas observando-a quando tudo o que o meu corpo exige é sentir o seu corpo colado a ele.

— Então toca-me. — ela pede, tocando-me o rosto com sua delicada mão.

Eu faço o mesmo e sem pressa, meus dedos passeiam pelo rosto dela, traçando uma linha invisível enquanto desce para o seu colo. Desabotoo os três primeiros botões da sua camisa e continuo a descer entre os seus seios. Manu tomba a cabeça para trás e com a mão livre, eu seguro em sua nuca, servindo de apoio para ela. Seu pescoço exposto é um convite e eu a beijo no queixo e desço, soltando vários pequenos beijos até chegar na área descoberta pelos botões abertos. Minha boca parece ter vida própria quando meus olhos avistam os seus seios empinados por trás da lingerie preta. Beijo cada um deles e termino de lhe tirar a camisa, deixando-a somente de sutiã.

Volto a beijá-la e ela geme. Desço até seu umbigo, beijando todo o

contorno dele e a Manu me prende à sua barriga com suas mãos. Sei que estou me aproximando do seu ponto fraco. Sei o quanto ela é sensível na região lateral da sua barriga e é para lá que sigo, chupando a sua pele macia. Beijando a sua pele clara.

— Dan...

Ela solta, quando chego na entradinha que se forma em sua cintura.

Eu a ignoro e a beijo com mais força.

Suas mãos me soltam e vejo o vulto dos seus movimentos. Ela começa a abrir o botão de sua calça e a descer o zíper, abrindo espaço para a minha descontrolada boca. Sigo descendo, beijando cada parte sensível do seu corpo.

Manu se livra da sua calça e eu paro por alguns segundos para novamente reverenciá-la.

— Por favor... – ela suplica, empinando o seu corpo ao meu encontro.

Eu me levanto e coloco as minhas mãos em seu traseiro. Erguendo-a. Ela me prende com as pernas ao redor de mim e caminho com ela até a cama, colocando-a cuidadosamente sobre ela.

Tiro o seu sutiã e logo começo a sugar os seus seios, juntando-os com as mãos. Manu solta mais um gemido.

Ela está tão sensível.

É tão prazeroso vê-la assim.

Entregue.

Sensível.

Deliciosa.

Inicio mais uma descida ao paraíso, mas ela me detém e me ajuda a tirar a minha camisa. Suas mãos apertam o meu corpo enquanto descem até o cós da minha calça. Paro de beijá-la e fico em pé para me despir. Aproveito para pegar uma camisinha no criado mudo e quando coloco-a sobre a cama sou surpreendido com a Manu dizendo que hoje vamos fazer sem. Olho confuso para ela e ela diz que está tomando remédio regularmente e que quer me sentir novamente dentro dela.

Só de ouvir isso, meu membro, que já estava excitado, deve ter aumentando alguns centímetros. Arranco a calcinha dela e com cuidado, dois dedos a penetram, fazendo-a se contorcer.

Ela alcança o meu membro e inicia uma jornada de vai e vem, me fazendo pirar. Conforme a sua mão sobe e desce, meus dedos entram e saem de dentro dela, ela pronuncia o meu nome entre vários gemidos e seu corpo

começa a tremer.

Paro os movimentos e ela revira os olhos, implorando para que eu continue. Deito o meu corpo sobre o dela, apoiando-o sobre os meus joelhos e vagarosamente, começo a penetrá-la. Ela me agarra com força e ergue o seu quadril para melhor sentir o movimento. Nos movemos com pressa. Cada vez mais forte. Mais intenso.

Eu já conheço a posição preferida dela e sei o quando ela gosta de quando fazemos sentados. Eu a viro sobre o meu corpo e me sento em seguida, sem parar de me afundar nela. Em uma sincronia perfeita, a dinâmica continua até seu corpo todo se apertar contra o meu.

— Ah... Dan... — Manu solta, me fazendo ter a certeza de que ela chegou ao ápice.

Sem parar de me mover, eu invisto com mais força em um entre e saí frenético até também ser tomado pelo prazer e sentir o meu corpo todo vibrar por dentro, expelindo dentro dela todos os meus fluídos.

— Eu te amo, Manuela. — murmuro, deitando-me ao seu lado.

— Eu te amo, Daniel. — ela solta, com um sorriso cintilante nos lábios. — Você me faz feliz...

Estico o braço e ela repousa sobre o meu peito e eu acaricio os seus cabelos longos.

Adormecemos pouco tempo depois. Acordo com nós dois na mesma posição. Olho para o relógio em meu criado mudo. Quatro horas da manhã. Percorro com olhar o seu corpo e logo me sinto tentado a tocá-la. Deslizo a mão pela a sua cintura e ela murmura o meu nome. Continuo o caminho e com os olhos fechados, sua mão começa a alisar a minha pele. Desço até o seu sexo e sinto a sua umidade.

— Sempre tão pronta. — falo baixinho, fazendo-a arrepiar.

— Culpa sua. — ela diz em reposta.

— Quero fazer amor com você. — falo, ficando de lado na cama, de frente para ela.

Manuela abre os olhos, ainda meio sonolenta e balança a cabeça em afirmativo e no momento seguinte, nos beijamos. Sem pressa. Sem necessidade. Apenas com amor.

Fizemos amor por quase uma hora. Um curtindo o corpo do outro. Dando prazer ao outro. Oferecendo prazer. Ficamos de conchinha e ela adormece algum tempo depois. E eu a sigo, permitindo que o sono e o gostoso cansaço me leve.

&

— Bom dia, minha linda!

A acordo como ela merece ser acordada. Com café na cama.

— Bom dia, meu amor. – ela responde, esfregando os olhos. – Você é perfeito! – diz, quando vê a bandeja sobre o lençol.

— Você quem é. – respondo, me juntando a ela na cama.

Tomamos café sem pressa e depois Manu vai para o banheiro tomar uma ducha. Ela não se conformou não ter acordado quando eu fui tomar banho, disse que eu devia tê-la chamado, mas, ela estava dormindo tão serena que decidi que tomaríamos banho juntos em outro momento.

Após estarmos prontos, ligo para a Nicole para saber se ela já está na vinícola. Ela responde que ela e a Carol estão se arrumando para sair então, combinamos de nos encontramos no prédio dela e seguirmos juntos.

— Oi bonitão. – Carol diz, ao me ver.

Eu dou um beijo em seu rosto e agradeço o elogio.

— Carol! – Manuela a repreende e todos nós rimos dela.

— O que foi, Manu? Não posso chamar o seu namorado de bonitão? – ela provoca, e eu me divirto com a cena.

— Acho que ele não está acostumado com alguém atirada como você. – Manu responde.

— Ah... está sim! – Nicole diz, em defesa da Carol. – Ele está acostumado comigo, Manu e não há ninguém mais atirada e sincera do que eu.

— Tenho que concordar. – digo, beijando o rosto da minha namorada.

Manu balança os ombros e responde:

— Ok, bonitão. Vamos então.

— Ela me ama. – digo para as duas, que estão entrando no carro da Nicole.

— Sim. – afirma Carol. – Por isso, trate-a bem.

Seguimos para a vinícola enquanto a Manu me conta sobre um novo cliente em que ela está responsável pelo projeto, ela fala com empolgação, satisfeita com a sua conquista. Meu celular toca e pelo bluetooth, eu atendo. Minha mãe avisa que o meu irmão está lá. Aproveito para dizer que a Manu está comigo e está indo vê-la. Minha mãe não esconde a alegria e diz que vai preparar um almoço especial para nós.

Desligo a ligação com o coração acelerado. Manu logo capta o meu nervosismo e coloca a sua mão sobre a minha coxa, alisando-a.

— Vai dar tudo certo, amor. — suas palavras me acalmam. Ela é a segurança que preciso para seguir em frente com essa ideia maluca de resolver de uma vez por todas essa situação com o meu irmão.

— Estou fazendo isso pela Nick. — digo em resposta.

— Não, Dan. Você está fazendo isso por você. Porque ele é seu irmão. Porque vocês sempre foram apegados e porque você está preocupado com o que a Nick disse sobre ele estar doente.

Fico em silêncio.

— Estou errada? — ela pergunta.

— Eu tenho medo de não ser capaz de perdoá-lo, Manu. Eu não sei se o que ele me fez tem perdão.

— Dan, você não tem que desculpá-lo pela dor que ele lhe causou. Você não precisa tirar dele essa culpa, mas, você pode perdoá-lo por ter lhe feito sofrer e essa é a diferença entre desculpar e perdoar. Ninguém espera que você o desculpe, mas, eu sei que você é capaz de perdoá-lo.

Olho para a Manu sabendo que o que ela acabou de dizer faz todo sentido. Eu não posso tirar dele a culpa por ter colaborado com a desgraça da minha vida, mas talvez eu consiga com o tempo, perdoá-lo, agora em que eu estou seguindo em frente ao lado da Manu, isso parece ser possível.

Estaciono o carro ao lado do carro dele e a Nicole estaciona o dela ao lado do meu.

Paramos os quatro na entrada da vinícola e a Manu olha para mim e para a Nick, esperando ver em nossos semblantes algum indício se vamos desistir ou entrar.

— Estão prontos? — ela pergunta.

— Pronta. — Nick responde apressadamente.

Manu aperta a minha mão e me encara.

— Estou pronto. — respondo, respirando fundo e entrando.



Manuela

*“Love, thy will be done. I can no longer hide, I can no longer run
(no....). Love, thy will be done
Thy will love be done.”*

*“Amor, seja feita a sua vontade. Não consigo mais esconder, não
consigo mais correr (não...). Amor, seja feita a sua vontade. Seja
feita, amor, a sua vontade.”*

(Martika – Love, thy will be done)

Antes mesmo de chegarmos ao final da recepção, somos recebidos por Marta, que me abraça calorosamente. Daniel nos observa, parado ao meu lado e ao olhar para ele, vejo um lindo sorriso se abrir em seu rosto. Ele parece feliz com a forma que acabo de ser recebida pela a sua mãe.

Em seguida, apresento Carol para ela, as duas se beijam e Marta segura nas mãos dela e diz que está muito feliz em receber a mim e a minha amiga.

Pedro nos ouve e vem logo em seguida, eu fico um pouco insegura de como cumprimentá-lo, mas ele me ajuda, abrindo os braços enquanto caminha em minha direção.

— Menina Manuela! Que prazer recebe-la novamente!

Sorrio para ele e o abraço. A nossa primeira conversa foi tensa e até estranha, mas ele parece ter me aprovado como a pessoa certa para o filho dele e eu não posso culpa-lo pelas preocupações que ele tinha até confirmar isso.

— É um prazer revê-lo. – falo, lembrando-me que ele pediu para não chamá-lo de senhor.

— E essa moça bonita, quem é? – ele diz, virando para a Carol.

— Essa é a Carol, amiga da Manu, pai.

— Seja bem vinda, Carol. – ele a beija no rosto e a abraça.

— Muito obrigada, senhor Pedro.

— Não, por favor, somente Pedro. Vem, vamos para a cozinha, um café da manhã maravilhoso as espera.

Pedro e Marta começam a caminhar e a Nicole percebe que estamos hesitantes e inicia os passos atrás deles, seguida por Carol.

Entrelaço meus dedos nos do Daniel e o encorajo a segui-los.

— Você está bem? – pergunto baixinho enquanto caminhamos pelo corredor.

— Você está aqui e isso torna mais fácil. – ele responde, olhando para mim.

Nessa hora, sinto vontade de abraça-lo. Quando nos conhecemos, acho que eu precisava muito mais dele do que ele de mim, entretanto, agora, eu sei que ele precisa muito de mim e fico feliz por ter decidido vir para cá para somente estar com ele nesse momento.

— Amo você, ok? – falo, quase que sussurrando.

Então, ele para no meio do corredor enquanto todos continuam o trajeto e me abraça, como se tivesse acabado de ler os meus pensamentos. Encosto a cabeça em seu peito e o abraço também.

— Eu te amo, minha pequenina.

Ele beija o topo da minha testa. Um beijo demorado. Apertado.

— Vem, vamos antes que voltem para nos buscar. – digo, segurando na mão dele novamente.

Como eu imaginava, nos deparamos com uma mesa farta de tortas, bolos, pães, sucos e frios. Carol olha para mim espantada e eu balanço os ombros rindo. Não adianta nem ela ousar em dizer que isso tudo é um exagero porque o pessoal do Sul não parece achar isso.

Nick conduz Carol para um lado da mesa e eu e Dan caminhamos para o outro lado e nos sentamos.

— Carol, a Manu já conhece o esquema aqui, a gente come demais, e eu quero que você se sinta à vontade, ok? – Dan diz para a minha amiga.

Ela sorri para ele e agradece, já beliscando um cheesecake de frutas vermelhas.

Pedro e Marta se sentam conosco e inicio uma conversa com a mãe do Daniel sobre como é a fabricação do vinho, ela fica brava por saber que o Dan ainda não me explicou algo que para ela é tão importante. Nós rimos quando ele tenta se defender dizendo que a primeira vez que estive aqui, ele estava feliz demais e com saudades demais para pensar em colheita da uva.

Percebo que o Dan está começando a ficar incomodado. Todos,

inclusive os pais dele, sabem que algo estás prestes a acontecer. É questão de tempo até Gustavo aparecer e nós descobirmos como o Dan irá reagir a esse encontro.

Sou praticamente obrigada pelo Dan a experimentar uma torrada com geleia de framboesa feita por Marta, ele coloca um pedaço em minha boca e não consigo recusar porque tudo o que a mãe dele faz, é simplesmente divino. Estou mastigando quando vejo a expressão do rosto da Nick mudar, suas sobrancelhas quase se juntam e ela tenta disfarçar quando olha para mim, mas é tarde demais, eu vejo o desespero em seu olhar e o Daniel também, fazendo nós dois olharmos para atrás dele na mesma hora.

Meus olhos se deparam com um homem alto, forte, cabelos mais escuros do que o do Dan, e olhos cor de amêndoas. Se os dois ficarem um ao lado do outro, estou certa de que estarei tendo a visão mais linda do mundo.

De imediato, coloco a minha mão sobre a perna do Dan enquanto ele ainda encara o irmão, que está parado em silêncio na porta que dá acesso à cozinha. Marta percebe que algo está acontecendo e se vira. Seu rosto também fica tenso quando ela vê os dois irmãos se encarando como dois cães que estão prestes a brigarem.

— Filho, por que está aí parado, venha conhecer a namorada do seu irmão e a amiga dela. — Marta diz, em uma tentativa de quebrar o clima pesado.

Corro meu olhar entre ele e o Daniel. Se Gustavo está apreensivo ou receoso, ele parece esconder bem porque não vejo em sua fisionomia nada que indique isso, enquanto que Daniel está duro como uma pedra, ele segura a minha mão com tanta força que meus dedos estão começando a ficar brancos.

— Está tudo bem. — murmuro baixinho. E me viro novamente para Gustavo, que está caminhando em direção da Nick e da Carol.

Ele passa por nós encarando o irmão e dá a volta na mesa.

— Essa é a Carol. — Marta diz, ficando de pé.

Carol se levanta meio sem graça e o cumprimenta com um beijo no rosto.

— Prazer em conhecê-la. — ele diz e logo em seguida caminha até Nick, dizendo o nome dela e a cumprimentando com um beijo no rosto.

Olho para as duas e ambas parecem estar sem saber o que fazer. Carol provavelmente está se sentindo embaraçada enquanto que Nick deve estar nesse momento vivenciando um vulcão de emoções. Desde a cena do

elevador, esse é o primeiro contato dos dois e eles parecem compartilhar de um momento só deles quando ele diz algo no ouvido dela, fazendo-a fechar os olhos por alguns segundos.

— Filho, aquela é a Manuela, a namorada do seu irmão. – Marta diz.

Eu me levanto, mas permaneço no mesmo lugar, o Daniel não solta a minha mão e não me deixa me mover muito. Ele encara o irmão se aproximar e nesse exato momento, sinto medo de que ele se descontrole.

Gustavo caminha sem fazer nenhum barulho. O lugar todo é um silêncio só, até o barulho dos pássaros lá fora, parece ter cessado. Um silêncio assustador. Meu coração acelera em descompasso.

— É um prazer conhecê-la, Manuela. – Gustavo diz, colocando a mão em meu ombro e me dando um beijo no rosto.

— Igualmente. – respondo com a voz trêmula. Daniel aperta a minha mão com mais força e então o sinto se levantar.

— Não encosta nela! – Daniel diz com uma voz fria que me assusta.

Gustavo dá um passo para trás, parece também ter se assustado. Me viro para Daniel e coloco as mãos em seu peito, tentando acalmá-lo.

— Amor, está tudo bem. – falo, sem me preocupar agora em sussurrar.

— Qual é Daniel? – Gustavo gesticula com as mãos. – Eu não fiz nada!

— Ela não é a Letícia, Gustavo. Eu não quero as suas mãos sobre a minha namorada.

— Dan, por favor. – peço, prendendo o rosto dele entre as minhas mãos. – Está tudo bem, se acalme.

Ele me olha e vejo dor e desespero em seus incríveis olhos azuis. Posso sentir tudo o que ele está sentindo nesse momento, todas as suas emoções que estavam trancadas desde que aconteceu.

É a primeira vez que se falam. É a primeira vez que se olham.

— Vamos falar sobre a Letícia então? – provoca Gustavo, usando o mesmo tom frio de voz. – O que quer que eu diga Daniel? Quer que eu confesse aqui na frente de todos que eu me arrependo? Que eu me arrependi desde o instante em que vi o quanto te feri naquele dia? – ele cospe as palavras como se precisasse fazer isso para aliviar algo que o machuca. – Quer que eu diga que sei que machuquei duas pessoas importantes para mim?

Ele olha para Nicole e eu faço o mesmo. Seus olhos estão cheios de lágrimas e Carol está segurando a mão dela da mesma forma que eu agora seguro a mão de Daniel.

— Eu ferrei com tudo, Daniel! – ele continua. Pedro também se levanta

e logo ouvimos a voz da Mariana, entrando na cozinha.

— Ei, mano. Se acalma. – ela diz para Gustavo, segurando nas duas mãos dele. Eles parecem compartilhar algo.

Suas mãos tremem e me faz lembrar do que a Nick disse sobre o encontro deles. Aperto a mão do Daniel, na tentativa de chamar a atenção dele para o que estou vendo, mas acho que ele não repara.

— Não, Má, deixa eu falar tudo o que tenho que falar! Não tem como eu estar mais ferrado do que já estou.

— Mas Gu? – ela pergunta, deixando todos curiosos.

Ele balança a cabeça em negação e se vira para o Daniel novamente.

— Você talvez nunca vai me perdoar, mas espero que um dia o faça. Mas acho que está na hora de saber toda a verdade.

— Por quê? Tem mais lixo para eu saber? – Dan vocifera, soltando da minha mão.

— Tem sim, Daniel. Na verdade, tem um entulho grande de lixo que você ainda não sabe.

Daniel solta um riso fingido e dá um passo à frente. Eu o acompanho e todos ao redor da mesa parecem fazer o mesmo. Mariana abraça o irmão, colocando o braço na cintura dele. Ela parece temer a mesma coisa que eu: que os dois se peguem como o Daniel me contou que fizeram na casa dos pais.

— Nick, venha cá. – ele chama, nos surpreendendo.

Ela olha confusa para mim e Daniel, esperando dele autorização para ir até Gustavo. Daniel permanece imóvel. Duro. Gelado.

Eu balanço a cabeça para Nick e Carol a incentiva a caminhar até Gustavo.

— Dan, olha para mim. – imploro, tentando trazer o meu namorado de volta.

Nicole para de frente com Gustavo.

Daniel fecha os olhos.

Gustavo toca com os dedos o rosto dela e Mariana se solta dele.

— Tão linda... – ele diz, em uma voz rouca.

Suas mãos ainda tremem.

Daniel o ouve e abre os olhos. Sua mão procura pela a minha novamente e sinto alívio ao entrelaçarmos os dedos.

— Me desculpa? Por tudo? – Gustavo pergunta, tirando a mão do rosto de Nick, deslizando pelos braços dela.

Ela apenas o encara. Lágrimas escorrem dos olhos dela. E dos meus.

Gustavo se vira para Daniel e minha respiração foge, assustada, acuada. Aperto forte a sua mão, tentando de alguma forma fazê-lo perceber que estou ao lado dele. Com ele.

— A Bia não é filha sua e nem minha, Daniel. – ele diz, com a voz mortificada.

— Do que você está falando? – Daniel pergunta, em um grito descontrolado.

Pedro se aproxima de nós e coloca a mão sobre o ombro de Dan. Não diz nada. Apenas o segura com uma evidente força.

— Estou falando que a Letícia não enganou somente você. Ela enganou a todos nós.

— Que absurdo é esse? – Dan retruca.

— Eu soube pouco antes dela nascer. Eu já estava péssimo, me sentindo um covarde por não ter assumido a criança que ela dizia que era minha.

— Você é um covarde! – Dan o interrompe, gritando novamente.

— Eu sei. Eu fui. E fui mais ainda quando soube por uma amiga dela que não concordava com o que ela estava fazendo, que a Bia era filha de um advogado, amigo do pai dela. Ele era casado.

Olho horrorizada para o Daniel e depois para o Gustavo. A Nicole imediatamente se afasta, parece estar com medo.

— Nick, por favor. – Gustavo diz, tentando tocá-la, mas ela recusa o seu toque e se afasta mais ainda.

— De onde você tirou isso? Já sei! Está querendo se justificar pela a sua covardia, por não ter tido a coragem de ser pai da menina, não é mesmo? – Daniel dá um passo à frente e o seu pai o segura com mais força.

— Eu queria que fosse isso mesmo, Daniel. Porque a Bia é uma menina incrível e mesmo eu não sendo o pai dela de verdade, eu a amo. E eu só não contei a você porque você parecia feliz com a ideia de construir uma família. Você estava apaixonado pela Letícia e eu achava que não iria acreditar em mim e iria se voltar contra mim.

— Não é possível. A Letícia não pode ter feito isso com a nossa família. — Daniel se joga na cadeira, colocando as mãos no rosto.

— Ela fez meu irmão. Ela começou com a desgraça e eu ajudei a terminar quando me rendi às investidas dela.

As mãos do Gustavo não param de tremer e agora, o seu queixo também parece estar tremendo. Olho para Nick, e tento fazer sinal para ela ir até ele.

Não sabemos o que ele tem, mas parece ser sério.

— Você quase destruiu a minha vida! – Dan diz. Seus olhos estão marejados de lágrimas e eu me sento ao seu lado, colocando as mãos em suas costas.

— Dan, não faz isso. – eu peço. – Há muitos culpados e poucos inocentes. – concluo, na tentativa de fazê-lo recordar de uma conversa que tivemos onde eu disse a ele que ele culpava todos por tudo o que ele passou e que ele se esquecia de que ele também tinha sua parcela de culpa.

— Eu destruí a minha também. Se isso te deixa feliz. – Gustavo responde. – Você sempre teve tudo, Daniel. E de tudo o que você teve, eu invejei somente uma coisa: A Nicole.

Todos olham para ela, Marta e Pedro parecem surpresos com a revelação do filho. Dan, Carol e eu, não.

— Porra, Gustavo! Eu e a Nicole sempre fomos amigos, você não tinha o que invejar, você não precisa descontar em mim desse jeito.

— Eu sempre achei que vocês se gostavam e eu tive raiva de você porque você sabia dos meus sentimentos por ela.

— Você é um cretino, Gustavo. Um covarde e cretino. – Daniel passa as mãos pelos cabelos e balança a cabeça em negação.

E então somos surpreendidos com a Nicole gritando:

— Chega vocês dois! Se querem me fazer sentir culpa pelo o que aconteceu ao Daniel, estão conseguindo.

— Culpa? – Gustavo pergunta, confuso.

— Sim. Culpa. Se você fez o que fez porque achava que eu e o Dan tínhamos alguma coisa, eu tenho parte de culpa no sofrimento que você causou a ele.

— Nicole, para de falar bobagens! – Daniel se levanta e caminha até a amiga. – Você foi quem esteve ao meu lado no momento mais difícil da minha vida. Você me salvou aqui, me salvou na Rússia e eu não permito em momento algum que você se sinta culpada.

Ela cai em um choro doído e vejo o desespero nos olhos do Gustavo. Essa situação já está ficando tensa demais. Caminho até o Dan e peço para irmos lá para fora. Ele se recusa a ir e diz que precisa terminar isso de uma vez por todas.

— Nicole, por favor, me desculpa. – Pede Gustavo, tentando se aproximar dela.

— Não é para mim que você tem que pedir desculpas! – ela responde,

chorando.

Gustavo então caminha até Daniel, ficando bem próximo a nós. Ele para e a Mariana o acompanha, segurando em seu braço. Não consigo parar de observar o quanto suas mãos e agora o seu rosto tremem.

— Gu, se acalma. — ouço a irmã pedir. Ele olha para ela por alguns segundos e se vira novamente para o Daniel.

— Desculpa, Daniel. — ele pede, olhando fixamente para o irmão.

Tudo o que ouço é o barulho da mão do Daniel no rosto do Gustavo e o grito da Mariana pedindo para ele parar.

Gustavo se desequilibra e cambaleia para trás, caindo no chão em seguida.

— Isso foi por nunca ter me contado sobre a Bia! — Daniel diz.

No momento seguinte ele se vira para mim e sem emitir nenhum som, pede desculpas movimentando somente os lábios e passa por mim seguindo em direção à área dos fundos da casa.

Todos se movem em direção ao Gustavo e eu fico estática, sem saber se vou atrás do Daniel ou não. Pedro ajuda o filho a se levantar e se sentar e quando o segura pelo braço, olha para ele confuso. Ele percebeu. Ele também percebeu.

Mariana, que havia nos deixado por alguns segundos, retorna com um frasco de remédios nas mãos e todos olham para ela.

— O que é isso, Mariana? — Marta pergunta, com a voz aflita.

— Mãe, o Gu te explica depois, me dê um copo com água, por favor. — ela responde.

Marta se apressa e pega o copo, passando para a Nicole.

Carol se aproxima de mim e me abraça pela cintura.

— Acho que você deve ir atrás dele. — ela diz.

— Estou sem coragem. — respondo. — Eu não esperava que ele fosse fazer isso. Não adiantou eu ter vindo.

— Amiga, talvez ele precise de você mais agora, depois de ter feito o que fez, do que antes. — Carol responde, me incentivando.

Começo a me mover para a porta e então ouço o Gustavo falar:

— Eu fui diagnosticado recentemente com Mal de Parkinson.

Olho para trás e meu corpo endurece na porta. Meus olhos veem um pai e uma mãe chorando ao lado de um filho de mais de trinta anos que agora está tão frágil e vulnerável quanto uma criança de oito. Olho para Nicole, que está agachada ao lado dele, me viro para fora novamente. Daniel não está em

lugar nenhum. Eu preciso achá-lo.



Daniel

*“There goes my hero. Watch him as he goes. There goes my hero.
He's ordinary.”*

*“Lá vai meu herói. Observe- o enquanto ele se vai. Lá vai meu
herói. Ele é comum.”*

(My Hero – Foo Fighters)

Eu fiz merda. E das grandes!

Sei que decepcionei a Manu. Eu perdi o controle...

Se ele não tivesse dito nada sobre a Bia... como ele pôde esconder mais essa verdade por tanto tempo? Não que para mim tenha alguma diferença de quem ela é filha ou não, mas acreditar que ela era filha do Gustavo, do meu irmão, era mais fácil do que agora ter que conviver com a realidade de que a Letícia nos enganou desde o começo.

Sim, o final do nosso relacionamento foi conturbado, repleto de brigas e desavenças, mas nós nem sempre fomos assim, até minutos atrás, eu acreditava que houve uma época em que éramos felizes de verdade, que éramos cúmplices e fieis.

Já não acredito mais nisso. Foi tudo uma merda de uma ilusão.

Foi tudo encenação. Tudo uma farsa. E eu amei aquela mulher. Como eu amei...

Sentado sobre o feno empoeirado, reflito sobre a minha vida, sobre tudo o que me aconteceu e só consigo chegar à conclusão de que estou sendo feliz de verdade somente agora, após ter conhecido a Manuela.

A minha pequenina.

Droga! Ela veio para cá para estar ao meu lado porque ela sabia que seria demais para mim. E foi. E eu a decepcionei. Eu vi a sua fisionomia de espanto quando parti para cima do Gustavo. Não era isso que ela esperava de mim. Eu sei que não.

E a Nicole? O quão chateada deve estar comigo?

Eu ferrei com tudo. E estou sendo tremendamente covarde agora, escondido nesse celeiro, evitando os olhares acusatórios da minha família. Porque o Gustavo pode ter feito tudo o que fez, eu sei que perdi a razão no momento em que parti para cima dele e dei um soco.

Mas ele também mereceu.

Quem não merecia isso é a Bianca. Ela não sabe de nada, mas quando for maior, precisará saber, não é justo com ela esconder uma verdade desse tipo e eu sei que o coração da minha filha será quebrado em vários pedacinhos. E eu só quero estar lá com ela, para ajudá-la a reconstruí-lo.

Dane-se se ela não é a minha filha. Dane-se se nem a genética da minha família ela tem. Ela é uma criança especial e muito amada por todos nós. Isso não vai mudar. Eu morreria por ela ontem, hoje e amanhã. Eu dei o primeiro banho. Foram noites em claro. A ensinei a andar de bicicleta e a incentivei a entrar para o recital da escola. Ela é a minha filha e por mais que não tenha o meu sangue correndo nas veias dela, há momentos em que ela se parece mais comigo do que com a própria mãe e existe somente uma explicação para isso: Não há sangue meu nas veias dela, mas há muito amor entre ela e eu.

Deito sobre o feno, esticando as pernas para fora dele e lembranças da Manu comigo aqui logo me visitam. Fizemos uma loucura gostosa nesse lugar. Minha Manu. Meu recomeço.

Estou tão envergonhado que mesmo precisando da presença dela comigo, não consigo voltar lá e encará-la.

Levo as mãos ao rosto deixo sair o choro reprimido.

Choro porque me sinto fraco. Choro porque já perdi demais com essa história toda.

Meus pensamentos vagueiam entre cenas do meu passado e do meu presente.

O meu irmão escondendo uma verdade como essa. A Bia não sendo filha nem minha nem dele. A traição da Letícia. A minha descida ao inferno. Os porres. As noites solitárias na clínica de recuperação. O olhar triste da Manu ao embarcar para a Dinamarca. Perdê-la e encontrá-la.

Gustavo sempre foi o meu irmão-herói. Meu e da Mari. A traição dele causou um buraco grande dentro de mim e por mais que eu queira, ainda é difícil olhar para ele e deixar para trás tudo o que aconteceu.

Fecho os olhos e me perco em meus pensamentos confusos.

— Dan, você está aqui?

Eu congelo quando ouço a voz da Manu juntamente com o barulho da

imensa porta do celeiro sendo aberta.

Eu não queria que ela me visse assim.

— Dan, amor?

E ouvi-la me chamar por amor é o sinal que o meu coração pedia para ter a certeza de que ela ainda está ao meu lado. Respondo imediatamente, dizendo que estou no nosso feno.

Escuto seus passos lentos. Escuto a sua respiração. Abro os olhos.

— Oi... – ela diz, sorrindo para mim como se eu não tivesse sido um perfeito babaca minutos atrás.

Como ela consegue?

— Oi... – respondo, me ajeitando e dando espaço para ela.

— Quer companhia? – pergunta, se sentando ao meu lado.

— Consegue fazer meus pensamentos me darem paz por algum tempo? – digo, encarando uma aranha que caminha pelo chão.

— Consigo alguns minutos de paz para você, quer?

Olho para ela sem entender o que ela quer dizer. A encaro e contraio os ombros em um gesto de dúvida. Ela então se explica:

— Não posso fazer seus pensamentos desaparecerem, mas acho que posso fazer algo para te dar paz, se quiser...

— Qualquer coisa, Manu.

Ela então se vira de frente para mim e suas duas mãos buscam pelas minhas, quando ela nota que a mão causadora do soco está inchada e vermelha, ela a beija suave e delicadamente, como se a minha mão estivesse assim porque defendeu alguém e não porque agrediu.

A Manuela é dona de uma das qualidades mais raras hoje em dia: Ela não faz julgamentos. Ela não está me julgando pelo o que fiz agora pouco. Não me julgou quando soube da bebida. Não me julgou quando soube da criança da Letícia, mesmo tendo ficada chateada e até decepcionada, ela ainda assim, não me julgou.

Enquanto a sua boca lança mais alguns pequenos beijos em minha mão, sinto o meu corpo começar a relaxar e é só por isso que me dou conta de que estava tenso e rígido. Manuela solta a minha mão, colocando-a sobre o seu colo e suas mãos vão para o meu rosto, prendendo-o entre elas.

Fecho os olhos com a sensação.

Ela faz toda dor ser esquecida em questão de segundos. Acho que isso é um dom, só quem conhece a dor em sua forma mais aguda é capaz de tirá-la de outra pessoa.

Ela tira a dor de mim e me traz paz.

— Eu amo você e estou aqui com você, tá? — ela diz baixinho, me trazendo a paz prometida.

— Nem sei como ainda consegue... — digo em resposta.

— Dan, me ouve. — pede. — O que aconteceu lá dentro, você não tem que se envergonhar, só você sabe o quanto lhe doeu fazer aquilo. Porque eu sei que doeu aqui. — ela coloca a sua pequena mão sobre o meu coração.

Eu a encaro.

— Mas amor, eu tenho algo para te contar. Não queria ser eu a contar, porém, me parece o mais certo.

Nesse momento, mesmo sem saber o que ela tem para contar, meu coração acelera, igual quando eu era criança e aprontava alguma coisa e corria para me esconder no meio do vinhedo e ouvia o meu pai me chamar dizendo que iria me encontrar e que a bronca seria pior. Estou sentindo esse mesmo medo.

— O que está acontecendo? — pergunto finalmente.

— É sobre o Gustavo, eu ouvi quando estava saindo da cozinha para te procurar...

— Manu, por favor, fala de uma vez! — imploro, sentindo que vou surtar a qualquer momento.

— Ele disse que foi diagnosticado com Mal de Parkinson.

Sou abatido por uma rocha. Por uma grande e pesada rocha. Fecho os olhos e os espremo com força. Quero que isso seja um pesadelo. Isso precisa ser um pesadelo... Ele é meu irmão, porra!

Meu irmão...

Tantos anos sem nos falarmos. Tanto tempo perdido. E agora ele foi diagnosticado com uma doença ingrata e eu não estava com ele para dizer que tudo vai ficar bem, da mesma forma que ele disse para mim quando eu estava na sétima série e quebrei o pé jogando bola escondido no horário de aula.

Eu fui o merda de um irmão egoísta! Por que a gente só se dá conta dos próprios erros e de como alguém nos é importante quando sentimos que o nosso tempo com esse alguém está diminuindo?

Ele não recebeu uma sentença de morte e eu não conheço essa doença profundamente para saber quais são as piores consequências dela, mas o pouco que conheço, sei que ela leva o indivíduo para um lugar que muitos não suportam.

— Amor? – ouço a voz doce da Manuela me chamar, me tirando de uma espécie de um transe. – Dan, abre os olhos, fala comigo. – ela pede, com a voz preocupada.

Faço o que ela pede e então ela me abraça forte.

— Fala alguma coisa, Dan. Qualquer coisa.

— Eu me odeio. – falo, apertando-a com mais força contra o meu corpo. A paz de poucos minutos atrás, parece ter desaparecido. – Passei tanto tempo focado na minha dor e agora que estou bem e feliz, meu irmão mais velho está doente e eu não sei se ainda posso ser para ele o irmão de antes. Muito tempo se passou.

— Nunca é tarde para recomeços. – Manu diz, passando a mão em meu rosto.

— Eu quero falar com ele! – me levanto decidido.

— Dan, será que não é melhor esperar um pouco?

— Eu já esperei demais! – estico a mão para ajudá-la a se levantar. – Vem, vamos.

Manu me olha com espanto, tenho certeza de que a minha fisionomia decidida a surpreendeu. Aliás, eu também estou surpreso com a minha decisão, afinal, eu não sei como o Gustavo vai me receber após o soco que lhe dei. Ele tem todo o direito de não querer conversar comigo e eu tenho a obrigação de tentar.

Fato é que, se a Manu não tivesse vindo me contar sobre a doença dele, provavelmente eu ainda estaria sentado nesse feno, xingando-o de nomes que não gosto de usar e culpando-o por tudo, como venho fazendo.

— Ainda acho que você deveria esperar um pouco. – diz Manu, enquanto caminhamos de mãos dadas até a cozinha.

— Talvez você esteja certa. Provavelmente está, mas ainda assim, eu sinto que preciso fazer isso agora, Manu.

Ela me olha com um meio sorriso nos lábios e eu sei que ela me compreendeu.

Encontramos minha mãe sozinha na cozinha, preparando um chá.

— Cadê todos? – pergunto, assim que ela olha para mim.

Eu sei que a decepcionei. Sei que ela não esperava essa reação minha e sei que ela deve estar sofrendo muito com a notícia da doença do meu irmão. E definitivamente, a dona Marta não merece passar por mais essa dor. Já não basta toda a dor que ela sentiu ao ver o seu filho, eu, se afundar nas bebidas, doença essa que eu fui atrás, agora tem que suportar a dor de ver o outro filho

lutar contra uma doença que ele não foi atrás.

— Você já sabe? – minha mãe pergunta, com os olhos marejados de lágrimas.

— Sim. A Manu me contou.

— Seu pai está com o seu irmão no escritório. Sua irmã e Nicole foram caminhar um pouco e eu não sei o que fazer. – minha mãe tapa o rosto com as mãos, e eu a ouço soluçar.

— Mãe, eu sinto muito. Eu juro que sinto. – eu a tomo em meus braços e a abraço com força. Vê-la assim me destrói.

— Eu sei meu filho. Eu sei que você ama o seu irmão. E acho que ele precisa saber disso. – ela diz, com o rosto colocado em meu peito. – Sabe, quando vocês eram menores, vocês viviam brigando, me deixavam maluca, mas quando o Gu aprontava alguma coisa e seu pai ia dar alguma bronca ou castigo nele – ela ergue a cabeça e me olha, eu aliso o seu cabelo enquanto ela continua — Você sempre entrava na frente e intercedia pelo o seu irmão, e nós achávamos isso lindo. Acreditávamos que vocês iam ser sempre inseparáveis.

— Muita coisa aconteceu, não é mamãe? Você sabe que só me dou muito por eu amar o Gustavo, não sabe?

— Eu acredito nisso. Vá falar com ele, Daniel. Ele vai precisar de você.

Dou um beijo na testa da minha mãe e chamo a Manu, que ficou esse tempo todo parada no batente da porta, nos olhando. Ela diz que acha melhor eu ir sozinho, mas eu preciso dela comigo. Convenço-a a ir junto e seguimos em silêncio pelo corredor.

Bato na porta do escritório e meu pai a abre, olhando espantado para mim.

— Quero falar com o Gustavo. – digo decidido.

Meu pai nos dá passagem e eu entro, puxando a Manu comigo.

— Vou ver a sua mãe. – ele diz, nos deixando os três.

Gustavo está sentando em uma poltrona e nos olha assim que entramos. O meu irmão, o cara por quem eu cresci admirando, agora é portador de uma doença maldita e eu simplesmente não posso mais odiá-lo, porque eu já perdi tempo demais fazendo isso.

— O que você quer? – Gustavo pergunta, com as mãos presas entre as pernas.

— Eu vou esperar lá fora. – a Manu diz baixinho, tentando soltar da minha mão.

— Fica. – peço, apertando a sua mão.

— Pode ficar, Manuela. Ao contrário do que o meu irmãozinho deve ter falado sobre mim, eu sou inofensivo.

Manu me olha sem graça e eu a puxo para perto de mim e então sou surpreendido quando ela o responde.

— Ele nunca disse que você não era. – minha namorada o encara sem vacilar. Eu não esperava que ela fosse capaz.

— Claro, com certeza ele deve ter dito coisas belíssimas sobre mim. – Gustavo provoca.

— Chega! – interrompo-o. – Deixa a Manuela fora disso, Gustavo. É entre mim você.

— Não temos mais nada para conversar, Daniel. Você deixou isso bem claro lá na cozinha.

— Aquilo foi antes deu...

— De você saber que o seu irmão mais velho está condenado por uma doença que algum dia vai lhe tirar o direito de fazer tudo o que gosta?

O seu olhar frio me causa espanto. O que está acontecendo com ele afinal?

— Está com pena de mim, é por isso que está aqui com essa cara de cão arrependido? – ele diz, me provocando.

— Eu não tenho pena de você, Gustavo, da mesma forma que você não teve de mim quando eu estava no fundo do poço, a diferença é que eu estou disposto a tentar deixar tudo para trás. Eu finalmente estou feliz. – olho para a Manu, ela sorri sem graça e seu olhar desvia para o chão – Eu tenho sido uma pessoa melhor e isso graças a ela.

— Que bom para você.

— Qual é Gustavo? Vai ficar atrás dessa cortina de ferro até quando?

— Você não tem o direito de fazer qualquer questionamento, Daniel. Eu não quero a sua piedade, compaixão ou dó. Você não vai assistir a minha degradação, eu não vou permitir isso.

— Gustavo, você fala como se eu estivesse feliz com a sua doença. – respondo, alterando o tom de voz.

— E deve estar mesmo. Talvez se divirta um pouco com a minha dor.

Eu não acredito que ele acabou de dizer isso.

— Querem parar vocês dois? – Manu nos interrompe. – Dan, você já passou por muita coisa e acho que realmente está na hora de deixar essa bagagem para trás, e você, Gustavo, fala como se não houve nenhuma

solução para a sua doença, como se estivesse se entregando a ela, seus pais não merecem que você faça isso.

— E o que você entende sobre se entregar? – Gustavo pergunta, um pouco irritado. – Você não sabe o inferno que tenho vivido, com medo de que isso piore, com medo de que isso me torne um fardo na vida dos outros.

— Eu entendo mais do que você imagina, Gustavo. Eu vi um namorado lutar contra uma metástase. – Manu solta as palavras como se elas a estivesse sufocando-a. — Ao contrário de você, ele já estava condenado à morte, e ainda assim, ele lutou todos os dias e eu juro para você que tenho certeza de que ele trocaria essa merda dessa doença que você tem, pela maldita doença dele, se isso significasse que ele poderia ficar mais tempo vivo.

Lágrimas escorrem pelos olhos dela. Eu a abraço e ela pede desculpas baixinho, como se ela tivesse feito algo errado.

— Vamos sair daqui, amor. – falo. – Pelo jeito não adianta tentar falar com ele agora.

— Não! – Manu responde. – Eu vou lá para fora e vocês dois vão resolver isso.

Manu se solta de mim e segue até a porta, deixando-me sozinho com o meu irmão. Antes dela sair, Gustavo chama o seu nome. Ela para na entrada do escritório e olha para ele.

— Eu sinto muito pelo o seu namorado. – ele diz.

— Ex. – Manu responde, olhando para mim. – E eu também sinto. – completa, saindo de vez do escritório.

Um silêncio estrondoso toma conta do ambiente. Eu me sento na poltrona de frente para o meu irmão enquanto me pergunto que merda estou fazendo aqui.

Alguns minutos se passam e continuamos em silêncio. Percebo que ele começa a relaxar quando tira as mãos que estavam presas entre as suas pernas, e as coloca sobre elas. A tremedeira parece ter passado. Ele nota o meu olhar em suas mãos e abaixa o olhar.

— Vocês parecem apaixonados. – ele diz, finalmente.

— Sim. Estamos. – respondo, encarando os meus próprios pés.

— E é sério?

— Espero que sim.

— Sobre o lance do ex, que ela falou, você sabia?

— Sim. De certa forma, foi a morte dele que a levou até mim. — respondo, agora olhando para ele.

Falar sobre o meu relacionamento com a Manu não era o que eu tinha em mente, mas se essa foi a maneira que o meu irmão encontrou para começarmos a derrubar o imenso muro que nós dois colocamos entre nós, eu não me oponho.

— Como assim? – pergunta, parecendo realmente estar interessado em saber.

Me acomodo na poltrona de couro, e decido contar tudo, desde o começo.

— Após a morte do namorado, a Manu largou tudo e decidiu fazer sozinha praticamente a mesma viagem que ele fez quando foi buscar tratamento na Dinamarca. Ela tinha um roteiro a fazer e ele começava por Bergen. Foi a caminho de lá que nos conhecemos.

— Você fala dela com a mesma empolgação que falava da Letícia quando a conheceu.

— Talvez esteja certo, mas creio que não.

— Não?

— Não. É diferente. A Manuela em pouco tempo, conheceu vários dos meus defeitos e ainda assim ela não desistiu de mim. Pela primeira vez, sinto que tenho alguém do meu lado que não me julga e que gosta de mim como eu sou... – ele me ouve falar com atenção — Papai deve ter te contado do incidente da Rússia.

— Sim, a Nicole foi com ele te buscar, não é mesmo?

— É... Se não fosse a Nick, eu estaria perdido... Meses depois, foi ela quem ajudou a Manu a me reencontrar.

— Eu sempre achei que vocês dois tinham alguma coisa.

— A Nicole é a melhor amiga que alguém pode querer, Gustavo. E por falar nisso, vocês conversaram?

— Ainda não. Não temos o que conversar. O nosso tempo já passou. Eu não vou poder fazê-la feliz, não agora com essa maldita doença. Ela não merece ficar ao lado de um cara que daqui dez anos ou mais, provavelmente não vai ser capaz nem de limpar a própria bunda.

— Gustavo! – eu o repreendo. – Você sabe que hoje em dia não é assim, existem tratamentos, vários. Em quantos médicos você já foi.

— Um em Portugal e agora um em São Paulo.

— E o que eles disseram?

— O de Portugal afirmou categoricamente que é Parkinson. O de São Paulo pediu para eu refazer todos os exames.

— E existe um motivo para ele ter pedido isso? — pergunto, enquanto analiso a sua fisionomia. Ele está mais magro. Com olheiras. Olhos fundos.

— Disse que só vai conversar comigo a respeito depois que os exames estiverem prontos.

— E quando vai fazê-los?

— Já fiz. Essa semana que estive em São Paulo, não estava visitando fornecedores, estava fazendo os exames. Eletroencefalograma. Ressonância magnética. Tomografia computadorizada e retirada do líquido espinhal.

— Que merda!

— É sim, uma merda.

— Quando vai pegar os resultados?

— Volto para São Paulo na sexta que vem.

— Quero ir com você.

— Você não precisa fazer isso, Daniel. Você não precisa fingir que se importa.

Meu sangue ferve com o que ele diz. Eu não estou fingindo nada, será que ele não consegue perceber que estou disposto a deixar tudo isso de lado?

— Porra, Gustavo! Dá para parar por favor? Eu não estou fingindo. Eu quero realmente ir com você. Quero deixar para trás o que nos aconteceu, quero estar lá com você da mesma forma que você esteve comigo quando quebrei o pé, quando ralei o joelho ao cair de bicicleta, quando levei um soco do Jorge Luís, no nono ano.

Gustavo me olha espantado e um meio sorriso se forma em seu rosto. Fico feliz por vê-lo sorrir.

— Aquele soco foi histórico. — ele diz, rindo.

— Foi dolorido. — respondo, olhando para ele.

— O de hoje também. — brinca, passando a mão no rosto.

— Desculpa.

— Desculpas aceitas. E você, me desculpa?

— Que opção eu tenho? Se não fosse você e tudo o que aconteceu, eu não teria conhecido a Manuela. — digo, me levantando e indo na direção dele.

Ele se levanta e ficamos frente a frente. Se ele soubesse o quanto senti a falta dele.

Eu nem sei quem foi que deu o primeiro passo, eu só sei que no momento seguinte, estamos abraçados e com os olhos cheios de lágrimas. Dois marmanjos, quase chorando.

— É bom ter você de volta. — falo, soltando dele.

— É bom ter você de volta. — meu irmão responde.



Manuela

“I’ve planned each charted course. Each careful step along the by way. And more, much more than this. I did it my way.”

“Eu tive planejado cada caminho. Cada passo cuidadosamente, no decorrer do atalho. E mais, muito mais que isso. Eu fiz do meu jeito.”

(Frank Sinatra – My Way)

O despertador do celular toca e com os olhos fechados, tato o criado ao lado da cama até alcançá-lo. Maroon 5 para de cantar *She Will Be Loved* assim que aperto a função soneca. Preciso de mais cinco minutos. Na verdade, preciso de mais dez. Uma hora a mais de sono, acho que seria o suficiente, mas, não posso me atrasar para o trabalho, irei à uma reunião com o Renato em um cliente novo e por ser em uma cidade no interior de São Paulo, combinamos de partirmos logo que chegarmos na agência, afinal, sabemos que teremos uma volta longa e queremos antecipá-las o máximo que conseguirmos. Enfrentar o trânsito de São Paulo já não é fácil e fazer isso em uma sexta-feira, é caótico.

O celular toca novamente, dessa vez abro os olhos e desligo o despertador. Olho para o outro lado da cama e imediatamente um sorriso se abre em meu rosto. Vê-lo deitado, dormindo tão serenamente, me traz um certo conforto. Já tem algum tempo que não sinto dentro de mim aquela culpa. Desde o último sonho com o Leonel, onde eu me desculpava com ele por estar com o Daniel. Estou me sentindo em paz. Estou cada vez mais consciente de que o Léo ficará para sempre em minhas memórias, mas isso já não me impede mais de me entregar cem por cento ao Daniel.

— Bom dia! – falo baixinho em seu ouvido.

Daniel murmura um bom dia e seus olhos se abrem e o seu olhar alcança o meu.

— Oi...

— Hora de levantar. – falo, passando a mão em seu rosto macio.

— Não duvido nada que logo mais o meu irmão bata na porta do quarto avisando que já está pronto. – ele diz, se sentando na cama.

— Acho que ele não vê a hora de ir nesse outro médico e acabar logo com essa tortura. – respondo, pegando as minhas roupas que estão sobre o sofá.

— Eu confesso que eu também, Manu. Passar a semana toda entrando e saindo de consultórios médicos, não é nada agradável.

— Que bom que você está aqui com ele. – digo.

— Ontem ele disse que da clínica, vai direto para o aeroporto. Eu já combinei com a Nicole e ela vai buscá-lo em Porto Alegre, mas é claro que ele não sabe.

— Espero que hoje dê tudo certo para ele. – respondo, seguindo para o banheiro.

Daniel me segue e escovamos os dentes um ao lado do outro, nos olhando através da nossa imagem refletida no espelho. Estou dormindo com ele no hotel desde domingo à noite, quando ele e Gustavo vieram para São Paulo comigo e com a Carol, o Daniel não estava brincando quando disse para o irmão que iria acompanhá-lo nas consultas.

Tiro a minha camisola e ligo o chuveiro, entrando em baixo dele logo em seguida. Daniel encosta na pia, com sua boxer branca, e seu olhar divertido percorre o meu corpo como se fosse a primeira vez que o estivesse vendo. Deixando de lado toda a vergonha que um dia existiu em mim, viro-me de costas para ele e começo a molhar os meus cabelos na tentativa de provoca-lo.

E funciona.

Segundos depois, ouço a porta do box sendo aberta, mas não me viro, permaneço onde estou, com o meu corpo já a espera dele.

— Não existe jeito melhor de acordar do que com essa visão linda. – ele diz, parando atrás de mim, beijando a minha nuca.

Suas mãos pousam em meu quadril e ele me puxa contra o corpo dele. Sinto a sua ereção que me faz soltar um suspiro que não passa despercebido por ele.

— Suspirando, Manuela? – pergunta, com uma voz sedutora.

— Acho que sim. – sussurro.

— Quanto tempo nós temos?

— Não muito. Não posso me atrasar. Vinte minutos no máximo. —

respondo, me virando para ele.

— Vai ter que servir.

E no momento seguinte, ele me empurra cuidadosamente contra a parede, seus olhos azuis brilham como se fosses duas bolas de gude, com uma mão, ele ergue os meus braços, segurando-os no alto, encostados na parede e a outra mão começa a passear pelo o meu corpo. Seu dedo desliza pelos os meus lábios molhados por causa da água que cai sobre nós e o chupo.

— Ah... Manuela, você me deixa maluco. – ele beija o meu pescoço e eu me esforço para tombar a cabeça para trás para dar total acesso a ele.

Um pequeno gemido escapa de mim quando a sua mão desliza da minha cintura diretamente para o meu sexo.

— Pena que não temos tanto tempo, eu ia adorar te provocar até você ficar maluca. – sua voz em tom de ameaça me deixa mais excitada do que já estou. Ele sabe muito bem como fazer isso. Já conhece o meu corpo e todas as reações que o corpo dele causa em mim.

Seus dedos passeiam pela a minha virilha até ele perceber que estou totalmente entregue e perdida, e então, dois dedos me penetram. Minhas pernas ficam bambas e ele pressiona o corpo contra o meu para me sustentar.

— Gosta disso, Manuela? – ele sussurra em meu ouvido.

Balanço a cabeça em afirmativo.

— Então diz. – ele pede. – Diz o que você quer que eu faça.

— Eu quero você. – respondo, beijando-o com força e urgência.

— Me mostra como.

Ele solta o meu braço e minha mão vai diretamente para o seu membro, conduzindo para o meu sexo. Segundos depois, somos dois em um só, nos movendo com a água sobre nós. Ele me ergue em seu colo e eu cruzo as pernas ao redor dele sem deixar de nos beijar. Os movimentos se intensificam à medida que o beijo vai ficando mais feroz e mantemos o ritmo até que ambos se perdem um nos braços do outro.

— Prometo fazer melhor à noite! – ele brinca, me colocando no chão.

— Tenho certeza de que sim. – dou um beijo em seu bochecha e pego uma toalha para ele e outra para mim. Ele me olha com um olhar meio desapontado e eu rio, completando em seguida – Com você, sempre uma supera a outra.

— Ufa. – responde, em brincadeira.

&

O final de semana passou como um foguete. Gustavo foi embora na sexta à tarde e à noite Daniel e eu fomos ao cinema. O sábado amanheceu chuvoso, tomamos café da manhã no hotel e depois fomos para a minha casa, passamos o dia amontoados no sofá com um edredom sobre nós, assistindo à uma maratona de séries. À noite saímos para jantar com a minha mãe e o Cristian. A alegria nos olhos da minha mãe, por estarmos todos juntos, me fez perceber que há muito tempo não tínhamos momentos tão bons como esse. No domingo passeamos pelo Ibirapuera logo cedo e após o almoço me despedi do Dan com uma imensa vontade de chorar. Está ficando cada vez mais difícil ficar longe dele e as nossas despedidas estão cada vez mais cheias de sentimentos.

Na quarta-feira Renato me entregou os convites do evento que ele havia mencionado que gostaria que eu fosse e levasse o Daniel. Tirei uma foto dos convites e mandei para ele via WhatsApp com a descrição:

Já temos uma desculpa para você vir para cá daqui a duas semanas.

Exatos três minutos depois, ele respondeu dizendo que para vir me ver, ele não precisava de uma desculpa, que eu era o motivo. É claro, ele levou a sério demais a brincadeira e tive que ligar para ele no meio do expediente para explicar a minha versão.

Ele concordou em vir para ir à festa comigo. Disse brincando, mas sei que tem um fundo de verdade, que ele não me deixaria ir sozinha porque sabia que o Renato me faria companhia a noite toda, e terminou a frase em um tom de ironia, dizendo “como um cavalheiro que ele é”.

As provas da faculdade chegaram e eu ainda não peguei o ritmo novamente. Às vezes parece que não me encaixo mais nesse mundo. Às vezes, me pego lembrando da viagem, dos lugares que conheci, dos passeios, de como fui corajosa e até maluca quando decidi fazê-la e parece que aquele é o meu mundo de verdade, pena que preciso voltar para a realidade, me formar e ter uma carreira estável. Tenho a certeza de que essa vontade de jogar tudo para o alto, foi herança do Leonel.

A semana seguinte passou com a mesma velocidade que a anterior, na sexta-feira na hora do almoço me encontrei com a Miriam para irmos juntas buscar nossos vestidos para a festa no sábado. O Renato convidou todos da agência e seus respectivos parceiros e parceiras. O assunto da semana entre os corredores foi se ele levaria algum acompanhante. Eu preferi não participar do buchicho, tenho uma admiração grande por ele também um carinho especial de amiga e desejo muito que ele encontre uma pessoa que o

faça feliz.

— Oi amor! – falo, assim que a foto do Daniel aparece na tela do celular.

— Oi bela, como você está?

— Com saudades. – respondo, me olhando mais uma vez no espelho. O vestido não poderia ter ficado mais lindo, é preto todo drapeado, que modela perfeitamente o corpo, com uma modesta fenda na perna do lado esquerdo.

— Eu também, mas amanhã estaremos juntos novamente, minha pequenina.

— Eu não vejo a hora...

— Já almoçou?

— Já sim, estou com a Mi na loja fazendo a última prova do vestido.

— Sério? Me manda uma foto dele?

— E perder a oportunidade de fazer surpresa? Claro que não vou mandar.

— Ah, por favor, deixa eu ver?

— Não, não. Amanhã você vai ver e agora eu preciso desligar porque tenho que tirar ele do corpo para voltar para o trabalho.

— Tudo bem, nos vemos amanhã então. Devo chegar por volta das cinco da tarde, tenho uma reunião logo cedo na revista e não vou poder ir cedinho como eu queria.

— E vai dar tempo? – pergunto preocupada.

— A festa é às oito da noite, não é?

— É sim.

— Dá tempo sim, pode ficar tranquila.

Nos despedimos, Miriam e eu pagamos o aluguel dos nossos vestidos e ela me deixa na agência, pedindo para eu não contar para o Marcelo nenhum detalhe do vestido dela, que por sinal ficou perfeito.

Na hora de ir embora, o Marcelo me ofereceu carona para me levar até a minha casa, já que ele iria ver a Miriam, assim como eu, ela não ia ir para a faculdade hoje.

No caminho, conversamos sobre os preparativos do casamento e ele confessou que não vê a hora de poder chamar a Miriam de sua esposa. Quando os dois começaram a sair, eu não imaginava que um dia, se casariam.

Estacionamos na frente do meu prédio, me despeço dando um beijo no rosto dele e quando estou abrindo a porta do carro, sou surpreendida com ele segurando o meu braço.

— Ele gostava muito de você, Manu.

Eu abaixo a cabeça, sabendo que é do Leonel que ele está falando. Não digo nada, apenas balanço a cabeça em afirmativo e ele continua.

— Ele não era de demonstrar e você sabe disso melhor do que ninguém, mas você fez o meu amigo muito feliz e eu sei o quanto ele queria que você fosse feliz.

— É... ele queria. — respondo, controlando a vontade de chorar.

— Manu, olha para mim. — eu faço o que ele pede. — Eu tenho certeza de que ele está feliz por você. E eu também. Todos nós estamos felizes por te ver feliz. Ficamos muito preocupados com você, depois que... você sabe...

— Eu agradeço, Marcelo. Foi uma fase difícil, mas mesmo não estando aqui, ele me ajudou e superar.

— Tenho a certeza que sim. Bom, nos vemos amanhã.

— Até amanhã.

Desço do carro com as palavras dele martelando em minha cabeça. Todos sabiam o que o Léo sentia por mim mesmo ele não demonstrando para mim e esse foi o problema, porque por algum motivo, eu escolhi não enxergar isso e quando me dei conta, o tempo já estava nos castigando, reduzindo cada minuto da vida dele.

&

Após duas horas no salão de cabelereiro, finalmente estou indo para casa para me arrumar. Quando me dou conta, já são mais de cinco horas. A bateria do meu celular acabou por volta das duas e não vejo a hora de chegar em casa para poder ligar para o Dan para saber se já está indo para a minha casa. Por insistência da minha mãe, dessa vez ele não vai ficar no hotel, ela acha um absurdo ele pagar um quarto sendo que pode ficar em casa conosco. É claro, no quarto de hóspedes.

Após estacionar o carro na garagem, entro em casa que nem um foguete e corro para o meu quarto, procurando o carregador do meu celular. Mal conecto ele e já o ligo. Assim que a tela acende, disco o número do Daniel. Entra direito na caixa postal. De certo o voo atrasou um pouco. Envio uma mensagem para ele e vou para o banho.

Já são quase sete da noite e nenhum sinal dele, já liguei para a Nicole para perguntar se ela sabia algo, mas o celular dela também entra direto na caixa postal, eu decido esperar mais meia hora antes de ligar para os pais dele.

Aviso a Miriam que provavelmente vou me atrasar e falo para ela direto

com o Marcelo. Havíamos combinado de sairmos os quatro daqui de casa. Miriam tenta me acalmar pelo telefone, mas a vontade que tenho é de chorar, meu coração bate acelerado e eu não consigo ficar calma sem ter notícias do Daniel.

Às sete e trinta em ponto, meu celular toca e a foto do Dan aparece no visor. Eu respiro aliviada e atendo.

— Dan? O que aconteceu? Já está chegando? – pergunto, atropelando as palavras.

— Manu, calma. Está tudo bem, mas eu tenho que te pedir desculpas, eu não vou poder ir.

Eu sento na cama sem tentando entender o que ele acabou de dizer.

— Como assim, Dan? O que está acontecendo?

— Amor, me ouve, aconteceu um imprevisto, eu não consegui te ligar antes porque foi tudo muito rápido, o meu celular estava sem bateria e acabei deixando ele em casa. A Letícia passou mal e tive que correr com ela para o hospital.

As suas últimas palavras me acertam como se fossem flechas pontiagudas. Ficamos em silêncio ao telefone enquanto as malditas lágrimas escorrem pelo o meu rosto. Sou tomada por um sentimento de frustração e decepção e não vou negar que me senti péssima e com o ego magoado ao saber que o meu namorado foi socorrer a ex enquanto eu me preocupava com ele aqui.

— Manu, você está me ouvindo?

Eu não vou deixar ele perceber o quanto isso me afetou. Ele fez a escolha dele, preferiu a Letícia do que a mim e estou me lixando se estou sendo egoísta.

— Sim. Estou aqui, Daniel. – respondo em tom neutro. – E o que houve com a sua ex-mulher? – enfatizo o “ex-mulher” sem me dar conta.

— Graças a Deus, agora ela está bem, mas ela quase perdeu a criança.

— Que bom que isso não aconteceu. – falo, sendo dessa vez, sincera. Por mais que eu não goste da vacatícia, é de uma vida que estamos falando e sendo filho ou não do Daniel, eu não desejo nada de mal para essa criança.

— Amor, me desculpa, eu juro que...

— Daniel, não precisa fazer isso, ok? – interrompo-o.

— Você está chateada, eu sei... Manu, por favor, me perdoa.

— Conversamos amanhã, eu preciso desligar porque já estou atrasada.

— Você vai ir a tal festa? – ele pergunta com a voz quase sumindo.

— Vou. – respondo. – Todos da agência vão estar lá.

— É... eu sei.

— Até.

— Um beijo.

Desligo o celular sem responder.

Como ele pôde? Será que não tinha mais ninguém para socorrer a vaca? Tinha que ser ele? E poxa, ele podia ter dado um jeito de me avisar antes, além da frustração de saber que ele não vem, tem toda a preocupação pela a qual ele me fez passar.

As lágrimas começam a escorrer pelo o meu rosto enquanto tento controlar a raiva que cresce dentro de mim.

Decido não ir.

Envio uma mensagem para a Miriam contando resumidamente o que aconteceu e me jogo na minha cama com o vestido e tudo.

O pior de tudo é sou idiota ao ponto de ter esperanças de que ele ligue novamente, não porque quero que ele corra atrás, mas porque quero sentir que sou importante para ele como a ex-mulher dele é.

Dez minutos depois, meu celular toca, mas não é o Daniel. É Renato. Penso em não atender, a Miriam e o Marcelo já devem ter falado para ele que não vou, mas acho que devo uma justificativa a ele e por isso atendo.

— Manuela, está tudo bem?

— Oi Renato, está sim, mas eu quero te pedir desculpas, eu não vou poder ir à festa?

— O Marcelo me contou... Estou passando na sua casa daqui dez minutos, se não estiver pronta, eu espero.

— Renato, eu agradeço, mas não estou no clima para festas.

— É por isso que você vai, Manuela. Dez minutos.

E ele desliga antes que eu rebata novamente.

Sem ânimo, retoco a maquiagem e desço para a recepção. Renato encosta o carro na frente do meu prédio pontualmente dez minutos depois de nos falarmos. Ele caminha em minha direção em um terno perfeito e sorri amavelmente ao esticar o braço para mim.

— Manu, você está linda! – ele diz, beijando o meu rosto.

Eu agradeço e seguimos para o carro. De longe, percebo que tem alguém sentado no banco da frente e a minha suspeita se confirma quando ele me direciona para a porta de trás. Começo a ficar constrangida com a ideia de que talvez eu esteja atrapalhando em algo. Talvez ele tenha se oferecido para

me buscar, por educação ou algo nesse sentido.

Assim que entro no carro e ele fecha a porta, o cheiro de um perfume conhecido me invade e a pessoa do banco da frente se vira.

— Carol? – pergunto espantada.

— Surpresa! – ela diz, rindo. O Renato entra no carro e também se vira para mim.

— Nós íamos te contar hoje à noite, na festa. Aí, quando o meu primo me ligou para dizer que você não ia e contou os motivos, decidimos vir buscá-la e contar aqui mesmo.

— Meu Deus! Vocês estão juntos? Desde quando? – pergunto rindo, feliz com a notícia.

— Duas semanas. – Carol responde. – Eu queria ter te contato desde o primeiro dia, mas o Renato me pediu para aguardar para fazer a surpresa no dia de hoje.

— Nossa, e que surpresa. Eu estou tão feliz por ver vocês dois juntos, mesmo sem saber ainda como isso aconteceu. E Renato, você cuida bem dela porque a Carol é como uma irmã para mim e se você pisar na bola – o que sei que não vai fazer – eu esqueço que é o meu chefe e lhe acerto as bolas!

Os dois riem e ele coloca a mão sobre a mão dela e os dois se olham.

Tão lindos.

— Bom, vamos porque estamos oficialmente atrasados. – diz Renato, se virando para frente e dando partida no carro.

— Estou feliz por você. – movimento a boca para a Carol, sem emitir nenhum som. Ela balança a cabeça e sorri. E eu estou verdadeiramente feliz pela a minha amiga e é uma pena que o meu namorado não esteja aqui do meu lado.

É claro, logo que entramos no salão, todos os olhares da equipe da agência se voltaram para o Renato e a Carol e eles não fazem ideia do porquê.

Ficamos todos em três mesas, uma ao lado da outra. A Miriam e o Marcelo tentam me distrair, brigam comigo cada vez que mexo no celular para ver se tem alguma chamada perdida do Dan ou alguma mensagem e até tentam me convencer a pista de dança com algumas pessoas do nosso trabalho.

Tudo o que eu quero é voltar para casa.

Por volta das nove da noite, um fotógrafo nos chama para tirarmos fotos um a um com o Renato, uma vez que ele e a agência vão ser homenageados essa noite. Eu sou a quarta a tirar a foto, depois da Carol, que ele fez questão

que fosse também. Enquanto o fotógrafo tira foto dos dois, eu aproveito para tirar também com o meu celular e eu entrego ele para ela assim que chega a minha vez.

Renato coloca a mão um pouco acima da minha cintura e eu faço o mesmo. O fotógrafo pede para nós dois sorrirmos e então uma chuva de flashes invade os meus olhos. A Carol entrega o meu celular, dizendo que já enviou para o dela a foto que bati dela e do Renato e seguimos de volta para a mesa.

Após o jantar, iniciaram-se as homenagens que durou cerca de uma hora. Todos nós da agência aplaudimos em pé quando o Renato foi chamado para receber o prêmio de empreendedor mais novo no meio da publicidade e pelo prêmio de destaque devido à uma campanha para uma loja departamentos famosa, criada por nós.

À meia noite em ponto, a pista de dança é oficialmente aberta. Miriam e Marcelo são um dos primeiros a ir dançar, Renato e Carol vão depois e eu fico na mesa com alguns colegas de trabalho.

Quatro músicas depois, o Renato volta com a Carol e os dois insistem para que eu vá dançar com ele, eu aceito e seguimos de braços dados para a pista.

My Way, do Frank Sinatra, começa a tocar e com as mãos em seu ombro e as mãos dele na minha cintura, nos movemos pelo salão enquanto conversamos.

— Manu, sobre a Carol. — ele começa. — Ela sabe dos meus sentimentos por você.

Olho para ele espantada, sem entender o que ele está querendo dizer.

— Ela sabe que eu nutri uma paixão por você e sabe que eu superei e acho que você precisava saber disso para não ficar desconfortável.

— Eu não sei o que dizer, Renato. Você é meu chefe e é também um amigo...

Ele então coloca a mão no meu queixo e me faz olhar para ele.

— Ei, você não precisa dizer nada, para ser sincero, eu não sei se fui apaixonado por você ou se apenas me encantei com o seu jeito meigo, com a forma atenciosa que sempre tratou todo mundo, inclusive a mim, acontece que desde o dia em que eu soube de você e o Leonel, eu soube também que não teria chances com você e depois, quando vi você com o seu novo namorado, eu senti que havia desencanado de vez, passei a vê-la como se fosse uma irmã mais nova e eu quero o seu bem, Manu, como eu iria querer o

bem de uma irmã, se eu tivesse.

— Agora você tem. – respondo emocionada.

Ele beija o topo da minha testa e me gira em seguida e então eu paraliso quando vejo Daniel, parado no começo da pista, nos observando.



Daniel

“Pois eu sei que nós temos o mesmo destino então. Tô tentando me encontrar. Tô tentando me entender. Por que tá tudo assim?”

(Detonautas – O dia que não terminou)

Quando eu acordei hoje, eu não imaginava que o meu dia iria ter tantas reviravoltas e tantos acontecimentos.

A hora em que a Letícia me ligou, por volta do meio dia dizendo que estava com sangramento, eu não pensei em mais nada a não ser na criança dentro dela. Sendo minha ou não, essa criança tem o direito de nascer e eu não podia deixá-la desamparada em uma hora dessas. Eu não podia.

Por volta das quatro horas, o quadro já estava estável e ela não corria mais risco de abortar, mas, era tarde demais para pegar o avião. Levei a Bianca para a casa dos meus pais e corri para a minha casa, eu precisava falar com a Manuela. E eu sabia que ela iria ficar muito chateada comigo. Eu esperava mesmo que ficasse. Mas não esperava que ficasse tanto.

Eu me controlei para não ligar de volta assim que ela desligou o celular, mas eu estava errado, eu furei com ela, a decepcionei, de que iria adiantar ficar ligando para ela para pedir desculpas? Percebi que eu tinha que fazer isso pessoalmente. Entrei na internet e vi o próximo voo para São Paulo, olhei no relógio e vi que tinha menos de uma hora e meia para me aprontar e estar no aeroporto. Nunca, em toda a minha vida, tomei um banho tão rápido, em dez minutos estava desligando o chuveiro e vestindo o meu terno.

Na fila para o check-in meu celular vibrou em meu bolso, deslizei o dedo sobre a tela para desbloqueá-lo e meu coração palpitou com força quando vi que havia uma mensagem da Manuela, abri rapidamente e uma imagem apareceu na tela. Porra! Era uma foto dela ao lado do chefe dela! A mão do filho de uma mãe estava parada quase na cintura dela, da minha namorada!

Tive vontade de responder à mensagem dela, de perguntar o que significava aquela foto, de brigar com ela, mas tentei ser racional, ela estava

magoada comigo e esse foi o jeito que ela encontrou de demonstrar isso. Eu repeti isso para mim mesmo durante a viagem toda. E a viagem de Porto Alegre para São Paulo, nunca demorou tanto quanto essa. Quem estava indo para o Japão, deve ter chegado antes do que eu, que estava indo para o estado ao lado.

Desisti de alugar o carro assim que vi o tamanho da fila e optei por pegar um táxi. Por sorte, a Manu havia me mandado a foto do convite e nele havia o endereço do local. Pedi para que o motorista buscasse o caminho mais curto e joguei limpo com ele, disse que não me importaria de pagar pelo o mais longo – porque eu sabia que iria optar pelo mais demorado para a corrida ficar mais cara – ela não gostou muito da minha insinuação, mas acabou chegando ao salão muito antes do que eu imaginava. É claro, ele ganhou uma boa gorjeta por isso.

Para entrar na festa foi outro problema. O meu nome estava na lista, mas eu estava sem o convite. Se fosse em outra situação, eu pedira para procurarem a Manu ou até mesmo o Renato, mas depois da foto, eu não iria pedir ajuda para ele nem ferrando. Após comprovar que o Daniel da lista era eu, mostrando meu documento, o segurança me deixou entrar porque mostrei para ela foto do convite em meu nome, no meu celular. Eu disse que estava vindo de outro estado e que havia esquecido o convite. Foram dez minutos de conversa, mas eu consegui entrar.

Um garçom passa por mim com uma bandeja cheia de copos de champanhe e uísque, eu passo no teste quando ele me oferece e eu consigo dizer não. Mesmo querendo dizer sim.

Caminho entre as mesas à procura da Manu, uma banda toca uma das minhas músicas favoritas, My Way, essa música é quase que um hino. Peço licença para as pessoas que fazem um círculo ao redor da pista e vou me enfiando no meio delas. Quando chego no começo da pista, onde várias pessoas estão dançando, veja a Miriam e o Marcelo no lado oposto em que estou, vou contornando a beirada da pista com a intenção de chegar perto deles para perguntar da Manu quando a visão dela, tão linda quanto na foto, dançando com o Renato me faz paralisar.

Eu não preciso de um espelho para saber que estou vermelho de raiva. Meu corpo todo esquentou em fração de segundos. Fecho os pulsos como se estivesse pronto para socar alguém e quando o filho da mãe do engomadinho do chefe dela beija a sua testa, eu repito para mim mesmo que eu tenho somente duas opções. Primeira: Acertar a cara dele e tirar a Manuela dos

braços dele, ou, segunda: Virar as costas e ir embora. Se a minha namorada ficou chateada comigo e usa isso como desculpa para ficar com o chefe, não me resta fazer mais nada a não ser aceitar e terminar tudo no dia seguinte.

Eu escolho a segunda opção.

Começo a me virar para ir embora quando ele a gira, fazendo com que ela me veja. Nossos olhares ficam presos, mas dessa vez, o que vejo no olhar dela é espanto e medo e tenho a certeza de que o que ela vê em meu olhar é horror e decepção.

Quebro o contato visual, virando-me e caminho o mais rápido que posso para a saída. O problema é que a saída não é no mesmo lugar que a entrada e eu não consigo achar ela.

Saio por uma porta que dá para uma imensa sacada para fumantes e uma escadaria que dá acesso ao estacionamento. Maldita hora em que eu decidi não alugar um carro. Desço as escadas, furioso, amaldiçoando o mundo, a mim mesmo e a tudo.

Ela era a mulher da minha vida. Eu acreditava que era e mais uma vez, levo um tapa na cara da vida.

— Daniel! – a ouço gritar enquanto desce as escadas atrás de mim. – Espera, por favor!

Eu aperto o passo sem olhar para trás e pego o meu celular para procurar na internet o número de telefone de algum ponto de táxi.

Ela chama o meu nome novamente e eu continuo até chegar à saída do estacionamento. Olho para trás para ver se ela parou de me seguir e o que vejo faz o meu coração se quebrar.

A Manuela está caída no chão, perto das escadas e um segurança está ao lado dela tentando ajuda-la.

Que se dane o meu orgulho!

Coloco o celular no bolso novamente e corro até ela. Seu rosto está vermelho e as lágrimas transbordam de seus olhos, o seu joelho está sangrando e o segurança chama os paramédicos de plantão pelo rádio. Ela me encara e agora não é mais espanto que vejo em seu olhar, é desprezo.

— Manu, o que aconteceu? – pergunto, me agachando ao lado dela, colocando a mão sobre a sua perna.

— Não me toca! – ela diz irritada.

— Manu, não é hora para isso, me deixa te ajudar! – falo, pacientemente.

— Não é hora para isso? Até dois minutos atrás, antes de eu cair dessa

escada, você não queria nem falar comigo e agora, só porque eu estou ridiculamente caída você simplesmente resolve que não é hora para isso?

— O que você queria, Manuela? Primeiro a foto, depois vejo vocês dois dançando. Você queria que eu fosse até ele e apertasse a mão dele e agradecesse por dar em cima da minha namorada na minha ausência?

— Pois é, Daniel. Você estava ausente, não é mesmo? E ele não estava dando em cima de mim e não sei de que foto você está falando, mas, como está a sua ex-mulher?

Esse tipo de encenação não combina com a Manuela. Ela parece estar lutando contra ela mesma para se manter forte. Assim como eu.

— A senhora consegue ficar de pé? – o segurança nos interrompe.

— Eu não sei, o meu pé está doendo muito. – ela choraminga. Olho para o pé dela e vejo que está inchado.

— Temos que tirar a sua sandália. – falo, começando a desabotoá-la.

Ela reclama da dor, mas dessa vez me deixa tocá-la. Eu retiro cuidadosamente a sandália do pé dela enquanto seus olhos estão fechados e espremidos.

— Você pode pedir para localizarem o Renato, da agência Free Mind? – ela pede para o segurança. Imediatamente ele passa a ordem pelo rádio e dá a localização de onde estamos.

Eu respiro fundo porque sei que ela vai tentar me atingir de todas as maneiras. Ela ainda está chateada por causa da Letícia.

— Deixa eu te ajudar. – peço, colocando a minha mão sobre a dela que está apoiada no chão.

— Daniel, por favor, eu não quero conversar hoje, eu só quero ir para casa.

— Você vai para o hospital, Manu, não pode ir para casa.

— Que seja, Daniel. Mas eu não vou com você.

Eu desisto de insistir, mas ela não vai sair dessa festa sem eu estar junto, isso eu não vou permitir.

— Senhora, acho que a pessoa que a senhora pediu para chamar está descendo. – diz o segurança. Nós dois olhamos para cima e o Renato está de mãos dadas com a Carol, caminhando em nossa direção.

— Carol? – pergunto para a Manuela.

— Eles estão juntos. – responde rispidamente, jogando na minha cara que provavelmente eu fiz mais uma merda. Das grandes.

— Manu, estávamos te procurando, você saiu correndo e eu não entendi

o motivo e de repente um segurança vai até a nossa mesa avisar que você estava machucada. O que houve? – ele estende a mão para ela e ela se apoia nele para tentar levantar, mas, ela não consegue e suas pernas vacilam. Eu corro para o outro lado e a seguro com ele.

— Eu caí. – ela diz, olhando para mim.

E então, eu resolvo falar tudo.

— Não foi bem assim. Ela me viu quando eu estava olhando vocês dois dançarem. Eu fiquei com raiva do que vi, porque enquanto estava no aeroporto vindo para cá, recebi uma foto dela abraçada a você e depois, vê-lo beijando a testa da minha namorada, foi demais para mim, decidi ir embora e procurá-la amanhã para não fazer nenhuma besteira hoje.

— De que foto você está falando? – ela pergunta, se apoiando com as duas mãos no Renato e se desvencilhando de mim.

— Fui eu. – interrompe a Carol. – Eu que enviei a foto, eu estava brava com você, Daniel, pelo o que você fez com a minha amiga. Era para ser um dia perfeito para ela. Dá uma olhada em como ela está linda! Ela se arrumou para você e você simplesmente decide não vir porque teve que ajudar a sua ex-mulher. Eu bati a foto com o celular dela e enviei para você.

— Carol! – a Manuela chama a atenção da amiga. – Você não podia fazer isso.

— Mas eu fiz, Manu. Eu já te vi sofrer demais. Eu não podia permitir que você sofresse de novo, enviei a foto para saber até onde ele gosta mesmo de você.

— Fez isso para me deixar com ciúmes e me fazer vir para São Paulo?

— Fiz. – Carol responde. Desculpa Daniel, mas eu me sinto responsável pelo o sofrimento da minha amiga, fui eu que a incentivei a não desistir de você, a ter paciência com a sua ex-mulher, e me senti culpada por isso.

— Você não tem ideia dos sentimentos ruins que essa foto me causou. – falo. – E só para constar, Manuela – me viro para a Manu – Eu não vim por causa dela, eu já estava no aeroporto quando a recebi. Eu vim porque queria pedir desculpas pessoalmente.

Ela não tem tempo de responder porque os paramédicos chegam e começam a enchê-la de perguntas enquanto a examinam.

— Ela vai precisar ser levada para o hospital, provavelmente fraturou ou torceu o pé.

— Pode deixar que eu levo no meu carro. – Renato fala.

— Não, eu não vou atrapalhar a festa de vocês! – A Manu responde.

— Não é hora de ser teimosa, Manu. — Renato rebate. — Nós vamos levá-la. Vou buscar sua bolsa e a da Carol e já desço.

Renato agradece a ajuda do segurança e se vira para mim.

— Você a segura? — eu respiro fundo. Ele pode até realmente não ter nenhuma segunda intenção com ela, mas ela é a minha namorada, o que o faz pensar que eu não vou segurá-la?

Dessa vez ela me deixa segurá-la e ela até se encosta em mim para não colocar o pé no chão. Ficamos os três em silêncio até o Renato voltar dirigindo o carro dele. Ele para próximo a nós e desce para abrir a porta do passageiro. Pego a Manu no colo e a coloco sobre o banco.

— Você não vai? — ela pergunta, com voz de choro.

— Eu estou sem carro, vou chamar um táxi e você me manda uma mensagem avisando para qual hospital foi e eu vou para lá.

— Vamos com a gente. — Renato diz, dando a volta no carro.

— Eu prefiro ir seguindo vocês. — é claro, o meu orgulho não me permite ir.

— Você não vai, não é mesmo? — a Manu pergunta, olhando para mim com os olhos apertados.

Eu me agacho ao do lado de fora do carro e toco o seu rosto. Ela fecha os olhos e eu faço o mesmo por alguns segundos.

— Você quer que eu vá? — pergunto, baixinho.

— Por favor. — ela responde, abrindo os olhos e me olhando.

— Tudo bem, então. — respondo. Droga, porque estamos fazendo isso com nós mesmos? Tudo o que quero é coloca-la em meu colo e apertá-la. É poder fazer passar a dor do pé dela. É beijá-la e dizer que a amo, mas eu não consigo fazer nada disso.

Dou a volta e me acomodo do outro lado, a Carol entra no carro e o Renato da partida. Arrancando logo em seguida.



Nicole

“Dance me to your beauty with a burning violin. Dance me through the panic 'til I'm gathered safely in. Lift me like an olive branch and be my homeward dove. And dance me to the end of love.”

“Dance comigo sua beleza com um violino ardente. Dance comigo através do pânico até eu estar em segurança. Levante— me como um ramo de oliveira e seja minha pomba de regresso. E dance comigo até o fim do amor.”

(The Civil Wars – Dance Me To The end Of Love)

Toco o interfone do apartamento do Gustavo pela segunda vez, eu poderia ligar no celular dele, mas tenho receio de que ele veja o meu nome e decida não me atender. O nosso último encontro foi um pouco trágico, o Dani me pediu para buscá-lo no aeroporto, me avisou que ele não sabia de nada e inocentemente, decidi dar um toque engraçado à surpresa. Escrevi o nome dele em uma cartolina e fiquei à espera dele no desembarque. Nos vimos de longe, com ele caminhando em minha direção, quando chegou próximo a mim, disse apenas uma frase:

— Isso não era necessário. Você ter vindo me buscar, não era necessário.

Olhei incrédula para ele, tive tanta vontade de xingá-lo de vários nomes feios, mas lembrei-me de que estava em um aeroporto e me contive. Dei as costas a ele e comecei a caminhar.

Ele me seguiu até o meu carro, esperou eu destravá-lo e entrou. Ficamos em silêncio a viagem toda. Uma hora de pleno silêncio, onde somente as nossas respirações pesadas podiam ser ouvidas.

No meio do caminho, Gustavo ligou o som do carro e não pude deixar de notar que sua mão tremia ao fazer um simples geste como aquele. Eu queria perguntar a ele sobre o resultado dos exames, sobre como ele se sente

a respeito disso tudo, sobre o seu restaurante em Portugal, sobre nós... eu quis, mas não fiz. O deixei na frente do prédio dele e foi somente nesse momento que ele se dirigiu a mim, onde agradeceu a carona e saiu do carro, sem olhar para trás.

Sinceramente eu não sei o que acontece com esse cara, acho que além de Parkinson, ele tem também transtorno bipolar! Eu não tinha a obrigação de ir buscá-lo, fui porque queria sei lá, tentar pelo menos conversar com ele, e o que recebi em troca foi um comentário rabugento e uma hora de pleno silêncio.

Durante a semana que se passou, nos esbarramos duas vezes na vinícola, ele se limitou a me dar boa tarde em uma das vezes, e boa noite na outra. Isso está acabando comigo. Como é possível ele sentir algo por mim e me tratar dessa forma?

Cansada de me sentir como uma idiota, decidi resolver isso de uma vez por todas. Sim, eu decidi. Se não chegarmos a lugar algum hoje à noite, amanhã começarei a planejar a minha viagem. Eu não quero conviver ao lado do cara que amo sem nem conversar com ele. Eu não quero ver a doença dele acabar com ele e não poder estar com ele.

Começa a garoar, aperto o botão, dessa vez com mais força e por mais tempo, se ele estiver em casa, com certeza não deve ter gostado disso.

— Pronto? – ouço a voz dele sair pelo autofalante do interfone.

— Precisamos conversar. – falo, tentando em vão me esconder da chuva, que começa a apertar.

— Quem é? – o filho da mãe pergunta.

— Sério mesmo que não sabe quem é? – pergunto irritada. A garoa agora vira uma chuva acompanhada de vento. – Gustavo, eu estou ficando encharcada aqui.

— A porta de dentro vai estar aberta, é só subir. – e então ouço o barulho da porta sendo liberada.

O apartamento dele fica no quarto andar, o prédio não tem elevador e sou obrigada a subir as escadas, meu jeans ensopado dificulta a subida, é a primeira vez que entro na casa dele, a porta está semiaberta, abro-a, chamando por ele, que grita de algum lugar para eu entrar. Faço o que ele pede e dou alguns passos, parando na cozinha.

— Você precisa ser rápida, tenho um compromisso logo mais. – Gustavo aparece, vindo do corredor, usando uma calça de moletom cinza e sem camiseta.

Eu disfarço quando ele me pega admirando o seu corpo perfeito, olhando para o resto do apartamento e caminho até o centro da sala.

— Eu vou ser breve. – respondo decidida, soltando um espirro logo em seguida.

— Você está encharcada. – ele diz.

— Se você não tivesse demorado tanto para atender e me deixar subir, eu não estaria toda molhada. – respondo, encarando-o.

— E perder a chance de vê-la molhada com uma camisa branca? A propósito, bonita lingerie.

Olho para baixo e me dou conta de que estou usando uma camisa branca, que agora está transparente e que o sutiã de renda branca está totalmente aparente. Imediatamente cruzo os braços sobre o meu peito, na tentativa de esconder a minha quase nudez. Gustavo sorri divertido e aponta para o sofá.

— É melhor eu não me sentar, vou molhar o seu sofá.

— Para de frescuras, Nicole. Senta logo que vou pegar uma camiseta para você. Ficar olhando você assim não vai dar certo.

Eu me sento e ele vai até o quarto dele, me deixando com a sua última frase na cabeça. Eu mexo com ele de alguma forma e eu preciso saber usar isso ao meu favor para desarmá-lo e conseguir conversar com ele de uma vez por todas. Ele retorna com uma camisa xadrez de botão e a entrega para mim. Eu a seguro e fico parada olhando para ele, enquanto ele se senta na poltrona à minha frente.

Eu respiro fundo e fecho os olhos, juntando toda a coragem que há dentro de mim, me levanto e começo a desabotoar a minha camisa.

— O que você está fazendo, Nicole? – sua voz soa trêmula. Eu seguro o riso porque ainda estou nervosa demais com o que estou prestes a fazer.

— Trocando de roupa. – respondo, ignorando os seus olhos pregados em mim.

Termino de desabotoar a camisa e a deixo cair sobre o chão. Pego a xadrez que ele me emprestou e a visto, abotoando vagarosamente cada botão. Gustavo observa meus movimentos enquanto o vejo pressionar os lábios. É isso, eu o afeto, eu só preciso saber o que fazer agora, porque se eu sentar, esse momento vai passar e talvez ele se feche mais ainda, porém, eu não posso simplesmente agarrá-lo.

— Obrigada pela camisa. – falo, ainda em pé, abotoando o último botão. Soltando mais um espirro.

— Droga, Nicole! Você vai ficar resfriada desse jeito. – ele diz, incomodado.

E essa é a minha deixa.

— Posso? – pergunto, apontando para o meu jeans.

— Vou preparar um chá para você enquanto termina. – ele responde, se levantando.

Frustrada, começo a tirar o meu jeans e a esperança de que ele dê algum sinal de que me quer, vai embora.

Agora, estou me sentindo ridiculamente exposta, sentada em seu sofá, usando uma camisa dele que desce até os meus joelhos, e nua da cintura para baixo.

Cinco minutos depois, ele retorna com duas xícaras de chá, dessa vez, ao invés de se sentar na poltrona de frente para mim, ele se senta o meu lado, com sua perna quase tocando a minha.

— E então, o que a fez vir aqui?

— Queria conversar com você. – respondo, tomando um gole do chá.

— Sou todo ouvidos, mas seja breve, como eu disse, eu tenho um compromisso, um encontro que não posso desmarcar.

Meu corpo todo esquenta e não é com a proximidade do corpo dele junto ao meu, esquenta de raiva por causa da sua última frase. Eu coloco a xícara sobre a mesinha no centro e me levanto, pegando as minhas roupas do chão.

— Quer saber, deixa para lá, Gustavo! Vá a esse seu encontro e esquece que eu estive aqui, foi um tremendo erro, uma ideia idiota que não vai mais se repetir! – passo por ele, seguindo em direção à porta.

Ouço o barulho dele se levantando e segundos depois, ele está encostado na porta, de frente para mim.

— Aonde você pensa que vai vestida desse jeito? – ele pergunta, bloqueando a passagem.

— Desculpa, esqueci de devolver. – falo, começando a desabotoar a camisa dele.

— Nicole, pára. Não é isso que eu quis dizer. – ele suplica, tentando segurar as minhas mãos.

Eu continuo, desabotoo com pressa até me livrar completamente da camisa, ficando somente de lingerie na frente do homem que amo e que me ignora completamente. Ele tapa os olhos com as mãos, pedindo para eu me vestir novamente e então a ficha caí. Eu nunca me humilhei tanto na frente de um homem. Na verdade, eu nunca precisei. Nesse tempo todo, nunca precisei

tomar a iniciativa para estar com algum homem, mesmo gostando do Gustavo, eu tive alguns curtos relacionamentos e em nenhum, eu me senti tão vulnerável, exposta e humilhada como estou me sentindo agora.

Ele não sente nada por mim. Se sentisse, não estaria agora com os olhos cobertos com as mãos. Desamasso a minha camisa molhada e começo a vesti-la. Ele descobre o rosto e pega o exato momento em que algumas lágrimas começam a escorrer dos meus olhos e então, sua mão toca o meu rosto, me fazendo me perder. Eu fecho os olhos e sinto o toque dos seus dedos deslizando até a minha boca e no momento seguinte tudo o que ouço é um barulho forte contra a porta. Abro os olhos assustada e ele segura a sua mão. Ele deu um soco na porta e agora é ele quem está de olhos fechados.

— Nem tocar o seu rosto sem que as minhas mãos tremam, eu consigo! — ele diz, com a voz embargada.

Meu coração se parte em mil pedaços com a declaração dele. Eu coloco as minhas mãos sobre as dele e peço para ele abrir os olhos.

— Por favor, abre os olhos, Gustavo. — peço novamente. E então ele os abre. — Eu quero que você me toque. — digo, respirando fundo.

— Não posso. — ele responde. — Você não tem noção do quanto quero fazer isso, desde o momento que entrou toda encharcada por essa porta, mas eu não consigo. — seu olhar sustenta o meu enquanto lentamente, começo a abrir a mão dele.

— Gustavo, eu preciso que você faça isso. Eu preciso de um sinal, porque eu não estou mais aguentando isso e se eu sair por essa porta sem a gente conversar, você não me verá tão cedo.

— O quer dizer? — ele pergunta assustado.

— Vou viajar. — falo, com a voz firme.

— Eu não quero que você vá. — ele abaixa o olhar e eu continuo com as minhas mãos sobre as dele.

— Então faça alguma coisa para me impedir. — respondo.

Gustavo me encara e tudo o que vejo em seu olhar é desespero. Eu me aproximo mais contra o seu corpo e sua mão trêmula volta a tocar o meu rosto, seu dedo desliza até a minha boca, tocando-a com tanta delicadeza que eu nem percebo mais que ele está trêmulo. Ele continua traçando um caminho invisível abaixo do meu queixo, descendo pelo meu pescoço, parando na divisão dos meus seios. Sua outra mão passa por trás da minha camisa aberta e dá a volta na minha cintura. Ele me puxa para ele e nossos olhos não se desgrudam um do outro. Eu tombo a cabeça para trás assim que ele começa a

beijar o meu pescoço. Sua ereção começa a ficar visível através do seu moletom e meu corpo reage imediatamente à essa informação.

No momento em que sua boca alcança o início dos meus seios, ele me vira contra a porta, me prensando nela e com pressa, arranca a única peça de roupa que cobria o meu corpo. Ele abre um sorriso, examinando o meu corpo enquanto segura as minhas mãos acima da minha cabeça.

— Como desejei um dia vê-la assim... – ele solta, quase que em um murmúrio.

E então o beijo acontece. Quente e urgente, como eu esperava que fosse. Nossas línguas percorrem caminhos ocultos em nossas bocas, suas mãos passeiam pelo o meu corpo, tocando-o delicadamente e eu tremo quando seus dedos passam por trás da lateral da minha calcinha.

— Você tem certeza disso? – Gustavo pergunta, com sua mão bem próxima ao meu sexo.

Eu balanço a cabeça em afirmativo e então, ele me pega no colo, levando-me para o seu quarto.

— Nick, eu quero que saiba que talvez, as minhas mãos falhem e isso pode te assustar. – ele diz, colocando-me sobre a sua cama.

— Gu, nada vai me assustar, apenas me deixa senti-lo. – peço, com a voz rouca de desejo.

Ele abre a gaveta do criado ao lado da cama e pega um envelope de camisinha. Vejo que suas mãos voltam a tremer e sei que ele vai ter dificuldade para coloca-la e que talvez isso possa estragar tudo, então, antes que ele comece a vesti-la, eu o puxo para a cama, segurando em suas mãos.

— O que está fazendo? – ele pergunta espantado.

— Deita aqui. – peço.

Um pouco desconfiado, ele tira a sua calça e deita ao meu lado, eu escorrego para os pés da cama e puxo a sua boxer.

— Nick... – ele sussurra, assim que minhas mãos tocam o seu membro. Eu continuo, eu quero deixa-lo relaxado antes dele começar a colocar a camisinha e então, minha boca toca suavemente a sua ereção.

Olho para ele e ele devolve o olhar, implorando para que eu continue. Beijo mais uma vez até colocá-lo dentro da minha boca. Gustavo solta um gemido e suas mãos acariciam os meus cabelos enquanto faço movimentos sincronizados.

— Eu preciso que você pare. – ele pede, me impedindo com as mãos. – Quero senti-la.

Percebo que ele está mais confiante para colocar a camisinha e então me afasto, dando espaço para ele colocá-la. Segundos depois, ele está com o seu corpo quente sobre o meu, preenchendo-me com carinho. Os movimentos começam devagar, como se não tivéssemos pressa em terminar o que estamos fazendo, como se tivéssemos esperado por muito tempo para que isso acontecesse. E esperamos.

Voltamos a nos beijar e suas mãos brincam com meus seios, deixando-me mais excitada, eu ergo o corpo, fazendo com que ele se afunde mais dentro de mim. Gustavo me vira de quatro e abraçado a mim, me penetra novamente. Eu gemo com a sensação dele preenchendo cada parte dentro de mim.

— Ah... Nicole, se você soubesse o quanto sonhei com isso...

Ele sussurra em meus ouvidos, me fazendo arrepiar.

— Eu amo você, Nicole. Há muito tempo.

E então, meu mundo desmorona e eu me rendo, me apertando contra ele enquanto digo em voz alta que eu também o amo. Ainda atrás de mim, ele me abraça pela cintura e me puxa forte contra o seu corpo, investido com força dentro de mim enquanto solta um gemido alto.

Ofegantes, nos atiramos na cama e eu me deito sobre o seu peito e ele começa a alisar os meus cabelos.

— Você não tinha um compromisso? – pergunto, erguendo a cabeça para olhar para ele.

— O que acha? – ele pergunta, com um sorriso divertido nos lábios.

— Seu besta! – retruco, dando um tapa leve em seu peito. – Você quase me fez desistir.

— Era o que eu queria. – ele responde sério. – Na verdade era o que eu precisava, não o que eu queria, mas aí você mencionou que iria viajar e a ideia de que eu ia perde-la para sempre me assustou.

— Você não vai me perder, se não quiser... – respondo, beijando o canto da boca dele.

— Eu não quero, Nicole. Não mesmo.

— Então acho que precisamos conversar. – respondo, me sentando no encosto da cama.

— Precisamos, né? Quer começar? – pergunta.

— Quero que me fale sobre os exames. Sobre a consulta, sobre tudo.

— Bom, vou precisar passar por um terceiro médico, porque esse que estou indo em São Paulo, afirma que não é Parkinson.

— Isso é ótimo! – o interrompo. – E o que é então?

— Pois é, o Doutor Ivan diagnosticou como tremor essencial, é uma doença isolada, que ocasiona o tremor somente quando há uma ação, como por exemplo quando movimento as mãos para escrever ou pegar uma xícara. É tratável e controlável.

— Então esse tal médico descartou Parkinson? – pergunto, buscando a sua mão.

— Sim e é por isso que quero uma terceira opinião.

— Posso ir com você nesse outro médico?

— Nick, eu não quero criar esperanças e não quero que você também crie. – ele encolhe os ombros. – Porque se for confirmado o Parkinson, eu não sei o que vou fazer.

— O que quer dizer? Que se for Parkinson, isso que está acontecendo entre nós, não vai mais acontecer? Vai ignorar isso tudo o que aconteceu?

— Nicole. – ele tira uma mecha de cabelo do meu rosto e alisa a minha bochecha. – Eu não posso fingir que não aconteceu, mas eu não vou levar isso adiante se essa maldita doença for confirmada, eu não vou permitir que você passe por isso. Você não merece.

— Eu mereço o que então? Se eu não mereço ficar ao lado do cara que amo só porque ele está doente, o que sobra para mim, Gustavo? Você quer que eu me conforme e aceite?

— Não. Eu quero que você tente ser feliz, só isso.

— Gustavo. – eu o chamo, segurando o seu rosto entre as minhas mãos. – Eu demorei muito para me sentir feliz como estou me sentindo aqui, ao seu lado. Não tire isso de mim, por favor.

Ele então me abraça forte e ficamos por um bom tempo assim, apenas abraçados.

Talvez ele ainda não tenha se convencido de que eu não vou desistir dele independente do diagnostico final que deem a ele, mas por enquanto, decido que não vou discutir isso com ele. O que importa é que finalmente, eu estou nos braços do homem que eu amo, o homem que venho amado silenciosamente por muito tempo e eu sei que esse amor vai me dar forças para superar ao lado dele, qualquer obstáculo que tenhamos que superar.



Manuela

“Please, don't leave me. Please, don't leave me. I always say how I don't need you, but it's always gonna come right back to this. Please, don't leave me.”

“Por favor, não me deixe. Por favor, não me deixe. Sempre digo como não preciso de você, mas sempre acabo voltando a este ponto. Por favor, não me deixe.”

(Pink – Please, Don't Leave Me)

— Uma bota ortopédica! – falo ao telefone. – Foi o que sobrou do nosso final de semana. Eu queria que pelo menos você tivesse ficado mais. – choramingo, com o coração apertado de saudades.

— Eu também queria ter ficado, meu amor. Você não sabe como me sinto culpado pelo o que te aconteceu.

— Dan, não vamos fazer isso. – peço, colocando o pé em cima de dois travesseiros e me ajeitando em minha cama. – Vamos deixar isso para lá, ok?

— Eu fui um idiota tão grande, como posso deixar para lá? Eu ia terminar tudo Manu! Eu estava decidido a terminar com você porque achei que estava rolando algo entre você e o Renato.

— Amor? Para de se martirizar com isso. O que importa é que estamos bem e que assim que eu tirar esse troço do pé, vou poder ir visita-lo. Se tudo der certo, no próximo feriado, daqui a um mês, estarei aí com você.

— Já estou contando os dias, mas agora, acho que você precisa descansar, nos falamos amanhã, tá bom?

Eu desligo o telefone após dizer repetidas vezes que o amo e apago a luz do abajur.

Após o incidente da festa, fizemos as pazes ainda no hospital, quando o Daniel me pegou no colo – contra a minha vontade - e me levou para tirar o raio-x do pé, naquele momento em que ele me carregou com tanta ternura e preocupação, eu fui capaz de me colocar no lugar dele e perceber que eu

também errei ao ficar brava com ele por ele ter ido ajudar a vacatícia, ela carrega uma criança no ventre e não se pode negar ajuda a uma mulher grávida, mesmo sendo ela. E no fim, ele deu um jeito de vir e ainda teve que ver a foto que a Carol, em um momento de estupidez e até infantilidade, decidiu enviar para ele, mas, também não a posso culpar por isso, porque eu também entendo os motivos da minha amiga, ela praticamente me empurrou para o Daniel enquanto eu estava na Noruega, ao me incentivar a ficar com ele e, de repente, no entendimento dela, ele colocou a ex-mulher em primeiro lugar e ela se sentiu culpada pela a minha frustração.

É... No fim, eu acabei entendendo os motivos de todos...

Após o hospital, Renato nos deixou em casa e minha mãe preparou o quarto de hóspedes para ele. Naquela noite, é claro que ele não dormiu no quarto de hóspedes, e é claro que a minha mãe suspeita disso. Dormimos abraçados, com ele fazendo carícias em mim, tocando-me como se eu fosse uma pintura a ser venerada, beijando-me com reverência, com zelo e por mais que o meu pé doesse, eu dormi feliz por dormir ao lado do homem que amo.

Passamos o final de semana juntos, sem nos desgrudar, no domingo cedo fomos comprar roupas para ele, foi também a única vez que saímos de casa, por eu estar com o pé imobilizado, devido a fratura no tornozelo, e andando de muletas, alternamos entre ver filmes no sofá da sala ou deitados na minha cama. Dan cuidou de mim e me mimou como se eu fosse uma boneca de porcelana e eu sei que é porque ele se sente culpado pelo o ocorrido. Ele foi embora na terça-feira, por mim, ficava a semana toda, mas ele disse que precisava terminar algo que havia começado e que o seu prazo estava correndo e combinamos de eu ir visita-lo no feriado do mês que vem, quando já estarei sem essa maldita bota ortopédica.

Por causa do pé, Renato me dispensou do trabalho por uma semana, o que me deu mais tempo ao lado do Daniel.

Na segunda à noite, esperei a minha mãe dormir para invadir o quarto do Daniel, ele também já estava deitado, provavelmente esperando mais um pouco para invadir o meu, mas dessa vez, fui mais rápida do que ele, mesmo com a bota ortopédica, e o surpreendi. É claro que se eu estivesse sem esse troço feio no pé, a imagem que ele viu teria sido melhor, mas ainda assim, seus olhos se arregalaram quando abri o roupão e fiquei parada na frente dele usando apenas uma lingerie vermelha. Ele tocou e beijou cada pedaço do meu corpo me levando ao meu limite, até eu implorar por ele dentro de mim e ele

finalmente atender o meu pedido.

Fizemos sexo, inundados por luxúria. Depois, fizemos amor, com todo romantismo que tinha que ser. Dormimos abraçados e acordamos somente no dia seguinte, o dia do retorno dele ao Sul.

&

Após um mês de tortura, de namorar por telefone e pelo Skype, embarco à noite para Porto Alegre. Daniel vai me esperar no aeroporto junto com a Bianca e de lá vamos jantar os três. Confesso que estou um pouco apreensiva, mas tenho que começar a conquistar a confiança da filha do meu namorado.

A Miriam e o Marcelo se oferecem para me levar ao aeroporto e sem frescuras eu aceito. Meu pé ainda dói um pouco e ainda piso no chão com certa dificuldade, que segundo o ortopedista, é normal devido ao tempo em que o pé ficou imobilizado.

Cinquenta minutos de voo foram o suficiente para me deixar ansiosa. Desembarco olhando para todos os lados à procura do Daniel e o encontro parado do lado esquerdo da saída, de braços cruzados e lindamente perfeito com a barba por fazer. Apresso o passo em direção a ele que ao me ver, descruza os braços e sorri.

— Oi bela. – ele diz, beijando-me rapidamente na boca e abraçando-me em seguida.

— Oi amor. – respondo, apertando-me contra os seus braços fortes.

Ele então me solta e eu cumprimento a Bianca com um rápido beijo no rosto. Ela apenas diz oi e abre um pequeno e tímido sorriso.

— Prontas para jantar? – Daniel nos pergunta empolgado, pegando a minha mala.

— Estou morrendo de fome. – Bianca responde, sem tanta empolgação.

— Eu também estou faminta. – digo, enquanto começamos a caminhar para o estacionamento de mãos dadas.

— Vou levá-las a um restaurante em Canela, um dos meus preferidos. – Dan fala, ao entrarmos no carro.

Bianca e eu concordamos e ele dá partida no carro. No caminho, com a mão dele sobre a minha perna, quase não falamos, ainda preciso me acostumar com a presença da filha dele, me sinto constrangida em falar com o Dan assunto sobre nós, com ela ouvindo. Ela, por sua vez, também não parece estar muito à vontade.

Assim que chegamos ao restaurante, Daniel cochicha em meus ouvidos que eu estou linda e comigo caminhado na sua frente em direção à mesa, ele

aperta a minha bunda, me fazendo corar com a possibilidade de que alguém tenha visto.

Conversamos sobre a escola da Bianca, sobre a próxima viagem do Dan, no mês que vem, para a Espanha para fazer mais um trabalho sigiloso que ele não quer me contar, e por fim, sobre a Nicole e o Gustavo. A Nick já havia me contado sobre a sua loucura de ir ao apartamento do irmão do Dan e de praticamente ficar nua na tentativa de fazê-lo tomar alguma atitude e que havia funcionado, mas, depois disso, nos falamos pouco, ela apenas me ligou na semana passada para dizer que nessa semana, iríamos sair os quatro juntos, como dois casais, isso me fez entender que eles finalmente se acertaram e eu disse a ela o quanto estava feliz por isso.

Dan parece estar feliz por ambos, seus olhos brilham quando ele diz que estão esperançosos de que não seja Parkinson. Na semana seguinte, Gustavo e a Nick voltam para São Paulo, para ter uma terceira opinião.

— Amor, você tem certeza de que não quer nenhuma sobremesa? – Dan pergunta, após comermos uma deliciosa picanha na pedra com brócolis e alho.

— De jeito nenhum, se eu comer mais alguma coisa, não vou conseguir dormir. – respondo.

— Até que não seria uma má ideia. – Dan cochicha em meu ouvido, me fazendo corar ao perceber os olhos da Bianca sobre nós.

— E você, Bianca, não quer nada? – pergunto, na tentativa de disfarçar.

— Estou satisfeita, obrigada. – ela responde, olhando para o pai.

Por volta das onze da noite, chegamos na casa do Dan, a Bianca se despede de nós, nos desejando boa noite e logo vai para o quarto dela. Da sala, ouvimos o barulho da porta do quarto sendo fechada e em seguida, Dan me olha como se fosse me devorar e me puxa para ele, fazendo com que caímos os dois sobre o sofá.

— Estava com saudades desse seu cheiro, sabia? – ele diz, enquanto sua boca macia toca a pele do meu pescoço, causando arrepios por todo o meu corpo.

— E eu com saudades de sentir a sua boca em mim. – digo, arfando com o beijo dele próximo aos meus seios, por cima da camisa.

— Eu estava com saudades também desse lugarzinho aqui. – suas mãos escorregam para a minha cintura e ele ergue a minha camisa, beijando a lateral do meu abdome.

Eu me contorço, ciente da minha umidade e ele vai abrindo botão por

botão da minha camisa, e de baixo para cima, beijando minha barriga até chegar em meu sutiã.

— Acho que vamos ter que subir, porque eu não vou aguentar ficar nessa brincadeira por muito tempo. – ele diz, com a voz rouca, me deixando mais excitada ainda.

— Eu não quero parar. – respondo, perdida em minha própria luxúria.

— Acho que é seguro, a Bia não vai mais descer. – ele responde, sorrindo maliciosamente enquanto pressiona os lábios.

E então, eu o puxo contra o meu corpo e nossas bocas buscam desesperadamente uma pela a outra. Nossas línguas matam a saudades, explorando todos os cantos e espaços enquanto as mãos do Daniel fazem o trabalho de arrancar a minha camisa e o meu sutiã.

Nos beijamos até nos faltar ar, eu abro o zíper da calça do Dan e busco pelo o seu membro já ereto e duro, minhas mãos começam a massageá-lo, provocando-o, e então as mãos deles descem até a minha calça, com uma agilidade incrível, ele a tira e logo sinto seus dedos invadindo-me, fazendo-me gemer de prazer.

— Estava com saudades disso? – ele sussurra.

— Muita. – respondo, quase sem voz.

Ele então começa a fazer movimentos dentro de mim com os dedos e com a outra mão, massageia o meu clitóris, me levando à loucura.

— Vamos amor, quero vê-la se perder. – ele sussurra, afundando mais ainda os dois dedos dentro de mim.

— Eu quero você em mim. – choramingo.

— Depois. – ele diz, beijando o lóbulo da minha orelha.

Meu corpo todo arrepia.

Seus dedos dentro de mim, entram e saem com mais urgência e eu sigo o mesmo ritmo com as duas mãos fazendo pressão em seu membro.

— Isso, meu amor. – sussurra, quando percebe que a minha umidade está aumentando.

Sua boca desce para o meu queixo e alcança um dos meus seios. Ele o suga com força, sinto uma pequena, porém gostosa, dor e solto um gemido baixo.

— Quer que pare? – pergunta preocupado.

Balanço a cabeça em negativo e então ele vai para o outro seio, fazendo a mesma coisa com ele.

— Dan, por favor, eu quero você. – imploro, ciente de que não vou mais

conseguir segurar por muito tempo.

— Depois, na nossa cama. – ele responde e eu não posso deixar de sorrir ao reparar que ele usou a palavra nossa, ao se referir da cama dele.

— Eu não vou aguentar. – murmuro, com os dedos dele entrando forte dentro de mim.

— Não precisa. – responde.

Fecho os olhos e quando ele percebe que estou prestes a me perder, os movimentos cessam. O encaro confusa. Ele retira os dedos e se move para os pés do sofá. Começa a beijar a minha cintura e vai descendo. Beija a parte interna da minha coxa. Depois a outra. Sobe para o meu sexo e logo, sua língua está dentro de mim. Ergo o corpo para cima e ele se afunda entre as minhas pernas. Agarro os seus cabelos e não demora muito para sentir uma onda violenta de prazer que faz o meu corpo todo estremecer.

— Agora sim, vamos subir. – ele diz, cheio de orgulho do seu feito.

Visto a minha camisa e o Dan veste a boxer e a camisa dele e junta as nossas coisas e me puxa pela mão para que eu me levante pelo o sofá, no segundo seguinte, estou sendo carregada por ele, escada acima.

— Você é maluco, e se a gente cai? – pergunto rindo, ao perceber a dificuldade dele para subir os degraus comigo em seu colo.

— Eu amorteço a queda. – brinca.

Ele empurra a porta do quarto com o joelho e eu me engano achar que ele iria me colocar na nossa cama. Ele segue para o banheiro e me coloca no chão, próximo a banheira. Liga a torneira e me puxa para ele.

— Quero terminar aqui. – diz, apontando para a água que começa a se formar dentro da banheira.

Nós dois entramos juntos, quando a água atinge a metade e ele caminha para se ajeitar no canto dela. Eu o impeço, fazendo-o olhar para mim confuso.

— Fica aqui. – ordeno, me abaixando sobre a água.

Seus olhos azuis brilham de forma intensa e ele sabe o que estou prestes a fazer. Ele permanece parado em pé. Minhas mãos voltam a buscar o seu membro, fazem alguns movimentos nele que faz o Daniel gemer. Solto. Aproximo a minha boca. Olho para o Dan. Volto a olhar para baixo e beijo-o, colocando em seguida dentro da minha boca.

— Ah... Manu... – Dan solta, com a voz baixa.

Eu continuo os movimentos, alternando entre rápido e devagar até ele se perder e segurar a minha cabeça com as duas mãos.

— Você? – ele pergunta, sem terminar a frase.

— Anham... – respondo, sabendo bem o que ele está perguntando. É a segunda vez que faço isso, a primeira havia sido com o Léo e eu não imaginava que teria coragem para fazer novamente.

Saímos da banheira e fomos para a ducha, ensaboamos um o corpo do outro e depois nos secamos. Dan buscou a minha mala que estava na sala e após vestir a minha camisola. Nos jogamos os dois na cama, cansados e ainda extasiados.

— Acho que precisamos descansar. – ele diz, beijando a minha bochecha.

— Boa noite, Dan. – respondo.

— Durma bem. – ele diz, colocando-me sobre os seus braços.

— Dan?

— Oi?

— Eu amo você.

Ele então beija o topo da minha cabeça e responde:

— Eu amo você, Manuela. Amo muito.

&

Acordo assustada e procuro pelo Daniel, a cama está vazia. Meu estômago dá sinais de que está com fome e calculo que seja por volta das nove da manhã. Visto as minhas roupas e abro a porta do quarto. A porta do quarto da Bianca ainda está fechada. Tento não fazer barulho e sigo para as escadas.

Ele está na cozinha preparando o café, paro no balcão e o observo, vestindo um short somente, seu corpo parece perfeito com a luz do sol que atravessa a janela, batendo sobre ele. Eu estou feliz. Estou tendo uma segunda chance e estou feliz por tudo isso estar acontecendo na minha vida. Olhando o Daniel, tão feliz também, sei que nos encontrarmos estava nos propósitos de Deus e parece que agora, o tal plano da felicidade que o Léo tanto falava, parece fazer algum sentido.

— Bom dia, amor! – Dan diz, ao me ver, me tirando dos meus pensamentos.

— Bom dia, Dan! Está animado, hein? – provoco, indo ao seu encontro para beijá-lo.

— Estou sim, uma dama me veio me visitar ontem à noite...

— E ela é bonita?

— A mais linda das mulheres.

— Que sorte a sua, ter a mais bela das mulheres na sua cama. – brinco,

fingindo desdém.

— Pois é... Sou um homem de sorte. – ele pisca e começa a colocar a mesa para servir o café. – Vou acordar a Bia para tomar café com a gente.

Eu assinto e ele some em direção ao quarto.

Durante o café, me senti mais à vontade e consegui conversar com a Bianca, após ajudá-la a convencer o Daniel a dar de presente para ela um cachorro. Ela quer um buldogue francês e eu dei o meu melhor para ajudá-la nisso, até o Dan ceder e nos prometer levar após o almoço, a um canil em Gramado para ver se encontramos algum.

Os olhos dela brilham quando o Dan diz isso e tanto eu quanto ele percebemos isso, porque ele também me olha diferente, parecendo estar satisfeito com o fato de que nós duas estamos começando a nos entrosar.

Após o café, Bia e eu lavamos e secamos a louça e o Dan arrumou a bagunça que ele fez na cozinha, depois, ela foi para o quarto dela e nós fomos para o escritório do Dan para ele me mostrar algumas de suas milhares de fotos. Ficamos lá até quase a hora do almoço, quando o Dan decide ir buscar comida chinesa para almoçarmos. Então, decido esperar no quarto dele, enquanto fuço na internet pelo o meu celular.

A campainha toca e a Bia grita do quarto dela que ela vai atender. Poucos minutos depois, parada na porta do quarto, aparece a Letícia, com uma barriga enorme e ainda assim, não posso negar que ela é bonita.

— A Bia disse que você estava aqui. – ela diz, empurrando a porta.

— Oi, Letícia. Tudo bom. – pergunto, tentando ser amigável.

— Poderia estar melhor. – ela responde, mostrando que não tem a mesma intenção do que eu.

— É uma pena. – respondo, voltando o olhar para o meu celular.

— Olha aqui, sua sonsa, porque você não vai embora e deixa a vida do Daniel, a minha e a da minha filha em paz?

Eu assusto com a voz dela e me levanto, tentando manter a calma.

— Letícia, eu não quero confusão, você é a mãe da Bianca e eu te respeito por isso. – digo, com a voz baixa para não chamar a atenção da Bia. – E por favor, eu peço que se retire do quarto, se quiser ficar com a sua filha, por mim tudo bem, mas não a quero aqui. – falo, com a voz firme e caminho até o banheiro. – Quando eu sair, espero não vê-la mais no quarto.

Bato a porta e me encosto nela, puxando ar para os meus pulmões. Minhas mãos tremem de nervoso e conto até dez para abrir a porta novamente. Saio do banheiro e a encontro sentada sobre a cama.

Enfurecida, caminho até ficar de frente com ela e de costas para a porta e ordeno que ela saia do quarto.

— Esse quarto já foi meu, sabia?

— Falou certo, no passado, não é mais.

— Por pouco tempo. Quando o filho que carrego comigo nascer, o filho do Daniel, eu sei que ele vai perceber a burrada que está fazendo e vai voltar para mim.

— Filho do Daniel? – pergunto rindo. – Nós duas sabemos que essa criança não é dele.

— E por que tem tanta certeza? – ela pergunta. Acho que ela não imagina que o Daniel tenha me contado toda a verdade sobre a Bianca, muito menos que o Gustavo tenha nos contado a outra parte da história.

— Por que Manuela? Diz então porque você acha que essa criança na minha barriga não é do Daniel? Baseada em que você afirma isso?

Ela cospe as palavras como se não soubesse os motivos, o seu cinismo me deixa mais furiosa ainda.

— Porque eu sei que a Bianca não é filha do Daniel! – falo, soltando tudo de uma vez.

Letícia sorri e arregala os olhos e fazendo virar no mesmo instante e ver Bianca parada no batente da porta.

Filha de uma mãe! A Letícia sabia que a filha estava ali e por isso me induziu a dizer o que acabei de dizer, como ela pode ser tão megera ao ponto de fazer isso com a própria filha?

— É verdade mãe? – Bianca pergunta, entrando no quarto e correndo para os braços da megera.

— Agora resolve a merda que você fez! – grita Letícia para mim.

— O que está acontecendo aqui? – ouço a voz do Daniel, atrás de mim.

No mesmo momento meu coração acelera e sinto vontade de voar para cima da vaca.

— Pai! – Bianca corre para os braços dele, já aos prantos.

Eu fico paralisada, sem saber o que fazer ou dizer.

— É verdade que você não é meu pai? – pergunta, em meio aos soluços.

— Quem te disse isso, Bia?

— Não olha para mim. – responde a megera.

— Manuela. – Bianca diz.

Eu giro sobre os meus calcanhares para ficar de frente com Daniel, eu preciso explicar a ele o que aconteceu.

— Você? Você, Manuela? – sua voz é de fúria, algo que nunca havia visto nele antes.

— Dan, eu posso explicar... – me esforço para conseguir falar. Isso não pode estar acontecendo, só pode ser um pesadelo.

— Pai, me diz, é verdade? – grita Bianca, fazendo com que Daniel olhe para ela.

— Filha, nós precisamos conversar. – ele responde, tentando manter com a filha a calma que não parece mais existir.

Bianca olha para ele e depois para mim e Letícia, um olhar triste que me corta o coração. Ela não precisava passar por isso.

— Quem é o meu pai de verdade? – grita, em uma explosão de sentimentos. – Quem? – insiste, chorando.

Daniel me encara de uma forma que me assusta. Ele acha que sou a culpada pelo o que acaba de acontecer. Ele não vai me perdoar por causar dor a sua filha.

— Filha, vamos conversar, eu você e sua mãe. – ele diz e tudo fica claro para mim. Ele não me quer aqui. Não depois do que aconteceu.

— Eu odeio você! – Bianca grita, apontando o dedo para mim, saindo correndo logo em seguida.

Lágrimas começam a escorrer pelo o meu rosto, eu tento disfarçar e evito olhar para o Daniel, ele balança a cabeça em negativo e sai atrás da filha. Certa de que vou cair a qualquer momento, me arrasto até a cama e me sento nela, Letícia passa por mim me provocando.

— Ele não vai perdoar você por isso! – ela sai e fecha a porta do quarto.

Sozinha, desmorono em um choro pesado. Eu jamais faria algo assim de propósito, jamais contaria a verdade para a filha do Daniel, assim como jurei para mim e para ele que jamais ficaria no meio do relacionamento deles. Pego eu celular e ligo para a Carol, eu preciso dela, preciso que ela me diga que eu não tive culpa.

— Alô? Carol? – tento controlar o choro para que a voz saia.

— Manu, o que houve? Você está chorando...

— Carol, aconteceu algo horrível...

Conto tudo a ela, fazendo pausas para conseguir respirar, minha cabeça dói de tanto chorar e sinto que meus olhos estão ficando pesado. Quando termino, dizendo que ele me olhou com desprezo e saiu atrás da filha, finalmente ela se pronuncia.

— Amiga, você precisa se acalmar, a reação dele é normal porque ela

acha que foi você, porque a filha disse que foi você.

— Mas foi, Carol, foi da minha boca que ela ouviu.

— Mas ele não sabe o que aconteceu antes, entre você e a Letícia para que você tenha falado, ele precisa saber. Você precisa desfazer esse mal-entendido.

— E o que eu faço?

— Espere um pouco, dê tempo a ele, espere ele conversar com a filha e depois o procure e se explique.

— Eu não sei se consigo esperar. – murmuro, sentindo meu coração apertado.

— Você precisa esperar, Manu, ele precisa desse tempo com a filha, para contar a ela toda a verdade e para também esfriar a cabeça.

— Você está certa. Eu vou esperar.

— Me liga assim que falar com ele, ok? E Manu, você não merece passar por isso, então, não passe, entendeu?

Mesmo sem entender direito o que ela quer dizer, respondo que sim.

— Entendeu de verdade? Não permita que te crucifiquem, promete?

— Mas eu sou culpada...

— Não, Manuela. A culpada é a ex-mulher do seu namorado, não deixe que ela vença esse jogo.

Solto um suspiro e me despeço da Carol com a promessa de que ligarei para ela assim que conseguir conversar com o Daniel.

Abro a porta do quarto e coloco a cabeça para fora. Não ouço nenhuma voz, parece até que a casa está vazia. Vou até a varanda do quarto e vejo que o carro da megera não está mais estacionado na frente da casa, quando estou retornando para dentro, vejo o Daniel com uma mala na mão, parece ser uma mala de criança, ele coloca no bagageiro e em seguida a Bianca entra no banco de trás do carro. Meu coração acelera e eu corro para dentro, esperando que o Daniel venha falar comigo, volto para a beirada da cama e minutos depois, ouço os seus passos.

— Vou levar a minha filha para a casa dos meus pais. – ele não olha para mim, apenas pega uma bolsa e coloca algumas peças de roupas nela.

— Daniel, nós precisamos conversar. – falo baixinho.

— Não, Manuela! A prioridade agora é a minha filha, não você.

— Nós. – respondo.

Ele dá de ombros, e então tudo fica claro.

— Não existe mais nós, não é?

— Manuela, por favor, não insiste, não quero ter essa conversa com você agora, eu preciso cuidar da minha filha que está muito abalada, saber por outra pessoa que não é filha de quem você acha que é, é demais para uma criança de quase dez anos, você não acha?

Eu abaixo a cabeça, recebendo toda a culpa que a Carol disse minutos atrás que não era minha.

— Você vai ficar lá? – pergunto, olhando para os meus próprios pés.

— Vou passar a noite lá com ela. Ela não quer dormir aqui.

— Por minha causa?

— Por tudo, Manuela.

Ergo a cabeça e nossos olhares se encontram rapidamente, pois, ele desvia o mais rápido possível, pega a sua bolsa e sai pela porta, sem dizer nenhuma palavra.

Ele se foi. Assim como Léo fez, quando foi até minha casa para dizer que estava indo para a Dinamarca e saiu sem olhar para trás, o Daniel acaba de fazer a mesma coisa. Uma dor insuportável toma conta do meu corpo. Desisto de controlar o choro e me jogo na cama, em posição fetal, abraçada a mim mesma, choro como uma criança. Choro o mesmo choro de quando perdi o Leonel.

Eu acabo de perder o Daniel.

&

Não sei quanto tempo se passou, acordo com o apito do celular e olho para a varanda e percebo que já está anoitecendo, pego o celular e leio a mensagem do Daniel.

Daniel: *Vou ficar por aqui hoje. Conversamos amanhã. O Almoço ficou no balcão da cozinha. Peça algo para você comer na janta ou fique à vontade para preparar o que quiser. Se for sair, acione o alarme. O código é 727264.*

Raiva. É isso o que sinto ao ler a mensagem dele. Dane-se se ele se preocupou com a minha refeição e quis me avisar. Dane-se se ele pelo menos escreveu algo. Nada importa, não depois da forma como ele me olhou antes de sair do quarto, não depois dele ter saído sem falar comigo.

Ele não vai voltar hoje e eu não quero estar aqui quando ele voltar.

Junto o pouco do orgulho que me resta e decido ir embora, começo a arrumar minha mala, com o meu celular, entro na internet e procuro o telefone de um táxi e o chamo. Eu poderia ligar para a Nicole, mas, não quero envolvê-la nisso. Termino de arrumar tudo e vou para à frente da casa,

acionando o alarme antes de fechar a porta.

— Para aonde a senhora vai?

— Aeroporto de Porto Alegre. – respondo, entrando no carro.

O taxista coloca a minha bolsa no bagageiro e espera eu entrar no banco de trás para fechar a porta. Olho pela última vez para a casa do Daniel, e viro a cabeça para frente.

Quase nove da noite, duas horas depois de ter saído de Bento Gonçalves, estou sentada no saguão do aeroporto. Devido ao mau tempo, não há voo para São Paulo até às onze da noite, o que significa que terei que ficar no aeroporto. Procuro um lugar longe do movimento e tento me ajeitar no assento duro.

A temperatura caí drasticamente, minha camisa de manga cumprida não está resolvendo e ao abrir a minha mala à procura do meu casaco vermelho, me dou conta de que o esqueci no carro do Daniel na noite anterior, quando eu o tirei antes de irmos jantar.

Dominada pela frustração e pela raiva, pego o meu celular e envio uma mensagem para ele.

Manuela: *O alarme está acionado. Esqueci meu casaco em seu carro, envia para mim para São Paulo quando possível, por favor. Obrigada.*

Clico em enviar e desligo o celular logo em seguida. Eu não quero ver a resposta dele. Eu não quero ver que ele não vai responder.



Daniel

“Something inside you is crying and driving you on. 'Cause if you hadn't found me. I would have found you. I would have found you”

“Algo dentro de você está chorando e te guiando. Pois se você não tivesse me encontrado. Eu teria encontrado você. Eu teria encontrado você”.

(Jonathan Rhys Meyers – Sometinhg Inside)

Meus pais conversam com a Bianca, depois que expliquei tudo a ela. Choramos juntos quando ela disse que não queria ter outro pai que não fosse eu. Eu respondi que sempre serei o pai dela e ela então me fez a pergunta que eu temia: Quem era o pai dela. Nessa hora, eu xinguei a Letícia de todos os nomes feios existentes, era ela quem deveria falar para a filha quem é o pai dela, mas, ela decidiu deixar a Bia comigo ao vê-la tão abalada e disse que viria ver a filha no dia seguinte. Eu nem a reconheço mais, não parece a Letícia por quem um dia fui apaixonado, ela se tornou alguém fria, materialista, acho até que cruel, afinal, que mãe deixaria a filha em um momento como esse?

Eu disse para a Bia que essa resposta seria dada pela mãe dela no dia seguinte, mas que nada mudaria a nossa relação.

Me cortou o coração ver o sofrimento nos olhos da minha filha.

Minha mãe percebeu que eu também precisava de um tempo e veio ao nosso encontro, ficando com a Bianca enquanto decido caminhar um pouco para espairecer.

Vou até a área da piscina, para esfriar a cabeça e sinto o meu celular vibrando em meu bolso, desbloqueio e vejo o nome da Manuela.

Droga! A Manuela. Não sei como conversar com ela e nem sei se quero fazer isso agora. Coloco o celular sobre a mesa e ignoro a mensagem.

Eu suportaria ser apunhalado pelas costas por todos que eu amo, mas, não posso aceitar e suportar o que a Manuela fez, foi crueldade, foi maldade,

eu não esperava isso dela nunca, ela foi infantil, mimada e inconsequente ao dizer o que disse na frente da minha filha, ela passou por cima de mim quando eu disse a ela que no momento certo, a Bia iria ficar sabendo.

Eu não posso perdoar isso.

Encosto na espreguiçadeira, perto da borda da piscina e fecho os olhos. A imagem da minha bela Manuela surge. Meu coração se aperta, porque sei que hoje, algo se quebrou. Meu celular começa a vibrar e em seguida a tocar, vejo que é a Nicole e decido atendê-la.

— Dani, você está bem?

— Você já sabe? – tenho certeza de que a Manuela deve ter ligado para ela para contar.

— Sim, sua mãe me ligou agora pouco e contou tudo. Ela estava preocupada com a Manuela, por você tê-la deixado sozinha em sua casa e me pediu para eu ir até lá ficar com ela. E... Dani, não tem ninguém lá.

— Como? – pergunto, sem entender o que pode ter acontecido. Eu estou uma bagunça e ao mesmo tempo que estou com raiva dela, começo a ficar preocupado.

— Está tudo escuro e parece que trancado. – ela diz. – Tentei o celular dela, mas cai direto na caixa postal.

— Nick, me dá um segundo. – peço, colocando a chamada em espera.

Abro o meu WhatsApp e leio a mensagem dela.

Merda! Ela está indo embora!

— Nick?

— Oi, Dani.

— Ela se foi. – falo, desesperado.

— Dani, eu no lugar dela faria o mesmo.

— Caramba, Nicole, assim você não está ajudando!

— Vou ligar para a companhia aérea e ver se consigo descobrir se ela embarcou ou se seu nome está em algum voo. Te ligo se descobrir algo.

— Nick, eu não posso perdê-la, eu não vou aguentar se isso acontecer.

— Daniel me ouve com atenção, ela deve estar chateada com o que aconteceu e sinceramente, eu tenho certeza de que ela não disse o que disse, de propósito, ela jamais teria feito isso na frente da Bia, mas você não a deixou se explicar, não é mesmo? É normal que ela vá embora, que ele fique magoada, que ela não queria falar com você por algum tempo e acho que você vai ter que aceitar isso.

— Você acha que ela não vai mais falar comigo? Porra, Nick! Eu fiquei

desesperado quando vi as lágrimas nos olhos da Bia, eu perdi a razão, sei lá... Ela é a minha filha, independente se tem meu sangue ou não e parece que quando se trata de filhos, a gente esquece da regra “pergunta primeiro e briga depois”.

— Dan, eu não estou te julgando, eu sei o quão apaixonado você é pela Bia, mas, a sua reação teve uma consequência, que foi magoar a mulher que você ama.

— Acha ela para mim, Nick? Só descubra se ela já embarcou ou não, que aí eu vou para o aeroporto buscá-la.

— Eu vou fazer o possível, te ligo de volta.

Desligo o celular com a cabeça explodindo.

Um minuto... são todo o tempo necessário para cometermos um erro que pode ter consequências para uma vida inteira.

&

Naquela fatídica noite, quando finalmente a Nicole conseguiu descobrir alguma informação sobre o nome da Manu estar em algum voo, ela havia acabado de embarcar e o avião já estava decolando. Assim que ela me ligou para contar, enviei uma mensagem para a Manu, ciente de que ela leria após chegar a São Paulo, mas era importante que ela lesse, então, ao invés de uma, envie duas, três, quatro, cinco mensagens. Eu estava desesperado...

A primeira dizia:

Daniel: *No dia em que você me contou sobre o seu ex, em Tromsø, eu fiz uma promessa silenciosa de que se estivéssemos destinados a ficar juntos – o que eu já acreditava naquela época – eu jamais a faria sofrer, porque você já havia sofrido o suficiente por uma vida. Eu quebrei a promessa. Me desculpa.*

A segunda foi logo em seguida:

Daniel: *Fui estúpido. Nunca desejei voltar ao tempo como desejo agora. Por favor, precisamos conversar.*

A terceira foi meia hora depois, eu ainda estava sentado de frente para a piscina, olhando a noite escura.

Daniel: *Apenas diz que sim, que ainda quer conversar comigo e eu pego o primeiro voo.*

Uma hora depois, meia hora após a outra mensagem, eu não consegui me controlar e enviei mais uma:

Daniel: *Pelo horário, você já deve estar desembarcando. Se me responder essa mensagem logo que ler, posso voar para SP ainda essa*

madrugada.

E foi à uma da manhã que eu percebi que ela não iria me responder. Deixei que o cansaço tomasse conta do meu corpo e deitei na espreguiçadeira e fechei os olhos na tentativa de dormir e esquecer que aquilo estava acontecendo.

Às três horas da madrugada, ainda acordado, tudo o que eu via era o rosto da Manuela, todo o cheiro que eu sentia, era o seu perfume e a sua risada gostosa ecoava em minha cabeça e mesmo sabendo que ela não iria me responder, enviei a última mensagem:

Daniel: *Manu, por favor, são três da manhã, eu não preguei os olhos, você não responde, seu celular está na caixa postal e eu estou a ponto de explodir.*

Ela não respondeu nenhuma delas. Nem às minhas ligações, é claro.

Na manhã seguinte pedi, na verdade implorei à Nick, que dizia que não queria se envolver por ser amiga de nós dois, que ligasse para a Manu, eu pelo menos precisava saber como ela estava. A minha vontade era de ir para São Paulo, mas Gustavo me aconselhou a esperar e eu não vi outra saída, provavelmente ela não iria me receber mesmo.

Nicole e ela conversaram por quinze minutos, quando Nick perguntou sobre mim, sobre o nosso relacionamento, ela respondeu que precisava de um tempo e que eu teria que entender isso.

Eu quebrei o coração da mulher que eu amo.

Os quinze dias seguintes, foram talvez, os piores da minha existência. Ter a felicidade nas suas mãos e perdê-la por uma estupidez sua, torna tudo infinitamente mais difícil. A Manuela foi a segunda chance que o Universo, por algum motivo, achou que eu merecia ter, e eu a desperdicei.

Fui praticamente proibido por todos, de procurá-la. Passei dia e noite me controlando para não fazer isso, a Nick dizia que ela precisava desse tempo, que ela ainda estava muito magoada comigo. Tentei seguir os conselhos dos meus pais e não a procurei, quero dizer, tecnicamente não, mas, todas as noites, durante quinze dias, enviei a mesma mensagem para ela com apenas os seguintes dizeres:

O que aconteceu é a única coisa que podia acontecer. Pela primeira vez em toda a minha vida, começo a questionar e até odiar essa segunda lei espiritual. Amo você. Sempre.

E durante os quinze dias, ela não me respondeu.

O silêncio dela começou a fazer sentido.

Era o fim.

Eu podia ter ido atrás dela em São Paulo, podia ter a obrigado a falar comigo, mas quando a gente faz algo de errado e assume e se torna consciente desse erro, parece que nos sentimos obrigados a aceitar tudo o que de ruim com ele vem. Eu aceitei o meu erro. E aceitei que mereço pagar por ele.

A Manuela, a minha pequenina, merece alguém com menos bagagem, com menos problemas, com uma vida normal. Essa frase se tornou um mantra para mim e passei a repeti-la diversas vezes durante o dia, e à noite, já que eu quase não dormia, na tentativa de me convencer disso.

Vinte dias depois, eu só saía de casa para levar e buscar a Bia da escola, o resto do tempo, me dediquei a terminar o meu livro, mesmo parecendo que fazê-lo, já não tinha mais sentido. Nem as viagens que eu havia programado para fazer, eu fiz.

&

Acordo com o toque do meu celular informando que recebi um e-mail, confiro a hora e vejo que ainda são seis da manhã, penso e virar para o lado e voltar a dormir, mas algo não me deixa fazer isso e clico em “abrir caixa de entrada” para ver de quem é.

Meu corpo salta imediatamente, me fazendo sentar sobre os meus joelhos assim que o nome da Manuela aparece no visor. Minha respiração se acelera e minhas mãos começam a tremer. Já faz um mês que eu aceitei que não a mereço. Um mês que desisti de ir atrás da pessoa que deu sentido à minha vida, tudo porque a minha atitude deixou claro que não sou o cara certo para ela.

Acho que fomos as pessoas erradas, na hora certa. Só isso.

Clico sobre o nome dela e começo a ler o seu e-mail:

De: Manuela

Para: Daniel

Assunto: ...

Daniel,

Eu não sei nem por onde começar esse e-mail. Acredite, se está doendo em você por lê-lo, dói em mim por escrevê-lo. Eu também nem deveria estar fazendo isso por e-mail, mas, digamos que no momento, é o que pode ser feito, então, é assim que vai ser.

Já não estou mais chateada como antes, como fiquei naquele dia e peço desculpas por não ter respondido as suas mensagens, eu não estava preparada, espero que compreenda. Da mesma forma que preciso que você leia com atenção e compreenda cada palavra que vou escrever nesse e-mail. É muito importante para nós dois, que isso aconteça.

Passei a noite em claro, sentada na varanda do meu quarto, com o notebook no colo para te escrever enquanto olhava as estrelas, lembrando do dia em que você disse que mesmo distantes, estávamos sob o mesmo céu e que isso era o suficiente para nos fazer acreditar que daríamos certo.

Tenho lembrado de você cada segundo da minha vida desde aquele dia. Você talvez não acredite, mas é verdade.

Eu acredito, Manu, porque eu também tenho lembrado de você a cada segundo da minha vida.

Eu não deixei de te amar, Daniel. Um amor de verdade, não acaba assim, em tão pouco tempo, eu só percebi que tanto eu quanto você, ainda temos algumas coisas para resolvermos antes de sei lá, talvez, ficarmos juntos definitivamente. Você tem a questão da paternidade do filho da Letícia, que em breve será trazida à tona, tem a separação, tem a sua filha, tem muita coisa para ter ainda que lidar comigo, com a minha saudade, com os meus momentos de fraqueza em que me culpo por ser feliz ao seu lado, por tudo...

É... Foi tudo culpa minha, eu sei.

Entenda que eu não estou te cobrando de nada, eu estou escrevendo de coração aberto, eu só não consigo mais seguir adiante com isso, você me magoou demais e acho que temos que antes de mais nada, aprendermos a confiar um no outro.

Não, Manu. Eu é que tenho que aprender a confiar em você, você sempre confiou em mim, mas poxa, você sabe quantas vezes eu já fui apunhalado pelas costas e sabe que confiar em outra pessoa é algo que ainda estou aprendendo a fazer. Eu estava indo bem, até aquele dia...

Eu também tenho que definir algumas coisas na minha vida, a faculdade, o que quero para mim amanhã, daqui a um ano, daqui a dois. Daqui a cinco.

Sinto a sua falta, sim, falta do seu beijo, da sua voz ao celular me desejando boa noite, dos seus olhos azuis me encarando, me desvendando. Saudades da felicidade que eu sentia ao estar com você. Mas, ainda assim, acho que temos que fazer isso, terminarmos alguns ciclos para podermos

começar outro.

Eu também...

Eu não sei quanto tempo vamos precisar e nem sei se depois disso, você ainda vai me querer ou eu a você, mas, hoje, eu sei que estou disposta a esperar.

Peço que não responda meu e-mail, não agora. Após tudo se resolver, após essa criança nascer e você não estar mais casado no papel com a Letícia, ainda estarei aqui...

Bom, eu só quero que você seja feliz!

Se cuida.

Manuela.

Termino de ler o e-mail dela com um aperto no coração, parece que eu não acredito que possamos algum dia, voltar a ficar juntos e é por isso que eu não faço o que ela me pede e respondo o e-mail dela.

De: Daniel

Para: Manuela

Assunto: Res. ...

Pequenina,

Será que ainda posso te chamar assim?

Você não faz ideia da alegria e da dor que receber seu e-mail me causou. Um mês sem contato com você fez parecer uma eternidade.

Você me pediu para não responder, mas você me conhece, sabe que eu não conseguiria fazer isso, não é mesmo?

Eu te amo, Manu.

Como posso seguir em frente longe da pessoa que fez meu mundo voltar a girar?

Por favor, me perdoa, eu não posso esperar tanto tempo para voltarmos a nos ver, ainda faltam três meses, não me prive de ser feliz ao seu lado.

Eu só preciso de você na minha vida.

Posso ir te ver?

Daniel

Fico segurando o celular entre as mãos até que ela vibra novamente. Ela enviou uma mensagem via WhatsApp.

Manuela: *Não. Por favor. Não quero que venha. Eu preciso saber se o que sentimos um pelo o outro é real, ou se foi apenas porque estávamos ambos machucados e vimos um no outro, a oportunidade de nos curarmos.*

Porra! Agora ela está duvidando do que sentimos? Eu nunca tive

dúvidas, eu só demorei para dizer porque não queria assustá-la... pelo jeito, ela é quem nunca teve tanta certeza.

Se ela queria me ferir com essa mensagem dela, ela conseguiu.



Manuela

“'Cause in a sky, 'cause in a sky full of stars. I think I saw you.”

“Porque em um céu cheio de estrelas, eu acho que vi você”

(Couldplay – A Sky Full Of Stars)

— Eu sei, eu não devia ter escrito isso, mas se eu não fizesse, ele iria vir para cá, meninas e sinceramente? Eu não quero vê-lo, porque eu sei que se isso acontecer, eu não vou conseguir me manter firme. — falo, deitada sobre as pernas da Carol, enquanto a Miriam alisa os meus cabelos.

— E por que você tem que se manter firme? – pergunta Carol.

— Porque eu acho que se ficássemos como estávamos, ele ia acabar se acomodando, sei lá, eu tenho medo de que essa criança seja dele, medo de que a separação não aconteça e medo mais ainda, de que a filha dele não me perdoe e que com isso, o Daniel se sinta dividido entre nós duas e tenha que fazer uma escolha. Eu não quero não ser a escolha dele.

— Perfeito! – gesticula Miriam. – Aí, você decide fazer a escolha, não é mesmo?

Eu encolho os ombros, como se tivesse acabado de levar uma bronca e olho para o celular, consciente de que agora, ele não vai me responder.

Eu o afastei, para não ser afastada.

&

— Um dia de cada vez. – falo, olhando a lápide do Leonel, sentada sobre os meus joelhos. — Quando o Daniel me disse essa frase, não parecia fazer tanto sentido, parecia clichê. Hoje, cinco meses depois que tudo aconteceu, posso dizer que tenho vivido um dia de cada vez, sem pensar no passado. Sem pensar no futuro.

— Sabe, quando a vida, ou melhor, a morte, tirou você de mim, eu achei que nunca mais seria feliz novamente. Que não encontraria alguém que pudesse me fazer feliz como você me fez e então, você — porque sim, eu

acredito que tenha sido você — colocou o Daniel no meu caminho e tudo mudou. — lágrimas quentes começam a escorrer dos meus olhos. — Até quando isso tudo vai doer?

Eu aliso o nome dele inscrito na pedra dura e fria, lembrando-me dos seus últimos dias de vida e dos nossos pequenos momentos de felicidade. — No começo eu tive medo, senti culpa, fiquei insegura, mas, inexplicavelmente, até nisso você me ajudou, porque em cada sonho que você aparecia, era como se eu estivesse mesmo conversando com você, era real. Como nós fomos um dia. Então por quê? Por que você não aparece mais, Leonel? Por que não aparece agora que preciso de sua ajuda? Me sinto perdida... Ele não me procurou mais. Eu deixei de atender as ligações da Nicole, não procurei saber sobre o resultado do teste de paternidade, e nem sei se ele se separou mesmo ou não.

— O que aconteceu é a única coisa que poderia ter acontecido. — Faz algum sentido para você, Léo? — pergunto, como se ele pudesse me responder.

— É claro que você não vai responder... Você está morto, e eu estou aqui, pedindo ajuda para o meu ex-namorado morto, brigando com ele por não ter aparecido mais em meus sonhos, por ter me esquecido e me deixado aqui, por conta própria. Que patético! — esbravejo, abraçando o meu corpo, sentindo o frio do fim de tarde e observando o silêncio do lugar.

E é quando ouço uma voz conhecida se aproximar.

— Brigar com ele não vai adiantar. — diz minha mãe, se sentando ao meu lado.

— Como sabia que eu estava aqui? — pergunto, enxugando as lágrimas.

— Porque sei que sempre que está triste, é para cá que vem. Sei o quanto conversar com ele — ela aponta para a lápide do Léo — te traz conforto.

— Mãe, eu estou conversando com um morto! — falo, repreendendo a minha própria atitude.

— E não há nada de errado com isso, Manu, eu também converso com o seu pai quando me sinto perdida, quando sinto a falta dele, quando preciso que ele me dê uma luz.

— Eu não sabia disso, mãe... — respondo, encostando a cabeça em seu ombro.

— E não precisava saber, Manu.

— Mas mãe, antes eu sonhava com o Léo, ele parecia estar presente, principalmente quando eu sentia dúvidas se devia seguir com o Daniel ou

não, quando eu me culpava por seguir, agora, desde que eu e o Dan brigamos, no momento em que mais precisei, o Léo também sumiu...

— Filha, o Léo vai estar sempre te guiando, como se fosse o seu anjo, mas, tem escolhas e decisões, que você tem que fazer por conta própria, e talvez seja esse o motivo. – ela tira uma mecha de cabelo do meu rosto e a coloca para trás. — O Renato ligou lá em casa, ele queria saber se você vai ao evento do lançamento do livro do Daniel hoje à noite, ele e a Carol vão...

— Você acha que eu devo ir? Afinal, o Daniel não me convidou, eu soube somente porque uma agência do amigo do Renato é que está fazendo a publicidade da editora, poxa, mãe, ele nem me enviou um convite!

— Manu, amar alguém não é somente caminhar em um campo florido, é também percorrer caminhos com espinhos. Amar alguém enquanto há ausência de provas, é fácil, mas o amor se mostra de verdade quando as adversidades acontecem, e filha, eu não tenho dúvidas de que você o ama, porque não põe um fim nesse sofrimento e vai atrás da tua felicidade.

— E se ele tiver me superado?

— Você só vai descobrir se for atrás. E quer saber? Eu duvido que isso tenha acontecido. Vem, vamos para casa, você vai tomar banho, vai pegar o carro e vai a esse evento na livraria do shopping. – minha mãe abraça a minha cintura e me dá um beijo na testa.

— Eu só quero me despedir. – falo, olhando para o túmulo do Léo.

— Tudo bem, eu vou indo então, o Cris está me esperando no carro dele, nos vemos em casa. E Manu, não demora, você precisa estar linda essa noite! – ela pisca para mim, me fazendo sorrir brevemente enquanto some no meio das lápides e flores.

Eu toco mais uma vez no nome do Léo e releio a frase escrita:

“Um sonhador. Um idealizador. Alguém que soube viver. E viveu. Amado por sua família, amigos e namorada. Descanse em paz.”

— Até um dia, Léo. Se quiser descansar, eu te deixo seguir.

Seco as lágrimas novamente e me levanto, determinada a ir encontrar o Daniel.

&

Eu leio a mensagem da Carol, dizendo que já está chegando na tal livraria e jogo o celular no banco do passageiro. Eu preciso de mais alguns segundos.

Com as mãos no volante, estacionada do piso inferior do shopping, respiro fundo, dizendo para mim mesma que eu consigo.

Quando cheguei em casa, após sair do cemitério, minha mãe havia deixado um vestido passado sobre a minha cama, um vestido preto com tule na parte superior e também na barra, o Daniel nunca me viu usá-lo e eu entendi o que a minha mãe disse, sobre eu precisar estar linda. Ela deixou um bilhete sobre a mesa, dizendo que ia jantar com o Cristian, e me desejou boa sorte.

I'm My place, do Couldplay, começa a tocar no rádio do carro, me fazendo lembrar do dia em que estávamos jantando na casa dele e ele a cantou para mim, repetindo o trecho “eu esperarei por você”. – Eu espero que sim. – falo, me olhado no espelho e abrindo a porta do carro em seguida.

Após subir dois pisos e andar um corredor inteiro, vejo a Carol de mãos dadas com o Renato na entrada da livraria. Meu coração dispara assim que vejo um imenso banner com várias fotos do Daniel, certamente fotos de lugares que ele viajou e que estão no livro. Começo a caminhar mais devagar, sentindo que meu corpo está reagindo ao meu medo. Faz cinco meses, cinco terríveis meses, em que eu me obriguei a me controlar dia e noite para não procurá-lo, para manter a minha palavra de que deveríamos esperar as coisas se resolverem para depois pensarmos em nós e agora, eu estou com medo de que não exista mais nós, não para ele.

Não consigo disfarçar o meu nervosismo ao cumprimentar a Carol e o Renato, ainda mais após ver o tamanho da fila de espera de pessoas com o livro dele nas mãos para pegar um autógrafo.

— Está preparada? – pergunta Carol, enganchando em meu braço.

— Não. – respondo com a voz trêmula. – E se ele não gostar de me ver aqui?

— Você acredita mesmo nisso, Manu? – ela me repreende, eu dou de ombros, sem saber no que acredito ou não.

— Vamos, eu ainda tenho que comprar o livro antes de entrar na fila do autógrafo.

— Ele está falando sério? Ele vai mesmo pegar o autógrafo? – pergunto para a Carol.

— E por que estou aqui, afinal? – Renato responde, piscando para mim. – E você também vai, Manuela.

Os dois começam a caminhar para dentro da livraria, me obrigando a acompanhá-los. Pegamos do stand logo na entrada, um livro cada um e já seguimos para o caixa. Tento enxergar o Daniel, mas a multidão ao redor da mesa em que ele está sentando tapa toda a visão, me obrigando a controlar o

pavor que começa a me dominar.

Renato paga os livros, os três e então nos dirigimos para a fila, algumas pessoas estão sentadas em puffs, outras em pé servindo-se de salgados e bebidas e outras na fila para o autógrafo.

Meu coração para assim que meus olhos veem o Daniel sentado, usando uma camisa branca com as mangas dobradas, os cabelos arrepiados para cima e sorrindo descontraidamente enquanto autografa um exemplar do seu livro para um casal de idade. Ele entrega o livro e então, seus olhos param nos meus. Tudo ao redor parece congelar, não ouço mais vozes, não vejo mais as luzes do ambiente, nem os rostos próximos a mim. Tudo o que meus olhos enxergam, são um par de olhos azuis encarando-me, como se estivesse me vendo pela primeira vez. Ficamos assim, nesse reconhecimento silencioso, durante vários segundos, onde o único movimento existente é o sobe e desce de nossas respirações, que assim como a minha, a dele parece estar pesada.

— Próximo. — um cara ao lado dele diz, fazendo sinal para a próxima pessoa da fila se aproximar da mesa.

Daniel então abre um pequeno sorriso para mim e vira para receber a próxima pessoa.

Ele sorriu, e agora é tudo o que importa.

Talvez a gente não consiga recomeçar de onde pararmos, talvez tenhamos que recomeçar do zero, mas, não importa, ele sorriu para mim. Ele não me esqueceu. E em meses, eu acabo de ter um instante de felicidade.



Daniel

“But then you found me and everything changed. And I believe in something again”.

“Mas então você me encontrou, e tudo mudou. E eu acredito em algo novamente”.

(Sara Bareilles – I Choose You)

— Você pode por favor dedicar o livro à Michele Moreira? É a nossa neta, ela vai adorar. – diz a senhora, me entregando o livro. O senhor ao lado dela sorri amavelmente para ela, como se compartilhassem juntos alguma travessura.

Eu escrevo a dedicatória, assino e entrego o livro para eles, erguendo o meu olhar para conferir a quantidade de gente ao redor e é quando os meus olhos avistam ela... como se eu a estivesse vendo pela primeira vez, tão linda, parada no fim da fila. Eu percebo que ela está nervosa só pelo fato dela não mover um músculo do corpo, apenas consigo ver o movimento da sua pesada respiração. A fila dá alguns passos à frente e ela parece não notar, continua olhando para mim, a ponto de sorrir ou chorar.

E esse é o nosso momento, aquele momento em que as estrelas se chocam e causam o caos. Não existe passado. Não existe futuro. Somente esse momento pequeno e íntimo que os nossos olhares compartilham enquanto ninguém mais percebe o que está acontecendo.

E eu acabo de me apaixonar por ela novamente. Assim como me apaixonei ontem. Na semana anterior. No mês anterior. Nos cinco meses anteriores. Assim como me apaixonei quando a vi em Bergen.

Marcos, o meu agente, me tira do meu transe ao chamar o próximo da fila, eu sorrio para a Manuela com a esperança de que ela entenda que meus sentimentos nada mudaram em relação a ela.

Autografo um, dois, dez, quinze livros, até finalmente chegar a vez dela. Renato e Carol estão atrás, conversando entre eles, enquanto a Manu parece

ter entrado em outro mundo assim que percebeu que será a próxima.

— Próximo da fila, por favor. — diz Marcos, chamando a Manu. Ela caminha lentamente até a mesa, olhando diretamente para mim enquanto meus olhos, dessa vez um pouco mais travessos, a examinam de cima a baixo. — Pode ir ao lado dele com o livro para tirar a foto. — Diz Marcos. O espertinho fica todo engraçadinho para cima da minha mulher, a essa altura, ele já sabe, pelo o meu olhar embasbacado, que ela é a Manuela.

Manu olha para Carol, parece precisar do incentivo dela para dar a volta na mesa e tirar a foto comigo, ela e Renato balançam a cabeça em afirmativo e ela caminha, parando próximo a mim. Eu me levanto e a abraço, pousando a mão em sua lombar. De imediato, a percebo arrepiar e eu aproveito a sua fragilidade.

— Você está linda. — falo, sorrindo para a foto.

— Parabéns pelo livro, estou orgulhosa de você. — ela responde, com a voz trêmula.

O fotógrafo nos dá O.K. e ela volta para frente da mesa, me entregando o livro para assinar. Eu o abro. Pego a minha caneta e olho mais uma vez para a mulher da minha vida parada à minha frente. Nessa hora, Carol chama a atenção da Manu, com o celular nas mãos, dizendo para ela sorrir para a foto, Manu olha envergonhada para a amiga enquanto eu escrevo no livro, entregando para ela logo em seguida.

Ela o segura e ao contrário do que pensei que faria, ela o mantém fechado, sem ler o que escrevi.

— Obrigada, e mais uma vez, parabéns. — ela diz, abraçando o livro em seu corpo.

Eu fico de pé e espero ela dar alguns passos para chamá-la.

— Manuela, você não vai ler? — digo em voz alta, fazendo todos olharem para nós.

Ela para assim que ouve o seu nome e gira sobre os seus calcanhares, ficando de frente para mim. Eu balanço a cabeça, tentando incentivá-la a abrir o livro e lentamente ela o faz.

— Quer casar comigo? — ela lê, provavelmente mais alto do que queria, porque quando se dá conta, ela coloca a mão sobre a boca e me olha atônita, com os olhos arregalados e já marejados de lágrimas.

O salão todo fica em silêncio enquanto eu me aproximo dela. Pouco a pouco, Carol, Renato, Miriam, Marcelo, a mãe dela, Cristian, Nicole, meu irmão e meus pais, vão se posicionando em um círculo ao nosso redor e o

resto das pessoas acompanham, fazendo o mesmo.

Alguém com um incrível senso de humor – suponho que seja o Marcos – misteriosamente faz com que nos alto-falantes da livraria, comece a tocar “It’s Now Or Never” - do Elvis, e eu ouço a Nicole gritar “É agora ou nunca”, atrás de mim.

Manu corre o olhar ao redor, notando a presença de todos os seus conhecidos. Fico de frente para ela e ela volta a me olhar. Suas mãos trêmulas deixam o livro cair no chão, como se fosse uma conspiração do Universo a meu favor e eu me agacho, fingindo que vou pegá-lo. Manu acompanha os meus movimentos e seus olhos se enchem de lágrimas quando ela me vê retirar do bolso da calça uma caixinha de veludo vermelha.

De joelhos, eu abro a caixinha e estico o braço para ela, oficializando o pedido.

— Manuela, você aceita se casar com esse cara que é loucamente, perdidamente apaixonado por você?

— Ah. Meu. Deus. Dan... – ela diz, com a voz embargada.

— Fala sim! – alguém grita ao fundo, me fazendo sorrir.

— Dan... eu... – Manu começa a dizer e então caí em um choro que me assusta, droga, será que ela está pensando em dizer não?

Eu começo a me levantar e então ela se atira em meus braços, gritando em plenos pulmões a palavra “sim”.

As pessoas aplaudem exaltadas e gritam palavras como “lindos” e “beija”. Eu aperto a Manu com toda a minha força, com toda a minha saudade e paixão, querendo mostrar para ela que nesse tempo todo longe dela, nada mudou. Ela também me aperta e o beijo acontece de forma suave, cheio de sentimentos, transbordando o que deixamos de dizer por cinco longos meses.

— Dan... Eu preciso dizer que... – ela diz, logo que o beijo acaba.

— Ei – eu a interrompo — Está tudo bem, não precisa dizer nada — cochicho em seu ouvido.

— Preciso sim, eu tenho que falar, Dan, porque eu nunca mais quero sentir a dor de perder alguém novamente. Eu não posso mais perder ninguém. Eu não posso nunca mais perder você.

— Amor, olha para mim — eu seguro o rosto dela entre as minhas mãos. — Você nunca me perdeu — falo, olhando em seus olhos.

— Perdi sim, Dan. Nós ficamos cinco meses afastados e eu cheguei a duvidar se um dia nos veríamos de novo. Você me fez acreditar que havia me

superado. – ela enxuga o rosto — Você nem me enviou um convite para hoje. – diz, abaixando os olhos.

E eu volto a ver aquela Manuela dos olhos perdidos.

— Eu sabia que você viria. – ela ergue as sobrancelhas em um gesto de dúvida.

— Impossível — ela retruca.

— Bela, olha ao seu redor, por que acha que estão todos aqui? – a faço olhar ao nosso redor. — Porque eu planejei.

— As alianças! — Nicole grita. E eu me dou conta de que ainda estou com a caixinha nas mãos.

Manu estica a mão direita para mim, eu abro a caixa de veludo, retiro a pequena aliança, coloco em seu dedo anelar, beijando a aliança em seguida. Lágrimas escorrem dos meus olhos quando ela coloca a minha aliança em meu dedo. O momento seguinte foi uma confusão de palmas e gritos. Nós nos abraçamos novamente e então Marcos vem me avisar que está na hora de voltar para a mesa de autógrafos.

Dou um beijo no rosto da Manu e a fila para o autógrafo volta a se formar e enquanto recebo dos leitores, felicitações pelo noivado, observo a minha bela Manuela sorrir ao ser abraçada por cada um de nossos conhecidos.

E ver esse sorriso me faz ter a certeza de que valeu a pena o sacrifício, eu fiz o que tinha que ser feito e por mais insuportável que tenha sido, eu consegui e finalmente estou livre para seguir ao lado da mulher que amo.

&

— Agora você vai me explicar como foi que planejou isso tudo? — pergunta Manu, enquanto jantamos todos em uma churrascaria para comemorar o nosso noivado.

Assim que a sessão de autógrafos acabou, meus pais, a mãe da Manu e os amigos dela, se despediram da gente fingindo que iam embora e eu fingi convidar a Nicole e o Gustavo para jantar conosco. Logo que entramos na churrascaria, Manu se depara com todos novamente. Ela olha para mim e pergunta se eu planejei isso também, eu apenas balanço a cabeça, confessando a minha culpa.

— Quer saber desde o começo? – pergunto.

— Claro que sim! – Manu diz, segurando a minha mão por debaixo da mesa.

— Eu levei um mês para perceber, foi um mês horrível por sinal, até

que, lembrando de todos os nossos momentos, recordei da nossa conversa em Bergen sobre você contar que o Leonel tentou de tudo para afastá-la e ainda assim, você não desistiu dele.

Manuela aperta a minha mão com força e espera que eu continue.

— Então, me dei conta de que mesmo que inconscientemente, era o que você esperava que eu fizesse por você, que eu aceitasse o tempo que me pediu, para eu colocar a minha vida em ordem, mas, que eu não desistisse de você.

— E o que aconteceu nos quatro meses seguintes?

— Primeiro, procurei a sua mãe, liguei na sua casa em uma segunda-feira à noite, enquanto você estava na faculdade e pedi a ajuda dela. Eu falava com ela quase que diariamente para saber como você estava. Sua mãe ficou muito preocupada com você quando percebeu que você estava parando de comer e eu me senti o culpado por isso.

— Na verdade a culpa foi minha, né? Fui eu quem fui cabeça dura e me afastei de você...

— Você fez o que tinha que ter feito, amor. – digo, beijando a palma da mão dela.

— Me conta o resto. – ela pede, bebendo um gole da sua caipirinha de kiwi.

— Então, nesses quatro meses, a criança da Letícia nasceu. Ela não sabe quem é o pai, acho que ele teve algumas várias opções, mas o que importa é que não sou eu. No mesmo dia que o resultado da paternidade saiu, ela assinou os papéis do divórcio e meu advogado tomou as devidas ações. Desde que comecei a escrever o meu livro, tinha em mente que a pediria em casamento no dia do lançamento dele, então, mantive o plano. Arrumei a minha vida, como você me pediu e com a ajuda de todos, fiz com que você fosse ao shopping sem nem desconfiar.

— Dan, eu não fazia ideia. – ela diz, tombando a cabeça em meu ombro.

— Essa era a intenção, amor. Eu sei que fui horrível por deixá-la pensar que eu não me importava mais, por ter parado de procurá-la, mas, quando percebi que você ia se manter firme cada vez que eu tentasse me aproximar, foi a única solução que achei. E funcionou. – falo, brincando com a aliança no dedo dela.

— Eu quero propor um brinde! – diz Nicole, se levantando com uma taça na mão.

Nós todos nos levantamos e ela começa a dizer.

— Que nada e nem ninguém possa separar esse casal. — ela olha para nós, sorrindo satisfeita e continua — Que vocês cresçam juntos, aprendam juntos e até caiam juntos e que ainda assim, sejam dois e não somente um, porque eu não acredito na metade da laranja, na tampa da panela e no diabo a quatro. — após todos rirem com a colocação dela, ela finge limpar a garganta e prossegue com o seu discurso — Eu acredito que cada um, é um inteiro e não uma metade e quando dois inteiros se juntam, o resultado é muito mais do que um.

&

— Eu nem acredito que estamos aqui, depois de tanto tempo. — Manu diz, entrando no quarto do hotel. — É um pouco estranho, ainda mais por saber que seus pais estão no quarto ao lado e que a Nicole e o Gustavo estão no da frente.

— Estranho? — pergunto, provocando-a com um beijo em sua nuca. — Estranho do tipo “não vamos fazer nada”?

Dou outro beijo e a vejo arrepiar.

— Ou estranho do tipo “que se dane, eu quero você”? — ela se encolhe, fingindo evitar o meu beijo.

A viro de frente para mim, segurando-a em meus braços. Beijo-lhe a boca suavemente, a deixo sentir apenas o toque leve dos meus lábios nos dela. Ela pede mais, mas eu não dou. Solto-a e cruzo os braços, observando-a me encarar. Ela quer que eu a toque. Quer que eu a beije, mas tem vergonha de pedir. Nós vamos nos casar em breve e está na hora dela aprender a não mais ter vergonha de mim.

Encosto-me na parede da entrada do quarto, ainda com os braços cruzados. Manu dá um passo em minha direção e suas mãos percorrem o meu abdome por cima da minha camisa.

— Vai se fazer de difícil? — pergunta, mordendo os lábios.

— Não, só quero que me diga o que você quer fazer agora. — provoco-a novamente com um beijo em seu pescoço, sem tocá-la.

— Você. — responde.

— Muito vago. — retruco.

— Eu não sei como melhorar isso. — ela argumenta.

— Então me mostra. — digo em resposta.

Vagarosamente, ela desabotoa a minha camisa e suas mãos tocam a minha barriga e escorregam para as minhas costas. Eu tiro a camisa e a jogo no chão e permaneço imóvel, sentindo que a minha ereção não vai aguentar

ficar escondida por muito tempo. Manu beija-me entre as costelas e vai traçando uma linha com seus beijos, em direção ao meu pescoço.

Quero tocá-la. Segurá-la. Pegá-la no colo e levá-la para a cama, mas me seguro para que ela continue. Coloco minhas mãos atrás das costas, prendendo-as na parede, para que eu não encoste na Manu. Essa é a tortura mais gostosa do mundo. Em silêncio, ela tira a minha cinta e desabotoa a minha calça. Permaneço estático. Tira a minha calça, me deixando apenas de boxer. Meu membro começa a latejar.

Eu preciso dela.

— Será que ainda está vago? – ela pergunta, beijando o canto dos meus lábios.

E isso já é o suficiente, já fiquei tempo demais longe da mulher que eu amo. Eu a pego no colo e seguimos para cama e algum tempo depois, nossos corpos estão unidos em um só movimento.

— E o que acontece agora? – Manu pergunta, deitada em meu peito enquanto aliso os cabelos dela e descansamos dos últimos momentos.

— Eu não sei quanto a você, mas por mim, já poderíamos começar a planejar o casamento.

Manu vira a cabeça para mim, e uma pequena ruguinha se forma em sua testa.

— Como vamos fazer isso? Casar, com você lá, eu aqui... ainda tem a faculdade e tudo mais...

— Você duvida que nós vamos dar um jeito? – pergunto, dessa vez sério.

— Não. Eu não duvido, meu amor.

Eu a tomo em meus braços e a beijo como se as duas últimas horas com ela nessa cama não tenham sido o suficiente para matar toda a saudade que eu estava sentindo.

— Eu. Amo. Você. – falo, beijando-a entre cada palavra.

— Eu também amo você, Daniel. – responde, alisando o meu rosto. – Nós vamos nos casar! – ela dá um gritinho histérica que me faz rir, já imaginando o que virá pela frente.

— Então trate de ir pensando em como você vai querer o nosso casamento... Igreja... lugar da festa e tudo mais. – falo, feliz por vê-la tão radiante.

— Dan, sabe, eu não me importo muito com o casamento, mas eu preciso da festa.

— Claro, todo mundo que casa, quer a festa, amor.

— É diferente... Eu realmente preciso da festa.

Olho para ela confuso, esperando que ela explique.

— Um dia você me disse que todo mundo faz mentalmente uma cópia de segurança daquilo que não quer esquecer... Eu acho que encontrei essa cópia... E... bem, a festa de casamento faz parte da lista, a minha lista de desejos que estava lá, guardada em algum lugar dentro de mim.

— Eu fico realmente feliz que você a tenha encontrado. Lembro-me que nesse dia, você comentou algo sobre achar que não fazia mais sentindo ter uma lista e eu sei que estava dizendo isso por causa do Leonel, por ter perdido ele e se você a encontrou, acho que posso me sentir um pouco responsável por isso, não posso?

— Você é o único responsável. – ela diz, abraçando-me.

Pouco tempo depois, estamos deitados um de frente para o outro, com a luz do abajur acesa clareando os nossos rostos enquanto nos olhamos silenciosamente e vejo uma lágrima escorrer dos olhos da Manu.

— Ei, pequenina, o que foi? – pergunto, esticando a mão para secar o seu rosto.

— Nada... Eu só estou feliz. – Manu responde, não conseguindo evitar que mais lágrimas escorram.

— Eu também estou, amor. – digo, abraçando-a contra o meu peito.

— Dan? – Manu me chama, após alguns minutos de silêncio. – O que você acha de nos casarmos na vinícola dos seus pais?

— Isso é sério? – pergunto, não conseguindo esconder a minha alegria.

— Sim, o que você acha?

— Acho que vai ser fantástico!

Manu se aninha entre meus braços e eu a vejo pegar no sono, me sentindo sortudo por estar ao lado da mulher que eu amo.

Acho que estamos prontos para finalmente, começarmos a escrever os próximos capítulos da história das nossas vidas.

Juntos.



Manuela

*“I see forever when I look in your eyes. You're all I've ever wanted,
I always want you to be mine. Let's make a promise till the end of
time. We'll always be together and our love will never die.”*

*“Vejo a eternidade quando olho nos seus olhos. Você é tudo o que
eu sempre quis, sempre quis você pra mim. Vamos fazer uma
promessa para todo o sempre. Estaremos sempre juntos, e nosso
amor nunca morrerá”.*

(When I Look Into Your Eyes – Firehouse)

Cinco meses depois...

Há cinco meses, se alguém me dissesse que eu poderia me sentir feliz dessa forma, eu duvidaria. Há cinco meses, eu acreditava que havia perdido a minha segunda chance e, quando eu li em voz alta o pedido de casamento do Daniel, foi como se meu mundo tivesse dado uma volta de 360 graus e, nessa volta, tudo se encaixou e voltou a fazer sentido. A forma inusitada como ele fez o pedido, foi tão surreal que em momentos como esse, em que me pego lembrando, uma lágrima inevitável escorre pelo o meu rosto, e com ela, em meus lábios, um sorriso sempre se forma.

— Meu Deus! Você está linda, filha! – diz minha mãe, me trazendo de volta à realidade.

Eu dou uma volta e fico de frente para ela. Os olhos emocionados dela me diz que ela realmente gostou desse vestido.

— O que achou? – pergunto, ajeitando a calda.

— Você está parecendo uma princesa! – minha mãe enxuga uma lágrima e abre um enorme sorriso.

Eu me olho novamente no espelho, tentando decidir se é esse o vestido que quero usar no meu casamento ou se devo procurar por mais modelos.

— E então, Manu, gostou desse? – minha mãe pergunta.

— Eu não sei. — respondo, fazendo um biquinho. — Já é o sétimo que experimento e não consigo me decidir.

— Bom, o casamento é daqui a dois meses, acho que agora é oficial, você precisa começar a decidir.

— Eu sei, isso está começando a me assustar. — respondo, entrando no trocador para tirar o vestido.

Alguns minutos depois, a vendedora aparece dizendo que encontrou outro modelo. Como eu decidi que não vou comprar um e sim alugar, a minha única exigência é que fosse o primeiro aluguel, então, isso dificultou um pouquinho as opções, o que me levou a experimentar sete vestidos e não ter me apaixonado por nenhum de fato.

E então, eu abro a cortina e me deparo com o vestido mais lindo que já vi em toda a minha vida.

— É esse! — digo decidida, fazendo minha mãe se levantar do sofá e vir olhar.

Dona Júlia também fica encantada com o vestido e logo que experimento, tenho a certeza absoluta de que encontrei o vestido ideal para um casamento no campo.

&

Um mês para o casamento...

Quando o Daniel disse que havia decidido comprar um apartamento em São Paulo, para que assim eu não tivesse que me mudar para Bento Gonçalves agora, por causa do transtorno da transferência da faculdade e tudo mais, eu não concordei, disse que poderíamos ficar na casa da minha mãe, ou até alugarmos um canto para nós, eu não queria que ele tomasse uma decisão tão definitiva como a de adquirir um imóvel, afinal, é no Sul em que a família dele está e deixei claro para ele que eu estava disposta a me mudar para lá, mas, irredutível, ele disse que provisório ou não, seria também uma forma de investimento e que assim, não teríamos que apressar nada. Claro que eu argumentei, ainda mais por causa da Bianca, eu sei que vai ser difícil para ambos ficarem separados e não quero logo agora, que estamos começando a nos dar bem — graças ao Baldoc, o buldogue que o Daniel comprou para ela quando contamos sobre o noivado, fomos os três juntos ao canil para escolher o cachorro e nós duas concordamos que o Baldoc era o mais bonito de todos, contrariando o Daniel, e nesse dia, ela segurou na minha mão pela primeira vez — mas, mesmo com todos os argumentos,

Daniel insistiu que sabia o que estava fazendo. A Bianca vai ficar com os pais dele por enquanto, nós vamos aproveitar as milhas que ele tem por causa das suas inúmeras viagens, e vamos pelo menos uma vez por mês visitá-la e também estamos montando um quarto surpresa para ela aqui no apartamento. Daniel me incumbiu dessa missão e eu estou adorando.

Daniel me deixa na agência após passarmos no nosso apartamento para ver como está o andamento da instalação dos móveis e se despede, partindo para o aeroporto. Ele vai buscar a Bianca para fazer a última prova do vestido. Eu nunca pensei que tivessem tantos detalhes envolvidos em um casamento e em montar uma casa. Na verdade, nunca pensei que eu fosse me importar tanto com a cor da bancada de uma cozinha ou com o modelo da geladeira, mas, escolher cada detalhe, cada objeto e cada cor, ao lado do Daniel, está dando um significado muito maior a isso tudo. Estamos fazendo escolhas das quais vamos conviver diariamente, desde a mesa da sala de jantar até a cor das pastilhas da nossa suíte e não queremos nos arrepender de nenhuma delas.

Na hora do almoço, meu celular toca e vejo no visor que é um número que eu não conheço, no terceiro toque eu atendo e me espanto com a voz que ouço do outro lado da linha.

— Gabriela? – pergunto, para me certificar que a pessoa que pronunciou o meu nome assim que atendi, é ela mesmo.

— Oi, Manuela. Sou eu sim, a irmã do Leonel.

Só de ouvir o nome dele, minhas pernas vacilam e eu me apoio na minha mesa para não cair. Nesses cinco meses que se passaram, eu não sonhei mais com o Léo e fui somente mais uma vez visitá-lo, logo após o pedido. Agora, ouvindo a voz da Gabriela ao telefone, uma onda de remorso me domina.

— Nossa, que surpresa. – falo, sem saber o que ao certo devo dizer.

— Eu sei, nós não nos falamos mais após o enterro do meu irmão, e sei que essa ligação pode parecer estranha, mas você tem uns dez minutos para conversarmos? Eu estou na cafeteria em frente ao seu trabalho.

Ainda estranhando o motivo da ligação e com o coração já acelerado, eu respondo que estou descendo e em três minutos estou entrando na cafeteria.

Nos cumprimentamos com um apertado abraço e logo nos sentamos.

— Manu, o que me trouxe aqui foi uma promessa que fiz ao meu irmão, pouco antes dele falecer. Na hora, achei algo idiota, fiquei brava com ele por me pedir o que me pediu, mas, eu fiz e não posso deixar de cumprir.

— Gabriela, antes de mais nada, acho que eu devo um pedido de

desculpas, por nunca ter procurado você ou a sua mãe. – falo, olhando para as minhas mãos, envergonhada.

— Manuela – ela coloca a mão sobre as minhas – Foram tempos difíceis para todas nós, minha mãe e eu nunca a julgamos por não ter nos procurados. Eu faço ideia do quanto você sofreu. Eu sabia do e-mail e confesso que não concordei com ele sobre isso, mas você conhecia o Léo, ele era teimoso. – ela abre um sorriso meigo ao falar do irmão, um sorriso tão lindo quanto ao dele.

— É... teimoso e orgulhoso. – falo, sorrindo também.

— Então, sobre a promessa... – ela tira da bolsa um envelope lacrado e me entrega. – Ele me pediu que lhe entregasse isso, no momento certo, quando eu tivesse a certeza de que você havia seguido em frente. – ela faz uma pausa enquanto viro o envelope dos dois lados e leio o meu nome escrito à mão, e depois continua — Eu vi pelo Facebook que há pouco tempo você ficou noiva e mesmo sem saber o conteúdo dessa carta, acho que esse é o momento certo que ele se referia, Manuela.

Com as mãos trêmulas, eu seguro o envelope como se estivesse segurando um objeto delicado e precioso e percebo que meus olhos já estão cheios de lágrimas.

— Ele foi especial, Gabriela. – falo baixinho, tentando conter as lágrimas. – Quando ele partiu, um pedaço de mim foi com ele, mas ele deixou também um pedaço dele comigo, e foi nesse pedaço que me agarrei para seguir em frente. Eu senti uma falta absurda dele. Falta das nossas conversas, das nossas brincadeiras. Eu pensei que nunca mais seria feliz como fui naquela época. – eu enxugo uma lágrima do meu rosto e olho para Gabriela, que também está chorando. – Mas eu tô feliz agora, e eu não sei se vai me julgar por estar, não sei o que a sua mãe deve ter achado ao saber do meu noivado, eu só quero que saibam que de uma forma estranha, foi ele quem me ajudou...

— Manuela, você não tem que se culpar ou se envergonhar por ter conseguido seguir em frente, e também não precisa se preocupar comigo ou com a minha mãe, nós ficamos felizes por você e embora eu ache que poucas pessoas foram capazes de compreender, eu sei que o que vocês sentiam um pelo o outro era puro e verdadeiro.

— Isso significa muito para mim. – respondo, colocando a minha mão sobre a dela.

— Olha, tem mais uma coisa. – ela diz, tirando a mão debaixo da minha e mexendo em sua bolsa de pano colorido. – A minha mãe encontrou isso no

apartamento dele. Ela acha que você deveria ficar com ele. Considere como um presente.

Gabriela coloca sobre a mesa uma agenda de couro preta, pega a minha mão e coloca sobre ela. Olho para a irmã do Léo, confusa, meio atordoada e ela balança a cabeça, me encorajando a abrir a agenda. Eu tento controlar a tremedeira enquanto abro em uma página aleatória me deparo com uma das nossas primeiras conversas.

12 de Outubro de 2011

Resumo do dia: Sincero mais do que deveria, menos do que gostaria.

Como é fácil conversar com ela! Os assuntos fluem...

Ela me perguntou sobre os meus sonhos. Agora ela sabe pelo menos um deles. Respondeu que eu pareço ser do mundo. Se ela soubesse o quanto eu gostaria de que isso fosse verdade...

Ela também tem uma lista de sonhos. Coincidência?

Sonha com a festa de casamento. Não com o casamento. (Interessante)

Maior medo dela: Altura. (Acho que posso ajudá-la com isso)

Meu maior medo: Não ter tempo de fazer tudo o que quero fazer.

Frase do dia: Músicas registram momentos (temos gosto musical parecido)

~~Quero beijá-la mais vezes.~~

Não pode ser. Ele havia comentando algumas vezes que tinha o hábito de escrever em uma espécie de diário, mas eu achava que isso era há muito tempo, eu não fazia ideia de que ele ainda mantinha esse hábito.

Eu volto a chorar sem me importar com as pessoas ao redor, sem me importar que estão todos olhando para a nossa mesa, eu choro porque de repente, sou inundada por todas as lembranças de nossos momentos, era algo tão nosso que realmente poucas pessoas seriam capazes de entender, e saber que ele escreveu sobre isso e nunca me deixou saber, só me faz ter a certeza de que ele realmente gostava de mim, como eu dele.

— Eu preciso ir, estou em meu horário de almoço. — Gabriela diz, tirando uma mecha de cabelo dos meus olhos marejados. — Eu aconselho você ler desde o começo. Vai se surpreender com as coisas que ele escreveu e mais ainda com as últimas páginas. — Ela me dá um beijo na testa e se levanta da mesa. — Fica bem, Manu. Era tudo o que ele queria.

Eu balanço a cabeça e abraçada ao envelope e a agenda, agradeço por

ela ter cumprido a promessa que fez ao irmão e também pela a agenda e logo depois, ela some pela porta.

Fico por alguns segundos apenas parada, sem saber o que fazer, sem saber se abro o envelope, se folheio a agenda ou se ignoro tudo isso e apenas sigo em frente. Eu tenho medo das emoções que ler o que ele escreveu, possam causar.

Após tomar uma xícara de café, sem ter aberto a carta ou a agenda, eu retorno para a agência, decida a ler somente à noite, quando estiver na minha casa.

E o dia nunca demorou tanto para passar.

Após tomar banho, com a agenda e o envelope sobre a minha cama, ligo para o Daniel para confirmar o horário que ele e a Bianca vão chegar amanhã, vou buscá-los no aeroporto e eles vão ficar hospedados aqui em casa até segunda-feira, quando Daniel retornará com ela para Bento Gonçalves e então, nos veremos novamente somente no nosso casamento. Ainda tem algumas coisas que precisam ser acertadas para a festa e é Daniel, juntamente com a irmã dele, Mari, que estão correndo atrás de tudo.

— Eu não vejo a hora de estarmos casados e não termos mais um aparelho de telefone entre nós. – Dan diz.

— Eu também não vejo a hora, às vezes parece um sonho. – digo em resposta, enquanto olho para a minha cama e penso se devo comentar com ele ou não sobre o meu encontro com a Gabriela.

— Eu amo você, minha pequenina.

— Amo você também, Dan.

Ficamos os dois em silêncio por alguns segundos e então eu aproveito a deixa e decido que não quero esconder nada dele, estamos prestes a nos casar e a coisa certa a fazer é contar a ele. Me encho de coragem e começo.

— Amor, eu preciso te contar uma coisa. – falo, atropelando as palavras.

— Aconteceu alguma coisa? A sua voz mudou de repente...

— Não é nada demais, mas aconteceu algo na hora do almoço e eu quero que você saiba.

— Você está me assustando, Manu.

— Dan, eu me encontrei com a irmã do Leonel. –falo, ficando em silêncio novamente.

Segundos depois, ele pergunta.

— E como foi isso? – a sua voz parece normal, o que me encoraja a contar a ele tudo o que conversamos, a contar sobre a agenda e sobre o

envelope.

— E você ainda não abriu o envelope?

— Ainda não tive coragem. – respondo, esperando pela a resposta dele.

— Manu, se você está esperando o meu aval para fazer isso, saiba que não precisa. Eu estou feliz que tenha me contado. Feliz por você confiar em mim e quero que saiba que se for te fazer bem, vá em frente, leia. Ele faz parte do seu passado e ao contrário do que a grande maioria pensa, eu não acredito que o passado deve ser esquecido, porque ele molda o nosso futuro. O Leonel moldou lá atrás, o seu futuro, Manu, você não precisa esquecê-lo só porque agora vamos nos casar, porque eu confio no seu amor por mim. Agora eu confio.

— Dan, obrigada por isso. – falo, com a voz embargada.

— Amor, me escuta, eu só quero que você fique feliz, ok?

— Eu estou, Dan... Você me faz feliz.

— Então nos vemos amanhã de manhã. Durma bem.

— Até amanhã. Amo você.

E no fundo, acho que o incentivo do Daniel era tudo o que eu precisava, eu encosto o travesseiro na cabeceira da minha cama e com cuidado, abro o envelope e retiro a carta.

15 de Dezembro de 2013

Nove da manhã.

Toc, toc. Posso?

Oi Fada! (Lembra do apelido que te dei? Minha safada, minha fada...)

Esse foi um “Toc, toc” à moda antiga, o que achou? Sabe que me dei conta de que as pessoas não fazem mais isso, de escrever cartas umas para as outras? É por isso que preferi fazer dessa forma...

Estou aproveitando um pouquinho das horas vagas, para escrever essa última carta a você. Bom, na verdade não é bem hora vaga, algo me diz (deve ser a dor no peito – literalmente) que essas, podem ser as minhas últimas horas e eu quero passá-las assim, com você em minha mente. Aliás, a ideia veio depois que inventamos aquela brincadeira de escrevermos um para o outro dizendo o que vemos e sabemos a respeito do outro. Assim que terminei, comecei a escrever o e-mail e finalizo com essa carta.

Eu não estou bem e sei o que vem a seguir. Eu estou bem com isso, Manu. Acredite.

Não. Espera. Eu não estou bem porra nenhuma! Eu sei que optei desde o começo por encarar tudo isso da forma mais positiva possível, mas agora, em que corro contra o tempo, é difícil não questionar Deus sobre os planos d’Ele, porque eu queria mais tempo para estar com você e sei que não terei.

Nossa, desculpa por te fazer chorar com essa declaração. Porque eu sei que você está chorando. Desculpa, porque não é sobre mim que essa carta se trata, é sobre você, então, seca essas lágrimas e vamos em frente, tudo bem?

Manu, lembra que te pedi para ser feliz naquele e-mail? Então... Se você está recebendo essa

carta, significa que primeiro: A minha irmã fez o que eu pedi e esperou o momento certo para lhe entregar e segundo: você conseguiu.

Ei, olha só, não comece a chorar de novo não, porque ter conseguido não é algo ruim, pelo contrário, é tudo o que eu mais queria, ok?

Um dia, você me enviou um e-mail e o finalizou com a frase “ eu só quero que você seja feliz”. Você se lembra disso?

Agora é a minha vez de te pedir para ser feliz. Não ignore a felicidade, Manu.

Nós dois levamos a sério demais o momento errado, construímos um muro alto demais, mas eu sabia que eu tinha os meus motivos, meu problema iria me acompanhar para qualquer lugar que eu olhasse ou tentasse fugir e eu não queria que você fizesse parte disso. Me perdoa por não ter percebido a tempo, que você já fazia parte...

Nós não vivemos tudo o que tínhamos que viver, Manu, não como um casal. Não vivemos as brigas, as irritações, a falta de paciência que fatalmente acaba acontecendo vez ou outra, e nenhuma outra situação em que um casal acaba passando. Dentro do nosso não-relacionamento (como você costumava dizer), nós vivemos o melhor dele, mesmo admitindo que ambos sofremos com essas limitações, fomos felizes em nossos momentos e por isso, eu tenho algo muito importante para te dizer nessa carta. Algo que quero que você se lembre sempre:

Esse alguém aí que você vai encontrar ou encontrou, provavelmente vai te dar os próximos melhores momentos da sua vida, mas, não espere que seja tudo colorido como o nosso balão, porque não será, haverá momentos em que você vai se questionar se fez o certo. Haverá momentos em que você também irá se perguntar em como seria se tivesse sido comigo, se eu estivesse vivo. Não se engane, Manu, também teríamos os nossos altos e baixos, acredite em mim.

Assim como eu sei que você nunca irá me esquecer, e não, esse não é o Leonel convencido falando, esse é o Leonel sincero e sensível que sabe o quanto te afetou e que é consciente de que você viverá sobre tais efeitos pelo o resto da sua vida. E por quê? Porque você fez o mesmo comigo, porque eu senti sua falta enquanto estive viajando, porque eu sinto sua falta agora, enquanto escrevo e você está trabalhando, porque nada irá mudar o que fomos. Por isso, quando se lembrar de mim em algum momento difícil da sua vida, pense que estarei em algum lugar, torcendo pela a sua felicidade.

Manu, nós fomos importantes um na vida do outro, você foi a minha história, mas eu fui alguns capítulos na história da sua vida, ela ainda está sendo construída e você tem que fazer isso, então, eu só espero que essa pessoa, esse cara, tenha a real noção do quão especial você é.

Seja feliz, eu sei que com a minha partida, parte de você foi despedaçada, mas o que importa, não é o quanto a vida tira de você e sim o que você faz com o que sobra.

Até um dia, meu amor!

(Ufa, são dez e meia da manhã, nunca demorei tanto para escrever algo...)

Aos soluços, termino de ler a carta e a abraço contra o meu peito, é loucura, eu sei, mas ainda posso sentir o cheiro do Leonel, o cheiro de shampoo e colônia de barbear. Quase posso ouvir a voz dele. Quase posso vê-lo.

Quase...

Eu guardo a carta novamente no envelope e uma ideia em vem à mente. Pego um caderno e uma caneta e começo a responder a carta dele.

Irritantemente lindo,

É assim que eu gostava de me referir a você, lembra?

Caracas, como você consegue adivinhar o exato momento em que deve aparecer e reaparecer na minha vida? Essa carta, certamente veio no melhor dos momentos, Léo.

Sim, eu estou feliz e já faz algum tempo que não me sinto mais culpada por isso, graças a você,

que arranhou um jeito de me ajudar a seguir em frente.

Você e suas ordens...

Momento errado... Ele existe mesmo?

A gente aprendeu que não, né? Sei lá, acho que servimos de “objeto de estudo” do Universo, que quis comprovar que tudo o que acontece, é no momento certo. Nós acontecemos no exato momento em que tínhamos que acontecer. E foi mágico. Foi belo. E confuso também, eu sei. Mas foi especial, porque foi o nosso Momento.

A minha vida poderia ter parado ali, naquele momento em que a sua parou. Se isso tivesse acontecido, eu já teria tido o meu momento de felicidade, que na verdade foram vários. Todos os que passei ao seu lado, ou, pensando em você. Eu teria partido - com você - feliz, mas, você tem razão – como sempre – eu ainda tenho mais momentos felizes para viver e agora estou consciente disso.

O que era para ser somente uma transa, virou amizade e depois, quando nossos dedos já se entrelaçavam involuntariamente enquanto fazíamos amorzinho, era sinal de que já havia se transformado em amor. E eu te amei, Leonel, amei com todo o meu coração. E agora não tenho mais dúvidas de que você me amou também.

Obrigada por ter feito parte da minha história. Uma parte importante dela.

Com amor.

Manuela.

Eu dobro a carta e a guardo juntamente com a carta que ele me escreveu, dentro da agenda. Ainda não me sinto preparada para ler cada uma das páginas contidas nela, ainda não acho que seja o momento para isso, mas, sei que um dia estarei, até lá, guardarei essa agenda como se fosse um presente dele para mim, um presente para o futuro, que pode ser um futuro breve ou distante.



Daniel

“You and me together. You can do anything baby. You and me together yes yes”.

“Você e eu juntos. Nós podemos fazer qualquer coisa, baby. Você e eu juntos, sim, sim.”

(Dave Matthews Band – You and Me)

Pela primeira vez em toda a minha vida, posso dizer que estou sentindo inveja de alguém. E esse alguém é o Fernando, meu amigo de longa data, escolhido por mim para ser o fotógrafo do meu casamento. Enquanto Henrique, outro amigo fotógrafo, faz o making off comigo no escritório do papai, Fernando agora está lá, fotografando a minha futura esposa.

A cerimônia vai acontecer nos fundos da vinícola, onde ao entardecer, pode-se observar o mais estonteante pôr-do-sol, foi por isso também que decidimos fazê-la no fim do dia, para que os convidados possam desfrutar desse momento magnífico junto a nós.

Júlia e Cristian chegaram na quinta-feira e estão na minha casa desde então, Renato, Carol, Miriam e Marcelo, vieram ontem à noite e estão todos hospedados na casa dos meus pais, que adoraram a ideia de vê-la cheia e eles por sua vez, tenho certeza de que estão adorando a hospitalidade da dona Marta.

A Manu veio para cá no final de semana passado, ela estava uma pilha de nervos quando chegou e passou dois dias correndo para lá e para cá para acertar os últimos detalhes do buffet. Eu achei melhor nem me intrometer, a mulher parecia uma leoa em cima dos fornecedores.

Hoje cedo, quando acordei, ela ainda dormia, tão serena que fiquei uns quinze minutos observando-a, imaginando que em algumas horas, ela não seria mais a minha namorada, ela seria a minha esposa e nada me fez mais feliz do que essa ideia.

Eu dou uma espiada pela a janela e o que vejo é um estacionamento cheio de carros. Está quase na hora. Meu coração está tão acelerado que no silêncio do escritório, sou capaz de ouvir as minhas próprias batidas.

Henrique filme e fotografa praticamente cada minuto do meu preparo, até o momento em que dou o nó na minha gravata, foi devidamente registrado, com foto e vídeo.

É claro, o meu nervosismo também está sendo registrado, Henrique disse que as pessoas vão ficar zonzas ao assistirem o vídeo, porque eu não paro de andar de um lado para o outro há mais de dez minutos.

Dez minutos. É o tempo que falta para essa espera torturante acabar.

Alguém bate na parte e eu peço que entre.

— Você está pronto? – pergunta Gustavo, enquanto ajeita a minha gravata. É, ela estava mesmo meio desalinhada.

— Acho que estou. – falo, respirando profundamente.

— Então vamos, a Manu não vai gostar nem um pouco se ela chegar antes que o noivo. Mamãe

está te esperando...

— Me dá mais um minuto. – peço, enquanto tiro o celular do meu bolso.

— Vai me dizer que vai fazer um selfie agora? – Gustavo pergunta, fazendo piada. Ele e Henrique riem.

— Não. Estou mandando uma mensagem para a Manuela. – respondo, digitando a mensagem e clicando em enviar.

— Cara, você não existe. – diz Gustavo, balançando a cabeça.

— Agora estou pronto. – falo, ajeitando o meu terno.

Caminhamos devagar até encontrarmos a minha mãe. Gustavo se despede de mim com um “boa sorte” e caminha para a frente do altar. Fátima, a cerimonialista vem ao nosso encontro e coloca mamãe e eu em posição para entrarmos. Vamos passar por um caminho repleto de bromélias azuis e brancas. A Manu fez questão de que fosse essa a flor utilizada na decoração, uma vez que é uma flor típica aqui no Sul e eu não posso deixar de notar em como tudo ficou tão perfeitamente lindo.

— Está na hora. – diz Fátima, acenando com a cabeça e dizendo algo no microfone em sua roupa que não consigo ouvir.

E então, a banda começa a tocar a música escolhida por mim e eu sei que é o momento de entrar. Coloco o braço no braço de minha mãe e ao som de Dave Matthews Band, You and Me, começamos a caminhar pelo tapete vermelho enquanto os convidados se levantam e nos cumprimentam com sorrisos e olhares calorosos. Minha mãe me dá um beijo na testa e eu me posiciono em meu lugar, à espera da minha futura esposa.

São minutos que parecem uma eternidade, até que a banda começa a tocar Paradise, do Coldplay e eu vejo a minha princesinha caminhando vagarosamente em minha direção, segurando o Baldoc pela coleira e uma placa com a frase “Pai, a Manu está linda!”. Meus olhos se enchem de lágrimas ao vê-la tão linda em um vestido bufante cheio de rosas e o sorriso em seu rosto me diz que ela está verdadeiramente feliz. Bia se aproxima de mim no altar e eu me abaixo para beijá-la.

— Papai te ama muito. – cochicho para ela, enquanto nos abraçamos por alguns segundos.

A banda faz uma pausa e logo ouço uma batida diferente, eu olho para frente e lentamente me levanto, vendo a minha futura esposa parada no começo do tapete, sorrindo lindamente para mim em um vestido perfeito, fazendo-a parecer uma princesa.

E ao som de How Long Will I Love You, ela começa a caminhar sozinha em minha direção. Todos se levantam enquanto a minha noiva sorri a cada passo que dá e, a cada passo, é um a menos que nos separa.

Nada mais importa. Só esse momento. O momento em que todos parecem desaparecer ao nosso redor. O momento em que parece existir somente eu e a Manuela. O nosso momento. O nosso momento certo. Não há mais vozes. Não há mais música nem barulho algum, apenas o canto dos pássaros e o vento leve balançando as folhas nas árvores. Ela dá mais um passo e para no meio do caminho e nesse momento a sensação que tenho é de que o meu coração parou junto com ela. Nos encaramos enquanto a música continua e eu sei que ninguém está entendendo nada, nos olham com curiosidade enquanto o meu olhar segura o dela. Esse é o nosso sinal. Foi o que escrevi para ela antes de sair do escritório: dizendo para ela que quando chegasse ao meio do caminho, olhasse para mim e ficasse parada, à minha espera. Porque eu iria buscá-la. E é o que faço. Começo a caminhar e todos se viram para mim. Manu continua parada, com uma mão entrelaçada na outra na frente do seu corpo, com os seus incríveis olhos esverdeados, fitando-me, transbordando em lágrimas. Eu me aproximo, sem deixar de olhar para ela em momento algum e quando chego à sua frente, inclino cuidadosamente o corpo para frente, reverenciando-a. Ouço murmúrios dos convidados, dizendo frases do tipo “que lindo” enquanto minhas mãos tocam as mãos da Manuela e eu as levo até a boca, beijando-as delicadamente.

— Você está linda. – cochicho baixinho em seu ouvido. Ela sorri e enxuga uma lágrima que escorre dos seus olhos.

Então, me viro para frente e continuamos a caminhar lado a lado até chegarmos à frente do juiz de paz que fará a cerimônia.

Sem soltar as nossas mãos, ouvimos pacientemente o que o Juiz tem a dizer e no momento dos votos, quando ele pede para repetirmos a sua fala, eu tiro o celular do bolso e anuncio que lerei os meus próprios votos. Manu me olha com expressão de admiração, como se não estivesse esperando por isso, eu pisco para ela, abro o arquivo em meu celular, e segurando na mão direita dela, começo a ler:

— Tudo começa no momento certo. Nem antes. Nem depois. É com essa frase de efeito clichê para muitos, mas com um significado importante para nós, que começo os meus votos. – ela morde os lábios de um jeito meio envergonhada e logo os seus olhos já estão cheios de lágrimas. Eu respiro profundamente e tento manter as lágrimas longe dos meus olhos para conseguir continuar. – Foi quando o Universo olhou para nós dois e disse: “Eles finalmente estão preparados um para o outro”, que tudo aconteceu. E então nós nos encontramos pela primeira vez. O nosso primeiro beijo também aconteceu no exato momento em que tinha que acontecer, da mesma forma que a nossa separação, foi necessária. Ela nos fez encontrarmos uma maneira de voltarmos um para o outro. Então, quando já estávamos acomodados, mais uma vez a lei do momento certo, a nossa lei – eu pisco para ela, sabendo que ela entendeu o significado - resolveu atuar e nos mostrar que embora nada aconteça sem que tenha que acontecer, nós somos responsáveis pelas as nossas ações e que essas ações geram reações, ficamos novamente separados, dessa vez, para nos tornarmos mais fortes e mais decididos. E foi quando eu decidi que já não fazia mais sentido viver sem ter você ao meu ao meu lado. E agora, olhando para você de frente para mim, Manuela, o que posso te dizer é que eu não quero e não vou fazer um monte de promessas bonitas, mas, vou te prometer aquilo que sei que vai acontecer. Nós vamos discordar muitas vezes, vamos até talvez brigar algumas outras, vamos sentir vontade de ficarmos a sós algumas vezes, e de sumir em outras, e eu não posso te prometer que isso não irá acontecer, mas, eu prometo que sempre darei um jeito de fazermos as pazes a cada briga idiota que venhamos ter, que não vou me esquecer de elogiar o seu cabelo cada vez que voltar do salão, ou, dizer o quão linda você é, sempre que usar uma roupa nova. E também quando acordar... Todas as manhãs... Eu não te prometo uma vida a dois perfeita. Mas eu te prometo uma vida imperfeita cheia de aventuras, de altos e baixos, de bons momentos, de sorrisos. De muito amor. Porque eu te amo hoje, mais do que amei ontem e menos do que amarei amanhã. É uma honra recebe-la como a minha esposa, Manuela. E eu te prometo fazer tudo o que estiver ao meu alcance para fazê-la feliz. Em todos os nossos momentos. Porque de todas as minhas incertezas, eu tenho certeza somente de uma coisa, eu nasci para te amar e esse, meu amor, é o nosso momento certo.

Sem esconder as lágrimas, coloco o celular de volta no bolso e olho para a minha futura esposa, que agora já não tenta mais segurar o choro, suas mãos tremem e tudo o que eu quero é toma-la em meus braços e beijá-la. O juiz então retoma a cerimônia, perguntando a ela se ela também irá ler os seus próprios votos e após alguns segundos olhando para mim, ela acena a cabeça, dizendo que sim.

E então ela começa.



Manuela

“How long will I want you? As long as you want me to. And longer by far.”

“Quanto tempo vou te querer? Enquanto você me quiser. E que seja muito tempo.”

(Ellie Goulding – How Long Will I Love You)

São 03h15min da manhã e eu não consigo dormir. Meus pensamentos mais parecem um temporal de raios dentro da minha cabeça, estão mais rápidos do que sou capaz de acompanhar. Uma chuva de lembranças faz com que o passado e o presente sejam divididos por apenas uma situação: a morte do Leonel. Esse acontecimento é a linha tênue entre como poderia ter sido a minha vida e como ela será.

Ter tal pensamento às três da manhã na véspera do seu casamento é assustador, porque se o Léo estivesse vivo, gosto de acreditar que estaríamos juntos... Felizes, mas, se ele estivesse vivo, eu não teria conhecido o Daniel e, desde o Léo, eu nunca estive tão feliz como estou agora. Por isso, essa maldita linha tênue escolheu uma péssima hora para invadir os meus pensamentos.

Dorme Manuela. Você vai acordar com horríveis olheiras roxas. - comando a mim mesma.

Seria bom se eu conseguisse dominar os meus pensamentos e também, o meu sono.

“Quero também que aceite tudo o que aconteceu, aceite a minha partida e siga em frente.”

De olhos fechados, quase consigo ouvir a voz do Leonel dizendo a frase que estava naquele e-mail que recebi após a sua morte. Ele pensou em tudo. Em todas as formas de me fazer seguir em frente. De me deixar confortável com a possibilidade de ser feliz sem ele. Então, por que na véspera do meu casamento eu tenho que me sentir assim, como se estivesse fazendo algo errado por estar prestes a ter um dos dias mais felizes da minha vida? Por que eu não posso simplesmente fechar os olhos, acordar amanhã e ter o meu dia? O dia que estava na minha lista?

A minha lista... Eu nunca havia compartilhado ela com ninguém até fazer isso com o Léo e é engraçado pensar que alguns dos itens dela eu só fui realizar após a morte dele.

Sobre o criado ao lado da cama, eu olho para o Troll que o Dan me deu quando bateu à minha porta em Bergen para irmos jantar. Ele parece sorrir para mim agora. Quando vim para cá na semana anterior, eu fiz questão de trazê-lo comigo, como se fosse um amuleto da sorte, afinal, ele tem um significado especial para mim, O Dan o comprou quando ainda nem havíamos ficado, ele pensou em mim ao comprar, essa é a prova de que algo que ainda desconhecíamos, havia nascido entre nós muito antes do nosso primeiro beijo.

A chuva de lembranças toma conta dos meus pensamentos novamente e elas me levam ao dia em que o Dan conseguiu me convencer a voar de parapente. No começo, eu achava que estava fazendo aquilo pelo Léo, lembro-me de tê-lo sentido enquanto sobrevoava os Fiordes, de ter sentido a presença dele comigo, mas, agora eu sei que na verdade eu estava fazendo aquilo por mim também, era o

começo da minha nova vida e desde aquele momento, o Dan já fazia parte dela.

O Troll ainda sorri para mim quando sinto a mão do Daniel alisando os meus cabelos. Estou de costas para ele e a sua outra mão está em torno da minha cintura. Permaneço imóvel, não quero que ele perceba que ainda estou acordada para não o preocupar. Sentir a sua mão alisando meus cabelos é reconfortante. Parece até que ele captou o turbilhão de sentimentos confusos que estão gladiando dentro de mim e fez isso para dizer que vai dar tudo certo. E eu sei que vai.

— Acorda, meu amor! — Dan sussurra em meu ouvido, beijando o meu pescoço em seguida.

— Bom dia! — falo, passando a mão pelo o seu rosto com a barba rala.

— Hoje é o grande dia. — ele beija novamente o meu pescoço, agora na direção do colo. — Está preparada?

Seus lábios continuam descendo e me beijando.

Eu suspiro, sem conseguir responder à sua pergunta. Minhas mãos avançam em direção à sua cabeça e eu a seguro com força contra o meu corpo, sentindo cada beijo delicado e ao mesmo tempo cheio de desejo que ele deposita em mim.

Suas mãos encontram facilmente uma forma de tirar a parte de cima do meu baby doll e em seguida, sua boca volta a tocar a minha pele nua.

Eu puxo a camiseta dele e ele me ajuda a tirá-la. Se a momentos atrás estávamos calmos, agora, todos os movimentos são apressados e urgentes. Dan me vira de bruços para cama e com as mãos segurando a minha cintura, ele beija a minha nuca e desce beijando cada centímetro do meu corpo que se arrepia imediatamente.

— Dan, assim vamos nos atrasar. — sussurro, quando sua mão me toca na parte mais sensível do meu corpo por dentro do shorts do baby doll.

— Temos tempo, ainda é cedo. — ele diz, provocando-me novamente.

E no momento seguinte, ele tira a sua boxer e termina de tirar a minha roupa. As suas mãos entrelaçam com as minhas enquanto sou dominada pela maravilhosa sensação de nossos corpos se unindo, sendo transformados em somente um, enquanto ele investe cada vez mais dentro de mim.

— Dan, eu te amo. — falo, ainda ofegante, com a cabeça deitada sobre o seu peito.

— Eu amo você, minha pequenina. — ele responde, depositando um beijo casto em minha testa. — Muito.

&

Quando a minha mãe termina de me ajudar a fechar o vestido, ela abre discretamente a porta do quarto improvisado em uma das salas da vinícola e avisa o Fernando, fotógrafo e amigo do Dan, que ele já pode voltar ao quarto. Ele passou a tarde registrando cada momento do meu preparo. E por falar em preparo, eu nunca fui do tipo de garota que passa as tardes de sábado dentro de um salão de beleza, mas tenho que confessar que ter um dia dedicado a mim, está sendo maravilhoso.

— O Daniel vai brigar comigo quando ele assistir isso, mas eu tenho que dizer, nem que seja em nome dele, que você está uma noiva linda, Manuela. — Fernando diz, assim que retorna do quarto, já com a filmadora ligada.

— Então filma isso. — falo em tom de brincadeira, girando em meus calcanhares para a câmera.

— Perfeito! — ele diz. — O Dan vai adorar!

Minutos depois, a Nicole bate na porta perguntando se pode entrar, eu respondo que sim e então, lentamente ela abre a porta, segurando a mão da Bianca que por sua vez, segura a coleira do Baldoc.

— Ela me perguntou se podia vir vê-la antes do casamento, ela disse que estava curiosa para ver o seu vestido, espero que não se importe.

— Claro que não, entrem! — digo.

— Você está linda, Manu. — Nicole diz, passando a mão pelo o bordado de pérolas na cauda do meu vestido. — E está radiante.

— Eu devo estar mesmo, porque não consigo parar de sorrir. — respondo, me olhando mais uma vez no grande espelho à minha frente.

— Quando eu casar, eu quero ser uma noiva bonita igual a você. — Bianca diz, meio encabulada.

Eu me agacho para ficar na mesma altura que ela e seguro em sua mão. – Com certeza você vai, Bia. E você está linda com esse vestido, o seu pai vai ficar todo babão quando te ver.

— Eu também acho. – ela diz, rindo.

— E tomara que o Baldoc faça tudo direitinho, não é mesmo? – falo, me levantando.

Ela apenas balança a cabeça, dizendo que sim.

Alessandra, a cabelereira, chega com a guirlanda de flores e a ajeita na minha cabeça e então eu me olho no espelho novamente e vejo o reflexo da minha mãe atrás de mim com os olhos cheios de lágrimas. Ela não diz nada, mas sei o que ele deve estar sentindo nesse momento, sei o quanto ela deve estar sentindo a falta do meu, o quanto ela gostaria que ele pudesse me ver assim... Eu também gostaria...

— Manu? – me chama a Bia.

Eu me viro para ela.

— Acho que eu gosto de você. – ela diz, olhando para o chão.

— Eu sei que gosta, e eu também gosto de você, Bia. – falo, controlando as lágrimas para não borrar a maquiagem.

Segundos depois, sou surpreendida com ela me abraçando pela cintura. Com esforço por conta do vestido, eu faço o mesmo e a abraço, dando um beijo em sua bochecha.

— Agora vamos, diz Nicole, olhando para mim com os olhos tão marejados quanto os meus. – A Manu precisa terminar de se arrumar e você também.

— Vejo vocês no altar. – falo, antes delas saírem e fecharem a porta.

Minha mãe e a cabelereira saem logo depois, ficando somente eu e o Fernando. Um silêncio assustador toma conta do quarto e enquanto eu espero pela a hora certa. Pouco tempo depois, meu celular vibra e ansiosa, eu abro e vejo a mensagem do Daniel:

Daniel: Quando você chegar ao meio do caminho em direção ao altar, apenas pare e me espere, vamos fazer o resto do caminho juntos, porque de agora em diante, é assim que vai ser... Juntos...

Eu sorrio como uma boba, ele consegue dar sentido a cada momento nosso.

Fernando me filma lendo a mensagem e não consegue deixar de comentar em o quanto está satisfeito ao ver o seu amigo tão feliz. Eu agradeço o comentário dele, sabendo que o Dan ficará feliz ao assistir o vídeo.

O som da banda invade o ambiente e logo reconheço que música é, e mesmo sem saber qual música o Dan escolheu para entrar, eu sei que é essa.

— Está na hora. – diz a cerimonialista ao entrar no quarto. Já estão todos em seus lugares.

Eu pego o meu buquê de bromélias e acompanho ela, com Fernando atrás de nós. Enquanto caminhamos pela casa, ouço a música do Couldplay e logo deduzo que foi mais uma escolha do Dan e que deve ser para a entrada da Bia.

Quanto mais perto ficamos da porta, mais nervosa eu fico. Minhas mãos agora tremem e meu coração está acelerado. Em questão de minutos, ou talvez segundos, vivencio uma mistura de sentimentos: ansiedade, excitação, curiosidade, nervosismo, tudo de uma vez só.

A escolha de entrar sozinha foi minha. Não faria sentido entrar com outra pessoa que não fosse o meu pai e nesse momento, como eu gostaria de tê-lo aqui comigo, porque eu sei que se as minhas pernas vacilassem enquanto caminhássemos até o altar, ele estaria lá para me segurar.

— É a sua vez. – diz Fátima, sorrindo para mim enquanto ajeita a calda do meu vestido estilo medieval-moderno.

Eu respiro fundo e de olhos fechados, mentalizo a imagem do meu pai. Solto o ar dos meus pulmões e quando How Long Will I Love You, a música que escolhi achando ser perfeita para o momento, começa a tocar, e eu começo a caminhar.

Sorrisos vão se abrindo a cada passo que dou e eu tento retribuí-los, mas, existe um sorriso que

não me deixa parar de observá-lo e é o sorriso da pessoa que está me esperando na frente do altar. Seus olhos fixos em mim, me faz acreditar que estamos vivenciando o mesmo momento juntos, aquele momento em que nada mais existe a não ser nós dois.

Quando chego ao meio do caminho, faço como ele pediu e paro. Sinto uma chuva de olhares curiosos, consigo ver o olhar de assustada da minha mãe e também dos pais do Dan e até me divirto com a situação, talvez, estejam achando que estou repensando a ideia de casar. Talvez estejam pensando que não consigo seguir em frente. Talvez estejam estranhando a minha atitude, mas, acho que ninguém imagina o que o meu noivo está prestes a fazer. Ele começa a caminhar em minha direção e todos os olhares se viram para ele. Minhas mãos voltam a tremer e eu as coloco à frente do meu corpo, com o buquê entre elas.

Dan para na minha frente e faz reverência, inclinando o seu corpo para frente, me elogiando em seguida. Uma lágrima escorre dos meus olhos. Não me importo mais com a maquiagem. Esse é o momento perfeito.

Entrelaço o meu braço ao dele e continuamos o caminho juntos. Como será daqui em diante.

O Juiz é rápido em dizer tudo o que tem que dizer, e logo chega a hora dos votos. Sou surpreendida quando o Daniel diz que ele preparou o próprio voto e tira o celular do bolso.

— Tudo começa no momento certo. — ele diz, escolhendo a frase perfeita para começar. A frase “momento certo” acabou se tornando o nosso lema, o título da nossa história.

Ele continua lendo o seu voto e a cada palavra, sinto que estou vivenciando um dos momentos mais lindos de toda a minha vida. Em minha lista, eu desejava apenas ter a festa de casamento, pelo o significado que ela tem para mim, por acreditar no poder da recordação que ela proporciona, com suas músicas e momentos, mas, eu nunca imaginei receber do meu futuro marido, uma declaração tão linda como essa.

Quando ele diz que não me promete uma vida a dois perfeita, eu sorrio, ciente de que é verdade e é por isso que sei que estamos fazendo a coisa certa, porque também acredito que não seremos perfeitos ao longo da nossa jornada como marido e mulher, mas eu não tenho dúvidas de que vamos sempre encontrar uma forma de sermos felizes dentro de nossas imperfeições.

— Porque de todas as minhas incertezas, eu tenho certeza somente de uma coisa, eu nasci para te amar e esse, meu amor, é o nosso momento certo. — ele diz, terminando o seu voto.

Eu mordo os lábios na tentativa de controlar o choro. Quero abraça-lo. Colocar a cabeça em seu ombro e sentir a segurança que ele me proporciona. Quero sentir o seu cheiro gostoso e esquecer todos ao nosso redor e beijá-lo como nunca beijei antes. Beijá-lo me sentindo realizada.

O Juiz então olha para mim e pergunta se eu também irei fazer o meu voto. Eu abro e fecho os olhos rapidamente e respondo que sim e volto a encarar o Daniel.

— O universo tem o seu próprio jeito de nos surpreender. E às vezes, é quando menos esperamos que ele entra em ação e faz com que o inesperado aconteça. Você foi o meu inesperado, Daniel. Foi colocado em meu caminho quando tudo o que me restava era a dor. Quando eu acreditava que o meu momento de ser feliz já havia passado. Porque antes de conhecê-lo, eu havia tido vários pequenos momentos de felicidade e quando esses momentos se foram, eu me agarrei ao passado acreditando que pelo o resto da minha vida, eu estaria fadada a vivê-la de memórias. E então eu conheci você. O cara que não parava de falar no trem... — nesse momento todos riem e eu encolho os ombros para o Dan, que começa a rir também. — Nós saltamos juntos de parapente e eu tive o meu primeiro momento de felicidade ao seu lado. O primeiro de muitos. Eu não te amei na primeira vez que te vi. Não te amei no nosso primeiro beijo e nem quando nos despedimos pela primeira vez, quando eu estava indo para a Dinamarca. Não. Eu te amei aos poucos, quando você me ensinou sobre a crença dos hindus que tudo o que acontece, é porque tem que acontecer, no exato momento em que acontece. Eu amei você quando sem medo, você mostrou as suas fraquezas para mim. Eu amei você quando não suportei mais não ter notícias suas, foi esse amor que eu ainda desconhecia, que me fez vir procura-lo. Eu amei você quando você me fez prometer que eu não iria desistir da minha lista de desejos. Eu amei muito você naquele momento. Foi o seu jeito paciente, carinho e atencioso, que me levou a ter a certeza de que o que eu

sentia era muito mais do que paixão, desejo ou afeto. Hoje eu não tenho dúvidas de que é amor. Aquele tipo de amor que acontece aos poucos. Eu tive a certeza de que te amava muito antes de ter verbalizado. Eu só demorei porque precisava de coragem para aceitar que eu podia ser feliz novamente, de que eu merecia tamanha felicidade. E você me fez acreditar que mereço. Você me ensinou a ser corajosa, a me arriscar, a não me acomodar. Você me mostrou como é ser feliz novamente. E eu sei amor, que talvez ainda venhamos a passar por vários testes. Como já passamos, mas, quero que saiba que eu nunca mais vou desistir do que me faz feliz. Só para lembrar, você me faz feliz...

— Você também. — Dan diz, não escondendo o choro.

O juiz diz mais algumas palavras que não sou capaz de compreender porque estou totalmente focada no meu futuro marido e em seguida trocamos as alianças, que nos foi entregue pela Bia. Quando a celebração acaba e o juiz diz que podemos nos beijar, eu e Dan nos olhamos compartilhando da mesma necessidade e desejo. Ele segura o meu rosto com as mãos e o beijo acontece de forma suave. Dessa vez, nenhum dos dois fecha os olhos, nos beijamos enquanto olhamos as lágrimas escorrerem pelos os nossos rostos enquanto todos nos aplaudem eufóricos.

— Obrigado. — Dan diz, assim que o beijo acaba.

— Sou eu quem agradeço, Dan.

— Eu vou te fazer muito feliz, Manuela.

— Você já faz, Daniel.

&

Minha mãe foi a primeira a nos cumprimentar, nos abraçamos por um longo tempo e tudo o que ela consegue dizer é que ela tem certeza de que meu pai está feliz. Chorando, eu a aperto e digo que a amo. Ela abraça o Daniel e pede para ele cuidar bem de mim e eu o ouço dizer em resposta que ele é capaz de dar a vida por mim, se necessário for. Minha mãe coloca a mão no rosto dele e responde dizendo que tem a sensação de que faria o mesmo por ele. Ambos sorriem e ela deixa que Carol, Renato, Miriam e Marcelo se aproximem de nós.

— Amiga, esse é o seu momento, eu estou feliz por vê-la assim, feliz. E ele também está. — diz Carol, abraçada a mim. As duas chorando.

Miriam também me abraça e quando percebo, estamos todos abraçados, comigo e o Daniel ao centro e sou inundada com a sensação de que tenho os melhores amigos do mundo.

Quando finalmente acabamos de receber os cumprimentos de todos os convidados, a maioria parentes do Dan que acabei de conhecer, o vocalista da banda para de cantar e pede a atenção de todos.

— Agora pedimos o silêncio de todos porque o noivo quer fazer um brinde.

Daniel pega a taça champanhe da mesa, erguendo-a ao alto e diz:

— Eu proponho um brinde à minha amada esposa, a pessoa que mudou a minha vida. Que ela tenha paciência com esse marido apaixonado.

Eu sorrio para ele, erguendo o meu copo e os convidados fazem o mesmo. Em seguida, a Nicole grita da mesa ao lado da nossa, pedindo para eu fazer um discurso. Eu balanço a cabeça em negativo e logo, ela, Carol e Miriam, estão a plenos pulmões, pedindo que eu fale algo.

Olho para o lado e vejo o olhar encorajador do meu marido.

Eu me levanto sem saber o que vou dizer, fecho os olhos e a imagem do Leonel me vem à mente. Ele está de branco, parado no centro da pista de dança olhando para mim, balançando a cabeça em afirmativo. Ele está tão lindo. E ele está feliz. Porque sabe que estou feliz.

Como se a imagem dele fosse real, eu me sinto feliz por senti-lo desse jeito e então, ainda de olhos fechados, olhando para a imagem dele criada pela a minha mente, eu começo a falar:

— Não importa o quanto a vida tira de você e sim, o que você faz com o que sobra. Uma pessoa especial me disse isso, disse porque sabia que talvez eu duvidasse que poderia ser feliz novamente após tudo o que a vida me tirou. Essa pessoa sabia o que estava dizendo. Porque hoje, depois de tudo, sobrou alguém que encontrou a felicidade novamente. Sobrou uma Manuela mais forte e preparada. E a única coisa que posso dizer a vocês nesse momento é que a felicidade existe. E a minha tem nome: Daniel.

Todos aplaudem assim que termino e Daniel me puxa pela cintura, beijando o meu pescoço.

— Era o que estava escrito na carta? — Dan pergunta, quando todos já não estão mais prestando atenção em nós.

— Uma parte. — respondo.

— Nós dois amamos a mesma mulher. Fomos apresentados pelo universo por isso, por amá-la, Manu. Eu tenho a certeza de que você o fez feliz, como você faz a mim.

Eu encosto a cabeça em seu peito e o abraço com força.

— Isso que você acaba de dizer é muito importante para mim, Dan. Obrigada.

— Eu quero dizer algo! — Grita Carol, se levantando da mesa. Dan e eu nos viramos para ela.

“Não, Carol, você também não vai me fazer chorar...” Penso, assim que olha diretamente para mim.

— Para quem não me conhece, sou amiga da Manu praticamente desde sempre e fui uma das pessoas que vibrou de felicidade quando esse cara aí, lindo e charmoso, conseguiu mostrar à minha amiga, que ela merecia essa nova chance e eu quero ler algo que acho que resume a história dos dois.

Eu balanço a cabeça implorando silenciosamente para que ela não acabe comigo, porque a Carol sempre sabe o que dizer e quando dizer e se ela está fazendo isso, é porque eu ficarei em lágrimas quando ela terminar.

Ela pega o celular e logo começa a ler:

— Amar, é começar. Recomeçar. De novo. E novamente. É perder as esperanças. E as forças. E ainda assim, se sentir forte para se arriscar a senti-lo novamente. É acreditar, mesmo quando todas as circunstâncias dizem que você deve desistir. O amor, é para poucos, porque ele não é um lugar como muitos pensam, nele, não há a tão sonhada calma. O amor é um caminho, que só percorre, quem tem medo. Medo de não senti-lo.

Carol coloca o celular sobre a mesa e todos a aplaudem, eu caminho até ela, abraçando-a com força e nos duas choramos. Mais uma vez.

— Obrigada, isso foi perfeito.

— Te amo, amiga, só seja feliz, ok?

— Eu também amo você, Carol. E pode deixar, porque já estou sendo.

— Posso roubar a minha esposa? — pergunta Dan, se aproximando de nós.

Carol balança a cabeça e logo Dan segura na minha mão. Ele deposita um beijo casto em minha boca e me puxa para o centro da pista de dança, fazendo sinal para a banda que logo começa a tocar Everything, de Michael Bublé. A mesma música que o Dan cantou em meus ouvidos na casa dele, no dia em que eu soube da gravidez da Letícia.

— Você está tendo a sua festa de casamento e essa música eu ofereço a você como sendo uma declaração de amor. E então, está sendo como você esperava? Como imaginava em sua lista? — Dan pergunta, enquanto dançamos com todos os convidados ao nosso redor em um círculo.

— Muito melhor. — respondo, encarando-o.

Dançamos a nossa primeira música, abraçados um ao outro, como eu sempre sonhei que seria, e certamente, essa música será uma das que me farão recordar desse dia toda as vezes em que eu ouvi-la.

Começa a escurecer e as diversas luzes espalhadas pelo gramado da vinícola e também penduradas nas árvores, são acesas e poucos segundos depois, uma chuva de fogos de artifício clareiam o céu em tom de rosas. Olho para o Dan, que encolhe os ombros, assumindo que foi ideia dele.

— Você não me deu uma festa de casamento perfeita, você está me dando muito mais do que isso, e eu vou me lembrar desse dia até o fim dos meus dias, Dan. Obrigada.

— Vamos ficar velhinhos, sentados na varanda da nossa casa e de mãos dadas, vamos falar desse dia como sendo um dos mais importantes dos nossos dias, porque esse dia não é especial só para você, Manu. É para mim também.

O jantar foi servido. A banda cantou desde músicas dos anos 80, até músicas atuais. Dan e eu dançamos um bom tempo e, com certeza aproveitamos a nossa festa de casamento. Quando chega a hora de jogar o buquê, eu me viro e o arremesso, sem olhar para aonde está indo. Tudo o que ouço é o grito da Nicole, dizendo que ela o pegou.

De imediato, olho para a cara do Gustavo, para ver a reação dele e o que vejo me satisfaz. Ele sorri amavelmente para ela, parabenizando-a por ter pego.

Quem sabe o que o Universo está preparando para eles? Se nenhuma folha cai se não for da vontade de Deus, acho que o buquê também não...

&

— Você não vai me dizer para aonde vamos? – pergunto, após nos despedirmos de todos e seguirmos para o carro. A festa pelo jeito vai longe, mas, Dan e eu tivemos que ir embora porque vamos acordar cedo no dia seguinte para viajarmos para a nossa lua de mel.

— O destino de hoje eu posso falar, mas o da nossa lua de mel, não.

Eu faço beicinho na tentativa de convencê-lo a dizer, mas é em vão.

— Se eu não tivesse dirigindo, juro que morderia essa sua boca. – ele brinca.

— Mas e se eu não tiver escolhido a roupa apropriada? Eu posso por exemplo ter escolhido roupas florais e biquínis, achando que vamos para Bora Bora e no fim, vamos para esquiar na neve, e aí?

— Eu já olhei a sua mala e não tem nada de roupas floridas nela, pode ficar tranquila que tudo o que você escolheu é apropriado.

— E eu posso então saber aonde vamos dormir essa noite?

— Em um chalé em Canela. Partimos de lá para o aeroporto amanhã cedo.

— Que romântico, vamos passar a noite em um chalé. – brinco, enquanto o observo dirigir.

— A nossa primeira noite como casados não poderia ser na nossa casa, cheia de hóspedes. – ele brinca, piscando para mim.

Pouco tempo depois, passamos com o carro por uma cancela e percorremos cerca de cinco minutos entre imensos pinheiros em uma subida leve até chegarmos em uma área com diversos chalés espalhados por um gramado. Só me dou conta de que estamos no alto de uma montanha, quando desço do carro e vou ajudar o Dan a pegar as malas. É uma das vistas noturnas mais lindas que já vi.

— Espera aqui. – Dan diz, pegando as duas malas da minha mão. – Não saia daqui. – ordena.

Ele coloca as malas no chalé e volta com um sorriso misterioso.

— Agora sim. – ele diz, dando um beijo rápido em minha boca. – Vamos.

Começo a caminhar e sou surpreendida com ele me pegando no colo. Eu coloco os braços ao redor do seu pescoço e entramos juntos porta adentro do aconchegante chalé que até já está com a lareira acesa.

— Está muito cansada? – Dan pergunta, tirando do frigobar uma garrafa de champanhe.

— Nem um pouco. – falo, procurando na minha mala a minha nécessaire com itens comprados exclusivamente para essa noite. – Se quiser ir nos servindo, eu vou ao banheiro e já volto. – falo, quando encontro o que procurava.

Levo quase dez minutos entre vestir a lingerie, um corselet preto com detalhes em pink e criar coragem para sair do banheiro e aparecer assim para o Dan. Quando abro a porta, ele está sentando na cama, com as costas no encosto e percebo que ele ligou o rádio. No instante em que ele me vê, seus olhos brilham e um sorriso malicioso se abre em seus lábios.

— Nossa! Eu casei com uma deusa! – ele diz, se levantando e caminhando em minha direção.

Eu hesito em sair do lugar devido a vergonha, mas, quando ele estica a mão para mim, esqueço a timidez e vou ao seu encontro.

— Você é perfeita, Manu. – ele diz passando as mãos por toda extensão do meu corpo.

Quando a sua boca beija o meu pescoço, eu arqueio a cabeça para trás e ele a segura com uma das mãos enquanto a outra continua descendo vagarosamente até parar em minha cintura.

— Deixa eu te ver? Vira para mim?

Eu faço o que ele pede, sorrindo para mim mesma, por ter tido a sorte de encontrar alguém como ele, alguém que me faz lembrar dos bons momentos que tive com o Leonel e que ao mesmo tempo, me faz ter outros bons momentos.

Daniel me pega no colo e me coloca na cama, ficando com o seu corpo sobre o meu. Ele começa

a desfazer o laço da fita do espartilho e cuidadosamente, leva as mãos atrás de mim e o desabotoou nas costas, revelando a minha nudez. Encarando um ao outro, nossos lábios se tocam e nos beijamos ardentemente, onde deixamos brotar toda a nossa luxúria e necessidade. Com certa dificuldade, desabotoo a sua camisa e também o seu cinto, ele me ajuda a terminar de tirar a sua roupa e em seguida, tira a minha calcinha, me deixando apenas com a meia três quartos.

— Deixa eu olhar para a minha esposa... – ele diz, parando de me beijar por um momento. Seu olhar examina o meu corpo com paixão, fazendo eu me sentir mais quente do que estou.

— Dan, para de me torturar... – sussurro, quando a sua mão alisa a parte interna da minha perna.

— Você que manda. – ele diz, me preenchendo por completo.

Nos movemos em um movimento sincronizado, enquanto no rádio, Ed Sheeran canta Think Out Love, seu corpo sobe e desce cada vez mais rápido e eu cruzo as pernas ao redor da sua cintura, arqueando o corpo para cima. Nossas mãos se entrelaçam e ele me vira, colocando-me em cima dele. Logo, voltamos a nos movimentar com intensidade enquanto nos beijamos e nos encaramos. Ficamos assim por algum tempo, curtindo um ao outro, até que juntos, explodimos de prazer e caímos um ao lado do outro sobre a cama. Adormecendo pouco tempo depois.

&

— Acorda, amor! O seu celular já despertou duas vezes, vamos perder o voo, seja lá que voo seja esse. – digo, beijando-o.

Dan abre os olhos e a forma como ele sorri ao me ver, sentada na cama sobre os meus joelhos, me dá vontade de chorar, porque o olhar dele para mim está tão cheio de paixão, ternura e felicidade que por alguns instantes, me pergunto se isso tudo é real.

E como se ele estivesse lendo a minha mente, ele toca o meu rosto enquanto diz que esse é um sonho real.

Nos abraçamos por um longo tempo até o celular tocar novamente e estarmos oficialmente em cima da hora. Nos arrumamos, tomamos café da manhã no restaurante principal e logo estamos partindo em direção ao aeroporto.

— Agora vai ter que me dizer o destino misterioso da nossa lua de mel. – falo, logo que somos chamados no guichê para fazermos o check-in.

— Vamos para Portugal. – Dan diz, com um sorriso travesso nos lábios.

Eu o abraço com força, feliz com a surpresa.

E então, nossos olhares se encontram e me faz ter a certeza de que o tal momento errado nunca existiu. Que cada pequeno fragmento de momento que vivenciei, foi responsável por me conduzir para esse maravilhoso lugar chamado agora. Porque alguém me ensinou que Deus sempre tem um plano para nós. E outro alguém me ensinou que esse, sempre será o momento certo de sermos felizes.

Epílogo – Daniel



“And God knows that it's hard to find the one, but in time. All the flowers turn to face the sun.”

“E Deus sabe que é difícil encontrar a pessoa certa. Mas no tempo certo, todas as flores se viram de frente pro sol.”

(James Blunt – Face The Sun)

— Amor, vem logo, vai começar! – grito pela casa, chamando a Manu que foi até a cozinha buscar mais pinhão.

Elena está sentada ao meu lado com a cabeça encostada em meu ombro. Eu abaixo o olhar para vê-la e ela então sorri para mim. Um sorriso tão lindo quanto o da mãe. Ela pode até ter os meus olhos, mas a boca e os traços do queixo, são todos da Manuela.

Lembro-me do nascimento dela como se fosse ontem. Manuela queria de todo jeito que fosse parto normal, mas, devido ao seu quadro, o seu médico disse que teria que ser cesárea e assim foi. Quando a segurei, tão pequenina, tão indefesa, eu tive vontade de coloca-la contra o meu peito e de protege-la de todos, até dos médicos.

— Pai, estou curioso, que vídeo é esse, afinal? – pergunta Rafael, sentando ao lado da Elena.

Gêmeos... Quando iríamos imaginar que teríamos gêmeos? Descobrimos que a Manu estava grávida quando estávamos na Capadócia, havíamos acabado de fazer um passeio de balão, eu sabia que fazer aquele passeio traria à tona muitas lembranças à Manu, mas, deixar de fazê-lo, seria injusto conosco. Não se pode deixar de viver, por ter medo do que já foi vivido. Logo que descemos do balão, Manu disse que estava enjoada e foi então que ela percebeu que a sua regra estava atrasada. Dois dias depois, estávamos discutindo quais seriam os nomes.

Rafael foi escolhido por ela. E eu tive que usar todo o meu charme para convencê-la a aceitar o nome que eu havia escolhido, Elena. É claro que foi fácil... Ela adorou o nome.

Elena é quase um minuto mais velha, mas na prática, parece que ela é na verdade anos mais velha do que o Rafael. Quando eram menores, vivam brigando e quase deixavam a Manu maluca, mas agora, que estão com quinze anos, finalmente podemos sentar em paz os quatro no sofá sem que um implique com o outro.

— Afinal, o que vamos assistir? – grita Manu, da cozinha, me fazendo desistir de esperar por ela e ir até lá para buscá-la.

Ela está de frente para o fogão, retirando os pinhões da panela e colocando-os em uma vasilha. Eu paro encostando no batente e a observo. Ela continua linda... Hoje estamos fazendo vinte anos de casados. Amanhã será a nossa festa. Vinte anos dos melhores momentos de toda a minha vida. Mesmo com todos os altos e baixos e todos os testes.

Porque sim, eles existiram.

Eu mesmo, fui testado já na lua de mel, quando estávamos em Porto. Havíamos feito amor por quase uma hora, eu estava exausto e logo adormeci com ela deitada sobre o meu corpo. Era madrugada quando eu ouvi a Manu se levantando da cama e indo para o banheiro com o seu tablet nas mãos. Eu

me sentei na cama com o intuito de espera-la e para quem sabe, fazer uma massagem nela, mas, minutos se passaram até quase completar uma volta inteira no relógio. Cansado de esperar, caminhei até o banheiro e percebi que a porta estava apenas encostada, vagarosamente eu a abri e vi a minha esposa sentada no chão frio do banheiro do hotel, abraçada ao aparelho, com os olhos vermelhos e já inchados de chorar.

Logo eu percebi o que havia acontecido.

Ela havia lido o tal e-mail.

Naquele momento, eu precisei fazer uma escolha, a minha esposa estava chorando porque havia lido o e-mail de um ex-namorado.

Que estava morto...

Eu tive que escolher entre ficar chateado por ela estar fazendo aquilo em nossa lua de mel ou, entender que nada mudaria o que houve entre ela e o Leonel. E o pior de tudo, eu sabia que aquele e-mail era uma espécie de dualidade para ela, onde ora ele a deixava triste por trazer lembranças de alguém que ela amou e perdeu e ora, dava forças para ela não desistir.

Manu levantou o seu olhar para mim e assustada, pediu desculpas pela a cena que eu estava vendo.

Aquele era o momento da minha escolha.

E eu escolhi ser o marido compreensível. Eu poderia ter dito muita coisa para ela naquele momento, afinal, era a nossa lua de mel, ela devia estar comigo na cama e não no banheiro, lembrando do seu ex-namorado, mas, sim, eu escolhi me agachar e colocar as minhas mãos sobre as mãos dela e mostrar para ela que eu estava falando sério quando prometi fazer de tudo para fazê-la feliz.

— Ei, vem para cama. — falei, com ela fitando-me de um jeito que me partiu o coração.

Ela então esticou o tablet para mim e perguntou se eu queria ler. Eu não poderia ler. Era algo dela e eu sei que correria o risco de sentir ciúmes de algo que pudesse ler. Eu rejeitei e ela então abaixou a cabeça, pedindo desculpas mais uma vez.

— Você não precisa se desculpar, Manuela. Vocês tiveram uma relação que talvez eu e ninguém, nunca vamos compreender de fato, mas eu respeito isso e mesmo que contrariado, eu entendo que tenho que me conformar que talvez o que você sentiu por ele, nunca conseguirá sentir por mim.

Manuela tirou as mãos que estavam embaixo das minhas e segurou firme em meu rosto e o que ela disse depois, me fez me sentir grato por ter escolhido conversar ao invés de brigar.

— Dan, você entendeu tudo errado... Eu não estou chorando pelo Leonel. Eu sei, eu estava lendo o e-mail dele, mas não pelo motivo que você pensa. Tem um trecho no e-mail onde ele diz para eu ser feliz e, amor, eu estou tão feliz, mas tão feliz que não me sinto capaz de expressar, mas, por outro lado, o medo que estou sentindo, é na mesma proporção.

— Medo? — perguntei, secando as lágrimas do seu rosto. — Medo de quê?

— De perder você... — ela diz, após um pesado suspiro. — Medo porque há dois dias, realizei um dos meus maiores sonhos e se agora Deus decidir que já está bom? Que já tive o que pedi e de repente, me deixar por conta própria? Isso já me aconteceu uma vez...

— Amor, não diga uma coisa dessas. O nosso Deus não nos tira nada, não sem um motivo.

— Mas não me importa os motivos, eu não suportaria se Ele resolvesse me tirar você.

— Mas Ele não vai me tirar de você, Manuela. A morte do Leonel não foi um castigo de Deus por você estar feliz por ele ter voltado e ter confessado os sentimentos dele por você, da mesma forma que não foi uma fatalidade, ele morreu porque tudo o que ele tinha que fazer aqui, ele fez e isso incluí conhecer e amar você.

Eu a tomei em meus braços e ficamos sentados por um longo tempo no chão frio.

— Eu te amo tanto. — ela disse, segurando a minha mão contra o seu rosto.

Enquanto a minha esposa termina de tirar o pinhão da panela, a lembrança daquele momento me faz pensar que naquele dia, tudo poderia ter sido diferente se eu tivesse agido por impulso... Por ciúmes...

Ao longo dos nossos vinte anos juntos, passamos por muita coisa, mas, aquele dia em nossa lua

de mel, nos preparou para todo o resto.

— Faz tempo que está aí, amor? – Manu pergunta, assim que se vira. Vinte anos se passaram e ela ainda me olha com o mesmo sorriso nos lábios e ainda me chama de amor.

— Uma eternidade. – respondo, sorrindo e esticando o braço para pegar a vasilha das mãos delas.

— Uma eternidade é muito tempo.

— Não para nós... – falo, abraçando-a pela cintura com a mão livre. – Vamos, as crianças já estão na sala.

— Estou curiosa para saber que filme é esse que vamos assistir. – ela diz, se sentando ao meu lado no sofá.

— Não é só você, mãe. – responde Elena, pegando a vasilha de pinhão para ela. – Papai tá fazendo um mistério danado.

Eu aperto o play e a música Budapest, de George Ezra começa a tocar. Manu aperta a minha mão sem desgrudar o olhar da imagem preta que aparece no vídeo. Essa foi uma das várias músicas que dançamos em nosso casamento e eu sei o quanto a Manu gosta de escutá-las novamente, porque eu sei que quando ela as ouve, de uma forma particular, ela revive cada momento.

Quando começa o refrão, a imagem da Manu no aeroporto em Paris surge na tela com a legenda em baixo: ***Ela parece encarar o infinito como se encarasse a própria vida.*** E dessa vez ela olha para mim.

— É o que estou pensando? Um vídeo nosso?

— É a nossa história contada através de fotos e vídeos, meu amor. São os nossos vinte melhores anos dos nossos vinte anos.

— Isso é perfeito! – Manu sussurra através do meu ombro.

A próxima foto é a capa do livro para qual eu fiz várias das fotos. 1000 Lugares Para Conhecer Antes de Morrer. Foi por causa desse livro que finalmente ela cedeu e resolveu conversar comigo na viagem de trem para Bergen. Alguns anos depois, ela me contou que havia comprado esse livro para o Leonel e que me ver segurando ele, foi para ela como uma espécie de sinal. E talvez tenha sido...

Quando ela vê a imagem de nós dois nos preparando para saltar, ela olha para mim, confusa.

— Como você conseguiu esse vídeo de nós dois? Eu nunca soube dele?

— Eu consegui com o Julian, já tem alguns anos, estava esperando por hoje para mostra— lo.

— Você não existe... – diz, encostando a cabeça em meu ombro.

Sem sabermos, Julian, o nosso guia, nos filmou voando de parapente e quando há anos o procurei para saber se ele tinha alguma foto nossa na sua página de turismo, ele respondeu o meu e-mail dizendo que tinha algo melhor e me enviou o vídeo. Eu editei algumas partes e no exato instante em que nossos pés saem do chão e começamos a sobrevoar os Fiordes, coloquei a legenda da nossa conversa logo após o voo:

— ***Está pronta?***

— ***Pronta para quê?***

— ***Para viver!***

— Eu me lembro desse momento. – Manuela diz, pressionando os lábios.

— Eu tinha certeza de que se lembraria...

— Que insano, vocês dois fizeram isso e nunca nos contaram! – nos interrompe Rafael, achando o máximo saber que seus pais voaram de parapente.

— Esse é só o começo, filho. – digo em resposta, piscando para ele.

A música acaba e logo que Destin, do Scorpion, começa a tocar, a minha bela Manuela vira o seu corpo de frente para mim e me pergunta porque escolhi essa música se nós não havíamos ouvido ela juntos. Eu respondo que a escolhi porque em nossa conversa à caminho de Bergen, eu disse que gostava deles e ela havia respondido que ela também gostava.

— Você lembra de cada detalhe.

— De cada momento... — Manu me dá um beijo rápido na boca e logo Rafael nos interrompe.

— Vocês dois querem parar e prestar atenção no vídeo! — ele diz, tirando sarro de nós dois.

Uma a uma, as fotos dos nossos momentos vão surgindo na tela, Manu sorri como se estivesse recordando o momento, quando vê a foto dela que tirei no avião a caminho de Tromsø, e quando começa a passar um trecho do nosso vídeo da Aurora Boreal, ouço Elena dizer “que maneiro”, o que me faz olhar para ela com espanto pela gíria utilizada por ela, normalmente, quem faz uso de gírias é Rafael...

A foto a seguir é a que tiramos com a Aurora ao fundo, eu olho para a Manu e vejo seus olhos marejados de lágrimas e tanto tempo depois, as suas lágrimas ainda possuem efeito sobre mim, me fazendo sentir vontade de abraça-la até que elas se sequem.

— Foi nesse dia que você me ensinou sobre as Quatro Leis Espirituais da Índia e sobre o momento certo. — Manu diz, olhando diretamente em meus olhos.

— Porque foi nesse dia que eu conheci a verdadeira Manu. — digo em resposta.

Love Someone, do Jason Mraz, começa a tocar e as crianças comentam sobre a foto do passeio de Jeep que eu e a Manu fizemos, perguntando quando vamos levá-los para fazer o mesmo passeio e eu me dou conta de que já viajamos muito com eles, mas, que nunca os levamos para os mesmos lugares que a Manu e eu visitamos e que talvez, esteja na hora de começarmos a fazer isso.

— Pai, isso foi lindo! — diz Elena, quando vê a sequência de fotos do pedido de casamento na livraria, desde o momento em que eu supostamente autografo o livro da Manu, até o momento em que nos beijamos, todas, tiradas pelo o meu pai.

A música acaba e a tela fica escura por alguns segundos e então, ao som de I'll Be Your Man, do James Blunt, começa a passar o vídeo do making off do nosso casamento, comigo me preparando no escritório da vinícola.

— Pai, você continua gato. — brinca Elena.

— Não como a sua mãe, que parece ter parado no tempo. — respondo, fazendo as duas rirem.

— Eu amo ver essa foto. Amo ver a sua fisionomia quando estou começando a caminhar em sua direção. — diz Manu, ao ver a foto em que estou esperando por ela, onde na legenda escrevi: ***A cada passo que você dá em minha direção, é um passo a menos que nos separa.*** Lembro-me que foi exatamente isso que pensei naquele momento.

— Pai, foi o voto de casamento mais lindo que já vi, não me canso de dizer isso. Diz Elena, assim que aparece a foto em que estou segurando o celular e fazendo o meu voto. Na legenda eu escrevi uma das últimas frases ditas por mim naquele momento: ***Porque de todas as minhas incertezas, eu tenho certeza somente de uma coisa: eu nasci para te amar e esse, meu amor, é o nosso momento certo.***

Olho para a foto em que a Manu está fazendo o voto dela e ao ler a legenda “***eu quero que você saiba que eu nunca mais vou desistir daquilo que me faz feliz***” me faz lembrar que em um dos nossos piores momentos, a Manuela cumpriu com a sua promessa, ela não desistiu de mim quando há dez anos, eu tive uma recaída e bebi até cair. Eu havia acabado de voltar do Líbano, fui para lá para fazer uma reportagem para a revista, havia ficado apenas quinze dias, mas, foi tempo suficiente para me fazer desejar nunca ter estado lá. Eu vi tanta desgraça, tanto sofrimento, tanta dor, que quando voltei para casa e vi a minha vida perfeita, com a esposa dos meus sonhos e filhos saudáveis, me questionei como eu poderia seguir feliz após ver tudo o que vi. Eu travei uma guerra dentro de mim e a Manu me encontrou às quatro da manhã, caído em meu escritório com uma garrafa de whisky barato na mão.

— Você provou isso, naquele dia após o meu retorno do Líbano. — digo para a Manu, antes de começar a próxima foto.

— Porque eu prometi com todo o meu coração, Dan. — ela responde, apertando o seu braço ao redor da minha cintura.

As fotos que aparecem após os trechos do vídeo do nosso casamento e de algumas fotos dele, são da nossa lua de mel, em Portugal. Começando por Porto, nosso primeiro destino. Foram quase trezentas

fotos nos três dias que ficamos por lá, visitamos quase todos os principais pontos turísticos e foi difícil escolher uma foto para colocar nesse vídeo, selecionei a de um dos lugares que a Manu mais gostou de conhecer, que foi a Estação de São Bento. Visitamos o lugar tanto de dia quanto à noite, em que ela fica toda iluminada e não é à toa que é uma das estações de trem mais lindas do mundo. Quando estava editando o vídeo, me lembrei de uma frase dita pela Manu naquele dia e a coloquei na legenda da foto: **“Se um dia eu me esquecer o que é felicidade, me mostre a foto desse lugar, por favor.”** Ela disse isso no dia em que fomos lá à noite, após pedirmos para um turista tirar uma foto de nós dois juntos, na frente da grande e iluminada estação.

No vídeo aparece também algumas fotos de Lisboa, Coimbra e Sintra, as outras três cidades por quais passamos. Foram no total, duas semanas viajando e não poderíamos ter tido uma viagem mais perfeita, especialmente porque preparei uma surpresa para a Manu em Lisboa e a levei para conhecer o restaurante do Gustavo, onde ele e a Nick nos esperavam. A minha bela Manuela ficou tão feliz que nas duas horas seguintes, ainda estava me agradecendo pela surpresa. Tivemos uma noite agradável, os quatro juntos, e tenho a certeza de que a Manu ficou tão feliz assim, porque viu o sorriso de alegria estampado no rosto da Nicole ao lado do meu irmão. Os dois estão hoje casados e felizes com uma filha de um ano mais velha que Elena e Rafael. A Clara é uma garota fantástica e está sempre aqui em casa conosco.

— Não acredito que você escolheu essa foto! – reclama Manu, em tom de brincadeira ao ver uma foto dela lavando louça em nosso apartamento.

— Faz parte dos nossos momentos. – digo, com cinismo, obrigando-a a sorrir.

— Daniel! – ela diz em tom ameaçador, quando aparece uma foto dela fugindo de um carneiro em um pasto na Escócia. Viajamos para lá a trabalho após três anos de casados. Fomos fazer uma matéria para a revista sobre o país e também sobre alguns lugares que inspiraram o livro Harry Potter, como o Expresso Horgwart, por exemplo, que foi inspirado no trem Jacobite. Essa foi a nossa primeira viagem juntos, com a Manu sendo a responsável pela produção artística da revista. Ela foi contratada por eles logo após ela terminar a sua Pós em Publicidade. E passamos a fazer vários trabalhos juntos.

— Nossa, olha a Bia que pirralha, vou tirar sarro dela quando ela chegar. – diz Rafael, ao ver uma foto da Manu junto com a Bia, que estava com doze anos, esquiando na neve em um parque de Gramado.

— E hoje ela está uma moça... – comenta Manu, olhando para mim. O relacionamento das duas não poderia ser melhor. Passamos dois anos viajando sempre que podíamos para Bento e nas férias, a Bia ficava conosco em São Paulo, a Letícia juntou com o pai do seu filho e nos esqueceu de vez, eu só não esperava que ela se esquecesse também da filha, isso mexeu muito com a Manu, que acabou assumindo a Bia como uma filha, tanto é que a Bia a chama de mãe.

— Nem acredito que daqui seis meses, ela vai se casar... – respondo. Matheus a pediu em casamento no aniversário de trinta anos dela, na vinícola, antes de fazer o pedido publicamente a surpreendê-la, ele veio falar comigo e eu soube naquele instante, que a minha filha iria se casar com um bom homem.

— Pai babão. – diz Manu, tirando sarro de mim.

A próxima foto foi tirada em Madri, na nossa comemoração de cinco anos de casados, a Manu já estava grávida e a sua barriguinha já está saliente. Naquele dia, o tempo estava chuvoso e como eu já via visto antecipadamente na previsão do tempo, propus a ela de ficarmos o dia no quarto descansando e então, pude seguir com o meu plano: mandei entregar no nosso quarto um buquê de flores diferentes a cada hora, desde as oito da manhã, até às oito da noite, quando saímos para jantar e depois a levei ao show do Enrique Iglesias. Em cada buquê entregue, enviei uma mensagem diferente e escolhi uma delas para colocar como legenda na foto para o vídeo: Um homem não conhece o verdadeiro significado da palavra “realização” até descobrir que foi abençoado ao ser escolhido, não só por uma, mas, por duas vidas, para ser seu pai.

— Se esse lance de “escolher os pais antes de nascermos” existir mesmo, eu tenho a certeza de que escolhi você, pai. – diz Elena, esticando a sua mão para tocar na minha. Ela tem o mesmo dom que

a mãe de me emocionar.

— Obrigada, filha. – digo, beijando o rosto da mão dela.

— Tu era feinha hein guria? – diz Rafael para Elena, assim que começa a mostrar na tela a foto do nascimento dos dois.

— E você, que parecia um ratinho? – retruca Elena.

— Parem vocês dois! – ordena Manu, ela sempre soube como apartar as brigas deles, ao contrário de mim, que sempre fui mais mole.

Eu percebo que a Manu se emociona quando aparece na tela uma foto nossa ao lado dos nossos amigos no casamento do Marcelo e da Miriam. Tanto nós quanto a Carol e o Renato, fomos os padrinhos. Naquele dia, conheci a mãe do Leonel e tia do Marcelo. Após a cerimônia, ela veio até nós e logo percebi que havia algo de estranho, pois, a Manu ficou tensa no mesmo instante em que a mãe dele a beijou no rosto. Logo eu entendi o porquê. A Manu nos apresentou e sem rodeios, disse que ela era a mãe do seu ex-namorado e a reação daquela senhora de cabelos curtos meio amarelados, me comoveu. Ela segurou nas nossas mãos, minhas e da Manu e com lágrimas nos olhos, disse que ela tinha certeza de que o filho dela estava feliz, porque a missão dele havia sido cumprida, ele havia conseguido mostrar à Manu que existe vários tipos de amor e que um, não precisa ser menos valioso do que o outro.

Nós dois entendemos o recado...

— Obrigado por me amar cada dia ao longo desses vinte anos. – digo baixinho para a Manuela, passando a mão em seu rosto.

— Obrigada por me ensinar a amar novamente, Daniel. – ela responde, colocando a sua mão sobre a minha.

Mais algumas fotos de viagens nossas a trabalho vão aparecendo na tela, em todas, a Manu está com o mesmo sorriso nos lábios, o mesmo olhar de quem acredita em algo maior, a mesma expressão de que encontrou o que procurava...

O vídeo termina com uma foto nossa tirada há duas semanas, em um Canyon na cidade de Cambará do Sul. A tiramos ao entardecer com a Elena e o Rafael ao nosso lado. Visitar o Canyon se tornou um hábito nosso desde de quando completamos dez anos de casados, quando a levei lá e a mais de mil metros de altitude, onde estávamos somente nós dois, eu refiz os meus votos para ela, e prometi fazer isso a cada década, enquanto os nossos corpos aguentarem a subida.

Com Photograph, do Ed Sheeran tocando ao fundo, sobre a nossa foto escrevi um trecho da música que diz muito sobre a nossa história: ***Amar pode curar. Amar pode remendar sua alma. E é a única coisa que eu sei. Eu juro que fica mais fácil. Se lembre disso em cada pedaço seu. E é a única coisa que levamos com a gente quando morremos.***

Manu me abraça forte e deita a sua cabeça em meu ombro e nesse momento me sinto inundado por um sentimento de gratidão pelas bênçãos que o Universo me deu, porque eu encontrei a minha pessoa certa, ela foi o meu efeito borboleta, responsável por mudar todo o percurso da minha vida, por alterar cada momento do meu futuro e transformá-lo em um passado que hoje, me alegro ao recordar. E ela ainda enche de cores o meu presente. Como pode isso? Isso só foi possível porque eu me rendi ao amor quando senti dentro de mim que aquela garota que encarava o infinito, tinha boas chances de transformar a minha vida. Porque ela, é a minha transformação.

— Acho que preciso lavar o rosto. – diz Manu, com os olhos marejados de lágrimas, se levantando para ir ao lavabo.

— Amor? – eu a chamo, fazendo-a parar próximo à mesa de jantar.

— Não demora, pois, ficarei com saudade.

— Não vou demorar... E você ainda terá muitos e muitos anos para matar essa saudade. – ela sai rindo, balançando o seu corpo perfeito que ainda me deixa maluco.

— Pai, posso fazer uma pergunta? – pergunta Elena, se sentando em meu colo como se ainda fosse uma garotinha, a minha garotinha.

Eu aceno com a cabeça e ela começa.

— Logo que o vídeo começou, você disse para a mamãe que ele era os vinte melhores anos dos vinte anos de vocês. Houve também vinte piores anos?

Eu toco o seu rosto e afasto uma mecha de seu cabelo, pensando em o quão sortudo sou pelos os filhos que tenho, enquanto as lembranças dos nossos piores momentos surgem em minha mente.

— Sim, Lena, nós tivemos... Passamos por um momento difícil quando fiquei quatro meses viajando por aldeias no oriente, onde a comunicação era precária e manter contato diário com a sua mãe era impossível, naquela época eu achei que ela não ia suportar e ia pedir a separação, foi difícil também quando ela recebeu uma proposta de trabalho para uma agência de publicidade americana. Ela me escondeu a proposta por uma semana e eu descobri pelo o tio Renato, que acabou contando sem querer. E antes que você indague sobre a sua mãe ter escondido isso de mim, eu te digo que só o fez porque ela já havia recusado. Ela fez isso porque sabia que se eu soubesse em tempo, a aconselharia a aceitar, mesmo que isso fosse doer em mim. A sua mãe me conhece muito bem...

Rafael se levanta logo em seguida e vem até mim emocionado.

— Eu admiro muito o amor de vocês, papai. Eu não sei se um amor assim, é possível para todos, mas se for, eu quero alguém como a mamãe e quero ser para esse alguém, o que você é para ela.

— Filho, esse amor é possível sim, desde que você não desista de encontrá-lo, desde que você não se contente com um relacionamento que deixe na zona de conforto e não te faça querer ir longe. Esse amor que você diz existir entre mim e sua mãe, só difere dos demais tipos de amor porque soubemos cultivá-lo, porque não deixamos o frio na barriga passar, porque valorizamos cada pequeno momento que passamos ao lado do outro. Esse é o nosso segredo da felicidade...

Valorizar os momentos no exato momento em que eles acontecem— repito para mim mentalmente enquanto observo a minha bela Manuela caminhar de volta em minha direção.

E não há em minhas memórias, desde que a conheci, um único momento em que desejei ter uma vida diferente dessa que eu tenho. Não. Não há.

Epílogo – Manuela



“É isso. As pessoas são lembradas pelos sentimentos que despertam em nós, e quanto maior o sentimento, maior se torna a lembrança.”

(Caio Fernando Abreu)

Bodas de esmeralda... Hoje completamos quarenta anos de casados, e foram os mais perfeitos quarenta anos de casados que um casal pôde desejar e viver.

Sentada em nossa cadeira de balanço, na varanda da nossa casa no alto de uma colina em Bento Gonçalves, eu olho para o meu marido que caminha em direção à nossa casa com uma cesta cheia de uvas que provavelmente ele colheu no vinhedo do nosso vizinho.

Seu rosto revela algumas marcas de expressões que indicam que o tempo parece estar começando a passar mais depressa para nós. Seus lindos olhos azuis, agora precisam da ajuda de uma lente de vidro para enxergarem com perfeição, assim como eu, que também aderi ao uso dos óculos há quase oito anos.

O tempo foi generoso conosco...

Daniel ainda tem as costas largas, o que com o passar dos anos, o deixou mais charmoso ainda. Sim, eu ainda sou completamente apaixonada por ele e ainda o vejo como o via há quarenta anos: como um dos homens mais lindos que já conheci. O tempo passou, mas soubemos não nos deixar sucumbir com ele, aprendemos a manter a chama acesa, elogiando sempre um ao outro, mantendo as carícias, as brincadeiras, as surpresas. Eu acredito que poucos casais são capazes de fazer isso, mas eu também seria muito hipócrita se dissesse que foi sempre assim, porque passamos por momentos difíceis como qualquer outro casal, principalmente alguns meses após completarmos os nossos vinte anos de casados.

Foi na noite da nossa festa que eu contei para o Daniel que estava grávida, eu havia ficado em choque quando descobri e estava receosa de contar para ele, os gêmeos já estavam com quinze anos, vivíamos a vida que desejamos e planejamos. Ainda tínhamos uma lista de lugares para conhecer sozinhos e outra com as crianças, ou seja, estava tudo perfeito, até o improvável acontecer e eu engravidar com mais de quarenta anos. Dan não entrou em choque porque íamos ter mais um filho, ele sempre adorou crianças e isso não seria um problema para ele, ele entrou em choque porque sabíamos, após o nascimento dos gêmeos, devido a uma complicação no parto, que outra gravidez seria arriscada tanto para mim quanto para a criança. Ele ficou desesperado. Vi o medo resplandecer em seus olhos e dizer o que ele não teve coragem de verbalizar: ele estava com medo de me perder.

Nos abraçamos e choramos quando eu disse a ele que iria adiante com a gravidez, eu tenho certeza de que pela primeira vez em todos os nossos anos juntos, o Daniel me odiou de verdade naquele momento e eu não pude culpa-lo por isso, eu também o odiaria se ele escolhesse se arriscar, se tal escolha o pudesse tirá-lo de mim para sempre. Mas eu sou mãe, e mãe tem uma visão diferente para esses tipos de escolhas, somos programadas, em nossos corações, para nos doarmos em nome de nossos filhos. Eu já havia feito a minha escolha.

Foram meses difíceis. Tanto o Dan quanto as crianças, durante o primeiro mês, me ignoraram completamente, em tentativa de protesto, eles queriam me convencer a mudar de ideia, os médicos já haviam nos dados as opções por se tratar de uma gravidez de alto risco, mas eu os ignorei. Gustavo e Nicole foram quem mais me ajudaram, Nick ia comigo às consultas enquanto Gustavo aconselhava o irmão.

No quinto mês, as coisas pareciam estar começando a voltar ao normal, mas só pareciam, porque no fundo, eu sei que eu e o Dan já estávamos nos despedindo. À noite, depois que deitávamos, eu ficava de lado por causa da barriga e ele deitava sobre o seu cotovelo e com a outra mão, alisava os meus cabelos até eu adormecer. Eu posso imaginar o inferno que ele passou com os seus próprios pensamentos e me dói saber que mesmo sem querer, sem poder evitar, eu causei dor no homem que amo.

Quando cheguei ao sétimo mês, já quase não podia mais sair da cama, eu senti uma dor forte, rápida e cortante. Eu soube naquele momento que algo de ruim havia acontecido. Dan correu comigo para o hospital, eu estava perdendo muito sangue e logo o que temíamos foi confirmado, eu perdi a nossa menina. Receber a notícia foi uma dor tão grande que por um momento, me permiti ser egoísta e desejei partir com ela, porque eu já a amava. Muito. O que aconteceu depois, foi um misto de barulhos, apitos e gritos do Daniel. O sangramento não parava e eu estava tendo uma forte hemorragia e meu coração estava descompensando.

Passei três dias na U.T.I, dizem que meu marido não saiu do meu lado em momento algum. E eu acredito que não mesmo.

Pela terceira vez na vida, eu experimentei a sensação de perder alguém, ela ainda não tinha vindo ao mundo, mas já era alguém que eu amava muito e quando acordei no terceiro dia, fiz algo que há muito tempo não fazia: questionei Deus sobre os planos Dele. Naquela mesma noite, ainda no quarto do hospital, com o Daniel dormindo no sofá ao lado da cama, eu sonhei com o Leonel. Fazia muitos anos que ele não aparecia em meus sonhos, eu sei que provavelmente ele apareceu porque em algum momento em que eu questionei Deus, ele deve ter vindo à minha mente, mas ainda assim, foi um sonho real. Léo como sempre, estava todo de branco, ele estava de braços abertos, no começo, achei que era para me receber, achei que eu estava partindo, uma luz branca iluminava o caminho e ele começou a percorrê-lo em minha direção. Eu estava certa de que eu havia piorado e estava morrendo. Ele chegou próximo a mim e com um olhar plácido, ele esticou os braços e pegou a minha menina do meu colo e a aconchegou em seus braços. Eu não chorei. Não tentei impedi-lo. Apenas o observei. Então, ele sussurrou em meu ouvido: — *Ainda não acabou.* E eu acordei.

— O Gustavo disse que ele é quem vai cozinhar. Ele ligou mais cedo para confirmar o horário. — Dan diz, colocando a cesta no chão e se sentando ao meu lado no balanço, me fazendo voltar ao presente.

— Me preocupa o seu irmão insistindo para cozinhar, amor, a Nick disse que ele não assume, mas ele tem sentido algumas dores além da tremedeira.

— Amor, cozinhar é o que ele mais gosta de fazer na vida, já deve ser difícil para ele ter que somente administrar o restaurante dele, não poder mais cozinhar como ele costumava fazer, além do mais, o médico disse que essa doença, tremor essencial, piora se ele se limitar e melhora se ele não deixar de se esforçar.

— Eu sei, a Nick também explicou isso, e também sei que se ele quer cozinhar, ele vai cozinhar, mas não me sinto assim à vontade, eu é quem deveria estar cozinhando, são as nossas bodas.

— Por isso mesmo, meu amor, em nossas bodas de esmeralda, eu quero você aproveitando o dia assim como aproveitamos o nosso casamento.

Eu seguro o seu rosto com as mãos e lhe dou um beijo casto e demorado. Depois, Dan repousa a sua mão sobre a minha e começa a movimentar o balanço enquanto olhamos para o sol que emite raios dourados a nossa frente.

— Lembra de quando o Rafael nos contou que o projeto dele foi aceito e que ele havia conseguido patrocínio para o seu blog e que iria passar nove meses viajando como um nômade digital? Você quase enfartou com a notícia...

— Lembro- me como se fosse hoje, ele estava radiante e eu com o coração apertado por saber que iria ficar nove meses sem vê-lo. Ele puxou você, adora viajar, ama o mundo, como você.

— Sim... O Rafa tem muito da minha personalidade... — Dan diz.

— E quando a Bia nos reuniu na sala de estar para contar que estava grávida? Naquele dia, foi

você que quase enfiou de alegria.

— Claro! Já foi duro para mim, levar a Bia até o altar.

— Metade do caminho. — o interrompo. — Porque a outra metade ela fez sozinha,

— É... você sabe que ela se inspirou em você, não sabe?

Nós dois rimos.

— Ela e o Matheus pareciam nós dois quando descobrimos a gravidez das crianças. Hoje, o Miguelzinho está com sete anos e é um garoto incrível.

— É verdade..., mas teve uma notícia que nos marcou mais do que a outras, não é mesmo?

— Sim, dois dias após a morte do meu pai, a Elena nos presenteou com a notícia de que iria ser mãe... De gêmeos...

— Estávamos tão devastados com a morte do seu pai, a sua mãe havia partido não fazia nem seis meses e por mais que achássemos que ele não aguentaria por muito tempo sem ela, não esperávamos que o perderíamos tão rápido e aí veio a Elena e nos presenteou com uma notícia tão feliz. E hoje, temos três netos lindos, que enchem de barulho a nossa casa e as nossas vidas.

— Eu sou louco por esses gêmeos. Assim como sou maluco pelo Miguel. — Dan diz, sorrindo como um avô bobo.

— Por falar em gêmeos, vou ver o que a Lorena e o Vicente estão fazendo, eles estão muito quietos. — digo, me levantando para procura-los dentro da casa.

— Manuela?

— Sim?

— Eu já disse que te amo, hoje?

— Hoje? Não, ainda não...

Ele se vira na cadeira e fica de frente para mim, suas mãos um pouco enrugadas, seguram suavemente nas minhas mãos e as levam até o seu rosto. Ele fecha os olhos e eu faço o mesmo, respirando profundamente enquanto toda a nossa história, todos os nossos momentos, me veem à mente em pequenos flashes.

— Eu amo você, minha bela e pequenina, Manuela. Eu a amo há mais de quarenta anos, com a mesma devoção, intensidade e admiração.

Eu abro os olhos e as lágrimas escorrem pelo o meu rosto que agora, já apresentas marcas do passar dos anos.

— Eu amo você, Daniel. — digo em resposta, beijando a palma da mão dele. — Eu volto logo, não sai daqui.

— E para onde eu iria se tudo o que preciso está aqui?

Viro-me para ele e encolho os ombros, mantendo o mesmo hábito de anos atrás, de alguém que foi vencida pela resposta dele e que ficou sem resposta.

Passo pela cozinha e não encontro os dois, ando pela sala de jantar e a sala de tv e tudo o que encontro são alguns brinquedos espalhados, subo as escadas e começo a procurar nos quartos, vou primeiro no quarto deles, Dan e eu fizemos questão de manter aqui em casa um quarto para cada neto e eles adoram isso. Após procura-los também no meu quarto, ouço barulho vindo do quarto de hóspedes, giro a maçaneta e quando abro a porta, meus olhos se assustam com o que veem.

Não sei de que forma, mas a Lorena e o Vicente conseguiram arrastar a cadeira de penteadeira até o armário, um deles subiu na cadeira e o que é mais incrível, conseguiu pegar a caixa em estilo baú, decorada com tema vintage de viagem, sem a derrubar. Estão os dois olhando algumas fotos que guardei na caixa há muitos anos.

— Quem é essa, vovó? — pergunta Elena, sem se preocupar em ter sido pega.

Eu pego a foto da sua mão e lhes conto que é a bisavô deles, mãe do vô Daniel e Vicente então pergunta.

— Igual a bisavô Júlia?

— Sim. Igual. — respondo.

— Eu adoro ir na casa da bisa, sempre tem chocolate lá para a gente. — diz Elena, com um

sorriso sapeca no rosto.

Convidei a minha mãe para vir para Bento Gonçalves quando eu e Dan já não estávamos mais indo com frequência para São Paulo, Cristhian já queria e não foi difícil ele convencê-la, eles moram em uma espaçosa casa no centro, vamos lá toda semana.

— Vovó, e isso, o que é? – pergunta Lorena, erguendo uma agenda de capa preta, envelhecida pelo tempo.

Nesse momento, meu coração dá uma falhada e eu sinto a necessidade de me sentar na cama de casal próxima a eles. Eu pego a agenda das mãos da Lorena e a seguro em meu colo. Eu nunca tive coragem de ler tudo o que o Leonel escreveu. Eu guardei jurando a mim mesma que um dia leria e talvez, hoje seja o dia.

— Crianças, acho melhor vocês irem juntar a bagunça de vocês e se arrumarem para o jantar, logo mais seus pais e os convidados para o jantar vão chegar.

Lorena e Vinicius se entreolham, compartilhando o mesmo descontentamento, eles me lembram tanto o Rafa e a Lena, mas, logo me obedecem, eles colocam as fotografias de volta na caixa e saem do quarto, deixando-me sozinha.

Antes de abrir a agenda, eu aliso a capa, pedindo para Deus que o que eu encontre dentro dela, não me cause dor, que me traga apenas alegria e nada mais e então, escolho uma página aleatória e começo a ler:

10 de Junho de 2013

Quase fiz merda! Eu quase contei a ela...

Acho que acabei aprimorando a técnica de deixar os outros verem em mim somente aquilo que eu quero que eles vejam. Não é o correto. Nem o sincero, mas é a forma que encontrei de lidar com a dor latejante causada após descobrir que já estou morrendo.

Eu volto o meu olhar para a data e sem esforço me lembro do que aconteceu nesse dia, era aniversário dele, eu o havia convidado para sair comigo e ele havia recusado, dizendo que preferia ficar em casa porque não seria uma boa companhia, e então, à noite, quando abro o meu Facebook, vejo uma mensagem dele, aquele cara que a escreveu com certeza era a versão do Leonel que poucos viam, era o Léo sem armaduras, enfraquecido e quase que gritando por socorro... Eu não soube interpretar os sinais...

Abro em outra página aleatória e vejo uma lista, a lista do Leonel. Meus dedos percorrem a página amarelada da agenda enquanto crio coragem para ler. Minha respiração se torna mais pesada e finalmente fixo o olhar na primeira linha:

29 de Setembro de 2009

(Atualizada em Novembro de 2013)

9. Experimentar uma comida nova. (OK)

13. Encontrar o amor. (Se chama Manuela)

Eu folheio mais algumas páginas e uma me chama a atenção, pela data, vejo que foi escrito logo após a sua viagem para o tratamento experimental e então, eu começo a ler o que possivelmente, seria uma das declarações de amor mais linda de todas:

Hoje faz uma semana que não temos contato. Eu pedi que ela não me escrevesse mais e sei que a machuquei o suficiente para fazê-la me obedecer. Eu queria muito que ela soubesse a verdade, mas a verdade agora já não é mais capaz de nos unir, então, não vou causar mais sofrimento na vida dela.

Não. Eu não posso fazer isso.

Dizem que a pior pergunta que alguém pode se fazer no fim da vida é o "e se?", enquanto olho algumas crianças brincarem na praça, pela janela do quarto do hospital em que estou fazendo o tratamento experimental, uma porção de "e se?" me vem à mente e é lógico que dentre eles, estão Manu e Leonel.

E se tivéssemos nos aberto um pouco mais? Se tivéssemos falado mais coisas em voz alta? Se tivéssemos feitos mais loucuras? Se tivéssemos feito os pedidos que queríamos? O pedido que eu queria...

Nós conseguimos, Leonel, nós nos abrimos um para o outro e matamos todos esses "e se's". – digo em voz alta, como se ele pudesse ouvir. Eu enxugo uma lágrima e volto a ler.

E se tivéssemos ido além? E se eu voltar curado? Será que vamos terminar com o "juntos para sempre"?

E se não existisse o tal do momento certo ou errado? E se? E se? E se o tal "grande amor" for realmente só uma vez na vida?

E se tivéssemos vivido o caos até ele virar ordem?

— Nós vivemos... E foi o caos mais lindo de todos. – eu limpo o meu rosto novamente quando noto que as minhas lágrimas estão borrando a página da agenda.

Não, não estou em uma crise existencial ou nada do tipo, eu estou em paz, ciente de que fiz o que fiz, de esconder a verdade dela porque eu não tinha garantias nenhuma para oferecer.

Eu só estou com saudades dela, lembrar e pensar em tudo isso me dá uma paz, uma alegria de ter vivido tudo isso, um sorriso de canto de boca enquanto revivo em pensamento os nossos momentos, revivo esse monte de sentimentos. Acho que podemos dizer que foi quase como um jogo do descobrir o que sentíamos e o que poderíamos deixar a outra pessoa descobrir do que sentíamos de verdade... Vivendo uma vida quase perfeita entre quatro paredes, um lugar onde nos abríamos e descobríamos que podíamos falar mais do que normalmente falávamos, eu podia derreter um pouco de gelo e ela podia ir um pouco mais longe e fazer coisas novas, juntos tínhamos alguns sonhos, mas o engraçado é que sonhávamos juntos, mas sem o plano de fazermos juntos... Compartilhávamos sonhos e acho que no fundo, no fundo queríamos o outro realizando o mesmo sonho...

Sim, apesar de tudo, hoje está sendo uma manhã gostosa, mesmo com essa agulha enfiada em meu braço e com a bolsa de soro pendurada ao meu lado, porque pensar na Manuela é pensar em o quanto eu fui feliz, é uma mistura de sentimentos gostosos, sorrisos leves, lembranças de gemidos fugidos, mãos entrelaçadas, alguns momentos de timidez, alguns outros de superação, longos papos sobre religião no lugar mais improvável do mundo, beijos e olho no olho que falavam bem mais que qualquer conversa longa, e várias conversas longas que na verdade deixam muito a ser dito...

Eu estou aqui para me curar. Para voltar para ela. Mas, se isso não estiver nos planos de Deus para mim, eu aceitarei, porque Ele já me deu o melhor presente que um Pai poderia dar a um filho: o amor de verdade.

As lágrimas escorrem pelo o meu rosto como se meus olhos fossem dois chafarizes, eu não estou triste. Pelo contrário, estou feliz por saber que fizemos tudo o que tínhamos que ter feito antes da partida dele e ler essa página, não me trouxe somente uma enxurrada de recordações, trouxe também à

tona uma crença que eu tinha desde pequena: Que para algumas pessoas, o amor não acontece somente uma vez na vida. Eu sou uma dessas sortudas, abençoada com a missão de amar e ser amada em dois momentos diferentes, onde ambos, foram o momento certo.

Eu abraço a agenda contra o meu peito e deixo que a lembranças do olhar caramelo do Leonel me invadam. Aliso a capa por alguns segundos e me levanto, colocando o objeto na caixa novamente.

A caixa as memórias não esquecidas.

Guardo a caixa, coloco a cadeira no lugar e apago a luz do quarto. Não me espanto ao ver o meu marido me esperando em nossa cadeira de balanço, como ele disse que faria. Eu me sento ao lado dele e ele passa o braço ao redor do meu ombro e me olha profundamente nos olhos.

— Você leu? – pergunta, me causando espanto.

— Algumas páginas... – digo em resposta, um pouco envergonhada e também confusa em como ele adivinhou.

— As crianças me disseram o que estavam fazendo quando você as encontrou e logo imaginei... Você está bem? – a sua voz demonstra a mesma preocupação de mais de quarenta anos atrás, em Tromso, quando ele me viu desmoronar pela morte do Léo.

— Estou sim.

— Ele merecia isso... – Dan diz, me fazendo erguer o rosto para esperar a sua conclusão – Ele merecia que você lesse, Manu, estou feliz que tenha feito, que tenha enfrentado os seus fantasmas ao fazer.

— Eu também, meu amor... Eu também...

&

Enquanto observo a minha família toda reunida ao redor da mesa, todos conversando e felizes, sou inundada por uma sensação de paz. Hoje é o primeiro dia do resto da minha vida e esse dia, assim como todos os que virão, merecem ser celebrados com gratidão pela vida maravilhosa que vivi e pela a que ainda vou viver.

Deus fez um plano para mim e em algum momento, circunstância, ou ocasião, eu entendi que esse plano começou a ser seguido a partir do momento em que nasci, mas, que as minhas escolhas, no fim das contas, foram responsáveis por eu estar onde hoje estou. Nos tais planos, havia um homem charmoso, enigmático, que vivia dentro de uma armadura e que precisava antes de mais nada, ser amado. Eu o amei. Com todo o meu coração. Amei por essa e pelas próximas vidas. Talvez, nas anteriores. E sei que também fui amada. E tinha também um homem lindo de olhos azuis, que, ao mesmo tempo que me salvava do precipício, salvava a si, e esse homem me ama. E eu o amo. Com todo o meu coração, com toda a minha entrega, admiração e respeito.

E de todos os meus medos, eu me orgulho em dizer que eu não tive medo de amar, porque sentir medo de sentir amor, é o pior medo que uma pessoa pode sentir.

E que o resto da minha vida seja assim, repleta de bons momentos, repleta de acontecimentos. No momento certo. Afinal, acreditar que algo acontece no momento errado, é apenas uma desculpa que damos para não tentarmos, para não insistirmos, para desistirmos... Se a gente quer de verdade, sempre é o momento certo. Sempre.

Fim

Sobre a autora



Giulliana ama Psicologia. Possui especialização em dependência química, mas trabalha com números.

Esposa apaixonada e mãe de uma princesa de 12 anos. Chocólatra assumida, ama chocolate com menta.

Nascida em 16 de julho de 1984, considera-se a própria manifestação da palavra romântica, deve ser porque ela nasceu justamente naquele mês em que segundo os astrólogos, nascem os mais românticos e sensíveis. Brinca, dizendo que vive em vários mundos, o da imaginação é um deles. Acredita nas “leis” da Causa e Efeito e Ação e Reação e defende a ideia de que isso é uma questão de lógica, pura física e não só esotérica, como muitos pensam.

Romântica ao extremo. Dramática por natureza e, também por opção.

Amante das palavras, com suas vírgulas, exclamações, interrogações, pontos finais e principalmente, as reticências.

Escreveu a sua primeira história com onze anos de idade, história essa que ainda a guarda, escrita com uma péssima caligrafia. Anos depois, veio a viver situação semelhante à descrita e mais alguns anos depois, escreveu e publicou o seu primeiro livro: Valeu a Pena – A Jornada de Uma Codependente. Um romance e autobiografia lançado pelo Clube de Autores, e que em breve estará na Amazon, onde ela conta a sua jornada na tentativa de ajudar o seu então namorado que entrou para o terrível mundo das drogas. Uma história de dor, lágrimas, superação, sorrisos e recomeços.

Momento Errado, seu primeiro romance, levou seis meses para ser escrito. Ela respirou e viveu essa história até acreditar que seria uma boa história, capaz de levar o leitor a refletir se existe realmente o momento certo para sermos felizes.

Redes Sociais

[Facebook](#) | [Fanpage](#) | [Instagram](#) | [Playlist do livro](#)

[Momento Errado na Amazon](#)

Table of Contents

[\(Sem título\)](#)

[Copyright](#)

[Dedicatória](#)

[Manuela](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)
[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)
[36](#)
[37](#)
[38](#)
[39](#)
[40](#)
[41](#)
[42](#)
[43](#)
[44](#)
[45](#)
[46](#)
[47](#)
[48](#)
[49](#)
[50](#)
[51](#)
[52](#)
[53](#)
[54](#)
[55](#)
[56](#)
[57](#)
[58](#)
[59](#)
[60](#)
[61](#)
[62](#)
[63](#)
[64](#)
[65](#)

[66](#)

[67](#)

[68](#)

[69](#)

[70](#)

[71](#)

[72](#)

[73](#)

[74](#)

[75](#)

[Epílogo – Daniel](#)

[Epílogo – Manuela](#)

[Sobre a autora](#)

Table of Contents

[\(Sem título\)](#)

[Copyright](#)

[Dedicatória](#)

[Manuela](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)
[36](#)
[37](#)
[38](#)
[39](#)
[40](#)
[41](#)
[42](#)
[43](#)
[44](#)
[45](#)
[46](#)
[47](#)
[48](#)
[49](#)
[50](#)
[51](#)
[52](#)
[53](#)
[54](#)
[55](#)
[56](#)
[57](#)
[58](#)
[59](#)
[60](#)
[61](#)
[62](#)
[63](#)
[64](#)
[65](#)
[66](#)

[67](#)

[68](#)

[69](#)

[70](#)

[71](#)

[72](#)

[73](#)

[74](#)

[75](#)

[Epílogo – Daniel](#)

[Epílogo – Manuela](#)

[Sobre a autora](#)